

Até que a culpa nos separe



Liane Moriarty

Autora de *Pequenas grandes mentiras*,
livro que deu origem à série **BIG LITTLE LIES**, da HBO



Liane Moriarty

Até que a culpa nos separe

TRADUÇÃO DE
Julia Sobral Campos



Copyright © 2016 by Liane Moriarty

TÍTULO ORIGINAL

Truly Madly Guilty

REVISÃO

Lais Curvã

Carolina Rodrigues

DESIGN DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

ILUSTRAÇÃO

Leandro Peres

REVISÃO DE E-BOOK

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0192-9

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo quatorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

[Capítulo vinte e nove](#)

[Capítulo trinta](#)

[Capítulo trinta e um](#)

[Capítulo trinta e dois](#)

[Capítulo trinta e três](#)

[Capítulo trinta e quatro](#)

[Capítulo trinta e cinco](#)

[Capítulo trinta e seis](#)

[Capítulo trinta e sete](#)

[Capítulo trinta e oito](#)

[Capítulo trinta e nove](#)

[Capítulo quarenta](#)

[Capítulo quarenta e um](#)

[Capítulo quarenta e dois](#)

[Capítulo quarenta e três](#)

[Capítulo quarenta e quatro](#)

[Capítulo quarenta e cinco](#)

[Capítulo quarenta e seis](#)

[Capítulo quarenta e sete](#)

[Capítulo quarenta e oito](#)

[Capítulo quarenta e nove](#)

[Capítulo cinquenta](#)

[Capítulo cinquenta e um](#)

[Capítulo cinquenta e dois](#)

[Capítulo cinquenta e três](#)

[Capítulo cinquenta e quatro](#)

[Capítulo cinquenta e cinco](#)

[Capítulo cinquenta e seis](#)

[Capítulo cinquenta e sete](#)
[Capítulo cinquenta e oito](#)
[Capítulo cinquenta e nove](#)
[Capítulo sessenta](#)
[Capítulo sessenta e um](#)
[Capítulo sessenta e dois](#)
[Capítulo sessenta e três](#)
[Capítulo sessenta e quatro](#)
[Capítulo sessenta e cinco](#)
[Capítulo sessenta e seis](#)
[Capítulo sessenta e sete](#)
[Capítulo sessenta e oito](#)
[Capítulo sessenta e nove](#)
[Capítulo setenta](#)
[Capítulo setenta e um](#)
[Capítulo setenta e dois](#)
[Capítulo setenta e três](#)
[Capítulo setenta e quatro](#)
[Capítulo setenta e cinco](#)
[Capítulo setenta e seis](#)
[Capítulo setenta e sete](#)
[Capítulo setenta e oito](#)
[Capítulo setenta e nove](#)
[Capítulo oitenta](#)
[Capítulo oitenta e um](#)
[Capítulo oitenta e dois](#)
[Capítulo oitenta e três](#)
[Capítulo oitenta e quatro](#)
[Capítulo oitenta e cinco](#)
[Capítulo oitenta e seis](#)
[Capítulo oitenta e sete](#)
[Capítulo oitenta e oito](#)

[Capítulo oitenta e nove](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça os outros títulos da autora](#)

[Leia também](#)

Para Jaci

A música é o silêncio entre as notas.

— CLAUDE DEBUSSY

CAPÍTULO UM

— A história começa com um churrasco — disse Clementine.

O microfone amplificava e suavizava sua voz, deixando-a mais autoritária, como se tivesse sido alterada no computador.

— Um churrasco comum em um jardim comum.

Bem, o jardim não era muito *comum*, pensou Erika. Ela cruzou as pernas na altura dos tornozelos e fungou. Ninguém consideraria o jardim de Vid “comum”.

Erika estava sentada no meio da última fileira da plateia, na sala de eventos anexa à biblioteca local que fora reformada com elegância, em um subúrbio que ficava a *quarenta e cinco* minutos do centro da cidade, “não trinta, está bem?”, como lhe avisaram na cooperativa de táxi, que supostamente deveria ter algum conhecimento sobre o assunto.

Havia cerca de vinte pessoas na plateia, embora o número de cadeiras dobráveis disponíveis fosse duas vezes esse. A maior parte do público era formada por idosos com expressões alegres e cheias de expectativa. Eram cidadãos seniores inteligentes e cultos que haviam ido até lá naquela manhã chuvosa (mas por acaso essa chuva iria parar algum dia?) para obter novas e fascinantes informações na “Reunião de Assuntos da Comunidade”. “Vi uma mulher interessantíssima discursando hoje”, eles gostariam de dizer a seus filhos e netos.

Antes de ir até lá, Erika dera uma olhada no site da biblioteca para descobrir como descreviam o discurso de Clementine. A sinopse era curta e pouco informativa: *Ouçá Clementine Hart, mãe e famosa violoncelista de Sydney, contar a história “Um Dia Comum”*.

Será que Clementine era mesmo uma violoncelista “famosa”? Parecia exagero.

Os cinco dólares cobrados na entrada do evento incluíam dois oradores convidados, um delicioso chá matinal caseiro e a chance de ganhar um prêmio no sorteio. O convidado que se apresentaria depois de Clementine falaria sobre o polêmico projeto do conselho que pretendia construir uma piscina. Erika ouvia o distante e delicado tilintar de xícaras e pires sendo arrumados para o chá matinal. Ela segurava cuidadosamente o delicado bilhete do sorteio no colo. Não queria se dar o trabalho de colocá-lo na bolsa para ter que procurá-lo quando comesse o sorteio. Azul, E 24. Não parecia um bilhete premiado.

A mulher sentada bem diante de Erika inclinava a cabeça com cabelo cacheado e

grisalho para o lado, em uma postura compreensiva e interessada, como se estivesse pronta para concordar com tudo o que Clementine dissesse. A etiqueta da sua blusa estava para fora. Tamanho quarenta. Target. Erika estendeu o braço e a colocou para dentro.

A mulher virou a cabeça.

— Etiqueta — sussurrou Erika.

Ela sorriu em agradecimento e Erika percebeu que sua nuca ficou cor-de-rosa. O homem mais novo sentado ao seu lado, seu filho, talvez, que parecia ter uns quarenta anos, havia tatuado um código de barras na nuca, como se fosse um produto de supermercado. Será que era para ser engraçado? Irônico? Simbólico? Erika queria lhe dizer que, na verdade, era estúpido.

— Era apenas uma tarde comum de domingo — continuou Clementine.

A evidente repetição da palavra “comum”. Clementine devia ter decidido que era importante parecer “reconhecível” para aquelas pessoas comuns no subúrbio comum. Erika imaginou Clementine sentada à sua pequena mesa de jantar, ou talvez à escrivaninha antiga de Sam, que não fora restaurada, ou em uma varanda de arenito *vintage* com “vista para a água”, escrevendo o breve discurso que faria para a comunidade enquanto mordiscava a ponta da caneta e jogava todo o cabelo escuro e volumoso por sobre um dos ombros, acariciando-o do seu jeito sensual e ligeiramente vaidoso, como se fosse Rapunzel, e pensando: comum.

É verdade, Clementine, como você vai fazer as pessoas comuns entenderem?

— O inverno estava começando. Era um dia frio e sombrio — continuou ela.

Como assim...? Erika se remexeu na cadeira. Fora um dia lindo. Um dia *magnífico*. Essa fora a palavra que Vid usara.

Ou talvez “glorioso”. Enfim, uma palavra desse tipo.

— Estava muito frio — disse Clementine.

Ela chegou a estremecer de forma teatral e, com certeza, desnecessária, afinal a sala estava aquecida a ponto de parecer que um homem sentado algumas fileiras à frente de Erika estava cochilando. Suas pernas estavam esticadas à frente e as mãos, cruzadas confortavelmente sobre a barriga, a cabeça inclinada para trás como se a apoiasse em um travesseiro invisível. Talvez tivesse morrido.

Era possível que o churrasco houvesse ocorrido em um dia ameno, mas certamente não *sombrio*. Erika sabia que os relatos de testemunhas oculares tinham fama de serem duvidosos, porque as pessoas acham que basta apertar “rebobinar” no pequeno gravador instalado em suas cabeças, mas na verdade elas constroem as próprias memórias. Elas “desenvolvem as próprias narrativas”. Portanto, quando Clementine pensava no churrasco, ela se lembrava de um dia frio e sombrio. Mas estava enganada. Erika relembrava (*relembrava*, afinal não estava construindo uma memória) que, na manhã do churrasco, Vid

se inclinara para se aproximar da janela do seu carro.

“Que dia magnífico!”, dissera ele.

Erika tinha certeza absoluta de que fora isso que ele dissera.

Ou então “glorioso”.

Mas usara uma palavra com conotação positiva. Ela não tinha dúvida quanto a isso.

(Se ao menos Erika tivesse dito “Sim, Vid, o dia está mesmo magnífico/glorioso” e colocado de volta o pé no acelerador...)

— Eu me lembro de ter agasalhado bastante minhas filhas — disse Clementine.

Provavelmente fora Sam quem arrumara as garotas, pensou Erika.

Clementine pigarreou e segurou as laterais do púlpito com as mãos. O microfone estava alto demais, por isso passava a impressão de que ela precisava ficar na ponta dos pés para conseguir aproximar a boca. O pescoço alongado acentuava a magreza recente do seu rosto.

Erika cogitou a possibilidade de passar discretamente pela lateral da sala e se aproximar para ajustar o microfone. Levaria só um segundo. Imaginou Clementine sorrindo em agradecimento. “Ainda bem que fez aquilo”, diria ela mais tarde enquanto tomavam café. “Você salvou o dia.”

Mas, na verdade, Clementine não queria que Erika estivesse ali. Ela notara a expressão de horror de Clementine quando insinuara que gostaria de ouvir seu discurso, por mais que tivesse se recuperado rapidamente e dito que não havia problema, ótimo, maravilha, inclusive as duas poderiam tomar café na praça de alimentação depois.

— Fomos convidados de última hora — disse Clementine. — Para o churrasco. Não conhecíamos muito bem os anfitriões. Eram, hum, amigos de amigos.

Ela olhou para o púlpito como se tivesse perdido a linha de raciocínio. Levara uma pilha de fichinhas escritas à mão. Havia algo devastador sobre aquelas fichas, como se Clementine tivesse se lembrado de uma dica das aulas de oratória que tivera na escola. Provavelmente havia cortado as fichas com tesoura. Mas não com a de cabo de madrepérula da avó. Essa havia sumido.

Era estranho ver Clementine “no palco”, por assim dizer, sem o violoncelo. Tinha uma aparência tão convencional, de calça jeans azul e blusa floral “careta”. Roupas de mãe de subúrbio. As pernas de Clementine eram curtas demais para a calça jeans e pareciam ainda mais curtas com sapatilhas como as que estava usando. Bem, essa era a verdade. Ao se aproximar do púlpito, sua aparência era quase — por mais desleal que fosse dizer isso sobre Clementine — *desleixada*. Sempre que se apresentava, ela prendia o cabelo, usava salto alto e se vestia de preto: saias longas de tecido leve, largas o bastante para que ela pudesse encaixar o violoncelo entre os joelhos. Ver Clementine sentada, com a cabeça inclinada de forma carinhosa e apaixonada em direção ao violoncelo, como se estivesse

abraçando o instrumento, com uma mecha comprida de cabelo quase encostando nas cordas, o braço dobrado em um ângulo estranho era sempre tão sensual, tão exótico, tão *diferente* para Erika. Toda vez que via Clementine se apresentar, mesmo depois de todos aqueles anos, Erika inevitavelmente tinha uma sensação de perda, como se desejasse algo inalcançável. Contudo, ela sempre acreditara que esse sentimento representava algo mais complexo e interessante do que inveja, porque não tinha vontade alguma de tocar um instrumento musical, mas talvez esse não fosse o caso. Talvez tudo não passasse de inveja.

Ver Clementine fazendo um breve discurso hesitante e certamente despropositado naquela salinha com vista para o estacionamento movimentado do shopping, em vez dos silenciosos salões de concerto de pé-direito alto onde ela costumava se apresentar, causava a mesma satisfação vergonhosa em Erika de ver a foto de uma estrela de cinema sem maquiagem em uma revista fútil: no fim das contas, a pessoa não é tão especial assim.

— Havia seis adultos lá naquele dia — disse Clementine.

Ela pigarreou, apoiou-se nos calcanhares para inclinar o corpo para trás, depois se equilibrou de novo.

— Seis adultos e três crianças.

E um cachorro que não parava de latir, pensou Erika. *Au, au, au.*

— Como eu disse, não conhecíamos muito bem os anfitriões, mas todos estávamos nos divertindo.

Você estava se divertindo, pensou Erika. *Você* estava.

Ela se lembrou de como a risada límpida de Clementine, parecida com um sino, aumentava e diminuía de volume junto da gargalhada grave de Vid. Viu o rosto das pessoas entrando e saindo das sombras turvas, seus olhos feito piscinas pretas, vislumbres repentinos de dentes.

Haviam esperado tempo demais naquela tarde para acender as luzes externas daquele jardim ridículo.

— Eu lembro que, em determinado momento, estávamos ouvindo música — disse Clementine.

Ela observou o púlpito à sua frente, depois voltou a erguer o olhar, como se tivesse visto algo ao longe, no horizonte. Seus olhos estavam inexpressivos. Não parecia mais mãe de subúrbio.

— “Depois de um Sonho”, do compositor francês Gabriel Fauré.

Claro que ela pronunciou o nome com o sotaque francês correto.

— É uma música linda. Tem um requintado caráter fúnebre.

Ela parou de falar. Será que tinha notado a movimentação discreta das pessoas nos bancos, o desconforto da plateia? “Requintado caráter fúnebre” não era a expressão certa para aquele público: exagerado e pretensioso demais. Clementine, meu amor, somos

muito *comuns* para suas referências eruditas a compositores franceses. De qualquer forma, naquela noite também havia tocado “November Rain”, do Guns N’ Roses. Não tão pretensioso assim.

Será que o fato de ter tocado “November Rain” tivera alguma coisa a ver com a revelação de Tiffany? Ou isso acontecera antes? Em que momento Tiffany revelara seu segredo? Fora nesse instante em que a tarde se tornara líquida e começara a escorrer para longe?

— Tínhamos bebido — afirmou Clementine. — Mas ninguém estava bêbado. Talvez um pouco alegres.

Seu olhar encontrou o de Erika, como se desde o início soubesse exatamente onde ela estava sentada e tivesse apenas evitado olhar naquela direção, até que tomou a decisão deliberada de encará-la. Erika retribuiu o olhar e tentou sorrir, como uma amiga, a amiga mais próxima de Clementine, a madrinha de suas filhas, mas seu rosto parecia paralisado, como se estivesse sob o efeito de um derrame.

— De qualquer jeito, era fim de tarde e estávamos prestes a comer a sobremesa, todo mundo rindo... — disse Clementine.

Ela desviou o olhar de Erika e se concentrou em outra pessoa na primeira fileira da plateia, o que pareceu um descaso, algo até mesmo cruel.

— ...de alguma coisa. Não lembro o quê.

Erika se sentiu zonzinha, claustrofóbica. A sala ficara insuportavelmente abafada.

A necessidade de sair dali de repente se tornou incontável. Lá vamos nós, pensou ela. Lá vamos nós de novo. Mecanismo de luta ou fuga. Ativação do sistema nervoso simpático. Uma mudança nas substâncias químicas do cérebro. Era isso que estava acontecendo. Perfeitamente natural. Um trauma de infância. Ela já havia lido tudo sobre aquilo. Sabia exatamente o que estava acontecendo, mas seu conhecimento não fazia a menor diferença. Seu corpo seguiu em frente e a traiu. Seu coração acelerou. Suas mãos tremiam. Estava sentindo o *cheiro* da sua infância, muito forte e real: umidade, mofo e vergonha.

“Não lute contra o pânico. Encare-o. Navegue por ele”, dissera sua psicóloga.

Sua psicóloga era excepcional, valia cada centavo, mas, pelo amor de Deus, como era possível navegar quando não havia espaço em lugar algum, nem em cima, nem embaixo, quando ela não podia dar um passo sem ter a sensação de que havia *coisas* apodrecendo sob seus pés?

Ela se levantou e puxou a saia que grudara na parte de trás das pernas. O sujeito com código de barras a observou por cima do ombro. A preocupação solidária em seus olhos a deixou um pouco chocada. Era como ver os olhos desconcertantemente inteligentes de um macaco.

— Desculpe — sussurrou Erika. — Tenho que...

Ela apontou para o relógio de pulso e passou pelo homem, tentando não encostar o casaco em sua nuca.

Quando Erika chegou ao fundo da sala, Clementine disse:

— Lembro que houve um momento em que minha amiga gritou meu nome. Muito alto. Nunca vou me esquecer daquele som.

Erika parou com a mão na porta, de costas para a sala. Clementine devia ter se aproximado do microfone, porque de repente sua voz tomou toda a sala:

— Ela gritou: *Clementine!*

Sempre fora ótima em imitação. Por ser instrumentista, tinha um ouvido excelente para as entonações específicas das vozes das pessoas. Erika notou um terror bruto e uma urgência aguda naquela única palavra: Clementine!

Sabia que ela era a amiga que gritara o nome de Clementine naquela noite, mas não tinha qualquer recordação disso. Não havia nada além de um branco onde deveria estar aquela memória, e se *ela* não conseguia se lembrar de um momento como aquele, bem, isso significava que havia um problema, uma anomalia, uma discrepância; uma discrepância extremamente significativa e preocupante. O pânico atingiu o ápice e quase a derrubou. Ela empurrou a barra da porta e saiu cambaleando sob uma chuva implacável.

CAPÍTULO DOIS

— A senhora acabou de sair de uma reunião? — perguntou o motorista do táxi que levava Erika de volta ao centro da cidade.

Ele deu um sorriso paternal para ela pelo retrovisor, como se fosse muito fofo que as mulheres trabalhassem hoje em dia, usando terninhos, quase como executivas de verdade.

— Sim — respondeu Erika.

Ela sacudiu vigorosamente o guarda-chuva no chão do carro.

— Preste atenção na estrada.

— Sim, senhora!

O motorista levou dois dedos à testa, simulando um cumprimento.

— A chuva — disse Erika na defensiva. Ela apontou para as gotas que caíam furiosamente no para-brisa. — As pistas estão escorregadias.

— Acabei de levar um palhaço para o aeroporto — contou o motorista.

Ele parou de falar enquanto trocava de faixa, com uma das mãos carnudas no volante e o outro braço casualmente apoiado no encosto do assento. Erika ficou imaginando um palhaço de verdade sentado no banco de trás do táxi.

— Ele acredita que essa chuva toda tem a ver com a mudança climática. Eu disse: camarada, meu camarada. Depois falei: não tem nada a ver com a mudança climática. É La Niña! Conhece La Niña? El Niño e La Niña? Fenômenos naturais! Acontecem há milhares de anos.

— Ahã — disse Erika.

Ela gostaria que Oliver estivesse ali. Ele participaria da conversa no lugar dela. Por que os motoristas de táxi insistiam tanto em instruir os passageiros?

— É. La Niña — disse o taxista com uma entonação mexicana.

Era evidente que ele gostava de dizer La Niña.

— Então batemos o recorde, hein? Maior número consecutivo de dias chuvosos em Sydney desde 1932. Parabéns para nós!

— É — disse Erika. — Parabéns para nós.

O ano certo era 1931, ela nunca esquecia um número, mas não havia necessidade de corrigi-lo.

— Acho que na verdade foi 1931 — retrucou ela.

Não conseguiu se conter. Era um defeito seu. Ela sabia.

— É, isso, 1931 — falou o taxista como se tivesse dito aquilo desde o início. — Antes disso foram vinte e quatro dias em 1893. Vinte e quatro dias seguidos de chuva! Espero que a gente não bata esse recorde também, não é? Acha que conseguimos?

— Vamos torcer para que não — disse Erika.

Ela passou um dedo na testa. Era suor ou chuva?

Havia se acalmado um pouco enquanto esperava o táxi debaixo da chuva em frente à biblioteca. Sua respiração voltara ao normal, mas seu estômago ainda se revirava e se contorcia, e ela se sentia exausta, exaurida, como se tivesse corrido uma maratona.

Então pegou o celular e mandou uma mensagem para Clementine: *Desculpe, tive que sair correndo, problema no trabalho, você foi fantástica, nos falamos depois. Bj*

Depois trocou “fantástica” por “ótima”. Fantástica era exagero, além de não ser verdade. Apertou “enviar”.

Tinha sido um erro gastar um tempo precioso do seu dia de trabalho ouvindo o discurso de Clementine. Ela fora só para dar apoio e porque queria organizar corretamente os próprios sentimentos em relação ao que acontecera. Era como se sua lembrança daquela tarde fosse uma tira de filme antigo e alguém tivesse cortado alguns quadros com uma tesoura. Não sobrou nenhum quadro inteiro. Só lascas. Lascas finas de tempo. Ela só queria preencher aquelas lacunas, sem ter que admitir a ninguém que não se lembrava bem de tudo.

Uma imagem sua lhe veio à mente: seu rosto refletido no espelho do banheiro, as mãos tremendo violentamente enquanto ela usava a unha do polegar numa tentativa de quebrar ao meio um pequeno comprimido amarelo. Ela suspeitava que os buracos em sua memória tivessem alguma relação com o comprimido que tomara naquela tarde. Mas era um remédio com *receita*. Não era como se ela tivesse tomado ecstasy antes de ir ao churrasco.

Lembrava-se de ter se sentido esquisita, um pouco distante, antes de ir para o churrasco na casa vizinha, mas isso ainda não explicava a falta de memória. Será que bebera demais? Sim. Bebera demais. Aceite os fatos, Erika. Você estava alterada por causa do álcool. Estava bêbada. Não conseguia acreditar que essa palavra se aplicava a ela, mas parecia ser o caso. Ficara inequivocamente bêbada pela primeira vez. Então talvez os buracos fossem “apagões” alcoólicos. Como a mãe e o pai de Oliver. “Eles esqueceram décadas inteiras da vida”, dissera Oliver certa vez na frente dos pais, e os dois haviam rido alegremente e erguido as taças, por mais que Oliver não estivesse sorrindo.

— Então, o que você faz da vida, se não se incomoda que eu pergunte? — indagou o taxista.

— Sou contadora — respondeu Erika.

— É *mesmo*? — retrucou o taxista com um interesse exagerado. — Que coincidência,

porque eu estava pensando agora mesmo que...

O celular de Erika tocou, assustando-a, como sempre acontecia. (“É um telefone, Erika”, dizia Oliver toda vez. “É para isso que serve.”) Ela viu que era uma ligação da mãe, a última pessoa com quem queria falar naquele momento, mas o motorista do táxi se remexia no banco, com os olhos fixos nela, e não na rua, praticamente lambendo os lábios de ansiedade para ouvir todos os conselhos gratuitos sobre impostos que estava prestes a receber. Motoristas de táxi sabiam um pouco sobre todos os assuntos. Ele iria querer contar a ela sobre o fantástico esquema que ouvira de um dos seus clientes fiéis. Erika não era esse tipo de contadora. Inclusive, não gostava da palavra “esquema”. Talvez sua mãe fosse o menor dos males.

— Oi, mãe.

— Ah, *olá!* Achei que você não fosse atender!

A mãe parecia nervosa e provocadora ao mesmo tempo, o que não era um bom sinal.

— Eu já estava preparada para deixar um recado na caixa postal! — disse Sylvia em tom de acusação.

— Desculpe por ter atendido — falou Erika.

Ela *realmente* estava arrependida.

— Claro que não precisa pedir desculpa, eu só tenho que me recalibrar. Vamos fazer o seguinte: por que você não fica escutando enquanto eu finjo que estou deixando o recado que tinha preparado?

— Vá em frente — respondeu Erika.

Ela observou a rua chuvosa lá fora, onde uma mulher brigava com um guarda-chuva que queria virar do avesso. Erika ainda estava olhando quando, de repente, a mulher perdeu a paciência e enfiou o objeto no lixo sem diminuir o passo e continuou andando sob a chuva. Arrasou, pensou Erika, animada com aquela cena. Jogue fora mesmo. Jogue essa porcaria *fora*.

A voz de sua mãe ficou mais alta, como se ela tivesse reposicionado o telefone na orelha.

— Eu ia começar assim: Erika, querida, eu ia dizer, Erika, querida, sei que você não pode falar agora porque está no trabalho, o que é uma pena, ficar presa no escritório em um dia tão lindo, não que o dia *esteja* lindo, tenho que admitir, na verdade está horrível, um dia pavoroso, mas *normalmente* nessa época do ano temos dias maravilhosos, e toda vez que acordo e dou uma olhada no céu azul, penso: ah, minha *nossa*, ah, que *pena*, coitadinha da Erika, presa no escritório em um dia tão lindo! É isso que eu penso, mas esse é o preço que se paga pelo sucesso empresarial! Se ao menos você tivesse se tornado guarda florestal ou trabalhasse ao ar livre... Na realidade, eu não ia dizer essa parte de guarda florestal, pensei nisso agora; mentira, eu sei o motivo, foi porque o filho de Sally acabou de

terminar a escola e vai ser guarda florestal, e, enquanto ela me contava, eu só consegui pensar, sabe, que trabalho maravilhoso, que ideia inteligente, em vez de ficar preso em um cubículo que nem você.

— Eu não fico presa em um cubículo — retrucou Erika, suspirando.

Sua sala tinha vista para o porto, e toda segunda-feira de manhã sua secretária trazia flores de verdade. Ela adorava o escritório. Adorava seu trabalho.

— Foi ideia de Sally, sabia? Que o filho virasse guarda florestal. Tão esperto da parte dela. Sally não é uma pessoa convencional, ela tem ideias muito originais.

— Sally?

— Sally! Minha nova cabeleireira! — exclamou a mãe com impaciência, como se Sally fizesse parte da sua vida havia anos, e não dois meses.

Como se Sally fosse se tornar uma amiga para a vida inteira. Rá-rá-rá. Sally teria o mesmo destino que todos os outros desconhecidos maravilhosos que surgiram na vida de sua mãe.

— E o que mais você ia dizer na mensagem? — perguntou Erika.

— Deixe-me ver... Eu ia dizer, bem casualmente, como se tivesse acabado de ter a ideia: Ah, escute, querida, *aliás*!

Erika riu. Sua mãe sempre conseguia encantá-la, mesmo nos piores momentos. Logo que Erika achava que basta, já chega, não aguentava mais, sua mãe a encantava a ponto de voltar a amá-la.

A mãe também riu, mas sua risada soou frenética e aguda.

— Eu ia dizer: Escute, querida, eu queria saber se você e Oliver estão a fim de almoçar aqui em casa no domingo.

— Não — disse Erika. — Não.

Ela inspirou como se respirasse por meio de um canudo. Seus lábios pareciam frouxos.

— Não, obrigada. Vamos na sua casa no dia quinze. É nesse dia que vamos, mãe, nenhum outro. Esse é o combinado.

— Mas, querida, acho que você ficaria muito orgulhosa de mim porque...

— Não — retrucou Erika. — Posso encontrar você em qualquer outro lugar. Podemos almoçar fora no domingo. Em um restaurante legal. Ou você pode vir a nossa casa. Oliver e eu não temos nada marcado. Podemos ir a qualquer lugar, mas não vamos para sua casa.

Ela fez uma pausa e repetiu a frase, dessa vez mais alto e com mais clareza, como se estivesse falando com alguém que não entende bem o idioma:

— Não vamos para sua casa.

Houve um silêncio.

— Até o dia quinze — corrigiu Erika. — Está marcado. Está nas nossas agendas. E não

esqueça que temos um jantar com os pais de Clementine na quinta à noite! Então também temos isso pela frente.

Sim, seria mesmo divertidíssimo.

— Eu queria testar uma receita nova. Já contei que comprei um livro de receitas sem glúten?

Foi o tom descontraído. A alegria calculada e cruel, como se achasse que havia alguma chance de Erika se juntar a ela no jogo que haviam praticado durante todos aqueles anos, em que fingiam ser mãe e filha comuns tendo uma conversa comum, ainda que ela *soubesse* que Erika não jogava mais, que haviam concordado que a brincadeira terminara, que a mãe tinha chorado, pedido desculpas e feito promessas que as duas sabiam que ela nunca iria cumprir, mas agora queria fingir que nunca fizera aquelas promessas.

— Mãe. Pelo amor de Deus.

— O quê?

Falsa inocência. Aquela voz infantil enlouquecedora.

— Você *jurou* pela vovó que não ia comprar outro livro de receitas! Você não cozinha! Não tem alergia a glúten!

Por que sua voz tremia de raiva se nunca achara que aquelas promessas melodramáticas seriam cumpridas?

— Eu não prometi nada disso! — exclamou sua mãe, deixando de lado o tom infantil e tendo a audácia de reagir à ira de Erika com a voz normal. — Inclusive, ando me sentindo muito inchada. Tenho intolerância a glúten, sim, senhora. Desculpe por me preocupar com minha saúde.

Não dê trela. Saia do campo minado emocional. Era por isso que estava investindo milhares de dólares em terapia, exatamente para aquela situação.

— Está bem, então, mãe, foi bom falar com você — disse Erika rapidamente, sem dar chance para sua mãe responder, como se fosse uma operadora de telemarketing —, mas estou no trabalho, então tenho que desligar. Falo com você mais tarde.

E desligou antes que a mãe conseguisse falar mais alguma coisa. Depois largou o celular no colo.

Os ombros do motorista, encostados no apoio de continhas do assento, estavam imóveis, e só suas mãos se mexiam na base do volante enquanto ele fingia que não havia prestado atenção na conversa. Que tipo de filha se recusa a visitar a mãe? Que tipo de filha fala com a mãe com tanta ferocidade por ela ter comprado um livro de receitas?

Erika piscou com força.

O celular tocou novamente, e ela se sobressaltou de forma tão abrupta que o aparelho quase escorregou do seu colo. Devia ser sua mãe outra vez, ligando para reclamar dos maus-tratos.

Mas não era sua mãe. Era Oliver.

— Oi — disse, quase chorando de alívio ao ouvir a voz dele. — Acabei de ter uma conversa divertidíssima no telefone com minha mãe. Ela queria que a gente fosse almoçar na casa dela no domingo.

— Mas só marcamos de ir lá mês que vem, não foi? — perguntou Oliver.

— É — disse Erika. — Ela estava testando os limites.

— Você está bem?

— Estou. — Ela passou o dedo embaixo dos olhos. — Estou bem.

— Tem certeza?

— Tenho. Obrigada.

— Pare de pensar nela — aconselhou Oliver. — Ah, você foi ver o discurso de Clementine naquela biblioteca sei lá onde?

Erika encostou a cabeça no banco e fechou os olhos. Droga. Claro. Era por isso que ele estava ligando. Clementine. O plano era ela conversar com Clementine depois da apresentação enquanto tomavam café. Oliver não se interessara muito pela motivação de Erika para ir à apresentação de Clementine. Ele não entendia seu desejo obsessivo de preencher os buracos em sua memória. Achava irrelevante, quase bobo. “Acredite em mim, você já se lembrou de tudo o que vai conseguir recordar”, dissera. (Seus lábios ficaram finos, e o olhar, rígido, ao dizer “Acredite em mim”. Era apenas uma pontadinha de dor que ele nunca conseguia reprimir e que provavelmente não admitiria que sente.) “Falta de memória faz parte do jogo quando se bebe demais.” Mas não fazia parte do jogo *dela*. Porém, Oliver vira aquilo como a oportunidade perfeita para falar com Clementine, para finalmente colocá-la contra a parede.

Erika deveria ter deixado a ligação cair na caixa postal.

— Fui — respondeu ela. — Mas saí no meio. Não me senti bem.

— Então não conseguiu falar com Clementine? — perguntou Oliver.

Ela percebeu que ele fez o possível para esconder a frustração.

— Hoje, não — revelou. — Mas não se preocupe. Só preciso encontrar o momento certo. De qualquer forma, a praça de alimentação não seria o melhor lugar.

— Conferi minha agenda e vi que já se passaram dois meses desde o churrasco. Acho que não seria ofensivo, nem insensível, nem nada, apenas perguntar. É só ligar para ela. Não precisa ser pessoalmente.

— Eu sei. Desculpe.

— Não precisa pedir desculpa — falou Oliver. — É difícil. Não é culpa sua.

— Foi culpa minha termos ido ao churrasco, para início de conversa — afirmou ela.

Oliver não a absolveria daquilo. Ele era muito preciso. Os dois sempre tiveram isso em comum: paixão pela precisão.

O taxista freou abruptamente.

— Seu motorista idiota! Palhaço!

Erika pôs a mão espalmada no banco da frente para se segurar, e Oliver falou:

— Isso não é relevante.

— É relevante para mim — retrucou ela.

Seu telefone fez um barulho para avisar que havia outra ligação na espera. Devia ser sua mãe. O fato de que ela havia esperado alguns minutos antes de ligar outra vez significava que escolhera lágrimas em vez de gritos. E lágrimas demoravam mais.

— Não sei o que você quer que eu diga sobre isso, Erika — falou Oliver, preocupado.

Ele achava que havia uma resposta certa específica. Uma resposta no fim do livro. Achava que existia algumas regras secretas de relacionamento que ela devia conhecer, porque ela era mulher e as escondia de propósito.

— Será que... pode falar com Clementine? — pediu ele.

— Vou falar com ela — respondeu Erika. — Vejo você hoje à noite, está bem?

Ela colocou o celular no modo silencioso e o enfiou na bolsa que estava a seus pés. O motorista do táxi ligou o rádio. Àquela altura já devia ter desistido de pedir conselhos sobre contabilidade, provavelmente concluindo que, a julgar por sua vida pessoal, seus conselhos profissionais não seriam confiáveis.

Erika pensou em Clementine, que devia estar terminando seu breve discurso na biblioteca, provavelmente ao som das palmas educadas da plateia. Não haveria gritos de “bravo!”, aplausos de pé, nem buquês de flores no camarim.

Pobre Clementine, achando que precisava praticamente se *humilhar* daquele jeito.

Oliver estava certo: a decisão de ir ao churrasco não era relevante. Era um custo irrecuperável. Ela apoiou a cabeça no assento, fechou os olhos e se lembrou de um carro prateado avançando em sua direção, cercado por um turbilhão de folhas de outono.

CAPÍTULO TRÊS

DIA DO CHURRASCO

Erika entrou de carro na rua sem saída onde morava e foi recebida por uma visão estranha, quase bonita: alguém finalmente estava dirigindo o BMW prateado que passara os últimos seis meses estacionado diante da casa dos Richardson, e quem quer que estivesse ao volante não havia se dado o trabalho de tirar a camada de folhas vermelhas e amarelas do outono que se acumulara na capota e no capô do carro, portanto, à medida que a pessoa dirigia (rápido demais para uma área residencial), um turbilhão de folhas se formava, como se o carro estivesse sendo seguido por um pequeno tornado.

Quando as folhas se dissiparam, Erika viu seu vizinho de porta, Vid, de pé na calçada, observando o carro se afastar, enquanto um único raio de sol refletia em seus óculos escuros feito o brilho do flash de uma câmera.

Enquanto abria a janela do carona, Erika freou ao lado dele.

— Bom dia — gritou ela. — Alguém finalmente tirou aquele carro dali!

— É, devem ter parado de traficar drogas, não acha?

Vid se inclinou na direção do carro, empurrando os óculos escuros para seu exuberante cabelo grisalho.

— Ou então era a máfia, sabe.

— Rá-rá-rá!

Erika riu sem convicção porque o próprio Vid parecia um gângster bem-sucedido.

— Hoje está um dia e tanto, sabe. Olhe! Não é verdade?!

Vid fez um gesto satisfeito para o céu, como se ele mesmo tivesse comprado o dia e pagado caro para ter o produto de qualidade que merecia.

— O dia está lindo — concordou Erika. — Você vai caminhar?

Vid reagiu com uma leve repulsa daquela suposição.

— Caminhar? Eu? Não.

Ele apontou para o cigarro aceso que segurava entre os dedos e para a outra mão, onde estava o jornal de domingo enrolado e embalado em plástico.

— Só vim buscar o jornal, sabe.

Erika lembrou a si mesma de não contar quantas vezes Vid dizia “sabe”. Registrar o

vício de linguagem das pessoas era um comportamento quase obsessivo-compulsivo. (O recorde atual de Vid: onze vezes em uma conversa de dois minutos sobre a exclusão da pizza de *pancetta* defumada do cardápio da pizzeria local. Vid não conseguia acreditar, simplesmente não podia acreditar, sabe. Os “sabe” aumentavam de frequência e velocidade quando ele se animava.)

Erika tinha total consciência de que alguns dos seus comportamentos podiam ser classificados como obsessivo-compulsivos. “Eu não perderia tempo com rótulos, Erika”, dissera sua psicóloga com o sorriso rígido que exibia toda vez que ela se “autodiagnosticava”. (Desde que havia começado a terapia, Erika passara a assinar a revista *Psychology Today*, só para se instruir um pouco sobre o processo, e achava tudo tão fascinante que, recentemente, ela dava uma olhada na lista de leitura do primeiro ano de graduação em ciências psicológicas e comportamentais de Cambridge. Só porque se interessava, dissera à psicóloga que não parecera se sentir ameaçada com aquilo, mas também não ficara muito entusiasmada.)

— O panaca sobe a rua a toda velocidade e arremessa o jornal do carro como se estivesse jogando uma maldita granada na Síria, sabe.

Vid pegou o jornal enrolado e fez um gesto como se jogasse uma granada.

— Então, o que você está fazendo? Foi ao mercado?

Ele viu a enorme quantidade de sacolas plásticas no banco do carona de Erika e tragou profundamente o cigarro, soprando a fumaça pelo canto da boca.

— Não é bem comida, só algumas... hum... coisinhas de que eu estava precisando.

— Coisinhas — repetiu Vid, experimentando a palavra como se nunca a tivesse escutado.

Talvez não tivesse. Olhou para Erika daquele jeito curioso, quase decepcionado, como se esperasse algo mais dela.

— É. Para o chá da tarde. Vamos receber Clementine, Sam e as filhas deles mais tarde para um chá. Meus amigos, Clementine e Sam, lembra? Você conheceu os dois na minha casa.

Ela sabia perfeitamente que Vid se lembrava deles. Estava mencionando Clementine para se tornar mais interessante. Afinal, era só isso que tinha a oferecer para Vid: Clementine.

O rosto dele se iluminou no mesmo instante.

— Sua amiga, a violoncelista! — exclamou Vid, encantado.

Quase estalou os lábios ao dizer “violoncelista”.

— E o marido dela, o que não tem ouvido musical! Que desperdício, hein?

— Bem, ele gosta de dizer que não tem ouvido musical — falou Erika. — Acho que na verdade ele é...

— Um cara legal! Ele era... Como é o nome? *Gerente de marketing* de uma empresa BCR, e isso significa... não fala, não fala... *bens de consumo rápido*. Seja lá o que isso quer dizer. Mas que tal? Boa memória, não? Minha mente é muito afiada, é o que digo para minha esposa.

— Bem, na realidade ele trocou de emprego, agora está trabalhando em uma empresa de bebidas energéticas.

— O quê? Bebidas energéticas? Bebidas que dão energia? Enfim, Sam e Clementine são gente boa, ótimas pessoas, sabe. Todos vocês deveriam vir aqui em casa para um churrasco, sabe. Isso, vamos fazer um churrasco! Aproveitar esse tempo maravilhoso, sabe! Eu insisto. Vocês têm que vir!

— Ah — respondeu Erika. — É muita gentileza sua.

Ela deveria dizer não. Era perfeitamente capaz disso. Não tinha qualquer problema em dizer não às pessoas; inclusive, se orgulhava da sua capacidade de recusar, e Oliver não ia gostar que ela mudasse a programação do dia. Era importante demais. Aquele dia era crucial. Poderia mudar a vida deles.

— Vou assar um porco no espeto! No estilo esloveno. Bem, não é realmente esloveno, é no meu estilo, mas é diferente de tudo que você já comeu. Sua amiga, Clementine, eu lembro... ela gosta de comer, sabe. Assim como eu.

Ele deu um tapinha na própria barriga.

— Bem — disse Erika.

Ela olhou novamente para as sacolas no banco do carona. Passara todo o caminho de volta do mercado conferindo as compras ao seu lado com medo de ter cometido algum erro. Deveria ter comprado mais coisas. Qual era o seu problema? Por que não comprara um *banquete*?

Além disso, ela escolhera biscoitos com sementes de gergelim, sendo que sementes de gergelim tinham alguma relevância... Clementine adorava ou odiava sementes de gergelim?

— Então, o que me diz? — falou Vid. — Tiffany ia adorar ver vocês de novo.

— É mesmo? — indagou Erika.

A maioria das esposas não gostaria de um churrasco improvisado, mas pelo visto a esposa de Vid era quase tão sociável quanto ele. Erika se lembrou da primeira vez em que apresentara seus melhores amigos aos vizinhos extrovertidos, quando ela e Oliver haviam organizado uma festinha de Natal em casa no ano anterior, em um acesso louco de “vamos fingir que somos o tipo de gente que gostar de receber pessoas em casa”. Tanto ela quanto Oliver haviam odiado cada segundo. Entreter pessoas era sempre angustiante para Erika porque ela não tinha experiência nenhuma nisso e porque parte dela sempre acreditaria que visitas deviam ser temidas e desprezadas.

— E eles têm duas filhinhas, certo? — continuou Vid. — Nossa Dakota ia adorar brincar com elas.

— Isso mesmo. Mas lembre que elas são bem mais novas que Dakota.

— Melhor ainda! Dakota adora brincar com meninas pequenas, sabe. Fingir que é a irmã mais velha, sabe. Fazer trança no cabelo delas, pintar as unhas, sabe. É diversão para todas!

Erika passou as mãos no volante e observou sua casa. A cerca viva baixa que ladeava o caminho até a porta de entrada tinha sido aparada com uma simetria assustadoramente perfeita. A persiana fora deixada aberta. As janelas estavam limpas e sem arranhões. Nada para esconder. Dava para ver o abajur veronês vermelho da rua. Apenas isso. *Só* o abajur. Um abajur requintado. O simples fato de ver aquele abajur da rua quando passava de carro dava a Erika uma sensação de orgulho e paz. Oliver estava lá dentro passando aspirador. Erika já tinha feito isso na véspera, então era um exagero. Aspiração excessiva. Constrangedor.

Logo que Erika saiu da casa da mãe, uma das coisas que mais a preocupavam a respeito da vida doméstica era tentar descobrir com que frequência as pessoas normais passavam aspirador de pó. Foi a mãe de Clementine quem lhe deu uma resposta definitiva: uma vez por semana, Erika, todo domingo à tarde, por exemplo. Basta escolher um horário regular que lhe convenha e tornar isso um hábito. Erika seguia religiosamente as regras de vida de Pam enquanto Clementine as ignorava de propósito. “Sam e eu esquecemos que *existe* a possibilidade de passar aspirador de pó”, dissera ela a Erika certa vez. “Mas a gente sempre se sente melhor quando faz, e aí dizemos: Vamos passar aspirador mais vezes! Parece até quando a gente se lembra de transar.”

Erika ficara chocada, tanto pela questão do aspirador de pó quanto pelo sexo. Sabia que ela e Oliver eram mais formais em público do que outros casais, não chegavam a se provocar (gostavam que as coisas ficassem esclarecidas, não abertas a interpretações equivocadas), mas, caramba, eles nunca *se esqueceriam de transar*.

Uma casa sem poeira não faria diferença no resultado do encontro de hoje, muito menos sementes de gergelim.

— Porco no espeto, é? — perguntou Erika a Vid.

Ela inclinou a cabeça para o lado, fazendo charme, como Clementine agiria em uma situação parecida. Às vezes ela pegava emprestado os maneirismos de Clementine, mas só quando a amiga não estava por perto, para que não fossem reconhecidos.

— Você quer dizer que tem um porco sobrando em casa, esperando para ser assado?

Vid sorriu, achando graça do comentário. Depois deu uma piscadela e apontou o cigarro na sua direção. Entrou fumaça no carro, trazendo consigo um novo mundo.

— Não se preocupe com isso, Erika.

Ele colocou ênfase na última sílaba. *Erika*. O que dava uma sonoridade mais exótica ao seu nome.

— Vamos dar um jeito, sabe. A que horas sua amiga violoncelista vem? Duas? Três?

— Três — respondeu ela.

Já estava se arrependendo do charme que fizera. Ai, meu Deus. O que tinha aceitado?

Olhou para trás dele e encontrou Harry, o idoso que morava sozinho do outro lado da casa de Vid. Estava no jardim, perto do arbusto de camélias com uma tesoura de poda. Os olhares dos dois se cruzaram e ela ergueu a mão para cumprimentá-lo, mas ele imediatamente desviou os olhos e se afastou para o canto do jardim, onde não podia ser visto.

— Nosso camarada Harry está espreitando por aí? — indagou Vid sem se virar.

— Está — respondeu Erika. — Mas já sumiu.

— Três horas, então? — perguntou Vid.

Ele bateu os nós dos dedos de maneira decisiva na lateral do carro.

— Vejo vocês mais tarde?

— Está bem — respondeu Erika sem convicção.

Ela observou Oliver abrir a porta da rua e sair na varanda com um saco de lixo. Ia ficar furioso com ela.

— Perfeito. Fantástico!

Vid se afastou do carro e viu Oliver, que sorriu e acenou.

— Fala, cara! — gritou Vid. — Vemos vocês mais tarde! Churrasco na minha casa!

O sorriso de Oliver desapareceu.

CAPÍTULO QUATRO

Clementine saiu do estacionamento da biblioteca em um leve estado de pânico, com uma das mãos no volante e a outra no desembaçador, porque o para-brisa havia ficado repentina e cruelmente embaçado, e estava quase opaco em certos pontos. Ela saíra vinte minutos mais tarde do que havia planejado.

Depois de terminar seu discurso ao som do costumeiro aplauso hesitante e abafado, como se as pessoas não soubessem direito se era adequado aplaudir, ela fora inserida em diferentes conversas enquanto tentava chegar à porta (tão perto porém tão longe), passando pelo grupo pequeno, mas impenetrável, de pessoas que atacavam o chá matinal gratuito. Uma mulher a abraçou e deu tapinhas em sua bochecha. Um homem que, ela percebeu depois, tinha um código de barras tatuado na nuca estava ansioso para saber o que ela achava do projeto do conselho para a piscina e pareceu não acreditar quando ela disse que não era dali e, portanto, não podia opinar. Uma mulher baixinha de cabelo branco queria que ela experimentasse um pedaço do bolo de cenoura envolto em um guardanapo cor-de-rosa.

Ela comeu o bolo de cenoura. Era um ótimo bolo de cenoura. Então chega.

O para-brisa desembaçou, o que foi como um presente para Clementine, e ela virou à esquerda para sair do estacionamento, porque esquerda era sempre seu padrão quando não fazia ideia de aonde estava indo.

— Comece a falar — ordenou ao GPS. — Você só tem uma função. Então cumpra.

Clementine precisava que o GPS a direcionasse logo até sua casa para que pudesse pegar o violoncelo antes de ir para a casa de sua amiga Ainsley e o marido Hu, onde ia tocar suas músicas para eles, afinal o teste de admissão seria dali a duas semanas.

“Então você ainda vai se candidatar a esse trabalho?”, indagara sua mãe na semana anterior, em tom de surpresa e, possivelmente, de crítica, mas Clementine andava considerando que tudo era crítica, de forma que talvez tivesse imaginado aquilo.

“Sim, vou fazer o teste”, respondera com frieza, e a mãe não dissera mais nada.

Ela dirigia devagar, aguardando instruções, mas o GPS estava mudo, ponderando.

— Vai me dizer aonde ir? — perguntou ela.

Pelo visto não. Ela passou por um sinal de trânsito e virou à esquerda. Não podia *continuar* virando à esquerda, senão acabaria fazendo um círculo. Certo? Antigamente, ela

teria ido para casa e contado aquilo à Sam, e ele teria rido, implicado e se solidarizado com ela. No fim ainda se ofereceria para comprar um GPS novo.

— Odeio você — disse Clementine ao GPS mudo. — Odeio e desprezo você.

O GPS a ignorou e ela espiou pela janela, através da chuva, em busca de algum sinal. Estava franzindo muito a testa e por causa disso pressentia que havia uma dor de cabeça se aproximando.

Clementine não deveria estar ali, dirigindo sob a chuva até o outro lado de Sydney, naquele subúrbio plano, cinzento e desconhecido. Deveria estar em casa, ensaiando. Era o que *estaria* fazendo.

Aonde quer que fosse, o que quer que fizesse, parte de sua mente estava sempre imaginando uma vida hipotética acontecendo paralelamente à sua vida real. Uma vida em que, quando Erika ligava e dizia “Vid nos convidou para um churrasco”, Clementine respondia “Não, obrigada”. Duas palavras simples. Vid não teria se importado. Ele mal os conhecia.

Não era Vid na sinfonia da noite anterior. Era apenas sua mente lhe pregando peças cruéis, colocando aquela cabeça grande dele bem no meio de vários rostos.

Ao menos ela estivera preparada para ver Erika na plateia, mas mesmo assim sentira o estômago se revirar quando a avistara sentada toda rígida na última fileira, como se estivesse em um funeral. A amiga tinha esboçado um sorriso quando as duas se entreolharam. Por que pedira para vir? Que estranho... Será que ela achara que seria como ver Clementine se apresentar? Mesmo que achasse isso, ainda assim não era típico de Erika pedir folga no trabalho para sair do norte de Sydney e ir de carro até lá só para ouvir Clementine contar uma história que ela já conhecia. E então se levantara e saíra no meio! Mandara uma mensagem para avisar que houvera um problema no trabalho, mas parecia improvável. Certamente não havia nenhum problema de contabilidade que não pudesse esperar vinte minutos.

Fora um alívio Erika ter ido embora. Havia sido desconcertante tentar falar com aquele rostinho intenso que atraía sua atenção feito um ímã. Em determinado momento, ela se distraiu com a percepção irrelevante de que o cabelo louro de Erika tinha exatamente o mesmo corte que o da mãe de Clementine. Um corte simétrico e prático na altura dos ombros, com uma franja comprida cortada retíssima logo acima das sobrancelhas. Erika idolatrava a mãe de Clementine. Era uma imitação deliberada ou inconsciente, mas com certeza não era pura coincidência.

Ela viu uma placa indicando a direção do centro da cidade e se apressou para mudar de pista, bem no instante em que o GPS acordou e instruiu que ela “virasse à direita” com uma voz feminina e pretensiosa e com sotaque britânico.

— Eu descobri sozinha, muito obrigada — disse ela.

A chuva voltou a cair e ela acionou o limpador de para-brisa.

Um pedaço de borracha havia se soltado de uma das palhetas e emitia um guincho agudo na terceira vez que percorria o vidro, parecido com o barulho de uma porta se abrindo lentamente em um filme de terror.

Gui-incho. Um. Dois. Gui-incho. Um. Dois. Isso a fazia pensar em zumbis dançando valsa de forma atrapalhada.

Ela ia ligar para Erika naquele dia mesmo. Ou no dia seguinte de manhã. A amiga merecia uma resposta. Já se passara tempo suficiente. Havia apenas uma resposta, é claro, mas Clementine estava esperando a hora certa.

Não pense nisso agora. Pense apenas no teste. Ela precisava *compartimentalizar*, como sugeriam os artigos no Facebook. Supostamente os homens eram bons em compartimentalizar, dedicavam toda a atenção ao que quer que estivessem fazendo, embora na realidade Sam nunca tivesse encontrado dificuldade nas multitarefas. Ele conseguia preparar um risoto enquanto esvaziava o lava-louça e fazia alguma brincadeira educativa com as meninas. Era *Clementine* quem se perdia, pegava o violoncelo e esquecia que deixara alguma coisa no forno. Fora *ela* quem se esquecera certa vez (mortificante) de buscar Holly em uma festa de aniversário, algo que Sam nunca faria. “A mãe de vocês anda por aí em um torpor permanente”, Sam costumava dizer às meninas, mas falava com carinho, ou pelo menos era o que Clementine achava. Talvez o carinho fosse imaginação dela. Já não tinha certeza do que realmente achavam dela: Sua mãe. Seu marido. Sua amiga. Qualquer coisa parecia possível.

Ela pensou mais uma vez no comentário da mãe: “Então você ainda vai se candidatar a esse trabalho?” Nunca havia dedicado tantas horas de ensaio a um teste, mesmo antes de as crianças nascerem. Ela costumava fazer várias reclamações autoindulgentes: *Sou uma mãe de duas crianças pequenas que trabalha! Coitada de mim! Meu dia não tem horas suficientes!* Na verdade, há muito mais horas no dia quando você dorme menos. Por isso, ela passou a dormir à meia-noite em vez de às dez e a acordar às cinco em vez de às sete.

Viver com menos horas de sono lhe deixava com uma leve sensação sedativa que não era desagradável. Ela se sentia distante de todos os aspectos da sua vida. Não tinha mais tempo para *sentir*. Antes costumava *sentir* e analisar as emoções, como se tivessem uma importância nacional... *Clementine está extremamente nervosa com o teste que se aproxima! Clementine não sabe se é boa o bastante.* Uau, caramba, parem tudo, vamos pesquisar nervosismo pré-teste, vamos conversar seriamente com amigos músicos, arranjar apoio constante.

Pare com isso. Zombar o tempo todo da pessoa que costumava ser também não é algo particularmente produtivo. Gaste tempo focando na técnica. Ela vasculhou na memória um problema técnico que a distraísse... Por exemplo, o dedilhado do arpejo da abertura

de Beethoven. Ela não parava de mudar de ideia. A opção mais difícil seria recompensada com um resultado musical melhor, mas havia o risco de que ela errasse sob pressão.

Havia um engarrafamento mais à frente? Ela não podia se atrasar. Seus amigos estavam dedicando tempo a ela. Não tinham nada a ganhar com aquilo. Puro altruísmo. Ela observou o trânsito parado e teve a impressão de estar mais uma vez no carro de Tiffany, presa em um mar de luzes de freio vermelhas, o cinto de segurança servindo de contenção em torno do pescoço.

Os carros andaram. Estava tudo bem. Ela ouviu o próprio suspiro, embora não tivesse percebido que prendera a respiração.

Quando estivessem jantando fora à noite, perguntaria a Sam se ele fazia as mesmas indagações sem sentido que ela. Talvez isso desse origem a uma conversa. Uma “conversa terapêutica”. Era uma expressão que sua mãe usaria.

Os dois iam sair hoje para ter uma “noite romântica”. Essa era mais uma expressão moderna que sua mãe passara a usar. “Vocês dois precisam mesmo é de uma noite romântica!” Tanto ela quanto Sam abominavam a expressão “noite romântica”, mas iam ter uma, em um restaurante indicado pela mãe de Clementine. A mãe dela ia cuidar das crianças e, inclusive, fora ela quem fizera a reserva.

“A capacidade de perdoar é uma característica dos fortes. Acho que foi Gandhi quem falou isso”, comentara a mãe.

A porta da geladeira da casa da mãe era cheia de citações inspiradoras rabiscadas em pedacinhos de papel presos por ímãs. Por sinal, também havia citações nos ímãs.

Talvez a noite corresse bem. Talvez fosse até divertida. Ela estava tentando ser otimista. Um dos dois tinha que ser. Seu carro se aproximou da sarjeta e uma imensa onda de água surgiu na lateral. Ela xingou, de forma muito mais agressiva do que o necessário.

Tinha a impressão de que estava chovendo desde o dia do churrasco, embora soubesse que não era verdade. Achava que sua vida antes do churrasco era repleta de luz dourada do sol. Céu azul. Brisas. Como se nunca tivesse chovido.

— Vire à esquerda — ordenou o GPS.

— O quê? Aqui? — indagou Clementine. — Tem certeza? Ou quer dizer na próxima? Acho que quer dizer na próxima.

Ela seguiu em frente.

— Faça o retorno quando possível — indicou o GPS, insinuando um suspiro.

— Desculpe — disse Clementine humildemente.

CAPÍTULO CINCO

DIA DO CHURRASCO

A luz do sol inundava a cozinha onde Clementine, ainda de pijama, corria sem sair do lugar enquanto seu marido Sam gritava feito um sargento-mor:

— Corra, soldado, corra!

Sua filha de dois anos, Ruby, também vestida com o pijama, o cabelo louro despenteado, corria ao lado de Clementine, pulando feito uma marionete e rindo sem parar. Estava segurando um pedaço empapado e mole de croissant em uma das mãozinhas gorduchas e um batedor de metal com cabo de madeira na outra, embora ninguém mais considerasse aquilo um mero utensílio de cozinha: ele fazia as refeições, tomava banho e toda noite Ruby levava carinhosamente Batedor para a cama, que consistia em uma caixa de sapatos forrada com os lenços de papel dele/dela (o gênero de Batedor era fluido).

— *Por que* estou correndo? — indagou Clementine, arfando. — Não gosto de correr!

Naquela manhã, Sam anunciara com um olhar fervoroso que pensara em um plano infalível para ajudá-la a “arrasar no teste, querida”. Ficara acordado até tarde na noite anterior preparando o plano.

Primeiro, ela precisava passar cinco minutos correndo sem sair do lugar o mais rápido possível.

— Não faça perguntas, apenas obedeça! — exclamou Sam. — Levante os joelhos! Você tem que ficar ofegante.

Clementine tentou erguer os joelhos.

Era provável que ele tivesse pesquisado *dicas para ser aprovado numa orquestra* no Google e a primeira dica fosse algo encantadoramente banal, como: *Faça exercício! Certifique-se de que está no auge da forma física.*

Esse era o problema de ser casada com um “não músico”. Um músico saberia que a maneira de ajudá-la a se preparar para o teste era *sair com as meninas naquela manhã para que ela tivesse tempo de ensaiar antes de ir para a casa de Erika*. Não era exatamente um bicho de sete cabeças, soldado.

— Mais dois minutos!

Sam a observou. Ele estava com a barba por fazer, de camiseta e cueca samba-canção.

— Na verdade, talvez você só precise de mais um minuto. Não está muito em forma.

— Vou parar — disse Clementine, desacelerando.

— Não! Você não pode parar. Isso serve para simular o nervosismo com o teste, acelerando seu batimento cardíaco. Então você vai ensaiar logo em seguida.

— O quê? Não, não vou tocar agora.

Ela precisava passar tempo *preparando* meticulosamente os trechos que ia tocar.

— Quero mais um café.

— Corra, soldado, corra! — gritou Sam.

— Ah, pelo amor de Deus.

Ela continuou correndo. Fazer um pouco de exercício não era má ideia, mas, na verdade, já estava doendo bastante.

Sua filha de cinco anos (*e nove meses*, era importante esclarecer), Holly, entrou ruidosamente na sala de estar vestindo a calça do pijama, um vestido velho e rasgado de *Frozen* e um sapato de salto alto da mãe. Levou a mão ao quadril inclinado como se estivesse em um tapete vermelho e aguardasse ser admirada.

— Uau! Olhem só para Holly — disse Sam obedientemente. — Tire esses sapatos antes que você se machuque.

— Por que vocês duas estão... “correndo”? — perguntou Holly à mãe e à irmã.

Ela dobrou os dedos no ar para simular as asas da palavra “correndo”. Esse era um novo hábito sofisticado que ela adquirira, só que achava que podia escolher qualquer palavra aleatoriamente e colocar asas. Quanto mais palavras, melhor. Ela franziu o cenho.

— Parem com isso.

— Seu pai está me fazendo correr — respondeu Clementine, arfando.

Ruby subitamente se cansara de correr e se sentara no chão. Colocara com cautela o pedaço de croissant no chão para mais tarde e estava chupando com força o polegar, feito um fumante que precisa muito de um trago.

— Papai, pare de obrigar a mamãe a correr — exigiu Holly. — Ela está respirando de um jeito engraçado!

— Estou mesmo — concordou Clementine.

— Excelente — disse Sam. — Precisamos de você sem fôlego. Meninas! Venham comigo! Temos um trabalho importante a fazer. Holly, já falei, tire esses sapatos antes que se machuque!

Ele pegou Ruby no chão e a segurou debaixo do braço feito uma bola de futebol americano. A menina deu um gritinho de prazer quando ele correu com ela pelo corredor. Holly disparou atrás, ignorando a instrução a respeito dos sapatos.

— Continue correndo até a gente chamar você! — gritou Sam da sala.

Clementine, tão desobediente quanto Holly, desacelerou, passando a caminhar

lentamente.

— Estamos prontos! — chamou Sam.

Ela entrou na sala, dando um risinho e arfando. Parou na soleira da porta. Os móveis haviam sido empurrados para os cantos e havia uma única cadeira no meio do cômodo, atrás do suporte de partitura. O violoncelo estava apoiado na cadeira, o espigão fora firmemente fincado no chão de madeira, onde deixaria outro buraquinho. (Haviam decidido chamar os buracos de “marca”, não de “estrago”.) Havia um lençol de casal pendurado no teto, dividindo a sala. Holly, Ruby e Sam estavam sentados logo atrás. Ela ouviu Ruby dando risadinhas.

Então era por isso que Sam estava tão animado. Ele arrumara a sala para que ficasse parecida com um teste de admissão. O lençol branco representava a tela preta atrás da qual os jurados se sentavam, feito um pelotão de fuzilamento invisível, julgando e condenando, anônimo e silencioso (a não ser por um eventual sussurro, por uma tosse intimidante ou pela voz alta, entediada e superior que podia interrompê-la a qualquer momento dizendo: “Já está bom, obrigado”).

Ela ficou surpresa e quase constrangida com a reação visceral automática do seu corpo ao ver aquela cadeira solitária. De uma só vez ela se lembrou de todos os testes que fizera: uma cascata de memórias. A vez em que só houvera uma sala de aquecimento para todos, um cômodo que surpreendeu de tão quente, abafado e barulhento, tão repleto de músicos de aparência extraordinariamente talentosa que tudo começara a rodar feito um carrossel, e um violoncelista francês estendera a mão lânguida para salvar o violoncelo de Clementine que escorregava dela. (Era campeã em desmaios.)

A vez em que participara da primeira rodada de testes e tocara excepcionalmente bem, a não ser por um errinho mortificante em um trecho que nem sequer era difícil; um erro que ela jamais cometera em um concerto e nunca mais cometeria. Ficara tão arrasada que chorara sem parar durante três horas em uma cafeteria enquanto a mulher da mesa ao lado lhe entregava lenços de papel e seu namorado na época (o oboísta com eczema) repetia: “Eles perdoam uma única nota errada!” Ele tinha razão, perdoaram sua nota errada. Ligaram para ela naquela mesma tarde chamando-a novamente, mas àquela altura estava tão cansada de chorar que tocou com o braço fraco e exaurido, mole feito um espaguete, e por isso não foi para a rodada final.

— Sam — começou ela.

Era fofo da parte dele, muito, muito fofo e ela o adorava por ter feito isso, mas não estava ajudando.

— Oi, mamãe! — disse Ruby atrás do lençol.

— Oi, Ruby — respondeu Clementine.

— Shh — retrucou Sam. — Nada de falar.

— Por que mamãe não está “tocando”? — perguntou Holly.

Não era preciso vê-la para saber que estava fazendo aspas com os dedos.

— Não sei — disse Sam. — Não vamos contratar essa candidata se ela não tocar, não é?

Clementine suspirou. Teria que entrar no jogo. Portanto foi em frente e se sentou na cadeira. Sentiu gosto de banana. Toda vez que tinha um teste, ela comia uma banana no carro antes de entrar, porque supostamente a fruta continha betabloqueadores naturais para controlar o nervosismo. E por isso não podia comer bananas em nenhuma outra ocasião porque a fruta fazia com que pensasse nos testes.

Quem sabe dessa vez ela devesse tentar de novo os betabloqueadores de verdade, embora não houvesse gostado da sensação de boca seca que tivera da primeira vez, e seu cérebro ficara parecendo devastadoramente limpo, como se algo houvesse explodido bem no meio da sua cabeça.

— Mamãe já tem um emprego — disse Holly. — Ela é violoncelista.

— Mas esse é o trabalho dos sonhos dela — justificou Sam.

— Mais ou menos — falou Clementine.

— O que foi isso? — indagou Sam. — Quem foi? Não ouvimos a candidata falar, certo? Ela não fala, só toca.

— Foi mamãe — disse Ruby. — Oi, mamãe!

— Oi, Ruby! — respondeu Clementine enquanto passava resina no arco.

“Trabalho dos sonhos” talvez fosse exagerado (se era para sonhar, por que não almejar ser uma solista internacionalmente famosa), mas ela queria muito, muito a vaga de violoncelista principal da Orquestra da Câmara Real de Sydney. Um cargo definitivo, com colegas de trabalho, férias e horário fixo. A vida como instrumentista freelancer era flexível e divertida, mas muito improvisada, muito fragmentada e dividida, com casamentos, apresentações em festas de empresas, aulas particulares, substituições e tudo o mais que ela pudesse fazer. Como tinha matriculado as meninas na escola e na creche, ela queria recolocar sua carreira nos trilhos.

Já conhecia todo mundo na seção de cordas porque tocava com frequência para a orquestra, sem compromisso. (“Então você não deve ter nenhuma dificuldade em arranjar esse emprego, não é? Porque já está *fazendo* isso!”, dissera sua mãe na noite anterior, alegremente alheia à competitividade feroz do mundo da filha. Os dois irmãos mais velhos de Clementine trabalhavam como engenheiros fora do país. Desde os tempos da faculdade, suas carreiras haviam avançado com lógica e linearidade. Eles nunca se lamentavam: “Simplesmente não me sinto capaz de ser engenheiro hoje!”)

Seus amigos mais próximos na orquestra, Ainsley e Hu, uma violoncelista casada com um contrabaixista, fariam parte dos jurados sentados atrás da tela que decidiriam seu

destino e estavam sendo particularmente encorajadores. Sendo racional, Clementine sabia que tinha chance. Apenas sua fobia debilitante de testes a impedia de tornar realidade sua vida perfeita. O terror do terror.

“Estar preparada é a solução”, dissera Sam na noite anterior, como se fosse um conselho totalmente inovador. “Visualização. Você precisa *visualizar* a si mesma vencendo o teste.”

Era desleal da parte dela pensar que não se “vencia” um teste de orquestra e que se preparar para isso não era algo do mesmo nível que se preparar, digamos, para uma apresentação no PowerPoint sobre vendas e planos de marketing para um novo xampu anticaspa, como exigira o último emprego de Sam. Talvez fosse a mesma coisa. Ela não sabia. Não tinha ideia do que as pessoas faziam dentro de um escritório, sentadas diante do computador o dia inteiro. Sam andava bem-disposto, todos os dias saía muito *animado* para trabalhar, porque acabara de conseguir um emprego novo como diretor de marketing de uma empresa maior e “mais dinâmica” de bebidas energéticas. Havia muitos jovens de vinte e poucos anos no novo escritório. Às vezes ela percebia que Sam imitava suas entonações arrastadas. Ele ainda estava na fase da lua de mel. No dia anterior comentara algo sobre a “visão do futuro da cultura corporativa”, e *sem ironia*. Fazia só uma semana que ele começara lá. Ela lhe daria um período de carência antes de implicar com ele.

— Posso brincar com o iPad? — pediu Holly atrás do lençol.

— Shh, sua mãe está fazendo o teste — disse Sam.

— Posso comer alguma coisa, então? — perguntou Holly, e acrescentou, indignada: — Ruby!

— Ruby, por favor, pare de lamber sua irmã — falou Sam, suspirando.

Clementine ergueu os olhos e tentou não pensar em como tinham prendido o lençol no teto. Ele não tinha enfiado tachinhas no teto decorativo deles, ou tinha? Não. Ele era sensato. Ela pegou o arco e posicionou o violoncelo.

As partituras estavam no suporte. Não tivera grandes surpresas ao examiná-las no dia anterior. Brahms seria fácil. Sem problemas com Beethoven, contanto que fosse convincente ao tocar a abertura. *Don Juan*, claro, era sua nêtese, mas ela só precisava dedicar o tempo necessário. Ficara feliz em ver Mahler: quinto movimento da Sinfonia nº 7. Talvez devesse tocar Mahler para Sam, deixá-lo feliz e fazê-lo acreditar que estava ajudando.

Enquanto afinava o violoncelo, ela ouviu em sua mente a voz com sotaque alemão de Marianne lhe dando conselhos sobre testes de admissão: “A primeira impressão conta, sim! Mesmo quando você está afinando! É preciso fazer isso depressa, em silêncio e com calma.” Mais uma vez ela lamentou a perda de sua antiga professora de música, por mais que já fizesse dez anos de sua morte.

Lembrou-se de uma ocasião em que começara a entrar em pânico porque tivera a

impressão de que estava demorando demais para afinar e sentira a impaciência emanando do outro lado da tela. Fora em Perth, e ela tivera que carregar o violoncelo perfeitamente afinado por um pátio muito quente e depois entrar em uma sala de concerto gelada.

Todos os testes tinham certo aspecto de pesadelo, mas aquele fora particularmente traumático. O monitor lhe pedira para tirar os sapatos antes de entrar, para que seu salto alto não fizesse barulho enquanto ela atravessava o palco, denunciando seu gênero. Ele também sugerira que ela evitasse tossir ou pigarrear, pois isso também poderia revelar seu gênero. O sujeito era um pouco obcecado com isso. Ao subir no palco, um de seus pés escorregara por causa da meia-calça (Meia-calça preta! Em um dia de quarenta graus!) e ela dera um grito evidentemente feminino. Por fim, quando terminara de afinar o violoncelo, estava atordoada. Enquanto tremia, suave e tinha calafrios, ela só conseguia pensar no dinheiro que gastara com os voos e a hospedagem para participar de um teste no qual não passaria.

Meu Deus, como ela odiava testes de admissão. Se conseguisse o trabalho, queria nunca mais fazer um teste.

— Ruby! Volte aqui! Não encoste!

De repente, o lençol caiu do teto, mostrando Sam sentado no sofá com Holly no colo e Ruby no chão, parecendo culpada e ao mesmo tempo muito empolgada com o que conseguira fazer. O lençol se amontoara em torno dela.

— Foi Batedor — disse Ruby.

— Não foi Batedor! — exclamou Holly. — Foi *you*, Ruby!

— Está bem, está bem — interveio Sam. — Relaxem.

Ele deu de ombros para Clementine, desapontado.

— Fiquei com essa ideia na cabeça, a de simularmos um teste todo domingo de manhã depois do café. Achei que seria divertido e talvez até... ajudasse, mas provavelmente foi besteira, desculpe.

Holly saiu do colo de Sam e puxou o lençol para cima da cabeça. Ruby entrou ali debaixo com ela e as duas cochicharam.

— Não foi besteira — disse Clementine.

Ela pensou em Dean, seu ex-namorado, um contrabaixista que atualmente tocava na Filarmônica de Nova York. Lembrou-se de quando ensaiou na sua frente e ele gritara “*Próximo!*” e apontara para a porta, para indicar que ela não estava tocando à altura, fazendo-a chorar. “Putá merda, essa sua insegurança é um saco”, dizia Dean, bocejando. Putá merda, você era um babaca pretensioso, Dean, e nem era tão bom assim, cara.

— Vou passar o resto da manhã fora com as meninas para você poder ensaiar — avisou Sam.

— Obrigada — disse Clementine.

— Não precisa me agradecer — falou Sam. — Você não tem que se sentir grata. É sério. Tire do rosto essa expressão de gratidão.

Clementine ficou exageradamente inexpressiva, e Sam riu, mas ela de fato se sentia grata e esse era o problema, porque sabia que era o primeiro passo de uma jornada complexa que terminava em ressentimento, um ressentimento irracional porém sincero, e talvez Sam pressentisse isso, portanto estava antecipando sua gratidão. Ele já passara por isso. Sabia como o teste iria afetar a vida deles pelas próximas dez semanas enquanto ela enlouquecia aos poucos por causa do nervosismo e do esforço de arranjar um tempo livre precioso para ensaiar apesar de ter uma vida superocupada. Não importava quanto tempo o pobre Sam lhe desse, nunca seria o bastante, afinal o que ela realmente precisava era que ele e as crianças deixassem de existir por um tempo. Ela precisava passar para uma dimensão em que fosse solteira e sem filhos. Só até o teste. Precisava se mudar para um chalé na montanha (algum lugar com boa acústica), para viver e respirar só música. Caminhar. Meditar. Comer bem. Fazer todos aqueles exercícios de visualização positiva que eram praticados atualmente pelos jovens músicos. Contudo, Clementine tinha uma suspeita terrível de que se de fato fizesse isso, talvez não sentisse tanta falta de Sam e das crianças, ou, caso sentisse, seria totalmente suportável.

— Sei que não fico muito legal quando estou prestes a fazer um teste — disse Clementine.

— Do que está falando? Você é um amor mesmo quando tem um teste pela frente — retrucou Sam.

Ela fingiu dar um soco na barriga dele.

— Cale a boca.

Ele segurou seu pulso e a puxou para um abraço apertado.

— Vamos dar um jeito — disse ele.

Ela sentiu seu cheiro. Tinha tomado banho outra vez com o xampu “Chega de lágrimas” das meninas. Os pelos em seu peito estavam macios e suaves feito os de um pintinho.

— Nós vamos chegar lá.

Ela adorava quando ele dizia “nós”. Sempre fazia isso. Mesmo se estivesse cuidando de alguma reforma na casa, um projeto para o qual ela não contribuía em nada, a não ser ficando fora do caminho, ele examinava o próprio trabalho, limpava o rosto empoeirado e suado e dizia: “Nós estamos chegando lá.”

O altruísmo era algo natural para ele. Ela meio que precisava fingir.

— Você é um homem tão bom, Samuel — disse Clementine.

Essa era uma fala de algum programa de TV que eles tinham visto anos antes e que se tornara sua maneira de dizer “Obrigada, eu amo você”.

— Sou muito bom mesmo — concordou Sam, soltando-a. — Um ótimo homem.

Possivelmente um grande homem.

Ele observou os vultos das meninas se mexendo embaixo do lençol.

— Você viu Holly e Ruby? — perguntou ele em voz alta. — Achei que estivessem bem aqui, mas parece que sumiram.

— Não sei. *Onde* será que elas estão? — indagou Clementine.

— Estamos aqui! — murmurou Ruby.

— Shh!

Holly levava esse tipo de brincadeira muito a sério.

— Então, a que horas é esse chá da tarde na casa da Erika? — perguntou Sam. — E se a gente cancelasse? — Ele pareceu esperançoso. — Assim você teria o dia inteiro para ensaiar.

— Não podemos cancelar — respondeu Clementine. — Erika e Oliver querem... Como foi que ela disse? Ela quer *conversar sobre algo*.

Sam estremeceu.

— Isso é meio sinistro. Não falaram nada sobre “oportunidade de investimento”, certo? Lembra quando Lauren e David nos chamaram para jantar, mas foi tudo uma artimanha para nos convencer a investir na porcaria do negócio de panos ecologicamente corretos deles, ou seja lá o que era aquilo?

— Se Erika e Oliver oferecessem uma oportunidade de investimento, a gente *aceitaria* — falou Clementine. — Com certeza.

— É verdade — disse Sam, franzindo o cenho. — Aposto que querem que a gente se junte a eles em uma “corrida divertida”. — Ele usou as aspas de Holly ao dizer as duas últimas palavras. — Para ajudar alguma instituição de caridade merecedora. E a gente se sentiria obrigado a participar.

— A gente atrasaria muito os dois — disse Clementine.

— É, atrasaríamos mesmo, ou pelo menos você atrasaria. Minha capacidade natural de atleta me ajudaria. — Sam franziu a testa outra vez e coçou a bochecha, pensativo. — Caramba, e se eles quiserem *acampar*? Vão dizer que é bom para as crianças. Deixá-las ao ar livre.

Erika e Oliver escolheram não ter filhos. Porém, por mais que não se interessassem em ter filhos, se interessavam muito, de maneira ativa e um tanto proprietária, em Holly e Ruby. Era quase como se fizesse bem a eles, como se fosse parte de uma abordagem sistemática que assumiam para serem pessoas equilibradas e realizadas: fazemos exercícios regularmente, vamos ao teatro, lemos os romances certos, não só a lista dos finalistas ao prêmio literário Man Booker, mas a lista *estendida*, frequentamos as exposições certas e nos interessamos genuinamente por política internacional, questões sociais e pelas filhas fofas dos nossos amigos.

Isso era injusto. Quase monstruosamente injusto. O interesse deles nas crianças não era só pela aparência, e Clementine sabia que os motivos que os levavam a manter um controle tão rígido e preciso sobre a vida deles nada tinha a ver com competitividade.

— Talvez queiram abrir poupanças para as meninas — disse Sam. Ele considerou a possibilidade e deu de ombros. — Eu poderia viver com isso. Sou homem o bastante.

— Eles não são *tão* ricos assim — falou Clementine, rindo.

— Você não acha que um deles tem uma doença genética rara terrível, acha? — indagou Sam. — Se for isso, imagine só como vou me sentir mal. — Ele estremeceu. — Oliver estava muito magro da última vez em que os vimos.

— Eles emagrecem de tanto correr maratonas. Tenho certeza de que não vai ser um problema, não importa o que seja — falou Clementine, distraída.

Ela estava ligeiramente inquieta em relação àquele dia, mas devia ser por causa do teste, que já estava comprometendo tudo, dissipando um medo persistente pelas próximas dez semanas. Não havia nada a temer. Seria só um chá da tarde em um lindo dia de sol.

CAPÍTULO SEIS

Um rapaz com uma capa de chuva preta molhada e reluzente se equilibrava na beirada da balsa com uma corda grossa enrolada em um dos braços. Sam o observava do seu assento perto da janela da balsa. O rapaz estreitava os olhos sob a chuva torrencial para enxergar o cais que surgia na névoa cinzenta. Seu rosto jovem e sem rugas estava coberto de gotas de chuva. A balsa oscilava sem parar. O ar frio e salgado enchia as narinas de Sam. O rapaz ergueu o laço na ponta da corda e o segurou no alto feito um caubói montado em um cavalo. Ele o lançou, envolvendo o mourão na primeira tentativa. Em seguida pulou da balsa para o cais e puxou com força, como se quisesse arrastar a balsa na sua direção.

O garoto parecia não ter mais de quinze anos, porém, ali estava, lançando sem esforço uma doca de balsa. Ele fez um sinal para o capitão e gritou “Circular Quay!” para os passageiros que aguardavam com guarda-chuva e capa, então puxou o passadiço da balsa até o cais com um som grave e metálico, algo como *blém clang*. Os passageiros correram até a balsa, com os ombros curvados e encolhidos por causa da chuva, enquanto o rapaz se erguia, destemido e com as costas retas.

Está vendo, aquele, sim, era um trabalho bom e honesto. Laçar atracadouros, conduzir trabalhadores para dentro e para fora das balsas. Era só um rapaz, mas parecia um homem, de pé ali na chuva. Ele fazia Sam se sentir fraco e flácido, sentado docilmente, usando uma calça de lã úmida e uma camisa de risca de giz. O rapaz devia odiar a ideia de trabalhar em um escritório. Diria: “De jeito nenhum, eu me sentiria um rato preso numa gaiola.”

Um rato empurrando uma alavanca para conseguir queijo. Como aqueles velhos experimentos. Sam tinha passado o dia anterior sentado feito um rato à escrivaninha, usando o dedo mindinho para apertar a letra *p* no teclado e o polegar para usar o espaço. Fez isso várias vezes, inserindo um espaço entre cada letra *p*, até que na tela não havia nada além de *p p p p p p p p*. Ficou fazendo isso durante uns vinte minutos. Talvez até meia hora. Não sabia direito. Talvez tivesse sido sua maior façanha no trabalho naquele dia. Uma tela repleta de letras *p*.

Ele observou o fluxo de passageiros entrando na balsa, sacudindo os guarda-chuvas, as expressões carrancudas e cansadas antes mesmo de o dia começar. O rapaz provavelmente não fazia ideia de que um trabalhador de terno e gravata podia passar um dia inteiro no escritório sem fazer nada, literalmente porra nenhuma, e ainda assim ser pago por isso.

Sam percebeu que começara a suar frio enquanto pensava em como fazia pouca coisa no trabalho. Tinha que *realizar* alguma coisa naquele dia. Isso não poderia continuar por muito mais tempo. Ele ia perder o emprego se não conseguisse se concentrar. Ainda estava em período de experiência. Podiam demiti-lo sem muita papelada ou estresse. Por enquanto, estava se safando graças à sua equipe. Tinha sob seu comando quatro jovens de vinte e poucos anos que entendiam de tecnologia, que entendiam de tudo, aliás. Todos eram mais inteligentes que ele. Sam não os gerenciava, eles gerenciavam a si mesmos, mas não poderia continuar assim para sempre.

Se Sam tivesse um trabalho mais manual, teria perdido o emprego semanas antes. Pensou em seu pai. Stan, o Cara não se comprometeria com um serviço de encanamento e ficaria parado olhando para o nada, certo? Não podia passar vinte minutos batendo em um cano com uma chave inglesa, distraído. Se Sam tivesse se tornado encanador, teria sido obrigado a se concentrar e sua mente não estaria desenredando aos poucos, ou o que quer que estivesse acontecendo com ele. Não havia uma tia-avó nem outra pessoa na família do pai que sofrera um (voz baixa) “colapso nervoso”? Talvez ele estivesse tendo a mesma coisa. Seus nervos estavam se desintegrando, se esfarelando feito arenito poroso.

A balsa deu uma guinada e voltou pelo porto para levar as pessoas até o trabalho, e, ao observar os companheiros de viagem, Sam percebeu que nunca se sentira um deles. Ele não pertencia ao mundo corporativo. Sempre gostara o suficiente do seu trabalho, era uma maneira relativamente estimulante de pagar as contas, mas houvera momentos, de pé na frente de todos na sala com sua apresentação no PowerPoint, por exemplo, em que tivera a impressão, só por um instante, de que era tudo fingimento, uma cena elaborada, como se ele estivesse apenas fingindo ser o “homem de negócios” com o qual sua mãe sempre sonhara. Não um médico ou um advogado, um *homem de negócios*. Joy não tinha ideia do que um homem de negócios fazia o dia todo, só sabia que ele usava gravata em vez de macacão, suas unhas eram limpas, e que se Sam tirasse boas notas na escola, coisa que ele fizera, então teria como recompensa a vida glamorosa dos negócios. Ele poderia ter insistido para trabalhar no mesmo ramo que o pai e os irmãos — sua mãe não era controladora, apenas uma entusiasta —, mas, em vez disso, por ser adolescente, ele havia concordado apática e sonolentemente com aquilo, sem nunca ter pensado de fato no que queria, no que lhe daria satisfação... E lá estava ele, preso na vida errada, um administrador medianamente bom, fingindo ter interesse pela venda de bebidas energéticas.

E daí? Agente o tranco. Qual era a porcentagem de pessoas naquela balsa que realmente gostava do trabalho? Amar o próprio emprego não era um direito divino. As pessoas viviam dizendo a Clementine: “Você tem muita sorte de fazer o que ama.” E ela não era grata o suficiente por esse privilégio. Às vezes respondia: “É, mas convivo com o

medo de não ser boa o bastante.” Sua neurose com a música sempre o deixara perplexo e incomodado, afinal era só tocar aquela porcaria, mas pela primeira vez ele entendia o que ela queria dizer quando comentava: “Acho que não consigo tocar hoje.” Ele se lembrou mais uma vez da tela do computador repleta de letras *p* e sentiu o pânico aumentar. Não podia se dar ao luxo de perder o emprego, não com a hipoteca que tinham. *Você tem uma família. Uma família para proteger. Seja homem. Controle-se. Você tinha tudo e arriscou pelo quê? Por nada.* Ele olhou pela janela enquanto a balsa passava por uma onda verde-acinzentada coberta de espuma branca e ouviu sua boca emitir um ruído: um som agudo e mortificante de angústia, feito uma criança. Ele tossiu para que as pessoas achassem que tinha sido só um pigarro.

Percebeu que estava recordando a manhã do churrasco. Era como se lembrar de outra pessoa, um amigo, ou alguém que ele vira interpretando o papel de pai em um filme. Certamente fora outra pessoa, não ele próprio, que andara tranquilamente, saltitara por sua casa ensolarada, tão seguro de si e do seu lugar no mundo. O que havia acontecido naquela manhã? Croissants no café. Ele organizara um teste de admissão de brincadeira para Clementine. Não funcionara direito. O que ocorrera depois? Quisera sair com as meninas para que Clementine pudesse ensaiar. Não conseguiram encontrar o sapato de Ruby com a sola que piscava. Será que *tinham* encontrado o maldito sapato desde então?

Se alguém tivesse lhe perguntado naquela manhã o que achava da sua vida, ele teria dito que era feliz. Estava satisfeito com o trabalho novo. Na verdade, estava meio empolgado com o trabalho novo. Ficara todo cheio de si por ter negociado horários flexíveis para que pudesse continuar sendo um pai presente, o que o seu pai nunca conseguira ser, e ficara contente com os elogios que recebera por ser um pai tão envolvido, rindo com compaixão, mas também com prazer, do fato de Clementine nunca receber elogios por ser uma mãe presente.

Podia até estar em dúvida sobre seu papel no mundo corporativo, mas nunca tivera qualquer dúvida sobre seu papel como pai. Clementine sempre dizia que sabia quando Sam estava ao telefone com o pai porque sua voz ficava mais baixa. Ele sabia que era mais provável que contasse ao pai sobre algum projeto pessoal *viril* que fizera em casa do que sobre a promoção que recebera no trabalho, mas não se importava com a expressão confusa do pai quando Clementine dizia que Sam era muito bom (melhor que ela) em prender o cabelo de Holly para o balé, em trocar a fralda de Ruby ou em dar banho nela. Sam tinha total e absoluta segurança de seu papel como marido e pai. Acreditava que o pai não sabia o que havia perdido.

Se na manhã do churrasco alguém tivesse lhe perguntado sobre seus sonhos, ele teria dito que não precisava de muito, mas não se incomodaria em ter uma hipoteca menor, uma casa mais arrumada, outro bebê, de preferência um menino, mas aceitaria outra

menina sem problemas, um barco grande para cacete se possível, e mais sexo. Teria rido na parte do sexo. Ou sorrido, pelo menos. Um sorriso pesaroso.

Talvez o sorriso fosse uma mistura exata de pesar e amargura.

Percebeu que estava sorrindo amargamente, e uma mulher sentada do outro lado olhou para ele e logo desviou os olhos. Sam parou de sorrir e ficou observando suas mãos apoiadas nos joelhos se transformarem em punhos cerrados. Ele se obrigou a abri-las. Pareça normal.

Pegou um jornal que alguém havia deixado no banco ao lado. Era do dia anterior. JÁ CHEGA era a manchete acima de uma foto artística do horizonte urbano chuvoso de Sydney tirada de trás de uma janela. Sam tentou ler a matéria. A Barragem Warragamba poderia romper a qualquer momento. Enchentes relâmpago em todo o estado. Então as frases começaram a pular de um lado para outro, como faziam ultimamente. Talvez ele devesse fazer um exame de vista. Não conseguia mais passar muito tempo lendo sem ficar aflito e ansioso. Erguia os olhos sentindo um terror súbito, como se tivesse perdido algo importante, como se houvesse pegado no sono.

Ergueu os olhos e notou que estava sendo observado pela mulher outra vez.

Putá merda, não estou tentando olhar para você. Não estou tentando dar em cima de você. Amo minha esposa.

Ele ainda amava a esposa?

Visualizou o rosto de Tiffany naquele jardim de luz dourada. *Vamos lá, Músculos.* Aquele sorriso que parecia um carinho. Ele virou o rosto em direção à janela da balsa, como se estivesse desviando o olhar da presença física de Tiffany, não só do pensamento nela, e observou as baías e as enseadas do Porto de Sydney sob um céu cinzento e ameaçador. Tudo estava com uma aparência apocalíptica.

Havia coisas que ele poderia dizer a Clementine. Acusações que gostaria de gritar, mas sabia que iria querer voltar atrás assim que as fizesse, porque ele próprio merecia coisa muito pior. Ainda assim, as acusações pairavam, não na ponta da língua, mas no fundo da garganta, presas feito um pedaço de comida não digerido, de forma que às vezes de fato ele sentia que não conseguia engolir direito.

Hoje ela estava dando mais uma daquelas palestras sem sentido que passara a dar. Na biblioteca de algum subúrbio distante. Com certeza ninguém iria aparecer com aquele tempo. Por que ela fazia isso? Estava recusando apresentações por causa de um trabalho não remunerado. Sam não era capaz de compreender. Como podia *escolher* reviver aquele dia enquanto ele passava as horas tentando com tanto afincado impedir que os lampejos de memórias vergonhosas se repetissem incessantemente em sua cabeça?

— Com licença.

Sam se sobressaltou. Seu braço direito se ergueu violentamente como se quisesse

segurar alguma coisa caindo. Ele gritou:

— Onde?

Uma mulher de capa de chuva bege estava de pé no corredor fixando seus olhos de Bambi arregalados nele, com as mãos entrelaçadas diante do peito em um gesto protetor.

— Desculpe, não quis assustar você.

Sam sentiu uma raiva pura e autêntica. Imaginou-se pulando nela, colocando as mãos em torno de seu pescoço, sacudindo-a como se fosse uma boneca de pano.

— Eu só queria saber se esse jornal é seu. Já acabou de ler?

Ela indicou o jornal com a cabeça.

— Desculpe — respondeu Sam com a voz rouca. — Eu estava distraído.

Com a mão tremendo, ele lhe entregou o jornal.

— Não é meu. Tome.

— Obrigada. Desculpe pelo susto — disse a mulher novamente.

— Não, não.

Ela se afastou. Achou que ele era louco. *Era* louco. À medida que os dias passavam, ia enlouquecendo cada vez mais.

Sam esperou o coração desacelerar.

Virou para a janela outra vez. Viu o terminal internacional de passageiros e lembrou que ele e Clementine deveriam jantar em um restaurante ali naquela noite. Um restaurante chique e caro demais. Ele não queria ir. Não tinha nada a dizer a ela.

Ele pensou que deveriam terminar. Terminar, não, se *separar*. É um casamento, cara, não dá para terminar como se fossem namorados, vocês se separam. Que grande besteira. Ele e Clementine não iam se separar. Estavam bem. Mas havia algo estranhamente sedutor nessa palavra: *separar*. Parecia uma solução. Se ao menos ele conseguisse se separar, se distanciar, se remover, então se sentiria aliviado. Como uma amputação.

De repente ele se levantou. Então se segurou no encosto do assento para se equilibrar com o balanço da balsa, e foi até o lado de fora para ficar de pé no deque vazio. O ar frio e chuvoso estapeava seu rosto feito uma mulher brava, e o rapaz de capa de chuva o encarou sem nenhum interesse, depois desviou lentamente o olhar, como se Sam fosse só mais um detalhe na paisagem cinzenta e monótona.

Sam se segurou na balaustrada escorregadia da balsa. Não queria estar ali, não queria estar em casa. Não queria estar em lugar nenhum, a não ser no passado, naquele jardim grotesco, naquele anoitecer nebuloso, com as luzinhas decorativas brilhando em sua visão periférica enquanto aquela *Tiffany*, uma mulher que não significava nada, absolutamente nada, ria com ele, que não observava as curvas escandalosas do seu corpo de Jessica Rabbit, não estava olhando, mas sabia da existência delas, sabia muito bem da existência delas. “Vamos lá, Músculos”, dissera ela.

Bem aí. Era aí que precisava apertar o botão para pausar.

Só precisava dos cinco minutos depois daquilo. Só mais uma chance. Se pudesse ter apenas mais uma chance, agiria como o homem que sempre acreditara ser.

CAPÍTULO SETE

DIA DO CHURRASCO

— Vamos deixar isso para lá — disse Clementine.

Já era quase uma hora, eles tinham que estar na casa de Erika às três para o chá da tarde, e Sam e as meninas ainda não tinham conseguido sair de casa como prometido para que ela tivesse tempo de ensaiar. Isso não ia acontecer.

— Não — falou Sam. — Não vou ser derrotado por um mísero sapato.

Um dos sapatos novinhos em folha e caríssimos de Ruby, com a sola que piscava, tinha sumido, e por causa de um recente pico de crescimento, eram os únicos que cabiam nela atualmente.

— Como é aquele poema? — perguntou Clementine. — *Por falta de um prego perdeu-se um sapato, por falta de um sapato perdeu-se um cavalo...* E aí mais alguma coisa, até que um reino é perdido.

— O quê? — rosnou Sam.

Ele estava deitado com a barriga no chão, procurando o sapato debaixo do sofá.

— Por falta de um sapato meu teste foi perdido — murmurou Clementine enquanto tirava as almofadas do sofá, encontrando migalhas, moedas, lápis, presilhas de cabelo, um top de ginástica, mas nada do sapato.

— O quê? — repetiu Sam, esticando o braço. — Acho que estou vendo!

Puxou uma meia empoeirada.

— Isso é uma *meia* — disse Holly.

Sam espirrou.

— Sim, eu sei que é uma meia.

Ele se sentou nos calcanhares, massageando os ombros.

— Passamos metade da vida *procurando pertences*. Precisamos de sistemas melhores. Procedimentos. Deve existir um aplicativo para isso. Um que se chame “Cadê minhas coisas?”.

— Sapato! Cadê você? Sapato! — gritou Ruby.

Ela dava passos irregulares, com um sapato só, batendo-o no chão de vez em quando para acender as luzes coloridas.

— Sapatos não têm ouvido, Ruby — falou Holly com desdém.

— Erika diz que precisamos ter uma sapateira perto da porta.

Clementine colocou as almofadas de volta no sofá, usando-as para esconder todo o lixo.

— Ela diz que a gente deveria ensinar as crianças a deixar os sapatos lá assim que entrassem em casa.

— Ela tem razão — disse Sam. — Essa mulher sempre tem razão.

Para alguém que não queria filhos, Erika tinha tanta sabedoria materna que se sentia na obrigação de compartilhar. Não dava para perguntar “E como é que você sabe?”, porque ela sempre citava as fontes. “Li um artigo na *Psychology Today*”, diria ela.

“Parece uma daquelas amigas tóxicas”, dissera Ainsley, uma amiga de Clementine, certa vez. “Você deveria se livrar dela.”

“Ela não é tóxica”, retrucara Clementine. “Você não tem amigos que te irritam?”

Ela achava que todo mundo tinha amigos que davam a impressão de serem obrigações. Sua mãe, por exemplo, exibia uma expressão específica, que surgia quando ela atendia ao telefone, um olhar estoico de “lá vamos nós”, o que significava que era sua amiga Lois na linha.

“Não do jeito que essa mulher incomoda você”, respondera Ainsley.

Clementine nunca, jamais poderia se *livrar* de Erika, nem faria isso. Era madrinha de Holly. O momento, se é que já houvera tal momento, em que poderia ter terminado com a amizade delas já passara havia muito tempo. Não se podia fazer isso com alguém. Será que existiriam palavras para aquilo? Erika ficaria destruída.

De qualquer maneira, nos últimos anos, desde que Erika conhecera e se casara com o adorável e sério Oliver, ficara muito mais fácil administrar a amizade das duas. Por mais que não tivesse gostado da palavra usada por Ainsley, na verdade “tóxica” era uma descrição precisa do que Clementine sentia tantas vezes na presença de Erika: a enorme irritação que lhe demandava muito esforço para combater e esconder, a decepção consigo mesma, porque Erika não era má, cruel nem burra, era apenas irritante, e a reação de Clementine àquilo era totalmente desproporcional, portanto a envergonhava e frustrava. Erika amava Clementine. Faria qualquer coisa por ela. Então por que a enfurecia tanto? Parecia até que era alérgica a ela. Ao longo dos anos aprendera a limitar o tempo que passavam juntas. Como hoje, por exemplo, quando Erika sugerira um almoço, Clementine respondera automaticamente: “Por que não um chá da tarde?” Mais curto. Menos tempo para enlouquecer.

— Papai, posso comer um biscoito, por favor? — pediu Holly.

— Não — respondeu Sam. — Ajude a procurar o sapato da sua irmã.

— Meninas, durante o chá não se esqueçam de dizer “por favor” e “obrigada” para

Erika e Oliver, está bem? — disse Clementine às filhas enquanto procurava o sapato atrás das cortinas. — Em alto e bom som.

Holly ficou indignada.

— Eu *falo* “por favor” e “obrigada”! *Acabei* de falar “por favor” para papai.

— Eu sei — concordou Clementine. — Foi por isso que toquei no assunto. Pensei: “Que educada!”

Se Holly e Ruby se esqueciam alguma vez de dizer “por favor” ou “obrigada”, era sempre com Erika, que tinha o hábito de lembrar enfaticamente as meninas de serem educadas de uma maneira que Clementine achava bastante indelicada. “Eu ouvi um ‘obrigada’?”, dizia Erika logo depois de entregar um copo d’água, com a mão em forma de concha na orelha, e Holly respondia: “Não, não ouviu.” A resposta parecia precoce, mas na realidade ela estava apenas sendo literal como sempre.

Holly tirou os sapatos, subiu no sofá, equilibrou-se de meias, estendendo os braços feito uma paraquedista, e então se jogou de cara nas almofadas.

— Não faça isso, Holly — disse Sam. — Já falei. Você pode se machucar.

— Mamãe me deixa fazer — reclamou Holly.

— Bem, não deveria deixar — retrucou Sam.

Ele olhou para Clementine.

— Você pode quebrar o pescoço. Pode se machucar muito, *muito* feio.

— Calce os sapatos, Holly — ordenou Clementine. — Antes que sumam também.

Às vezes se perguntava como Sam achava que ela conseguia manter as crianças vivas quando ele não estava presente para assinalar todos os riscos e perigos. Ela deixava Holly se jogar daquele jeito no sofá o tempo todo enquanto ele estava no trabalho. Na maior parte do tempo, as meninas eram boas em recordar as regras que valiam quando papai estava em casa, não que as regras diferentes fossem mencionadas em voz alta. Era apenas um jeito implícito de manter a tranquilidade. Ela suspeitava que outras regras sobre legumes e escovação de dentes passavam a valer quando a mamãe não estava em casa.

Holly desceu do sofá e se sentou pesadamente.

— Estou entediada. *Por que* não posso comer um biscoito? Estou *morrendo* de fome.

— Nada de reclamação, por favor — pediu Clementine.

— Mas estou com tanta fome... — disse Holly.

Ruby saiu correndo pelo corredor, berrando:

— SAPATO! CADÊ VOCÊ, QUERIDO SAPATO?

— Preciso de verdade de um biscoito. Só *um* biscoito — insistiu Holly.

— Silêncio! — gritaram Clementine e Sam ao mesmo tempo.

— Vocês dois são muito malvados!

Holly deu meia-volta para sair da sala e bateu o dedo do pé no sofá, que Sam arrastara

para o lado enquanto procurava o sapato. Ela gritou, frustrada.

— Minha nossa!

Clementine se inclinou automaticamente para abraçá-la, se esquecendo de que Holly sempre precisava de um minuto para processar a raiva que sentia do universo antes de aceitar ser reconfortada. Holly inclinou a cabeça para trás, atingindo com força o queixo da mãe.

— Ai!

Clementine tocou o próprio queixo.

— *Holly!*

— Caramba! — exclamou Sam, saindo ruidosamente da sala.

Agora Holly queria um abraço. A menina se jogou nos braços de Clementine, que a abraçou, embora quisesse sacudi-la porque seu queixo estava doendo muito. Ela murmurou palavras de consolo e ninou Holly de um lado para outro enquanto olhava com anseio para o violoncelo, silencioso e digno, apoiado na cadeira do teste de brincadeirinha. Ninguém avisava que ter filhos reduzia você a uma versão menor, rudimentar e primitiva de si mesma, na qual seus talentos, sua formação e suas conquistas não significavam nada.

Clementine se lembrava de quando Erika, aos dezesseis anos, mencionara casualmente que nunca ia querer ter filhos, e ela ficara estranhamente ofendida com aquilo. Ela demorara um tempo para entender os motivos da sua irritação (durante toda a vida sempre tivera os mais diversos e complexos motivos para se irritar com Erika) e acabara se dando conta de que era porque *gostaria de ter pensado em dizer aquilo primeiro*. Era Clementine que devia ser doida, criativa e boêmia. Erika era a conservadora. A que obedecia às regras. A motorista da rodada. Erika sonhava em tirar notas boas o suficiente para conseguir um diploma de bacharel em administração com especialização em contabilidade e finanças. Erika sonhava em ter casa própria, uma carteira de ações e um emprego em uma das seis grandes empresas de contabilidade onde havia a possibilidade de se tornar sócia rapidamente. O sonho de Clementine era estudar no Conservatório de Música, tocar canções extraordinárias e sentir uma *paixão* extraordinária, e então, claro, se estabelecer algum dia e ter filhos com um homem legal, porque, no fim das contas, não era isso que todo mundo queria? Bebês eram fofos. O fato de Clementine nunca ter pensado na possibilidade de escolher não ter filhos parecera indicar uma falha da sua imaginação.

Mas essa era a questão com Erika: ela se recusava a ser rotulada. Quando tinham dezessete anos, Erika passou por uma fase gótica. De todas as pessoas, logo *Erika*. Pintara o cabelo de preto, passava esmalte preto, batom preto, usava munhequeiras e botas de plataforma. “O que foi?”, perguntara ela, na defensiva, na primeira vez em que

Clementine vira seu novo visual. O estilo roqueiro de Erika possibilitava a entrada das duas nas boates bacanas, onde ela ficava parada nos fundos, fazendo cara feia, bebendo água e passando a impressão de estar pensando em coisas muito góticas quando, na verdade, devia estar pensando no dever de casa e nada mais enquanto Clementine se embebedava, dançava e beijava rapazes inadequados, depois chorava durante todo o caminho de volta para casa, porque sabe como é a *vida*.

Hoje em dia Erika usava roupas discretas e pouco marcantes: peças banais, sensatas e confortáveis. Trabalhava em uma grande empresa de contabilidade (atualmente uma das quatro maiores, não das seis) e tinha uma casa impecável de três quartos, provavelmente já quitada, perto de onde as duas haviam crescido. E, é claro, Clementine não se arrependia da sua decisão de ter filhos. Ela amava demais as meninas, claro que sim, só que às vezes lamentava o *timing*. Faria sentido ter esperado para ter filhos depois de terem quitado uma parcela maior da casa e em um momento que sua carreira estivesse mais estabelecida.

Sam queria um terceiro filho, o que era ridículo, impossível. Ela sempre mudava de assunto quando ele mencionava isso. Um terceiro filho seria como esbarrar no fantasma durante o jogo do Pac-Man. Ele não podia estar falando sério. Ela torcia para o marido acabar caindo em si.

Sam apareceu outra vez na soleira da porta e estendeu um pacote de biscoitos para Holly. A menina pulou dos joelhos da mãe, magicamente curada, ao mesmo tempo em que o celular de Clementine, que estava na estante, começou a tocar.

— É Erika — disse ela a Sam ao pegar o aparelho.

— Talvez queira cancelar — sugeriu Sam cheio de esperança.

— Ela nunca cancela — falou Clementine, levando o telefone ao ouvido. — Oi, Erika.

— Sou eu, Erika — disse ela em tom irritadiço, como se Clementine já a tivesse decepcionado.

— Eu sei. Essa tecnologia ultramoderna é fantástica, ela...

— Sim, muito engraçado — interrompeu Erika. — Olhe, sobre hoje... Eu estava voltando do mercado quando esbarrei com Vid. Você se lembra de Vid, o vizinho?

— Claro que lembro. Como eu poderia me esquecer de Vid, o vizinho? — respondeu Clementine. — O grande eletricista. Que se parecia com Tony Soprano. Nós adoramos Vid, o vizinho.

Às vezes Erika despertava esse lado frívolo de Clementine.

— Casado com a Tiffany gostosona. — Ela prolongou a palavra “Tif-fa-ny”. — Sam adora Tiffany, a vizinha.

Ela olhou para o marido a fim de descobrir se ele tinha reconhecido o nome. Sam usou as mãos para indicar a silhueta espetacularmente inesquecível de Tiffany, e Clementine

ergueu o polegar para ele. Só haviam encontrado uma vez os vizinhos de Erika, em um coquetel constrangedor na casa de Erika no Natal passado. Os dois deviam ser dez anos mais velhos que Clementine e Sam, embora parecessem mais novos. Tinham salvado a noite, pelo menos na opinião de Sam e Clementine.

— Bem, enfim... — disse Erika. — Comentei com Vid que vocês vinham aqui hoje e ele convidou todos nós para um churrasco. Eles têm uma filha, Dakota, que deve ter uns dez anos, e ele falou que ela ia adorar brincar com suas filhas.

— Parece ótimo — disse Clementine, notando seu humor melhorar, ascender, até.

Aproximou-se da janela e observou o céu azul reluzente. O dia pareceu subitamente festivo. Um churrasco. Ela não precisaria preparar o jantar naquela noite. Levaria a garrafa de champanhe que Ainsley lhe dera. Arranjaria tempo para ensaiar no dia seguinte. Ela gostava bastante desse aspecto da sua personalidade: como seu humor mudava de melancólico a eufórico só por causa de uma brisa, um sabor, ou uma bela progressão de acordes. Isso significava que ela nunca precisava ficar muito deprimida por estar se sentindo deprimida. “Nossa, você é estranha, parece até drogada”, dissera seu irmão Brian certa vez. Ela nunca se esquecera desse comentário, que a enchera de orgulho. É, sou muito *louca*. Mas na realidade isso devia ser um sinal da sua falta de loucura. Pessoas loucas de verdade estavam ocupadas demais sendo loucas para pensar no assunto.

— Vid meio que me coagiu a aceitar esse churrasco — explicou Erika, estranhamente na defensiva, pois Clementine nunca vira a amiga ser coagida a nada.

— A gente não se importa — falou Clementine. — Gostamos deles. Vai ser divertido.

Ela sorriu enquanto observava Holly dançar valsa pelo cômodo com um biscoito na mão, maravilhada, erguendo-o como se fosse um troféu. Holly herdara o temperamento da mãe, o que não era um problema, a não ser quando o humor das duas não estava em sincronia. Ruby era mais parecida com Sam, pragmática e paciente. No dia anterior, Clementine entrara no quarto delas e encontrara Ruby sentada no chão ao lado de Holly, dando tapinhas delicados em seu ombro enquanto Holly estava deitada de barriga para baixo, prostrada de dor porque seu desenho de urso panda *não parecia um urso panda*. “Tenda di novo!”, dissera Ruby com uma expressão perplexa igualzinha a de Sam, uma expressão que questionava: por que complicar tanto a vida?

— Ok, está bem, que bom. Vai ser divertido, sim — disse Erika.

Ela parecia decepcionada, como se não tivesse realmente se planejado para que o dia fosse *divertido*.

— É só que... Oliver está meio irritado comigo porque aceitei o convite de Vid, afinal, como eu já falei, a gente quer discutir uma... hum... proposta que temos, e ele acha que agora não vamos ter a oportunidade. Eu estava pensando que depois do churrasco

talvez vocês pudessem tomar um café na nossa casa. Se der tempo.

— Claro — respondeu Clementine. — Ou até mesmo antes, se você quiser. Tanto faz. Quanto mistério, Erika. Pode me dar uma dica?

— Ah, bem, na verdade, não.

Ela parecia quase perturbada.

— Então está bem — falou Clementine. — Conversamos sobre esse assunto misterioso depois do churrasco.

— Ou antes — sugeriu Erika. — Você acabou de dizer que...

— Ou antes — concordou Clementine, bem no instante em que Ruby entrou tropeçando na sala com uma pequena galocha cor-de-rosa em cada mão e parecendo muito feliz. — Ah, que menina *esperta*, Ruby, você pode usar suas galochas! Que ótima ideia.

— O que foi que você disse? — indagou Erika, que não suportava quando Clementine falava com as filhas enquanto estava ao telefone com ela. Parecia achar que era falta de modos.

— Nada. Está bem. Vamos conversar *antes* do churrasco.

— Vejo você mais tarde — disse Erika de forma brusca.

Ela desligou daquele seu jeito irritantemente abrupto, como se Clementine fosse sua humilde estagiária.

Não importava. Seria divertido ir a um churrasco com os adoráveis vizinhos de Erika naquele dia ensolarado de inverno. O que poderia ser mais agradável que isso?

CAPÍTULO OITO

A chuva diminuiu um pouco, embora, é claro, não tivesse parado; aquela porcaria nunca iria parar, portanto Tiffany aproveitou a oportunidade para pegar um guarda-chuva e arrastar até a calçada o lixo reciclável, dentro do qual chocalhavam indiscretamente as garrafas de vinho e cerveja da noite anterior.

Tiffany estava pensando em Dakota e no sorriso que recebera dela quando a deixara na escola naquela manhã: um sorriso frio, *educado*, como se Tiffany fosse a mãe de outra pessoa.

Havia algo acontecendo com Dakota. Era uma coisa sutil. Talvez não fosse nada, ou talvez fosse alguma coisa. Não que ela estivesse se comportando mal. Longe disso. Mas estava assustadoramente distante. Como se estivesse dentro de uma bolha de vidro invisível.

Naquela manhã, por exemplo, durante o café, Dakota se sentara à mesa com a coluna ereta, mastigando com elegância sua torrada, o olhar insípido e inexpressivo. “Sim, por favor.” “Não, obrigada.” Por que estava sendo tão educada? Era sinistro! Como se uma estudante de intercâmbio muito educada estivesse hospedada na casa deles. Distúrbio alimentar? Ela ainda estava comendo, porém não com muito entusiasmo.

Tiffany não conseguia descobrir, por mais que tentasse e fizesse todas as perguntas.

— Estou bem — respondia Dakota daquele seu novo jeito mecânico.

— Ela está bem, deixe a menina em paz! — dissera Vid.

Isso fazia Tiffany sentir vontade de gritar. Dakota não estava bem. Tinha dez anos. Uma menina de dez anos não deveria sorrir educadamente para a mãe.

Tiffany estava decidida a quebrar de vez aquela maldita bolha de vidro em torno de Dakota. Mesmo que fosse só imaginação dela.

Já estava quase na rua quando viu Oliver levando o lixo para fora também, embora o dele não chocalhasse tanto quanto o dela.

— Bom dia, Oliver! — cumprimentou. — Como vai? Que chuva horrível, não é?

Merda. Desde o churrasco, toda vez que via os vizinhos, os músculos da sua barriga se tensionavam, como se ela estivesse fazendo abdominal no pilates.

Ela sempre gostara de Oliver. Ele era tão direto e educado, meio nerd, com cabelo preto e óculos, parecendo um Harry Potter adulto. Sua cabeça era muito pequena,

impossível não notar. Nada podia ser feito em relação à sua cabeça de ervilha, mas Tiffany deveria falar para Erika comprar aqueles óculos vintage de armação preta. Só com isso ela o transformaria em um hipster bonitinho. (Vid tinha uma cabeça imensa. Era impossível encontrar um boné que coubesse. Não que ele fosse usar boné algum dia.)

— Como vai, Tiffany? — respondeu Oliver.

Sem fazer barulho, ele colocou o saco de lixo no chão enquanto Tiffany gemia, erguendo o seu para largar no meio-fio.

— Quer ajuda?

— Não, não, pode deixar. É muita gentileza sua oferecer! Vid não oferece! Hunf! Esse é meu exercício do dia!

(Não era. Ela ainda iria à academia mais tarde.)

— O que você está fazendo em casa a uma hora dessas? Está doente?

Ela se posicionou a uma distância mais adequada para a conversa e notou o olhar apavorado de Oliver fixo em seu decote. Ele desviou os olhos desesperadamente para sua testa, como se ela fosse um teste. *É, cara, eu sou um teste, mas toda vez você passa.*

— Na verdade, estou, sim. Ainda me recuperando de uma gripe.

Oliver levou o punho à boca e tossiu.

— Como Erika está? — indagou Tiffany. — Não a tenho visto com muita frequência.

— Está bem — respondeu Oliver depressa, como se fosse uma pergunta pessoal.

Minha nossa, desde o churrasco, toda conversa com Erika e Oliver parecia forçada e difícil, como se ela estivesse falando com um ex-namorado logo depois do término. Um término que fora culpa sua. Um término porque ela havia traído.

— E... hum... não temos visto vocês desde... — continuou ela. — Como *estão* Clementine e Sam?

Oliver tossiu.

— Bem — respondeu.

Franziu o cenho e olhou ao longe, por cima do ombro de Tiffany.

— E como vai...

— Sabe, parece que faz tempo que Harry não tira o lixo — interrompeu Oliver.

Tiffany se virou e observou o espaço vazio na calçada diante da casa de Harry. Ou do Sr. Cuspe, como Dakota o chamava por causa do seu hábito de cuspir, enojado, sempre que algo lhe causava repulsa, como *Dakota*. Às vezes ele olhava para a linda filha de Tiffany e cuspiam, como se bastasse sua existência para ofendê-lo.

— Ele não tira o lixo toda semana — falou Tiffany. — Acho que não acumula muito.

— É, eu sei — disse Oliver. — Mas parece que já faz semanas que não o vejo. Será que devo bater na porta dele?

Tiffany se voltou para Oliver.

— Acho que ele vai gritar com você.

— Acho que sim — concordou Oliver, pesaroso.

Ele era mesmo um cara legal.

— Parece que faz muito tempo que não ouço um monólogo insultante — acrescentou.

Tiffany olhou para a casa dilapidada de dois andares e tijolos vermelhos de Harry. Sempre fora um pouco deprimente observá-la: a tinta descascada nas molduras das janelas, as telhas vermelhas desbotadas precisando de conserto. Jardineiros vinham uma vez por mês aparar a grama e as cercas vivas, por isso não pareciam abandonadas. Mas desde que haviam se mudado, e Harry fora lhes dar as boas-vindas e exigir que dessem um jeito na árvore, era uma casa de aparência triste e solitária.

— Quando foi a última vez que o vi? — perguntou Tiffany.

Ela vasculhou a mente em busca de incidentes desagradáveis. Algumas vezes Harry ficara de pé no jardim e gritara com Dakota, fazendo-a chorar, e por causa disso Tiffany perdera a cabeça e gritara com ele de um jeito que a deixara envergonhada depois. Afinal, era um homem velho e provavelmente sofria de demência, portanto ela deveria ter mais respeito e autocontrole. Qual tinha sido a última coisa que algum deles fizera para aborrecer Harry?

Ela lembrou.

— Você tem razão — disse lentamente a Oliver, com os olhos fixos na casa. — Faz tempo que não o vejo.

Na realidade, ela sabia exatamente quando tinha visto Harry pela última vez. Fora na manhã do churrasco. Aquele pesadelo de churrasco que ela nem quisera oferecer, para início de conversa.

CAPÍTULO NOVE

DIA DO CHURRASCO

Silêncio. O cômodo sempre ficava particularmente silencioso assim que Vid saía. Era como o fim do show de uma banda, quando o silêncio vibra nos ouvidos. Tiffany estava escutando o tique-taque do relógio. Sendo que nunca ouvia o tique-taque do relógio se Vid estivesse no cômodo.

Tiffany estava sentada à mesa da cozinha, lendo os e-mails no laptop e comendo torrada com Vegemite. Vid fora até a rua pegar o jornal, reclamando que todos os dias precisava caçá-lo no jardim e que ia cancelar a entrega.

— Leia na internet, como o resto do mundo — dizia Tiffany toda vez.

Mas, embora Vid costumasse ficar entusiasmado em experimentar coisas novas, ele também era extremamente leal, e sua lealdade a certos hábitos e rituais privados, produtos e pessoas era inabalável.

— Como faz silêncio quando o papai sai, não acha? — perguntou Tiffany a Dakota.

A menina estava deitada de lado no banco comprido sob a bay window, encolhida feito um gato em um retângulo de luz trêmula formado pelo sol da manhã.

Barney, o schnauzer miniatura deles, estava deitado ao lado de Dakota, com o focinho e as patas apoiados no braço dela, os olhos fechados de forma que só dava para ver suas sobrancelhas grandes e peludas. Barney era um cachorro que dormia feito um gato.

Dakota estava lendo, claro. Estava sempre lendo, desaparecendo em mundos onde Tiffany não podia segui-la. Bem, *poderia* segui-la, caso se desse o trabalho de ler um livro, mas ler a deixava inquieta. Suas pernas começavam a se agitar impientemente depois de uma única página. Ver televisão também a deixava inquieta, mas ao menos podia dobrar as roupas lavadas ou pagar contas enquanto fazia isso. Na idade de Dakota, Tiffany jamais teria lido um livro por prazer. Gostava de maquiagens e roupas. Outro dia, Tiffany se oferecera para pintar as unhas de Dakota e a menina dera uma resposta vaga e gentil: “Hum, talvez mais tarde, mãe.” Era seu carma por todas as vezes em que sua mãe fofa e dona de casa sugerira que talvez Tiffany gostaria de ajudá-la a cozinhar e, aparentemente, segundo a lenda da família, ela perguntara: “Você vai me pagar?” Sua mãe dissera que ela sempre fizera muita questão de ser *remunerada*.

Bem, tempo é dinheiro.

— Que silêncio, não acha? — insistiu Tiffany, porque Dakota não respondeu.

— O quê?

— Você quis dizer “pois não”? — sugeriu Tiffany.

Um instante se passou.

— O quê? — repetiu Dakota, virando uma página.

Tiffany bufou.

Abriu um novo e-mail. Era do Saint Anastasias, a escola particular superchique onde Dakota ia estudar no ano seguinte. Tiffany também não conseguiria seguir a filha nesse novo mundo. As três filhas de Vid do primeiro casamento, meias-irmãs mais velhas de Dakota, haviam estudado no Saint Anastasias, o que não era uma propaganda muito boa, na opinião de Tiffany, mas a escola tinha uma reputação excelente (era bom mesmo que tivesse, pelo que cobravam) e desde o jardim de infância Vid queria colocar Dakota lá. Tiffany achara aquilo ridículo, afinal havia uma escolinha pública ótima na rua deles. Combinaram que ela mudaria de escola no quinto ano.

Haveria uma Manhã Informativa em agosto. Dali a dois meses. A presença de todos os alunos e de “ambos os pais” era “obrigatória”. Obrigatória. Ela logo ficou na defensiva por causa do tom intrusivo do e-mail e o fechou depressa. Não iria se encaixar naquele lugar. Sentiu uma grande resistência em comparecer à Manhã Informativa, e até mesmo um pouco de nervosismo. Logo que reconheceu que aquele sentimento era nada mais que medo, ficou indignada consigo mesma. Furiosa. Fechou com força o laptop, recusando-se a pensar no assunto. Era domingo. Dia de folga. Tinha uma longa semana pela frente.

— O livro é bom? — perguntou a Dakota.

— O quê? — respondeu a menina. — Quer dizer, pois não?

— Amo você, Dakota — falou Tiffany.

Longa pausa.

— O quê?

A porta da frente bateu. Havia uma marca na parede onde Vid deixava a porta bater todas as vezes que entrava em casa, como se fizesse um retorno grandioso de uma jornada épica.

— Onde estão, mulheres? — gritou ele.

— Onde você nos deixou, cabeça de amendoim! — respondeu Tiffany.

— Não sou cabeça de amendoim! Por que fica me chamando disso? Nem faz sentido! Olhe, tenho notícias!

Ele entrou sacudindo o jornal enrolado como se fosse um cassetete. Parecia motivado.

— Acabei de convidar os vizinhos para um churrasco. Encontrei Erika na rua.

— Vid, Vid, *Vid*.

Tiffany apoiou a cabeça na mão.

— Por que você faria uma coisa dessas?

Erika e Oliver até eram simpáticos, mas muito tímidos e sérios. Era trabalhoso. Seria melhor convidá-los quando outras pessoas também estivessem presentes, para que pudessem passar a bola quando se cansassem de toda aquela seriedade.

— Você prometeu que teríamos pelo menos um domingo para relaxar — disse ela.

Teria uma semana muito cheia pela frente: uma casa que iria a leilão na terça-feira à noite, uma briga com o conselho local na Assembleia de Terra e Meio Ambiente na quarta, e um pintor, um ladrilhador e um eletricitista (bem, o próprio Vid) esperando que ela tomasse decisões. Precisava de uma folga.

— Do que você está falando? É isso que vamos fazer! Relaxar nesse dia lindo! — protestou Vid, parecendo genuinamente confuso. — O que é mais relaxante que um churrasco? Vou ligar para Drago. Arranjar um porco. Ah, e os amigos deles também vêm. Você se lembra da violoncelista? Clementine. Clementine e o marido. Qual era o nome dele?

— Sam — respondeu Tiffany, animando-se.

Ela gostara de Sam. Ele tinha o visual que ela costumava curtir antes de conhecer Vid: baixinho, louro, peitoral largo de surfista, além de ser engraçado e tranquilo. Só tinham visto o casal uma vez, quando Erika e Oliver haviam oferecido o coquetel de Natal em sua casa no ano anterior. Fora uma noite muito estranha. Vid e Tiffany nunca tinham ido a um coquetel como aquele. Várias pessoas de pé, cochichando, como se estivessem em uma biblioteca ou em uma igreja. Havia uma mulher bebendo *uma xícara de chá*.

— Cadê a comida? — perguntava Vid sem parar, sussurrando alto demais para Tiffany.

Enquanto isso Oliver e Erika pareciam passar muito tempo limpando com pano de prato as bancadas já limpas da cozinha, como se quisessem deixar claro que os convidados estavam fazendo bagunça, mas que eles estavam cuidando de tudo. Fora um grande alívio serem apresentados a Clementine e Sam. Vid, que adorava música clássica, ficara animadíssimo em saber que Clementine era violoncelista, inclusive fora algo quase constrangedor, mas então Tiffany e Sam começaram a conversar sobre política e tiveram um debate agradável. (Ele era um defensor dos fracos e oprimidos, mas ela já perdoara isso.)

— Será que podemos pedir uma pizza? — murmurara Sam em determinado momento.

Vid caíra na gargalhada, mas depois todos tiveram que impedi-lo de pegar o celular e realmente pedir uma pizza.

Clementine encontrara uma barra de chocolate no fundo da bolsa e discretamente a dividira entre os quatro enquanto Erika e Oliver, coitados, estavam ocupados polindo as

bancadas. Parecia que todos tinham naufragado em uma ilha deserta e faziam o possível para sobreviver.

— Eles têm duas filhinhas — comentou Vid.

— Lembro que disseram que tinham filhas pequenas — falou Tiffany. — Com nomezinhos fofos.

— Não me lembro dos *nomes* — afirmou Vid. — Enfim, Dakota pode brincar com elas, sabe. Não é, Dakota?

Ele olhou esperançosamente para a filha.

— Hum, gente, tem alguém na porta — disse a menina, sem desviar os olhos do livro.

Barney, de olhos arregalados, ergueu a cabeça do braço dela e, em seguida, pulou no chão, onde correu em círculos, latindo com alegria.

Barney gostava de visitas quase tanto quanto Vid.

Tinha alguém batendo sem parar na porta da frente, ignorando a campainha.

— Você não os convidou para vir aqui agora mesmo, convidou? — indagou Tiffany. — Quietos, Barney. Convidou ou não, Vid?

Ele estava na despensa, pegando ingredientes.

— Claro que não — respondeu, distraído, embora fosse perfeitamente capaz de fazer algo do tipo.

Tiffany foi abrir a porta enquanto Barney, animado, corria em zigue-zague à sua frente, quase fazendo-a tropeçar. Ela notou Harry, o velho que morava na casa ao lado, de pé na varanda, fuzilando-a com o olhar, como sempre, vestindo sua roupa habitual: calça social velha e cinza (de seu antigo uniforme de trabalho, talvez) e camisa social branca com um colarinho um pouco amarelado. Tufos de pelos brancos escapavam do primeiro botão da camisa. Ele tinha sobrancelhas brancas peludas exatamente como as de Barney.

— Oi, Harry — cumprimentou Tiffany, dando o sorriso mais simpático que conseguiu, enquanto pensava: *E o que foi que nós fizemos para ofender você hoje, meu amigo idoso?* — Como vai?

— Isso não para de acontecer! — gritou ele. — É inaceitável!

E lhe entregou uma carta endereçada a Vid.

— Já falei com você sobre isso. Não quero receber sua correspondência. Não tenho obrigação de entregar. Não tem nada a ver comigo.

— É o carteiro, Harry — justificou Tiffany. — Ele colocou sem querer na caixa de correio errada. Acontece.

— Mas não é a primeira vez! — exclamou Harry com agressividade.

— É, acho que já aconteceu outra vez — disse Tiffany.

— Bem, você precisa dar um jeito nisso! Por acaso é *burra*? Isso não é minha responsabilidade!

— Está bem, Harry.

— Harry, camarada!

Vid surgiu no corredor, enfiando algumas uvas roxas na boca.

— Quer participar de um churrasco mais tarde? Vamos receber Erika e Oliver! Os moradores do número sete, sabe.

Harry piscou para Vid. Depois enfiou a mão dentro da camisa e coçou.

— O quê? Não, eu não quero participar de *churrasco* nenhum.

— Ah, que pena — falou Vid, envolvendo Tiffany com o braço. — Quem sabe da próxima vez. Mas, Harry, sabe, não quero mais ouvir você chamar minha esposa de “burra”. Está bem, Harry? Isso não é legal. Não é nada gentil.

Harry os observou com os olhos castanhos lacrimejantes.

— Não quero mais nenhuma carta sua — resmungou ele. — Não é minha responsabilidade. *Vocês* têm que assumir a *responsabilidade*.

— Assumimos nossa responsabilidade — disse Vid. — Não se preocupe com isso.

— E tire esse cachorro de perto de mim! — exclamou Harry quando Barney, fascinado, foi cheirar seu sapato.

O cachorro ergueu a cabeça peluda como se estivesse magoado.

— Venha, Barney.

Vid estalou os dedos para chamá-lo.

— Você sabe que estamos sempre aqui se precisar de nós, Harry — disse Tiffany.

De repente ele exibiu uma aparência de cortar o coração, como se fosse uma criança confusa.

— O quê? — Harry estava chocado. — Por que eu precisaria de *vocês*? Só quero que deixem suas malditas cartas longe da minha caixa de correio.

Ele se afastou arrastando os pés, com os ombros curvados, balançando a cabeça e resmungando.

Vid fechou a porta. Harry já fora esquecido.

— Certo — disse. — Estou com vontade de cozinhar? Sim, estou com vontade de cozinhar! Vou fazer strudel? O que você acha? Strudel? Sim. Strudel com certeza.

CAPÍTULO DEZ

Erika estava de volta ao conforto seco do seu escritório. Retornar de táxi da biblioteca onde Clementine se apresentara tinha custado mais caro do que ir até lá. Acabara de gastar cento e trinta e quatro dólares. Não conseguia entender seu processo de tomar decisões. Ouvir Clementine falar certamente não preencheria nenhuma das lacunas de sua memória, apenas despertara diversos sentimentos incômodos, e depois tivera que lidar com os telefonemas do marido e da mãe durante o caminho de volta no táxi. Mal podia esperar para se concentrar em alguma tarefa complexa. Isso iria clarear sua mente quase tão bem quanto uma corrida árdua com inúmeras subidas. Ainda bem que ela não tinha um trabalho como o de Clementine, no qual era necessário usar as próprias emoções. Trabalho devia ser algo livre de emoção. Essa era a alegria do trabalho.

Ela ouviu os recados na caixa postal enquanto observava a chuva cair do lado de fora da espessa janela de vidro. O clima não tinha qualquer relevância para quem estava protegido em um quarteirão de arranha-céus. Era como se estivesse chovendo em outra dimensão.

Enquanto dava uma olhada nos e-mails, seu celular tocou e Erika viu que era Oliver ligando outra vez. Fazia menos de meia hora que falara com ele. Certamente não estava telefonando para perguntar de novo se ela conversara com Clementine, não é? Devia ter um bom motivo.

— Desculpe atrapalhar você de novo — falou depressa. — Vou ser rápido. Eu só queria saber se você tem visto Harry por aqui.

— Harry? — indagou Erika enquanto abria um e-mail. — Quem é Harry?

— *Harry!* — exclamou Oliver, impaciente. — O vizinho que mora ao nosso lado!

Pelo amor de Deus. Harry não era exatamente um amigo. Mal conheciam o velho, que, na realidade, nem morava ao lado deles, mas do outro lado da casa de Vid e Tiffany.

— Não sei — respondeu Erika. — Acho que não. Por quê?

— Eu estava conversando com Tiffany enquanto tirava o lixo — explicou Oliver.

Parou para assoar o nariz, e Erika, com a mão no mouse, ficou tensa diante da menção de Tiffany. Desde o churrasco ela não queria ter nenhum contato com Tiffany e Vid. De qualquer forma, nunca haviam sido amigos de fato. Era só por questão de proximidade. Tiffany e Vid gostavam muito mais de Clementine e Sam do que deles. Se naquele dia Erika não tivesse mencionado a amiga, se houvesse dito que tinham o dia livre pela frente,

será que mesmo assim Vid os teria chamado para um churrasco na casa dele? Improvável.

— Enfim, comentei com ela que fazia tempo que eu não via Harry — disse Oliver. — Decidimos ir juntos dar uma olhada na caixa de correio dele, que está bem cheia. Então pegamos a correspondência e batemos na porta, mas ninguém atendeu. Tentei espiar pela janela, mas não sei, estou com a sensação de que tem alguma coisa errada. Tiffany vai ligar para Vid agora e perguntar se ele sabe de algo.

— Está bem — disse Erika, sem interesse em nada daquilo. — Vai ver ele viajou.

— Acho que Harry não sai de *férias* — retrucou Oliver. — Quando foi a última vez que você o viu?

— Não faço ideia — respondeu Erika, sentindo que aquilo era perda de tempo. — Faz tempo.

— Será que eu deveria ligar para a polícia? — sugeriu Oliver, inquieto. — Quer dizer, não quero constranger Harry caso esteja tudo bem, nem chamar a polícia à toa, mas...

— Ele deve ter uma chave reserva — disse Erika. — Deve ter uma embaixo de um vaso de plantas ou em algum lugar perto da porta.

— Como você sabe? — indagou Oliver.

— Sabendo — disse Erika. — Ele é dessa geração.

A avó de Erika sempre deixava uma chave embaixo do vaso de gerânios perto da porta enquanto sua mãe jamais correria o risco de passar pelo horror de ter alguém entrando sem permissão em sua casa. Por isso sempre trancava as fechaduras duplas da porta. Para proteger o que havia de “ah tão precioso” na casa.

— Certo — disse Oliver. — Boa ideia. Vou tentar isso.

Ele desligou de repente, e Erika largou o telefone, percebendo que estava involuntária e irritantemente distraída, pensando no vizinho idoso. *Quando* fora a última vez em que o vira? Ele devia ter reclamado de alguma coisa com ela. Não gostava que ninguém estacionasse em frente a sua casa, e *sempre* reclamava de Vid e Tiffany: o barulho (gostavam de receber pessoas; ele já ligara mais de uma vez para a polícia), o cachorro (Harry dizia que ele cavava buracos em seu jardim e prestara uma queixa oficial ao conselho), o aspecto geral da casa (parecia o maldito Taj Mahal). Ele parecia odiar genuinamente Tiffany e Vid, e até mesmo Dakota, mas tolerava Erika, e parecia gostar bastante de Oliver.

Ela ficou de pé e se aproximou da janela. Algumas pessoas, como seu sócio, não suportavam chegar perto das janelas daquele prédio, pois tinham sido construídas de maneira que dava a impressão de que a pessoa estava de pé na beira de um penhasco. Mas Erika gostava do frio na barriga que sentia ao observar as ruas lá embaixo, o trânsito formado por um emaranhado de carros naquele dia chuvoso.

Harry. A última vez que se lembrava de tê-lo visto fora na manhã do churrasco, quando

ela saía com pressa para comprar mais biscoitos. Ficara preocupada com as sementes de gergelim. Ao seguir de carro pela rua, ela olhara pelo retrovisor e se deparara com Harry gritando com o cachorro de Vid e Tiffany. Ele dera um chute agressivo, mas Erika tivera certeza de que não chegara a encostar no cachorrinho. Só havia feito aquilo para causar efeito. Vid saía na varanda, provavelmente para chamar o cão. Isso tinha sido tudo o que ela vira.

Erika não tinha problema nenhum com a rabugice de Harry. Rabugice tomava menos tempo e era menos cansativa do que jovialidade. Harry nunca queria conversar por muito tempo. Ela ficou imaginando se acontecera algo com ele, se ficara doente, talvez, ou se estava bem e o pobre e responsável Oliver iria ouvir poucas e boas por ter interferido.

Um relâmpago iluminou o horizonte da cidade feito um fogo de artifício, e Erika pensou na aparência que teria para alguém lá embaixo na rua se por acaso a pessoa erguesse os olhos para o céu chuvoso naquele exato instante e se deparasse com seu vulto solitário iluminado na janela.

A imagem trouxe uma lembrança... talvez, sim, era possível... com as mãos encostadas no vidro, o rosto sem traços a não ser pelo vestígio de uma boca, uma boca aberta... Mas então a lembrança sumiu e se partiu em mil pedacinhos. Era possível que naquele dia ela tivesse feito algo irreparável e catastrófico com a *química do seu cérebro*?

Em seguida virou-se de costas para a janela e foi correndo até a escrivaninha para abrir uma planilha, qualquer planilha, desde que fizesse sentido, que tivesse lógica. Enquanto os números tranquilizadores enchiam a tela do computador, ela pegou o telefone e ligou para sua psicóloga, dizendo com delicadeza para a secretária, como se não importasse:

— Por acaso vocês tiveram algum cancelamento para amanhã? — Pouco depois mudou de ideia e implorou: — Por favor.

CAPÍTULO ONZE

Oliver largou o telefone depois de falar com Erika e assoou o nariz com força. Pegou seu guarda-chuva. Perambular por aí sob uma chuva torrencial por causa de vizinhos idosos não era a melhor coisa para sua saúde, mas ele não podia adiar aquilo por nem mais um minuto.

Oliver tinha um pressentimento horrível sobre o que estava acontecendo. Lembrava-se de ter visto Harry pela última vez na véspera do churrasco, antes que houvesse qualquer plano de churrasco, antes que Erika o surpreendesse, quando a ideia era apenas tomar chá da tarde com Clementine, Sam e as meninas, *conforme combinado*.

No sábado à tarde, Harry se aproximara para conversar e dera algumas dicas a Oliver sobre a maneira correta de segurar o cortador de grama. Algumas pessoas não gostavam de receber conselhos não solicitados, mas Oliver sempre ficava feliz em aprender com a experiência dos outros. Harry reclamara do cachorro de Vid e Tiffany. Aparentemente, os latidos não o deixavam dormir à noite. Oliver não acreditara muito naquilo. Afinal, Barney era um cachorro tão pequeno... Harry avisara que ia ligar para a polícia, ou talvez para o conselho local, mas francamente Oliver não dera muita importância. Harry estava sempre formalizando suas queixas por meio de qualquer órgão oficial que encontrasse. Prestar queixa era um passatempo para ele. Todo mundo precisa ter um interesse quando se aposenta.

Isso já fazia dois meses, e Oliver não se lembrava de ter visto Harry desde então.

Abriu a porta e se sobressaltou ao ver Tiffany ali, inclinando para trás o guarda-chuva apoiado nos ombros, de pé na varanda e com a mão erguida como se estivesse prestes a bater à porta.

— Desculpe — disse ela. — Sei que você está doente, mas não paro de pensar em Harry. Acho que a gente deve tentar entrar na casa dele. Ou ligar para a polícia. Vid também não se lembra de ter visto ele nas últimas semanas.

— Erika também não — contou Oliver. — Eu estava indo para lá.

De repente ele ficou agitado. Era como se cada minuto importasse.

— Vamos.

O vento ficou mais forte.

— Meu Deus, essa chuva.

Os dois seguraram os guarda-chuvas como se fossem escudos antitumulto e se curvaram atrás deles, correndo pelo gramado até chegarem à varanda da casa de Harry.

Tiffany largou o guarda-chuva encharcado e começou a bater o punho cerrado na porta.

— Harry! — gritou ela mais alto que o ruído da chuva. Havia certo pânico em sua voz.

— Harry! Somos nós! Os vizinhos!

Oliver ergueu um vaso pesado de arenito. Não tinha nenhuma chave ali embaixo. Havia muitos vasos velhos de plástico verde de má qualidade com plantas mortas e terra seca esfarelada. Harry certamente não guardaria uma chave embaixo de um deles, ou guardaria? Mas, quando Oliver levantou o primeiro vaso, lá estava: uma pequena chave dourada. Harry, meu camarada, pensou Oliver, isso não é muito seguro.

— Tiffany.

Oliver pegou a chave para mostrar a ela.

— Ah! — exclamou Tiffany.

Ela se afastou enquanto Oliver se aproximava da porta e enfiava a chave na fechadura.

— Talvez ele esteja viajando — disse ela, trêmula. — Visitando a família.

Mas os dois sabiam que ele não tinha viajado.

— Harry! — chamou Oliver ao abrir a porta.

— Ai, meu Deus, não, não, não — disse Tiffany imediatamente.

O cheiro demorou uma fração de segundo a mais para penetrar nas narinas entupidas de Oliver, e então foi como se ele tivesse dado de cara com um muro. Um muro de cheiro. Um cheiro adocicado e podre. Parecia que alguém tinha jorrado perfume barato em um pedaço de carne estragada. Seu estômago se revirou. Ele olhou para Tiffany e se lembrou do dia do churrasco, de como em momentos de crise o rosto das pessoas conseguia ficar essencial e universalmente humano: todos aqueles rótulos como “lindo”, “sexy” e “sem graça” eram irrelevantes.

— Merda — disse ela com tristeza.

Oliver empurrou a porta até abri-la totalmente e entrou no cômodo pouco iluminado. Nunca havia entrado ali. Só tinha interagido com Harry em jardins. No jardim de Harry. No jardim da própria casa.

Havia uma única luz acesa no teto. Ele viu um corredor comprido com um tapete vermelho surpreendentemente bonito que sumia na escuridão. E uma escadaria com um corrimão curvado de madeira.

Tinha um grande objeto desconhecido caído ao pé da escada, e é claro que ele já sabia que era o corpo de Harry, sabia que acontecera exatamente o que ele temia, porém, ainda assim, ficou olhando fixamente por alguns segundos, tentando entender, como se fosse

uma daquelas imagens complicadas de ilusão de ótica. Simplesmente não parecia possível que Harry, aquele sujeito rabugento, que gostava de bater os pés e cuspir no chão, tivesse se tornado aquela coisa horrorosa e inchada, enegrecida e silenciosa.

Oliver assimilou certas coisas: as meias de Harry não combinavam. Uma preta. Outra cinza. Seus óculos haviam afundado no rosto como se tivessem sido empurrados por mãos invisíveis numa pele mole e sem resistência. Seu cabelo branco ainda estava impecavelmente penteado, como sempre. Um pequeno enxame de moscas zumbia, atarefado.

O estômago de Oliver se revirou. Ele deu um passo para trás com as pernas trêmulas e fechou a porta com força enquanto Tiffany vomitava no vaso de areito. E continuava chovendo sem parar.

CAPÍTULO DOZE

DIA DO CHURRASCO

Dakota teve um vislumbre de movimento pela visão periférica. Olhou pela janela e observou Barney correndo pelo gramado. A porta se abriu de uma vez e ela ouviu o pai gritar:

— Não aguento mais esse homem! Tiffany! Cadê você? Ele ultrapassou os limites! Há limites, Tiffany, limites! E dessa vez esse cara foi longe demais!

Ela ouviu a mãe em algum outro cômodo da casa gritar:

— O quê?

Pois não, pensou Dakota.

— Dakota! Cadê sua mãe? Cadê você?

A menina estava exatamente no mesmo lugar onde passara a manhã inteira. Lendo o livro perto da janela, mas é claro que o pai não reparava nesses detalhes.

A casa era tão grande que nunca conseguiam se achar lá dentro. “A gente precisa de um mapa para andar aqui”, dizia a tia de Dakota toda vez que os visitava, por mais que já tivesse estado ali milhões de vezes e não precisasse de mapa nenhum. Inclusive, sabia exatamente onde guardar as coisas nos armários da cozinha, melhor do que Dakota.

A menina não respondeu ao pai. Sua mãe dissera que ela podia terminar o capítulo antes de ajudá-la a arrumar a casa para as visitas. (Como se receber visitas fosse uma escolha *sua*.) Ela ergueu os olhos, cogitando, porque na verdade já tinha começado um novo capítulo. Fixou os olhos de volta no livro e bastou o simples vislumbre das palavras para que ela fosse atraída de novo. Era como uma sensação física agradável, como se literalmente estivesse caindo, voltando de uma só vez ao mundo dos *Jogos Vorazes*, em que Dakota era Katniss, forte, poderosa e cheia de talentos, além de muito bonita. Tinha certeza de que seria como Katniss e se sacrificaria nos Jogos pela irmãzinha fofa, caso tivesse uma. Não que *quisesse* uma (a irmã de sua amiga Ashling estava sempre por perto, e a pobre garota nunca conseguia se livrar dela), mas se Dakota tivesse uma irmã mais nova, certamente morreria por ela.

— Cadê você, Dakota? — perguntou sua mãe.

— Aqui — sussurrou a garota, virando a página. — Estou bem aqui.

CAPÍTULO TREZE

— Harry morreu — disse Oliver, quase no mesmo instante em que Erika chegou do trabalho e largou a pasta e o guarda-chuva.

Ela tocou o próprio pescoço. Gotas de chuva congelantes escorriam por suas costas. Oliver estava sentado no sofá, cercado por um pequeno amontoado de lenços de papel amassados e usados.

— Sério? — indagou Erika. Ela estava focada nos lenços de papel. — O que houve?

Ver os lenços acelerara seu batimento cardíaco. Uma resposta visceral a um trauma de infância. Perfeitamente natural. Respirou fundo três vezes. Ela precisava se livrar daqueles lenços.

— Tiffany e eu encontramos o corpo — falou Oliver enquanto Erika corria até o armário embaixo da pia da cozinha em busca de um saco plástico.

— Onde? — perguntou ela, recolhendo os lenços. — Na casa dele?

Ela deu um nó firme e satisfatório nas alças do saco plástico e o levou até a lixeira, jogando-o lá dentro.

— É — respondeu Oliver. — Você tinha razão sobre a chave. Havia uma debaixo de um vaso.

— Então ele estava... morto? — perguntou Erika perto da pia enquanto lavava as mãos.

Ela lavava as mãos de tal forma que as pessoas sempre lhe perguntavam se já havia trabalhado em algum hospital. Quando estava em público, tentava ser menos rigorosa, mas como estava em casa com Oliver podia esfregar e esfregar sem se preocupar que alguém fosse diagnosticá-la com TOC. Oliver nunca julgava.

— Estava, Erika — confirmou Oliver, parecendo irritado. — Bem morto. E já morreu há algum tempo. Semanas, eu diria. — Sua voz falhou.

— Ah, entendi. Ah, caramba.

Erika se virou, ainda apoiada na pia. Oliver estava muito pálido. Com as mãos frouxamente apoiadas nos joelhos, sentado com a coluna ereta, os pés plantados no chão, feito uma criança no auge de um remorso terrível, sentada diante da sala do diretor da escola.

Ela respirou fundo. Seu marido estava atordoado. Extremamente atordoado, pelo visto,

então era provável que quisesse e precisasse “se abrir”. Pessoas com infâncias disfuncionais como a dela não tinham as melhores habilidades interpessoais no que dizia respeito a relacionamentos. Bem, isso era um fato. Ninguém lhe mostrara um exemplo de relação saudável. Tampouco mostraram a Oliver um modelo de relação saudável. Os dois tinham em comum infâncias disfuncionais. Por isso Erika já havia investido quase seis mil dólares em terapia da melhor qualidade. Os ciclos de disfunção e doença mental não precisavam passar de uma geração para outra. Bastava a pessoa se educar.

Então Erika se sentou ao lado de Oliver no sofá e, com sua linguagem corporal, indicou que estava pronta para ouvir. Fez contato visual. Tocou no antebraço dele. Passaria desinfetante nas mãos quando terminassem de conversar. Ela não queria pegar aquele resfriado horrível de jeito nenhum.

— Ele estava...

Ela não queria saber as respostas de nenhuma das perguntas que sabia que deveria fazer.

— Ele estava... o quê, na cama?

Ela imaginou um cadáver com um sorriso maníaco sentado na cama, ereto, uma das mãos apodrecidas apoiada na coberta.

— Estava na beira da escada. Assim que abri a porta, nós sentimos o cheiro.

Oliver estremeceu.

— Meu Deus — disse ela.

Erika tinha problemas com cheiros. Oliver sempre ria de como ela dava um pulo para trás ao jogar fora o lixo, só para não sentir o cheiro.

— Olhei por um segundo, então eu, eu... Bem, eu bati a porta e nós ligamos para a polícia.

— Que horror — respondeu Erika de forma mecânica. — Que terrível para você.

Ela sentiu a própria resistência. Não queria ouvir sobre aquilo, não queria que ele *dividisse* aquela experiência com ela. Queria que ele parasse de falar. Queria conversar sobre o jantar. Queria se acalmar depois do dia que tivera. Não comera nada no almoço e ficara até tarde no trabalho para compensar o tempo que perdera na apresentação de Clementine, então estava morrendo de fome, mas é óbvio que quando seu marido diz que encontrou um cadáver não dá para reagir perguntando: “Que tal um macarrão?” Não. Ela teria que esperar ao menos meia hora antes de falar sobre a janta.

— A polícia disse que ele deve ter caído da escada — contou Oliver. — Eu fico pensando, fico pensando...

Ele emitiu estranhos ruídos nasais. Erika disfarçou sua irritação. Ele estava prestes a espirrar. E cada espirro era uma performance. Ela aguardou. Não. Ele não ia espirrar. Estava tentando não chorar.

Erika recuou. Não podia se juntar a ele. Caso se permitisse ficar triste e culpada por

Harry, de quem nem ao menos *gostava*, quem sabe o que poderia acontecer. Seria como abrir uma garrafa de champanhe que sacudiram com força. Suas emoções explodiriam para tudo quanto era lado. Uma bagunça. Ela precisava de organização.

“Preciso de organização”, dissera à sua psicóloga.

“Claro que você precisa de organização”, respondera a mulher. “Você anseia por isso. É perfeitamente compreensível.”

Sua psicóloga era a melhor pessoa que ela conhecia.

Oliver tirou os óculos e secou os olhos.

— Eu fico pensando: e se ele caiu da escada, e, sem conseguir se mexer, ficou pedindo ajuda sem parar, mas ninguém ouviu? Todos nós seguimos em frente com nossa rotina enquanto Harry morria de fome... E se foi isso o que aconteceu? Somos como aqueles vizinhos que vemos na TV, por isso não paro de pensar que não notamos. Como pudemos não nos importar? E daí se ele era um pouco rabugento?

— Bem, você sabe que Vid e Tiffany são vizinhos de porta dele — falou Erika.

Ela não queria imaginar Harry caído no chão. O sol nascendo e se pondo. Ele ouvindo os ruídos da vizinhança: cortadores de grama, caminhões de lixo, o soprador de folhas que tanto odiava.

— Eu sei. Tiffany também está muito abalada. Mas quer saber de uma coisa? A pessoa de quem ele mais gostava na rua provavelmente era *eu*. Ele me tolerava, pelo menos. Quer dizer, já conversamos de forma civilizada algumas vezes.

— Eu sei — disse Erika. — Como aquela vez em que vocês dois ficaram muito bravos por causa de um carro abandonado na frente da casa dos Richardson.

— Eu deveria ter percebido que ele não estava saindo de casa — continuou Oliver. Pegou um lenço na caixa e de novo assoou ruidosamente o nariz. — Uma semana atrás, mais ou menos, cheguei a pensar que fazia tempo que eu não o via, mas depois esqueci.

— Ele não deve ter morrido de *fome* — refletiu Erika. — Provavelmente foi falta de água que o matou. Desidratação.

— Erika! — exclamou Oliver, contorcendo-se.

Ele largou o lenço de papel amassado ao seu lado no sofá e pegou mais um na caixa.

— O que foi? Só estou dizendo que ele não ficou *semanas* caído lá. — Ela fez uma pausa. — Ele deveria ter usado um daqueles monitoramentos de emergência em torno do pescoço.

— Bem, ele não usava — falou Oliver bruscamente.

Assoou o nariz outra vez.

— E suponho que ele não tivesse família — disse Erika. — Nem amigos.

Porque era um velho babaca, desagradável e rancoroso. Ela não ia permitir que Oliver a arrastasse para o pântano de culpa em que ele estava afundando. Deixaria Tiffany afundar

junto. Erika já convivia com a sombra permanente da culpa.

— Imagino que não — disse Oliver. — Ou, se tinha, nunca vimos lhe fazerem uma visita. Por isso era nosso dever ficar de olho nele. São essas pessoas que acabam sendo negligenciadas pela sociedade. Quer dizer, como formamos uma comunidade, temos a obrigação moral de...

O telefone fixo tocou e Erika se levantou com um pulo, como se tivesse acabado de ganhar um prêmio.

— Eu atendo. — Pegou o telefone. — Alô?

— Erika, querida. É Pam.

Aquela voz gentil, articulada. A voz do bom senso e dos bons modos.

— Pam — disse Erika. — Oi.

Ela sentiu um abrandamento instantâneo e uma sensação de formigamento por causa das lágrimas iminentes. Sempre sentia isso ao falar com a mãe de Clementine. Aquela velha veneração infantil, a sensação vertiginosa e gloriosa de alívio, como se tivesse sido resgatada em alto-mar.

— Estou cuidando das meninas de Clementine e Sam — falou Pam. — Eles acabaram de sair. Vão jantar naquele restaurante novo do terminal internacional de passageiros que está sendo muito elogiado. Fiz a reserva para eles. Tem três chapéus de chef. Ou cinco? Não sei. Um número impressionante de chapéus, o que indica que é muito premiado. Espero que estejam se divertindo o máximo possível, mas eu gostaria que não estivesse chovendo. Enfim, vamos torcer. Estão precisando disso, coitados. Para ser sincera, estou preocupada com o casamento deles. Eu não deveria comentar, eu sei, mas, bem, você é a melhor amiga dela, então deve saber mais do que eu sobre o assunto.

— É, bem, não sei direito — respondeu Erika.

Na realidade, Erika não fazia ideia de quais eram os problemas do casamento de Clementine. Pam certamente sabia que ela mesma criara o rótulo de “melhores amigas”, e durante todos esses anos Erika se agarrara a esse rótulo enquanto Clementine apenas o tolerava.

— Enfim, Erika, querida, sei que logo mais vamos nos ver no jantar especial na minha casa, e mal posso esperar por isso, mas, escute, liguei para você porque...

Erika notou a hesitação na voz de Pam e cerrou o maxilar.

— Bem, eu tive que ir à Flower Power hoje, o que significa que passei de carro pela casa da sua mãe — continuou Pam. — Não parei. — Ela fez uma pausa. — Talvez eu devesse ter feito isso, mas sua mãe realmente passou a me odiar nos últimos anos, não é? — Ela não aguardou uma resposta. — Erika, sei que você só a visita em datas marcadas e acho que é uma ideia muito sensata para sua saúde mental, mas talvez você precise adiantar a visita desse mês.

Erika inspirou fundo e soltou o ar, como se enchesse um balão. Olhou para Oliver. Ele fechara os olhos e inclinara a cabeça para trás, encostando-a no sofá, com uma das mãos apoiada na testa.

— É grave? — perguntou ela a Pam.

— Infelizmente é bem grave, querida. Bem grave.

CAPÍTULO QUATORZE

— Como foi a sua, hum... sua coisa na biblioteca, hoje? Sua, hum... Como você chama? Seu discurso? — perguntou Sam com uma voz abafada, como se a pergunta estivesse sendo arrancada dele à força.

— Foi bom... — começou Clementine.

— Tinha muita gente? — interrompeu Sam. Ele tamborilou os dedos na toalha de mesa de linho branco e analisou fervorosamente o restaurante, como se precisasse de algo ou de alguém. — Quantas, você diria? Vinte? Trinta?

— Menos de vinte — respondeu Clementine. — Uma delas era Erika. — Ela aguardou uma reação e, como não houve nenhuma, acrescentou: — Não entendi direito por que ela *quis* ir.

— Bem, Erika é sua maior fã — disse Sam com um sorriso discreto.

Era meio que uma piada. O fato de ele estar fazendo uma piada encheu Clementine de esperanças sobre aquela noite. Sam fora o primeiro namorado que entendera imediata e instintivamente as complexidades da sua amizade com Erika. Ele nunca reagira com impaciência ou incompreensão, nunca dissera: “Não entendo, se você não gosta dela, não ande com ela!” Simplesmente aceitara Erika como parte do pacote de Clementine, como se fosse uma irmã difícil.

— É verdade — disse Clementine, rindo alto demais. — Mas ela foi embora no meio.

Sam não disse nada. Apenas olhou à direita da cabeça dela, como se houvesse algo interessante acontecendo lá atrás.

— Como foi o trabalho hoje? — indagou ela.

— Bem — respondeu Sam com frieza. — A mesma coisa de sempre.

(“Seu casamento está sendo testado, querida, mas o melhor vem depois do pior! Perdão e comunicação são a única saída!”, dissera a mãe de Clementine, com um tom de voz dramático e entusiasmado, como se estivesse transmitindo conselhos sábios e importante antes que a filha partisse para uma jornada épica. As duas estavam de pé na entrada da casa aguardando Sam, que escolhera justamente aquele momento para se sentar ao computador e responder a um e-mail que, pelo visto, era sobre uma questão de vida ou morte, enquanto o ruído alto e desagradável de algum filme chato de princesa vinha da televisão. Pam tinha feito um ajuste minúsculo e desnecessário na alça do vestido de Clementine.

“Vocês dois precisam *conversar*! Resolver isso! Dizer o que estão sentindo!”)

— Então, como está funcionando a “visão do futuro da cultura corporativa” para você?
— perguntou Clementine.

Antigamente, ela poderia ter dito as mesmas palavras e ele cairia na gargalhada, mas hoje em dia notava o rancor na própria voz. Dois instrumentistas podiam tocar as mesmas notas e soar totalmente diferentes. Entonação é tudo.

— Está funcionando muito bem para mim.

Sam a observou com algo semelhante a ódio. Clementine olhou para baixo. Às vezes, ao encará-lo, tinha a impressão de que em seu peito havia uma cobra adormecida e toda enroscada; uma cobra que algum dia despertaria sibilando e atacaria com consequências inimagináveis e imperdoáveis.

Ela mudou de assunto:

— Tenho que admitir que não gosto tanto assim de fazer esses discursos — confessou.

Sempre ficava muito nervosa, mas era uma ansiedade totalmente diferente da que sentia antes de uma apresentação ou mesmo de um teste de admissão. A plateia sempre aplaudia, mas era um aplauso fraco, e ela costumava sentir uma pontinha de reprovação.

Olhou pela imensa janela de vidro coberta de gotas de chuva que mostrava uma imagem turva de cartão-postal do Porto de Sydney, incluindo as velas brancas da Opera House, onde ela se apresentara duas noites antes.

— Eu meio que odeio.

Ela olhou de novo para Sam. Ele exibia uma expressão de irritação profunda. Quase estremeceu.

— Então pare — disse. — Pare de uma vez. Por que continua fazendo isso? Está obcecada! Já está ocupada demais. Deveria estar se preparando para o seu teste. Você vai *fazer* o teste, pelo menos?

— Claro que vou fazer o teste! — exclamou Clementine.

Por que as pessoas ficavam lhe perguntando isso?

— Acordo todos os dias às cinco da manhã para ensaiar!

Como ele podia não saber disso? Ela sabia que ele não estava dormindo bem. Às vezes acordava no meio da noite e ouvia os passos de Sam no corredor ou o som abafado da televisão lá embaixo.

— Você tem me escutado?

— Acho que devo ter escutado, sim — falou Sam, incomodado. — Só não juntei uma coisa com a outra... Não me dei conta de que você estava ensaiando.

O que ele achava que ela estava fazendo? Será que o som do violoncelo era só um barulho de fundo irrelevante para ele? Ou não se importava a ponto de querer saber?

Ela manteve o mau humor longe da voz.

— E hoje fui até a casa de Ainsley para ensaiar na frente dela e de Hu.

— Ah — disse Sam. Ele pareceu genuinamente surpreso. — Bem, que ótimo, acho. Como foi?

— Bom. Foi bom.

Não tinha sido nada bom. Fora estranho e horrível. Hu e Ainsley haviam discutido veementemente sobre o desempenho dela já no primeiro movimento do concerto.

“Maravilhoso!”, dissera Hu assim que ela terminara. “Bravo. Contratem essa moça.”

Ele olhou cheio de expectativa para a esposa, mas Ainsley não estava sorrindo.

“Bem”, dissera ela, desconfortável. “Está claro que você vem ensaiando muito. Foi tecnicamente perfeito. Mas... Não sei, não pareceu você tocando. Se eu estivesse atrás da tela, nunca imaginaria que era você.”

“E daí?”, dissera Hu.

“Foi *muito* exato. Cada nota precisamente onde deveria estar. Eu acharia que é um prodígio arrogante de vinte anos saindo do conservatório.”

“Repito: e daí? Se ela tocar assim, certamente passará para a próxima fase”, retrucara Hu. “Eu aprovaria, com certeza. Você também. Sei que sim.”

“Talvez, mas acho que ela não passaria da segunda fase. Havia algo quase... Não me leve a mal, Clementine, mas havia algo quase *robótico* na sua apresentação.”

“Como ela pode não levar a mal?”, indagara Hu.

“Estamos aqui para sermos sinceros”, justificara Ainsley. “Não gentis.” Em seguida ela olhara para Clementine e perguntara subitamente: “Tem certeza de que ainda quer o trabalho? Depois... de tudo?”

“Claro que ela ainda quer”, intrometera-se Hu. “Qual é o seu problema?”

Então o telefone fixo deles havia tocado e Clementine não tivera a oportunidade de responder àquela pergunta tão franca.

— Como Ainsley e Hu estão? — indagou Sam.

Ela estava *vendo* o esforço dele para fazer uma pergunta banal. Era como observá-lo fazendo uma flexão de braço.

— Faz tempo que não vejo os dois.

Mas ele estava tentando, portanto ela também iria tentar.

— Bem. Estão bem. Ah, contei ao Hu que você me fez correr sem sair do lugar antes de um ensaio e ele disse que tinha um professor que o obrigava a fazer isso!

Sam a observou monotonamente. Parecia que outra pessoa prendera os lençóis no teto várias semanas antes e gritara: “Corra, soldado, corra!” Ela continuou:

— O professor também costumava mandar que ele acordasse para ensaiar no meio da noite, quando ainda estava meio adormecido, e que tocasse depois de beber um pouco... Falando nisso... Ah, que bom, tem alguém vindo.

Um jovem garçom se aproximou da mesa e parou longe demais.

— Gostariam de saber os pratos do dia?

Ele se empertigou com o heroísmo de alguém que se prepara para fazer algo perigoso.

— Sim, mas na verdade a gente queria saber sobre nossas bebidas. Pedimos duas taças de vinho... hum, há algum tempo.

Há uma eternidade.

Clementine tentou suavizar suas palavras com um sorriso. O garçom era dolorosamente jovem e parecia faminto. Seria perfeito para interpretar o papel de um menino de rua em *Os miseráveis*.

— Ainda não trouxeram as bebidas?

O garçom exibia uma expressão alarmada, como se nunca tivesse escutado um absurdo daqueles.

Clementine fez um gesto em direção à mesa para indicar que não havia nenhuma bebida ali. Apenas os celulares dos dois posicionados em ângulos precisos diante deles, prontos para serem atendidos em caso de crise, porque era assim que viviam: preparados para uma crise.

— Talvez tenham esquecido — supôs Clementine.

— É, talvez — disse o garçom.

Ele olhou temerosamente por cima do ombro para o bar, onde uma linda garçonete de ar sonhador secava taças de vinho.

— Pode ver o que aconteceu? — pediu Clementine.

Pelo amor de Deus. Por que aquele restaurante requintado estava contratando crianças? Crianças famintas. Alimentem o garoto e o mandem de volta para casa.

— Claro, certo, eram duas taças do...

— Do Shiraz Pepper Tree — disse Clementine.

Ouviu um tom agudo de megera em sua voz.

— Certo. Hum... Devo dizer os pratos do dia primeiro?

— Não — respondeu Clementine.

E Sam disse ao mesmo tempo:

— Sim, camarada. — Sorriu para o garçom. — Vamos ouvir os pratos do dia.

Ele sempre roubava o papel de bonzinho.

O garçom respirou fundo, cruzou as mãos como se fizesse parte de um coral e recitou:

— De entrada, temos confit de salmão com coentro, laranja e hortelã.

Ele parou de falar. Seus lábios se moveram silenciosamente. Clementine tocou a ponta do dedo na tela do celular, que se acendeu. Nenhuma ligação. Estava tudo bem.

Sam se remexeu na cadeira e acenou para encorajar o garçom, como se dissesse “você

consegue”, como se fosse um pai carinhoso na plateia de um recital de poesia.

Enquanto observava o marido — a exasperante *bondade* dele —, Clementine sentiu uma inesperada pontada de amor, como uma nota musical pura e perfeita. Um mi bemol macio feito veludo. Mas, assim que notou o sentimento, ele passou, e ela sentiu apenas a irritação formigando conforme o garçom recitava pausadamente a lista mais longa de pratos do dia da história dos restaurantes chiques.

— Presunto cru com pepperoni, não, espere, pepperoni, não, presunto cru e, hum... presunto cru e...

Ele inclinou o corpo para a frente e observou os próprios sapatos, comprimindo os lábios. Clementine e Sam se entreolharam. Antes ela precisaria apenas arregalar minimamente os olhos para que Sam perdesse a compostura e, em seu desespero para não magoar o garçom, ficasse corado enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas de alegria.

Mas hoje em dia apenas se olhavam com firmeza e então desviavam os olhos, como se leviandade não combinasse com as novas regras da vida que seguiam com tanto cuidado, em que verificavam e depois verificavam de novo, em que sabiam que não deviam relaxar, nem mesmo por um instante.

O garçom seguiu seu caminho tortuoso, e Clementine se distraiu tocando o trecho de Brahms em sua mente, colocando o antebraço debaixo da toalha de mesa e fingindo que era o braço do violoncelo. Brahms tinha muitas frases pequenas e conectadas em uma linha extensa. Era preciso ter aquela linda sensação lírica. Será que Ainsley tinha razão? Ela estava focando demais na perfeição técnica? “Se você se concentrar na música, os problemas técnicos costumam se resolver sozinhos”, era o que Marianne dizia, mas Clementine tinha começado a achar que levava aquele conselho muito a sério em todos os aspectos da vida. Precisava estar focada, ser *disciplinada*, limpar a casa o tempo todo, pagar as contas antes da data do vencimento, seguir as regras e amadurecer, cacete!

— ...com um *parfait* de carne e queijo de cabra!

O garçom terminou o recital com a mesma euforia de um cantor em um coral natalino, quando chega ao refrão: *Noite feliz! Noite feliz!*

— Tudo parece delicioso — disse Sam.

— Querem que eu repita alguma coisa? — indagou o garçom.

— De jeito nenhum — respondeu Sam, e Clementine quase caiu na gargalhada.

Ele sempre fora bom em fazer piadas secas e diretas.

— Certo. Então vocês podem pensar, e enquanto isso vou dar uma olhada no...

O garçom olhou para Clementine.

— Shiraz — completou ela. — Shiraz Pepper Tree.

— Pode deixar.

O garçom estalou os dedos, confiante e aliviado depois de já ter recitado os pratos do

dia.

— Então — disse Sam, depois que o garçom se foi.

— Então — repetiu Clementine.

— O que você vai comer?

Sam ergueu o cardápio diante do rosto como se fosse um jornal.

— Não sei — respondeu Clementine pegando um cardápio também. — Tudo parece bom.

Ela precisava fazer uma piada. Uma piada sobre o garçom. Sobre os pratos do dia. A ausência de bebidas. Ou sobre a garota atrás do bar que não parava de limpar taças, distraída. Havia muitas opções. Por um instante, ela teve a impressão de que tudo dependia daquilo. Se ao menos conseguisse fazer a piada certa naquele instante, salvaria a noite, salvaria seu casamento. Quem sabe alguma coisa sobre a postura budista da moça no trabalho? Limpando taças de vinho como um jeito de meditar? Se ao menos ela pudesse servir as bebidas como forma de meditação... Minha nossa, em que momento ela se tornou o tipo de pessoa que ensaia comentários irreverentes antes de fazê-los?

Alguém riu no restaurante. Era a risada de um homem. Uma risada grave, especificamente de barítono.

Clementine ficou desapontada. Sam desviou o olhar do cardápio.

Vid, não. Não ali. Não naquela noite.

CAPÍTULO QUINZE

Lá estava a risada outra vez. Inapropriadamente alta para aquele lugar acarpetado.

Clementine virou a cabeça para ver os três homens entrando no restaurante. Todos tinham uma semelhança superficial com Vid: cabeças grandes e pontudas, ombros largos, barrigas protuberantes e o jeito europeu de andar, não exatamente rebolando.

Mas nenhum deles era Vid.

Clementine suspirou. O homem riu de novo, porém sem o tom e a gravidade específica da risada de Vid.

Ela voltou a olhar para Sam. Ele fechara o cardápio e o apoiara no peito.

— Achei que fosse Vid — disse ele. — A risada era idêntica.

— Pois é — concordou Clementine. — Também achei.

— Nossa. Eu não queria que ele estivesse aqui.

Sam pegou o cardápio e o deixou na mesa. Depois levou a mão à clavícula.

— Achei que ia infartar.

— Pois é — disse Clementine novamente. — Eu também.

Sam se inclinou para a frente, com os cotovelos na mesa.

— Eu me lembrei de tudo de uma vez. — Ele parecia à beira das lágrimas. — Só de ver o rosto dele iria...

— Shiraz Margaret River!

O jovem garçom mostrou triunfantemente a garrafa, como se fosse um prêmio.

Era o vinho errado, mas Clementine não suportaria ver a decepção no rosto dele.

— Isso! — exclamou em tom de encorajamento.

O garçom serviu taças generosas, com uma das mãos nas costas. Gotinhas vermelhas mancharam a toalha de mesa perfeitamente branca. Talvez fosse mais seguro se ele usasse ambas as mãos.

— Estão prontos para fazer os pedidos? — indagou o garçom com um sorriso radiante e corado por causa do seu êxito.

— Só mais alguns minutos — respondeu Clementine.

— Claro! Pode deixar!

O garçom se afastou. Sam ergueu a taça. Sua mão tremia.

— Um dia desses achei que tinha visto Vid na plateia da sinfonia — comentou

Clementine. — Fiquei em choque e me esqueci de tocar. Ainda bem que minha dupla era Ainsley.

Sam tomou um grande gole de vinho e limpou os lábios com o dorso da mão.

— Então você não *queria* encontrar com ele? — indagou bruscamente.

— Bem, é claro que eu não queria encontrar com ele. Teria sido...

Clementine não conseguiu achar a palavra certa. Ergueu sua taça. Não havia tremor em sua mão. Ela aprendera a controlar o braço trêmulo do violoncelo sem o uso de betabloqueadores, mesmo enquanto seu coração batia acelerado com o pavor atroz de estar no palco.

Sam resmungou. Abriu novamente o cardápio, mas dava para perceber que não o lia de verdade. Estava ocupado demais se recompondo, suavizando a expressão, voltando a ser meigo.

Ela não suportava aquilo. Queria que ele perdesse a compostura outra vez.

— Se bem que, na verdade, outro dia Erika mencionou que Vid está louco para *nos* ver — disse Clementine.

Ela não queria mais uma conversa genérica sobre a vista, o cardápio e o clima. Uma conversa feito música de elevador.

Sam olhou para a esposa, mas estava inexpressivo, os olhos parecendo duas janelas fechadas. Clementine aguardou. Houve aquela breve pausa estranha antes que ele respondesse. Parecia uma falha técnica. Pelo visto ela era a única pessoa a ter notado que ultimamente o *timing* de Sam estava sempre errado quando ele falava.

— Bem, tenho certeza de que vamos esbarrar com ele por aí em algum momento — disse Sam. Seus olhos se voltaram para o cardápio. — Acho que vou pedir o risoto de frango.

Ela não estava suportando.

— Na verdade, a palavra que Erika usou foi “desesperado” — disse ela.

Sam contorceu a boca.

— É, bem, ele deve estar desesperado para ver você.

— Quer dizer, é inevitável esbarrar com eles de novo, não é?

— Não vejo motivo — disse Sam.

— Nem quando formos visitar Erika e Oliver? Não temos como não passar outra vez pela rua deles.

Mas talvez aquela fosse exatamente a intenção de Sam. Talvez também fosse a intenção dela. Ainda podiam encontrar Erika e Oliver sem ter que chegar perto da casa deles. Bastaria encontrar a desculpa certa e se esquivar com habilidade dos convites de Erika. De qualquer maneira, nunca ficavam muito entusiasmados com esses convites.

Ela se lembrou da primeira vez em que vira a casa nova de Erika e Oliver.

“Fomos um pouco ofuscados pelos vizinhos”, dissera Erika, fazendo uma careta indecisa para a mansão que mais parecia um castelo com tantos detalhes e floreios.

Parecia especialmente exagerada se comparada a casinha inofensiva cor de creme de Erika e Oliver: uma construção segura e sem personalidade que era tão *elas*. Ah, mas já não podiam rir dos dois desse jeito, não é? A relação deles mudara totalmente naquele dia. O poder trocara de mãos. Clementine e Sam nunca mais poderiam fazer as piadas superiores de “somos tão mente aberta e eles tão fechados”.

Sam colocou cuidadosamente o cardápio na beirada da mesa. Depois reajustou a posição do celular.

— Vamos conversar sobre alguma coisa mais agradável — disse ele, dando o mesmo sorriso cortês de um desconhecido.

— Quer dizer, não foi culpa deles — falou ela.

Sua voz estava repleta de emoções inadequadas. Ela viu que ele se retesou. E que corou ainda mais.

— Vamos conversar sobre outra coisa — insistiu Sam. — O que você vai comer?

— Na verdade, não estou com muita fome — disse Clementine.

— Que bom — falou Sam. — Eu também não. — Parecia estar ali a negócios. — Vamos embora, então?

Clementine deixou o cardápio em cima do dele e ajustou os cantos.

— Está bem.

Ela ergueu a taça.

— Acho que a noite romântica já era.

— Pois é, a noite romântica já era — concordou Sam com desdém.

Clementine o observou girar o vinho na taça. Será que ele a odiava? Será que a odiava de verdade?

Ela desviou os olhos de Sam, focando-os na paisagem chique e chuvosa. Deixou seu olhar seguir a água agitada até o horizonte. Não dava para ouvir a chuva ali de dentro. Luzes brilhavam e piscavam nos arranha-céus. Romântico. Se pelo menos ela tivesse feito a piada certa. Se aquele maldito homem não tivesse rido como Vid.

— Às vezes você pensa... — começou ela lentamente, sem olhar para Sam, mantendo os olhos fixos em um veleiro que inclinava para o lado enquanto o vento soprava furiosamente as velas.

Quem escolheria velejar com aquele clima?

— E se simplesmente não tivéssemos ido? E se uma das meninas tivesse ficado doente, ou se eu tivesse precisado trabalhar, ou se você tivesse precisado trabalhar? Enfim, qualquer coisa que nos fizesse faltar o churrasco... Você pensa nisso?

Ela manteve os olhos fixos no maluco do veleiro.

Houve um silêncio longo demais.

Ela queria que ele dissesse: Claro que penso nisso. Todos os dias, aliás.

— Mas nós fomos — falou Sam, com segurança e frieza. Não iria cogitar nenhuma outra possibilidade para a vida deles a não ser a que estavam vivendo. — Nós fomos, não é?

CAPÍTULO DEZESSEIS

DIA DO CHURRASCO

Erika verificou a hora. Clementine e Sam estavam dez minutos atrasados, mas isso era normal para eles, pois pareciam achar que até trinta minutos de atraso era aceitável.

Ao longo dos anos, Oliver passara a aceitar essas demoras e não pedia mais que Erika telefonasse para saber se tinham sofrido algum acidente. Naquele instante, ele estava andando de um lado para outro no corredor e ocasionalmente fazia um barulho insuportável, usando os dentes superiores para sugar o lábio inferior.

Erika entrou no banheiro, trancou a porta, verificou três vezes que estava realmente fechada e pegou uma cartela de comprimidos no fundo do armário. Não que ela estivesse *escondendo* de Oliver. Estavam bem ali no armário do banheiro para que ele visse se quisesse, e Oliver entenderia que ela precisava de um calmante. O problema era só a paranoia dele em relação a tudo que entrava em seu corpo: álcool, remédios, comidas fora do prazo de validade. (Erika compartilhava dessa obsessão com prazos de validade. Segundo Clementine, Sam os tratava como meras *sugestões*.)

A psicóloga lhe receitara aquele medicamento para os dias em que sentisse que seus sintomas de ansiedade (batimento cardíaco acelerado, mãos trêmulas, uma sensação avassaladora de pânico e perigo iminente etc., etc.) seriam difíceis de controlar.

“Experimente. Comece bem devagar”, dissera a psicóloga. “Pode até acabar percebendo que um quarto de comprimido já basta para ajudar você.”

Ela pegou um comprimido na cartela e tentou quebrá-lo ao meio com a unha do polegar. Havia uma marcação no meio do comprimido, como se fosse para quebrar ali, mas estava malfeita. Era impossível quebrá-lo ao meio. Seu calmante estava tirando sua tranquilidade. Havia uma piada nada engraçada nisso.

Erika só pretendia usar o medicamento quando fosse visitar a mãe. Estava nervosa com a conversa que teria naquele dia com Clementine, claro, mas era a ansiedade de uma pessoa normal, que qualquer um sentiria numa situação parecida.

Porém, isso mudou quando ela entrou pela porta depois de conversar com Vid na calçada e encontrou o marido olhando-a com total incredulidade, e um espanador de pena pendurado de forma inacreditável ao seu lado. (Clementine não acreditara que tivessem

um espanador de pena. “Cadê seu espanador de pena?”, perguntara Erika certa vez ao fazer uma visita, e Clementine chorara de rir, provocando em Erika aquela sensação familiar de humilhação doentia. Espanadores de pena eram engraçados. Quem diria? *Como* poderia saber? Não eram bastante úteis?)

“Por que você faria uma coisa dessas?”, indagara Oliver. “Por que aceitaria ir a um *churrasco* na casa dos vizinhos logo hoje? Já planejamos tudo! Estamos planejando há *semanas*!”

Ele não gritava quando ficava bravo. Nem mesmo aumentava o tom de voz. Falava no mesmo tom educado de incredulidade que usaria ao ligar para o provedor de internet e reclamar de algo “inaceitável”. Seus olhos estavam ligeiramente vermelhos e brilhavam por trás dos óculos. Ela não gostava dele quando ficava bravo, mas talvez ninguém gostasse do cônjuge bravo e, portanto, aquilo fosse normal. “Erika, você precisa tirar da cabeça essa ideia de que existe uma forma objetiva de medir a normalidade”, era o que sua psicóloga sempre lhe dizia. “Essa pessoa ‘normal’ a quem você se refere não existe!”

“Você está *sabotando* isso de propósito?”, perguntara Oliver, ficando alterado de repente, como se tivesse descoberto algo, errado uma conta, ou como se houvesse acabado de perceber que estava sendo cobrado duas vezes pelo provedor de internet.

“Claro que não!”, respondera ela, indignada com a insinuação.

Oliver tentara convencê-la a ir imediatamente até a casa ao lado e dizer a Vid que, no fim das contas, não poderiam ir ao *churrasco*. Dissera que ele mesmo faria isso. Aproximara-se da porta, mas ela segurara seu braço para impedi-lo, e os dois ficaram nessa disputa por alguns segundos, e ele chegara a arrastá-la pela cozinha enquanto tentava andar. Aquilo era deselegante e impróprio, e não era típico deles. Às vezes Clementine e Sam fingiam disputar daquela maneira em público, o que sempre deixava Erika e Oliver rígidos de constrangimento. Os dois se orgulhavam de *não* se comportarem daquele jeito. Por isso Oliver parara e erguera as mãos, em sinal de rendição.

“Está bem”, dissera. “Vamos deixar para lá. Conversamos com Clementine e Sam outro dia. Vamos nos divertir no *churrasco* e pronto.”

“De jeito nenhum. Vamos falar com eles. Vai ser melhor assim”, retrucara Erika. “Fazemos a pergunta. Colocamos para fora. Dizemos que eles não precisam dar uma resposta imediata, e depois, pronto, vamos para o *churrasco*. Isso dá um ponto final à história, senão íamos ficar presos em uma conversa constrangedora.”

Eles iam chegar a qualquer instante. Estava tudo pronto. A mesa de atividades para as crianças. O prato de biscoitos e as pastinhas.

Mas o coração de Erika estava tão acelerado quanto um carro de corrida e suas mãos tremiam incontrolavelmente.

Ela xingou o pequeno comprimido estúpido que se recusava a quebrar.

A campainha tocou. O som teve o efeito de um chute rápido e violento em sua barriga. O ar escapou de seus pulmões. O comprimido caiu de seus dedos atrapalhados.

“Medo de campainha”, dissera sua psicóloga, quase com satisfação, porque Erika se encaixava em todos os requisitos. “É muito comum. Claro que você tem medo de campainha, porque passou a infância com medo de descobertas.”

Erika se agachou, encostando os joelhos nos azulejos frios e duros do banheiro. O chão estava limpo. O comprimido amarelo tinha ido parar no meio de um dos azulejos. Ela o apertou com a ponta do dedo e o observou. A campainha tocou novamente. Ela pôs o comprimido inteiro na língua e engoliu.

Tudo dependia da conversa que estava prestes a ter. Pelo amor de Deus, claro que estava ansiosa. Sentia a respiração ofegante, inspirando breve e rapidamente, por isso levou a mão à barriga e inspirou fundo, como sua psicóloga havia lhe ensinado (infe a barriga, não o peito), depois saiu do banheiro e seguiu pelo corredor enquanto Clementine, Sam, Holly e Ruby entravam pela porta da frente, uma confusão de barulhos, movimentos e diferentes fragrâncias, como se fossem dez pessoas, não apenas quatro.

— Trouxe uma garrafa de champanhe que podemos levar para a casa dos vizinhos.

Clementine ergueu a garrafa enquanto Erika a cumprimentava com um beijo na bochecha.

— Mas eu não trouxe nada para vocês. É falta de educação? Ah, espere aí, eu trouxe aquele livro que tinha prometido a você, Oliver.

Ela vasculhou a grande bolsa listrada em busca do livro.

— Derramei chocolate quente nele, desculpe, mas apesar das manchas achocolatadas ainda dá para ler. Você está bem, Erika? Parece um pouco pálida.

— Estou ótima — respondeu Erika, tensa. — Oi, meninas.

As garotas estavam vestindo tutus de balé, calças leggings e casacos com capuz. Tinham asas de fadas com purpurina amarradas nas costas com um complexo sistema de elástico semelhante a um coldre. As duas precisavam pentear o cabelo e lavar o rosto. (Elas têm tempo para colocar asas de fada, mas não para se limpar rapidamente no banheiro!) Só de olhar para elas Erika sentia a mesma dor de quando assistia a uma apresentação de Clementine.

— Holly, cumprimente Erika. E não resmungue — disse Clementine.

Parecia que Erika era uma tia idosa que exigia bons modos.

— Olhe nos olhos dela e diga “oi”. Pode dar um abraço em Erika, Ruby? Ah, você também, Holly. Muito bem.

Erika se abaixou e as duas meninas passaram os braços em torno do pescoço dela. Tinham cheiro de manteiga de amendoim e chocolate.

Ruby, com o polegar na boca, ergueu o batedor de cozinha em expectativa.

— Olá, Batedor — disse Erika. — Como vai?

Com o polegar na boca, Ruby abriu um sorriso em torno do dedo. Por mais que sempre fosse educada com Batedor, Erika achava que Clementine e Sam não deviam encorajar a personificação de um objeto, ou o forte apego de Ruby por ele. Achava que sua psicóloga concordava, embora ela fosse irritantemente ambígua sobre essa questão.

Erika notou que Holly estava carregando no ombro a bolsinha de lantejoulas azul-elétrica que ela lhe dera de Natal dois anos atrás. A expressão de alegria de Holly ao abrir o presente e ver aquela bolsa fizera o rosto de Erika se contorcer com um sentimento tão forte que ela tivera que desviar depressa os olhos.

Atualmente Holly usava a bolsa para carregar sua coleção cada vez maior de pedras. Erika se preocupava um pouco com essa coleção, porque parecia prestes a se tornar um comportamento obsessivo e era evidente que poderia levar aos mais diversos problemas, mas sua psicóloga insistira veementemente que a coleção de pedras de Holly não era motivo de preocupação, mas algo normal, e dissera que não seria uma boa ideia aconselhar Clementine a ficar de olho, porém mesmo assim Erika dissera para Clementine ficar de olho e a amiga prometera que o faria, com aquela expressão condescendente e bondosa que exibia às vezes, como se Erika sofresse de demência.

Oliver se abaixou perto de Holly.

— Encontrei isso outro dia — disse ele, erguendo uma pedra azul, oval e plana. — Alguns pedacinhos brilham.

Ele indicou com a ponta do dedo.

— Achei que você ia gostar.

Erika prendeu a respiração. Em primeiro lugar, por que Oliver estava *encorajando* a coleção de pedras de Holly se ela já compartilhara sua preocupação com ele? E, em segundo, sobretudo, será que Holly estava prestes a esnobá-lo daquele jeito sincero e cruel das crianças? Clementine dissera a Erika que Holly gostava de encontrar as pedras sozinha (a maioria parecia pedras velhas e sujas comuns em jardins) e perdera totalmente o entusiasmo quando o pai fofo de Clementine tentara transformar o interesse de Holly em uma oportunidade de aprendizado, dando-lhe uma pedra preciosa com um cartão que continha informações sobre as propriedades geológicas.

Holly pegou a pedra e a analisou com os olhos semicerrados.

— É uma boa pedra — declarou ela, abrindo a bolsa e acrescentando-a à coleção.

Erika soltou o ar.

Oliver ficou de pé e puxou as pernas da calça, feliz da vida.

— Como se diz? — falou Clementine.

Ao mesmo tempo, Holly dizia:

— Obrigada, Oliver.

A menina lançou um olhar maligno para a mãe.

— Eu *estava* dizendo obrigada.

Clementine deveria ter dado uma oportunidade a Holly antes de se manifestar.

Erika bateu palmas e disse:

— Preparei uma mesa de atividades para vocês duas.

— Que boa ideia, não é, meninas?! — exclamou Clementine com uma falsa alegria, como se na verdade Erika tivesse sugerido algo totalmente inadequado e entediante para crianças, feito crochê.

— Você viu o jogo ontem à noite? — indagou Sam a Oliver.

— Claro que vi — respondeu Oliver, parecendo que estava finalmente prestes a fazer uma prova para a qual vinha estudando com afinco.

Na verdade, ele tinha assistido ao jogo na noite anterior especificamente para poder responder à pergunta de Sam, como se fingir interesse em esporte pudesse afetar o resultado do dia.

Sam pareceu feliz. Esportes costumavam representar o fim de uma conversa com Oliver.

— E aquele *tackle* no primeiro tempo, hein?

— Ah, não, por favor! Não queremos falar sobre futebol americano! — interrompeu Clementine. — Matem nossa curiosidade. Qual é o assunto misterioso sobre o qual precisamos conversar?

Erika notou a expressão de pânico de Oliver. Ainda estavam na confusão do hall. Não devia acontecer daquele jeito.

— Não vamos dizer uma palavra até que todo mundo esteja sentado em silêncio no seu devido lugar — disse Erika.

Talvez o comprimido estivesse funcionando. Seu batimento cardíaco estava regular.

— Ah, ela é uma *herrsüchtige Frau* — disse Clementine.

— O que é isso? — perguntou Holly.

— Quer dizer mulher mandona em alemão — respondeu Erika. — Estou surpreso que sua mãe se lembre de uma palavra tão comprida. Vamos pedir para ela soletrar?

Quando Erika e Clementine tinham treze anos, haviam estudado alemão na escola e passado a amar insultos naquela língua. Gostavam do vigor brutal das sílabas germânicas. Às vezes elas se empurravam apenas o suficiente para fazer a outra quase perder o equilíbrio.

Essa era uma das poucas paixões que compartilhavam.

— Só porque você tirou uma nota melhor que a minha.

Clementine revirou os olhos.

— Ah, foram só vinte pontos a mais ou algo assim — disse Erika. — *Dummkopf*.

(Ela tirara exatamente vinte e dois pontos a mais que Clementine.)

Clementine deu uma risada que pareceu sincera, e Erika relaxou. Precisava se lembrar de ser sempre *assim*: meio irreverente e desenvolta, não tão intensa, ou então podia ser intensa, mas de um jeito divertido, cativante, não irritante.

Poucos minutos depois, todos estavam em suas posições: as meninas usavam felizes os bastões de cola de purpurina cor-de-rosa e as cartolinas. Erika sentiu orgulho ao perceber que a mesa de atividades era um sucesso. Claro que era. Meninas pequenas adoravam trabalhos manuais. A mãe de Clementine costumava ter uma mesa de atividades parecida quando a filha era pequena. Erika amava aquela mesa: os jarros arrumadinhos com adesivos de estrelas douradas, as colas. Com certeza Clementine amava aquela mesa tanto quanto Erika, então por que não fizera uma para as filhas? Erika sabia que nunca devia sugerir aquilo; percebia que, com frequência, seu interesse nas meninas era erroneamente interpretado como crítica.

— Adoro esses biscoitos com gergelim — disse Clementine enquanto se sentavam uma de frente para a outra na sala.

Ela se inclinou à frente para pegar um biscoito e Erika teve um vislumbre do seu decote. Sutiã branco. O colar com pingente de esmeralda que Erika lhe dera em seu aniversário de trinta anos pendurado no pescoço. A mesa de centro estava muito afastada do sofá, de forma que Clementine deslizou graciosamente, ficando de joelhos feito uma gueixa.

Ela vestia um cardigã azul-turquesa por cima de uma camiseta branca, uma saia rodada com estampa de gigantescas margaridas brancas num fundo amarelo, a saia estendida ao seu redor no chão. Clementine era um toque de cor no meio da sala bege de Erika.

— Eu não lembrava se você adorava ou odiava — disse Erika.

Clementine riu outra vez.

— Sou apaixonada por biscoitos.

— Ela dá uma bolacha no rosto de alguém em troca de uma bolacha para comer — disse Sam, enquanto Clementine, sem perguntar, cortava uma fatia de queijo, colocava-a sobre um biscoito e entregava para ele.

— Piada de pai — comentou Clementine revirando os olhos ao afundar no sofá outra vez.

— Fez a unha, cara? — indagou Oliver a Sam.

Sobre o que ele está *falando?*, pensou Erika. Está tentando ser amigável e fingir que é um homem australiano simples como Sam, mas fazendo tudo errado?

Porém, Sam ergueu a mão e mostrou as unhas pintadas de coral.

— Sim, obra de Holly — disse. — Tive que pagar pelo privilégio.

— Ela faz um bom trabalho — afirmou Clementine. — Só precisamos nos lembrar de

tirar antes de você ir para o escritório amanhã, para que ninguém questione sua masculinidade.

— Ninguém questionaria minha masculinidade!

Sam bateu no próprio peito e Oliver riu, talvez com um entusiasmo exagerado, mas estava tudo bem. O *tom* parecia perfeito.

— Bem — disse Oliver.

Ele pigarreou. Erika reparou que seu joelho balançava. Oliver apoiou a mão no joelho como se quisesse imobilizá-lo.

— Então, para dar um pouco de contexto... — começou Erika.

— O assunto deve ser sério — disse Clementine, erguendo uma sobrancelha. —

Contexto.

— Faz dois anos que estamos tentando engravidar sem sucesso — falou Erika.

Coloque para fora. Siga em frente.

Clementine afastou da boca o biscoito que estivera prestes a morder e o ergueu.

— Estão... o quê?

— Passamos por onze tentativas de fertilização in vitro — afirmou Oliver.

— *O quê?* — disse Clementine.

— Sinto muito — falou Sam baixinho.

— Mas você nunca... — Clementine estava perplexa. — Achei que você não queria ter filhos. Sempre disse que não queria ter filhos.

— Nós queremos muito ter filhos — retrucou Oliver.

Ele ergueu o queixo.

— Isso foi quando eu era mais nova — explicou Erika. — Mudei de ideia.

— Mas eu achei que Oliver também não queria — afirmou Clementine.

Ela lançou um olhar acusatório para Oliver, como se esperasse que ele voltasse atrás no que disse, admitisse que ela tinha razão e dissesse: “Ah, me desculpe, claro que você tem razão, não queremos ter filhos de jeito nenhum. O que deu em nós dois?”

— Sempre quis ter filhos — disse Oliver. — Sempre.

Sua voz ficou mais grossa. Ele pigarreou.

— Mas *onze* tentativas de fertilização in vitro? — perguntou Clementine a Erika. — E você nunca me contou? Você passou por tudo isso sem dizer nada? Guardou segredo pelos dois últimos anos? Por que não me contou?

— Decidimos manter isso entre nós — respondeu Erika, insegura.

Clementine parecia magoada. Quase brava. Erika sentiu tudo mudar.

Espere aí... Aquilo fora *errado*? Ela nunca havia pensado que fosse capaz de magoar Clementine, mas estava percebendo que, mais uma vez, se enganara. Clementine era sua amiga mais próxima, e as pessoas dividiam as coisas com os amigos: os problemas, os

segredos. Claro que sim. Caramba, todo mundo sabia disso. Mulheres tinham fama de compartilhar tudo.

O problema era que, desde o começo, Oliver insistira muito para que não contassem nada a ninguém, e, para falar a verdade, Erika não contestara. Não tinha nenhuma vontade de *compartilhar*. Não queria contar a ninguém. Ficava fantasiando o momento em que ligaria para Clementine com a boa notícia. A boa notícia que nunca viera.

E, afinal de contas, tinha muita experiência em guardar segredos.

— Desculpe — disse.

— Não, não! — exclamou Clementine.

Ela ainda não tinha comido o biscoito. Seu rosto estava corado.

— Eu é que peço desculpas. Caramba, o assunto aqui não sou eu. Tudo bem se você não quis contar. Respeito sua privacidade. Só gostaria de ter estado ao seu lado. Provavelmente nos momentos em que eu estava reclamando das meninas você devia estar pensando: Ah, pelo amor de Deus, cale a boca, Clementine, não sabe como é sortuda?

Ela parecia à beira das lágrimas.

Houvera momentos assim.

— Claro que eu nunca pensei isso — disse Erika.

— Enfim, agora sabemos — falou Sam.

Ele pôs a mão sobre a de Clementine.

— Então, claro, se precisarem de alguma coisa...

Ele parecia desconfiado. Talvez achasse que precisavam de dinheiro.

Ficaram em silêncio por um instante.

— Então queríamos conversar com vocês hoje porque... — começou Oliver.

Ele olhou para Erika. Era sua deixa. Mas estava tudo errado. Ela estragara tudo. Se pelo menos desde o começo tivesse agido como uma amiga *normal*, se tivesse contado a Clementine, logo de início, assim que começaram a fertilização *in vitro*, então aquela conversa teria a base sólida adequada. Cada decepção, cada fracasso ao longo dos últimos dois anos teria encontrado um depósito de empatia. Poderiam ter usado esse depósito. Porém, naquele momento Erika estava sentada diante de uma amiga confusa e magoada, e não havia nenhum depósito de onde sacar empatia.

O desprezo que Erika sentia por si mesma surgiu em seu estômago como um enjoo. Ela nunca acertava totalmente. Por mais que tentasse, sempre cometia pelo menos algum erro.

— Meu médico disse que nossa única opção é encontrar uma doadora de óvulos — disse ela. — Porque meus óvulos são de péssima qualidade. São inúteis, na verdade.

Ela tentou trazer um pouco de leveza para a conversa, como fez quando estavam no hall, mas a julgar pela expressão de todos dava para perceber que não estava funcionando.

Clementine assentiu. Erika percebeu que ela não fazia ideia de aonde estavam indo com aquilo.

Ela se lembrou da loura bonita, Diana Dixon, aproximando-se de Clementine no pátio da escola e fazendo uma careta ao ver Erika, o tipo de careta que fazemos ao ver uma barata. “Por que está brincando com *ela*?”, questionara Diana, e Erika nunca se esquecera do lampejo quase imperceptível de humilhação nos olhos de Clementine, nem de que ela erguera o queixo e dissera a Diana: “Ela é minha amiga.”

— Por isso a gente queria saber... — começou Oliver.

Ele esperou Erika continuar. Fazer a pergunta era sua função, claro. Clementine era sua amiga.

Mas Erika não conseguia falar. Sua boca estava seca e parecia oca por dentro. Talvez por causa do comprimido. Devia ser um efeito colateral. Ela devia ter lido a bula para saber os efeitos colaterais. Fixou o olhar nas margaridas amarelas da saia de Clementine e começou a contá-las.

Oliver falou mais alto, feito um ator que salva o dia ao declamar a fala de outra pessoa no roteiro. Havia um leve toque de histeria em sua voz.

— Clementine — disse ele —, estamos perguntando... Queríamos falar com você hoje porque, bem, queríamos saber se estaria disposta a ser nossa doadora de óvulos.

Erika desviou os olhos das margaridas e focou-os no rosto de Clementine, observando sua expressão de repulsa total passar tão depressa quanto o flash de uma câmera. Apareceu e sumiu com tanta rapidez que ela quase poderia escolher acreditar que fora sua imaginação, mas não fora, porque interpretar expressões faciais era uma de suas habilidades. Era o legado de ter passado a infância interpretando o rosto da mãe, monitorando, analisando, tentando mudar seu comportamento a tempo, porém sua habilidade raramente permitia que ela acertasse; significava apenas que sabia quando errava.

Não importava o que Clementine dissesse ou fizesse em seguida, Erika sabia como ela se sentia de verdade.

O rosto de Clementine estava calmo e totalmente imóvel. Era o aspecto de concentração total que ela adotava logo antes de se apresentar, como se estivesse passando para outro plano, um nível transcendente de consciência que Erika era incapaz de alcançar. Ela afastou uma mecha solta de cabelo, colocando-a atrás da orelha. Era a mesma mecha comprida e ondulada que caía em direção ao violoncelo enquanto tocava, mas de alguma forma nunca tocava as cordas.

— Ah — disse ela com firmeza. — Entendo.

CAPÍTULO DEZESSETE

DIA DO CHURRASCO

— Então, estamos pedindo muito de você, e não esperamos uma resposta imediata, de forma alguma — falou Oliver.

Ele se inclinou para a frente com os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos entrelaçadas. Lembrava um corretor de hipotecas que tinha acabado de dar uma longa explicação sobre uma complexa negociação de empréstimo.

Olhou com seriedade para Clementine e apontou para o envelope pardo em cima da mesa de centro à sua frente.

— Preparamos alguns documentos para você.

Ele articulou bem as quatro sílabas da palavra “documentos”, estalando o lábio com satisfação. Era o tipo de palavra que tanto Oliver quanto Erika achavam tranquilizadora. Como *papelada*. Ou *procedimento*.

— Explica exatamente quais seriam as implicações. Traz as perguntas frequentes. A clínica nos deu isso para entregar a alguém, mas se você preferir não levar agora, tudo bem, não queremos sobrecarregar você, porque por enquanto estamos só... sei lá, colocando as cartas na mesa, acho que é a maneira certa de descrever isso.

Ele se recostou novamente no sofá e olhou para Erika que, por mais bizarro que fosse, havia escolhido aquele instante para se ajoelhar perto da mesa de centro e cortar um pedaço do (minúsculo, Clementine não sabia que podiam ser tão pequenos) queijo brie.

Oliver desviou os olhos de sua esposa e voltou a focá-los em Clementine.

— A única coisa que estamos dizendo hoje é: você ao menos consideraria fazer isso? Mas, como eu falei, não precisamos de nenhuma resposta, e, aliás, mais para a frente, se você *aceitar*, há um período de espera de três meses. E você pode desistir a qualquer momento. *Qualquer* momento. Não importa até onde chegarmos. Bem, não exatamente qualquer momento. Não quando Erika já estiver grávida, é óbvio! — Ele riu de nervoso, ajeitou os óculos e franziu o cenho. — Na verdade, você pode desistir até o momento em que os óvulos são inseminados, porque depois viram nossa propriedade legal, é... — Sua voz falhou. — Desculpe. É muita informação para esse primeiro momento. Estou nervoso. Nós dois estamos um pouco nervosos!

Clementine sentiu uma pontada no coração por ele. Oliver costumava evitar assuntos arriscados — qualquer tema político, sexual ou emocional demais —, mas lá estava ele, conduzindo sozinho uma das conversas mais incômodas porque queria muito ser pai. Havia algo mais atraente do que um homem que queria tanto ter filhos?

Sam pigarreou. Colocou a mão no joelho de Clementine.

— Então, cara, só estou tentando entender. Seria o seu...

— Seria o meu esperma — disse Oliver.

Seu rosto corou.

— Sei que tudo isso parece meio...

— Não, não — interrompeu Sam. — De jeito nenhum. Um grande amigo meu fez fertilização in vitro, então sou, bem... sou bem íntimo do assunto.

Íntimo do assunto.

Mais tarde ela zombaria dele por causa dessa escolha infeliz de palavras. Clementine sabia que Sam estava falando de seu amigo Paul, e que, na verdade, Sam ficara totalmente alheio ao “processo”, a não ser por ter demonstrado alegria com o resultado: um bebezinho para Paul e Emma. Sam adorava bebês (Clementine nunca conhecera um homem que adorasse bebês mais que ele; era o primeiro na fila para um chamego com um recém-nascido e chegava a tirar bebês maiores dos colos dos pais), mas não quisera ouvir Paul e Emma falando de “remoção de óvulos” e “transferências de embriões”.

Erika ergueu um biscoito entre os dedos.

— Mais queijo, Sam?

Todo mundo olhou para ela.

— Não, obrigado, Erika — respondeu Sam. — Estou bem.

Estava claramente na vez de Clementine dizer algo, mas ela sentia um aperto no peito que parecia impedi-la de falar. Torceu para que uma de suas filhas a chamasse, mas estavam previsivelmente quietas e comportadas na única vez em que ela teria gostado que interrompessem.

Pareciam adorar a mesa de atividades de Erika.

Erika seria uma excelente mãe, daquelas que montam mesas de atividades, com filhos bem-educados e álcool em gel sempre na bolsa. Oliver também seria um bom pai. Clementine já o imaginava fazendo algo antiquado e delicado com um menininho estudioso, como aeromodelos, por exemplo.

Para seus *próprios* filhos, pensou Clementine, desesperada. Seriam bons pais para seus próprios filhos. Não para o meu.

Não seria seu filho, Clementine. Mas seria. Tecnicamente, como diria Holly, seria seu filho. Seu DNA.

As pessoas fazem isso para desconhecidos, disse ela a si mesma. Doam óvulos a pessoas

que nunca viram só para serem *gentis*, para serem *boas*. Aquela era sua amiga. Sua “melhor amiga”. Então por que a palavra “Não!” gritava tão alto em sua mente?

— Bem — disse ela, por fim, pouco à vontade. — Tenho que pensar.

— É claro — falou Oliver.

Olhou outra vez para Erika, mas ela não ofereceu ajuda alguma ao pobre coitado. Havia enfileirado os biscoitos em cima da mesa e colocava uma fina fatia de queijo em cada um. Quem ela achava que iria comer aquilo? Oliver piscou uma vez e deu um sorriso de desculpas a Clementine.

— Por favor, não pense que vai ser o fim da linha para nós se você decidir que não quer fazer isso. Há outras opções. Mas você foi a primeira pessoa em quem pensamos, afinal é a amiga mais próxima de Erika, tem a idade certa, e não quer mais filhos...

— Não quer mais filhos? — indagou Sam. Sua mão se fechou em torno da de Clementine. — Nós não necessariamente perdemos a vontade de ter mais filhos.

— Ah — falou Oliver. — Desculpe. Nossa. Achei que... Quer dizer, Erika com certeza tinha a impressão de que...

— Você disse que preferiria arrancar os próprios olhos a ter outro bebê — disse Erika a Clementine daquele jeito truculento que adotava quando podia refutar algo com fatos.

— Eu perguntei para você. Foi em setembro do ano passado. Comemos *yum cha*. Eu quis saber se você pretendia ter mais filhos, e você respondeu: “Eu preferiria arrancar...”

— Eu estava brincando — interrompeu Clementine. — Claro que eu estava brincando.

Claro que ela não brincara com aquilo. Mas, caramba, aquela era sua única saída? Precisaria *parir* para escapar daquela situação?

— Bem, você pode doar óvulos mesmo que queira ter mais filhos — disse Oliver.

Três linhas profundas e corrugadas surgiram em sua testa, feito um personagem de desenho animado franzindo o cenho.

— A clínica prefere que as doadoras conhecidas tenham famílias já formadas, mas... Enfim, está tudo aí na papelada.

— Você disse que preferiria arrancar os próprios olhos a ter outro bebê? — indagou Sam a Clementine. — Falou isso mesmo?

— Eu estava *brincando*! — repetiu Clementine. — Provavelmente estava tendo um dia difícil com as crianças.

Claro que Clementine sempre soubera que aquilo era uma questão. Ela se iludira com a esperança de que Sam, bem, de que Sam simplesmente superasse. Sempre que as meninas se comportavam mal, ou quando a casa parecia pequena demais para os quatro, e eles viviam perdendo as coisas, ou quando se preocupavam com a situação financeira, ela esperava secretamente que a vontade dele de ter outro bebê desaparecesse de forma

sensata e delicada.

Nunca deveria ter dito a Erika que não queria mais filhos. Fora um comentário leviano. A leviandade cuidadosamente construída era seu comportamento padrão com Erika. Deveria ter contado que Sam não tinha a mesma opinião, porque sempre havia o risco de que aquilo fosse mencionado em uma conversa, como havia acabado de acontecer.

Era raro Clementine compartilhar informações daquele tipo com Erika. Ela se continha deliberadamente. Com outros amigos não precisava pensar duas vezes, conversava sobre qualquer coisa que surgisse em sua cabeça, porque sabia que provavelmente esqueceriam tudo que ela dissera. Não havia mais ninguém no mundo, nem sua mãe, nem seu marido, que escutasse tão *sofregamente* tudo o que tinha a dizer, como se cada palavra importasse e merecesse ser arquivada para servir de referência no futuro.

Quando era criança, sempre que Erika ia até sua casa para brincar, a primeira coisa que fazia era examinar de forma muito peculiar o quarto de Clementine. Abria cada gaveta e, em silêncio, analisava o conteúdo. Chegava ao ponto de se ajoelhar para olhar debaixo da cama, enquanto Clementine ficava de pé, furiosa e quieta, porém, a pedido de sua mãe, sendo *bondosa e educada*. As pessoas são diferentes, Clementine.

Era evidente que Erika aprendera algumas sutilezas sociais na vida adulta e parara de vasculhar seus armários, mas Clementine ainda notava o brilho avarento nos olhos dela sempre que conversavam. Era como se Erika ainda quisesse olhar debaixo da cama de Clementine, e como se Clementine ainda resistisse indignada e em silêncio.

Mas a verdadeira ironia era que, aparentemente, Erika adotara a mesma política de não compartilhar nada importante. Guardara um enorme segredo nos últimos dois anos, e a primeira reação de Clementine diante da revelação fora sentir mágoa. Ah, sim, tudo bem *Clementine* se sentir superior a Erika do alto de seu pedestal de amizade, graciosamente dando presentes: Sim, Erika, você *pode* ser madrinha da nossa primeira filha!

Então, ok, tudo bem se a relação delas era uma ilusão e não tinha qualquer conteúdo *de ambos os lados*, mas Erika estava pedindo algo que *só* se pede a uma amiga muito especial.

Ela olhou para o biscoito em sua mão e não soube o que fazer com ele. A sala estava silenciosa, com exceção do murmúrio tranquilo de Holly e Ruby no cômodo ao lado, fazendo trabalhos manuais feito dois anjinhos, como que em repreensão a Clementine. *Olhe só como somos fofas. Dê mais um bebê ao papai. Ajude sua amiga a ter um bebê.* Seja bondosa, Clementine, seja bondosa. Por que você é tão cruel?

Uma complexa e insana onda de sentimentos surgiu em seu peito. Queria dar um ataque, como Ruby fazia, se jogar no chão e bater a cabeça no carpete para se livrar da frustração. Ruby sempre conferia se o chão tinha carpete antes de começar a bater a cabeça.

Sam tirou a mão de sua perna e se afastou ligeiramente dela. Deixara um pedaço

triangular de biscoito no sofá de couro branco impecável de Erika. Oliver tirou os óculos e seus olhos pareceram magoados e sensíveis, como os de um animalzinho acordando da hibernação. Limpou-os com a barra da camiseta. Erika ficou sentada, imóvel e ereta, como se estivesse em um funeral, os olhos seguindo alguma coisa que passava atrás da cabeça de Clementine.

— É Dakota — disse ela.

— Dakota? — indagou Clementine.

— Dakota — repetiu Erika. — A filha dos vizinhos. Vid deve estar perdendo a paciência e mandou a filha vir nos buscar para o churrasco.

A campainha tocou. Erika se sobressaltou com violência.

Sam ficou de pé como se seu nome tivesse finalmente sido chamado após uma espera tediosa em alguma instituição burocrática.

— Vamos comer churrasco.

CAPÍTULO DEZOITO

Quando Sam e Clementine voltaram do restaurante e passaram pela porta, sacudindo os guarda-chuvas após sua “noite romântica” menos de duas horas depois de terem saído, a mãe de Clementine ficou perplexa.

— O que houve?

Ela desligou a televisão e levou uma mão ao pescoço como se estivesse se preparando para uma notícia terrível.

— Por que voltaram tão cedo?

— Desculpe mesmo, Pam — falou Sam. — Mas o serviço no restaurante era muito lento e, no fim, nós... decidimos que não estávamos no clima de sair para jantar.

— Mas as críticas eram excelentes — retrucou Pam.

Fora ela quem indicara o restaurante. Olhou para eles em expectativa, como se tivesse esperança de convencê-los a dar meia-volta, retornar para o centro da cidade e tentar outra vez.

Clementine reparou que a mãe havia dobrado as roupas limpas do cesto em pilhas perfeitas no sofá e estava se recompensando com uma xícara de chá e apenas um biscoito de gengibre em um pires, provavelmente para desfrutar enquanto assistia a *Midsomer Murders*. Clementine sentiu uma pontada de arrependimento. Esse parecia ser seu estado de espírito padrão: arrependimento. Só o grau de arrependimento mudava.

— Desculpe, mãe — disse ela. — Sei que você...

Sei que você achou que um jantar romântico poderia salvar nosso casamento. Ela olhou para Sam, que retribuiu o olhar com a passividade de um desconhecido no ônibus.

— Acho que nós dois estamos cansados.

Os ombros de Pam murcharam.

— Ah, minha nossa — disse ela. — Desculpem se pressionei. Talvez seja cedo demais. Achei que sair seria bom para vocês dois. — Ela se animou visivelmente. — Bem, que tal uma xícara de chá? Acabei de preparar uma para mim. A água ainda está quente.

— Não, obrigado — respondeu Sam. — Acho que vou...

Ele olhou ao redor em busca de inspiração.

— Acho que vou... dar uma volta de carro.

— Uma volta de carro por onde? — indagou Clementine.

Ela não ia ajudá-lo. Não ia fingir que era sensato dar “uma volta de carro” naquela chuva torrencial só para se livrar de uma xícara de chá com a sogra.

Mas, é claro, sua mãe estava ansiosa para deixar Sam escapar por qualquer fresta.

— Pode ir dar uma volta, sim — falou ela. — Às vezes, a gente só precisa dirigir. É meditativo. Nesse momento, vocês precisam ser gentis consigo mesmos.

Sam deu um sorriso agradecido para Pam, ignorou Clementine e saiu de casa, fechando a porta sem fazer barulho.

— A casa está *muito* limpa e arrumada — comentou Pam quando as duas se sentaram com xícaras de chá e biscoitos de gengibre.

Ela lhe lançou um olhar intrigado, quase apreensivo.

— A única coisa que encontrei para fazer foi dobrar essas roupas limpas. Parece até que vocês contrataram uma diarista ou algo assim!

— Só estamos tentando ser mais organizados — disse Clementine.

Desde o churrasco, tanto ela quanto Sam haviam ficado maníacos com as tarefas domésticas, como se estivessem sendo monitorados por uma presença invisível.

— Mas *mesmo assim* não conseguimos encontrar várias coisas.

— Hum, isso é bom, eu acho, mas também não precisam exagerar. Vocês dois parecem exaustos, para ser sincera. — Ela olhou para Clementine por cima da xícara. — Então, imagino que a noite não tenha sido um sucesso...

— Desculpe por ter feito você vir ficar com as crianças à toa — disse Clementine.

— Imagina! — Pam fez um gesto com a mão. — É um prazer. Você sabe disso. Passar uma noite separados também é bom para o seu pai e para mim. Um pouco de espaço faz bem para o casamento. É preciso ter interesses próprios. — Ela franziu a testa. — Contanto que não se tornem uma obsessão, é claro.

O pai de Pam, avô de Clementine, fora professor de uma escola e passara cada instante do seu tempo livre trabalhando em um grande romance australiano. Dedicara-se a isso por mais de quinze anos, antes de morrer aos cinquenta e tantos devido a complicações causadas por uma pneumonia. A avó de Clementine ficara com tanta raiva, mágoa e rancor de todo o tempo que ele havia desperdiçado naquela “porcaria de livro”, que jogara o manuscrito inteiro no lixo sem ter lido uma palavra sequer. “Como ela pôde não ter lido? E se *fosse* o grande romance australiano?”, repetia Clementine, mas Pam falava que ela não estava captando a moral da história. A moral era que o livro tinha arruinado o casamento deles! O pai de Pam amara o livro mais do que amara a mãe dela. Em consequência disso, Pam se interessava ávida e talvez fanaticamente por monitorar a qualidade do seu casamento. Lia livros com títulos como *Sete segredos de sete segundos para energizar seu casamento*. O pai tranquilo e lacônico de Clementine aturava com tolerância os “retiros para casais” nos fins de semana. Ele entrava na onda, ou ao menos era a impressão que

passava, de tudo o que Pam sugeria, e parecia ter funcionado, porque não dava para negar que eram apaixonados um pelo outro.

Pam era tão cautelosa em relação à qualidade do casamento dos outros quanto do próprio, embora tivesse noção de que nem sempre as pessoas gostavam de sua cautela.

— Por acaso, vocês considerariam fazer terapia de casal? — indagou a Clementine. — Só para conversar.

— Ah, bem, não, acho que não — respondeu ela. — Não há muito o que dizer, não é?

— Suspeito que, na verdade, haja, sim, muito o que dizer — falou Pam.

Ela mordeu o biscoito com seus dentes brancos e fortes.

— Bem. Como foi seu dia? Algum... é... bico?

Mesmo depois de todos aqueles anos, ela ainda ficava constrangida ao dizer “bico”, da mesma forma que sempre usava a pronúncia francesa correta ao falar “croissant”, porém adotava uma expressão humilde e autodepreciativa para compensar sua arrogância.

— Fiz um discurso — respondeu Clementine.

Se no rosto de Sam surgia um espasmo de irritação quando ela mencionava seus discursos, no rosto de sua mãe surgia um espasmo de prazer.

— Claro! Esqueci que você tinha um marcado para hoje. Como foi? Estou *tão* orgulhosa da sua coragem, Clementine, de verdade. Como foi?

— Erika foi assistir — disse ela. — O que foi bizarro.

— Não foi nada bizarro! Provavelmente ela estava querendo ser solidária.

— Eu nunca tinha percebido que Erika tem o mesmo corte de cabelo que você — falou Clementine.

— Acho que é porque temos a mesma cabeleireira — disse Pam. — Talvez a querida velha Dee só saiba fazer um tipo de corte.

— Eu não sabia que vocês tinham a mesma cabeleireira — retrucou Clementine. — Como isso aconteceu?

— Não faço ideia — respondeu Pam depressa.

Ela sempre tentava pular os detalhes sobre quanto tempo exatamente passava com Erika, como se isso pudesse causar inveja em Clementine, ou fazer com que ela se sentisse usurpada. Era velha demais para isso, mas ainda se lembrava das inseguranças da infância. *Vale ressaltar que ela é minha mãe.*

— Por falar em Erika — disse Pam. — Eu liguei para ela enquanto vocês estavam fora, só para atualizá-la sobre a situação de Sylvia, que... bem, digamos que as coisas não estão melhorando à medida que ela envelhece... Mas, enfim, Erika me contou uma coisa um pouco perturbadora. — Pam refletiu. — Por mais que ela não tenha parecido muito perturbada.

Sem pensar no que estava fazendo, usou a lateral da mão para juntar algumas migalhas

na mesa de centro e formar uma pilha microscópica.

— Parece que Oliver encontrou um *cadáver*, coitado!

— Como assim, *encontrou um cadáver*?

Por algum motivo, Clementine sentiu uma pontada de raiva de sua pobre mãe. Só porque aquilo parecia muito absurdo.

— Ele simplesmente *esbarrou* em um cadáver, foi isso? Saiu para correr e tropeçou em um *corpo*?

Pam a encarou com firmeza.

— Isso mesmo, Clementine. Oliver encontrou o cadáver de um vizinho deles.

Clementine ficou paralisada. A primeira pessoa em quem pensou foi Vid. Homens grandes como Vid tinham certa propensão a cair duros com ataques cardíacos. Ela não queria vê-lo de novo, mas também não queria que ele morresse.

— O velho que mora duas casas depois da deles — disse Pam.

Clementine sentiu o corpo inteiro relaxar.

— Harry — falou.

— Isso. Você conhece ele? — perguntou Pam.

— Na verdade, não — respondeu Clementine. — Só vi de longe. Não gostava que ninguém estacionasse perto da casa dele. Certa vez, quando fomos visitar Erika, havia um caminhão de entregas na frente da casa dela, então tivemos que parar o carro perto de onde ele morava. De repente, ele saiu gritando de trás do arbusto de azaleia. Sam disse que a propriedade dele não incluía a rua, foi educado, claro, mas sabe o que aquele homem horrível fez? *Cuspiu* em nós. Holly e Ruby adoraram. Passamos dias falando sobre isso, sobre o homem que cuspiu.

— Ele devia ser solitário — falou Pam. — Infeliz. Pobre velhinho. — Ela inclinou a cabeça, ouvindo a chuva. — Essa chuva dá uma sensação de *permanência*, não é? Parece que veio para ficar.

— Essa chuva faz tudo parecer terrivelmente difícil — opinou Clementine.

— Sabe, fico muito feliz por Erika ainda estar consultando aquela psicóloga ótima! — exclamou Pam, os olhos brilhando com o pensamento súbito e agradável.

Amava tudo o que tinha a ver com saúde mental.

— Isso significa que ela vai ter as ferramentas necessárias para lidar com a mãe.

— Talvez ela não esteja falando com a psicóloga sobre a acumulação — disse Clementine. — Talvez esteja falando sobre a infertilidade.

— Infertilidade?

Pam pousou abruptamente a xícara.

— Do que você está falando?

Então Erika também não se abriu com Pam, mesmo depois de todo aquele tempo. O

que isso significava?

— Mas ela e Oliver não querem filhos! Erika sempre foi tão *sincera* sobre não querer ter filhos!

— Erika quer que eu doe óvulos para ela — disse Clementine, sem demonstrar nenhuma emoção.

Estivera adiando o momento de contar à mãe sobre o pedido de Erika, sem querer que as opiniões sinceras de Pam complicassem ainda mais seus sentimentos já complexos, mas estava sentindo uma vontade infantil de que sua mãe compreendesse totalmente o custo contínuo de sua amizade com Erika. *Veja só o que você exigiu de mim, mãe, mesmo depois de todos esses anos, veja como sou bondosa, mãe, ainda sou muito BONDOSA.*

Mas quem ela queria enganar? Doar óvulos era um gesto totalmente generoso, e sua mãe faria de tudo para realizar. Clementine costumava dizer ao pai que, se algum dia ela morresse em um acidente de carro, ele precisaria verificar se ela estava realmente morta antes que a mãe começasse a doar seus órgãos com entusiasmo.

— Doar óvulos? — repetiu Pam. Ela balançou discretamente a cabeça, como se quisesse organizar os pensamentos. — Mas como você se sente em relação a isso? Quando foi que ela pediu?

— No dia do churrasco — respondeu Clementine. — Antes de irmos para a casa dos vizinhos.

Ela pensou em Erika e Oliver sentados tão eretos e tensos no sofá de couro branco (só um casal sem filhos teria um sofá de couro branco). A cabeça pequenina dos dois penteada com esmero. Os óculos de Oliver estavam muito limpos. Eles tinham uma aparência bastante cativante apesar da seriedade. Mas depois vinha aquela sensação instantânea de aversão ao termo ginecológico “óvulos”, e o sentimento irracional de estar sendo violada, como se Erika estivesse insinuando que iria estender o braço ali mesmo e se servir de um pedaço de Clementine — um pedaço profundamente íntimo que ela jamais recuperaria —, seguido no mesmo instante daquela vergonha já familiar, porque uma amiga de verdade não pensaria duas vezes.

Ela achara que nunca mais precisaria sentir aquela vergonha, porque Erika estava bem, “em um bom momento” como diziam as pessoas, e deixara de pedir mais do que Clementine podia dar.

— Ai, meu Deus — disse Pam. — O que você falou?

— Não falei nada na hora — explicou Clementine. — E não tocamos no assunto desde então. Acho que Erika está torcendo para que eu diga alguma coisa logo, e é claro que vou dizer, estou só esperando o momento certo. Ou estou enrolando. Talvez eu esteja enrolando.

Ela sentiu alguma coisa aumentar dentro de si. Uma escala crescente de fúria. Uma

melodia de sua infância. Observou o rosto familiar da mãe: a franja grisalha cortada em uma inabalável linha reta acima dos olhos castanhos protuberantes, o nariz grande e determinado, as orelhas largas e utilitárias, feitas para ouvir, não para exibir brincos. Sua mãe tinha muita força e segurança. Nunca sentia nem sequer uma dúvida momentânea sobre uma aranha, uma vaga no estacionamento ou um dilema moral.

“Aquela menininha precisa de uma amiga”, dissera a Clementine na primeira vez em que vira Erika no pátio da escola.

A criança diferente. A criança de aparência desagradável sentada de pernas cruzadas no chão, brincando com formigas e folhas marrons e velhas. A criança de cabelo louro oleoso grudado na cabeça, pele pálida e braços cheios de feridas. (Picadas de pulga, descobrira Clementine anos depois.) Clementine olhara para a menininha e então para a mãe, e uma palavra imensa ficara presa em sua garganta: *Não*.

Mas não se dizia não a Pam, ainda mais quando ela usava aquele tom de voz.

Por isso, Clementine fora se sentar diante de Erika no pátio e perguntara: “O que você está fazendo?”

Depois olhara para a mãe em busca de um gesto de aprovação, porque estava sendo bondosa, e bondade era *a coisa mais importante do mundo*, ainda que Clementine não se sentisse bondosa. Estava fingindo. Não queria ter nenhuma relação com aquela menininha suja. Seu egoísmo era um segredo sórdido que precisava esconder a todo custo, porque ela era privilegiada.

Pam fora uma mulher visionária com o uso da palavra “privilégio”. Muito antes de virar moda, Clementine já aprendera a se sentir mal por ter o privilégio de ser branca de classe média. Sua mãe era assistente social, e, ao contrário de vários de seus colegas exaustos, aborrecidos, que faziam piadas de mau gosto, Pam nunca perdera o amor por sua vocação. Trabalhava meio período enquanto criava três filhos e adorava compartilhar relatos sinceros sobre o que acontecia no mundo.

A família de Clementine não era particularmente rica, mas o privilégio era medido em outra escala quando se considerava o que Pam fazia. A vida era uma loteria, e Clementine soube desde cedo que aparentemente ela havia ganhado.

— O que você vai dizer a Erika? — indagou Pam.

— Que escolha eu tenho? — retrucou Clementine.

— Claro que você tem escolha, Clementine... Vai ser seu filho biológico. É um favor e tanto. Você não...

— Mãe — interrompeu. — Pense bem.

Pela primeira vez, era ela quem estava sendo inequívoca. Sua mãe não fora ao churrasco. Aquelas imagens pavorosas não ficariam para sempre em sua memória.

Ela observou a mãe pensar no assunto e chegar à mesma conclusão.

— Entendo o que você quer dizer — falou, incomodada.

— Vou fazer o que ela pediu — afirmou Clementine depressa, antes que a mãe pudesse falar. — Vou dizer sim. Tenho que dizer sim.

CAPÍTULO DEZENOVE

— Você está bem? Ainda está chateada por causa do nosso amigo Harry? — perguntou Vid, deitado ao lado de Tiffany no quarto escuro enquanto a chuva continuava com a trilha sonora incessante.

Graças a suas cortinas “blecaute total” de veludo vermelho, Tiffany não conseguia ver absolutamente nada além da escuridão. O escuro costumava lhe dar a sensação de luxo, como um quarto de hotel, mas naquela noite estava sufocante. Como a morte. Ultimamente havia morte demais em seus pensamentos.

Embora não pudesse ver Vid na cama *king size*, sabia que ele estava deitado de costas, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça como se estivesse tomando sol. Ele dormia a noite inteira daquele jeito, sem mudar de posição. Isso ainda fazia Tiffany sorrir, mesmo depois de todos aqueles anos. Era uma forma tão descontraída, confiante e requintada de abordar o sono. *Pode chegar, sono*. Isso era tão a cara de Vid.

— Ele não era nosso amigo, era? — perguntou Tiffany. — Essa é a questão. Era nosso vizinho, mas não era nosso amigo.

— Ele não *queria* ser nosso amigo, sabe — lembrou Vid.

Era verdade que se Harry tivesse demonstrado qualquer interesse em fazer amizade com eles, isso teria acontecido. Vid era aberto a se tornar amigo de qualquer pessoa que encontrasse em seu dia a dia: garçons e advogados, frentistas e violoncelistas.

Violoncelistas, com certeza.

Se Harry tivesse sido outro tipo de velhinho, eles o teriam recebido em casa o tempo todo e acabariam notando sua ausência muito antes.

Cedo o bastante para ter salvado sua vida? Naquele dia mesmo a polícia dissera a Oliver e Tiffany que o mais provável era que Harry tivesse caído da escada, ou então que tivesse sofrido um derrame ou um ataque cardíaco e caído por causa disso. Haveria um inquérito, o que parecia mera formalidade. A polícia estava seguindo os procedimentos, tomando as medidas necessárias.

“É provável que ele tenha morrido na hora”, dissera o policial a Tiffany.

Mas como ele poderia saber? Não tinha nenhum conhecimento médico. Só estava dizendo aquilo para que ela se sentisse melhor.

Enfim, vamos ser práticos: mesmo se tivessem sido amigos de Harry, não teriam ido à

casa dele a cada cinco minutos. Provavelmente estaria morto mesmo assim; só não estaria *tão* morto quanto naquele dia. Ficara cada vez mais morto à medida que as semanas passavam, até que os vizinhos percebessem. Ela teve ânsia de vômito com aquela lembrança sensorial nauseante. Nunca tinha vomitado por causa de um cheiro. Bem, nunca havia sentido o cheiro da morte.

Oliver era contador. Provavelmente também nunca sentira o cheiro da morte, mas enquanto ela vomitava no vaso de arenito de Harry (ele teria ficado *furioso*), Oliver, pálido, mantivera a calma ao dar os telefonemas necessários, acariciara suas costas e lhe dera um lenço branco e limpo, dobrado com precisão, tirado do bolso.

“Não foi usado”, prometera.

Oliver era o homem certo para se ter por perto em um momento de crise. Um homem com lenço e consciência. Ele era mesmo um grande herói.

— Oliver é um grande herói — disse ela em voz alta, mesmo sabendo que Vid já não queria mais ouvir sobre o grande heroísmo de Oliver.

— É um bom sujeito — concordou Vid com paciência. Depois bocejou. — A gente devia convidá-los para vir aqui.

Ele disse no automático e certamente devia estar ali deitado pensando na última vez que o receberam.

— Ah, já sei! Vamos convidar os dois para um churrasco! — exclamou Tiffany. — Que ótima ideia! Espere aí, eles não têm uns amigos muito legais? E uma é violoncelista?

— Não tem graça — disse Vid, parecendo profundamente triste. — Não tem a menor graça.

— Desculpe — falou Tiffany. — Piada infame.

— Para tomar um café? — sugeriu Vid com tristeza. — Podemos convidar Erika e Oliver para tomar um café, não podemos?

— Vá dormir — disse Tiffany.

— Sim, senhora — respondeu Vid.

Alguns segundos depois, ela ouviu a respiração dele desacelerar.

Vid conseguia adormecer em um instante, mesmo nas noites em que ela sabia que ele estava chateado, bravo ou preocupado com alguma coisa. O sono e o apetite daquele homem nunca eram afetados.

— Acorde — sussurrou ela.

Mas, se o acordasse, ele continuaria falando e estava acordado desde as cinco da manhã por causa do projeto do centro aquático.

Um dos seus meninos ficara doente e ele estava preocupado em ter cobrado um preço baixo demais. Precisava dormir.

Ela se virou de lado e tentou organizar com clareza todos os pensamentos agitados em

sua mente.

Número um. Ter encontrado o corpo de Harry. Não foi uma experiência agradável, mas supere isso. Harry devia estar feliz por ter morrido. Parecia um homem cansado de viver. Então siga em frente.

Número dois. Dakota. Todos — Vid, a professora de Dakota, as irmãs de Tiffany — diziam que a menina estava ótima. Era tudo imaginação de Tiffany. Talvez fosse mesmo. Ela continuaria monitorando.

Número três. A Manhã Informativa na nova escola de Dakota no dia seguinte. Um ressentimento (não me mandem e-mails para lembrar que o COMPARECIMENTO É OBRIGATÓRIO, e ainda ousam se dirigir a mim em letras maiúsculas) provavelmente relacionado a sentimentos subconscientes de inferioridade a respeito da escola e dos outros pais metidos. Controle-se. Não tem a ver com você. E sim com Dakota.

Número quatro, porém talvez se sobrepondo a todo o resto: seu sentimento de culpa e horror por causa do que acontecera no churrasco. Feito a lembrança de um pesadelo que não sai da sua cabeça. Bem, sim, Tiffany, nós entendemos, muito perturbador, revemos tudo isso sem parar, sem chegar a lugar algum... Mas pare de pensar no assunto, não dá para mudar o que fez ou deixou de fazer, o que deveria ou não ter feito.

O problema era que todos os itens da sua lista eram muito nebulosos. Impossíveis de definir. Ela se lembrou da época em que suas únicas preocupações eram com dinheiro e que as soluções podiam ser calculadas.

Para se reconfortar e se distrair, ela fez uma estimativa conservadora dos seus recursos financeiros líquidos atuais: Propriedade. Ações. Previdência privada. Fundo familiar. Depósitos a prazo. Conta-corrente. Fazer isso sempre a acalmava. Era como imaginar os muros de proteção de uma fortaleza impenetrável. Ela estava segura. Independentemente do que acontecesse. Se seu casamento se desfizesse (seu casamento não iria se desfazer), se a bolsa de valores ou o mercado imobiliário quebrasse, se Vid morresse, ou se ela morresse, ou se um deles contraísse uma doença rara que resultasse em incontáveis despesas médicas, a família estava a salvo. Ela mesma havia construído aquela fortaleza, com a ajuda de Vid, claro, mas sobretudo era sua fortaleza, da qual se orgulhava.

Vá dormir, então, na segurança da sua fortaleza financeira que, por mais que tenha sido construída com base em uma transgressão, ainda está de pé.

Ela fechou os olhos e instantaneamente os abriu. Estava cansada, mas alerta. Sentia os olhos esbugalhados, como se estivesse sob efeito de cocaína. Então isso era ter insônia. Ela sempre achara que não fazia o tipo insone.

Sentiu uma necessidade súbita de dar uma olhada em Dakota. Também não fazia esse tipo. Não fora uma daquelas mães que entravam no quarto enquanto o bebê dormia só para conferir se ainda estava respirando. (Flagrou Vid fazendo isso algumas vezes. Ele

ficara envergonhado. Sr. Sou Muito Tranquilo e Descolado e Essa É Minha Quarta Filha.)

Ela saiu da cama, com os braços esticados à frente, e se aproximou habilmente do batente da porta, que sempre parecia mais perto do que o esperado. Ficou muito mais fácil enxergar quando ela chegou ao corredor, porque eles sempre deixavam uma luz fraca acesa, para o caso de Dakota acordar no meio da noite. Ela abriu a porta do quarto da filha e ficou ali por um instante, esperando os olhos se adaptarem.

Tiffany não conseguia ouvir nada com o barulho da chuva. Queria escutar o ruído da respiração regular de Dakota. Seguiu na ponta dos pés, passou pela estante abarrotada de livros e parou ao lado da cama, observando a menina, tentando distinguir a silhueta do seu corpo. Dakota parecia estar deitada de barriga para cima igual ao pai, embora costumasse dormir encolhida de lado.

No mesmo instante, ela notou o brilho dos olhos de Dakota encarando-a e ouviu a menina perguntar com uma voz perfeitamente clara e desperta:

— O que houve, mãe?

Tiffany se sobressaltou e deu um grito.

— Achei que você estivesse dormindo — disse ela, levando a mão ao peito. — Quase me matou do coração.

— Não estou dormindo — falou Dakota.

— Não está conseguindo? Por que está deitada aí acordada desse jeito? O que houve?

— Nada — disse a menina. — Só estou acordada.

— Está preocupada com alguma coisa? Chegue para lá.

Dakota obedeceu e Tiffany se deitou na cama com ela, com um conforto imediato que nem sequer sabia que queria sentir.

— Está chateada por causa do Harry? — indagou Tiffany.

Dakota reagira à notícia da morte do vizinho com a mesma impassibilidade com que passara a reagir a tudo.

— Na verdade, não — respondeu a menina, sem emoção. — Não muito.

— Não. Bem. A gente não o conhecia muito bem e ele não era...

— Muito gentil — completou Dakota.

— Não. Não era. Mas tem alguma outra coisa? — perguntou Tiffany. — Alguma coisa na sua cabeça?

— Não tem nada na minha cabeça. Nadinha.

Ela parecia ter certeza absoluta e nunca fora capaz de mentir.

— Você não está preocupada em ir para o Saint Anastasias amanhã? — indagou Tiffany.

— Não.

— Vai ser interessante — falou Tiffany vagamente.

Estava sentindo o sono puxar sua consciência feito uma droga. Talvez não fosse nada. Coisas de pré-adolescente. Hormônios. Crescimento.

— Quer que eu fique aqui até você dormir?

— Se quiser... — respondeu Dakota com frieza.

*

A mãe de Dakota estava dormindo profundamente ao seu lado, sem roncar, mas emitindo um assobio demorado e fraco toda vez que exalava.

Mechas compridas do cabelo da mãe cobriam o rosto de Dakota e faziam cócegas em seu nariz. Ela passara uma perna por cima da de Dakota, prendendo-a, como se as pernas das duas fossem algemas.

Dakota prendeu a respiração e soltou a perna. Afastou as cobertas e ficou de joelhos, apoiando-se na parede do quarto feito o Homem-Aranha. Ela se arrastou pela parede até a extremidade da cama. Era uma operação secreta. Estava escapando de seu capturador. Isso! Tinha conseguido! Ela atravessou o quarto na ponta dos pés, evitando as minas terrestres no carpete.

Bobagem. Não pense em coisas bobas e infantis, Dakota, quando há guerras reais acontecendo nesse momento, refugiados reais em barcos minúsculos no meio do oceano e pessoas reais pisando em minas terrestres. Você gostaria de pisar em uma mina terrestre? Ela se sentou no banco almofadado da janela e abraçou os joelhos junto ao peito. Tentou sentir gratidão por ter um banco embaixo da janela, mas não sentia nada. Pelo contrário, chegou a ter um pensamento terrivelmente grosseiro e ingrato: *Não ligo a mínima para esse banco.*

Fazia pouco tempo que Dakota entendera que seu cérebro era um espaço privado ao qual só ela tinha acesso. No dia anterior, olhara para a professora e a xingara mentalmente. Nada acontecera. Ninguém sabia que ela fizera aquilo. Ninguém jamais saberia.

Por volta de seus três anos todo mundo devia entender isso, mas foi uma revelação para Dakota. Pensar no assunto lhe dava a impressão de estar sozinha em um quarto redondo: redondo porque sua cabeça era redonda, com duas janelinhas redondas, que eram seus olhos, e as pessoas tentavam olhar lá dentro, para entendê-la, encarando-a, mas não enxergavam o que havia ali. Não de verdade. Ela estava lá, sozinha, no quarto redondo.

Podia dizer para a mãe: “Adoro o banco da janela.” E se dissesse do jeito certo, sem entusiasmo demais para não levantar suspeitas, sua mãe acharia que ela estava sendo sincera e nunca saberia a verdade.

Então, se Dakota conseguia fazer isso, se conseguia pensar em coisas chocantes, meio

raivosas e duronas como: *não ligo a mínima para bancos sob as janelas*, era provável que adultos também tivessem pensamentos raivosos e durões, que deviam ser muito piores, afinal eles podiam assistir a filmes censurados.

Por exemplo, por mais que sua mãe dissesse: “Boa noite, Dakota, eu te amo, Dakota”, dentro do quarto redondo da cabeça dela, seu “eu” real podia estar pensando: Não acredito que você é minha filha, Dakota, não acredito que uma filha minha faria o que você fez.

Era provável que sua mãe acreditasse que Dakota vinha se tornando uma grande decepção porque estava “crescendo com dinheiro”, embora, ironicamente, ela não *tivesse* nenhum dinheiro, a não ser o que depositavam no dia do seu aniversário em uma conta bancária na qual ela não tinha permissão de mexer.

A mãe de Dakota *não* havia “crescido com dinheiro” (nem o pai dela, mas ele não falava sobre isso, só gostava muito de gastá-lo).

Quando tinha a idade de Dakota, sua mãe fora a uma festa de “criança rica” e se apaixonara pela casa. Parecia um castelo, dizia. Ainda era capaz de descrever cada canto da casa, com detalhes bem maçantes. Gostara particularmente dos bancos nas janelas. Ficou obcecada com eles. Eram “o auge do luxo”. Durante vários anos, sua mãe sonhara com uma casa de dois andares que tivesse banheiros de mármore e bay windows com lugar para se sentar. Era um sonho de arquitetura muito específico. Chegara até a desenhar a casa. Por isso, quando ela e o pai de Dakota conversaram sobre isso com os pedreiros, não deixaram de pedir bancos sob as janelas, por favor. Quanto mais, melhor.

O engraçado era que certa vez Dakota dissera algo a sua tia Louise, uma das irmãs mais velhas de sua mãe, sobre como a família dela havia crescido “pobre”, e a tia caíra na gargalhada.

“Não éramos *pobres*, só não éramos ricos”, retrucara ela. “A gente saía de férias, tinha brinquedos, levava uma vida ótima. Mas sua mãe achava que não pertencia aos subúrbios de classe inferior.”

Então ela contara às outras tias, e todas haviam zombado de sua mãe, mas ela não estava nem aí, apenas rira e dissera: “Tanto faz”, como se fosse uma menina americana de um seriado de TV.

Enfim, Dakota ainda fazia o possível para amar e valorizar os bancos sob as janelas, mas não era muito boa nisso. Sua nota em matéria de valorização ficava em torno de um.

A cortina estava fechada e ela não queria abri-la e correr o risco de acordar a mãe, então passou-a por cima da cabeça como se fosse uma tenda.

Estava chovendo e não dava para ver muita coisa lá fora. A casa de Harry não passava de um vulto borrado e assustador. Ela se perguntou se o fantasma de Harry estava lá dentro, resmungando de raiva, chutando as coisas com os dedos do pé e ocasionalmente virando a

cabeça para o lado e cuspidando com desprezo: *Por que demoraram tanto para encontrar meu corpo? São burros, por acaso?*

Ela não estava *feliz* por ele ter morrido, mas também não estava triste. Não sentia nada. Em sua mente havia apenas um grande nada em relação a Harry.

Dissera a verdade para a mãe quando afirmou que não tinha nada passando em sua cabeça. Estava tentando transformar seu cérebro em um papel em branco.

Só as matérias da escola tinham permissão para estar em seu pedaço de papel em branco.

Mais nada. Nada de pensamentos tristes, nada de pensamentos felizes, nada de pensamentos assustadores. Apenas fatos sobre cultura indígena australiana, aquecimento global e frações.

Era bom que fosse para uma nova escola no ano seguinte. Tinham um bom “histórico acadêmico”. Por isso ela esperava que fossem encher a cabeça com mais fatos, de forma que não sobrasse espaço para pensar naquilo, para lembrar o que havia feito. Antigamente ficava nervosa por estar começando em um lugar novo, mas isso já não importava mais. Lembrar-se de suas velhas preocupações, fazer amigos, por exemplo, era como recordar algo da época em que era bem pequena, por mais que o churrasco tivesse acontecido ainda no fim do segundo bimestre.

Seus pais ainda a amavam. Com toda a certeza. Provavelmente não tinham pensamentos secretos e raivosos.

Ela se lembrou do pai no dia seguinte, no jardim, balançando repetidamente a barra de metal como se fosse um taco de beisebol, o rosto vermelho-vivo. Tinha sido aterrorizante. Então ele entrara em casa e tomara um banho sem dizer nenhuma palavra, sendo que seu pai gostava de falar. As coisas tinham que estar muito sérias para seu pai não falar.

Mas depois sua mãe e seu pai lentamente retornaram ao estado normal. Eles a amavam demais para não perdoá-la. Tinham noção de que ela sabia a enormidade do que fizera. Não houvera punição. Era grandioso a esse ponto. Não era assunto de criança. Não do tipo: “Vai ficar sem ver TV até ter arrumado o quarto.” Na verdade, Dakota não ficara muitas vezes de castigo, nem tivera “consequências”. Outras crianças faziam várias coisinhas erradas todos os dias. Dakota guardara tudo e só fizera uma imensa coisa errada.

Ela mesma precisava se punir.

Pensara em se cortar. Havia lido sobre a prática de *cutting* em um livro para jovens adultos que a bibliotecária dissera ser avançado demais para ela, mas fizera sua mãe comprá-lo mesmo assim. (Sua mãe comprava o livro que ela quisesse.) Adolescentes faziam isso: chamava-se “automutilação”. Ela quisera experimentar, por mais que odiasse sangue. Enquanto seus pais estavam ocupados nos computadores, ela fora até o banheiro deles e encontrara uma lâmina de barbear, ficara séculos sentada na banheira tentando

criar coragem para enfiar a lâmina na pele, mas não conseguira. Era fraca demais. Covarde demais. Em vez disso, bateu nas coxas com toda a força que tinha, com os punhos cerrados. E ficara com hematomas, o que era bom. Até que tivera uma ideia melhor de punição: algo que doía mais do que se cortar. Algo que a afeta todos os dias e ninguém nota a diferença.

Fazia com que ela se sentisse menos culpada, mas, ao mesmo tempo, desolada. “Desolada” era a palavra mais bonita e perfeita para o que ela sentia. Às vezes a repetia sem parar, feito uma música: desolada, desolada, desolada.

Ficou questionando se Harry se sentia desolado e, por isso, era tão bravo com todos. Lembrou-se de que ficara sentada no banco embaixo da janela naquela tarde, lendo, e, ao erguer os olhos, notara a luz acesa em um quarto no segundo andar da casa de Harry, e se perguntara o que ele estava fazendo lá em cima, e o que fazia com todos os quartos daquela casa, afinal morava sozinho.

Mas Harry estava morto e mesmo assim Dakota não sentia nada, nadinha.

CAPÍTULO VINTE

DIA DO CHURRASCO

— Lá vêm eles — gritou Tiffany para Vid, que estava na cozinha.

Ela estava de pé perto da porta e observou Dakota perambular pela entrada da garagem de mãos dadas com as filhas de Clementine, que usavam tutus cor-de-rosa e saltitavam ao seu lado. Enquanto Tiffany observava, a menorzinha caiu do jeito que crianças pequenas caem, em câmera lenta, e Dakota tentou carregá-la no colo. A criança tinha a metade da altura de Dakota, por isso suas pernas tocavam o chão, e o peso da menininha fazia Dakota tombar para o lado.

— Dakota está sendo uma irmã muito boa! — exclamou Tiffany.

No mesmo instante Vid surgiu na porta com um avental listrado e exalando um cheiro forte de alho e limão por causa dos camarões que estava marinando.

— Nem pense nisso — disse Vid.

Quinze anos antes, quando ele a pedira em casamento, enquanto Tiffany ainda admirava seu anel de noivado (Tiffany's para Tiffany, é claro), Vid dissera:

— Antes de colocar o anel no dedo, precisamos falar sobre filhos, ok?

Com três filhas adolescentes raivosas e instáveis, Vid não queria mais filhos, mas Tiffany era jovem, então é claro que iria querer ser mãe, era natural, e ele entendia isso, então a concessão de Vid, para fechar o negócio, fora: *Só um bebê*. A política do filho único. Como na China. Ele não aguentaria mais que isso. Seu coração e sua conta bancária não aguentariam. Disse que entenderia se um bebê não fosse o suficiente, mas para ele não era negociável. Era pegar ou largar, e, aliás, se ela fosse embora, o anel continuaria sendo seu e ele a amaria para sempre.

Tiffany aceitara o acordo. Não estava pensando em bebês naquela época, e não gostava nada de estrias.

Nunca havia se arrependido, só que às vezes, como naquele instante, sentia uma pontada. Dakota teria sido uma irmã mais velha carinhosa e responsável, assim como as irmãs mais velhas de Tiffany. Parecia errado lhe negar isso, ainda mais considerando que a menina nunca pedia nada além de livros.

— Talvez a gente devesse renegociar nosso acordo — disse Tiffany.

— Nem brinque com isso — retrucou Vid. — Não estou rindo. Olhe só a minha cara. — Ele fez uma expressão carrancuda. — Cara séria. Quatro casamentos me levariam à falência. Seria minha morte na certa. Seria como naquele filme *Quatro casamentos e um funeral*. Meu funeral. — Vid deu uma risada, achando graça da própria piada. — Quatro casamentos e o meu funeral. Entendeu? Quatro filhas casando e o funeral de Vid.

— Entendi, Vid — falou Tiffany, sabendo que iria ouvir aquela piada muitas vezes nos próximos meses, possivelmente nos próximos anos.

Ela observou Erika, Oliver, Clementine e Sam atrás das crianças, se aproximando da casa. Havia algo estranho naquela formação, muito espaço entre eles, como se não fossem dois casais que se conheciam bem, mas quatro convidados individuais que nunca tinham se visto e por acaso estavam chegando juntos.

— Oi! — cumprimentou Erika, um pouco antes da hora.

Ainda estava muito longe. A calçada deles era larga.

— Oi! — respondeu Tiffany, descendo os degraus para encontrá-los.

Ao se aproximarem, ela percebeu que todos exibiam o mesmo sorriso abobalhado, como se tivessem acabado de desenvolver um vício em drogas, de se converter a uma religião, ou de integrar um esquema de vendas em pirâmide. Tiffany sentiu certo receio. Como seria aquela tarde?

Vid passou por ela com os braços estendidos à frente, indo em direção aos convidados. *Caramba, Vid, seu cabeça oca, parece até que são parentes queridos voltando de uma longa viagem internacional.*

Barney também achou que os convidados eram seus parentes queridos e se apressou para cheirar os sapatos de todo mundo, em êxtase, como se estivesse correndo para conseguir farejá-los em tempo recorde.

— Bem-vindos, bem-vindos! — gritou Vid. — E olhem só essas meninas lindas! Olá! Acabei mandando Dakota buscar vocês... Espero que não tenham se importado. Eu não queria que a carne passasse do ponto. Barney, se acalme, seu cachorro doido.

Ele beijou as bochechas de Clementine.

— Lembro que, assim como eu, você gosta de comer, não é? Gostamos de comida boa! Na última vez que nos encontramos na casa de Erika, conversamos sobre comida, sabe.

— É mesmo? — indagou Erika, desconfiada, como se todos os tópicos de conversa devessem ter sido aprovados por ela primeiro. — Não me lembro disso.

Ela entregou um pote de amêndoas com chocolate a Tiffany.

— Espero que não tenham alergia, porque eu trouxe amêndoas. Amêndoas com chocolate.

— Não temos — respondeu Tiffany. — Na verdade, adoro essas amêndoas.

E não tinha falado aquilo só por educação. Amêndoas lhe deixavam um pouco nostálgica. Seu avô costumava comprá-las no Natal.

— É mesmo? — indagou Erika, duvidando. — Que bom, então.

Aquela moça era uma *esquisitona*, como diria Karen, irmã de Tiffany.

Clementine não exibia mais a expressão abobalhada e olhava para Vid como se ele fosse a resposta para todos os seus problemas.

— Mãe, essa é Ruby e essa é Holly. Posso ir com elas para o meu quarto? — pediu Dakota a Tiffany.

Seus olhos brilharam quando ela apresentou as menininhas de cabelo embarçado que usavam asas e pareciam ter entornado potes de purpurina no corpo todo.

— Só se os pais delas deixarem — respondeu Tiffany.

— Dakota é muito responsável, sabe — comentou Vid. — Vai cuidar delas.

— Claro que a gente deixa — disse Sam, dando um beijo na bochecha de Tiffany.

Ele observou o corpo dela da forma que um rapaz australiano educado faria: de cima a baixo e depois se apressou a *desviar* o olhar!

— Que bom ver você de novo, Tiffany — disse, suspirando discretamente, como se também se sentisse aliviado por estar ali.

Ele e Clementine davam a impressão de estarem chegando a uma recepção após um funeral, prontos para afrouxar as gravatas e livrar os ombros da tensão, desesperados para comer e beber e lembrar a si mesmos que estavam vivos. Ele se ajoelhou e acariciou as orelhas de Barney, que reagiu sem qualquer dignidade, jogando-se no chão e exibindo a barriga para receber carinho, como se ninguém jamais tivesse lhe dado atenção.

— Agradecemos a hospitalidade.

Oliver apertou a mão de Vid e depois também beijou a bochecha de Tiffany, pouco à vontade, como se tivesse sido desafiado a não deixar que nenhuma parte do seu corpo encostasse no dela.

— Entrem, entrem!

Vid conduziu o grupo para dentro da casa.

— Vamos beber alguma coisa antes de começarmos o churrasco.

— Peça desculpas pelas meninas estarem sujando tudo de purpurina — disse Erika, observando Dakota levá-las para o andar de cima, seguida de Barney, que estava excessivamente alegre.

Tiffany viu um espasmo de irritação surgir no rosto de Clementine, provavelmente porque outra mulher estava se desculpendo em nome das suas filhas.

— Ah, não tem problema — disse ela.

— Preparei uma mesa de atividades para as meninas — explicou Erika. — Achamos que estavam fazendo trabalhos manuais, mas na verdade estavam só...

— Fazendo uma grande bagunça — completou Clementine, porém tanto ela quanto Erika estavam sorrindo, como se aquilo fosse engraçado.

Tiffany achava que tinha talento para julgar o caráter das outras pessoas e as situações — seus instintos costumavam acertar em cheio —, mas naquele instante estava totalmente perdida em relação aos quatro. Eram amigos ou inimigos?

— Trouxemos champanhe.

Clementine ergueu uma garrafa de Moët com o orgulho vibrante de alguém que não compra Moët com frequência. (Vid tinha três caixas na adega.)

— Obrigado! Não precisava!

Vid pegou a garrafa de champanhe com uma das mãos carnudas como se fosse uma mangueira de gasolina.

— Mas, Clementine, a pergunta que não quer calar é: você trouxe seu violoncelo?

— É claro — respondeu ela, dando tapinhas na bolsa. — Nunca saio sem ele. Está bem aqui. Tenho um violoncelo desmontável novo e muito chique.

Vid olhou inexpressivamente para a bolsa dela por uma fração de segundo e então riu de prazer. Não foi *tão* engraçado assim, pensou Tiffany. Vid apontou a garrafa de champanhe para Clementine como se fosse uma arma.

— Você me pegou! Você me pegou!

Sim, ela pegou você, com certeza, pensou Tiffany enquanto corria até o armário da cozinha em busca de taças de champanhe, sabendo que Vid ia abrir a garrafa daquele seu jeito eufórico de sempre.

Tudo bem Vid sentir tesão por Clementine. Tiffany entendia isso, meio que gostava, e, a julgar pelo modo como Clementine estava mexendo no cabelo, ela também gostava. Era só sexo. Sexo era fácil. O que Tiffany não entendia eram as três outras pessoas no cômodo, porque enquanto Vid abria a garrafa, causando o efeito “Uau!” previsível, e Clementine pegava duas taças das mãos de Tiffany e saía saltitando e rindo, tentando conter o champanhe que transbordava e escorria, Oliver, Erika e Sam ficavam observando Clementine. Tiffany não conseguia saber se faziam isso com verdadeiro afeto ou com total desprezo.

CAPÍTULO VINTE E UM

Clementine colocou o livro de cabeça para baixo no colo, sob o círculo de luz que a lâmpada projetava no edredom. Escutou o barulho da chuva e observou o lado vazio e escuro da cama de casal.

Quando Sam retornara da sua “volta de carro”, depois que sua mãe fora para casa (“Outro dia”, dissera ela com firmeza. “Vamos tentar de novo outro dia.”), nenhum dos dois comentara nada sobre a saída desastrosa daquela noite. Foram educados e calmos um com o outro, feito duas pessoas que moravam juntas, mas não eram muito íntimas. “A sobra do macarrão está na geladeira.” “Legal, talvez eu coma um pouco.” “Vou dormir.” “Boa noite.” “Boa noite.”

Sam fora até o escritório para dormir no sofá-cama que deixava qualquer um que passasse a noite ali com dor na lombar. (“Dormi bem, muito *bem!*”, garantiam os convidados na manhã seguinte, massageando discretamente as costas.)

O escritório parecia ser o novo quarto de Sam. Nem se davam o trabalho de ir para a mesma cama e depois um deles fugir no meio da noite com um travesseiro debaixo do braço. *Dormimos em quartos separados agora*. Ela teve uma sensação nauseante de choque ao deixar que o pensamento se cristalizasse daquela forma.

A última vez que ela e Sam haviam dormido juntos por uma noite inteira naquela cama fora na véspera do churrasco, uma noite sem sonhos de bagunçar os lençóis nem de ranger os dentes, sem se virar de um lado para outro acordados.

Parecia extraordinário imaginar os dois indo para a cama, dormindo a noite toda e acordando juntos na manhã seguinte. Como fora aquela última noite de extraordinária banalidade? Ela não conseguia se lembrar de nenhum detalhe; só sabia que eles eram muito diferentes das pessoas que se tornaram apenas oito semanas depois.

Será que haviam transado? Provavelmente não. Isso acontecia muito raramente. Por esse motivo tinham ficado tão suscetíveis naquela noite. Ao sexo.

Sua mãe acabara criando esperança de que o jantar no restaurante chique resultaria nos dois voltando para casa e “fazendo amor”. Se não tivessem voltado cedo, se tivessem entrado pela porta de mãos dadas, Pam teria saído depressa, dando uma piscadela e um sorriso, e então teria ligado no dia seguinte e dito algo terrivelmente inapropriado, como: “Espero que não estivessem cansados demais para deixar de fazer amor, querida. Uma vida

sexual saudável é crucial para um casamento saudável.”

Clementine teria sentido vontade de tapar os ouvidos e cantarolar “lá lá lá”, como fazia quando a mãe passava sermões sobre educação sexual ao levar Clementine e Erika de carro para as festas. Erika, que praticamente fazia anotações sempre que a mãe de Clementine abria a boca, costumava escutar com atenção os sermões e fazer perguntas muito específicas sobre o processo. “Quando, exatamente, é a hora da camisinha?” “Quando o pênis do menino...” “LÁ LÁ LÁ!”, gritava Clementine.

Sua mãe sempre fora aberta e alegre demais em relação ao sexo, como se fizesse bem para a pessoa, feito exercício aeróbico. Costumava manter um exemplar de *Os prazeres do sexo* descaradamente exposto na mesa de cabeceira, como se fosse um lindo romance. Clementine se lembrava sobretudo da grande quantidade de *pelos* nas imagens do livro.

Clementine queria que sexo fosse algo sutil e secreto. Luzes apagadas. Misterioso. Sem pelos. Lembrou-se de Tiffany naquele jardim maluco, antes que as luzes decorativas fossem acesas: a camiseta branca dela na luz turva. Clementine sentiu um gosto doce na boca. Era o da sobremesa de Vid. Mas, no momento, era o gosto da vergonha.

Duas ou três noites antes do churrasco, Clementine sonhara que estava transando no palco da sala de concertos da Opera House com alguém que não era Sam. Holly e Ruby estavam na plateia, assistindo à mãe transar com outro homem. Bem ali, na primeira fileira, com as pernas balançando, enquanto Clementine gemia e gritava da forma mais depravada possível, e, a princípio, as duas apenas observavam com uma concentração plácida, como se estivessem vendo *Dora, a Aventureira*, mas então começaram a chorar, e Clementine falou: “Só um minuto!”, como se estivesse terminando de lavar a louça, e não chegando ao orgasmo. Em seguida, seus pais e os pais de Sam, os quatro, entraram correndo pelo meio do salão com expressões de nojo, e a mãe dela gritava: “Como pôde fazer isso, Clementine, como pôde?”

Não era um sonho difícil de interpretar. Na mente de Clementine o que acontecera sempre teria alguma relação com sexo. Sexo vulgar e barato.

Fragmentos daquele sonho revoltante haviam perdurado por dias, como se fossem uma memória real. Ela precisava se acalmar: *Está tudo bem, Clementine. Você nunca chegou a fazer uma apresentação sexual na Opera House com suas filhas na plateia.*

E mesmo assim ainda parecia mais uma memória que um sonho.

Tanto ela quanto Sam haviam tido pesadelos na primeira semana após o churrasco. Os lençóis se embolavam e os travesseiros cheiravam a suor. Os gritos do marido a acordavam de forma arrebatadora, como se alguém a tivesse puxado pela blusa e a obrigado a se sentar, o coração disparado. Sam estava ao seu lado, confuso e balbuciando algo, e a primeira reação instintiva de Clementine era sempre de pura raiva, nunca de empatia.

Sam começara a ranger os dentes durante o sono. Uma melodia insuportável em um

compasso três quartos perfeito. *Clique*, dois, três, *clique*, dois, três. Ela ficava deitada na cama de olhos abertos na escuridão, contando junto, durante o que lhe pareciam horas a fio.

Aparentemente, Clementine passara a falar dormindo. Certa vez, acordara com Sam debruçado por cima dela, gritando (ele argumentou que não estava gritando, mas estava): “Cale a boca, cale a boca, cale a boca!”

Quem dos dois ficasse mais frustrado ia dormir ou ler no escritório. Então arrumaram o sofá-cama, que permaneceu assim. Teriam que conversar sobre isso em algum momento. Não poderia durar para sempre, poderia?

Não pense nisso. Vai se resolver sozinho. Tinha coisas mais importantes com que se preocupar. No dia seguinte, por exemplo, precisaria ligar para Erika e combinar de encontrá-la para tomar um drinque depois do trabalho. E diria que doaria os óvulos, *é claro*. Seria um prazer, uma honra.

Por algum motivo, lembrou-se da primeira e única vez em que vira o interior da casa de infância de Erika.

Eram amigas havia cerca de seis meses e Clementine estava sempre (principalmente por causa da insistência da mãe) convidando Erika para brincar em sua casa, mas ela nunca retribuía o convite, e Clementine, com o sentido de justiça de uma criança, estava ficando cansada daquilo. Era divertido ir à casa dos outros. Muitas vezes, ela ganhava guloseimas que não podia comer na própria casa. Então, por que Erika estava sendo tão estranha e reservada, e, francamente, egoísta?

Certo dia, a mãe de Clementine estava levando as duas a um piquenique da escola e elas pararam diante da casa de Erika para buscar algo que a menina havia esquecido. Um chapéu? Clementine não lembrava. Porém, se lembrava de ter saído do carro e corrido atrás da amiga para lhe dizer que sua mãe pedira que ela também pegasse uma blusa quente porque estava esfriando e de ter parado perplexa na entrada da casa. A porta não abria totalmente. Erika devia ter passado de lado. A porta estava bloqueada por uma torre de caixas de papelão atulhadas que ia até o teto.

“Saia daqui! O que está fazendo aqui dentro?”, gritara Erika, surgindo de repente no hall, seu rosto parecendo uma grotesca máscara de fúria, e Clementine dera um pulo para trás, mas nunca se esquecera daquele vislumbre do hall da casa da amiga.

Fora como entrar num barraco na favela. As *tralhas*: arranha-céus de jornais velhos, emaranhados de cabides, sobretudos e sapatos, uma frigideira repleta de colares de contas e pilhas de sacos plásticos cheios e amarrados. Parecia que a vida de alguém tinha explodido.

E o cheiro... Cheiro de podridão, mofo e decadência.

A mãe de Erika, Sylvia, era *enfermeira*, em teoria uma profissional perfeitamente

competente. Trabalhou em um asilo durante anos, antes de se aposentar. Para Clementine, parecia inacreditável que alguém que vivia daquela maneira pudesse trabalhar na área da saúde, em que aspectos como limpeza e higiene eram muito importantes. Segundo Erika, que hoje em dia falava abertamente sobre a acumulação da mãe, aquilo não era raro; aliás, era bem comum que acumuladores trabalhassem na área da saúde. “Dizem que tem algo a ver com o fato de focarem sua atenção em cuidar dos outros, por isso não cuidam de si mesmos”, dizia Erika. Depois ela acrescentava: “Nem mesmo dos filhos.”

Durante anos, os problemas da mãe de Erika tinham sido algo a que se referiam de maneira tortuosa e delicada, até começarem a passar os programas de TV e de repente havia uma palavra para descrever aquele horror: acumulação. A mãe de Erika era uma “acumuladora”. Aquilo existia. Era uma doença. Mas só quando Erika iniciara suas sessões com a “psicóloga fofa”, cerca de um ano antes, ela própria começara a usar em voz alta a palavra “acumulação”, e a debater a psicologia que existia por trás daquilo, de um jeito novo, estranho e editado, como se nunca tivesse sido um segredo profundo e sombrio.

Como Clementine poderia se ressentir de compartilhar sua casa e sua vida com Erika depois de ver a casa dela? Não poderia, mas ainda assim ficava ressentida.

E estava acontecendo a mesma coisa agora. Ela não se tornara uma boa pessoa. Ainda não sentia prazer algum ao pensar em ajudar a amiga a realizar seu maior desejo. Na realidade, ainda sentia a mesma aversão avassaladora que sentira no momento em que pediram para ela doar os óvulos, mas a diferença era que passara a *apreciar* a aversão. Queria que os médicos a cortassem, que a abrissem. Queria que arrancassem um pedaço dela e o entregassem a Erika. *Aí está. Vamos equilibrar a balança.*

Ela virou a lâmpada de cabeceira para o outro lado e rolou até o meio da cama, tentando pensar em qualquer coisa, *qualquer* coisa que não aquele dia. Aquele dia supostamente “comum”.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

DIA DO CHURRASCO

Erika observou Clementine tentando salvar o Moët que transbordava e escorria pela garrafa enquanto Vid estava parado no meio da cozinha gigantesca, segurando o champanhe com as mãos e exibindo um sorriso idiota, feito um vencedor de Fórmula 1 posando para a foto.

Clementine ria como se tudo aquilo fosse pura diversão, como se não importasse que um champanhe caro estivesse sendo desperdiçado. Ela não deveria ter gastado tanto. Não havia necessidade de aparecer com champanhe francês em um churrasco no jardim. Ela e Sam sempre iam além de suas possibilidades financeiras. A *hipoteca* da casinha úmida e moderna deles! Erika e Oliver não acreditaram quando souberam o valor do empréstimo que eles pegaram, e *depois* ainda levaram as meninas para passar férias na Itália no ano anterior! Uma loucura fiscal. Haviam pagado com cartão de crédito, mesmo sabendo que as crianças teriam ficado igualmente felizes com uma viagem de uma hora até Central Coast, mas para Sam e Clementine só servia a Toscana.

Era por isso que Clementine realmente precisava conseguir o trabalho em tempo integral na orquestra. Ela sempre entrava em pânico quando tinha um teste pela frente, passando a duvidar de si mesma de repente. Erika não imaginava como seria ter um trabalho em que a própria pessoa duvidava da sua capacidade de realizá-lo. No mundo de Erika, ou você era qualificado para um emprego ou não era.

Talvez Erika não tivesse conseguido interpretar a expressão de Clementine. Não era que ela não quisesse ajudá-los doando os óvulos; era só que estava com muita coisa na cabeça. Eles deveriam ter esperado o teste passar para pedir. Mas isso demoraria meses. Se ela conseguisse o emprego, estaria começando um novo trabalho. Se não conseguisse, estaria arrasada. Era agora ou nunca.

Talvez fosse nunca.

Será que o comprimido estava afetando seu equilíbrio? Não, claro que não. Ela se sentia ótima.

— Aqui está!

Clementine entregou uma taça a Erika, sem olhá-la nos olhos.

— Também vou querer uma — disse Oliver.

Sua decepção com a maneira como o “encontro” havia sido marcado fazia os cantos de sua boca se repuxarem para baixo, dando-lhe a aparência de um palhaço triste. Enchera-se de esperanças com aquele dia... “Você acha que ela vai dizer sim?”, indagara subitamente na noite anterior enquanto viam televisão, e Erika quase não suportara a ansiedade em sua voz, e o medo a fizera responder, irritada: “Como é que eu vou saber?”

— É, também vou querer uma bebida — disse Sam.

Parecia até que todos estavam morrendo de sede. Erika *tinha* servido água mineral com gás e limão em sua casa. Ela bebeu um grande gole de champanhe. Mas não gostava muito da bebida. Será que todo mundo só fingia gostar de champanhe?

— Bem, eu sei que não é muito elegante, mas vou beber cerveja.

Tiffany foi até a geladeira gigantesca de aço inoxidável e parou com o quadril inclinado para o lado. Vestia uma calça jeans quase branca de tão desbotada com rasgos nos joelhos (eram rasgos plausíveis; Erika quase a perdoava pelos rasgos) e uma camiseta branca simples. Seu cabelo louro comprido tinha aquela aparência pós-praia de que as estrelas do cinema gostavam. O mero fato de olhar para ela fazia Erika pensar em sexo, então vai saber o que ela estava provocando nos homens. Mas, quando olhou na direção do seu marido, reparou que Oliver olhava pela janela, encarando o nada, sonhando com bebês. O marido perfeito. Só precisava de uma esposa perfeita.

— Na verdade, vou beber cerveja — disse Sam, largando sua taça de champanhe na bancada —, já que tem.

— Coloquei um *struklji* no forno, só mais cinco minutos — falou Vid. Ele abriu o forno e espiou lá dentro. — É um strudel de queijo saboroso, muito bom, esloveno, uma velha receita de família... Não, não é verdade, peguei na internet! — Ele deu uma gargalhada ruidosa. — Minha tia costumava preparar esse prato, e quando eu pedi a receita para minha mãe ela disse: “Sei lá!” Minha mãe não cozinha. Mas eu sou um cozinheiro de mão cheia.

— Ele é mesmo. Muito humilde também.

Tiffany inclinou a cabeça para trás e tomou um longo gole de cerveja, as costas arqueadas, o peito estufado, feito uma garota propaganda de um comercial sexista que passa no intervalo de jogos de futebol. Erika não conseguia desviar o olhar. Será que Tiffany fazia aquilo de *propósito*? Era extraordinário. Encontrou o olhar de Clementine, que ergueu uma das sobrancelhas em sua direção, e Erika tentou não rir, e tudo o que ela gostava na amizade das duas foi resumido por aquela sobrancelha secretamente erguida só para ela.

— Eu adoraria ter um marido que cozinha — falou Clementine para Tiffany. — Onde você arranjou este?

— Isso é segredo — falou Tiffany com alegria.

Viu só, esse era o tipo de conversa que Erika não entendia. Não era meio inapropriado? Sedutor? E Clementine e Tiffany estavam demonstrando tanta intimidade uma com a outra, como se Erika fosse a intrusa e Clementine e Tiffany fossem velhas amigas.

— Ei, eu cozinho!

Sam deu um peteleco no ombro de Clementine.

— Ai! — exclamou ela, e em seguida falou para Tiffany e Vid: — A verdade é que dividimos a tarefa, mas nenhum dos dois cozinha muito bem.

— Como assim? — questionou Sam com falsa indignação. — E o meu prato especial?

— Sua torta de carne. É maravilhosa. Divina. Você segue muito bem as instruções da embalagem.

Clementine passou o braço em torno da cintura dele.

E isso também. Ela não entendia isso. Como podiam estar se provocando tão alegremente depois de toda a tensão na casa de Erika? Tensão causada pela própria Erika, mas, na verdade, Clementine e Sam deveriam estar de acordo sobre algo tão importante quanto a decisão de ter ou não um terceiro filho. O assunto deveria ter sido esclarecido, discutido. Clementine não deveria sair por aí dizendo aos outros que preferiria arrancar os próprios olhos, fazendo com que as pessoas acreditassem que podiam *confiar* nessa informação, muito obrigada.

Será que toda aquela bela encenação era para Vid e Tiffany? Ela e Oliver não faziam encenações de casal. Em público, Oliver falava com Erika com carinho e educação, como se ela fosse uma tia querida, não sua esposa. As pessoas deviam achar que eles tinham um casamento péssimo.

— Deixe eu encher sua taça — disse Tiffany a Erika, erguendo a garrafa de champanhe.

— Ah, nossa, como bebi rápido.

Intrigada, Erika olhou para sua taça vazia.

— Talvez seja bom dar uma olhada nas crianças — disse Sam. Ele olhou para o teto. — Está um silêncio suspeito lá em cima.

— Ah, relaxe, não se preocupe, elas estão bem com Dakota — afirmou Vid.

— Sam é o preocupado — explicou Clementine.

— É, Clementine prefere uma abordagem parental mais livre — disse Sam. — Não é preciso ficar de olho nas crianças no shopping, um segurança vai cuidar delas.

— Sam, isso aconteceu *uma* vez — protestou ela. — Virei as costas para Holly por um segundo na loja JB Hi-Fi — disse para Vid e Tiffany, embora Erika não se lembrasse de ter ouvido aquela história. — E ela saiu correndo atrás de um DVD da Barbie, ou alguma

coisa assim, ficou desorientada e saiu da loja. Foi assustador.

— Viu só, por isso não *podemos* virar as costas — disse Sam.

— Sim, Sr. Nunca Cometi Um Erro Na Vida.

Clementine revirou os olhos.

— Nunca cometi um erro desse tipo — falou Sam.

— Isso não é nada. Uma vez perdi Dakota na praia— contou Vid.

Erika e Oliver se entreolharam. Aqueles pais estavam mesmo disputando para provar como eram incompetentes e irresponsáveis? Quando Oliver e Erika tivessem um filho, nunca o perderiam de vista. Nunca. Avaliariam o risco de cada situação. Dariam à criança toda a atenção que não tinham recebido dos próprios pais. Tudo o que seus pais haviam feito de errado, eles fariam certo.

— Nunca senti tanto medo quanto naquele dia na praia — disse Tiffany. — Eu quis matar ele. Pensei comigo mesma: se alguma coisa acontecer com Dakota, vou matar Vid, literalmente *matar*, nunca vou perdoar.

— Mas, olhem, ainda estou vivo! Nós a encontramos. Deu tudo certo — falou Vid.
— Crianças se perdem. Faz parte.

Não faz, não, pensou Erika.

— Ah, não faz — retrucou Tiffany, ecoando os pensamentos de Erika. — Não é inevitável.

— Concordo — disse Sam, encostando sua garrafa na de Tiffany para fazer um brinde.
— Nossa, como temos parceiros displicentes.

— Eu e você, nós somos os *displicentes* — falou Vid para Clementine, e fez a palavra “displicente” soar como algo maravilhoso.

— Somos *relaxados* — retificou Clementine. — Enfim, isso só aconteceu uma vez e agora eu fico de olho nas crianças feito uma águia.

— Mas e vocês dois, hein? — perguntou Vid a Erika e Oliver, talvez percebendo que os vizinhos estavam de fora da conversa.

— Eu fico de olho em Erika feito uma águia — disse Oliver inesperadamente. — Nunca a perdi.

Todos riram e Oliver pareceu triunfante. Normalmente ele não dava uma resposta sagaz como aquela. Não estrague, amor, pensou Erika ao ver a boca de Oliver se mexendo, preparando-se para fazer mais algum comentário. Pare por aí. Não tente repetir a mesma coisa de um jeito diferente para arrancar mais risadas.

— Mas e quanto a filhos, hein? — indagou Vid. — Estão planejando ter filhos?

Houve uma breve pausa. Um aperto, uma compressão do ar como se todos tivessem parado de respirar.

— Vid — repreendeu Tiffany. — Não se pode perguntar isso às pessoas. É pessoal.

— Como assim? Por que não? O que há de pessoal em ter filhos?

Vid parecia confuso.

— Estamos querendo ter filhos — respondeu Oliver.

Seu rosto murchou para dentro, feito um balão estourado. Pobre Oliver. Logo depois do pequeno triunfo social.

— Um dia — falou Erika.

Todos pareciam evitar olhar para ela de propósito, como faziam quando a pessoa tinha comida nos dentes e não queriam dizer, por isso tentavam não olhar. Ela usou a unha para verificar que não havia sementes de gergelim dos biscoitos nos seus dentes. Sua intenção fora parecer alegre e otimista.

— Em breve.

— Mas não podem esperar muito tempo — disse Vid.

— Pelo amor de Deus, *Vid!* — reprimiu Tiffany.

Então ouviram um grito lancinante vindo do andar de cima.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

— É Clementine.

A chuva estava tão forte que Erika mal conseguia distinguir a voz de Clementine ao telefone.

— Fale mais alto — pediu ela.

— Desculpe. É Clementine. Bom dia! Como você está?

— Ah, oi, tudo bem?

Erika passou o celular para a outra orelha e o segurou com o ombro, para continuar levando as coisas da casa até a garagem e guardando-as no carro.

— Eu queria saber se você quer me encontrar para beber algo depois do trabalho — disse Clementine. — Hoje. Ou outro dia.

— Não vou trabalhar — falou Erika. — Vou tirar o dia de folga. Tenho que ir até a casa da minha mãe.

Ao ligar para o escritório, ela pedira para sua secretária dizer a quem perguntasse que ela havia tirado o dia de folga porque sua mãe estava doente, o que, tecnicamente, era verdade.

Houve uma pausa.

— Ah — disse Clementine, e seu tom de voz mudou como sempre acontecia quando as duas falavam sobre a mãe de Erika.

Ela ficava hesitante e gentil, como se estivesse conversando com alguém que tinha uma doença terminal.

— Minha mãe comentou que ligou para você ontem à noite.

— É — disse Erika.

Sentiu uma pontada de fúria ao imaginar Clementine e a mãe conversando tranquilamente sobre ela, a pobrezinha da Erika, como deviam fazer desde que ela era criança.

— Como foi o jantar? — perguntou a Clementine.

— Ótimo — respondeu, o que significava que não tinha sido ótimo, senão ela estaria tagarelando sobre os sabores incríveis do que comeu.

Não me conte, Clementine. Não me importo se seu casamento está desmoronando, se sua vida perfeita não anda tão perfeita ultimamente. Olhe só como as outras pessoas

vivem.

— Então você vai até a casa da sua mãe — continuou Clementine — para... hum... ajudar com a faxina.

— O máximo que puder.

Erika pegou a garrafa de desinfetante de três litros, mas a largou em seguida. Era difícil demais carregar aquilo enquanto falava ao telefone. Por isso pegou dois esfregões e passou pela porta que levava à garagem, acendendo a luz no caminho. A garagem estava impecável. Parecia uma sala de exposição para o Statesman azul também imaculado.

— Oliver também tirou o dia de folga?

Sabia que Oliver sempre ia com ela. Erika se lembrava de quando contara a Clementine sobre a primeira vez em que Oliver a ajudara na casa da mãe e como ele fora maravilhoso, cumprindo sua função sem reclamar nenhuma vez, e como Clementine exibira uma expressão chorosa e meiga ao ouvir aquilo, e, por algum motivo, aquela expressão chorosa e meiga deixara Erika com raiva, porque ela já *sabia* como tinha sorte em ter a ajuda de Oliver, já se sentia grata e amada, mas a reação de Clementine a deixava com vergonha, como se Erika não merecesse aquilo, como se ele estivesse fazendo mais do que era de se esperar de um marido.

— Oliver também não vai trabalhar, mas porque está doente — disse Erika.

Ela abriu o porta-malas do carro e enfiou os esfregões lá dentro.

— Ah. Bem, quer que eu vá com você hoje? — ofereceu Clementine. — Posso ir. Vou tocar em um casamento de manhã, mas depois estou livre até a hora de buscar as crianças na escola.

Erika fechou os olhos. Notara o tom de esperança e medo na voz de Clementine. Lembrou-se da amiga quando criança, no dia em que descobrira as condições de vida de Erika: a doce e pequenina Clementine, com pele de porcelana, olhos azul-claros e uma vida organizada e feliz, de pé diante da porta da casa de Erika, os olhos redondos ainda mais arredondados e vidrados.

— Você acabaria sendo picada — disse Erika bruscamente. — Tem pulgas lá.

A pele de porcelana de Clementine sempre recebia a primeira picada de mosquito. Parecia muito suculenta.

— Posso usar repelente! — exclamou Clementine com entusiasmo.

Parecia até que ela queria ir.

— Não — disse Erika. — Não. Estou bem. Obrigada. Você deveria estar ensaiando para o seu teste.

— É mesmo — concordou Clementine, fazendo um barulho parecido com um suspiro. — Você tem razão, eu acho.

— Quem se casa em plena quarta-feira de manhã? — questionou Erika, sobretudo

para mudar de assunto, mas também, em parte, porque não queria ouvir o que achava que viria em seguida. — Todos os convidados têm que pedir folga no trabalho, não?

— As pessoas querem economizar dinheiro — falou Clementine vagamente. — E vai ser ao ar livre, então é claro que não tinham um plano caso chovesse. Enfim, escute, eu não queria fazer isso por telefone, mas...

Lá vinha. A oferta. Fora só questão de tempo. Erika voltou para dentro de casa e examinou o imenso desinfetante.

— Sei que você não deve estar querendo tocar no assunto desde o churrasco — disse Clementine. — Desculpe por ter demorado tanto para dar um retorno. — Seu tom de voz era estranhamente formal. — Mas eu não queria que você achasse que era só por causa... — Sua voz falhou. — E, é óbvio, Sam e eu não estamos pensando com clareza...

— Clementine — interrompeu Erika. — Você não precisa...

— Eu quero fazer isso — afirmou ela. — Doar meus óvulos, quer dizer. Quero ajudar você a ter um bebê. Eu adoraria ajudar. Estou pronta para, você sabe, entrar no jogo.

Ela pigarreou, envergonhada, como se as palavras “entrar no jogo” fossem em alguma língua estrangeira que ainda estava aprendendo.

— Estou empolgada.

Erika não disse nada. Conseguiu apoiar o desinfetante no quadril, como se fosse um bebê obeso. Cambaleou de volta até a garagem.

— Quero que você saiba que minha decisão não teve nada a ver com o que aconteceu — disse Clementine. — Eu teria aceitado de qualquer maneira.

Erika gemeu ao abrir a porta do carona e jogar o desinfetante no banco do carro.

— Ah, Clementine — disse ela, e percebeu a súbita doçura em sua voz, como se estivesse usando um tom falso até então. Aquela era sua voz real. E ecoou na garagem. Era o tom de voz que usava com Oliver no meio da noite quando compartilhavam os segredos mais vergonhosos de suas infâncias vergonhosas. — Nós duas sabemos que isso é mentira.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

DIA DO CHURRASCO

— Parece Holly — disse Sam, largando a garrafa de cerveja. — Pode deixar que eu vou lá.

— Minha nossa! — exclamou Tiffany. — Eu mostro onde elas estão.

— Mamãe! — gritou Holly lá em cima. — Mamãe, mamãe, mamãe!

— Parece que eu também preciso ir — disse Clementine, visivelmente aliviada.

Erika também quis ir, para conferir se Holly estava bem, mas com ambos os pais lá, claramente não seria apropriado, sem contar que seria um comportamento invasivo que faria Clementine suspirar de forma exasperada para ela. Só restaram Erika, Oliver e Vid na cozinha, e logo ficou claro que aquela combinação social específica não funcionava, embora Vid, é claro, fosse fazer sua tentativa mais efusiva.

Oliver olhou melancolicamente para sua taça de champanhe enquanto Vid abria a porta do forno para espiar a comida e a fechava de novo.

Erika olhou em volta em busca de inspiração. Havia um grande vaso de vidro no meio da bancada, repleto de caquinhos de vidro de cores e tamanhos diferentes.

— Que bonito — disse ela, puxando o vaso em sua direção para dar uma olhada no conteúdo.

— É da Tiffany — falou Vid. — Ela chama isso de vidros marinhos. Eu chamo de lixo. — Ele pegou um grande caco de vidro escuro e oval. — Olhe só para isso! Eu disse a ela: querida, isso é de uma garrafa de Heineken quebrada! Algum bêbado deixou isso na praia e você trouxe o lixo dele para casa! Mas aí ela faz todo um discurso sobre como o vidro foi polido pelo mar e sei lá mais o quê.

— Acho que é uma bela decoração — disse Erika, embora concordasse com ele.

Era um vaso de lixo.

— Minha esposa é acumuladora — continuou Vid. — Se não fosse por mim, ela seria como aquelas pessoas que a gente vê na televisão, sabe? Aquelas que têm tanta tralha que não conseguem passar pela porta de casa.

— Tiffany não é acumuladora — afirmou Erika.

Oliver pigarreou. Um discreto sinal de alerta.

— Ela é! Juro que é! — exclamou Vid. — Você devia ver o armário dela. Os sapatos. Essa mulher é uma Imelda Marcos.

— Mas não é acumuladora — repetiu Erika, evitando olhar para Oliver. — Minha mãe é uma acumuladora de verdade.

Oliver estendeu a mão com a palma virada para baixo diante de Erika, como se pretendesse impedir que um garçom enchesse sua taça, só que em vez de *chega de vinho*, ele queria dizer *chega de revelações*. No mundo de Oliver, não se contava nada a ninguém. Família era um assunto privado. Família era um assunto vergonhoso. Tinham isso em comum, só que Erika não queria mais passar vergonha.

— Tipo, de verdade? — indagou Vid, interessado. — Como nos programas de televisão?

Os programas de televisão. Erika se lembrou da primeira vez em que ligara a televisão e vira o hall da casa da mãe sendo exibido para o mundo inteiro em toda sua glória repugnante, e de como se sobressaltara, colocando as mãos no peito como se tivesse levado um tiro. Tinha sido um pesadelo, como se um inimigo tivesse filmado seu segredo sórdido e o exibido na televisão. Sua mente racional não demorou para reorganizar os pensamentos. É *claro* que não era o hall de sua mãe, era o de um velho galês do outro lado do mundo, mas, mesmo assim, Erika continuava se sentindo exposta, humilhada em público, e desligara a televisão com uma pancada forte no controle remoto, como se estivesse dando um tapa no rosto de alguém. Ela nunca havia assistido a um daqueles programas até o fim; não conseguia suportar aquele tom leve, falsamente solidário.

— Sim, de verdade — disse Erika. — Como nos programas de televisão.

— Uau! — exclamou Vid.

— Ela tem um apego patológico por objetos inanimados — explicou Erika.

Oliver suspirou.

— Ela acumula coisas para se isolar do mundo — continuou ela.

Não conseguia parar.

Passara grande parte da vida evitando fazer uma análise do “hábito” da mãe, ou até mesmo pensar muito no assunto, a não ser quando era extremamente necessário. Era como se sua mãe tivesse um fetiche que a sociedade não aceitava. Quando ela saiu de casa, conseguiu se distanciar ainda mais, porém, certa noite, cerca de um ano antes, digitara “acumulador” no Google, e de repente desenvolvera um apetite voraz por informação. Leu livros, artigos de jornais e estudos de caso, a princípio com o coração disparado, como se estivesse fazendo algo ilegal, mas, à medida que foi juntando fatos, estatísticas e expressões como “apego patológico por objetos inanimados”, seu coração desacelerava. Ela não estava sozinha. Não era tão especial assim. Existia até mesmo um site chamado “Filhos de Acumuladores”, onde pessoas como Erika compartilhavam inúmeras histórias idênticas de

frustrações. A infância inteira dela, que antigamente lhe parecia tão peculiar por causa daquele segredo vergonhoso e sórdido, não passava de uma categoria, um tipo, um fato a ser assinalado.

Toda essa pesquisa fez com que ela decidisse começar a análise. “Minha mãe é acumuladora”, dissera à psicóloga na primeira sessão, no instante em que se sentara, tão inexpressivamente quanto se tivesse dito ao médico “estou com uma tosse chata”. Fora empolgante, como se tivesse medo de altura e fosse saltar de paraquedas. Estava falando sobre o assunto. Iria receber dicas e aprender *técnicas*. Iria consertar a si mesma como se fosse uma máquina quebrada. Ficaria nova em folha. Não se sentiria mais ansiosa quando visitasse a mãe. Seria o fim das ondas de pânico quando algum cheiro, alguma palavra ou algum pensamento fugaz a fizessem se lembrar da infância. Ela iria resolver aquilo.

A animação diminuiria um pouco quando ela descobriu que o processo de reparação não era tão rápido ou sistemático quanto esperara, mas continuava otimista e tinha a impressão de que o fato de ser capaz de discutir os problemas da mãe com tanta liberdade era sinal de boa saúde mental. “Não é sinal de saúde mental”, dissera Oliver certa vez, com uma irritabilidade atípica, depois que Erika começara a contar a uma senhora na fila do supermercado por que exatamente precisava comprar tantos sacos de lixo resistentes. “Faz você parecer *instável*.” Oliver não conseguia entender que Erika sentia um prazer estranho e maravilhoso ao *dedurar a mãe*. Não vou mais guardar seus segredos, mãe. Vou dedurar você para essa senhora boazinha, vou dedurar você para quem quiser ouvir.

Vid parecia fascinado, intrigado.

— Uau — disse ele. — Então ela não consegue jogar nada fora? Lembro que em um dos programas que vi tinha um velho que guardava jornais... Ele tinha pilhas de jornais e eu pensei: cara, o que você está *fazendo*? *Nunca* vai ler isso, jogue no lixo!

— Bem... — disse Erika.

— Jogue o que no lixo?

Tiffany reapareceu com Dakota (que parecia sem graça e banal ao lado da mãe cheia de vida) e Holly, que estava animada e ansiosa depois de toda a gritaria. Ela era muito dramática.

— Está tudo bem? — indagou Erika.

— Ah, sim, tudo certo — disse Tiffany. — Holly se machucou jogando tênis no Wii.

— Uma bola bateu no seu nariz? — perguntou Oliver a Holly.

Todo o aspecto e a textura do rosto dele pareciam mudar quando falava com crianças, como se parasse de cerrar os dentes ou algo assim.

— Hum... Oliver, tecnicamente as bolas de tênis não são “reais” — disse Holly.

Ela ergueu dois dedos de cada mão para acrescentar aspas à palavra “reais”.

Oliver deu um tapinha na lateral do próprio rosto.

— Como sou bobo!

— A cabeça de Ruby fez *pof!* no meu nariz.

Cheia de rancor, Holly esfregou o nariz, recordando a cena.

— Ela tem uma cabeça muito dura.

— Ai — disse Oliver.

— Dakota vai mostrar a Holly a casinha onde Barney dorme — explicou Tiffany.

— Quero um cachorrinho de aniversário — disse Holly. — Igualzinho ao Barney.

— A gente dá Barney para você! — exclamou Vid. — Ele é muito desobediente.

— Sério? — perguntou Holly. — Posso ficar com ele?

— Não — respondeu Dakota. — Meu pai está brincando.

— Ah — disse a menina, lançando um olhar maligno para Vid.

Posso dar um cachorrinho de aniversário para ela, pensou Erika. Amarraria uma fita vermelha na coleira, e Holly lhe daria um abraço enquanto Clementine sorriria com complacência e ternura. (Será que estava bêbada? Seus pensamentos pareciam estar tomando os rumos mais absurdos.)

— Ah, minha nossa! Hum, bem, vou deixar seus pais lidarem com isso! — disse Tiffany. Ela ergueu a camiseta e coçou o abdômen definido e bronzeado. — E depois todos nós devíamos ir até a cabana, não acha, Vid? Está um dia muito bonito para ficarmos aqui dentro. Esse strudel está pronto, afinal de contas?

— O que Clementine e Sam estão fazendo? — perguntou Erika.

— Ruby queria que eles tentassem jogar tênis com ela no Wii — explicou Tiffany. — Mas ela é muito pequena para jogar, então acho que eles esqueceram Ruby e passaram a competir um com o outro.

— Alguém precisa trocar a fralda de Ruby — confidenciou Holly a Erika.

Ela balançou a mão diante do nariz.

— Eles vão precisar da bolsa, então — disse Erika, pegando a bolsa de fraldas de Clementine.

Era tão típico de Clementine e Sam começar algum jogo de computador enquanto a filha precisava que trocassem sua fralda... Sendo que dessa vez estavam visitando pessoas que mal conheciam. Às vezes pareciam adolescentes.

— Vou levar lá para cima.

— É o quarto no fim do corredor. — De repente o tom de voz de Tiffany ficou severo. — No mármore, não!

Ela fez Vid se virar para o fogão, logo antes que ele deixasse o tabuleiro quente na bancada.

Erika colocou a bolsa no ombro e subiu a escada em curva com tapete macio. No topo da escada havia um imenso patamar sem nenhum móvel, feito um campo vazio atapetado.

Erika parou para permitir que a criança de cinco anos que existia dentro dela aproveitasse a sensação de espaço. Ergueu os braços ao lado do corpo. Havia a imensa pintura de um olho na parede, com uma cama de dossel refletida na pupila (que disparate!), iluminada por uma única luminária baixa que parecia uma garrafa de leite invertida. Parecia a sala de uma galeria de arte moderna. Quanto tempo sua mãe levaria para estragar com suas porcarias um “espaço” como aquele?

Erika percorreu o corredor, indo em direção ao murmúrio de vozes no último quarto. O carpete era tão macio que ela quicava feito uma astronauta. Opa. Cambaleou um pouco e esbarrou o ombro na parede.

— Ela deveria ter me perguntado em particular. — Era Clementine falando baixinho, mas dava para ouvir perfeitamente. — Não com nós quatro ali. Com queijo e biscoitos, pelo amor de Deus. Um mísero pedacinho de queijo. Foi tão estranho... Não foi?

Erika ficou paralisada. Estava perto o suficiente do quarto para ver as sombras. Encostou-se na parede do corredor, longe da porta.

— Ela deve achar que dizia respeito a nós quatro — falou Sam.

— Pode ser — disse Clementine.

— Você quer fazer o que eles pediram? — indagou Sam.

— *Não*. Não quero. Na verdade, essa é minha primeira reação instintiva. Simplesmente não. Não quero fazer isso. Parece horrível, mas eu... *odeio* essa ideia. É quase... repulsivo para mim. Ai, meu Deus, não foi isso que eu quis dizer, mas *não quero aceitar*.

Repulsivo.

Erika fechou os olhos. Não importava quanto tempo passasse em sessões de terapia ou em banhos quentes, ela nunca ficaria limpa o bastante. Ainda era a criança suja com picadas de pulga.

— Bem, você não *precisa* fazer — disse Sam. — Eles só estão pedindo para você pensar no assunto, não tem motivo para ficar nervosa por causa disso.

— O problema é que não tem mais ninguém na vida dela! Só eu. Sempre fui só eu. Ela não tem mais nenhuma amiga. Sempre parece querer mais um *pedaço* de mim. — Clementine elevou o tom de voz.

— Shh — fez Sam.

— Eles não estão ouvindo.

Mas Clementine baixou o tom de voz e Erika teve que se esforçar para ouvir.

— Acho que eu teria a sensação de que o bebê é meu, de que eles estão com o meu filho. E se a criança for parecida com Holly e Ruby?

— Isso não deveria preocupar muito você, afinal preferiria arrancar os próprios olhos...

— Foi uma brincadeira. Erika não devia ter contado isso, eu não quis dizer... —

Clementine ergueu o tom de voz novamente.

— É, eu sei, claro. Olhe, vamos voltar lá para baixo e conversamos sobre isso quando chegarmos em casa.

— Papai! — chamou Ruby. — Jogue de novo! Agora mesmo. Agora, agora, agora.

— Já chega, Ruby, precisamos voltar lá para baixo — disse Clementine.

— Precisamos trocar a fralda dela, isso, sim — falou Sam. — Onde está a bolsa de fraldas?

— Lá embaixo, claro, não fica amarrada no meu pulso.

— Caramba, não precisa descontar em mim. Vou buscar.

Sam saiu do quarto e parou abruptamente.

— Erika! — exclamou ele.

Foi quase engraçada a maneira como deu um passo para trás, os olhos arregalados de medo, como se ela fosse uma intrusa.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Tiffany estava vasculhando a última gaveta da cômoda de Dakota em busca do cardigã branco Alannah Hill com minúsculas perolazinhas brancas espalhadas pelos ombros, que, de repente, pareceu a roupa certa para uma mãe de escola particular em uma Manhã Informativa “obrigatória”.

Tinha certeza de que tirara aquele cardigã da bolsa e obrigara Dakota a vestir quando foram ao batizado do bebê do primo de Vid algumas semanas antes e do nada fizera frio. O cardigã ficara sobrando nos braços de Dakota, mas a menina nunca se importava com o que estava vestindo. Conhecendo a filha, Tiffany sabia que ela devia ter chegado em casa e enfiado o cardigã em uma das gavetas. Provavelmente precisava ser lavado, mas Tiffany estava focada em encontrá-lo, como se fosse a única solução para um problema muito mais complexo.

Tirou tudo de dentro da última gaveta, deixando as coisas ao seu lado no chão. Havia um livro bem no fundo. Quando foi colocá-lo no chão, viu que só havia metade do livro. Estava sem capa. Fora rasgado ao meio. Em quase todas as páginas havia palavras raivosamente rabiscadas com marcador preto, com tanta violência em alguns casos, que abria buracos no papel.

Ela se sentou nos calcanhares, olhando fixamente para o livro, com a respiração acelerada. O título no alto da página dizia: *Jogos Vorazes*. Não era esse o livro que sua irmã Karen dissera ser avançado demais para Dakota? “Você tem que se responsabilizar pelo que ela lê”, dissera Karen, autoritária. “Não sabe como esse livro é violento?” Mas Tiffany achava que não devia censurar as leituras da filha. Afinal de contas, não era pornografia. Era um livro para jovens adultos. Tiffany sabia qual era a história (assistira ao trailer do filme no YouTube), e até mesmo contos de fadas eram violentos. E quanto a *João e Maria*?! Dakota sempre gostara dos contos de fadas mais pavorosos.

Será que a história tivera um impacto tão terrível assim em Dakota que ela sentira necessidade de destruí-lo? O livro parecia ter sido brutalmente vandalizado. Tiffany tirou mais algumas roupas da gaveta e encontrou o restante do livro.

Dakota amava seus livros e cuidava muito bem deles. Sua estante estava na mais perfeita ordem. Ela nem sequer dobrava o cantinho das páginas. Usava um marcador! E agora estava rasgando um livro e o escondendo? Não fazia sentido. Ler era o maior prazer dela.

Tiffany olhou para o teto. Pensando bem... Dakota estava lendo tanto quanto costumava ler? Ela precisava ler para fazer o dever de casa, é claro, e se sentava diligentemente à escrivaninha e fazia o dever inteiro sem que precisassem pedir, sem que Tiffany precisasse monitorar nada. Mas e quanto a ler por prazer?

Quando fora a última vez que Tiffany a vira lendo na cama ou no banco embaixo da janela? Não lembrava. Minha nossa, será que aquele livro a perturbara tanto que *ela não conseguia ler mais*? A negligência de Tiffany era assustadora. Que mãe horrível! Que vizinha horrível! Que mulher horrível!

— Já acabou de engraxar os sapatos, Vid? — gritou ela. — Não podemos sair atrasados! O trânsito vai estar ruim com a chuva!

Tiffany enfiou tudo de volta na gaveta, inclusive o livro. Obviamente, não ia dizer nada a Dakota agora, não a caminho da Manhã Informativa.

Ela afastou aquilo de seus pensamentos, deixando para depois.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

DIA DO CHURRASCO

— Erika! — chamou Sam.

Clementine tapou a boca com a mão, como se quisesse pegar de volta suas palavras, e em seguida a baixou, um indício de culpa. Sua burrice e falta de consideração eram inacreditáveis.

— Ah! Oi! Obrigada! — disse ela, enquanto Erika entrava no quarto e lhe entregava a bolsa de fraldas. — Como adivinhou que a gente estava precisando disso? Holly está bem?

Enquanto tagarelava, repassava freneticamente a conversa na cabeça. O que será que Erika ouviu? Alguma coisa? Tudo? Ai, meu Deus, a parte sobre a “repulsa”, não. O pior de tudo fora seu *tom* de voz. Um tom de desprezo.

Ela falava sem parar, como se de alguma forma pudesse usar novos assuntos para esconder o que tinha acabado de dizer.

— Dakota a levou para ver a casinha do cachorro, ou algo assim. Ela quer um cachorrinho de aniversário. Não se atreva a dar um a ela, hein? Estou brincando, sei que você não faria isso. Essa casa é incrível, não é? Aposto que até a casinha do cachorro é cinco estrelas!

Atrás de Erika, Sam arregalou os olhos e passou o dedo no pescoço.

— Tiffany quer que a gente vá até a cabana lá fora — disse Erika. Seu tom de voz era seco e calmo, como sempre.

Talvez não tivesse escutado nada.

— Vou descer, ver como Holly está — falou Sam. — Você vai ficar bem com Ruby?

— Claro que vou ficar bem com Ruby — respondeu Clementine.

Ele sempre fazia isso quando a deixava com uma das meninas, ou com ambas, como se precisasse de uma confirmação de que ela realmente se lembraria de cuidar das próprias filhas.

— Onde vai trocar a fralda dela?

Erika olhou ao redor.

Pessoas ricas chamavam aquilo de sala de mídia. Havia sofás de couro diante de uma tela comicamente gigantesca na parede. Sam quase enlouquecera de inveja ao ver aquilo.

— Puxa vida — disse Clementine. — Não sei. No chão, eu acho.

Começou a pegar o trocador e os lencinhos umedecidos.

— Tudo parece tão caro, não é?

— Estou fedendo — disse Ruby.

Ela inclinou a cabeça de maneira sedutora, como se estar fedendo fosse algo digno de admiração.

— Está mesmo — concordou Clementine.

— Holly já sabia usar a privada nessa idade, não? — indagou Erika enquanto Clementine trocava a fralda da filha.

— Estamos adiando esse momento — confessou Clementine.

Em circunstâncias normais ela ficaria irritada com a crítica implícita na pergunta de Erika, mas naquela hora estava ansiosa para admitir seu fracasso, como se, de alguma forma, aquilo pudesse absolvê-la dos comentários cruéis que fizera. (Meu Deus, ela reclamara do tamanho do *queijo*.)

— Quando começa, é preciso se comprometer, e a gente fica meio preso em casa, não dá para ir a lugar nenhum... Bem, dá, mas é complicado... Enfim, estamos com tudo pronto, já compramos as calcinhas de menina grande, não é, Ruby? E combinamos que vamos nos empenhar depois do meu teste, da festa de aniversário de Holly e das bodas de rubi dos pais de Sam.

Cale a boca, cale a boca, cale a boca. Ela não conseguia parar de falar.

— Certo — disse Erika, inexpressiva.

Normalmente, ela teria começado um contra-argumento irritante. Desde que Ruby e Holly eram bebês, Erika lia artigos sobre crianças da idade delas e dava dicas sobre cada “etapa”. Clementine sempre acreditara que essa era uma prova do interesse obsessivo, quase bizarro, de Erika em sua vida, não um interesse em também ter filhos. Ela fora muito autocentrada...

— Colo! — exigiu Ruby assim que Clementine terminou de trocar a fralda.

Ela estendeu os braços para Erika, que a pegou no colo.

— Ali!

Ruby inclinou o corpo para um lado, indicando a direção que Erika deveria seguir, como se estivesse montada em um cavalo obstinado.

— Você é uma menininha muito mandona — disse Erika.

Ela levou Ruby para perto da estante de livros, e Clementine viu a boneca de porcelana que a filha estava querendo pegar.

— Ah, é isso que você quer! Acho que não podemos deixar você mexer nisso — disse Erika, virando-se para se afastar, de forma que as mãos estendidas da menina não alcançassem a boneca.

Erika e Clementine se entreolham por cima da cabeça de Ruby. Havia algo ligeiramente indistinto e estranho na maneira como ela olhava para Clementine, mas não parecia magoada ou brava. Não devia ter escutado. Não ficaria escondida do lado de fora, ouvindo. Não era seu estilo. Entraria de uma vez para entregar a bolsa de fraldas, revelando a incompetência deles e provando como ela seria melhor do que os dois naquilo.

Clementine observou Erika baixar carinhosamente a testa na direção de Ruby e sentiu um nó na garganta de culpa por sua falta de generosidade.

Mas ainda assim não conseguiria — não iria — fazer o que haviam pedido.

Não quero. Não quero. Ela se abaixou para guardar o trocador na bolsa e percebeu que não estava se dirigindo mentalmente a Erika, mas à sua mãe: *Fui gentil, fui boa, mas já chega, não me obrigue a fazer isso também.*

CAPÍTULO VINTE E SETE

— Oliver — chamou Erika baixinho, caso ele ainda estivesse dormindo.

Ela estava parada diante da cama, olhando para ele. Um de seus braços estava para fora da coberta, dobrado em um ângulo muito atraente que exibia seu tríceps maravilhoso. Ele era esguio, quase magrelo, porém forte. (No início do relacionamento dos dois, tinham ido à praia com Clementine, Sam e Holly, que ainda era bebê na época, e Clementine sussurrara ao ouvido de Erika: “Seu namorado é surpreendentemente sarado, hein?” Aquilo agradara Erika mais do que ela gostava de admitir.)

— Hum?

Oliver se virou de barriga para cima e abriu os olhos.

— Estou pronta para ir à casa da minha mãe — disse ela.

Oliver bocejou, esfregou os olhos e pegou os óculos na mesa de cabeceira. Depois observou a chuva torrencial pela janela.

— Talvez seja melhor esperar esse dilúvio passar.

— Eu ficaria o dia todo esperando — disse Erika.

Ela deu uma olhada na cama, arrumada com lençóis impecavelmente brancos e limpos. Todos os dias Oliver esticava perfeitamente os cantos ao fazer a cama, que ficava parecendo uma cama de hospital. Ela ficou surpresa com a vontade que sentia de tirar a roupa, voltar para a cama com ele e esquecer tudo. E normalmente não gostava de cochilos.

— Como está se sentindo? — indagou ela.

— Acho que estou melhor — respondeu Oliver, preocupado.

Sentou-se na cama, a coluna ereta, e encostou os dedos logo abaixo dos olhos, sentindo as cavidades nasais.

— Ah. Estou bem! Deveria ter ido trabalhar.

Sempre que tirava um dia de folga por estar doente, o coitado ficava o tempo inteiro monitorando sua saúde de maneira obsessiva, com medo de estar gastando à toa seus dias de licença.

— Ou então posso ajudar você na casa da sua mãe. — Ele colocou os pés no chão. — Posso transformar a licença médica em tempo livre para coisas pessoais.

— Você precisa de mais um dia de descanso — disse Erika. — E não vai chegar perto

da casa da minha mãe enquanto estiver doente.

— É verdade que estou me sentindo um pouco tonto — falou Oliver, aliviado. — É indiscutível que estou sentindo uma tontura. Eu não poderia comandar a reunião de técnicas de auditoria. De jeito nenhum.

— Não, você não poderia comandar a reunião de técnicas de auditoria. Deite-se. Antes de sair vou preparar um chá com torrada para você.

— Você é maravilhosa — disse ele.

Sempre ficava pateticamente grato ao receber qualquer cuidado quando estava doente. Aos dez anos, ele mesmo já marcava suas consultas médicas, portanto não era nenhuma surpresa que fosse hipocondríaco. Não que Erika recebesse muitos cuidados de sua mãe por ser enfermeira, certamente não por um resfriado (nada de canja de galinha quente em uma bandeja como Pam preparava para Clementine), porém, nas poucas vezes em que Erika ficara doente de verdade, a mãe de Clementine cuidara, e cuidara muito bem, como se ela finalmente tivesse algum interesse.

— Ouvi você falando ao telefone com alguém mais cedo? — perguntou Oliver enquanto ela saía do quarto.

— Clementine — respondeu Erika.

Ela hesitou. Não queria contar que a amiga tinha aceitado. Não queria vê-lo se empertigar na cama, ou seu rosto corando.

Oliver não abriu os olhos.

— Alguma novidade?

— Não — respondeu Erika. — Ainda não.

Ela só precisava pensar um pouco. Naquele dia teria uma consulta “de emergência” com a psicóloga. Talvez isso ajudasse a esclarecer as coisas em sua mente. Havia tantos assuntos para abordar naquela consulta! Talvez ela devesse levar um caderno. Não ficaria parecendo uma pessoa de personalidade tipo A, nem um pouco. Não que Erika tivesse algum problema com o tipo A. Por que alguém ia querer ter outro tipo de personalidade?

Enquanto preparava o chá com torrada de Oliver, ela se lembrou da primeira vez em que a médica dissera que estava na hora de desistir dos seus óvulos.

“Podemos pagar para alguém nos doar, não podemos?”, indagara Erika.

Ela não se importava. Sentia quase um alívio, porque podia esquecer seu medo secreto de passar adiante suas diversas imperfeições genéticas. Imaginar um filho com seus olhos, seu cabelo ou seus traços de personalidade nunca lhe dera nenhum prazer. Quem iria querer seu cabelo fino e sem graça? Suas pernas finas com joelho torto? E se a criança se tornasse acumuladora? Ela não tinha problema com o fato de o filho não ser biologicamente seu. Quase no mesmo instante sentiu-se pronta para seguir em frente.

Mas Oliver pareceu *sofrer* de verdade. Era estranho. Comovente, porém chocante. Ela

sabia que ele a amava. Fora uma das surpresas mais maravilhosas de sua vida. Mas querer realmente um filho que se parecesse com Erika, que se comportasse como ela, que tivesse as mesmas características físicas e mentais? Espere aí. Isso era ir longe demais.

Enfim, eles tinham dinheiro. Podiam pagar pelos óvulos de alguém. Podiam finalmente resolver aquilo, de uma vez por todas.

Mas pelo visto não.

“Bem... não”, dissera a médica. “Isso é ilegal aqui.”

A médica era americana.

— Você pode pagar pelo tempo da doadora e pelos gastos médicos, mas só isso. Não é como nos Estados Unidos, onde universitárias doam óvulos em troca de dinheiro. Por isso a Austrália sofre com escassez de doadoras de óvulos. — Ela olhou para eles com tristeza e resignação. Era evidente que já fizera aquele discurso inúmeras vezes. — O que vocês querem é uma doadora altruísta. *Existem* mulheres dispostas a doar para desconhecidos, mas são difíceis de encontrar. A opção mais fácil e menos complicada, que eu sugiro que considerem primeiro, é encontrar uma amiga próxima ou uma parente para ajudar vocês.

— Ah, sem problemas. De qualquer forma, a gente não iria querer os óvulos de uma desconhecida — falou Oliver imediatamente.

Mas Erika pensou: Não? Por que não?

— Não queremos construir um bebê com partes avulsas — continuou ele.

A expressão da médica ficou neutra e profissional ao ouvir as palavras de Oliver. Afinal, esse era seu trabalho: construir bebês.

— Queremos que essa criança venha de um lugar cheio de amor — disse Oliver com um tremor de emoção na voz.

O rosto de Erika corou, literalmente corou. O que diabo ele estava dizendo?

Ela não tinha problema algum em falar sobre ovulação, ciclos menstruais e folículos na frente da médica de fertilização in vitro, mas não de *amor*. Isso era muito íntimo.

No carro a caminho de casa, Oliver sugerira Clementine, e Erika decidira de imediato e de forma instintiva: não, de jeito nenhum. Clementine não gostava de agulhas. Clementine estava muito ocupada tentando equilibrar sua família e sua carreira. Erika não gostava de pedir favores para a amiga, preferia fazer favores a ela.

Mas então pensou em Holly e Ruby e foi tomada de súbito pelo desejo mais extraordinariamente avassalador. Sua própria Holly ou Ruby. De repente, a ideia abstrata na qual vinha se dedicando com tanto afinho tornou-se real. Os lindos olhos azuis e brilhantes de Ruby com o cabelo escuro de Oliver. Os lábios em formato de botão de rosa de Holly com o nariz de Oliver. Pela primeira vez desde que começara o processo de fertilização in vitro, sentiu certo desespero para ter um bebê. *Aquele* bebê. Queria tanto quanto Oliver. Era quase como se quisesse mais um bebê de Clementine do que um

próprio.

A chaleira ferveu e ela se lembrou de como andara pelo corredor acarpetado macio da casa de Tiffany e Vid, presa naquela bolha estranha em que nada parecia muito real, a não ser o fato de ter escutado as palavras de Clementine com toda a clareza: “É quase... repulsivo para mim. Ai, meu Deus, não foi isso que eu quis dizer, mas não quero aceitar.”

Por que se lembrava tão claramente daquele momento da noite? Seria melhor se as palavras de Clementine tivessem se esvaído de sua mente, mas a lembrança daquele instante era cristalina, ainda mais nítida do que uma lembrança qualquer, como se o comprimido e a primeira taça de champanhe tivessem causado uma reação química que aguçara sua memória antes de deixá-la turva.

Ela ouviu Clementine dizer: “E se a criança se parecer com Holly ou Ruby?”

Mesmo após todas aquelas semanas, suas bochechas ardiam com a lembrança. Clementine revelara com um tom de desprezo as esperanças secretas e mais preciosas de Erika.

Ela se lembrou de quando entrou no quarto e viu a expressão de horror de Clementine. Estava visivelmente apavorada, com medo de que Erika tivesse escutado.

Lembrou-se de ter descido a escada com Ruby no colo enquanto a raiva e a dor percorriam sua corrente sanguínea feito uma bactéria. Raiva e dor por Oliver, que pensara com tanta inocência e alegria em pedir para Clementine doar os óvulos, assim o bebezinho viria de um “lugar cheio de amor”. Lugar cheio de amor. Que piada.

Tinham ido para aquele jardim ridículo e Tiffany lhe oferecera uma taça de vinho, de um vinho muito bom, e ela bebera mais rápido do que nunca. Todas as vezes que Erika olhava para Clementine, que ria, conversava, se divertia à beça, ela gritava mentalmente: *Pode ficar com seus malditos óvulos.*

E naquele momento suas lembranças do que acontecera exatamente naquela tarde começaram a sumir, a se fragmentar e a se desintegrar.

CAPÍTULO VINTE E OITO

DIA DO CHURRASCO

— Esse é um jardim e tanto! — exclamou Sam.

— É... incrível — disse Clementine.

A casa de Vid e Tiffany era impressionante, sobretudo as obras de arte, mas aquele jardim extravagantemente bem-cuidado, com fontes d'água retumbantes, chafarizes, vasos, estátuas de mármore branco e a cabana com velas aromáticas e equipamentos de luxo elevava o nível de extravagância. O aroma de carne assada preenchia o ar, e Clementine ficou com vontade de gargalhar de prazer, feito uma criança chegando à Disneylândia. Estava encantada com a opulência de tudo ali. Havia algo muito hedonista e generoso naquilo, ainda mais depois de saírem da casa rigidamente minimalista da coitada da Erika.

Claro que ela *entendia* os motivos da obsessão de Erika pelo minimalismo, não era totalmente insensível.

— É, o jardim todo é obra do Vid. Ele gosta desse visual mais discreto — disse Tiffany.

Ela indicou um banco para Clementine, encheu outra vez sua taça de champanhe e ainda ofereceu um prato com os strudels de Vid recém-saídos do forno.

Clementine se perguntou se Tiffany tinha alguma experiência em hospitalidade. Só faltou dobrar o braço atrás das costas enquanto se abaixava para servir as bebidas.

De onde estava sentada na cabana comprida e baixa, Clementine via suas filhas brincando em um grande retângulo de grama ao lado de um coreto com colunas enfeitadas e uma cúpula de ferro forjado. Estavam jogando uma bola de tênis para o cachorrinho. Naquele momento Ruby estava com a bola na mão e a erguia bem acima da cabeça, enquanto o cão, rígido e trêmulo de ansiedade, continuava sentado à sua frente, já preparado para pular.

— Avise a gente quando Dakota se cansar de cuidar das meninas — falou Clementine a Tiffany, embora esperasse que isso não acontecesse tão cedo.

— Ela está adorando ficar com as meninas — falou Tiffany. — Pode relaxar e curtir a vista da Fontana de Trevi ali.

Ela acenou com a cabeça para o maior e mais extravagante chafariz, uma criação

monolítica que mais parecia um bolo de casamento com anjos alados de mãos erguidas como se estivessem prestes a cantar, mas, que em vez disso, cuspiam grandes esguichos de água que se cruzavam.

— É assim que minhas irmãs chamam.

— As irmãs dela erraram de país — disse Vid. — Eu me inspirei nos jardins de Versalhes, na França, sabe? Peguei livros, imagens, estudei bastante. Foi um projeto meu, sabe. Desenhei tudo: o coreto, o chafariz, tudo! Depois pedi para uns amigos construírem para mim. Conheço muita gente que trabalha com isso. Mas as irmãs dela — ele apontou o polegar para Tiffany — morreram de rir quando viram esse jardim, quase fizeram xixi na calça. — Ele deu de ombros, sem se importar. — Eu disse a elas: que bom que minha arte alegrou vocês!

— Eu achei incrível — disse Clementine.

— Não tem piscina? — perguntou Sam, que crescera brincando na piscina do jardim de casa com os irmãos e a irmã. — Você tem espaço para uma.

Ele olhou o jardim ao seu redor como se planejasse uma reforma, e Clementine sabia exatamente aonde sua mente estava indo. Às vezes ele falava com certa melancolia em venderem a casa e se mudarem para um terreno antiquado de mil metros quadrados no subúrbio, onde haveria espaço para uma piscina e um trampolim, uma casinha de brinquedo, um galinheiro e uma horta; uma casa onde suas filhas pudessem ter a mesma infância que ele, embora ninguém mais tivesse uma infância como aquela, e Sam fosse mais urbano que a própria esposa e adorasse ir a pé a restaurantes e bares e pegar a balsa até o centro da cidade.

Clementine estremeceu ao pensar no terceiro filho do sonho suburbano do marido, que estava dominando seus pensamentos por causa do pedido de Erika. Minha nossa, talvez houvesse até mesmo um *quarto* filho brincando no jardim imaginário de Sam.

— Nada de piscina! Não gosto de cloro. Muito artificial — disse Vid, como se todo aquele concreto e mármore lustroso do seu jardim não fosse artificial.

— É incrível — disse Clementine outra vez, caso o comentário de Sam fosse interpretado como uma crítica. — Aquilo ali no canto é um labirinto? Para um rendez-vous romântico?

Ela não sabia por que dissera “rendez-vous romântico”. Que coisa estranha de se dizer... Alguma vez já falara essas palavras em voz alta? Era daquela maneira que se pronunciava?

— É, e serve para as caças aos ovos de Páscoa com todos os primos de Dakota — disse Tiffany.

— Cuidar dessas plantas deve tomar grande parte do seu tempo — comentou Oliver, observando as cercas vivas esculpidas.

— Tenho um grande amigo, sabe, que cuida disso para mim.

Vid fez gestos espalhafatosos com uma tesoura imaginária, imitando outra pessoa aparando as sebes.

O sol do fim de tarde entrava na cabana e formava um arco-íris na névoa que saía do chafariz maravilhoso e disparatado. Clementine sentiu uma onda repentina de otimismo. Erika certamente não escutara o que ela dissera, e mesmo que tivesse ouvido, Clementine daria um jeito, como já fizera tantas vezes, e encontraria uma maneira delicada e gentil de explicar por que não podia doar os óvulos. Uma doadora anônima seria mais adequada para todos os envolvidos. Elas existiam! Certo? As pessoas sempre usavam óvulos doados para engravidar. Pelo menos as celebridades.

E Sam não queria *realmente* ter outro bebê, não mais do que queria ser um homem de negócios assim como o pai. Às vezes ele dizia que deveria ter um emprego que envolvesse trabalhos manuais. Depois de um dia de trabalho frustrante ele falava que não fora feito para o mundo corporativo, mas logo em seguida ficava muito empolgado com o comercial de TV que estavam filmando. Todo mundo tem outro estilo de vida escondido na manga com o qual poderia ser feliz. Sim, Sam poderia ter sido um encanador casado com uma dona de casa que gostava de tarefas domésticas e manteria a casa em perfeita ordem, com cinco belos filhos jogadores de futebol americano, mas então provavelmente sonharia em ter um trabalho divertido em um escritório e em morar em um subúrbio moderno e descolado perto do porto com uma violoncelista e duas menininhas lindas, muito obrigada.

Clementine deu uma mordida no strudel de Vid. Sam, que já comera metade do seu, riu.

— Eu *sabia* que você ia revirar os olhos quando experimentasse isso.

— É espetacular — disse Clementine.

— É, nada mal, hein? — falou Vid. — Me diga, você sente um gostinho de alguma coisa, como a *ideia* de um sabor, sabe, a ilusão de um sabor, e não sabe definir exatamente o que é?

— É sálvia — falou Clementine.

— É sálvia *mesmo*! — gritou Vid.

— Minha esposa é tão “sálvia” — disse Sam.

Tiffany deu uma risadinha e Clementine viu a expressão de alegria de seu marido por ter feito a mulher gostosa rir.

— Não incentive essas piadas ruins de pai, Tiffany — disse ela.

— Desculpe.

Tiffany sorriu para ela. Clementine retribuiu o sorriso e percebeu que seu olhar estava sendo irresistivelmente atraído pelo decote de Tiffany. Parecia saído de uma propaganda

de sutiã. Será que aqueles seios eram reais? Provavelmente Tiffany podia pagar pelo melhor serviço. Emmeline, amiga de Clementine, saberia. Emmeline tinha muita lábia e um olho de águia para seios falsos. Aquele decote glorioso devia ser tão artificial quanto o jardim. Tiffany ajeitou a camiseta. Minha nossa, ela devia estar olhando havia muito tempo. Então desviou os olhos depressa e voltou a observar as crianças.

— Esse strudel está muito bom — comentou Oliver, com seu jeito educado e cuidadoso, limpando uma migalha do canto da boca.

— Sim, está excelente — disse Erika.

Clementine virou a cabeça. Erika arrastara um pouco a palavra “excelente”. Na verdade, se fosse qualquer outra pessoa falando, Clementine não teria essa impressão, mas a dicção de Erika era muito específica. Cada vogal era sempre articulada com precisão. Será que Erika estava um pouco bêbada? Se estava, seria a primeira vez. Ela sempre odiara perder o controle. Assim como Oliver. Devia ser parte do motivo pelo qual se sentiam atraídos um pelo outro.

— Então, agora que você passou nesse teste — disse Vid —, tenho outro.

— Dessa vez vou ganhar — falou Sam. — Mande ver. Perguntas sobre esporte? Dança da cordinha? Sou ótimo nessa dança.

— Ele é surpreendentemente bom na dança da cordinha — disse Clementine.

— Ah, eu também — falou Tiffany. — Ou pelo menos era. Já não sou mais tão flexível quanto antigamente.

Ela largou a bebida, inclinou o corpo para trás em um ângulo inacreditável, de forma que a camiseta subiu, e jogou o quadril para a frente. Havia mesmo uma tatuagem logo abaixo do cós da sua calça? Clementine tentou ver melhor. Tiffany deu alguns passos para a frente e cantarolou a música enquanto se abaixava sob uma cordinha invisível.

Depois se empertigou e levou as mãos à lombar.

— Ai. Estou ficando velha.

— Nossa — disse Sam com a voz um pouco rouca. — Talvez você me desse algum trabalho.

Clementine conteve um risinho.

Sim, meu querido, acho que ela lhe daria algum trabalho.

— Onde estão as crianças? — perguntou ele subitamente, como se acabasse de voltar à realidade.

— Estão bem ali — respondeu Clementine.

Ela apontou para o coreto, onde Dakota e as meninas continuavam brincando com o cachorro.

— Estou de olho nelas.

— Você faz ioga? — perguntou Oliver a Tiffany. — É muito flexível.

— É *mesmo* — concordou Sam.

Clementine estendeu o braço e beliscou discretamente e com toda a força a pele acima do joelho dele.

— A-ai.

Sam segurou a mão dela.

— O que disse, cara? — indagou Oliver.

— Afe! Não é uma competição de dança! — exclamou Vid. — É uma competição de *música*. É minha música clássica preferida. Agora, olhe só, vou ser sincero com vocês. Não entendo nada de música clássica. Não entendo nada. Sou eletricitista! Um simples eletricitista! O que eu saberia sobre música clássica? Venho de uma família de camponeses. Minha família... era de camponeses! Simples camponeses!

— Lá vai ele com os simples camponeses — disse Tiffany, revirando os olhos.

— Mas eu gosto de música clássica — continuou Vid, ignorando-a. — Gosto mesmo. Compro CDs toda hora! Não sei o que estou comprando! Só escolho aleatoriamente na estante! Ninguém mais compra CDs, eu sei, mas eu compro, e um dia comprei esse no shopping, sabe. Coloquei para tocar no carro a caminho de casa, e quando a música começou, eu tive que parar o carro, tive que parar no acostamento porque era como se eu estivesse... era como se eu estivesse me afogando. Eu estava me afogando em sentimentos. Até chorei, sabe. Chorei feito um bebê. — Ele apontou para Clementine. — Aposto que a violoncelista sabe do que estou falando.

— Claro — disse ela.

— Então vamos ver se você sabe o nome da música? Talvez nem seja uma música boa! Como é que eu vou saber?

Ele mexeu no celular. É claro que havia um sistema de som embutido na cabana que se conectava com o celular.

— Quem disse que só a violoncelista pode entrar na competição? — indagou Sam.

Clementine percebeu que ele estava imitando sem querer as manias da fala de Vid. Era muito constrangedor quando ele fazia isso, imitando os sotaques dos garçons nos restaurantes e falando feito um indiano ou um chinês.

— E o gerente de marketing, hein?

— E o contador? — questionou Oliver, se juntando à brincadeira com uma alegria desajeitada.

Erika ficou quieta. Estava sentada com os antebraços perfeitamente apoiados nos braços da cadeira, com o olhar fixo em um ponto vago ao longe. Era raro Erika se distanciar de uma conversa daquele jeito. Normalmente prestava atenção à conversa fiada como se fosse passar por um teste mais tarde.

— Vocês *todos* podem entrar! — gritou Vid. — Silêncio.

Ele ergueu o celular como se fosse a batuta de um maestro e então o baixou com um movimento dramático. Nada aconteceu.

Ele falou um palavrão, batendo na tela.

— Me dê aqui — pediu Tiffany, pegando o telefone e digitando algumas coisas.

Logo em seguida as exuberantes notas de abertura de “Depois de um Sonho”, de Fauré, encheram a cabana com uma nitidez perfeita.

Clementine se empertigou. Parecia quase uma pegadinha que, dentre todas as músicas que ele poderia ter escolhido, tivesse optado por aquela. Ela sabia exatamente o que Vid queria dizer com a descrição “se afogando em sentimentos”. Também sentira aquilo, quando tinha quinze anos e estava na plateia da Opera House com seus pais entediados (a cabeça do pai ficava tombando para a frente enquanto ele dormia): aquele sentimento extraordinário de imersão, como se ela tivesse mergulhado em algo primoroso.

— Mais alto! — gritou Vid. — Tem que ser alto.

Tiffany aumentou o volume.

Ao seu lado, Sam endireitou a postura e adotou a expressão estoica e bem-educada de quem está ouvindo música clássica e torcendo para que acabe logo. Tiffany encheu as taças novamente sem demonstrar qualquer reação à música enquanto Erika continuava olhando para o nada e Oliver franzia a testa, concentrado. Talvez Oliver conseguisse descobrir o nome do compositor. Ele era um daqueles meninos nerds de escola particular que sabiam muito sobre diversas coisas, mas não era capaz de *sentir* a música. Clementine e Vid eram os únicos que a sentiam.

Os dois se entreolharam, Vid ergueu a taça, fazendo uma saudação secreta e dando uma piscadela, como se dissesse: É, eu sei.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Vid estava sentado à mesa de ferro forjado na varanda com páginas de jornal estendidas à sua frente, engraxando os sapatos escolares de Dakota para que ela ficasse elegante na Manhã Informativa no Saint Anastasias. Ele se lembrou de como costumava engraxar os sapatos das filhas mais velhas quando todas estavam na escola. Três pequenos pares de sapatos pretos de tamanhos inacreditavelmente pequenos. Agora suas filhas perambulavam por aí com escafpins pretos de salto agulha.

Algo o fazia se sentir particularmente triste naquela manhã; não sabia ao certo o que era e isso o deixava furioso. Talvez tivesse alguma relação com o clima. Ouvira uma entrevista no rádio sobre como a falta de sol estava causando um efeito psicológico negativo na população de Sydney. Os níveis de serotonina estavam caindo, aumentando as taxas de depressão. Um senhor inglês ligara para a rádio e dissera: “Quanta besteira! Isso não é nada, vocês, australianos, são muito frouxos! Venham para a Inglaterra e lhes mostramos o que é chuva.”

Vid achava que não era frouxo a ponto de permitir que alguns dias de clima ruim o preocupassem.

Ouviu o ruído de um carro na rua sem saída e ergueu os olhos, deparando com Erika, a vizinha, passando pela rua em seu Statesman azul.

Ele se perguntou se Erika vira Clementine recentemente.

Passou a escova no verniz preto e o espalhou no sapato.

Não contara a ninguém que fora assistir à apresentação de Clementine algumas noites antes, como se fosse um segredo, sendo que não havia razão para que aquilo fosse segredo. Sim, era *possível* que fosse um pouco estranho o fato de ele ter assistido à apresentação dela, mas, espere aí, por que era tão estranho? Era um país livre. Qualquer um podia ver a apresentação de Clementine.

— Não é mesmo, Barney? — disse ele ao cão, que estava sentado aos seus pés, muito ereto e alerta, como se o protegesse de alguma coisa. — Vivemos em um país livre, não é?

Barney lhe lançou um olhar preocupado e então, subitamente, se afastou, como se houvesse decidido que nada podia ser feito por Vid e, portanto, ele deveria cuidar de outro membro da família.

Vid engraxou cuidadosamente a lateral do sapato. Mulheres não sabiam engraxar sapatos. Eram muito impacientes e afobadas. Nunca faziam direito.

Será que Clementine sabia engraxar um sapato? Ele queria perguntar a ela. Gostaria de ouvir a resposta. Ainda era sua amiga, não era? Por que não retornava suas ligações? Ele só queria dar um oi, saber como ela estava. Chegara inclusive a deixar recados e não gostava de fazer isso. Preferia que as pessoas vissem que havia uma chamada não atendida dele e retornassem no mesmo instante. Àquela altura ela já devia ter o número dele salvo, não? Ele estava magoado. Ninguém nunca deixara de retornar suas ligações. Até mesmo sua ex-mulher retornava as ligações.

Ele ergueu o sapato e o examinou, lembrando-se da música. Fora extraordinária. De tirar o fôlego.

Tinha sido uma decisão de última hora. Ele estava no restaurante Quay. Fora se encontrar com um grande amigo no Opera Bar, mas a mãe idosa do amigo ficara doente e ele tivera que cancelar em cima da hora, então Vid perambulava pela Opera House onde tivera uma longa e agradável conversa com a moça na bilheteria. Ele dissera que gostaria de assistir à sinfonia e isso não era difícil de conseguir porque aparentemente havia muitos ingressos disponíveis para *Assim falou Zaratustra*. Vid não fazia a menor ideia do que isso significava, mas a moça dissera que ele reconheceria algumas músicas de *2001: Uma Odisseia no Espaço*, e ela estava certa, é claro que ele reconheceria.

Ele não tinha grandes esperanças de que Clementine fosse tocar. Sabia que ela não participava da orquestra em tempo integral. Ela só substituíra outros integrantes quando era preciso. Era a substituta. Também sabia que ela ia fazer um teste para um cargo de expediente integral, que queria muito conseguir, e confirmara com Erika que o teste ainda não havia acontecido.

Portanto, sabia que a chance de ela estar tocando era muito pequena, embora ele sempre tenha tido sorte. Era uma pessoa muito sortuda. Algumas pessoas tinham sorte, outras não, mas ele era sortudo, sempre fora (a não ser, é claro, pelo acontecido no churrasco, mas isso não passara de uma exceção em sua vida de sorte). Mas, naquela noite, ele tivera sorte, porque lá estava ela, no palco, usando um vestido preto longo, conversando com o músico ao seu lado, tão calma quanto se estivessem esperando um ônibus passar, com aquele lindíssimo instrumento reluzente apoiado no ombro feito uma criança pequena e cansada.

Quando encontrou seu lugar, Vid começou a conversar com o homem ao lado, que era croata, se chamava Ezra, e estava ali com a esposa, pois ambos eram “assinantes”. (Vid também havia se tornado assinante.) Vid contara a ele que nunca tinha assistido à orquestra sinfônica, mas amava música clássica, e conhecia a violoncelista sentada bem ali, por isso ia aplaudi-la fervorosamente, e Ezra lhe disse que a plateia não costumava bater

palmas entre as músicas, então talvez fosse melhor ele esperar as outras pessoas aplaudirem primeiro, e a esposa de Ezra, Ursula, se inclinou para a frente e disse: “Bata palmas quando quiser bater palmas.” (Vid ia convidar Ezra e Ursula para jantar em sua casa assim que fosse possível. Salvara o número de Ezra no celular. Eram pessoas do bem. Ótimas pessoas.)

Ele achava que a sinfonia seria como um show ou um filme, em que as luzes se apagavam, mas permaneceram acesas, de forma que ele viu Clementine durante toda a apresentação. Em determinado momento, achou que ela olhara diretamente em sua direção, mas não tinha certeza.

Obviamente ela era a melhor instrumentista de toda a orquestra. Qualquer idiota perceberia isso. Ficou fascinado pela maneira como a mão dela balançava depressa no braço do violoncelo, pelo jeito como seu arco se movia com os arcos dos outros músicos, pelo modo como ela inclinava a cabeça para trás, exibindo o pescoço.

Na verdade, ficou fascinado pela experiência inteira.

(Ezra tinha razão, ninguém batia palmas quando Vid achava que deveriam. As pessoas *tossiam*. Toda vez que a orquestra fazia uma pausa havia uma pequena sinfonia de tosses e pigarros. Para Vid, isso lembrava uma igreja.)

Ele tivera que ir embora durante o intervalo porque Tiffany estava esperando por ele, mas, de qualquer maneira, Ezra e Ursula haviam dito que a primeira parte era sempre a melhor.

Enquanto dirigia de volta para casa, Vid ainda sentia a música, como se tivesse tomado uma droga alucinógena. Havia tantos sentimentos presos em seu peito que ele precisara inspirar brevemente enquanto esperava que isso passasse.

Queria ligar para ela, dizer que era de longe a melhor instrumentista no palco, mas então se lembrara de sua expressão na última vez em que a vira no jardim e entendera que ela não queria ser lembrada por aquele dia. Ele também não queria ser lembrado por aquele dia, mas ainda assim sentia um *anseio*, não por ela exatamente, não *desejava* Clementine, não de verdade, não de um jeito sexual, mas ansiava por algo e tinha a impressão de que ela era a única que podia lhe dar aquilo.

*

Quando Vid, Tiffany e Dakota saíram para a Manhã Informativa havia uma viatura de polícia estacionada diante da casa de Harry.

— Talvez a gente devesse parar — disse Tiffany.

E encarar os fatos. Deixei minha filha pequena ler *Jogos Vorazes*, senhor policial. Não percebi que meu vizinho tinha morrido. Talvez eu tenha me comportado de maneiras

desprezíveis.

Vid pisou no acelerador.

— O quê? Não. — O Lexus avançou obedientemente em direção à rua. — Você já falou com a polícia. Já disse tudo o que sabe a eles. Não há nada mais a dizer. Só estão terminando o relatório deles, sabe? Desperdiçando o dinheiro dos nossos impostos.

— Eu devia ter levado comida para Harry — afirmou Tiffany. — Era isso que uma boa vizinha teria feito. Por que nunca levei uma refeição para ele?

— É isso que você acha que a polícia quer perguntar? “Por que não levou refeições para ele, sua péssima vizinha?” Você poderia dizer: “Bem, senhor policial, vou explicar por quê! Porque ele teria jogado a comida na minha cara! Como se fosse uma torta de chantilly!”

— A gente não deve ser gentil só com quem é gentil — disse Tiffany, observando os casarões pelos quais passavam, casas lindas e confortáveis de tijolo maciço com gramados bem-cuidados sob as copas de árvores imensas.

Será que tinha se tornado uma daquelas pessoas mimadas? Um pouco cheias de si? Ocupadas demais para se importar?

— É claro que a gente só deve ser gentil com quem é gentil! — Vid olhou para a filha pelo retrovisor. — Está ouvindo, Dakota? Não perca seu tempo com quem não é gentil!

Tiffany olhou por cima do ombro para Dakota, que estava sentada com a coluna ereta, pálida, vestindo o uniforme da escola (iam deixar a menina lá depois), o corpo encostado na lateral do carro, como se estivesse deixando espaço para outros passageiros. *Por que você rasgou aquele livro, Dakota?*

— Certa vez mamãe levou uma quiche para Harry — disse Dakota sem olhar para a mãe. — Eu lembro. Era uma quiche de cogumelo.

— Levei? Espere aí... Levei mesmo, não foi? — perguntou Tiffany, empolgada com a lembrança.

Fora após uma festa de Natal para a qual contrataram um serviço de bufê.

— Ele disse que odiava cogumelos.

Vid deu um risinho.

— Está vendo só?

— Ele não tinha culpa de não gostar de cogumelos! — exclamou Tiffany. — Eu deveria ter tentado de novo.

— Mas ele foi grosseiro, não foi? — perguntou Vid.

Harry fora grosseiro por causa de uma quiche. Batera a porta tão rápido que ela tivera que pular para trás, garantindo que seus dedos não ficassem presos. Apesar disso, ela sabia que a esposa e o filho dele haviam morrido anos antes. Era um velho solitário e triste. Ela deveria ter tentado mais.

— Você não se sente mal? — indagou ela a Vid. — Nem um pouco?

Vid encolheu seus ombros grandes. Dirigia quase sem encostar os dedos no volante.

— Fico triste que ele tenha morrido sozinho, mas, sabe, o que está feito está feito, e aquele homem já cuspiu na nossa linda Dakota!

— Ele não cuspiu *em* mim — retrucou a menina. — Só cuspia no chão quando me via. Eu deixava ele com vontade de cuspir.

— Isso me deixa com vontade de matar o sujeito — falou Vid.

Seus dedos se fecharam em torno do volante.

— Ele já está muito, muito morto — disse Tiffany.

Ela pensou no mau cheiro que sentira quando Oliver abrira a porta. Soubera imediatamente.

— Eu estou...

— Você está *arrependida* — falou Dakota do banco de trás, sem qualquer emoção na voz.

Tiffany virou-se depressa. Era o tipo de comentário que Dakota costumava fazer, testando seu vocabulário, testando ideias, tentando entender exatamente como o mundo funcionava.

— Estou mesmo — disse Tiffany.

Ela queria debater o assunto e ter uma daquelas conversas que sempre tinha com Dakota, em que ficava impressionada e encantada com as observações peculiares e inteligentes da filha, porém a menina se contentou em olhar fixamente pela janela, o maxilar tenso, quase como se estivesse brava, e, depois de um instante, Tiffany desistiu e voltou a olhar para a frente.

Vid passou o restante do caminho falando de um restaurante japonês sobre o qual alguns de seus clientes tinham comentado e que servia o melhor tempura de Sydney, talvez do mundo, talvez do universo.

— Chegamos! — exclamou ele ao se aproximarem de imensos portões de ferro. — Olhe a sua nova escola, Dakota!

Tiffany se virou para sorrir para a menina, mas ela havia fechado os olhos e encostava a testa na janela com bastante força, como se tivesse desmaiado.

— Dakota! — chamou Tiffany severamente.

— O que foi?

A menina abriu os olhos.

— Olhe! — ordenou a mãe, indicando a área ao redor. — O que acha?

— Legal — respondeu Dakota.

— Legal?! — repetiu Tiffany. — *Legal?*

Ela observou os campos verdes e exuberantes. Os edifícios imponentes. Havia uma

imensa arena de esportes ao longe que lembrava o próprio Coliseu.

— Parece até Downton Abbey.

Vid baixou ligeiramente a janela.

— Está sentindo esse cheiro?

— Que cheiro?

Tiffany fungou. Algum tipo de fertilizante? Terra úmida?

— Cheiro de dinheiro.

Ele esfregou as pontas dos dedos umas nas outras. Exibia o mesmo ar de satisfação de quando entrava em um luxuoso saguão de hotel. Tudo aquilo era diversão para ele. Tinha dinheiro. Podia pagar pelo que havia de melhor. Portanto, comprava o que havia de melhor e tirava proveito daquilo. Sua relação com o dinheiro era totalmente descomplicada.

Tiffany pensou em sua escola: uma selva de concreto alegre e cheia de grafite que ficava no subúrbio da zona oeste da cidade. Será que as meninas ali também fumavam cigarro no banheiro? Talvez cheirassem carreiras de cocaína de excelente qualidade em banheiros de mármore.

Vid parou o carro no estacionamento que vivia cheio de carros de luxo brilhantes. Ao ver todos aqueles carros Tiffany automaticamente fez uma careta. Era um hábito que herdara da infância, quando sua família fazia caretas para pessoas ricas, como se houvesse algo repugnante e imoral nelas. Ela mantinha o hábito, mesmo que seu carro fosse igualmente luxuoso, mesmo que ela própria o tivesse *comprado* com o dinheiro que ganhara trabalhando.

A sensação não diminuiu conforme pais e filhas entravam em um magnífico saguão. O aroma de perfume de qualidade e água de colônia tomava o ar, enquanto pais de terno e gravata e mães com roupas despretensiosamente elegantes de primavera e, claro, elas tinham filhas mais velhas na escola, porque todos já se conheciam, faziam comentários simpáticos, amigáveis e pretensiosos de gente rica. “Como foi o Japão?” “Ótimo! Como foi Aspen?” “Bem, na verdade, como as crianças nunca tinham ido a Atenas, nós...”

— A-há!

Uma mulher de meia-idade e cabelo preto cacheado se sentou ao lado de Tiffany e apontou para as saias de seda Stella McCartney idênticas. Ela estava usando um cardigã branco exatamente igual ao que Tiffany havia procurado na gaveta de Dakota.

— Comprei na promoção.

A mulher se inclinou para a frente e tapou a boca com a mão.

— Quarenta por cento de desconto.

— Cinquenta por cento, a minha — sussurrou Tiffany.

Uma mentira descarada. Ela pagara o preço normal, mas a vida era uma competição e

ela sabia que mulheres que não trabalhavam e eram casadas com homens ricos adoravam falar sobre como haviam economizado ao comprar roupas de marca em promoção. Era a contribuição delas para as finanças domésticas.

— Droga!

A mulher riu gentilmente, e Tiffany quis ter dito a verdade.

— Sou Lisa — disse ela. — Você é nova na escola?

— Minhas enteadas estudaram aqui — respondeu Tiffany, pensando que suas enteadas prefeririam morrer a serem chamadas de suas enteadas.

Elas, com todo o direito, muitos anos antes, haviam decidido que a melhor maneira de demonstrar lealdade à mãe era fazendo o possível para fingir que Tiffany não existia de verdade. Costumavam levar um pequeno susto quando ela falava, como se um vaso de plantas tivesse tentado entrar na conversa. Mas amavam Dakota, e isso era tudo que importava.

— Minhas duas filhas mais velhas estudam aqui — falou Lisa. — Cara é nossa caçula.

Lisa indicou a menininha sentada ao seu lado, que balançava as pernas e mascava chiclete.

— Meu Deus, Cara, eu falei para você jogar isso fora antes de a gente entrar! Que constrangedor... E esse é meu marido, Andrew.

O marido se inclinou para a frente e acenou discretamente com a mão. Tinha cinquenta e tantos anos e muitos fios de cabelo branco (devia se orgulhar deles, assim como Vid) e aquela autoconfiança distinta dos políticos, que também é típico de quem tem sucesso profissional em uma carreira como medicina ou direito.

Seus olhos eram de um tom claro de avelã, peculiares, com círculos escuros em torno das íris. O coração de Tiffany disparou, porque ela estava diante de um gato.

— Oi, Andrew — disse ela.

CAPÍTULO TRINTA

DIA DO CHURRASCO

— Então... Estamos de barriga cheia — disse Vid, dando tapinhas na sua.

Tiffany sabia que o que ele queria dizer era: estou de barriga cheia, então preciso de um cigarro, como as pessoas costumavam fazer antigamente no mundo civilizado.

— Alguém vai querer repetir pela segunda vez? — perguntou Tiffany. — Ou pela terceira?

Ela examinou a mesa comprida enquanto as pessoas empurravam os pratos para longe, suspirando de satisfação e murmurando elogios.

Vid, na cabeceira, se recostou e tamborilou os dedos nos braços da cadeira feito um rei benevolente diante dos súditos fiéis, só que, no caso, o rei preparara o jantar e os súditos o haviam elogiado com fervor: a *maciez* da carne etc. e tal. Clementine fora particularmente fervorosa.

Ela e Vid estavam se dando muito bem. Mais cedo, haviam passado dez minutos conversando sobre cebolas caramelizadas. Tiffany se vingara falando com o marido de Clementine sobre futebol americano.

— Você gosta mesmo de esporte, não é, Tiffany? — perguntou Sam. — Não está só fingindo para ser educada.

— Ah, eu nunca finjo — respondeu ela.

— Por que fingiria? — retrucou Vid.

Ele ergueu as mãos como se quisesse indicar seu físico maravilhoso.

Todos riram, com exceção de Oliver e Erika, que deram sorrisos forçados. Tiffany decidiu que seria melhor evitar as piadas ousadas ao notar os vizinhos lançando um olhar de censura para as crianças, que não conseguiam ouvi-los de qualquer forma. Sentadas na cadeira suspensa, havia uma menina de cada lado de Dakota. Estavam no canto mais afastado da cabana, e ela lhes mostrava algo no iPad. As garotas estavam alegremente aninhadas ao lado de Dakota, como se fossem as irmãszinhas com as quais sonhara mas nunca tivera (trato era trato, mas como evitar uma pontada de arrependimento ao ver aquela cena?) e estavam fascinadas com o que quer que Dakota estivesse lhes mostrando. Com sorte, não envolveria cabeças de pessoas explodindo. Barney estava em um canto

mais distante do jardim, feliz por estar absorto em algum ato ilícito de escavação que Tiffany fingia não ver. De vez em quando, ele olhava por cima do ombro para se assegurar de que não estava prestes a ser flagrado.

— O coitado do Oliver sempre finge se interessar por esportes quando estamos por perto — disse Clementine. — Sam pergunta: “Você viu o jogo ontem à noite?” e dá para perceber Oliver pensando: “Que jogo?”

— Não me incomodo em assistir a um pouco de tênis — disse Oliver.

— Oliver *pratica* esporte — retrucou Sam. — Essa é a diferença entre nós dois. Gosto de acelerar meu batimento cardíaco gritando com a tela.

— Na verdade, Oliver e Erika se conheceram em uma quadra de squash — contou Clementine. — São muito atletas.

Havia certa ansiedade exagerada na maneira como Clementine falava, como se sentisse necessidade de defender o casal, como se fosse a nova assessora de imprensa deles.

— Vocês estavam jogando em times adversários? — indagou Tiffany enquanto enchia mais uma vez a taça de Erika.

Tiffany não imaginava que ela bebia tanto, por mais que isso não fosse da sua conta. De qualquer maneira, Erika não teria que dirigir para casa, só precisava andar até a casa ao lado.

— A gente trabalhava para a mesma empresa de contabilidade — disse Erika. — Alguns membros da equipe organizaram uma competição de squash nas noites de quinta-feira. Oliver e eu nos inscrevemos.

— Nós dois temos paixão por planilhas — falou Oliver, e sorriu para Erika, como se compartilhasse uma lembrança secreta relacionada a planilhas.

— Eu também adoro planilhas — disse Tiffany.

— Ah, é? — indagou Clementine, virando a cabeça. — Para que você usa planilhas? Houve uma ligeira ênfase em “você”.

— Para o meu trabalho — explicou Tiffany, enfatizando discretamente a palavra “trabalho”.

— Ah! — exclamou Clementine. — Eu não... O que você faz?

— Compro casas em mau estado, conserto e vendo — respondeu Tiffany.

— Você as reforma — explicou Sam.

— É — concordou Tiffany. — Reformo. Como se fossem roupas.

— Ela não só reforma! — disse Vid. — É uma grande promotora imobiliária!

— Não sou nada — retorquiu Tiffany. — Acabei de expandir um pouco. Estou cuidando de um prédio pequeno. Seis apartamentos de dois quartos.

— Ela é tipo o Donald Trump! Minha esposa é quem ganha a grana. Vocês acham que eu é que paguei por essa casa grande para cacete, com o perdão da palavra?! Acham que eu

é que paguei por todas aquelas obras de arte lá dentro, aquelas obras-primas?

Minha nossa, Vid. A próxima coisa que iria dizer seria: “Não passo de um singelo eletricitista.”

— Não passo de um singelo eletricitista! — exclamou ele. — Eu me dei bem nesse casamento.

Um singelo eletricitista com trinta funcionários, pensou Tiffany. Mas vá em frente, Vid. Eu aceito levar todo o crédito pelo dinheiro que temos.

— Não são obras-primas, aliás — falou Tiffany.

— Então, como foi que vocês dois se conheceram? — indagou Oliver com seu jeito cortês e educado.

Ele fazia Tiffany se lembrar de um padre conversando com os fiéis após a missa de domingo.

— Nós nos conhecemos em um leilão de imóveis — disse ela, antes que Vid pudesse responder. — Era uma quitinete no centro da cidade. Meu primeiro investimento.

— Ah. Mas essa não foi a primeira vez que vi você — observou Vid, com a ansiedade na voz de quem está prestes a contar sua piada preferida.

— Vid — repreendeu Tiffany.

Os dois se entreolharam. Caramba. Ele era impossível. Era porque gostava de Clementine e Sam, e sempre que gostava muito das pessoas, sentia que tinha a obrigação de contar essa história. Parecia uma criança já crescida que estava louca para se exhibir aos novos amigos dizendo a palavra mais vulgar que conhecia. Se só os vizinhos estivessem ali, ele nunca contaria.

Vid olhou para Tiffany, decepcionado. Deu de ombros discretamente e ergueu as mãos, derrotado.

— Mas talvez seja melhor deixar essa história para outro dia.

— Quanto mistério — comentou Clementine.

— Então quer dizer que estavam disputando lances no leilão? — perguntou Sam.

— Parei de dar lances quando percebi como ela queria aquela quitinete — disse Vid.

— Mentira — retrucou Tiffany. — Eu dei um lance maior e pronto.

Em pouco menos de seis meses ela ganhara duzentos mil dólares com a quitinete. Fora seu primeiro sucesso. Sua primeira jogada realmente lucrativa.

Talvez não tenha sido bem assim... Fora sua segunda jogada, na realidade.

— Mas não podem nos contar como se conheceram? — indagou Clementine.

— Minha esposa tem uma mente curiosa — explicou Sam —, e esse é um jeito delicado de dizer que ela é enxerida.

— Ah, não finja que você não quer saber — disse Clementine. — Ele é mais fofoqueiro que eu. — Ela olhou para Tiffany. — Mas vou parar de perguntar. Desculpe.

Só fiquei intrigada.

Ah, dane-se. Tiffany baixou o tom de voz e começou:

— Foi assim...

Todos se inclinaram para a frente.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Erika estava de pé na calçada diante da casa de sua infância, sob uma chuva torrencial, com um guarda-chuva em uma das mãos e um balde cheio de materiais de limpeza na outra. Não se movia, apenas seus olhos especialistas se mexiam enquanto avaliavam quanto tempo e trabalho, quantas discussões, súplicas e cabos de guerra seriam necessários.

A mãe de Clementine não exagerara ao dizer ao telefone que a situação era “muito grave”. Quando Erika era criança, os pertences de sua mãe nunca haviam ultrapassado a porta da frente. A casa sempre tivera uma aparência sombria e furtiva, com as persianas fechadas e o jardim murcho e sedento. Mas a casa não chamava a atenção dos transeuntes. Todos os seus segredos ficavam guardados lá dentro, atrás da porta da frente, que nunca podia ser totalmente aberta. O pior medo delas era que alguém batesse à porta. A mãe de Erika reagiria no mesmo instante, como se estivesse sendo atacada por um atirador de elite. Era preciso se abaixar para que não vissem seus olhos bisbilhoteiros na janela. Era preciso ficar imóvel e em silêncio e aguardar, com o coração disparado, pulsando nos ouvidos, até que a pessoa mal-educada e enxerida que *ousava* bater à porta finalmente caísse em si e se afastasse sem ter visto Erika e sem ter descoberto a verdade repulsiva sobre a maneira como ela e sua mãe viviam.

Mas nos últimos anos os pertences da mãe haviam finalmente arrombado a porta da frente, proliferando-se feito as células de um vírus letal.

Hoje havia uma pilha de tijolos, um ventilador de pé que parecia fazer companhia a uma árvore de Natal suja e artificial da mesma altura, uma montanha de sacos de lixo cheios, um mundo de caixas ainda fechadas que ficaram molhadas com a chuva, de forma que o papelão virara uma polpa molenga, uma pilha de gravuras emolduradas que pareciam ser do quarto de uma adolescente (não eram de Erika) e dúzias de peças de roupas femininas com braços e pernas estirados em ângulos assustadores, como se um massacre recente tivesse ocorrido ali.

O problema era que atualmente sua mãe tinha tempo e dinheiro demais. Quando Erika era criança, a mãe trabalhava em tempo integral como enfermeira, e o pai de Erika de vez em quando mandava cheques de sua nova casa no Reino Unido, onde morava com sua aprimorada família substituta. Portanto, elas tinham dinheiro, mas havia um limite de quantas coisas novas ela podia acumular, apesar de Sylvia se esforçar para tirar o máximo

proveito do que recebiam. Porém, quando a avó de Erika faleceu, deixando uma quantia considerável para Sylvia, a acumulação ganhou um impulso financeiro novinho em folha. Obrigada, vó.

E, é claro, hoje em dia também existiam as compras pela internet. Sua mãe havia aprendido a usar o computador e conseguia mantê-lo ligado e acessível. E como Erika se assegurara de que as contas fossem pagas em débito automático, nunca faltava luz, como costumava acontecer quando ela era criança e as contas que chegavam por correio desapareciam no abismo.

Se o jardim estava daquele jeito, o interior da casa estaria um horror. Seu coração disparou. Era como se ela tivesse a responsabilidade de resgatar alguém e para isso precisasse levantar sozinha algo impossível e incompreensivelmente pesado: um trem, um prédio. É *claro* que não conseguiria. Não sem ajuda. Não debaixo daquela chuva. E não sem Oliver ao seu lado, sendo metódico e sem demonstrar qualquer emoção, buscando soluções, usando com a sogra aquele tom de voz sensato que queria dizer “vamos com calma”.

Oliver não olhava para os objetos de maneira pessoal, como Erika. Para ela, cada porcaria ali representava uma escolha que sua mãe fizera, preferindo algo a ela. Sua mãe amava objetos aleatórios e vagabundos mais do que amava a própria filha. E não podia ser diferente, pois ela batalhava por eles, gritava por eles, e estava totalmente disposta a enterrar sua única filha no meio deles. Portanto, todas as vezes que Erika pegava um objeto, era com um grito mudo de desespero: *Você preferiu isso a mim!* Deveria ter esperado Oliver melhorar. Ou pelo menos deveria ter tomado seu calmante — fora para isso que os comprimidos haviam sido receitados, para ajudá-la a encarar justamente momentos como aquele —, mas ela não tomava mais o remédio desde o dia do churrasco. Nem mesmo olhara para a caixa. Não podia correr o risco de ter mais algum daqueles lapsos de memória aterrorizantes.

— Erika! Que ótimo ver você! Ah! Desculpe assustar você assim!

Era a mulher que morava na casa ao lado da de sua mãe havia cinco anos. A mãe de Erika passara bastante tempo venerando a mulher, quer dizer, bastante tempo para ela, algo em torno de seis meses, até que, como era previsível, a vizinha cometera algum pecado e passara de “uma pessoa extraordinária” a “aquela mulher”.

— Oi — disse Erika.

Não se lembrava do nome dela. Não queria se lembrar do nome dela. Isso só aumentaria sua responsabilidade.

— O tempo não está um horror? — perguntou a mulher. — Uma chuva torrencial!

Por que as pessoas sentiam necessidade de comentar sobre a chuva quando não tinham absolutamente nada de importante para acrescentar à conversa?

— Torrencial — concordou Erika. — Está realmente chovendo canivete!

— Hum... é. Então, na verdade foi bom encontrar você — disse a mulher.

Ela segurava um minúsculo guarda-chuva transparente de criança próximo à cabeça. O restante do corpo estava se molhando. Olhou com pesar para o jardim da casa da mãe de Erika.

— Eu, hum... só queria avisar que vamos colocar nossa casa à venda.

— Ah — disse Erika.

Ela cerrou o maxilar e começou a ranger os dentes de trás. Seria tão mais fácil se aquela fosse uma das vizinhas horríveis, como o casal com a placa “Jesus te ama” na janela, que vivia reclamando do estado da casa de Sylvia para o Departamento de Serviços Comunitários, ou os vizinhos esnobes do outro lado da rua que faziam ameaças jurídicas e agressivas. Mas aquela mulher era muito gentil e tranquila. Michelle. Droga. Ela se lembrara do nome sem querer.

Michelle uniu as mãos como se estivesse implorando.

— Então, eu sei que sua mãe tem, hum... dificuldades, mas saiba que eu entendo. Tenho um parente próximo com problemas de saúde mental, ai, meu Deus, espero que não se sinta ofendida, é só que...

Erika respirou fundo.

— Tudo bem — falou ela. — Eu entendo. Você está dizendo que o estado da casa da minha mãe vai comprometer o valor da sua venda.

— Talvez em uns cem mil dólares — disse Michelle em tom de súplica. — De acordo com o corretor imobiliário.

O corretor estava sendo cauteloso. Pelos cálculos de Erika o prejuízo poderia ser muito maior. Ninguém quer comprar uma casa em um subúrbio agradável de classe média ao lado de um ferro-velho.

— Vou dar um jeito — disse Erika.

Você não é responsável pelas condições de vida dos seus pais. Era o que diziam aos filhos de acumuladores, mas como ela poderia não se sentir responsável se era a única esperança daquela pobre mulher? A situação financeira de alguém dependia da atuação de Erika, e ela levava situações financeiras muito a sério. Claro que era responsável. Notou que uma das persianas da casa da mãe se mexeu. Ela devia estar lá dentro, espiando a rua, resmungando sozinha.

— Sei que é difícil — disse Michelle. — Sei que é uma doença. Vi nos programas de TV.

Ah, pelo amor de Deus. Os programas de TV. Sempre os programas de TV. Todos se tornavam especialistas depois de assistirem a meia hora de um programa cuidadosamente montado: o drama do lixo repugnante, o psicólogo esperto, a limpeza, o acumulador feliz

da vida ao ver o chão da sua casa pela primeira vez em anos... e *pronto!* Todos viviam felizes para sempre, sendo que na verdade limpar o lixo era apenas um alívio para os sintomas, não a cura da doença.

Anos antes, Erika ainda tinha esperança de que houvesse cura se conseguisse convencer a mãe a se consultar com um profissional. Havia remédios. Terapia cognitivo-comportamental. Terapia de grupo. Se ao menos Sylvia conseguisse conversar com alguém sobre o dia em que o pai de Erika fora embora e como aquilo desencadeara uma loucura latente. Sylvia sempre fora uma consumidora compulsiva, com uma personalidade alegre, linda e agradável, uma verdadeira figura que gostava de festas, mas ela só ultrapassara os limites da loucura depois de ler aquelas duas palavras no bilhete deixado na geladeira: *Desculpe, Sylvia*. Nenhuma menção a Erika. Ele nunca considerara a menina particularmente relevante. E foi então que tudo começou. No mesmo dia, Sylvia saíra para fazer compras e voltara carregada de sacolas. Quando chegou o Natal, o tapete roxo e florido da sala desaparecera debaixo da primeira camada de coisas, e Erika nunca mais o vira. Às vezes enxergava a parte de uma pétala e tinha a sensação de que havia esbarrado em uma relíquia antiga. E pensar que ela já tinha morado em uma casa normal...

Hoje em dia já aceitava que não teria cura. Não haveria fim até o dia em que Sylvia morresse. Até lá, Erika continuaria combatendo os sintomas.

— Então é melhor eu... — disse Erika, usando os esfregões para indicar a casa.

— Eu me dava bem com a sua mãe assim que me mudei para cá — disse Michelle. — Mas depois ela pareceu se ofender. Nunca soube o que fiz.

— Você não fez nada — afirmou Erika. — Minha mãe faz essas coisas. É parte da doença.

— Está bem — disse Michelle. — Hum... obrigada.

Ela deu um sorriso de desculpas e acenou para se despedir de Erika, balançando os dedos. Gentil demais para o próprio bem.

Assim que Erika chegou à varanda da casa da mãe, a porta se abriu.

— Rápido! Entre!

A mãe estava com os olhos arregalados, como se estivessem sob ataque.

— Por que você estava conversando com *ela*?

Erika se virou de lado para entrar. Às vezes, ao visitar a casa de alguém, ela se virava de lado automaticamente para entrar, esquecendo-se de que na casa da maioria das pessoas a porta se abria sem problemas.

Passou com cuidado pelas pilhas de revistas, livros e jornais, as caixas de papelão abertas cheias de porcarias aleatórias, a estante de livros repleta de louça, a máquina de lavar fora da tomada e com a tampa aberta, os onipresentes e enormes sacos de lixo, os cacarecos, os vasos, os sapatos, as vassouras. Era sempre irônico ver as vassouras, porque

nunca havia espaço livre no chão para varrer.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou a mãe. — Achei que isso era contra as “regras”.

Ela flexionou os dedos para acrescentar aspas à palavra “regras”. Isso fez Erika pensar em Holly.

— Mãe, o que você está vestindo? — perguntou Erika, suspirando.

Ela não sabia se ria ou se chorava.

Sua mãe estava usando o que parecia ser um vestido azul de lantejoulas estilo melindrosa novinho em folha e grande demais para seu corpo magro, com uma faixa de pena na testa, de forma que ela precisava olhar para cima para que não caísse nos olhos. Ela fez uma pose de estrela de cinema no tapete vermelho, com uma das mãos apoiada no quadril inclinado para a frente.

— Não é lindo? Comprei pela internet. Você vai ficar orgulhosa de mim, porque estava na promoção! Fui convidada para uma festa. Uma festa com o tema *O Grande Gatsby*!

— Que festa?

Erika seguiu pelo hall em direção à sala, examinando a casa. Não estava pior do que o normal. Havia riscos de incêndio por toda parte, como sempre, mas ela não sentia cheiro de nada podre ou em decomposição. Talvez naquele dia se concentrasse no jardim se a chuva diminuísse.

— É um aniversário de sessenta anos — explicou a mãe. — Estou muito ansiosa! Como você está, querida? Parece um pouco abatida. Eu queria que não aparecesse aqui com *equipamentos*, como se eu fosse uma tarefa que você precisa cumprir.

— Você é uma tarefa que eu preciso cumprir — disse Erika.

— Ah, que bobagem. Prefiro simplesmente conversar com você e saber o que tem feito. Se eu soubesse que você vinha, teria preparado alguma receita daquele livro novo, sobre o qual eu estava falando naquele dia em que você ficou muito mal-humorada...

— Mas *quem* está fazendo sessenta anos? — indagou Erika.

Parecia improvável que sua mãe tivesse sido convidada para uma festa. Desde que se aposentara do trabalho no asilo, ela perdera contato com os amigos, até mesmo os mais determinados e pacientes, ou então os descartara. Sylvia não acumulava amizades.

Erika entrou na cozinha e foi subitamente tomada por uma tristeza. O jardim teria que esperar. Ela precisaria dar um jeito na cozinha. Havia pratos de papel em cima das chapas elétricas. Potes de comida pela metade com mofo verde. Ela só deveria fazer uma visita dali a duas semanas, e se não fosse pelo problema com o jardim, não teria descoberto aquilo, mas como já vira, seria impossível ir embora. Era um perigo para a saúde. Uma afronta à decência humana. Ela largou os baldes e pegou o pacote de luvas descartáveis.

— Felicity Hogan vai fazer sessenta anos — respondeu a mãe, suspirando e inflando

ligeiramente as narinas ao dizer “Felicity”, como se Erika estivesse estragando sua alegria com a festa ao fazê-la lembrar quem era a anfitriã. — Ah, olhe só para você, está colocando *luvas* como se estivesse prestes a fazer uma cirurgia.

— Mãe — disse Erika. — Felicity fez sessenta anos ano passado. Não, dois anos atrás, na verdade. Você não foi à festa. Lembro que disse que era cafona dar uma festa com o tema *O Grande Gatsby*.

— O quê?

Sua mãe ficou desapontada e empurrou a faixa para cima da testa, fazendo o cabelo se eriçar e ficando com a aparência de uma jogadora de tênis transtornada.

— Você se acha sempre tão esperta e dona da razão, mas está enganada, Erika!

A decepção deixou sua voz estridente. Havia sempre esses espinhos por baixo da manta macia de amor materno.

— Vou pegar o convite para você ver! Por que eu teria o convite de uma festa que aconteceu dois anos atrás, pode me dizer, Srta. Sabe Tudo?

Erika riu amargamente.

— Está brincando? Está falando sério? Porque, mãe, *you não joga nada fora!*

Sua mãe arrancou a faixa da cabeça e a jogou no chão. Seu tom de voz mudou.

— Sei que tenho um problema, Erika, ou você acha que não sei? Não sou idiota. Você acha que eu não gostaria de ter uma casa maior e melhor com mais espaço para guardar as coisas e armários para roupa de cama e tal, para poder deixar tudo organizado? Se seu pai não tivesse nos deixado, eu poderia ter ficado em casa o dia todo e cuidado do lar, como a mãe de Clementine, que você tanto adora, como Pam, “ah sou uma mãe tão perfeita”, com um marido rico e uma casa perfeita.

— Pam trabalhava — respondeu Erika, sendo breve. Ela rasgou um saco de lixo do rolo e começou a jogar potes de comida lá dentro. — Era assistente social, lembra?

— Assistente social em *meio período*. E é claro que lembro. Como poderia esquecer? Você era o projeto social particular dela. Ela *obrigou* Clementine a ser sua amiga. Devia dar uma estrelinha dourada para a filha toda vez que você ia lá brincar.

Aquilo não magoava mais. Será que sua mãe achava que era uma revelação bombástica?

— É — disse Erika. — Pam sabia que a situação na minha casa não era ideal.

— A situação na sua casa não era “ideal”. Quanto drama. Eu fiz o que pude! Coloquei comida na mesa! Agasalhei você!

— Ficamos um ano sem água quente — disse Erika. — Não porque não tínhamos dinheiro para pagar, mas porque você estava envergonhada demais para deixar que alguém entrasse aqui e consertasse o aquecedor.

— Eu não estava envergonhada! — gritou a mãe com tanta força que os tendões saltaram em seu pescoço e seu rosto ficou vermelho-sangue.

— Pois deveria ter ficado — disse Erika com tranquilidade.

Em momentos como aquele, ela se sentia misteriosamente calma; só dali a algumas horas, ou até mesmo alguns dias, quando ficasse sozinha, no carro ou no banho, ela gritaria uma resposta.

— Admito que posso ter ficado um pouco paranoica às vezes, com medo de que levassem você embora — falou a mãe.

Ela piscou lamentosamente para Erika.

— Sempre achei que Pam, com aquela mente generosa e esquerdista, fosse ter a ideia de reclamar com o Departamento de Serviços Comunitários porque eu não estava limpando os rodapés da casa ou algo assim.

— Os rodapés?! Quando foi que você viu os rodapés dessa casa? — perguntou Erika.

Sylvia riu alegremente, como se tudo não passasse de uma mera brincadeira. A mãe de Erika tinha uma risada muito bonita, feito a de uma garota em um baile.

(“Será que ela é bipolar?”, indagara Oliver na primeira vez em que presenciara a extraordinária habilidade da sua sogra de ligar e desligar o bom humor, como se fosse um interruptor, mas Erika lhe dissera que suspeitava que pessoas com distúrbio bipolar não *escolham* o comportamento que tinham. Sua mãe era louca, claro que era, mas escolhia exatamente como e quando era louca.)

— A gente tinha ratos — afirmou Erika. — Ninguém estava preocupado com a limpeza dos rodapés.

— Ratos? — repetiu a mãe. — Fala sério! Nunca tivemos ratos. Talvez um camundongo. Um pequeno camundongo querido.

Elas tiveram ratos, sim. Ou algum roedor, de qualquer forma. Eles morriam e ficava um mau cheiro terrível, insuportável, mas era impossível encontrá-los no meio das *tralhas* que abarrotavam os cômodos. Tinham que esperar. O fedor chegava ao auge e então, finalmente, passava. Mas nunca passava de verdade. Contaminava Erika.

— Além disso, o pai de Clementine não era rico — disse ela à mãe. — Era só um pai comum com um trabalho comum.

— Era algo relacionado a construção, não era? — perguntou a mãe com o charme loquaz de alguém que tinha sido convidada para um coquetel.

— Ele trabalhava para uma empresa de engenharia — respondeu Erika.

Ela não sabia exatamente qual era o trabalho do pai de Clementine. Ele já tinha se aposentado e, pelo visto, começara a estudar culinária francesa e estava se saindo muito bem.

Certa vez, quando Erika tinha quatorze anos e sua mãe estava no trabalho, o pai de Clementine fora até sua casa e instalara uma fechadura na porta do seu quarto para que ela conseguisse manter as tralhas da mãe longe dali. Ele mesmo tinha dado a ideia. Não fizera

nenhum comentário sobre o estado da casa. Ao terminar, pegara a caixa de ferramentas, lhe entregara a chave preciosa e apoiara brevemente a mão em seu ombro. Seu silêncio fora uma revelação para Erika, que havia crescido cercada não só de itens físicos, mas de palavras: um dilúvio turbulento de palavras cruéis, gentis, delicadas e estridentes.

Aquela fora toda a experiência de Erika com a paternidade: o peso maciço e silencioso da mão do pai de outra pessoa em seu ombro. Aquele era o tipo de pai que Oliver seria. Demonstraria seu amor com gestos simples e práticos, não com palavras.

— Bem, talvez ele não fosse rico, mas Pam não era mãe solteira, era? Tinha ajuda! Eu não tinha nenhuma ajuda. Estava sozinha. Você não faz ideia de como era. Espere só até ter filhos!

Erika continuou enchendo mecanicamente os sacos de lixo, mas ficou paralisada, em alerta, como se fosse um animal sentindo a presença de um predador. Anos antes, quando Erika dissera que nunca ia querer ter filhos, a mãe respondera com uma crueldade leviana: “É, não consigo mesmo imaginar você sendo mãe.”

Claro que ela não contara sobre as tentativas de engravidar. Isso nem passara pela sua cabeça.

— Ah, espere, você não vai ter filhos, não é? — Sua mãe lhe lançou um olhar triunfante. — E não quer ter filhos porque está ocupada demais com sua carreira importante! Então azar o meu. *Não vou poder ser avó.*

Parecia que ela havia acabado de pensar naquilo e precisava lamentar a terrível injustiça da situação.

— Simplesmente tenho que aceitar isso, não é? Todo mundo tem netos, mas eu, não. Minha filha é uma profissional tão importante, com seu trabalho importante na cidade e sua... Ei! — A mãe agarrou seu braço. — O que você está fazendo? Não jogue isso fora!

— O quê?

Erika olhou para o lixo em sua mão enluvada: uma casca de banana, um sanduíche de atum pela metade, um papel-toalha molhado.

A mãe pegou da sua mão um pedaço minúsculo de papel manchado de gordura.

— Aqui! Isto! Fiz uma anotação importante aqui! Era o título de um livro, acho, ou talvez de um DVD... Eu estava escutando rádio e pensei: preciso anotar isso!

Ela ergueu o papel na direção da luz e olhou.

— Olhe só o que você fez! Não dá para ler!

Erika ficou quieta.

Adotara uma política de resistência passiva. Nunca argumentava. Não desde o dia em que se metera em um cabo de guerra absurdo por causa de uma raquete de tênis quebrada e que durara dez minutos. Sua mãe gritava: “Mas vou vender isso no eBay!” Ela acabara perdendo, claro. A raquete de tênis ficara em casa e nunca fora vendida no eBay. Sua mãe

não sabia vender nada no eBay.

A mãe exibiu o pedaço de papel diante dela.

— Você entra aqui, Srta. Sabe Tudo, e começa a mexer nas minhas coisas, achando que está me fazendo um grande favor, mas só piora tudo! Ainda bem que não quer ter filhos! Ia acabar jogando os brinquedos deles fora, não ia? Ia acabar pegando as coisinhas preciosas deles e jogando no lixo! Que mãe maravilhosa você seria!

Erika se virou de costas. Ergueu as bordas do saco de lixo e o jogou no chão. Deu dois nós na ponta e o levou até a porta dos fundos.

Pensou no telefonema de Clementine: “Quero ajudar você a ter um bebê.” Seu tom de voz estranho. A questão era que Clementine *realmente* queria ajudá-la a ter um bebê. Essa era a explicação para seu tom de voz estranho. Queria muito fazer aquilo. Era sua oportunidade de se redimir instantaneamente. Pensou em como a expressão de Oliver ficaria esperançosa quando ela contasse. Será que devia aceitar a caridade de Clementine, mesmo que ela estivesse agindo pelo motivo errado? Será que os fins justificavam os meios e tudo o mais?

Será que ela ainda queria um bebê?

Passou o saco de lixo para a mão esquerda de forma que conseguisse abrir a porta dos fundos e, nesse instante, o saco rasgou, derramando o que tinha dentro: uma substância espessa, infinita e inexorável.

Sylvia bateu no próprio joelho e deu sua bela risada.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

DIA DO CHURRASCO

Dakota olhou para onde os adultos estavam sentados em torno da mesa e notou a mãe olhar para ela antes de se debruçar à frente como se estivesse prestes a contar um segredo.

Holly e Ruby, de cada lado de Dakota, estavam espremidas na cadeira oval suspensa e a menina estava lhes mostrando um aplicativo de celular chamado Duck Song Game. As duas estavam adorando. As meninas eram muito fofas, Dakota gostara muito delas, mas já havia se cansado um pouco. Tinha vontade de voltar para o seu quarto e ler um livro.

Os adultos estavam rindo muito animados e sussurravam como se fossem adolescentes contando piadas de mau gosto. Dakota estava irritada.

Às vezes eles faziam aquilo. Ela já ouvira trechos suficientes da conversa para saber que os comentários grosseiros e bobos tinham algo a ver com o fato de como seus pais haviam se conhecido. Quando ela lhes perguntava, sempre diziam que tinham se conhecido quando os dois estavam fazendo ofertas pela mesma casa, e então lançavam olhares furtivos um para o outro, achando que ela era burra demais para perceber.

Suas meias-irmãs mais velhas diziam saber qual era o segredo: seu pai tivera um caso com a mãe de Dakota quando ainda era casado com Angelina. Angelina fora a primeira esposa dele, e era muito difícil, quase impossível para Dakota imaginar aquilo, ainda que ela tivesse uma imaginação excelente.

Mas sua mãe dizia que nada acontecera enquanto seu pai ainda estava casado com outra, e Dakota acreditava nela.

Era frustrante que eles não contassem o segredo logo de uma vez, porque Dakota já tinha idade suficiente para lidar com o que quer que fosse. Tudo bem, era verdade que ela nunca vira um filme proibido para menores, mas assistia ao jornal e tinha conhecimento sobre sexo, assassinato, Estado Islâmico e pedofilia. O que mais *poderia* existir?

Além disso, para falar a verdade, ela era mais madura do que seus pais no que dizia respeito a sexo. Tivera uma palestra sobre educação sexual na escola e os pais também haviam comparecido. A palestrante dissera: “Olhem, algumas partes vão dar vontade de rir, e isso é natural, vocês podem rir um pouco, mas depois temos que seguir em frente.”

Ela dissera aquilo para as *crianças*, mas os *adultos* é que não haviam conseguido se

conter. Seu pai, que não estava acostumado a ficar calado por muito tempo (os únicos momentos em que ele ficava sem falar eram quando ia dormir, e às vezes quando ouvia música clássica; era impossível ver um filme com ele), não parara de cochichar com o pai de Ashok, amigo de Dakota, e no fim os dois estavam gargalhando tão alto que precisaram sair da sala, e mesmo assim ainda dava para ouvi-los rindo do lado de fora.

O segredo que estavam escondendo dela não devia ser nada de mais. “É só isso?”, diria Dakota, e então reviraria os olhos e ficaria constrangida por eles.

Holly e Ruby disputavam o iPad de Dakota.

— Minha vez!

— Não, é minha vez!

— Brinquem sem brigar — falou Dakota.

Quando ouviu a própria voz, ela achou que parecia ser de uma pessoa de, sei lá, quarenta anos. Sério mesmo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

As rugas em torno dos olhos de Andrew estavam mais profundas, porém, com exceção disso, ele não mudara nada. Tiffany notou o inconfundível brilho de reconhecimento em seus olhos claros ao mesmo tempo em que ele exibia aquele sorriso adequado e cortês do pai de um aluno em um evento da escola.

Será que tinha visto medo também? Ou uma risada? Confusão? Ele devia estar tentando situá-la em sua memória. Estava fora de contexto. Totalmente fora de contexto.

Tiffany não teve a oportunidade de se apresentar, porque naquele instante uma mulher de cabelo grisalho e terninho elegante surgiu no palco. Sua presença silenciou imediatamente a plateia. Era a diretora da escola. Robyn Byrne. Escrevia uma coluna semanal no jornal da cidade sobre como educar meninas.

— Bom *dia*, senhoras, senhores e meninas — disse, deixando claro que esperava uma resposta.

Portanto, todos responderam automaticamente, naquela melodia pré-programada: “Bom di-a, Sra. Byrne.” Em seguida ouviu-se risadas discretas quando os CEOs, advogados e médicos especializados em ouvido, nariz e garganta perceberam que haviam sido induzidos à submissão escolar.

Tiffany olhou para Vid, à sua esquerda, que sorria feito um bobo para Dakota, como se ela fosse um bebê em um espetáculo infantil. Dakota estava sentada, imóvel, com aquela terrível expressão catatônica.

— Sejam muito bem-vindos ao Saint Anastasias — disse a diretora.

Sejam muito bem-vindos a mensalidades escolares exorbitantes.

— Agradeço por terem saído de casa hoje apesar desse clima pavoroso!

A Sra. Byrne ergueu os braços feito uma bailarina para indicar o céu e todos olharam para o teto alto que os protegia da chuva.

Tiffany arriscou dar mais uma olhada de esguelha para Andrew. Ele não olhava para cima, e sim para a frente, para a diretora, as pernas cruzadas, o pulso enfeitado com um relógio Rolex apoiado displicentemente em um dos joelhos, em uma posição quase feminina.

Um homem decente. Seus olhos assustadores eram enganosos. Ela se lembrava de quando estavam bem-humorados.

— Suas filhas vão sair da escola como jovens mulheres confiantes e resilientes.

A Sra. Byrne estava no meio do discurso, proferindo os clichês de escola particular. Resilientes? Quanta baboseira! Nenhuma criança frequentaria uma escola que mais parecia o Palácio de Buckingham e sairia de lá *resiliente*. Ela deveria ser sincera: “Sua filha vai sair desta escola achando que é uma grande merecedora, o que vai ser muito positivo na vida dela. E vai ser particularmente útil nas ruas de Sydney.”

Tiffany olhou novamente para Dakota, que continuava com o olhar vidrado no palco, enquanto ao seu lado Vid pegara o celular no bolso e verificava as mensagens de texto, arrastando o polegar gorducho pela tela. Modos, por favor! O que as pessoas iriam pensar? Pois é, Tiffany, o que as pessoas iriam pensar? O que pensariam se Andrew contasse à esposa sobre sua ligação com ela? Mas por que ele faria isso? Ah, querida, uma coincidência engraçada: a mulher que se sentou ao seu lado hoje de manhã surpreendentemente era uma velha amiga minha!

Ela *era* uma velha amiga.

E se ele contasse para a esposa, e a esposa contasse para todas as outras mães, ou só para uma das outras mães, que não resistiria e contaria para outra mãe? Até que finalmente as filhas descobrissem? Que efeito isso teria na vida social de Dakota na escola? Isso a ajudaria a se tornar uma “jovem mulher resiliente”? Bem, sim, provavelmente ajudaria. Nada como um pouco de ostracismo social para fortalecer alguém.

Tiffany fechou os olhos por um instante.

Precisava se manter firme. Pensou nas irmãs, anos antes, perguntando: “Como você *pôde*, Tiffany?” Mas ela não sentira vergonha, nunca sentira vergonha, então por que estava tão envergonhada agora?

Ela sabia por quê. Sabia exatamente por quê. Era porque desde o churrasco tudo parecia fora dos eixos. Eles haviam sido os anfitriões. Era a casa deles. Acontecera na casa deles, e mais que isso: o comportamento dos dois tinha contribuído. Negligência contributiva. Ela não podia alegar inocência. Nem Vid.

E daí se ela se responsabilizava por tudo?

Por Harry caído no chão de casa, clamando baixinho por uma ajuda que nunca veio.

Pelos olhos de Clementine brilhando no crepúsculo. E tudo não passara de uma brincadeira, sem qualquer má intenção. Só porque eram pais não significava que não eram pessoas.

Pelos limites que ela ultrapassara. Só uma vez.

A diretora elevou o tom de voz enquanto aplaudia com elegância, unindo as pontas dos dedos, para receber no palco três meninas de uniforme, cada uma com um instrumento musical.

Tiffany observou a madeira dourada e lustrosa dos instrumentos, as fitas vermelhas do

uniforme prendendo os rabos de cavalo perfeitos, o corte elegante e a boa qualidade dos blazers do uniforme, e teve certeza do que aconteceria se Andrew contasse à esposa como conhecera Tiffany. Nunca fariam nenhum comentário maldoso ou desagradável em voz alta, mas meninas de fitas vermelhas e blazers verdes acabariam com Dakota ao darem risadinhas contidas e ficarem cochichando, exibindo sorrisos falsos e misteriosos e fazendo comentários maldosos nas redes sociais. Sua filha pagaria o preço.

As meninas ergueram os arcos ao mesmo tempo. A música encheu o salão. Uma música de outro mundo. O mundo de Clementine. Não a batida do baixo do mundo de Tiffany.

Tiffany olhou de soslaio para o lindo e jovem perfil de Dakota, a tempo de notar sua expressão de imensa tristeza. Parecia que a menininha de Tiffany estava passando por um grande sofrimento. Parecia que tudo aquilo que Tiffany acabara de prever já tivesse acontecido.

— Mãe. — De repente Dakota se virou para Tiffany e sussurrou: — Acho que vou vomitar.

Tiffany sentiu gratidão e amor materno. Não era tristeza, era náusea. Ela podia dar um jeito naquilo. Fácil.

— Vamos — sussurrou ela em resposta, e ficou de pé, acenando com urgência para Vid.

Ela passou diante de sua nova amiga com a saia Stella McCartney, de sua filha e de Andrew, que balançou educadamente a cabeça, o entorno da boca um pouco rígido, mas ela podia estar imaginando aquilo. Assim que saíram, Dakota disse que não queria procurar um banheiro, só precisava ir para casa, por favor, imediatamente. Seu rosto estava pálido.

Vid, com seu jeito único, encontrou uma mulher de crachá, explicou a situação e ganhou uma pasta de informações. Depois ela se despediu com um sorriso compreensivo. Ele ficava à vontade em qualquer situação social: uma festa no jardim ou uma luta de MMA, era tudo igual para Vid, era tudo *interessante*.

Será que ele também acharia interessante a ligação de Tiffany com Andrew?

Dakota subiu no banco de trás do carro.

— Quer se sentar na frente? — balbuciou Tiffany.

Dakota negou com a cabeça, em silêncio.

— Sente-se no meio, pelo menos — falou Tiffany. — Para ver a rua à frente. Vai ser melhor para o enjoo.

Dakota deslizou até o meio do banco enquanto Vid e Tiffany se sentavam na frente, e os três saíram da escola rumo à casa. Depois de um tempo, quando ficou claro que Dakota não ia vomitar, Vid acendeu um cigarro e começou a falar:

— Então, a escola é muito boa, não é? O que achou? As meninas tocando

instrumentos eram boas, não eram? Talvez você aprenda a tocar violoncelo, Dakota! Como Clementine. Podemos pedir para ela lhe dar aulas.

— Vid! — exclamou Tiffany.

Pelo amor de Deus. Será que ele tinha enlouquecido completamente? Acreditava mesmo que algum dia Clementine iria querer falar com eles, depois do que acontecera? Ela daria qualquer desculpa para não ensinar Dakota. E ela não morava num lugar muito conveniente. Se Dakota quisesse mesmo aprender a tocar um instrumento, eles encontrariam um professor.

— Clementine não vai querer dar aulas para Dakota.

Houve um barulho estranho no banco de trás.

— Você vai vomitar, querida? — perguntou Tiffany, virando a cabeça.

Os olhos de Dakota se fixaram nos da mãe. Era como se ela estivesse presa no próprio corpo, implorando desesperadamente pela ajuda de Tiffany.

— Você está conseguindo respirar? — perguntou a mãe. — Dakota, você está respirando? Está engasgando?

— Dakota?

Vid jogou o cigarro pela janela e virou o volante para a esquerda, parando no acostamento com o freio guinchando e o som agudo e revoltado de uma buzina logo atrás.

Tiffany e Vid abriram as portas do carro e saíram na chuva torrencial. Abriram as portas de trás e se acomodaram cada um de um lado da filha.

— O que houve? O que houve? — perguntou Tiffany.

— É... é...

Dakota estava arfando. Lágrimas brotavam em seus olhos e escorriam pelo rosto.

O coração de Tiffany palpitava. O que poderia ter acontecido com ela? O que poderia ser tão terrível? Só podia ser abuso sexual. Alguém a tocara. Alguém a machucara.

— Dakota — falou Vid. — Dakota, meu anjo, respire bem fundo, ok? — Havia certo tremor de medo em seu tom de voz, como se algo parecido estivesse passando em sua cabeça. — E então precisa nos contar o que está acontecendo.

Dakota, trêmula, respirou fundo. Por fim, sussurrou:

— Clementine.

— Clementine? — repetiu Tiffany.

— Ela me odeia — disse Dakota, soluçando.

— Não odeia, não! — retrucou Tiffany imediatamente, de forma instintiva, porque “ódio” era uma palavra banida. — O que eu quis dizer é que ela não vai querer te dar aulas porque tenho a impressão de que não gosta muito de ensinar e está tentando arranjar um trabalho em tempo integral com...

— Ela me odeia, sim, e muito! — afirmou Dakota, irritada, e foi um alívio ouvir a

petulância comum de uma menina de dez anos.

— Por que acha que Clementine odeia você? — perguntou Vid.

Dakota se jogou nos braços do pai. Ele a abraçou, e seus olhos intrigados encontraram os de Tiffany.

— Ah, Dakota — disse Tiffany. — Querida. Não. *Não*.

Ela se inclinou para a frente e apoiou a bochecha nas costas estreitas e curvadas de Dakota, encostando a mão em sua coluna nodosa, e ficando de coração partido por causa da filha, porque sabia exatamente o que a menina ia dizer.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Ainda bem que o local do casamento daquela manhã ficava a dez minutos de carro da casa de Clementine. Ela sabia exatamente aonde estava indo, portanto não iria se perder. Essa era a pior parte de ser autônoma: dirigir para locais desconhecidos.

Ela nunca se atrasara para uma apresentação, aleluia, porque sempre reservava tempo para os erros inevitáveis.

O casamento seria celebrado em um parque pequeno e coberto na enseada do porto, com imensas figueiras nativas e um velho coreto. Clementine não gostava de tocar ao ar livre: carregar o violoncelo e o suporte de partitura pelos parques tentando encontrar o lugar certo, as partituras chacoalhando com o vento apesar dos pregadores de roupa que ela usava para prendê-las, dias frios em que não dava para sentir os próprios dedos, dias quentes em que a maquiagem escorria pelo rosto, nenhuma acústica de forma que o som se perdia sem rumo pelo ar. Mas, por algum motivo, aquele local específico era sempre agradável com eles; o som da música flutuava através do brilho azul do porto e algumas noivas postavam homenagens brilhantes na internet depois da lua de mel.

Mas não naquele dia. Seria terrível. Não fazia sentido ter vista para o porto se não dava para ver nada. Clementine observou a faixa sólida de nuvem cinza pesando na paisagem urbana de Sydney. O mundo parecia mais estreito. As pessoas andavam meio curvadas, encolhendo-se sob o céu. Chovera sem parar durante toda a manhã, e, embora a chuva tivesse se tornado apenas uma garoa, poderia voltar com força a qualquer instante.

“Ainda vão fazer o casamento ao ar livre?”, indagara Clementine naquela manhã ao telefone com Kim, que era a primeira violinista e gerente do Notas de Passagem.

“Montaram uma tenda para a gente”, respondera Kim. “Os convidados vão ter que se virar com guarda-chuvas. A noiva estava aos prantos hoje de manhã. Nunca achou que a chuva fosse durar tanto tempo. Lembro que assim que ela reservou o espaço eu perguntei: ‘Qual é o seu plano caso chova?’, e ela me disse: ‘Não vai chover.’ Por que elas sempre dizem isso? Por que noivas são tão iludidas?”

Kim estava passando por um divórcio desagradável.

Clementine se perguntou se estava no início de um divórcio desagradável. Quando Sam saía para pegar a balsa, ela dissera: “Tenha um bom dia de trabalho.” E teve certeza de ter visto o marido revirar os olhos, como se nunca houvesse escutado nada mais fútil, ou

como se ela fosse a última pessoa no mundo que ele queria que lhe desejasse um bom dia de trabalho. Aquilo a magoara e ela sentira uma pontada repentina, como uma reprimenda, da mesma forma que aconteceu naquela manhã quando a corda Dó do violoncelo arrebentou e machucou sua bochecha assim que ela baixou a cabeça. Aquilo nunca tinha acontecido com ela. Nem sabia se era possível. Havia muita tensão em sua música. Muita tensão em seu corpo. Muita tensão em sua casa. A dor da corda em seu rosto parecera pessoal, e ela ficara ali sentada na escuridão da madrugada, recusando-se a pressionar a bochecha com a ponta dos dedos.

Parou o carro bem perto da entrada do estacionamento. Estava vinte minutos adiantada porque reservara vinte minutos para “se perder”, só por via das dúvidas. Ela bocejou e deu uma olhada para o céu. *Talvez* a chuva desse uma trégua até o fim da cerimônia. Se a noiva tivesse sorte.

Ela apoiou a cabeça no banco e fechou os olhos.

Acordara às cinco da manhã e ensaiara com o metrônomo o fragmento de Beethoven. “Sinta a pulsação interna”, costumava dizer Marianne, embora logo em seguida começasse a gritar: “Muito abrupto! Muito abrupto!”

Clementine massageou seu ombro dolorido. Seu primeiro professor de violoncelo, o Sr. Winterbottom (seus irmãos mais velhos e seu pai sempre o chamavam de Sr. Winter-Bunda), costumava dizer “Ninguém toca sem dor” toda vez que ela reclamava de algum incômodo. A mãe de Clementine não gostara nem um pouco daquilo. Pam tinha pesquisado a Técnica Alexander e, na verdade, os exercícios ainda ajudavam Clementine quando ela se lembrava de praticá-los.

O Sr. Winterbottom costumava dar um tapinha com o arco no joelho dela e dizer: “Precisa ensaiar mais, mocinha. Não pode contar só com seu talento, porque eu garanto que você não tem de sobra” e “Para você é difícil colocar emoção na música porque você é muito nova, nunca sentiu algo de verdade. Precisa ter o coração partido”. Quando tinha dezesseis anos, ele mandara Clementine fazer um teste para a Orquestra Jovem de Sydney, mas dissera que ela não tinha nenhuma chance de entrar, simplesmente não era boa o bastante, mas que seria uma boa experiência. Não havia tela, só os jurados sorrindo em solidariedade, mas depois que ela se sentou com o violoncelo, não conseguiu nem mesmo levar o arco às cordas, pois foi tomada por um terror inesperado. Como se tivesse sido contagiada por uma doença terrível. Ela se levantou e saiu do palco sem ter tocado uma nota sequer. Simplesmente não parecia haver opção. O Sr. Winterbottom dissera que nunca havia sentido tanta vergonha de um aluno em toda sua carreira, e ele já tivera *muitos* alunos. Jovens carregando caixas de violoncelo entravam e saíam da casa dele o dia inteiro: uma linha de produção de violoncelistas que aprendiam a desprezar a si mesmos.

Depois do desastre do teste, sua mãe encontrara uma nova professora, e no primeiro

dia sua querida Marianne dissera que testes eram artificiais e assustadores, que ela mesma os odiava e que nunca mandaria Clementine fazer um teste para o qual não estivesse devidamente preparada.

Por que o câncer apontara seu dedo cruel e aleatório para a linda Marianne e não para o terrível Sr. Winter-Bunda, que ainda estava vivo e saudável, produzindo músicos neuróticos?

Clementine abriu os olhos e suspirou quando um pequeno esguicho de gotas de chuva acertou seu para-brisa. Era a chuva se aquecendo antes de sua entrada triunfal. Ela ligou o rádio e ouviu o locutor dizendo: *Enquanto a “Grande Chuva” de Sydney continua, as pessoas foram alertadas para ficarem longe de drenos de águas pluviais e de riachos.*

O celular tocou no banco ao lado e Clementine o pegou para olhar a tela. Não havia nome, mas ela reconheceu aquele número específico.

Vid.

Ele ligara tantas vezes desde o churrasco que ela já reconhecia seu número, mas nunca se dera o trabalho de salvar seus dados nos contatos, porque ele não era um amigo, era um conhecido, o vizinho de uma amiga, que ela nunca mais queria ver. Erika não tinha o direito de ter dado seu número a ele. Vid e Tiffany deveriam ter entrado em contato apenas por intermédio de Erika. O que ele *queria* com Clementine?

Ela ergueu o telefone diante do rosto, olhando fixamente para a tela, tentando imaginá-lo segurando o celular com sua mão enorme. Lembrou-se dele dizendo: “Eu e você, nós somos os irresponsáveis.” Os irresponsáveis. Ela fechou os olhos e seu estômago se revirou, como esperado. Ela se perguntou se aquilo acabaria lhe causando uma úlcera no estômago. Será que aquele era o tipo de coisa que causava úlceras no estômago? Bile repleta de arrependimento?

O telefone parou de tocar e ela aguardou receber uma mensagem de texto dizendo que Vid, mais uma vez, não deixara recado. Só em duas ocasiões ele deixara um recado claramente relutante: “Clementine? É Vid. Como vai? Vou ligar de novo.” Era do tipo que evitava deixar recados e só queria que a pessoa atendesse o maldito celular. Seu pai era igual.

O celular de Clementine tocou de novo quase imediatamente. Só podia ser Vid outra vez, pensou ela, mas não era; ela não reconheceu o número. Será que ele estava ligando de um número diferente numa tentativa de enganá-la para que ela atendesse? Não era Vid. Era da clínica de fertilização in vitro de Erika. Estavam retornando a ligação de Clementine para marcar uma consulta com o orientador psicológico e conversar sobre a doação de óvulos.

Naquela manhã Erika lhe dera, com irritação e impaciência, o telefone da clínica, como se achasse que Clementine não fosse realmente ligar.

Clementine pegou a agenda na bolsa e a colocou no colo enquanto marcava uma consulta para a véspera do teste. A clínica ficava no centro da cidade. Ela voltaria bem na hora de dar aula para a assustadoramente talentosa Wendy Chang (que tinha nove anos e estava no quinto ano do colégio). A secretária que marcava os horários das consultas era uma fofa e estava sendo muito gentil com Clementine, explicando sobre um exame de sangue inicial que ela poderia fazer agora ou depois, à sua escolha, e Clementine pensou que a moça provavelmente achava que ela era uma pessoa gentil e altruísta, que estava fazendo aquilo por pura bondade, e não para fugir do peso de uma obrigação.

Ela ouviu a voz resignada de Erika ao telefone naquela manhã: “Ah, Clementine, nós duas sabemos que isso é mentira.” Mas ela reagira imediatamente, dando-lhe o número da clínica, como se não se importasse que fosse mentira. Ela não ligava para as motivações de Clementine, só queria os óvulos.

O que Clementine havia esperado? Gratidão e alegria? “Ah, obrigada, Clementine, que amiga maravilhosa você é!”

Ela se sobressaltou quando alguém bateu na janela do carro. Era Kim, com a caixa do violino na mão, segurando um imenso guarda-chuva e parecendo infeliz.

Clementine baixou o vidro.

— Que divertido, não é? — disse Kim, categórica.

*

A tenda montável não inspirava confiança. Parecia de má qualidade, como se a tivessem comprado em uma loja barata.

— Acho que essa tenda não vai ficar de pé — disse Nancy, a violista, observando o tecido branco de aparência frágil.

A tenda já estava afundando em algumas partes onde havia poças d’água. Clementine notou que vultos escuros de folhas boiavam nos laguinhos acima de suas cabeças.

— Está completamente seco por enquanto — disse Kim, preocupada.

O contrato deles especificava que precisavam comer e ter condições de manter os instrumentos secos. Tinham o direito de guardar tudo e ir embora em caso de chuva, mas nunca haviam precisado fazer isso.

— Tenho certeza de que vai dar certo — falou Indira, a segunda violinista, que sempre assumia o papel de otimista, além de garantir que tivesse comida para eles.

Já chegara a largar o violino no meio de uma música para atacar de surpresa um garçom que passava com uma comida deliciosa, o que foi muito constrangedor.

— Como estão os ensaios? — indagou Nancy enquanto afinavam os instrumentos.

Clementine suspirou disfarçadamente. Lá vamos nós.

— Muito bem — disse.

— Como o coitado do Sam vai buscar as crianças na escola e tudo o mais quando você estiver em turnê? — perguntou Nancy.

— Nancy, eu não vou conseguir a vaga — respondeu Clementine.

— Acho que você tem grandes chances de conseguir, sim! — retrucou Nancy.

Ela não queria que Clementine fosse contratada. Fingia que o motivo era que não queria que a colega sáísse do quarteto, mas Nancy vivia lembrando a Clementine aquela frase de Gore Vidal: *Sempre que um amigo triunfa, eu morro um pouco*.

Nancy era o tipo de amiga que estava sempre mostrando mulheres magras para Clementine: “Olhe só a cintura fina/as pernas compridas/a bunda firme dela. Você não *adoraria* ser assim? Não sente ódio dela? Isso deixa a gente *tão* deprimida, não é?” (Porque se não deixa, deveria!)

— Bem, se você não conseguir, pelo menos não vai ter que lidar com toda a politicagem de uma orquestra — afirmou Nancy. — É como fazer parte de uma grande corporação. Reuniões. Diplomacias. Eu não suportaria, mas é só a minha opinião.

— Você vai amar, Clementine. A camaradagem, as viagens, o dinheiro! — exclamou Indira.

— Você acha que Sam se importaria de socializar com os outros músicos? — perguntou Nancy.

Sempre que tinha a oportunidade ela gostava de comentar que Sam não era músico. Era como se sentisse que aquele era um ponto fraco em potencial, então cutucava a ferida. Certa vez, dissera a Clementine: “Eu nunca me casaria com alguém que não é músico, mas é só a minha opinião.”

— Ele se dá bem com a maioria das pessoas — respondeu Clementine, sendo breve.

— Só achei que não seria muito a praia dele — disse Nancy. — Ele é mais aventureiro e agitado, não é?

— Sam não é aventureiro — retrucou Clementine, bufando.

Cale a boca, Nancy. Ela era a típica princesinha mimada dos subúrbios do leste. Seu pai era juiz.

— Uma vez você disse que ele não tinha ouvido musical, não foi? — perguntou Nancy.

— Ele *finge* que não tem — respondeu Clementine. — Acha engraçado dizer isso.

— Ele gosta de rock dos anos oitenta — disse Kim de forma carinhosa.

— Minha nossa, suas pernas ficam maravilhosas nessa calça, Kim — elogiou Nancy. — Você não odeia ela, Clementine?

— Na verdade, gosto muito dela — retrucou Clementine.

— Ah! Aliás! Quase me esqueci de contar. Ouvi dizer que Remi Beauchamp vai fazer

o teste.

Nancy usou seu trunfo.

— Achei que ele estava em Chicago — disse Clementine.

Ela ficou paralisada enquanto assimilava aquela informação. Fazia anos que conhecia Remi e sempre admirara sua entonação impecável. Mesmo que ela passasse na primeira rodada, a orquestra acabaria escolhendo ele.

— Ele voltou — explicou Nancy, tentando curvar os lábios em uma expressão triste, mas ficou um pouco assustadora, parecendo o Coringa do Batman. — Mas tenho certeza de que você tem grandes chances mesmo assim.

— Os convidados estão chegando — disse Kim. — Vamos começar com Vivaldi?

Todas viraram na página correta das partituras e posicionaram os instrumentos.

Kim encaixou o violino debaixo do queixo, acenou para as outras e começou a tocar. Seu olhar encontrou o de Clementine e ela levou um pé para trás, só para poder mostrar um dedo para Nancy atrás de sua cabeça, um gesto sutil e ligeiro, que qualquer outra pessoa acharia que fazia parte do movimento dos seus dedos nas cordas.

Enquanto tocavam, Clementine deixou a mente vagar. Não precisava pensar. Elas tocavam juntas desde antes de Holly nascer e já haviam se acostumado umas com as outras. Nancy tinha tendência a apressar a música, embora discordasse disso e achasse que as outras se arrastavam. Atualmente, seguiam o ritmo dela.

Passaram a tocar “Ária na Corda Sol”, e Clementine observou os pobres convidados do casamento andarem de um lado para outro, com os guarda-chuvas erguidos para proteger suas expressões pesarosas, os saltos afundando na grama molhada, torcendo para que aquilo acabasse logo.

— A noiva chegou!

Uma mulher com um chapéu minúsculo se aproximou. Clementine a achou parecida com o Sr. Cabeça de Batata.

— Toquem a marcha nupcial, andem, andem, andem!

Ela balançou as mãos, interpretando um maestro. Pelo visto, já começara a beber champanhe.

Kim sempre deixava uma pessoa responsável em sinalizar para elas a hora de tocar a música de entrada da noiva, mas, por algum motivo, convidados aleatórios (mulheres, era sempre alguma mulher) assumiam essa função e costumavam fazê-las começar cedo demais. Certa vez, haviam tocado a música de entrada dez vezes até finalmente verem a noiva.

— Ops! Desculpem, alarme falso!

A moça cabeça de batata exagerou na expressão arrependida.

Noivas raramente chegavam adiantadas. Elas já haviam sido chamadas para tocar em um

casamento em que a noiva se atrasara por uma hora, por isso precisaram guardar tudo e ir embora porque tinham outra apresentação marcada.

Erika chegou adiantada no próprio casamento.

— Não podemos entrar antes da hora — falou Clementine, sua única madrinha. — Seus convidados ainda vão estar chegando.

— Oliver vai estar lá — argumentou Erika.

Seu cabelo estava puxado para trás, afastado da testa, e ela havia carregado na maquiagem esfumada nos olhos. Parecia outra pessoa.

— Só me importo com ele.

Fora uma das poucas vezes em que Erika estivera disposta a quebrar uma regra de etiqueta.

Clementine não sentira inveja, mas algo parecido, porque percebera que Erika estava realmente pensando na vida a dois, e não na cerimônia. Não se importava muito com o vestido, o cabelo, a música, nem mesmo com os convidados; só se importava com Oliver. Já Clementine, quando se casara, *tinha* se importado com todos esses detalhes. (O cabeleireiro estragara seu cabelo, por exemplo, e ela ficara parecendo Morticia Addams no dia do próprio casamento.) Ela e Sam mal haviam se visto no dia, porque estavam ocupados demais conversando com amigos e parentes que tinham vindo de outro país ou estado, enquanto Erika e Oliver *só* haviam olhado um para o outro. Fora um pouco meloso. Um pouco fofo.

Ela se perguntou se os sinais sempre estiveram presentes. Obviamente Sam a fazia rir e vice-versa, os dois eram apaixonados (pelo menos antes das crianças), se divertiam, mas o relacionamento não era forte o bastante para passar pelo primeiro teste de verdade. Era um casamento frágil. Um casamento fajuto. Um casamento de pouco valor.

A tenda balançou. Clementine sentiu algo molhado no rosto. Estava chorando? Ou era chuva?

— Está pingando — disse Nancy, erguendo os olhos. — Está pingando com certeza.

A chuva ficou mais forte de repente.

— Isso não é bom — falou Indira, que estava com o instrumento mais caro. Era alugado de um violinista aposentado.

— Vamos embora daqui. — Kim baixou o violino. — Guardem tudo.

*

Clementine estava novamente no carro, segurando a chave na ignição, quando o celular tocou. Ela agarrou o aparelho ao ver na tela a palavra ESCOLA.

— Helen? — disse, para poupar tempo com pormenores, porque geralmente era

Helen, a secretária da escola, quem ligava.

Seu coração disparou. Desastres espreitavam em cada esquina.

— Está tudo bem, Clementine — tranquilizou Helen rapidamente. — Mas Holly está insistindo que está com dor de barriga de novo. Tentamos de tudo para distraí-la, mas infelizmente não conseguimos. Não sabemos o que fazer e ela está atrapalhando a aula, e, bem... parece estar falando a verdade. Não queremos que seja um caso como “O Pastor Mentiroso e o Lobo”.

Clementine suspirou. O mesmo acontecera na semana anterior, e quando chegaram em casa a dor de barriga de Holly sumira num passe de mágica.

— Você sabe como ela se comportou hoje? — perguntou Clementine a Helen.

Segundo a professora fofa e ligeiramente maluca de Holly, a Srta. Trent, a menina estava tendo “dificuldades ocasionais de autorregulação” na escola, e, por isso, não costumava fazer “as escolhas certas”. Seu comportamento em casa não estava nada maravilhoso. Estava passando por uma fase malcriada e manhosa e recentemente inventara um novo gemido que lembrava o chiado de uma gaivota, que ela usava em vez de dizer “não”. O barulho enlouquecia Clementine.

— Não parece tão ruim — disse Helen com cautela. — A chuva não está ajudando. Todas as crianças estão irritadas. Nós também, na verdade. Dizem que esse tempo ainda vai durar uma semana, acredita?

Clementine observou a cerimônia de casamento no parque. Os noivos estavam de frente um para o outro, de mãos dadas, enquanto outras pessoas seguravam guarda-chuvas. A noiva ria tanto que mal conseguia se manter de pé, e o noivo a segurava, rindo também. Não pareciam se importar com o fato de o quarteto de cordas ter desaparecido.

Ela e Sam haviam rido muito durante a cerimônia de casamento deles. “Nunca vi os noivos rirem tanto”, dissera a celebrante, angustiada, como se o casal não estivesse levando o próprio casamento a sério. Sam não conseguia parar de rir do cabelo de Morticia de Clementine, o que a fizera rir também, e esse detalhe perdera a importância.

Mas não era possível escapar de tudo com riso. Tinham vivido oito anos de risadas; um bom tempo. Haviam prometido ser fiéis um ao outro na alegria e na tristeza, mas riram ao dizer isso, porque tudo era tão, mas tão engraçado para eles! Achavam que um penteado ruim era o pior que podia acontecer na vida. A celebrante ficara irritada com razão. Deveria ter agarrado os dois pela camisa e gritado: “Isso é sério! A vida está ficando séria e vocês dois não estão se concentrando!”

— Chego aí em alguns minutos — disse ela a Helen.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

DIA DO CHURRASCO

— Vid já me conhecia porque tinha visto uma apresentação minha — disse Tiffany a Clementine.

— Mamãe! — chamou Holly na cadeira oval. — Venha ver isso aqui!

— Só um minuto! — gritou Clementine, sem tirar os olhos de Tiffany. — Então você era artista...?

— Uma artista como você, Clementine! — exclamou Vid com alegria.

— Não exatamente como Clementine — corrigiu Tiffany, bufando.

— Mamãe! — gritou Ruby.

— Só um *minuto*. — Clementine olhou para Tiffany. — Você é instrumentista?

— Não, não, não. — Tiffany começou a empilhar os pratos. — Eu era dançarina.

— Uma dançarina *famosa* — disse Vid.

— Não era *famosa* — corrigiu Tiffany, embora tivesse sido bem conhecida em certos círculos sociais.

— Você era uma dançarina famosa da dança da cordinha? — perguntou Sam, com brilho nos olhos.

— Não, mas às vezes eu fazia pole dance.

Tiffany retribuiu seu olhar. Fez-se silêncio ao redor da mesa. Vid estava radiante.

— Quer dizer que você era dançarina de pole dance? — perguntou Clementine, baixando o tom de voz. — Como uma... stripper?

— Clementine, claro que ela não era stripper — repreendeu Erika.

— Bem... — disse Tiffany.

Houve uma pausa.

— Ah — falou Erika. — Desculpe, eu não quis dizer...

— Você certamente tem o corpo ideal para isso — afirmou Clementine.

— Bem... — repetiu Tiffany.

Nesse momento as coisas ficaram complicadas. Ela não podia dizer: É, pode crer, amiga. Não era permitido ter orgulho do próprio corpo. As mulheres esperavam um pouco de humildade em relação a esse assunto.

— Aos dezenove anos, eu tinha.

— Você gostava? — perguntou Sam a Tiffany.

Clementine olhou para ele.

— O que foi? — Sam ergueu as mãos. — Só quero saber se ela gostava do antigo trabalho. É uma pergunta válida.

— Eu adorava — respondeu Tiffany. — Na maior parte do tempo. Era como qualquer outro trabalho. Tinha o lado bom e o lado ruim, mas em geral eu gostava.

— Pagava bem? — continuou Sam.

— Muito bem — disse ela. — Era por isso que eu fazia. Estava me formando e ganhava muito mais com esse trabalho do que se fosse caixa de alguma loja.

— *Eu* trabalhei como caixa de loja — retrucou Clementine. — Sei que ninguém perguntou, mas não gostei muito.

— Que pena. Você teria sido uma stripper fantástica, querida — disse Sam.

— Obrigada, amor — falou Clementine, sem emoção.

— Enquanto girava em torno do pole você poderia fazer as mesmas expressões que faz quando toca violoncelo. Teria conseguido boas gorjetas.

Sam jogou a cabeça para trás e fechou os olhos, erguendo e baixando as sobrancelhas, imitando a expressão que Clementine faz quando toca violoncelo.

Clementine olhou para a mesa e encostou as pontas dos dedos na testa. Seu corpo inteiro tremia. Tiffany olhou fixamente para ela. Estava chorando?

— Está rindo — falou Erika com desdém. — Não vai conseguir arrancar nenhuma palavra dela nos próximos minutos.

Oliver pigarreou.

— Um dia desses li um artigo sobre uma ação para transformar pole dance em esporte olímpico — disse. — Parece que demanda muito esforço. Precisa ter bastante força no abdômen.

Tiffany não conteve um sorriso ao ver o pobre sujeito tentando ao máximo levar a conversa de volta para um assunto seguro digno de um jantar de classe média.

— Ah, sim, Oliver, demanda *muito* esforço — falou Vid de maneira enfática, com uma sobrancelha erguida, e Clementine ficou novamente abalada.

Tiffany pensou em como o mundo seria mais simples se todos dessem o enfoque quase infantil que Vid dava ao sexo. Ele gostava de sexo assim como gostava de música clássica, de queijo roquefort e de carros velozes. Para ele, era tudo igual. As coisas boas da vida. Eram apenas moças bonitas que dançavam nuas na boate. O que tinha de mais nisso?

Erika se virou intencionalmente no banco para dar uma olhada nas crianças por cima do ombro.

— Então, sua filha...? — disse ela a Tiffany.

— Dakota sabe que eu era dançarina.

Tiffany ergueu o queixo. *Nada de questionar minhas escolhas como mãe.*

— Vou esperar ela crescer para dar mais detalhes sobre isso.

As filhas mais velhas de Vid e sua ex-mulher também não sabiam. Minha nossa, o *juízo* que as filhas dele fariam... Logo elas que se vestiam como as Kardashians, mas que perto de Tiffany se comportavam com a superioridade moral que só freiras costumavam ter. Se algum dia descobrissem, iriam abocanhar esse segredo feito cães raivosos.

— Certo — disse Erika. — É claro. Certo.

Clementine ergueu a cabeça e coçou a área embaixo dos olhos com a ponta dos dedos. Sua voz ainda estava trêmula de tanto rir.

— Então, peço desculpas, porque acho que eu tive uma vida muito, hum... *pacata* — disse ela.

— Não acho, não — retrucou Sam. — O que você está insinuando? Eu li *Cinquenta tons de cinza*. Estudei. Tentei arrumar o escritório como o Quarto Vermelho da Dor.

Clementine deu uma cotovelada nele.

— Estou mesmo fascinada. Você achava... Bem, nem sei por onde começar! Os homens que viam sua apresentação não eram meio... vulgares?

— Claro que alguns eram, mas a maioria era só gente comum.

— *Eu* não era vulgar — afirmou Vid. — Ah, bem, talvez eu fosse um pouco. Mas no bom sentido!

— E você costumava frequentar esses lugares? — perguntou Clementine, e Tiffany notou o esforço que ela fazia para manter a voz livre de julgamentos.

Vid nunca entendia isso, e Tiffany sempre esquecia: as pessoas tinham sentimentos muito *complexos* quando ficavam sabendo que ela já havia sido dançarina. Tudo se misturava com os sentimentos que tinham sobre sexo, que, infelizmente, para a maioria, estavam sempre inevitavelmente ligados a vergonha, classe e moralidade (algumas pessoas achavam que ela estava confessando um ato ilegal), e para as mulheres incluía questões sobre imagem corporal, inveja e insegurança, e os homens não queriam parecer interessados demais, embora geralmente ficassem muito interessados, e alguns exibiam uma expressão raivosa e defensiva, como se ela estivesse tentando fazer com que eles revelassem alguma fraqueza. E a maioria das pessoas, tanto mulheres quanto homens, sentia vontade de rir feito adolescente, mas não sabia se devia. Era uma situação muito delicada. Nunca mais, Vid, nunca mais.

— Claro, eu ia muito! — disse Vid tranquilamente. — Quando meu casamento terminou, meus amigos queriam me levar para sair, sabe. E eles não frequentavam a orquestra sinfônica nem nada disso, sabe. Iam a boates. E então, quando vi essa mulher

dançando, bem, fiquei impressionado. Meu cérebro até explodiu.

Ele fingiu levar um revólver à cabeça e puxar o gatilho. Depois gesticulou a explosão com os dedos.

— Por isso eu a reconheci no leilão na mesma hora, por mais que ela estivesse vestida.

Vid deu um tapa no próprio joelho e caiu na gargalhada. Clementine e Sam deram risinhos com uma expressão horrorizada enquanto Erika franzia o cenho e o coitado do Oliver corava.

— Enfim... — disse Tiffany. — Acho que já chega desse assunto.

Ouviram então um súbito som agudo e dissonante:

— *Mamãe!*

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Chovia tanto que Clementine não ouviu a porta se abrir. Sobressaltou-se ao ver Sam se materializar na entrada do quarto de Holly, sua camisa listrada de azul e branco estava tão molhada que ficara transparente.

— Você quase me matou do coração! — exclamou ela, levando a mão ao peito. — Por que voltou para casa tão cedo?

Ela sabia que aquilo parecia uma acusação. Talvez devesse ter dito: “Que surpresa boa!”; e *então*, delicadamente, como quem está puxando conversa: “Por que voltou tão cedo, querido?”

Ela nunca o chamara de “querido”.

Sam puxou o tecido encharcado da camisa.

— O que você está fazendo? — perguntou ele.

— Estou procurando uma coisa — respondeu ela. — Como sempre.

Clementine estava sentada na cama de Holly com uma pilha de roupas à sua frente, procurando a “blusa de morango” da filha, uma blusa de manga comprida com um morango imenso na frente, de que Holly precisava imediatamente se esperavam que ela voltasse a ser feliz algum dia, e que, é claro, não estava em lugar nenhum.

Ela estava estranhamente constrangida. Será que em circunstâncias normais ela teria se levantado ao ver Sam e o cumprimentado com um beijo? Não lembrava. Era tão estranho ter que pensar naquilo: qual era a etiqueta para cumprimentar o próprio marido?

Ela não estava com vontade de abraçá-lo, afinal ele estava, mais uma vez, encharcado. Ninguém em Sydney se surpreendia mais com a chuva. Apenas um idiota seria pego de surpresa. Só se falava nisso. As vendas de guarda-chuvas haviam aumentado quarenta por cento. Mas, desde que a chuva começara, Sam saía de casa todos os dias para pegar a balsa sem guarda-chuva nem capa. Ela o observava toda manhã da janela da cozinha, correndo debaixo de chuva e com a pasta erguida acima da cabeça. A visão daquele corpo saltitante desaparecendo ao longe lhe dava vontade de rir e de chorar. Talvez fosse uma forma de masoquismo. Ele achava que não merecia um guarda-chuva. E provavelmente achava que ela também não merecia um.

— Por que voltou para casa tão cedo? — perguntou ela outra vez.

— Ué, recebi seu recado. — O rosto de Sam era uma máscara de ansiedade com um

toque de desconfiança agressiva. — Então saí mais cedo do trabalho.

— Meu recado dizendo que Holly estava perfeitamente bem? — indagou Clementine.
— Meu recado dizendo que não havia com o que se preocupar?

— É a segunda vez que ela tem esse problema de estômago — falou Sam.

— Imagino que você a tenha visto na sala — disse Clementine. — Brincando toda feliz com o iPad, sem qualquer preocupação.

— Acho que a gente devia levar Holly ao médico. Pode ser apendicite ou alguma coisa assim. Vem e passa.

— É, vem quando ela está na escola e passa quando está brincando com o iPad. Ela está brincando com *a gente* — afirmou Clementine. — Assim que a coloquei no carro, ela ficou bem. Passou todo o caminho de volta falando sobre a festa dela. Aliás, ela quer convidar Dakota. — Ela falou essa última parte bem rápido, sem olhar para ele.

— Dakota — repetiu Sam. Ele se empertigou como se tivesse detectado um perigo.
— *Aquela* Dakota?

— É, *aquela* Dakota.

— Ela não pode convidar Dakota — afirmou Sam. — Óbvio que não. Caramba.

— Eu disse que Dakota era grande demais para uma festa de aniversário de seis anos. E ela deu um ataque. Disse que nós falamos que ela podia convidar quem quisesse, e é verdade, a gente *falou* isso. Insistimos nisso.

— É, bem, a gente quis dizer qualquer um, menos Dakota — retrucou Sam.

— Ela ficou inconsolável.

— Ela nem *conhece* Dakota — afirmou Sam.

Ele puxou a camisa para fora da calça, pensou em torcê-la com as mãos, mas mudou de ideia.

— Viu a menina uma vez só. Como você disse, Dakota é grande demais. Não ia querer ir na festa da Holly!

— Bem, de qualquer forma, eu cedi — falou Clementine. — Ela estava ficando histérica. Foi meio assustador.

— Mas você acabou de dizer que a dor no estômago dela era puro fingimento — disse Sam. — Então também está fingindo sobre Dakota. Ela *enganou* você, Clementine.

Ele falou de forma zombeteira. Antigamente, vivia provocando, mas nunca zombava de verdade.

— Acho que não — disse ela. — Olhe, Holly quer convidar Dakota, e a festa é dela, que obviamente está passando por uma fase ruim, o que talvez não seja inesperado, então se quer a presença de Dakota na festa, ela vai ter. Não é nada de mais!

Sam cerrou o maxilar.

— Dakota não vem.

Clementine ergueu as mãos.

— Ela vem, *sim*.

Os dois se entreolharam.

Como podiam se resolver? Como um casal conseguiria superar algo assim, quando não havia nenhuma possibilidade de acordo, quando alguém tinha que ceder? O que aconteceria se *ninguém* cedesse?

— Liguei para Erika hoje — disse ela, para mudar de assunto. — Falei que vou doar os óvulos.

— Certo — disse Sam.

Ele começou a tirar a camisa. Clementine percebeu que estava quase desviando os olhos, da maneira educada com que se desvia o olhar quando o marido de outra pessoa tira a camisa.

— Ela reagiu de um jeito estranho — continuou Clementine. — Tenho certeza de que escutou o que eu falei naquele dia, quando a gente estava lá em cima. As coisas horríveis que eu falei.

— Preciso trocar de roupa — avisou Sam, distraído, como se estivesse entediado com ela.

— Então você não se incomoda que eu doe os óvulos? — perguntou, sem fazer contato visual, como se fosse uma pergunta boba.

— A decisão é sua — respondeu Sam. — Ela é sua amiga. Não tem nada a ver comigo.

Seu desinteresse provocou nela uma dor quase prazerosa, como ela se precisasse sentir aquilo, como se estivesse drenando um furúnculo.

— Então você tem certeza de que não quer outro filho? — perguntou ela.

Lá estava novamente. Como no jantar daquela noite no restaurante. Aquele desejo de empurrá-lo, de *jogá-lo* do precipício em que se encontravam.

— Outro filho? — repetiu Sam.

Ele pendurou a camisa molhada na maçaneta da porta do quarto de Holly.

— *Nós?* Outro filho? Você não pode estar falando sério.

— Ah. Certo — disse Clementine, empilhando mais roupas. — Por acaso você viu a blusa de morango da Holly? Sumiu. — Olhou ao redor, frustrada, tentando não chorar.

— Ai, não aguento mais, por que as coisas não param de *sumir*?

CAPÍTULO TRINTA E SETE

DIA DO CHURRASCO

— Mamãe!

Era apenas Holly pedindo a atenção da mãe.

— Holly! — disse Clementine, suspirando. — Você me assustou! Não precisa gritar como se toda vez fosse uma questão de vida ou morte.

Ela se levantou e saiu da mesa, tomando o cuidado de evitar o olhar de Sam. Mal podia esperar para ficar a sós com ele no carro e comentar os eventos daquela noite. Conversariam sempre sobre aquela história. Tudo estava ficando cada vez mais curioso. Haviam se metido em cada situação bizarra... Erika, que nunca quisera ter filhos, queria bebês. Oliver queria os óvulos de Clementine. Sua anfitriã tinha sido stripper.

— Você já ouviu falar de uma história chamada “O Pastor Mentiroso e o Lobo”? — indagou a Holly.

— Não conheço nenhum Pastor nem Lobo. Chamei você um milhão, um trilhão de vezes.

Na cadeira suspensa ao lado de Dakota, Holly ergueu um olhar acusatório.

— Desculpe — falou Clementine. — O que houve?

— Por que seu rosto está todo vermelho? — perguntou a menina.

— Não sei — respondeu Clementine.

Ela tocou as pontas dos dedos frios no rosto quente. O clima estava ficando mais ameno.

— Estão bem agasalhadas, meninas?

— Estamos — disse Holly. — Olhe só esse jogo que Dakota mostrou para a gente! É o máximo.

Ela apontou para um jogo de animação colorido na tela do iPad que Dakota segurava.

— Uau! — exclamou Clementine, olhando para o jogo sem prestar atenção. — Que máximo. Obrigada por cuidar tão bem delas — falou para Dakota. — Me avise quando se cansar, está bem? Quando ficar entediada.

— Ruby e eu não somos entediantes! — protestou Holly.

Dakota deu um sorriso conspiratório para Clementine. Parecia uma menininha muito

séria e comportada. Era difícil acreditar que fosse filha de pessoas tão excêntricas quanto Vid e Tiffany.

— Está tudo bem por aqui? Vocês estão se comportando, meninas?

Sam parou ao lado dela.

Clementine ergueu a cabeça e os dois se entreolharam. Havia um brilho nos olhos dele. Um brilho que ela não via havia algum tempo. Talvez naquela noite o sexo seria bom, bom de verdade, como costumava ser antes, não o sexo estranhamente incômodo “vamos acabar logo com isso” que vinham fazendo nos últimos dois anos. Algo desandara na vida sexual dos dois depois do nascimento de Ruby, ou pelo menos na de Clementine. Às vezes, tinha uma sensação de perda, de luto mesmo, pela morte da sua vida sexual; outras vezes, ela se perguntava se estava imaginando tudo aquilo, se estava sendo tipicamente melodramática sobre algo natural e inevitável. Acontecia com todo mundo, chamava-se “marasmo”, chamava-se casamento.

Certas vezes, tinha uma sensação de *inadequação* durante o sexo, quase um sentimento incestuoso. Era como se ela e Sam fossem velhos amigos queridos que, por alguma razão — religiosa, legal ou médica —, no intervalo de algumas semanas, eram obrigados a transar diante de um pequeno júri de observadores imparciais, e não era exatamente desagradável fazer isso com um velho amigo atraente, mas era esquisito, e um alívio para todos os envolvidos quando terminava.

Ela nunca conversara sobre esse assunto com o marido. Como poderia explicar? “Às vezes, nossa vida sexual parece incestuosa, religiosa e um pouco nojenta, Sam. Você não acha? Alguma sugestão?”

Ela não tinha palavras à sua disposição, e, além disso, detestava falar sobre sexo. Isso a fazia pensar na mãe e, por mais estranho que fosse, em Erika. Toda aquela conversa “livre” no carro sobre contracepção e amor-próprio.

Ela sabia que parte do problema era o fato de as filhas dormirem muito mal. Com isso, tanto ela quanto Sam ficavam o tempo todo inquietos, esperando ouvir o choro inevitável que iria romper o feitiço a qualquer momento. Quando o tempo é limitado, não dá para demorar. Era preciso ir direto ao assunto, às velhas carícias e posições já testadas, porque senão seria mais um caso de “missão fracassada”. Significava que sempre havia tensão e pressa nos procedimentos. (Às vezes, ela se surpreendia pensando: *Rápido, rápido!*) Também significava que os dois nunca deixavam de ser “Mamãe” e “Papai”, e havia algo muito entediante, banal e nada glamoroso em Mamãe e Papai estarem transando de forma rápida e furtiva enquanto as crianças dormiam. Ultimamente, Sam não sugeria que fizessem sexo com tanta frequência, e Clementine estava um pouco magoada, pois *achava* que ele ainda a considerava atraente. Seria fácil demais se permitir cair no abismo do ódio ao próprio corpo — o mundo estava muito ansioso para lhe dar esse empurrãozinho —,

mas, por enquanto, ela se mantinha firme. Ao mesmo tempo, muitas vezes ficava aliviada quando os dois se viravam em direções opostas na cama, porque, sinceramente, quem queria se dar o trabalho? Ela suspeitava que ele sentia a mesma mistura de mágoa e alívio, e só de imaginar *Sam* aliviado por não ter que transar com ela a magoava ainda mais, apesar de sentir o mesmo. E assim em diante.

Mas agora havia uma faísca, e ela teve uma forte sensação de alívio e satisfação. Então só precisavam *daquilo*! Um churrasco com uma ex-stripper simpática e um eletricista que gostava de música e se parecia com Tony Soprano. Ela sempre gostara de Tony Soprano.

— Por que você está rindo, mamãe? — perguntou Holly.

— Não estou rindo — retrucou Clementine. — Estou sorrindo. Estou feliz, só isso.

Ela notou o olhar desconfiado de Dakota e tentou se recompor.

— Papai também está todo vermelho — disse Holly.

— Rosa. — Ruby tirou o polegar da boca para comentar. — Papai está rosa.

— Rosa — concordou Holly.

— Acho que ele está todo *alvorçado* — disse Clementine.

— Por quê? — indagou Holly.

— Talvez eu precise de um banho gelado — falou Sam, beliscando discretamente a pele do braço de Clementine. — É melhor ir me molhar no chafariz, não acha?

— Papai bobo — disse Ruby.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

DIA DO CHURRASCO

— Você está bem? — indagou Oliver baixinho, com a mão no braço de Erika.

Ela sentiu uma irritação repentina.

— Estou. Por quê? Não pareço bem?

Ela estava estreitando os olhos? Não era culpa sua. A luz turva da tarde transformava tudo em um borrão. A falta de visibilidade também estava afetando seu equilíbrio. Volta e meia percebia que estava inclinada para a frente ou para trás e precisava segurar a lateral da mesa para se firmar.

A música na cabana estava bem alta e fazia sua cabeça latejar. Tiffany colocara “November Rain” para tocar, o que era relevante de alguma forma, afinal tinha a ver com seu passado sórdido, mas Erika não queria saber.

— É só que parece que você está bebendo mais do que de costume — explicou Oliver.

Por um instante, Erika ficou indignada, porque ela era sempre, sempre a pessoa mais sóbria em qualquer festa. Muitas vezes nem se dava o trabalho de beber nada — não gostava muito do sabor das bebidas —, embora o vinho hoje parecesse muito bom, muito suave e delicioso, provavelmente caríssimo.

— Bem, não estou! — exclamou ela.

— Desculpe — falou Oliver.

Sua indignação passou, porque não era culpa de Oliver se seus pais eram alcoólatras.

— Estou bem — disse ela, inclinando o corpo na direção dele com a vaga intenção de abraçá-lo, embora estivessem sentados em cadeiras diferentes.

Queria abraçá-lo pela infância que ele tivera, pela vez em que, aos sete anos, não conseguira acordar os pais embriagados para que o levassem à escola e tinha uma prova de matemática de manhã, por isso ficara sentado na beirada da cama chorando de frustração, e ultimamente seus pais contavam aquilo como se fosse uma história hilária: *A vez em que Oliver chorou porque perdeu uma prova de matemática. Nosso futuro contadorzinho!* E toda vez que eles contavam aquilo Oliver dava risinhos educados, mas seu olhar era o mais triste que já se vira. No entanto, quando ela se inclinou na direção dele, Oliver estendeu os braços

como se quisesse impedir que ela caísse, com uma expressão horrorizada, como se ela estivesse prestes a fazer uma cena, e Erika se recostou novamente na cadeira, fazendo “shh” baixinho. Ela não podia abraçar o marido, mas não havia problema Tiffany mencionar casualmente durante um churrasco de família que já tinha sido dançarina de pole dance, uma stripper, nada menos que isso.

Clementine e Sam estavam muito alegres com aquilo. O rosto de Clementine estava *iluminado*. Sempre fora suscetível a animação. Quando era adolescente, Clementine ficava toda animada quando iam a uma festa juntas. Alguns estilos de música a deixavam doida de felicidade, assim como certos tipos de bebidas, e nunca dava para saber se era a música ou o álcool que a deixava mais embriagada. Mais de uma vez, Erika, que sempre era a motorista da rodada, já tivera que arrancá-la de algum sujeito e às vezes os caras ficavam agressivos, e na manhã seguinte Clementine lhe agradecia e dizia “ainda bem que não transei com ele”, e Erika sentia uma satisfação agradável, feito uma melhor amiga em um filme, mas é claro que elas não eram como melhores amigas em um filme, eram? Quais exatamente haviam sido as palavras que ela ouvira? *Ela sempre parece querer mais um pedaço de mim.*

A vergonha ardeu feito um arranhão, e Erika largou com força demais a taça de vinho vazia na mesa. Tiffany, previsivelmente, pegou a garrafa de vinho para encher a taça. Devia ter trabalhado como garçonzete, além de stripper. Talvez tivesse sido uma daquelas garçonetes que trabalham de seios de fora. Por que não? Maravilhoso. Que interessante. Que divertido!

— Seu telefone está tocando, Vid — falou Tiffany enquanto servia o vinho.

Vid pegou o celular e fez uma expressão azeda ao ver o nome.

— É nosso amigo Harry — disse. — O vizinho. Deve ser a música, sabe. Está ofendido. Ele fica ofendido sempre que tem alguém feliz.

— É melhor atender — falou Tiffany.

— Ele chutou meu cachorro hoje! — exclamou Vid. — Não tenho que atender. Ele é sempre desagradável, mas machucar um animal inocente é demais! Foi a gota d’água para mim, sabe.

— Harry não chutou de verdade o cachorro, chutou? — perguntou Oliver.

— É só uma suspeita nossa — explicou Tiffany. — Não temos prova. — Ela pegou o telefone. — Olá, Harry. Estamos fazendo muito barulho?

— Não estamos fazendo muito barulho mesmo — resmungou Vid. — Está *de dia*.

— Sim — falou Tiffany ao telefone. — Não, tudo bem. Vamos diminuir. Desculpe por ter incomodado.

Ela devolveu o celular para Vid e diminuiu o volume da música.

— Hunf — disse Vid. — Você deveria ter *umentado*.

— Na verdade, estava um pouco alto demais, sim — disse Tiffany. — Ele já é velhinho. Temos que respeitar.

— Mas ele não nos respeita — reclamou Vid. Ele se virou para Clementine. Era evidente que estava atraído por ela. — Então, me diga, você toca violoncelo em casamentos? Porque minha filha mais velha vai se casar na primavera, sabe.

— Toco em um quarteto de cordas chamado Notas de Passagem — respondeu ela. — Pode marcar uma apresentação nossa se quiser. Vai ter comida boa?

— *Vai ter comida boa?* — repetiu Vid com uma ênfase exagerada. — *Claro* que vai ter comida boa. A comida vai ser fantástica!

— Foi assim que Clementine e eu nos conhecemos — disse Sam. — Ela estava tocando no casamento de um amigo meu.

— Ah! Claro! — exclamou Vid, como se tivesse estado presente. — E você pensou: quem é essa linda violoncelista?

Clementine fingiu alisar o cabelo.

— É, foi isso mesmo.

— Qual foi sua cantada? — perguntou Tiffany a Sam.

Aposto que você gostaria de ter escolhido a flauta, pensou Erika, desanimada, enquanto terminava a taça de vinho. Ela e Oliver poderiam simplesmente voltar para casa e deixar os quatro ali. Todos eles estavam tão ocupados flertando e ficando fascinados uns com os outros.

— Esperei até terminarem de tocar e guardarem os instrumentos e, sabe, Clementine não é muito alta, o violoncelo é quase do tamanho dela, então eu disse, achando que estava sendo brilhante: “Aposto que você gostaria de ter escolhido a flauta.”

— Genial! — exclamou Vid dando um tapa na própria perna.

— Na verdade, não — disse Sam. — As pessoas vivem dizendo isso a violoncelistas. Foi o pior clichê que eu poderia ter escolhido.

— Claro que foi! — exclamou Vid. — Eu *nunca* teria dito isso!

— Mas ela sentiu pena de mim mesmo assim — disse Sam.

— Mamãe, estou com frio.

Ruby surgiu ao lado de Clementine, com Batedor debaixo do braço como se fosse um ursinho de pelúcia.

— Quer vestir o casaco novo e especial que a vovó deu para você? — perguntou Clementine.

A mãe de Clementine comprara para as meninas dois sobretudos lindos de tamanho pequeno que vira em promoção na loja David Jones. Erika sabia disso porque estava fazendo compras com Pam quando ela os encontrou. Erika gostava de ir às compras com Pam porque raramente, quase nunca, ela comprava algo. Isso enlouquecia Clementine, mas

Erika adorava observar Pam franzir a testa enquanto virava uma roupa do avesso para conferir a qualidade do forro, depois pegava lentamente os óculos de leitura na bolsa para confirmar o preço na etiqueta, então resmungava e, finalmente, dizia: “Não!”

Porém, Pam não conseguira resistir aos lindos casaquinhos de lã, com botões pretos e capuz, e Erika concordara, por mais que elas provavelmente não fossem usá-los com muita frequência no clima de Sydney.

Enquanto Clementine tirava as asinhas de fada das costas de Ruby e a ajudava a vestir o casaco cor-de-rosa (o de Holly era verde), Erika não comentou que estivera presente no momento da compra dos casacos. Ao longo dos anos ela aprendera que, por mais que Clementine não quisesse fazer compras com a própria mãe, não ficava muito feliz em saber que Erika a acompanhava. Por isso, ela nunca dizia nada. Surgia só um lampejo. Um típico lampejo de Clementine dizendo: *Pare de roubar minha mãe. Você tem a sua.*

Erika ficou feliz ao ver que o casaco cor-de-rosa coube perfeitamente em Ruby. Ela dissera para Pam levar um tamanho maior.

— Você está parecendo a Chapeuzinho Cor-de-Rosa — disse Oliver enquanto Ruby rodopiava com o casaco.

A menina deu um risinho. Ela entendera a piada, aquela espertinha. Subiu no colo da mãe, enfiou o polegar na boca e se aconchegou toda feliz, como se Clementine fosse seu sofá predileto.

— Então, vocês usam Batedor como... um batedor, às vezes? — perguntou Tiffany a Clementine.

— Não, quando Batedor se tornou Batedor, não teve mais permissão de fazer nenhuma tarefa doméstica — disse Clementine. — Seus dias de batedor acabaram.

Ruby tirou o polegar da boca.

— Shh. Batedor está com sono.

Ela fez carinho em Batedor como se fosse um bebê e todos riram, como sabia que fariam. Ruby enfiou o polegar na boca outra vez com um sorrisinho satisfeito.

— Acho que Ruby e Batedor devem estar cansados — observou Clementine. — É melhor a gente ir embora daqui a pouco.

— Mas antes vocês têm que provar a sobremesa — falou Vid com firmeza. — Fiz *cremeschnitte*. Outra velha receita de família que peguei na internet.

— É um bolo de creme de ovos e baunilha — explicou Tiffany. — Maravilhoso.

— Bom — disse Clementine. — Então é melhor não perdermos isso.

— Também temos as ótimas amêndoas com chocolate que você trouxe, Erika — lembrou Tiffany. — Eu adoro. Meu avô servia isso no Natal. Traz muitas lembranças.

Erika deu um sorrisinho para ela. Ahã, claro que traz lembranças. Nozes com chocolate iam mesmo se destacar ao lado de um maldito *cremeschnitte* divino.

— Ei, olhem! — exclamou Oliver, subitamente animado. — Crianças! — Ele apontou para uma árvore no fundo do jardim. — É um gambá que estou vendo ali?

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Aquela chuva maldita ficara mais forte de novo. Estava começando a deixar Tiffany deprimida. Vid e Tiffany, que haviam cancelado compromissos com o intuito de passar o restante do dia em casa, estavam tomando café na cozinha enquanto Dakota assistia à TV no cômodo ao lado, encolhida com Barney no sofá. Estavam mantendo a menina longe da escola, é claro. “Dê uma chance às outras crianças”, dissera Vid.

Tiffany ainda estava se recuperando da confissão chorosa que Dakota fizera no banco de trás do carro, quando pararam no acostamento.

Era minúsculo. Era imenso. Até um cego poderia ter visto aquilo, porém era bem provável que Tiffany jamais reparasse. Se Vid não tivesse comentado que Clementine poderia lhe dar aulas de violoncelo, era possível que Dakota nunca tivesse desabado, e talvez eles nunca descobrissem a verdade.

Tiffany e Vid estavam preparados para passarem o dia sentados de cada lado de Dakota, deixando-a falar, ou apenas marcando presença, mas a menina acabara dizendo:

“Hum... gente, não me levem a mal, mas posso ter um pouco de espaço?”

E fizera um gesto circular com as mãos para indicar o espaço de que precisava ao seu redor. Já estava agindo mais como si mesma, como se a bolha de vidro em que entrara já estivesse mais frágil e começando a rachar.

Já estava na hora de pensar no jantar, mas Tiffany sentiu um desejo súbito de comer chocolate acompanhado de café e lembrou-se do pote de amêndoas com chocolate no fundo da despensa.

Vid grunhiu ao tentar abrir a tampa.

— Que diabo...?

Seu rosto estava vermelho. Nunca fora derrotado por uma tampa. Ergueu o pote e deu uma olhada no rótulo.

— Onde foi que compramos isso?

— Erika trouxe no dia do churrasco — disse Tiffany.

A expressão de Vid se fechou no mesmo instante e Tiffany percebeu com uma clareza assustadora que ele ainda estava muito abalado com o que acontecera, mesmo depois de todas aquelas semanas, mesmo após dizer que já não pensava mais no assunto. Ela fora muito boba de acreditar nas palavras dele. Vid era cheio da conversa fiada. Quanto mais

nervoso ficava, mais fazia piadas.

— Acho que essa tampa está colada — falou ele, tentando girar pela última vez. — Acho mesmo.

— Droga — disse Tiffany. — Eu estava com muita vontade de comer essas amêndoas.

Ela pegou o pote das mãos dele e começou a bater nas bordas da tampa com uma faca, como sua mãe sempre fazia.

— Isso não vai funcionar — zombou Vid. — Devolva para mim. Vou tentar de novo.

— Clementine já retornou sua ligação? — indagou Tiffany.

— Não.

— Você deixa recado? Ou só desliga?

— Desligo — admitiu Vid. — Por que ela não atende? Achei que gostava de mim.

Eles queriam que Clementine conversasse com Dakota e esclarecesse as coisas.

— Ela gostava de você — disse Tiffany. — Gostava muito de você. Isso é parte do problema.

Vid pegou o pote das mãos de Tiffany e tentou girar novamente a tampa, resmungando e xingando.

— Puta merda. Abra, seu pote de merda. A gente devia... simplesmente... se encontrar de novo. Acho que todos nós nos sentiríamos melhor com isso. Esse... *silêncio* está deixando tudo... maior, pior... Ah, que se dane esse negócio!

Ele puxou a tampa com tanta violência que o pote escorregou de suas mãos, caiu no chão e se quebrou, espalhando amêndoas com chocolate e cacos de vidro por todo o piso de azulejo.

— Pronto — disse Vid, irritado. — Está aberto.

CAPÍTULO QUARENTA

DIA DO CHURRASCO

— Está vendo? Olhe bem!

Oliver estava de pé debaixo de uma árvore bem na porta da cabana, segurando Holly no alto, com as mãos em torno das panturrilhas da menina como se ela fosse uma pequena artista de circo.

Houve um farfalhar de folhas e um vislumbre de olhos redondos, brilhantes e surpresos quando o gambá apareceu de repente.

— Estou *vendo*! — gritou Holly.

— É um marsupial australiano — disse Oliver. — Está vendo o rabo com a ponta branca? Uma curiosidade: ele tem dois polegares em cada pata dianteira para ajudá-lo a escalar. Dois polegares! Imagine só!

Minha nossa, Oliver seria um pai maravilhoso, pensou Clementine, dando um beijo no topo da cabeça de Ruby. Talvez ela devesse mesmo fazer aquilo. Doar os óvulos. Ela doava sangue, por que não os óvulos? Depois poderia simplesmente *esquecer* que o filho era biologicamente seu. Era uma questão de estado de espírito.

Seja generosa, Clementine, seja gentil. Nem todo mundo tem a mesma sorte que você. Clementine pensou na primeira vez que sua mãe convidara Erika para se juntar a elas nas férias que passavam na praia. Elas tinham treze anos e Clementine aguardara desesperadamente por aquelas férias porque seriam duas semanas sem aquela vergonha irritante que sentia todos os dias na escola, quando Erika aparecia ao seu lado na hora do almoço, se aproximava e dizia com a voz baixa e cheia de intimidade: “Vamos almoçar ali. Tem mais privacidade.” Clementine era só uma criança. As negociações necessárias, conduzidas de acordo com os parâmetros do importante código de bondade de sua mãe, pareciam incrivelmente complexas. Às vezes ela prometia a Erika que passaria metade do horário de almoço com ela. Outras vezes, convencia a menina a se juntar a outras crianças, mas Erika ficava mais feliz quando eram só as duas. Clementine queria cultivar outras amizades: amizades normais, fáceis. Parecia que Clementine precisava fazer uma escolha diária: minha felicidade ou a dela?

Ela queria passar férias só com os irmãos mais velhos para ser incluída em suas

aventuras, mas, em vez disso, nas férias os meninos haviam ido para um lado e as meninas para outro, e a cada dia Clementine precisara reprimir sua raiva à força e disfarçar seu egoísmo porque a coitada da Erika nunca tivera férias em família como aquelas, e era preciso dividir o que eles tinham.

Ela olhou para Erika, que afundara na cadeira e fazia uma careta ao olhar para a taça de vinho. Não havia dúvida. Erika estava bêbada.

Será que estava bebendo mais do que de costume por causa das coisas horríveis que escutara? Clementine esticou o braço por cima do corpinho curvado de Ruby para pegar sua taça de novo.

Vid e Tiffany estavam empilhando os pratos para levá-los para dentro da casa.

— Pode deixar que eu faço isso — disse Sam a Tiffany. Ele ficou de pé e estendeu as mãos para pegar os pratos. — Pode relaxar um pouco.

— Está bem — disse Tiffany, entregando os pratos e afundando novamente na cadeira. — Não precisa pedir duas vezes.

— Você está de olho nas meninas? — gritou Sam para Clementine enquanto seguia Vid para fora do jardim.

— Sim, estou de olho nelas — respondeu Clementine, apontando para Ruby em seu colo e Holly ainda com Oliver, observando o gambá.

— Acho que Dakota entrou para ler um livro — disse Tiffany, olhando ao redor. — Desculpe. Às vezes ela faz isso: desaparece, e aí a encontramos deitada na cama lendo um livro.

— Sem problemas — afirmou Clementine. — Foi ótimo que ela tenha passado tanto tempo brincando com as meninas.

— Dakota anda obcecada por leitura — falou Tiffany, e Clementine notou pela maneira como ela inclinava para baixo os cantos da boca que estava tentando disfarçar seu orgulho. — Na idade dela, eu era obcecada por maquiagem, roupas e meninos.

É, e aposto que os meninos também eram obcecados por você, pensou Clementine.

— Você não era obcecada por música?

Tiffany puxou uma mecha de cabelo que grudara no lábio. Tudo o que ela fazia era sexy. Como seria quando envelhecesse? Era impossível imaginar Tiffany idosa. Por outro lado, bastava Clementine flagrar Erika franzindo ferozmente a testa e olhando para o nada que ela imaginava a velhinha que a amiga se tornaria, as rugas entre os olhos que ficariam mais profundas, a leve curvatura de suas costas que viraria uma corcunda.

Imaginar Erika como uma velhinha mal-humorada, cheia de reclamações e refutações, fez com que Clementine sentisse carinho por ela. De alguma forma sabia que haveria uma trégua tácita na batalha silenciosa que as duas travavam sobre sabe-se lá o que quando fossem velhas. As duas poderiam se entregar à rabugice inata. Seria um grande alívio.

— Acho que era importante para mim — disse Clementine.

Música não era tanto sua obsessão, mas seu escape. Ela não precisava dividir aquele mundo com Erika, a não ser quando ia assistir a uma apresentação, mas então havia bastante espaço entre elas... tanto literal quanto figurado.

— Seus pais gostavam de música? — perguntou Tiffany.

— Nem um pouco — respondeu Clementine. Ela deu um risinho. — Estou cercada de pessoas nada musicais. Minha mãe e meu pai. Sam. Minhas filhas!

— É complicado? — indagou Tiffany.

— Complicado? — repetiu Clementine.

Que escolha estranha de palavra. Era complicado estar cercada de pessoas nada musicais?

Ninguém poderia acusar os pais de Clementine de não terem lhe dado apoio. Deram-lhe dinheiro para ajudar na compra de seu lindo violoncelo vienense (ela pagara de volta pouco mais da metade, e depois do nascimento de Ruby seu pai lhe dissera para não se preocupar com o restante, pois ele “descontaria da herança”): um instrumento que causava tantas emoções conflitantes em Clementine que às vezes parecia até um casamento. Seu pai se orgulhava dela de uma maneira distante e assustadora. Ela ficara muito emocionada no dia em que o flagrara assistindo a um jogo de tênis com um exemplar de *Música Clássica para Leigos* virado para baixo ao seu lado no sofá. Mas Clementine sabia que, para ele, nada do que ela tocasse jamais chegaria perto de uma música de Johnny Cash.

A mãe de Clementine também a apoiava, é claro — afinal, fora ela quem levava a filha para as aulas, os testes e as apresentações sem nunca reclamar —, mas, ao longo dos anos, Clementine começara a perceber que a mãe tinha sentimentos complexos sobre a música que a filha tocava. Não era reprovação — por que seria? —, mas muitas vezes parecia reprovação. Volta e meia ela se perguntava se Pam considerava que sua carreira era desleixada ou autoindulgente, mais como um hobby, principalmente se comparada ao trabalho estável e sensato de Erika. Quando Pam conversava com Erika sobre o trabalho dela, balançava respeitosamente a cabeça, mas parecia achar o trabalho de Clementine divertido, um pouco estranho. “É imaginação sua”, dizia Sam. Ele achava que aquilo denunciava o ressentimento que Clementine tinha da mãe por ter tornado Erika parte da família e forçado uma amizade entre as duas.

“Provavelmente você se sentia substituída por Erika”, dissera ele certa vez.

“Não”, respondera Clementine. “Eu só queria que ela fosse para casa.”

“Pois é”, falara Sam, como se tivesse comprovado seu argumento.

E quanto a Sam? Era “complicado” o fato de ele não ser músico? Às vezes, depois de uma apresentação, ele perguntava a ela como fora, e ela respondia “Bem”, e ele dizia “Que bom”, e acabava por aí. Por isso, ela ficava um pouco melancólica, porque se ele também

fosse músico, Clementine teria muito mais para compartilhar. Conhecia diversos casais que trabalhavam juntos em orquestras e viviam conversando sobre trabalho. Ainsley e Hu, por exemplo, haviam combinado que só podiam conversar sobre trabalho até atravessarem a Ponte Anzac, caso contrário ficava “intenso demais”. Clementine não conseguia imaginar aquilo. Ela e Sam conversavam sobre outras coisas. As crianças. *Game of Thrones*. Suas famílias. Não precisavam falar sobre música. Não tinha importância.

Então Erika se empertigou, como se tivesse acordado.

— Eu estava presente quando Clementine ouviu um violoncelo pela primeira vez — disse Erika a Tiffany. Havia um desleixo inconfundível em sua fala. — A mãe de um dos meninos da nossa turma tocava violoncelo, e um dia ela tocou para nós. Achei bem legal, mas quando olhei para Clementine, ela parecia ter alcançado o nirvana.

Clementine se lembrou da primeira vez em que ouvira o som voluptuoso. Não sabia que um som como aquele era possível, e que uma mãe de aparência comum teria a habilidade de produzi-lo! Fora Erika quem dissera a Clementine que ela devia perguntar aos pais se podia ter aulas de violoncelo, e com frequência Clementine se perguntava se ela própria acabaria tendo aquela ideia. Achava que talvez não; teria tentado encontrar uma maneira de *ouvir* de novo um violoncelo, mas ninguém em sua família grande tocava instrumento de corda.

Erika não devia lembrar que fora ela quem sugerira, caso contrário encontraria um jeito de mencionar isso sempre que surgisse a oportunidade, se apossando da carreira de Clementine.

— Então vocês duas se conhecem desde crianças — disse Tiffany. — Deve ser ótimo ter uma amizade de tantos anos.

— A mãe de Clementine meio que me adotou — explicou Erika. — Porque eu não tinha um “ambiente doméstico” muito bom. Não foi bem uma escolha de *Clementine*, não é?

CAPÍTULO QUARENTA E UM

— Obrigada por me encaixar hoje.

Erika estava na poltrona reclinável de couro azul, de frente para sua psicóloga, que estava sentada em uma espreguiçadeira da mesma cor, virada para ela, como se Erika fosse a convidada de um talk show. No grande divã redondo entre as duas, que servia de mesa de centro, havia uma caixinha de lenços. (Um leve aborrecimento. Por que não comprar uma mesa de centro?)

— Sem problemas. Muita gente cancelou por causa da chuva. Estão aconselhando as pessoas a não pegarem as estradas, se possível.

Aparentemente, o nome da psicóloga de Erika era *Merilyn*. Fora assim que ela se apresentara e esse era o nome que aparecia em seus papéis timbrados, mas, na opinião de Erika, era um erro de julgamento. Merilyn era um nome completamente errado para ela. Não se parecia em nada com Merilyn. Parecia-se com Pat.

Merilyn era surpreendentemente parecida com uma secretária que trabalhara por muitos anos para Erika, e de forma correta e apropriada se chamava Pat. Tinha aquele tipo específico de rosto (redondo e rosado) e, portanto, o nome Pat se tornara indissociável no subconsciente de Erika. Assim, toda vez que ela olhava para sua psicóloga, precisava lembrar a si mesma: *Não é Pat*.

— Essa chuva está mesmo extraordinária, não é? — perguntou Não é Pat, olhando pela janela.

Não existia a menor possibilidade de Erika gastar um minuto sequer do tempo que pagava conversando sobre o clima, então ela ignorou o comentário bobo e foi direto ao assunto.

— Sempre que sou convidada para ir à casa de alguém, levo um pote de nozes com chocolate — disse ela. — Amêndoas com chocolate, na verdade.

— Que delícia — falou Não é Pat com alegria.

— Eu mesma não gosto muito — disse Erika.

Não é Pat inclinou a cabeça.

— Por que leva isso, então?

— A mãe de Clementine sempre levava amêndoas com chocolate quando visitava alguém — explicou Erika. — Acho que ela comprava uma grande quantidade. Era uma

pessoa bem econômica.

— E ela era um exemplo para você — observou Não é Pat.

— Eles sempre me chamavam para ir junto — disse Erika. — Para churrascos e... outras coisas. Eu sempre aceitava. Ficava muito feliz em sair de casa.

— É compreensível — afirmou Não é Pat.

Ela olhava com curiosidade para a paciente.

— Estou fazendo o que minha mãe faz quando conta uma história — disse Erika. — Ela fica divagando. Não consegue se prender ao assunto. Li que isso é uma característica comum dos acumuladores. Eles não conseguem manter uma conversa em ordem, assim como não conseguem manter a própria casa em ordem.

— Divagar é bom — comentou Não é Pat. — Na verdade, acho que você está dando voltas. Mas vai chegar a algum lugar.

— Bem, você sabe que amêndoas com chocolate não são mais um presente adequado para uma anfitriã — disse Erika. — Por causa das alergias. Hoje em dia todo mundo tem alergia. Certa vez, Clementine olhou para o meu pote de amêndoas e disse: “Dá para perceber que você não tem filhos, Erika.”

— Você ficou ofendida?

— Não especialmente — respondeu Erika, pensativa. — É de se esperar que eu tivesse me ofendido, porque naquele mesmo dia descobrimos que mais uma fertilização in vitro não tinha dado certo. Clementine não sabia disso, é claro. Se soubesse, teria ficado mal por ter dito aquilo.

Não é Pat inclinou ainda mais a cabeça, feito um esquilincho fofo da Disney tentando ouvir algo na floresta.

— Você fez fertilização in vitro? Ou está fazendo?

— Sei que é estranho não ter mencionado isso até agora — disse Erika, na defensiva.

— Não é estranho — afirmou Não é Pat. — Mas com certeza é interessante.

— Há cerca de oito semanas — continuou Erika —, fomos a um churrasco na casa dos nossos vizinhos.

— Certo — disse Não é Pat.

Observe como dou voltas, Não é Pat.

— Ontem — prosseguiu Erika — meu marido encontrou o cadáver do vizinho.

Ela se perguntou se estava fazendo aquilo de propósito. Era o que sua mãe fazia. Surpreendia as pessoas pelo prazer de vê-las constrangidas. Era divertido.

Não é Pat certamente ficou constrangida. Com certeza se arrependeu no mesmo instante de ter aceitado aquela consulta de última hora.

— Hum. O vizinho que ofereceu o churrasco?

— Não — esclareceu Erika. — O homem morava do lado da casa deles. Era um

velhinho. Não era um homem muito agradável. Não tinha amigos nem família. Todo mundo está se sentindo péssimo porque o corpo dele ficou lá por semanas. Mas eu não estou me sentindo péssima.

— Por que motivo, você acha?

— Não *quero* me sentir péssima — explicou Erika com impaciência. — Não tenho *tempo* para me sentir péssima. Não tem... espaço na minha cabeça. Olhe, nem sei por que mencionei isso. É irrelevante. Enfim, a gente tinha desistido da fertilização in vitro porque meus óvulos são estragados, então, antes do churrasco, perguntamos se Clementine estava disposta a doar óvulos para mim. Para nós.

Não é Pat balançou a cabeça de forma encorajadora.

— Como ela reagiu?

— Aconteceu uma coisa no churrasco — disse Erika.

— O quê?

A coitada da Não é Pat parecia estar começando a suar.

— A questão é que antes eu tomei um daqueles comprimidos que você receitou — disse Erika. — Um inteiro. Sei que você falou que eu deveria começar com metade, ou até um quarto, mas tomei um inteiro porque não consegui quebrar, e então, no churrasco, acho que bebi mais do que de costume.

Ela se lembrou de Clementine correndo de um lado para outro enquanto tentava conter o champanhe que escorria.

— Caramba! — exclamou Não é Pat, fazendo uma careta tão exagerada que ficou quase cômica.

— Como você deve saber, tem um grande aviso no rótulo na frente do frasco — continuou Erika. — Diz que os comprimidos podem acentuar o efeito do álcool, mas eu pensei apenas: Bem, *eu* nunca bebo muito, então vou ficar bem, mas tomei uma taça de champanhe e talvez tenha bebido rápido demais. Estava bastante estressada. Enfim. Acho que fiquei bêbada de verdade, o que nunca tinha acontecido, e há algumas lacunas na lembrança que tenho daquela noite. Alguns brancos. Tipo um blecaute.

— Provavelmente é um blecaute parcial — afirmou Não é Pat. — O álcool afeta a capacidade de transferir lembranças da memória de curto prazo para a de longo prazo.

— Então você acha que eu esqueci para sempre?

Não é Pat deu de ombros. Erika a encarou. Ela não a pagava para receber um *dar de ombros*.

— Talvez alguma coisa faça a lembrança voltar — disse Não é Pat. — Um sabor. Um cheiro. Um comentário de alguém pode fazer você lembrar. Ou, às vezes, voltar ao mesmo lugar talvez ajude. Você pode “voltar à cena do crime”, por assim dizer!

Ela deu uma risadinha com as palavras “cena do crime”, mas Erika não retribuiu o

sorriso. O riso de Não é Pat se esvaiu.

— Certo — disse Erika.

Pensaria naquilo mais tarde.

— Então, enfim, levei amêndoas com chocolate para o churrasco. Como sempre faço.

Não é Pat aguardou.

— Acho que eu estava pensando em todas as vezes que a mãe de Clementine me chamou para ir com eles a eventos de família — disse Erika. — O pai dela ia dirigindo, a mãe levava o pote de amêndoas no colo, e eu ia sentada atrás com Clementine. Àquela altura os irmãos mais velhos dela tinham outros programas, então normalmente éramos só nós duas. Eu ficava olhando pela janela, me sentindo muito contente, muito alegre, fingindo que eu e Clementine éramos irmãs e que os pais dela eram meus pais.

Ela ergueu os olhos para Não é Pat, surpresa ao perceber que estivera dando voltas em torno *daquilo*, daquele fato pouco chocante, como diria Oliver.

— Clementine não ficava muito feliz em fingir que era minha irmã. Ela não queria que eu estivesse lá.

— Ah — disse Não é Pat.

— Eu sempre soube disso, é claro. No fundo, eu sabia. Mas ultimamente venho tentando me colocar no lugar *dela*, ser a pessoa que fica olhando pela outra janela, a filha *verdadeira*, com uma impostora sempre por perto. — Erika observou distraidamente a superfície macia e forrada do divã de Não é Pat. — Fico me perguntando como era essa sensação.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

DIA DO CHURRASCO

Erika exibia a expressão perigosa e truculenta de uma bêbada prestes a revelar segredos.

Clementine sentiu uma pontada no estômago.

— Ainda somos amigas, não somos? — perguntou ela com bastante delicadeza.

Erika emitiu um ruído semelhante a uma gargalhada.

Meu Deus, as complexidades dolorosas de sua amizade com Erika pareciam uma revelação mais íntima e socialmente inaceitável do que a revelação de que Tiffany fora stripper.

Tiffany pigarreou e Clementine a viu fazendo um ajuste mínimo na garrafa de vinho, afastando-a de Erika.

— Com licença — disse Erika.

Ela ficou de pé. Não chegou a cambalear, mas dava passos cuidadosos feito uma passageira inexperiente em um barco, alguém que sabia que o chão poderia se mover a qualquer instante.

— Vou no banheiro lá dentro. — Ela piscou depressa. — Já volto.

— Ah, tem um aqui — falou Tiffany, apontando para uma porta nos fundos da cabana.

É claro que havia um banheiro ali. A família inteira de Clementine ficaria feliz em se mudar para aquela cabana.

Mas Erika já estava entrando na casa.

— Acho que ela está um pouco bêbada — falou Clementine em tom de desculpas, porque obviamente o estranho comportamento de Erika era responsabilidade sua.

Ela pensou na juventude das duas, na época em que Erika assumia o controle ao chamar táxis e fazer café quando Clementine bebia demais. Portanto, era estranho pedir desculpas em nome de Erika.

— Provavelmente a culpa é minha por ter enchido a taça dela várias vezes — disse Tiffany. — Vou perder minha autorização para venda de bebidas alcoólicas.

— Ah, você tem uma? — indagou Clementine.

Talvez fosse um requisito para ser stripper.

Tiffany deu um sorrisinho.

— Não — respondeu ela. — Eu estava só brincando.

O braço de Clementine doía, por isso ela ajeitou Ruby, tentando deixá-la em uma posição mais confortável. A julgar pelo barulho que a menina fazia chupando o polegar, estava quase dormindo, mas o movimento do braço da mãe a acordou, e ela levantou subitamente a cabeça.

— Holly — falou de forma indistinta, em torno do polegar.

— Ali.

Clementine apontou para o local onde Oliver e Holly ainda caçavam o gambá.

Ruby deslizou do colo de Clementine.

— Tchau — disse a menina, acenando com o Batedor, e foi cambaleando até eles.

— Esse casquinho cor-de-rosa ficou uma graça nela — falou Tiffany enquanto as duas observavam Oliver se abaixar para pegar Ruby no colo.

— Provavelmente ela vai reclamar de calor daqui a pouco — afirmou Clementine. — O casaco pesa uma tonelada.

Clementine voltou a olhar para Tiffany, que coçava a lateral do pescoço, mas de alguma forma ela transformava até mesmo um gesto como esse em algo erótico. Como seria ter um corpo como aquele? Será que isso automaticamente deixava a pessoa mais ousada na cama, afinal bastava se olhar no espelho para ficar excitada? Portanto a pessoa era destinada a ser uma stripper? Ou será que havia bibliotecárias com aquele corpo? Claro que havia bibliotecárias *exatamente* assim em filmes pornôs.

Clementine estava muito intrigada, muito encantada com aquela mulher. Tomou mais um gole de vinho e se debruçou na mesa.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro — respondeu Tiffany.

— Óbvio que vários homens que viam você... dançando... eram casados, certo?

— Eles não preenchiam um formulário na entrada — falou Tiffany. — Mas provavelmente sim.

— Você acha que eles estavam traindo as esposas de meia-idade que ficavam em casa com as crianças ao... hum... babarem por uma linda moça de dezenove anos? Na prática não é infidelidade?

— As esposas de meia-idade deles provavelmente estavam em casa lendo *Cinquenta tons de cinza* — retrucou Tiffany. — Ou babando pelo ator principal de algum filme de romance água com açúcar.

— Mas isso é ficção — afirmou Clementine.

— Eu era ficção — disse Tiffany.

— Sei... — falou Clementine, duvidando.

Não era, não.

— Mas você... ah!

Centenas de luzinhas subitamente se acenderam, transformando o jardim em um lugar cintilante e mágico. Parecia o cenário de uma peça de teatro.

— É o que dá ser casada com um eletricista maluco. As luzes estão programadas para se acender às cinco e meia nessa época do ano — explicou Tiffany. — É provável que a gente pudesse programar até para mais cedo. Nossa, olhe só suas filhas.

Holly e Ruby tinham enlouquecido. Alucinadas, corriam em círculos pelo jardim, rindo e apontando, os rostinhos iluminados e impressionados, as mãos estendidas, se fechando e se abrindo como se quisessem pegar as luzes feito bolas de sabão. Barney corria com elas, abanando o rabo e latindo de alegria. Oliver apenas observava, com as mãos nos bolsos, sorrindo exageradamente para as meninas.

Vid e Sam voltaram para a cabana com bandejas de comida. Tiffany e Clementine se levantaram para ajudá-los.

— E deu-se à luz — disse Sam. — A gente deveria pedir para Vid dar um jeito no nosso jardim triste e velho. Parece até que as meninas nunca viram eletricidade.

Oliver se aproximou da mesa.

— Então essa é a sobremesa que você mencionou mais cedo, Vid? — indagou ele do seu jeito sério e pouco espontâneo. — Qual era mesmo o nome?

— *Cremeschnitte* — disse Vid. — Espere só. Espere só para ver.

— Trouxe pratos? — perguntou Tiffany.

— Erika está trazendo os pratos azuis bonitos — respondeu Vid. — Ela já está vindo. E se as meninas não gostarem da minha sobremesa, tem sorvete no congelador, mas claro que vão gostar.

— Tiffany, você disse que tinha um banheiro aqui? — perguntou Oliver, apontando para os fundos da cabana.

— Isso mesmo — falou ela.

Oliver se afastou. Restaram só eles quatro de pé ao redor da extremidade da mesa.

— Também escolhi uma música para acompanhar a sobremesa — anunciou Vid, pegando o celular outra vez. — Chega desse batuque que minha esposa gosta. Clementine, você já ouviu falar de Yo-Yo Ma? — perguntou ele, articulando o nome com clareza. — É muito bom, na minha opinião.

Clementine sorriu para Vid. Ele era muito fofo.

— Sim, Vid. Já ouvi falar de Yo-Yo Ma. Ele é muito bom.

— Certo, então é isso que vou colocar para tocar, está bem? E devo dizer que esse é o som do sabor do meu *cremeschnitte*.

O som indescritível de Yo-Yo Ma tocando a abertura de “Cello Concerto” de Elgar encheu a cabana. Clementine estremeceu. Era esplêndido.

— Posso abrir o pote de amêndoas com chocolate que Erika trouxe? — questionou Sam.

— Ah, sim, por favor — disse Tiffany. — É justamente o que eu quero comer.

— Você gosta de colocar bolinhas na boca, é? — perguntou Sam.

— Adoro as bolinhas bem doces — falou Tiffany.

— É mesmo? — disse Sam, com a mão na tampa.

— Ah, parem com isso, vocês são muito descarados — repreendeu Clementine, feliz ao perceber que eles estavam prestes a criar uma amizade divertida e cheia de flerte.

Uma amizade que envolveria comida, vinho e música boa, e haveria um frisson sexual em tudo o que fizessem. Só Deus sabe como sua vida estava precisando de um pouco de frisson sexual.

(Quando *fora* a última vez que ela e Sam haviam transado? Uma semana antes? Não, duas semanas antes. Será que tinham cruzado a linha de chegada? Não, não tinham. Holly pedira “um copo d’água, por favooooor!”. O *timing* dela era absurda e hilariantemente preciso.)

Em vez dos encontros sofridos só com Erika e Oliver, eles se tornariam um grupo descontraído de seis pessoas. Seria muito mais fácil gostar de Erika e Oliver tendo Vid e Tiffany por perto para distrair. Vid e Tiffany eram mais ousados e abertos (e mais ricos) do que todos os seus outros amigos legais, normais, de classe média. Traziam novas possibilidades. Quais possibilidades exatamente? Ela não sabia. Não importava. Era como aquela ansiedade vaga que sentimos na adolescência.

— Mas não vejo como esse *cremeschnitte* pode ser melhor do que seu strudel — disse Clementine para Vid enquanto a música aumentava e florescia ao seu redor.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Ah, Clementine, você sabe que eu não gosto de tocar meu próprio trompete, como dizem por aí. Rá-rá! Gosto, sim! Adoro tocar meu próprio trompete. Rá-rá! Eu seria um bom trompetista, porque meus pulmões têm uma capacidade extraordinária.

Ele bateu no peito feito King Kong.

— Você tem a personalidade ideal para ser trompetista — respondeu ela.

— Porque ele é convencido? — perguntou Tiffany.

— Quantos trompetistas são necessários para trocar uma lâmpada? — indagou Clementine.

— Quantos?

— Cinco. Um para trocar e quatro para ficarem em volta dizendo “eu faria melhor”.

— Quantos eletricitas são necessários para trocar uma lâmpada? — perguntou Vid.

— Quantos?

— Um — respondeu ele.

— Um?

— É, um — insistiu.

Vid deu de ombros.

— Eu sou *eletricista*.

Clementine riu.

— Não tem graça.

— Mas você está rindo, sabe. Enfim, olhe só, Clementine, julgue você mesma — falou Vid.

Ele pegou uma colherada da sobremesa cremosa e a aproximou da boca de Clementine.

— Experimente.

Ela comeu. Era bom *mesmo*. O sujeito cozinhava maravilhosamente bem. Clementine fingiu desmaiar, colocando a mão na testa. Ela caiu no braço de Vid, que a segurou. Ele tinha um cheiro delicioso de cigarro e álcool. O mesmo cheiro de um bar chique.

— Minha nossa, como essa tampa está dura — disse Sam com os dentes cerrados e o pote de amêndoas debaixo do braço como se fosse uma bola de futebol americano.

— Vamos lá, Músculos — falou Tiffany.

— Ouçam! — exclamou Vid com a cabeça inclinada para o lado no instante em que o segundo movimento da música começou.

— Mas não dá para *dançar* com essa música, não é? — disse Tiffany.

Clementine tentou imaginar Tiffany dançando em alguma boate escura e enfumaçada com globos de espelhos pendurados no teto. De onde tirara aquela ideia? Ela nunca fora a uma boate de striptease. Todo seu conhecimento vinha de programas de TV. Ela olhou ao redor. Erika e Oliver não estavam ali para lançar olhares de reprovação. Aquela era sua chance de descobrir mais. Ela sabia que estava um pouco bêbada, mas aquilo era fascinante, engraçado, e ela queria algumas dicas simples e divertidas para dividir com os amigos intelectuais. Baixou o tom de voz e inclinou-se na direção de Tiffany.

— Você fazia... hum, como é mesmo o nome? — Mas ela sabia perfeitamente qual era o nome. — *Lap dance*?

Tiffany a olhou com curiosidade.

— Claro — respondeu. — Por quê? Quer que eu faça?

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

— Não conseguimos encontrar as coisas porque temos coisas demais — afirmou Sam. — Precisamos jogar algumas fora regularmente. Precisamos nos livrar das tralhas.

Ele foi até a cômoda de Holly, puxou uma gaveta inteira, virou o conteúdo na cama e pegou uma camiseta aleatória.

— Está vendo? Ela nunca usa essa. Diz que dá coceira.

— Isso não está me ajudando a encontrar a blusa de morango — falou Clementine, observando a pilha de roupas.

Aquilo a fez pensar na mãe de Erika. Quase dava para entender como alguém podia perder o controle de seus pertences até a situação ficar tão avassaladora a ponto de nem saber por onde começar.

— Está só fazendo bagunça.

Sam tentou puxar outra gaveta, mas estava emperrada. Ele puxou com mais força e falou um palavrão. A cômoda balançou. Era um pouco perturbador vê-lo ali de calça social, sem camisa, puxando com violência aquela gavetinha branca, o maxilar cerrado, os músculos contraídos. Pelo amor de Deus!

— Deixe isso para lá! — disse Clementine. — Você vai quebrar a cômoda!

Ele a ignorou e puxou de novo. Dessa vez a gaveta finalmente saiu, então Sam jogou mais uma pilha de roupas na cama.

— Sabe o que eu estava fazendo — disse ele de repente, com a gaveta vazia nas mãos — logo antes do que aconteceu?

Ai, meu Deus.

— Você estava tentando abrir o pote de amêndoas — falou Clementine com um tom de voz monótono.

Ela sabia. Ele já lhe contara. Clementine não sabia por que ele vivia mencionando o pote de amêndoas. Não tinha nada a ver com nada.

— Eu estava tão *desesperado* para abrir a porra daquele pote — disse Sam. — Já tinha gotas de suor na minha testa, porque eu sabia que Vid ia pegar o pote das minhas mãos e abrir na primeira tentativa com aquela mão grandona, e você não tirava os olhos dele.

— *O quê?* — retrucou Clementine. Isso era novidade. — Não finja que estava fazendo aquilo por *mim*. Era por ela. Para impressionar Tiffany!

— Era. E o que você estava fazendo? Me diga! O que *você* estava fazendo?

Ele jogou a gaveta vazia na cama de Holly, se aproximou de Clementine e parou diante dela. Ela sentiu respingos de saliva em seu rosto.

Bata em mim, pensou. Ergueu o rosto. Parecia a coisa certa a ser feita. Começaria algo. Terminaria algo. Por favor, por favor, bata em mim. Mas subitamente ele deu um passo para trás, com as mãos erguidas, feito um sujeito em uma briga de bar que deixa claro que não vai se envolver.

— *Todo* mundo estava participando! — gritou Clementine. — Nós quatro!

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

DIA DO CHURRASCO

— Por quê? Quer que eu faça?

Tiffany não conseguiu resistir. Aquelas pessoas eram tão meigas, se impressionavam tão facilmente!

— Uma *lap dance*?

Os olhos de Clementine brilharam. Tiffany sabia que ela estava muito bêbada e, sim, levava uma vida pacata o suficiente para ser o alvo perfeito.

— Não!

— Sim. Uma *lap dance*.

Caramba, Tiffany tinha se esquecido de como gostava daquilo. Fazia tanto tempo que não sentia aquele poder sexual subir à sua cabeça, feito uma carreira de cocaína.

— Temos desconto? — indagou Sam.

— É de graça — falou Tiffany. — Por conta da casa.

— Aproveite a *lap dance* da minha esposa — disse Vid a Clementine, puxando uma cadeira. — Eu insisto.

— Ah, pare com isso — falou Clementine dando uma risadinha. — De qualquer maneira, essa não é a música certa. Não dá para fazer uma *lap dance* ao som de um *concerto para violoncelo*.

— Posso tentar — afirmou Tiffany.

Ela não tinha a menor intenção de fazer uma *lap dance* para a amiga da vizinha. Era uma brincadeira. Pura diversão.

— Ela se adapta com facilidade — comentou Vid.

— É muita gentileza sua, mas eu realmente não quero uma *lap dance* — disse Clementine. — Obrigada mesmo assim. — Sua voz estava rouca. Ela pigarreou, constrangida.

— Acho que quer, sim — retrucou Sam.

— Sam — repreendeu Clementine.

Tiffany observou Sam e Clementine se entreolharem, corados, as pupilas dilatadas. Seria uma gentileza. Um serviço público. Sabia exatamente como andava a vida sexual dos

dois. Eram pais cansados de crianças pequenas. Achavam que estava tudo terminado, mas não estava, não precisavam ter um caso ou uma crise de meia-idade, ainda eram capazes, ainda sentiam atração um pelo outro, só precisavam de um pequeno choque, de um pequeno estímulo, talvez alguns brinquedos sexuais, uma pornografia leve de qualidade. Ela podia ser a pornografia leve de qualidade.

O olhar de Tiffany encontrou o de Vid. Ele ergueu uma sobrancelha. Estava *adorando* aquilo, claro. Ergueu o queixo de forma bem sutil. Queria dizer: *Vá em frente. Choque as mentes suburbanas boazinhas desses dois.*

Sam ficou de pé atrás de Clementine e a empurrou pelos ombros para que ela se sentasse. Seus olhos se fixaram nos de Tiffany. Ele era seu tipo preferido de cliente. Contente, simpático, não estava levando tudo a sério demais, apenas o suficiente. Daria uma gorjeta generosa e grata.

Queria muito ver sua esposa ganhar uma *lap dance*. Claro que queria. Afinal, ele era humano. Tiffany olhou para Clementine, que estava fraca de tanto rir (e de desejo também, Tiffany sabia, mesmo que Clementine não tivesse ideia) e mal conseguia se sentar reta na cadeira.

Tiffany não ia fazer aquilo, não direito, não no jardim com crianças por perto, mas de brincadeira, por pura diversão. Ela se mexeu lentamente ao ritmo do tal *concerto* (ah, sim, era possível fazer uma *lap dance* ao som de um concerto para violoncelo, sem problemas), quase uma paródia de si mesma, mas não era bem isso, porque ainda tinha seu orgulho profissional; fora uma das melhores do ramo; nunca era só pelo dinheiro, era preciso estabelecer uma conexão, uma conexão humana, e usar o tom certo de teatralidade, realidade, *poesia*.

Vid assobiou.

Clementine tapou os olhos com as mãos e espiou por entre os dedos.

Houve um tremendo ruído de louça se quebrando e um grito impressionante que rompeu a noite:

— *Clementine!*

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

— Espero que você melhore logo — disse a policial para Oliver, que estava parado na porta para se despedir.

— *Obrigado* — falou Oliver, talvez com uma gratidão exagerada, porque a policial olhou para ele de um jeito que parecia indicar que talvez não tivesse notado algo.

Mas ele só estava genuinamente comovido com o fato de ela gastar seu tempo fazendo um comentário sobre a saúde dele. Será que sua gratidão teria sido suspeita? Teria demonstrado culpa? Ele nunca fora uma dessas pessoas que se sentem culpadas quando veem uma viatura da polícia. Ele costumava ter a consciência limpa. A maioria das pessoas dirigia dez quilômetros acima do limite de velocidade, mas ele tentava ficar apenas cinco quilômetros acima.

A polícia fora até lá depois da morte de Harry. Estavam tendo dificuldade em encontrar algum parente dele. Oliver queria poder ajudar mais. Admitiu que as conversas que tivera com Harry nunca haviam abordado assuntos pessoais. Haviam conversado sobre o clima, o jardim e o carro abandonado na rua. Ele tinha a impressão, correta ou não, de que Harry não teria gostado de perguntas pessoais.

A polícia queria confirmar novamente quando fora a última vez que Oliver vira Harry, e ele deu a data exata: o dia anterior ao churrasco. Ele disse que Harry parecera saudável. Não mencionou nada sobre as reclamações que o vizinho fazia sobre o cachorro de Vid. Não parecia relevante. Não queria deixar Harry com uma imagem negativa.

— Você parece ter muita certeza dessa data — disse a policial simpática.

— Bem, sim — falou Oliver. — É porque no dia seguinte houve... um incidente. Na casa ao lado.

Ela ergueu as sobrancelhas e ele deu brevemente alguns detalhes, porque, para sua surpresa, percebeu, por mais estranho que fosse, que ficava sem fôlego ao falar sobre aquilo. A policial não fez nenhum comentário. Talvez já soubesse. Afinal, havia um boletim de ocorrência nos arquivos da polícia.

Claro que a polícia não encontraria nenhuma relação, nenhuma conexão entre a morte de Harry e o churrasco, mas assim que Oliver fechou a porta e voltou até a cozinha para ferver água e preparar uma bebida quente de limão e mel, percebeu que estava pensando naqueles dois minutos.

Havia estimado que durara cerca de dois minutos. Dois minutos de autopiedade. Dois minutos que poderiam ter mudado tudo, porque se ele estivesse lá fora naquele momento, teria visto o que estava acontecendo. Achava que havia grande chance de ter visto.

Espere aí. Isso era exagero. Drama. Ele estava se colocando no centro de tudo. “Você não é responsável pelo mundo inteiro, Oliver”, dissera sua mãe certa vez, em um instante de sobriedade ou embriaguez, era sempre difícil distinguir.

Oliver ligou a chaleira elétrica.

Mas não era exagero, porque o que acontecera no churrasco atingira suas vidas feito um meteorito, e se ele não tivesse tão distraído, se a vida tivesse seguido seu rumo natural e previsível, ele certamente teria notado mais cedo a ausência de Harry, e talvez houvesse batido à sua porta semanas antes.

Mesmo assim era provável que Harry estivesse morto, mas não há um tempo tão imperdoável e tragicamente longo.

Ou talvez até pudesse ter salvado ele.

A chaleira ferveu e apitou, e Oliver se lembrou de como ficara de pé no banheirinho luxuoso nos fundos da cabana, deixando a água quente escorrer sem parar por suas mãos, sem qualquer objetivo, enquanto olhava fixamente para o próprio rosto triste e idiota.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

DIA DO CHURRASCO

Oliver estava de pé no banheiro da cabana, lavando as mãos. Era um banheiro chique e aromatizado com iluminação baixa. A luz vinha de uma imitação de candelabro todo brilhante. Se sua mãe estivesse naquele churrasco e na fase desagradável do seu progresso implacável à embriaguez, ela comentaria “Que cafona!” bem alto no ouvido de Oliver, alto o bastante para que ele ficasse assustado, com medo de que alguém tivesse escutado.

Deixou a água escorrer por suas mãos sem necessidade. Estava adiando o momento de voltar. Francamente, já estava cansado. Gostava bastante de todos ali, mas socializar exigia um esforço mental e físico que o deixava exausto e sem energia, e não era um cansaço bom, como acontece quando aumenta o ácido láctico em seus músculos depois de malhar pesado.

Ouviu risadas do lado de fora. Era a gargalhada estrondosa de Vid. Oliver abriu um sorriso, se preparando, pronto para participar da piada. Rá-rá. Essa foi boa. O que quer que tenha sido. Provavelmente não acharia graça de verdade.

Erika estava bêbada. Ele queria levá-la para casa, colocá-la na cama feito uma criança e esperar amanhecer, quando ela voltaria a ser sua amada esposa. Ele nunca a vira arrastar as palavras nem fitá-lo com olhos desfocados e vidrados. Não era nada com que ele devesse se preocupar. Ela não estava caindo, derrubando coisas nem vomitando no jardim. Era só uma bebedeira comum. Algumas pessoas passavam por isso todo fim de semana. Clementine estava “um pouco alegre” também, com as bochechas coradas, mas ele não se importava com o que Clementine fazia.

Quando era criança, ele tinha a sensação de que seus pais desapareciam quando ficavam bêbados. À medida que a quantidade de bebida diminuía em suas taças, ele sentia os dois se afastando, como se estivessem no mesmo barco, distanciando-se lentamente do litoral onde Oliver fora largado, ainda o mesmo Oliver chato e ajuizado. Ele pensava: Por favor, não vão, fiquem aqui comigo. A mãe de verdade dele era engraçada e o pai de verdade era inteligente, mas eles sempre se afastavam. Para começar, o pai ficava burro, e a mãe, risonha, depois ela ficava má, e o pai, bravo, e assim continuavam até que não havia mais por que ficar ali, e Oliver subia até seu quarto para ver filmes. Ele tinha um aparelho de

videocassete. Crescera com privilégios, nunca lhe faltara nada.

Deparou com seus olhos no espelho. Vamos lá. Controle-se. Volte para lá.

Aquele não deveria ser o dia em que Erika ficava bêbada pela primeira vez. Aquele deveria ser o dia em que apresentavam sua proposta a Clementine, e Oliver torcera — sabia que não era nada realista —, mas torcera de verdade para que ela talvez...

Ouviu Erika gritar:

— *Clementine!*

Ele nem sequer fechou a torneira.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

DIA DO CHURRASCO

Clementine ficou sem ar. Mais tarde todos diriam: “Aconteceu tão depressa.” E acontecera rápido mesmo, mas ao mesmo tempo tudo desacelerara, cada segundo ficara congelado numa imagem em cores vivas e inesquecíveis, iluminada por luzinhas douradas.

Clementine se levantou tão depressa que a cadeira caiu. O quê? Onde? Quem?

O primeiro pensamento que lhe ocorreu foi que uma das meninas havia se machucado. Muito feio. Sangue. Haveria sangue. Ela não suportava sangue. Talvez precisasse levar ponto. Ou haveria um osso quebrado brotando da pele. Dentes. Dentes lascados. Holly ou Ruby? Provavelmente Holly. O jardim girou ao seu redor em um turbilhão de cores. Não estava ouvindo choro. Onde estava o choro? As duas choravam muito alto. Holly ficava furiosa quando se machucava. Já Ruby queria ter certeza de que estava comunicando a necessidade urgente de uma reação dos pais.

Ela viu Holly primeiro, de pé no coreto com sua bolsinha azul de lantejoulas, perfeitamente bem, com um olhar impassível para... o quê?

Erika correndo. A menina estava observando Erika correndo.

Erika estava correndo em direção ao chafariz. A “Fontana de Trevi” de Vid. O que ela estava *fazendo*? Parecia que ia mergulhar nele.

Erika havia enlouquecido. Estava tendo um colapso nervoso, um surto psicótico. Clementine sabia que ela não estava bem naquela noite. Nunca ficava bêbada e estava se comportando de um jeito muito estranho. A culpa era de Clementine.

Erika pulou pela lateral do chafariz com um movimento ágil e enérgico. A água batia na sua cintura. Escorregou, quase caiu, se empertigou e começou a se aproximar do centro do chafariz. Que diabo estava fazendo? Clementine ficou mortificada por ela.

Oliver saiu correndo da cabana e seguiu até o chafariz para tirar Erika de lá, para impedir que ela passasse vergonha. Ele não parou ao chegar na lateral do chafariz, onde se chocou.

Ele e Erika avançaram, escorregaram e deslizaram, de lados opostos do chafariz, juntos, feito dois apaixonados em um filme, correndo para se abraçar após um longo período de ausência.

Mas não se abraçaram. Em vez disso, ergueram bem alto o corpinho sem vida de Ruby.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

DIA DO CHURRASCO

A cabeça de Ruby estava tombada para o lado. Água escorria dela. Seu casaquinho cor-de-rosa estava pesado e encharcado. Seus braços pendiam, inúteis como os de uma boneca de pano.

Frio. Ela vai estar com muito frio, pensou Clementine.

Ruby odiava frio. Quando sentia muito frio, seus dentes batiam, tremendo feito um brinquedo de corda. A água nas aulas de natação nunca estava quente o bastante para ela, mesmo em pleno verão.

“Frio, frio!”, gritava.

Clementine correu para pegar Ruby nos braços de Oliver, para abraçá-la junto ao peito e aquecê-la. Já sentia o corpo molhado da menina encharcando suas roupas. Ela alcançou a lateral do chafariz e estendeu as mãos, mas Oliver ignorou Clementine ao sair do chafariz com Ruby aninhada nos braços.

— Mim — disse Clementine, estupidamente.

Queria dizer: Dê ela para *mim*.

Oliver colocou Ruby deitada de costas nos azulejos de terracota duros e desconfortáveis ao lado do chafariz.

— Ruby! — disse ele bem alto, como se ela tivesse feito algo errado. Ele sacudiu o ombrinho da menina. Com muita força. — Ruby! Acorde, Ruby!

Ele parecia bravo. Oliver nunca parecia bravo.

Clementine caiu com firmeza de joelhos nos azulejos ao lado deles.

— Dê ela para mim — disse desesperadamente, mas não conseguia se aproximar de Ruby.

Oliver e Erika estavam ocupando todo o espaço.

A pele de Ruby estava branca. Seus lábios, roxos. Sua cabeça, refestelada. Seus olhos estavam abertos, mas fixos à frente. Os dentes não estavam batendo. Oliver levou uma das mãos à nuca de Ruby e a outra à sua testa, inclinando sua cabeça como se quisesse que a menina olhasse para o céu. Tocou seu queixo com o polegar, abrindo sua boca, e então enfiou dois dedos lá dentro, como se tentasse pescar algo.

— Oliver, dê ela para mim — exigiu Clementine.

Ela só precisava segurá-la nos braços para consertá-la.

Oliver aproximou a cabeça do rosto de Ruby e levou a orelha à boca da menina, como se quisesse ouvi-la sussurrar algo. Olhou para Erika e balançou a cabeça. Um movimento ínfimo que dizia: *Não*. Ele desabotoou os botões pretos do casaco cor-de-rosa.

Clementine foi tomada pela compreensão no instante em que a música parou abruptamente. Houve um momento de silêncio absoluto e assustador no jardim, antes de Sam começar a gritar, como se estivesse em uma discussão ferrenha com alguém.

— Precisamos de uma ambulância! — Ele corria de um lado para outro, feito um idiota, um demente, dando tapinhas nos próprios bolsos. — Não estou achando meu celular. Cadê meu celular? Meu *celular*!

— Estou pedindo uma ambulância, Sam — disse Vid, com calma. Ele afastou o celular do ouvido como se quisesse comprovar. — Está chamando. Está chamando agora mesmo.

— Diga a eles que ela não está respirando — falou Erika. Ela e Oliver estavam se posicionando, cada um de um lado de Ruby. — É importante que eles saibam que ela não está respirando.

— O que aconteceu com Ruby? — perguntou Holly.

Ela se aproximou e parou ao lado de Clementine, puxando a manga de sua blusa. Clementine tentou responder, mas sentia um aperto tão forte no peito que não conseguiu falar.

— Ela quer Batedor? — indagou Holly. — Batedor está aqui. Mamãe, rápido, dê Batedor para Ruby. Ela vai se sentir melhor.

Clementine pegou Batedor. Fechou os dedos em torno dos arames gelados.

— Venha aqui comigo, Holly.

Tiffany segurou a mão da menina e a puxou para trás.

— Quinze e dois, não é? — perguntou Oliver a Erika.

Seu rosto estava totalmente pálido. Havia gotículas de água em seus óculos feito chuva e gotas escorrendo pelo seu rosto feito suor. Seus olhos estavam fixos em Erika, como se os dois fossem as únicas pessoas ali.

— Isso. Quinze e dois — afirmou ela, afastando o cabelo molhado dos olhos.

Oliver entrelaçou os dedos, travou os cotovelos e apoiou suas mãos grandonas no peito de Ruby.

— Ai, meu Deus — disse Sam.

Ele uniu as mãos atrás da nuca e baixou a cabeça como se estivesse se protegendo de um golpe. Depois começou a andar em círculos.

— Meu Deus do céu.

Oliver ficou se balançando para a frente e para trás, contando em voz alta à medida

que comprimia ritmicamente o peito de Ruby.

— Um e dois e três e quatro e cinco.

— Oliver está machucando Ruby! — gemeu Holly.

— Não — disse Tiffany. — Não está machucando Ruby. Está ajudando. Ele e Erika estão fazendo a coisa certa. Estão ajudando ela. — Sua voz estava trêmula.

— Doze e treze e quatorze e quinze e um e dois.

No número quinze, Erika tapou o nariz de Ruby e aproximou o rosto da menina, com a boca aberta, como se quisesse beijá-la feito uma amante, em um movimento tão sensual e íntimo, tão pavoroso e errado, tão familiar e chocante. Era aquilo que precisava ser feito. Todos sabiam que era aquilo que precisava ser feito para salvar uma vida, mas ninguém via acontecer, não na vida real, não no jardim de alguém, não com a própria filha, que, momentos antes, estava correndo por ali tentando pegar as luzinhas.

Nada aconteceu.

Erika soprou mais uma vez dentro da boca de Ruby enquanto Oliver continuava se balançando e entoando:

— Um e dois e três e quatro e cinco.

Clementine sentiu seu corpo balançar no mesmo ritmo que o dele e ficou murmurando sem parar: porfavorporfavorporfavorporfavorporfavorporfavor.

Então é assim que acontece, pensava uma parte sua enquanto ela se balançava e implorava. Essa é a sensação. Você não muda. Não há nenhuma proteção especial quando atravessamos a linha invisível entre a vida comum e o mundo paralelo em que tragédias acontecem. É exatamente assim. Você não se torna outra pessoa. Ainda é exatamente a mesma. Tudo ao redor tem o mesmo cheiro, a mesma aparência, causa a mesma sensação. Ela ainda sentia o gosto da sobremesa de Vid. Ainda sentia o cheiro da carne assada do churrasco. Ouvia o cachorro latindo sem parar e sentia um pequeno filete de sangue escorrendo pela canela, brotando do local em que seus joelhos haviam se chocado com força no chão.

— Ai, meu Deus do céu, por favor, meu *Deus* — gemia Sam, parecendo muito fraco e desesperado.

Mas ele nem sequer acreditava em Deus, era ateu, e o horror que ele sentia era o mesmo que ela sentia, mas Clementine não queria saber, então pensou com maldade: Cale a boca, Sam, só cale a boca.

Ela ouvia Vid dizendo:

— Temos uma menininha muito pequena aqui que não está respirando. Está me entendendo? Ela não está respirando. Precisamos de vocês imediatamente. Por favor, mandem uma ambulância *agora mesmo*.

Clementine sentiu uma imensa hostilidade por ele estar dizendo aquilo, como se

estivesse fazendo um comentário horrível sobre Ruby, como se tornasse aquilo real ao dizer que a menina não estava respirando.

— Temos que ser os primeiros da lista, temos que ser a maior prioridade, não tem problema se tivermos que pagar a mais, pagamos quanto for.

Ele achava mesmo que podia *pagar* por uma ambulância mais rápida? Achava que pessoas ricas conseguiam um serviço VIP de ambulância?

— E nove e dez e onze e doze e treze e quatorze e quinze.

Erika baixou a cabeça mais uma vez.

Sam se agachou ao lado de Clementine e segurou sua mão. Ela agarrou a mão dele como se esse gesto pudesse fazer com que ela voltasse no tempo, como se o marido pudesse puxá-la de volta para alguns minutos antes.

Aquilo tinha mesmo acabado de acontecer? Naquele instante? No momento logo antes do presente momento? Ela certamente só desviara os olhos por um minuto. Não pode ter sido mais de um minuto.

— A ambulância está a caminho — disse Vid. — Vou lá fora esperar na rua para que eles saibam que é aqui.

— Nós também vamos — falou Tiffany. — Venha nos ajudar a vigiar a ambulância, Holly.

A menina foi sem resistir, sem olhar para trás, dando confiantemente a mão para Tiffany, como se estivessem indo observar outro animal.

É claro que bastava apenas um minuto.

Nunca tire os olhos deles. Nunca desvie o olhar. Acontece muito rápido. Acontece sem qualquer ruído. Todas aquelas histórias nos jornais. Todos aqueles pais. Todos os erros sobre os quais ela já havia lido. Afogamentos no quintal. Piscinas sem proteção. Crianças sem supervisão na banheira. Crianças com pais burros, tolos, negligentes. Crianças que morriam mesmo cercadas de adultos supostamente responsáveis. E ela sempre fingia não criticar, mas no fundo estava pensando: *Comigo, não. Isso nunca aconteceria comigo.*

Erika ergueu a cabeça após o segundo sopro e seus olhos encontraram os de Clementine, que exibia uma expressão de desespero absoluto. Pequenas gotinhas de água estavam presas em seus cílios. Seus lábios, os lábios que haviam tocado os de Ruby, estavam rachados.

A voz de Oliver não se alterou:

— Um e dois e três e quatro e cinco.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

DIA DO CHURRASCO

— ...e seis e sete e oito e nove e dez.

Erika escutava a contagem de Oliver, esperando sua deixa: o número quinze.

A blusa estava colada em seu corpo. Sentia a calça jeans fria e úmida nas coxas.

O rosto de Clementine parecia uma caveira. Parecia que sua pele tinha sido puxada com muita força. Era uma versão extraterrestre de Clementine, que olhava fixamente para Erika como se implorasse por clemência.

Ruby não estava reagindo.

Não estava funcionando, por mais que estivessem fazendo tudo certo. Duas respirações de resgate após quinze compressões, mas *não pare as compressões*. Essa regra havia mudado desde a última vez que os dois tinham feito o curso de primeiros socorros, agora não se interrompia as compressões. Ela sabia que era assim.

Erika e Oliver haviam feito uma atualização do curso de primeiros socorros em março. Era grátis, oferecido pelo trabalho de Oliver. O sócio na nova empresa de contabilidade onde ele trabalhava era um defensor árduo do ensino de primeiros socorros. Gostava de interromper reuniões apontando para alguém e dizendo: “Sanjeev está tendo um ataque cardíaco!” Então, enquanto Sanjeev obedientemente fingia levar as mãos ao peito, o sócio girava na cadeira e apontava para outra pessoa, muitas vezes um estagiário desavisado: “Você aí! O que vai fazer? Salve Sanjeev!” E cronometrava o tempo até que Sanjeev morresse e fosse tarde demais.

O curso fora divertido. Oliver e Erika tinham se destacado como os melhores alunos. Os dois já haviam feito cursos de primeiros socorros. Claro. Tinham medalhões de bronze, certificados de mergulho de resgate. Eram o tipo de gente que acreditava em cursos de primeiros socorros. Em todo caso, Oliver e Erika eram sempre os melhores alunos, independentemente da matéria. Mesmo quando não era questão de vida ou morte, eles levavam a sério como se fosse.

Naquele instante Erika estava pensando em seu professor. Paul tinha o rosto avermelhado e uma respiração arfante, de forma que ele mesmo parecia uma possível vítima de ataque cardíaco. “De primeira”, dizia Paul a Erika e Oliver, estalando os dedos

em aprovação toda vez que o casal acertava algo.

Quinze compressões e duas respirações de resgate. Estavam fazendo direito. Estavam fazendo exatamente como devia ser feito. Estavam seguindo as regras, *Paul*, então por que Ruby estava deitada ali, por que não estava reagindo, Paul, seu sujeito *detestável, burro e avermelhado que estala os dedos?*

— ...treze e quatorze e quinze e um...

— Onde está a ambulância? — questionou Sam. — Não estou ouvindo a sirene. Por que não estou ouvindo a sirene?

Erika apertou novamente as narinas de Ruby, abaixou a cabeça e exalou um grito silencioso de fúria dentro do corpo da menina. *FAÇA O QUE ESTOU MANDANDO, RUBY. RESPIRE.* Era a voz de sua mãe; sua mãe em seu estado mais maníaco, perverso e assustador; sua mãe quando flagrava Erika tentando jogar algo fora. *RESPIRE AGORA MESMO, RUBY. COMO SE ATREVE A ME IGNORAR? RESPIRE AGORA, IMEDIATAMENTE.*

Erika ergueu a cabeça.

O peito de Ruby arfou. Um esguicho de água saiu de sua boca. Oliver emitiu um ruído agudo e assustado de surpresa, feito o ganido de um cachorro, e ergueu as mãos.

De primeira, disse Paul na mente de Erika, estalando os dedos, e ela virou a cabeça de Ruby para o lado, exatamente como haviam feito com o manequim de plástico com gosto de borracha. Ruby vomitou água, de novo e de novo, enquanto Clementine chorava e arfava como se também estivesse vomitando. O uivo demorado e penetrante de uma ambulância surgiu na consciência de Erika, como se estivesse ali o tempo todo, e ela e Oliver viraram juntos Ruby de lado, colocando-a na posição de recuperação, como haviam aprendido.

Boa menina, pensou Erika, passando delicadamente a mão na cabeça de Ruby, afastando as mechas de cabelo molhadas dos seus olhos enquanto ela continuava vomitando água. *Boa menina.*

CAPÍTULO CINQUENTA

— Erika?

— Humm.

Erika estava inquieta e fixou os olhos na chuva que caía do lado de fora da janela de Não é Pat. Talvez estivesse diminuindo, não?

Pela primeira vez, ela queria que sua sessão com Não é Pat terminasse. Normalmente, considerava a terapia um processo tranquilizador, como uma massagem, uma maravilhosa massagem de autovalidação em seu ego, mas naquele dia Não é Pat estava irritando Erika. Insistia no assunto da sua amizade com Clementine como um cachorro Rat Terrier insistia em roer um osso.

Toda vez que Não é Pat dizia o nome de Clementine, Erika tinha a sensação de estar levando um beliscão muito forte.

Bem, ela estava pagando. Não precisava tolerar aquilo.

— Não quero mais falar sobre Clementine! — exclamou, irritada.

— Está bem — disse Não é Pat com seu jeito simples e fez uma anotação no caderno.

Erika teve que se segurar para não esticar o braço e pegar o caderno no colo dela. Será que era seu direito legal pedir para ver as anotações de Não é Pat? Ia descobrir.

Enquanto isso, ficou distraído Não é Pat com a história do acidente de Ruby.

— Minha nossa senhora!

Não é Pat tapou rapidamente a boca com a mão.

Quando Erika terminou de contar, Não é Pat disse:

— Sabe, Erika, é perfeitamente compreensível que sua memória daquela tarde tenha falhado. Você ficou em choque. Deve ter sido traumático.

— Achei que isso traria mais clareza à minha memória — retrucou Erika.

Na verdade, algumas lembranças eram assustadoramente vívidas. Ela sentia suas pernas se chocando na água no momento em que pulou no chafariz, os respingos encharcando-a como se estivesse chovendo.

— Por que acha que está tão preocupada com suas lembranças daquela tarde? — indagou Não é Pat.

— Tenho a sensação de que estou esquecendo algo importante — disse Erika. — Parece que não me lembrei de *fazer* alguma coisa. Da mesma forma que as pessoas ficam

preocupadas quando têm a impressão de que deixaram o ferro ligado ao saírem de casa.

— Conheço essa sensação — falou Não é Pat com um sorriso misterioso.

— Pois é, mas eu *não conheço essa sensação!* — exclamou Erika. — Não sou esse tipo de pessoa. Tenho uma memória perfeita! Nunca esqueço uma coisa dessas.

Ela nunca se preocupava com a possibilidade de ter deixado o ferro ligado porque sabia que jamais faria isso. Certa vez, Clementine saíra de casa com as duas chapas elétricas ligadas no máximo. “A casa não pegou fogo!”, dissera ela com alegria, como se tivesse sido um experimento fascinante. “Não queimou nadinha!” Outra vez, deixara a porta da frente escancarada ao sair. “Um convite para os ladrões do bairro”, dissera Sam. “Entrem, rapazes, e peguem meu violoncelo de trezentos mil dólares. Está ali na cama para vocês. Um ótimo lugar para deixá-lo!”

A desculpa de Clementine fora que ela estava “com a cabeça em outro lugar”.

“Estava pensando em sua música?”, indagara Oliver, demonstrando respeito por seu talento.

“Não”, respondera ela. “Eu estava tentando entender por que o chocolate Caramello Koalas não é mais tão bom quanto costumava ser. Estava pensando: foi o produto que mudou ou fui eu?”

Então ela e Sam ficaram conversando sobre Caramello Koalas, como se fosse importante. A negligência de Clementine não tivera consequências. Nunca houvera consequências para a negligência de Clementine até aquela tarde de domingo, e Erika jamais desejara aquilo.

Só uma multa, talvez. Uma queimadura de sol. Uma ressaca. Clementine nunca ficava de ressaca.

— Só preciso esclarecer o que é — disse ela a Não é Pat.

— Bem, como eu falei, você pode fazer uma tentativa voltando ao jardim do seu vizinho, se é que já não fez isso, e alguns exercícios de relaxamento talvez ajudem. Pode tentar alguns daqueles exercícios de meditação que passei para você. Mas, sinceramente, Erika, é possível que essa seja uma batalha perdida, considerando o remédio que você tomou naquela tarde misturado com álcool. Você deve ter lembrado o máximo de coisas que consegue. Pode até ser que você esteja sendo protegida pelo seu subconsciente, que uma parte sua não queira lembrar.

— Quer dizer que estou reprimindo a memória? — questionou Erika com desdém.

— Na verdade, não há nenhum estudo empírico sobre a fundamentação da reprimenda de memória! Inclusive, se quiser, posso mandar para você alguns links de artigos sobre síndrome da falsa memória...

Mas naquele instante o pequeno cronômetro na mesa de Não é Pat fez um barulho afetado para indicar que a sessão havia chegado ao fim. Não é Pat deu um pulo feito o

palhaço de uma caixa surpresa. Ela não costumava se levantar com tanta pressa. Talvez também não tivesse gostado muito daquela sessão.

Erika foi andando apressada até seu carro, estacionado na rua tranquila diante do consultório de Não é Pat, e ficou alguns minutos ali sentada com o motor ligado, ouvindo a chuva forte cair no teto do carro e observando os limpadores de para-brisa trabalharem fervorosamente.

— Acalmem-se — disse para os limpadores de para-brisa.

O ritmo frenético fazia com que ela se lembrasse de sua mãe descontrolada por causa de algo totalmente inconsequente. Não queria voltar à casa da mãe. Tirara o dia inteiro de folga para ajudá-la, mas achava que não tinha forças para ir lá *duas vezes em um único dia*. Era demais. Era como pedir que alguém voltasse para a água congelante de uma piscina e desse mais cem voltas depois de ter feito isso de manhã e já houvesse tomado banho e estivesse quentinha e seca outra vez.

Ela fechou os olhos e tentou alguns dos exercícios de respiração que Não é Pat lhe ensinara em uma sessão anterior. Inspirar. Prender. Exalar. Inspirar. Prender. Exalar. Deixou as lembranças rodopiarem em sua mente: as luzinhas nas árvores. O cheiro de carne assada e marinada. O gosto amargo do excesso de vinho.

Ela viu aquele rosto outra vez. O rosto medonho e desforme que vira em seu escritório no dia anterior. Feito um espírito.

De repente pensou: *Harry*. É o rosto de Harry. O velho e rabugento Harry. Havia algo importante que ela precisava fazer *para* Harry? Não. *Por causa* de Harry. Algo a ver com Harry. Não insista na memória, senão ela desaparece. Já aprendera isso. Relaxe, *respire*. O cabelo branco perfeitamente penteado de Harry. Não, aquilo não era uma lembrança. Oliver enfiara aquela imagem em sua mente: o cabelo dele perfeitamente penteado mesmo com a morte.

Harry diante da caixa de correio, resmungando sozinho enquanto observava um envelope. Barney correndo pelo gramado. Vid saindo pela porta de casa.

Uma obrigação. Um pedido. Uma responsabilidade. Algo que Harry precisava que ela fizesse. Cacos de louça azul em azulejos de terracota.

Olhe para cima. Olhe para *cima*.

Ela abriu os olhos dentro do carro embaçado e levantou a cabeça. Não havia nada para ver além da chuva.

Pelo amor de Deus, ela só estava pensando em Harry porque ele tinha morrido. Era um exemplo clássico de síndrome da falsa memória. Se Erika tivesse uma personalidade mais fraca, uma mente mais maleável, então um terapeuta ansioso poderia ajudá-la a criar toda uma memória do churrasco e de Harry. Então ela se convenceria de que Harry aparecera no churrasco e aborrecera Ruby, ou algum absurdo desses.

Ela virou a chave na ignição, ligou a seta e observou o trânsito por cima do ombro. Tentaria a ideia que Não é Pat dera de “voltar à cena do crime”. Quando chegasse em casa, perguntaria a Vid e Tiffany se podia ficar um tempo sozinha no jardim deles, mesmo na chuva. Não pareceria nem um pouco estranho. Rá-rá. Não, seria melhor ir até lá quando ela soubesse que eles não estavam em casa.

Provavelmente não ajudaria, mas não faria mal nenhum.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

DIA DO CHURRASCO

Os dois paramédicos de uniforme azul entraram no jardim com a mesma autoridade de maestros subindo no palco. Não corriam; mantinham uma calma rigorosa ao andar depressa.

Era como se as outras pessoas já não fossem mais adultas. Como se antes todos ali estivessem jogando um jogo, um jogo em que fingiam ter controle de suas vidas, um jogo em que fingiam ter profissões interessantes, contas bancárias generosas e famílias saudáveis, churrascos em jardins, mas abriram bruscamente uma cortina e os adultos avançavam porque regras haviam sido desrespeitadas.

Regras haviam sido seriamente desrespeitadas. As pessoas em torno de Ruby se afastaram de forma automática para que os paramédicos pudessem se aproximar dela. A menina resmungou de maneira incoerente e aterrorizante. Parecia sonolenta e drogada, como se acordasse de uma anestesia.

Os paramédicos se moviam como em uma coreografia repetida muitas vezes. Enquanto examinavam Ruby com luvas de plástico, o mais velho fazia perguntas rápidas sem erguer os olhos, confiante de que receberia as respostas. Seu tom de voz era ligeiramente mais alto e lento do que o normal, como se estivesse falando com crianças.

— O que aconteceu aqui?

“Qual é o nome dela?”

“E quantos anos tem Ruby?”

“Quando foi a última vez que viram Ruby?”

“Então ninguém a viu cair? Não sabem se ela bateu a cabeça?”

“Ela tinha pulsação quando foi retirada do chafariz?”

“Vocês são os pais?”

Ele deu uma olhada em Erika e Oliver ao fazer a última pergunta. Uma suposição sensata. Afinal, eles é que estavam molhados.

— Não — respondeu Sam. — Nós somos.

Ele apontou para Clementine.

— Eles salvaram ela — explicou Clementine. Parecia importante deixar isso claro. —

Nossos amigos. Fizeram reanimação cardiopulmonar. E ela voltou a respirar.

— Durante quanto tempo vocês fizeram isso? — indagou o paramédico.

— Uns cinco minutos — respondeu Oliver, olhando para Erika em busca de confirmação.

— No máximo — disse Erika.

— Fizemos duas respirações de resgate a cada quinze compressões — detalhou Oliver, ansioso.

Cinco minutos? Não era possível, pensou Clementine. Tinha sido um tempo insuportavelmente longo.

Havia algo na boca de Ruby, um tubo em seu nariz, uma máscara em seu rosto. Eles a tinham transformado em uma paciente qualquer. Não era a pequena Ruby engraçada e brincalhona deles.

— Vocês têm toalhas? — perguntou o paramédico mais jovem.

Ele usava uma grande tesoura serrilhada para cortar em linha reta as roupas de Ruby: o tutu e a blusa de manga comprida, arrancando as camadas de pano e revelando o pequeno peito branco da menina.

— Claro.

Vid correu para dentro de casa e voltou com uma pilha de toalhas brancas felpudas lindamente dobradas.

— O que você está fazendo? — perguntou Sam de forma brusca enquanto os paramédicos secavam com firmeza o corpo de Ruby e colavam dois adesivos acolchoados no peito da menina.

— São desfibriladores autoadesivos — disse o paramédico. — Caso ela tenha outra parada cardíaca. Estamos só nos preparando para a pior das hipóteses. Também pode nos dar informações úteis.

Os bracinhos de Ruby se agitaram.

— Vamos sedá-la — falou o paramédico mais velho. — Ela tem alguma alergia?

— Nenhuma — respondeu Sam.

— Toma algum remédio? Qual o histórico médico dela?

— Ela nunca tomou nem antibiótico — disse Clementine.

O paramédico deu petelecos na lateral de uma seringa. Clementine viu pontinhos brancos diante dos olhos.

— Fique de olho nela — pediu o paramédico bruscamente, e Clementine só entendeu que ele estava falando com ela quando Sam segurou seu braço.

Era sempre Sam quem levava as meninas para tomar vacina. Ela não suportava agulhas.

— Coloque a cabeça entre os joelhos — disse o paramédico.

— Estou bem — afirmou Clementine, respirando fundo.

— Por que a polícia está aqui? — indagou Sam.

Clementine ergueu os olhos e notou Vid conversando com uma policial de aparência muito jovem, com um rabo de cavalo arrumado. Ela fazia anotações enquanto Vid falava. O que ele estava dizendo? *A mãe não estava olhando. Estava conversando comigo. Contando piadas.*

Clementine descobriu que Erika havia se levantado de seu lugar perto do chafariz, ao lado de Ruby, sem que ela percebesse, e fora até a cabana. Havia duas toalhas brancas em seus ombros e outra em seu colo, sobre a qual Holly estava sentada, de costas para Clementine, com a cabeça apoiada no ombro de Erika.

— É o procedimento padrão para um acontecimento como esse — explicou o paramédico enquanto continuava cuidando de Ruby. — Vão fazer apenas algumas perguntas para esclarecer o que aconteceu. Também vamos precisar que eles ajudem a isolar a rua para o helicóptero de resgate.

— Um helicóptero? — indagou Sam. — Vão mandar um helicóptero? Onde vai pousar?

— Em frente à casa — respondeu o paramédico.

Ele se curvou sobre o braço de Ruby. Clementine desviou o olhar.

— Está brincando — disse Sam.

— Pousam em autoestradas, jardins, quadras de tênis. O lugar aqui é perfeito. Uma rua sem saída ótima e ampla. Com cabos elétricos subterrâneos. Estão acostumados a fazer isso.

— Ah — disse Sam.

— É, as hélices são menores do que as de um helicóptero comum.

Pelo amor de Deus, eles estavam mesmo tendo uma conversa masculina e descontraída sobre helicópteros?

Mas Clementine percebeu que, embora a voz de Sam não estivesse alterada, ele estava, porque abria e cerrava os punhos de forma rápida e obsessiva, sem parar, como se sentisse frio ou estivesse furioso.

— Mas por que precisam de um helicóptero? — perguntou Clementine.

O pânico, que diminuía um pouco quando ela vira o peito de Ruby se mover, e ainda mais quando os paramédicos chegaram, voltou a aumentar.

— Ela está bem agora, não está? Vai ficar bem? Está respirando. Não está respirando?

Olhou para Sam e notou medo em seu olhar. Ele sempre estava um passo à frente dela quando se tratava de reconhecer o perigo. Copo meio vazio, era como ela chamava. Em alerta, dizia ele. Duas palavras feias e grosseiras surgiram pela primeira vez em sua mente: *dano cerebral*.

— É um procedimento comum em casos pediátricos graves. Há um médico a bordo.

Imagino que vão entubá-la e garantir que ela fique estável antes de colocá-la no helicóptero — explicou o paramédico.

Ele olhou para Clementine. Sua pele tinha o aspecto áspero de quem passa muito tempo ao ar livre. Havia certo cansaço profissional em seu olhar, feito um veterano de guerra que já vira coisas que um civil jamais entenderia.

— Seus amigos fizeram tudo certo.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Todo mundo estava participando. As palavras de Clementine pairavam no ar enquanto ela e Sam, ambos ofegantes, se entreolhavam por cima da pilha de roupas de Holly.

Clementine ouvia a chuva batendo na janela do quarto de Holly e se perguntou se a casinha deles suportaria aquele clima por muito tempo. Talvez as paredes fossem finalmente amolecer, ceder e desabar.

— Sei que todo mundo estava participando — disse Sam. — Nós quatro. Estávamos agindo feito idiotas. Feito adolescentes. Nosso comportamento foi realmente repugnante. Tenho vontade de vomitar quando penso no que aconteceu.

A violência extrema das suas palavras deixou Clementine com vontade de defendê-los imediatamente. Eram apenas pessoas fazendo churrasco, rindo, flertando, agindo de forma descontraída. Não significara nada. Se as meninas tivessem continuado a correr atrás das luzinhas, nada mais teria acontecido. Lembrariam-se daquele dia com risadas, não vergonha.

— Foi azar — disse ela. — Foi muito azar.

— Não foi! — explodiu Sam. — Foi negligência! *Nossa* negligência. *Eu* deveria ter prestado atenção nas meninas. Eu deveria saber que não podia contar com *você*.

— *O quê?*

Clementine sentiu raiva e injustiça insanas, quase exaltadas, que percorreram seu corpo inteiro feito uma chama vermelha e quente, dando-lhe a impressão de que ela podia sair do chão. Finalmente, depois de todas aquelas semanas, eles iam brigar.

— Foi a única vez — disse ele friamente. — A única vez que eu não prestei atenção.

— É, talvez eu tenha achado que podia descansar e relaxar — falou Clementine, com a voz tremendo de fúria. — Porque o *melhor* pai do mundo estava lá, porque o Sr. Perfeito da Porra estava de serviço!

Sam deu um risinho amargo.

— Então está bem, foi tudo culpa minha.

— Ai, pelo amor de Deus, não se faça de mártir — disse Clementine. — Nós dois estávamos lá e somos igualmente responsáveis. Pare de besteira.

Eles se entreolharam com total antipatia. Suas formas diferentes de criação sempre haviam sido motivo de discórdia, uma rachadura bem fina em um casamento sólido, mas

que se tornara um abismo.

— Acho que cansei — disse Sam.

— Essa conversa é mesmo inútil — concordou Clementine.

— Não — retrucou Sam. — Acho que talvez eu tenha cansado de nós dois.

— Cansado de nós dois — repetiu ela lentamente.

Era assim que pessoas baleadas se sentiam quando afirmavam que a princípio não sentiam dor?

— Você se *cansou de nós dois*.

— Acho que devemos pensar em nos separar — disse Sam. — Talvez. Não sei. Você não acha?

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

DIA DO CHURRASCO

Tiffany estava de pé no jardim sendo interrogada por uma jovem policial. Ela olhou por cima do ombro para os paramédicos ao lado do corpinho de Ruby. Sam e Clementine estavam conversando com os paramédicos e pareciam pessoas totalmente diferentes das que estavam sentadas em torno da mesa minutos antes. Suas expressões haviam murchado, feito balões estourados.

— O que aconteceu aqui? — perguntou a policial a Tiffany.

Ela apontou com o pé para a louça quebrada no caminho que levava à porta dos fundos. Por toda parte havia fragmentos e cacos de louça azul que pareciam perigosos. Tiffany adorava aqueles pratos azuis.

— Ah — disse ela.

Tentou imaginar a cena pelos olhos da policial. Será que parecia a cena de um crime? Será que ela achava que houvera uma briga? Ou que todos estavam bêbados? A mulher já conversara com Vid, portanto já devia saber exatamente o que acontecera. Estava só verificando as histórias, para ver se não se contradiziam. Tiffany estava nervosa com aquilo.

— Nossa convidada, Erika... nossa vizinha... ela estava trazendo os pratos lá de dentro, e acho que foi nesse momento que notou Ruby dentro do chafariz... — A voz de Tiffany falhou.

Ela pensou no corpinho infantil e atarracado de Ruby, em seus cachos louros.

— Então ela deve ter largado os pratos, porque saiu correndo para tirar a menina de lá.

O que Tiffany tinha feito? Ficara distraindo os pais de Ruby. Fizera os dois esquecerem que eram pais.

— Aconteceu tão rápido... — disse ela à policial.

— Infelizmente essa não é uma situação incomum — afirmou a policial. — Crianças se afogam mesmo cercadas de outras pessoas, bem debaixo do nariz delas. É silencioso. É rápido. Falta de supervisão dos pais é a causa mais comum de afogamento.

— É — disse Tiffany.

Ela queria dizer: “Não, você não está entendendo. Não somos esse tipo de pessoas. *Estávamos* supervisionando as meninas. Mas não naquela hora. Não naquele momento. Foi silencioso. Foi rápido. Bastou um único instante em que todos desviaram o olhar.”

Tiffany pensou em suas irmãs mais velhas. Nunca poderia contar aquilo a elas. “Putá merda, Tiffany”, diriam, porque as meninas Collins se orgulhavam de sua praticidade pé no chão, de seu bom senso. Vinham dos subúrbios do oeste e se orgulhavam disso. Não cometiam erros desse tipo. Ficariam angustiadas com o fato de que uma coisa dessas pudesse acontecer na casa da irmã mais nova. Atribuiriam aquilo ao dinheiro, à conta bancária farta dela. Não teriam piedade.

Se algum dia descobrissem que Tiffany estava fingindo fazer uma *lap dance* para a mãe da menina no momento em que tudo ocorrera, todas ficariam horrorizadas. Ainda ficavam desconcertadas e envergonhadas com a carreira de dançarina de Tiffany. “Fico enjoada só de imaginar você naquela boate vulgar”, gostava de dizer sua irmã Emma, a mais dramática da família, mesmo depois de todos aqueles anos. Mas nesse caso ela não estava sendo dramática, falava a verdade, pois realmente ficava mal com aquilo. “Ela era uma vergonha para a irmandade”, concordava Louise, que recentemente descobrira o feminismo, e também falava sério. Mas essas palavras haviam entrado por um ouvido de Tiffany e saído pelo outro. Porém, agora as palavras delas não saíam de sua cabeça por mais que sua intenção tivesse sido inocente, porque a segurança de uma criança era mais importante que tudo, como deveria ser.

Tiffany ergueu os olhos quando o barulho frenético e dramático das hélices de um helicóptero surgiu no ar.

— Esse helicóptero é... para a gente?

— Sim, é para a gente.

A policial também ergueu os olhos e pegou um rádio no bolso da calça.

— Com licença.

Ela se afastou depressa.

— Onde vai pousar? — perguntou Tiffany a si mesma.

O helicóptero pairava acima deles feito um pássaro gigante e o som se intensificava. Ela viu de soslaio o pobre Barney correndo pelo jardim para fugir do barulho alto.

— Mãe!

Dakota surgiu ao seu lado no jardim, os olhos grandes e arregalados. Segurava um livro nas mãos, usando o dedo para marcar a página.

— O que aconteceu? Por que tem um helicóptero aqui? Ouvi a ambulância, mas não achei que fosse para *a gente*.

Tiffany a envolveu com o braço e a puxou para perto, querendo sentir seu corpinho magro por um instante. Até aquele momento tinha se esquecido completamente de

Dakota.

— Ruby caiu no chafariz. Quase se afogou.

Dakota se afastou imediatamente da mãe e agarrou seu braço. Falou alguma coisa, mas Tiffany não conseguia ouvi-la por causa do barulho cada vez mais alto do helicóptero.

Ela notou Vid no fim do caminho que ladeava a casa, gesticulando para que a esposa fosse até ele. Havia um policial ao seu lado. Ele não devia estar gostando daquilo, pois tinha fobia de polícia. Um de seus maiores medos, genuíno apesar de engraçado, era ser preso por um crime que não tinha cometido. “Pessoas inocentes vão para a cadeia todos os dias”, dizia ele a Tiffany com frequência, todo sério, como se houvesse uma grande probabilidade de acontecer com ele. Por isso, chegava a cumprir as leis com certo exagero. Pagava impostos demais até que Tiffany assumira o controle das finanças. Ele ainda queria dar dinheiro a mais para o sujeito que cuidava dos impostos, só para garantir.

— Seu pai precisa de mim. Volte para casa e fique esperando lá dentro! — gritou para Dakota. — Está tudo bem.

Mais uma vez a menina segurou o braço de Tiffany, beliscando sua pele com força. Tiffany balançou o braço.

— Depois! — gritou. — Ande logo!

Dakota saiu correndo, os ombros curvados, tapando o rosto com as mãos, e Tiffany pensou, impaciente: Caramba, não tenho tempo para isso, Dakota, não tem nada a ver com você.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Tiffany e Vid estavam escutando a chuva e observando estupidamente a catástrofe no chão da cozinha por causa do pote de amêndoas com chocolate quebrado.

— Eu não imaginava que tinha tanto vidro naquele pote — disse Vid.

— Nem tantas amêndoas — concordou Tiffany. — Estamos bem, Dakota! — gritou.

— Caso você queira saber! Seu pai deixou um pote cair!

Silêncio. Tiffany ouvia apenas o zumbido da televisão mais baixo que o da chuva.

— Ninguém se machucou! — gritou Vid. — Não precisamos de ajuda!

Houve uma pausa.

— *Está bem!* — respondeu Dakota com um tom de voz magnificamente indiferente.

Tiffany e Vid sorriram um para o outro.

— Eu deveria ter adivinhado por que ela estava com um comportamento tão estranho — disse Tiffany. — Agora parece muito óbvio que estivesse culpando a si mesma.

— Você não parava de dizer que havia algo errado — lembrou Vid. — Mas por que ela simplesmente não nos contou como se sentia antes? — Ele baixou o tom de voz embora não houvesse a menor chance de Dakota escutar. — Por que ela guardou tudo para si desse jeito? Isso não é nada bom.

— Parece que estava com medo de que a gente colocasse a culpa nela também. Pelo visto achava que estávamos bravos com ela.

— Loucura! — exclamou Vid, bravo.

— Eu sei. Bem, óbvio que nós também estávamos chateados e distraídos, e as crianças são assim. Acham que são culpadas por tudo. Então ela interpretou errado tudo o que nós fizemos.

— Mas ela nem estava presente quando aconteceu!

— Justamente.

Tiffany tentou não demonstrar sua impaciência. Vid também estava presente quando Dakota explicou, chorando, exatamente por que achava que todos a culpavam pelo acidente de Ruby, mas ele estava tão ocupado erguendo as mãos, incrédulo, que não escutara direito nem uma palavra sequer do que ela dissera.

— Dakota enfiou na cabeça que Clementine achava que ela estava encarregada das crianças. Quer dizer, a gente ficou falando que ela era ótima babá.

— Sim, mas...

— Eu sei — disse Tiffany. — Claro que Clementine e Sam não culpariam ela. Ninguém culpa ela. Pelo amor de Deus, ela tem dez anos. Todo mundo sabia que Dakota tinha entrado para ler um livro. Se alguém tem culpa nessa família, sou eu. Era eu que estava fazendo uma *lap dance* para os convidados.

— Pare com isso — falou Vid de forma rápida e previsível.

Desde o churrasco ele vinha interrompendo qualquer conversa daquele tipo.

— Foi um *acidente* horrível.

É, por falar em guardar as coisas para si... Não era nenhuma surpresa que Dakota achasse que o que acontecera no churrasco fosse um segredo vergonhoso. *Não disseram nada a ela sobre o assunto!* Devia ter sido muito estranho e assustador para a pobre criança. Claro que achava que tinha a ver com ela.

Tiffany lembrou que passara a semana seguinte ao churrasco preocupada com assuntos de trabalho. Aquela porcaria de casa que desde o início só dera problemas não tinha sido vendida no leilão, e a Assembleia de Terra e Meio Ambiente não decidira a seu favor. Fora uma semana péssima em todos os âmbitos, e além de todo aquele estresse havia o terror absoluto do que ocorrera. Ela não dera a mínima para Dakota. Não pensara duas vezes. A filha não passara de mais uma tarefa em sua lista. Contanto que estivesse de uniforme, com almoço para levar, e fosse deixada em segurança na escola, sua tarefa estava cumprida. Vid estava agindo da mesma forma. Ele também tivera uma semana péssima. Perdera o contrato com o governo, o que acabara sendo uma coisa boa no fim das contas, mas ele ainda não sabia disso. Quando Vid e Tiffany finalmente saíram de suas bolhas e voltaram a falar direito com Dakota, o estrago estava feito. A pobre criança interpretou a reaproximação dos dois como *o perdão de seus pais*.

Perdão!

— Vou buscar a pá de lixo — disse Vid. — Não se mexa. Você está descalça.

Ele foi buscar a pá e a vassoura.

Tiffany ficou observando os ombros imensos de Vid enquanto ele se agachava e varria cuidadosamente os cacos de vidro e as amêndoas. Pensou em segredos e no estrago que faziam.

— Reconheci um dos pais na escola hoje — disse ela.

— Ah, é? Quem era?

Vid continuou varrendo.

— Da minha época de dançarina — explicou Tiffany.

Ele ergueu os olhos.

— É mesmo, é?

— Um dos meus clientes fiéis — continuou ela. — Quase um amigo, na verdade. Um

cara legal.

— Dava boas gorjetas? — indagou Vid.

— Ótimas.

— Excelente — comentou ele.

— Marcava muitas apresentações particulares — falou Tiffany com cautela.

— Bom para ele — disse Vid. — Tinha bom gosto.

Ele observou atentamente o chão e continuou varrendo os minúsculos cacos de vidro.

— Vid — chamou Tiffany. — Fala sério. É um pouco... constrangedor, não é? Estar na quadra de basquete ao lado de um sujeito que já viu sua esposa tirar a roupa?

— Por que seria constrangedor? — Ainda no chão, ele olhou para ela. — Tenho orgulho de você. Provavelmente eu não iria querer ver a esposa dele tirando a roupa. Você foi para a cama com ele?

— Nunca fui para a cama com nenhum deles — falou Tiffany. — Você sabe disso.

Pensativo, Vid a encarou.

— Bem, então qual é o problema? — perguntou ele, por fim. — Você não era prostituta.

— Mas é uma escola particular de prestígio. Para algumas daquelas mulheres não deve haver grande diferença entre uma dançarina e uma puta. Se descobrirem, se ele contar para a esposa...

— Ele não vai contar para a esposa — afirmou Vid.

Ele ficou de pé e foi até a outra parte do chão, para onde as amêndoas haviam rolado.

— Talvez conte para a esposa, e então todas as meninas vão descobrir, e Dakota vai sofrer bullying, o que vai deixá-la em depressão, e em seguida viciada em drogas.

— Aquela droga, “ice”, essa sim é terrível — disse Vid. — Vamos dizer para ela se ater às drogas boas, as que relaxam, não as que deixam com vontade de arrancar a própria pele.

— Vid.

— Ele não vai contar para a esposa — afirmou Vid. — Aposto um milhão de dólares com você que ele não vai fazer isso. Mas e daí se contar? Todas as meninas vão dizer: “Ah, Dakota, você tem tanta sorte, sua mãe é muito talentosa, muito bonita, muito flexível.”

— Vid.

— Você não fez nada de errado. Roubou um banco, por acaso? Não, não roubou. E se a sua preocupação se tornar realidade, o que não vai acontecer, mas se acontecer e Dakota ficar infeliz, a gente tira ela da escola! Simples assim. Matriculamos em outra. Fala sério, nem todos os homens de Sydney viram você dançar. Vamos encontrar uma escola onde ninguém conheça você.

— As coisas não são tão simples assim — disse Tiffany.

— São simples se você quiser que sejam — retrucou Vid. Ele se levantou depois de varrer os últimos cacos de vidro. — Você está fazendo tempestade em copo d'água. Está procurando catástrofes. Do jeito que fez com o velho Harry rabugento aqui do lado...

— Isso não foi tempestade em copo d'água — disse Tiffany. — Nosso vizinho de porta morre e a gente nem percebe. Não é pouca coisa.

Vid deu de ombros.

— Está bem, então o que foi que Dakota disse no carro hoje? Estamos *arrepentidos*. Sim, estamos. Claro que estamos. Estamos arrependidos em relação a Harry. Deveríamos ter feito mais visitas a ele, mesmo quando batia a porta na nossa cara. E, se quiser, pode se arrepender da sua dança também, embora fosse boa nisso, gostasse, não machucasse ninguém e ainda ganhasse muito dinheiro, então, bom, eu acho que você mandava bem, mas, se quiser, pode ficar arrependida. Assim como nos arrependemos do que aconteceu com a pequena Ruby, sabe, claro que nos arrependemos. Todos nós ficamos péssimos. Todos nós gostaríamos que as coisas tivessem sido diferentes. Gostaríamos muito. A gente gostaria... Eu gostaria... de nunca ter convidado aquelas pessoas, para início de conversa, e gostaria de ter ficado de olho naquelas menininhas, de forma que não precisasse me lembrar do que aconteceu toda vez que passo no meu próprio jardim...

Ele fez uma pausa. Sua boca se moveu como se ele estivesse mastigando um pedaço de carne dura.

— Nunca vou me esquecer do rostinho pálido dela — falou Vid, por fim.

Ele conseguira controlar a voz, mas havia um grande brilho em seus olhos. Segurou com força a pá cheia de cacos de vidro e amêndoas com chocolate.

— Os lábios azuis dela. Durante todo o tempo que passei chamando a ambulância, eu só conseguia pensar: é tarde demais, é tarde demais. Ela se foi.

Ele virou o rosto e Tiffany fechou os olhos por um instante.

Haviam recebido uma multa na semana anterior e ela reconhecera imediatamente a data. Uma câmera devia tê-la fotografado ultrapassando o limite de velocidade quando levara Clementine ao hospital. Ela jamais se esqueceria daquilo. Era como um pesadelo que nunca passava. Ela e Clementine tinham vivido aquilo *juntas*. Não era certo que Tiffany e sua família fossem excluídas completamente da vida de Clementine.

Ela pensou em Dakota e em como a menina enterrara tão fundo seu remorso sem sentido a ponto de se tornar um fantasma assustador de si mesma.

— Certo — disse.

De repente ficou muito, muito brava.

— Onde estão as chaves? Vamos sair.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

DIA DO CHURRASCO

Tiffany percebeu o súbito e estranho silêncio do bairro. A polícia, os paramédicos e o helicóptero tinham ido embora. Domingo à noite no subúrbio. Hora de fazer dever de casa, de passar roupa, de assistir a *60 Minutes*.

Estava escuro. Os postes de luz tinham sido acesos. Elas estavam no jardim. Tiffany ia levar Clementine ao hospital. Já estava com a chave do carro na mão. Só um dos pais tivera permissão de entrar no helicóptero com Ruby, e Sam fora, o que significava que Clementine precisaria ir por conta própria ao hospital.

— Eu mesma posso dirigir — dizia Clementine.

Devia ter passado os dedos no cabelo, porque estava eriçado, formando uma auréola em torno da sua cabeça, como se ela tivesse levado um choque.

— Não, não pode. Deve ter passado do limite alcoólico, de qualquer maneira — disse Tiffany.

— Você não estava bebendo? — indagou Clementine.

— Só tomei uma cerveja light — respondeu Tiffany.

— Ah — disse Clementine. Ela mordeu o lábio e Tiffany notou que chegara a sangrar. — Certo.

O plano era que Oliver e Erika cuidassem de Holly, mas na verdade só Oliver, porque era óbvio que Erika não estava bem, embora finalmente tivesse parado de tremer.

— Vou levar essas duas moças para o sofá, colocar um DVD e fazer pipoca — disse Oliver.

As roupas do coitado ainda estavam molhadas.

De repente Clementine passou os braços em torno de Oliver com tanta efusão que quase o derrubou.

— Eu nem ao menos agradei — disse ela apoiada no peito dele. — Não agradei a vocês dois. — Sua voz carregava uma emoção tão pura que era quase dolorosa de ouvir.

Ela estendeu um braço em direção a Erika, para abraçá-la, mas Erika deu um passo para trás.

— Ajeite o cabelo, Clementine — disse ela, alisando com ambas as mãos as mechas

em torno do rosto da amiga. — Assim vai assustar Ruby. Você está parecendo uma bruxa.

— Obrigada — falou Clementine com a voz trêmula. — Certo.

Ela se abaixou até ficar da altura de Holly.

— Comporte-se com Oliver e Erika, está bem? E, hum, talvez você possa ficar essa noite na casa da vovó!

— Oba! — exclamou Holly. Depois acrescentou: — Ruby também?

— Acho que hoje vai ser só você, Holly — disse Clementine.

Ela ergueu os olhos para o céu onde o helicóptero acabara de desaparecer e apertou o cardigã ao redor do corpo. Holly olhou para a mãe e seu lábio inferior tremeu.

— Vamos, Holly — disse Oliver, segurando sua mão. Ele olhou para Tiffany. — Hum... obrigado pela hospitalidade, Tiffany. Vid.

Vid deu um tapa em seu ombro.

— De nada, cara.

Oliver acompanhou Holly até a calçada, falando do filme que iriam ver.

— Você vai ligar para a gente?

Erika colocou a mão no braço de Clementine e Tiffany percebeu que aquilo era sua versão de um abraço. Sua irmã Karen era igualzinha.

— Não acredito que ela está naquele helicóptero. — Clementine olhou para o céu. — *Eu* é que deveria ter ido com ela, não Sam. Não sei por que deixei que ele fosse... E se, e se...

— Pare com isso — disse Erika. — Quem se importa com quem foi no helicóptero? Ela está sedada. Nem sequer vai lembrar. Ande logo. Não preciso dar um tapa na sua cara, não é?

— O quê? — disse Clementine, piscando. — Não!

— Então ligue para a gente, ok? — falou Erika.

— Claro que vou ligar — retrucou Clementine, irritada.

As duas pareciam mesmo irmãs.

Enquanto Erika seguia Oliver e Holly até a calçada, Vid saiu de casa descalço, com os sapatos molhados na mão e a carteira de Tiffany, seguido por Dakota.

— Bem. Então. Esperamos que a pequena Ruby esteja bem, que volte logo a ser aquela menina brincalhona. Tenho certeza de que isso vai acontecer — disse ele a Clementine. — Você tem plano de saúde, certo? Diga a eles que quer os melhores médicos. Nada de estagiários.

Coitado de Vid. Ele não brilhava em situações como aquela. Tiffany notava a tensão em seus ombros, como se ele estivesse se preparando para uma briga. Era como se seu corpo inteiro resistisse a emoções negativas.

Clementine observou Vid. O rosto dela se contorceu por causa de algum sentimento

indecifrável.

— Sim — disse formalmente. — Obrigada. — Olhou para Tiffany. — Podemos...

— Claro — afirmou Tiffany.

Ela apontou o controle remoto do chaveiro para o portão da garagem para abri-lo e, ao fazê-lo, viu Dakota abrir a boca corajosamente e começar a dizer algo a Clementine, porém Clementine passou reto pela menina, com os olhos fixos no carro, visivelmente desesperada para chegar ao hospital o mais rápido possível.

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

— Vou só passar rapidinho na casa dos vizinhos — disse Erika a Oliver quando chegou em casa. — A psicóloga acha que o melhor jeito de recuperar minha memória é “voltar à cena do crime”, por assim dizer.

— Não houve crime — retrucou Oliver depressa.

Ele estava de pé, vestido, e chupava uma pastilha para tosse.

— É uma figura de linguagem — disse Erika. — Por isso falei *por assim dizer*.

— Acho que Vid e Tiffany não estão em casa — disse Oliver. — Quando você chegou vi que eles saíram de carro.

— Eu sei, também vi. Na verdade, prefiro ir lá na ausência deles — afirmou ela. — Menos distrações.

— O quê? Você não pode entrar lá quando eles não estão em casa — disse Oliver. — É invasão de propriedade.

— Ah, pelo amor de Deus, Vid e Tiffany não se importariam — falou Erika. — Bastaria explicar... Bem, bastaria explicar o que eu estava fazendo.

Seria estranho, mas valeria a pena. Ela queria recuperar de alguma forma o dinheiro que investira na sessão com Não é Pat.

— E está chovendo — observou Oliver.

Ele estava prendendo a pastilha entre os dentes.

— Não há razão para ir até lá na chuva. Não estava chovendo naquele dia. — Ele engoliu a pastilha de repente e lhe lançou um olhar severo. — Você não vai se lembrar de nada se ficar parada no jardim deles. Estava bêbada, só isso. Já falei... Bêbados esquecem as coisas. É perfeitamente normal.

— E eu já falei que fiquei bêbada por causa do *remédio* — afirmou Erika.

Não desconte seus problemas de infância em mim.

— Como ou por que você ficou bêbada não é relevante, estou só avisando — disse Oliver. — Não vai ajudar. Vamos lá. Essa ideia é maluca. Fique aqui. Conte sobre a casa da sua mãe. Estava muito ruim?

— Não vou demorar — retrucou Erika, indo até a porta da frente. — Já volto. Conto sobre minha mãe quando voltar.

— Fiz frango com curry para o jantar.

Oliver continuou falando enquanto a seguia. Segurou a porta quando ela a abriu.

— Comecei a me sentir um pouco melhor hoje à tarde, e eu não sabia se a gente tinha leite de coco, mas tinha. Ah, quase esqueci: a polícia passou aqui hoje! Para conversar sobre Harry. Não estão conseguindo encontrar...

— Guarde todas essas informações!

Ela pegou o guarda-chuva. Oliver não costumava ser tão tagarela, mas passar o dia em casa porque estava doente sempre lhe dava vontade de conversar. Além disso, Erika tinha a impressão de que os remédios para gripe e resfriado o deixavam um pouco hiperativo, mas nunca poderia lhe dizer isso por causa do horror que ele tinha de ser afetado por remédios e álcool. Ficava fofo tagarelando.

Ela se apressou sob a chuva, atravessando o jardim em direção à entrada da casa de Vid e Tiffany. Primeiro tocou a campainha, só para cumprir uma formalidade, caso houvesse alguém em casa, ou caso alguém, em algum lugar, a observasse escondido, embora o único vizinho capaz de fazer uma coisa dessas fosse Harry, e ele estava morto. Ela esperou por um minuto, então deu a volta para ir até o jardim dos fundos. Enquanto percorria o caminho que ladeava a casa, as luzes de segurança se acenderam automaticamente, dando uma tonalidade dourada à chuva. Ela ficou torcendo para não acionar nenhum alarme.

Todas as luzinhas do jardim estavam acesas, e Erika se lembrou de Tiffany dizendo que eles tinham um sistema automatizado. A mera visão das luzinhas causou um dilúvio de memórias sensoriais daquela tarde. Ela sentia o cheiro das cebolas caramelizadas de Vid que Clementine gostara tanto. Sentia o chão oscilando delicadamente sob seus pés. A confusão em sua mente. Estava *funcionando*. Não é Pat era genial e valia cada centavo.

Não se distraia, lembrou a si mesma. Concentre-se, mas não se concentre demais. Relaxe e lembre.

Ela havia percorrido aquele caminho, saindo da porta dos fundos. Carregava os pratos azuis e brancos. Ficara olhando para os pratos. Gostara deles. Chegara a *cobiçá-los*. Minha nossa, ela não levou os pratos embora, levou? Não. Ela os deixara cair. Lembrou-se disso.

A música. Havia música, e mais baixo que a música, ou mais alto, havia um som, um som urgente, que tinha alguma ligação com... Harry. Ah, por que ela sempre voltava a Harry? O que isso significava? Só porque ele tinha ligado mais cedo, pedindo que abajassem a música?

Ela seguiu mais um pouco pelo caminho. Não conseguia ver o chafariz dali. E precisava ver o chafariz. Seu coração batia no ritmo da chuva que caía no guarda-chuva.

Ela parou, confusa. Onde estava o chafariz? Virou-se para a esquerda. Virou-se para a direita. Deixou o guarda-chuva cair para trás da cabeça e estreitou os olhos sob a chuva.

O chafariz sumira. Não havia nada além de uma laje feia e vazia de concreto onde antes ficava o chafariz. As memórias de Erika se dissolviam, desaparecendo, sendo lavadas pela

chuva como se fosse um desenho de giz numa calçada, e ela apenas se sentia friorenta, molhada e idiota.

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

Clementine seguiu Sam até o quarto deles, onde ele pegou uma camisa na gaveta e a vestiu sem pensar. Tirou a calça do trabalho e colocou uma calça jeans. Seus movimentos eram abruptos, feito um drogado cheio de tiques que precisava muito de uma dose. Ele evitava o olhar da esposa.

— Você está falando sério? Sobre separação? — perguntou ela.

— Provavelmente não — respondeu ele, dando de ombros, como se não se importasse com a situação do casamento deles.

Ela estava tão inquieta que não conseguia regular a respiração. Era como se tivesse esquecido como era o processo. Prendia a respiração, depois fazia inspirações abruptas e curtas.

— Pelo amor de Deus, você não pode simplesmente dizer uma coisa dessas! — exclamou ela. — Você nunca... Nós nunca...

Ela queria dizer que eles nunca haviam usado palavras como “separação” e “divórcio”, nem mesmo nas piores brigas e gritarias. Berravam coisas como “Você é impossível!”, “Você não pensa!”, “Você é a mulher mais irritante da história das mulheres irritantes!”, “Odeio você!”, “Odeio ainda mais você!”. E sempre, sempre usavam a palavra “sempre”, mesmo que a mãe de Clementine tivesse dito que nunca se devia usar essa palavra durante uma discussão com o cônjuge, como, por exemplo: “Você sempre se esquece de encher a garrafa d’água!” (Mas Sam sempre esquecia. Era uma afirmação correta.)

No entanto, eles nunca haviam admitido a possibilidade de que o casamento chegasse ao fim. Podiam bater os pés, gritar e mesmo assim ter a certeza de que o andaime de suas vidas era firme como pedra. Paradoxalmente, aquilo lhes dava permissão de gritar ainda mais alto coisas mais idiotas, mais bobas e mais irracionais para simplesmente deixar os sentimentos circularem livremente entre eles, porque tudo ficaria bem na manhã seguinte.

— Desculpe — disse Sam. — Eu não devia ter dito aquilo.

Ele a encarou e exibiu uma expressão de puro cansaço. Por um instante, era ele outra vez, não aquele desconhecido frio e estranho.

— Só fiquei chateado com a possibilidade de Dakota ir à festa de Holly. Não quero que Holly tenha qualquer relação com aquela família.

— Não são más pessoas — disse Clementine, distraíndo-se momentaneamente do assunto por causa do desprezo na voz de Sam.

Clementine não queria ver Vid e Tiffany porque eles a faziam lembrar o pior dia de sua vida. Ela estremecia só de pensar neles, da mesma forma que alguém estremece só de pensar em alguma comida ou bebida que tenha consumido em excesso a ponto de vomitar. Mas ela não os desprezava.

— Olhe, não são o tipo de pessoa que gostamos — afirmou Sam. — Para ser sincero, não quero que minha filha se relacione com pessoas feito eles.

— O quê? Porque ela já foi dançarina? — indagou Clementine.

— Ela já foi stripper — corrigiu Sam com tanta repulsa que fez Clementine sentir uma vontade imediata de defender Tiffany.

Seria fácil demais colocar Tiffany em uma caixinha específica como “certo tipo de pessoa” e decidir que aquela dose poderosa de desejo que Clementine sentira quando Tiffany oferecera uma *lap dance* tinha sido apenas um truque do seu corpo, uma reação involuntária, como usar um vibrador. Seria fácil determinar que o comportamento de Clementine fora repulsivo, que ela era repulsiva e que tudo o que acontecera era simplesmente muito repulsivo. Mas isso era tirar o corpo fora. Era como dizer que o que havia acontecido com Ruby jamais poderia ter acontecido se estivessem em um churrasco com “o tipo certo de pessoas”. Claro que ainda poderia ter acontecido se estivessem distraídos com uma conversa sobre filosofia, política ou literatura premiada.

— Tiffany é legal. Muito legal! Eles são pessoas legais! — disse ela.

Pensou em Vid e Tiffany e na maneira calorosa e amigável com que os haviam recebido naquela noite. Os dois agiam de forma tão descaradamente natural. Não havia subterfúgio, dissimulação.

— Na verdade, são dois fofos.

— Fofos! — exclamou Sam. — Você enlouqueceu? Não faz ideia do que está falando. Eu já *fui* a boates de striptease. Você já foi?

— Não, mas e daí?

— São lugares repulsivos, deprimentes. Não são nada glamorosos. Não são nada sexy. Você não tem a menor noção da realidade. Sério.

Essa era apenas mais uma versão da discussão contínua do casamento deles. Sam tinha noção da realidade. Aparentemente, Clementine, não. Sam queria chegar cedo ao aeroporto. Clementine queria ser a última pessoa a embarcar. Sam queria reservar com antecedência. Clementine queria deixar rolar. Isso costumava ser equilibrado. Costumava ser uma piada.

— *Sério* — zombou Clementine, imitando o tom de voz dele, baixinho.

— Sério — afirmou ele. — Ninguém quer estar lá. Nem as meninas, nem os clientes.

— Ah, sei, *ninguém* quer estar lá — repetiu Clementine.

A palavra “clientes” a irritava (o tipo de palavra usada por um velho conservador), ou será que atualmente tudo nele a irritava?

— Então suponho que você e os outros *clientes* fossem obrigados a ir lá?

— Na maioria das vezes, um dos homens de um grupo de bêbados diz: vamos fazer isso de brincadeira. Aí você vai e é engraçado, mas então vê todas aquelas mulheres sérias girando em torno de uma barra e percebe que é sórdido, nojento...

— É, Sam, está bem, porque você realmente parecia cheio de *nojo* de Tiffany naquela noite — disse Clementine.

Aquilo era loucura. Era o auge do revisionismo histórico, e essa não era a especialidade de Sam desde *sempre*? Ela não dizia o tempo todo que gostaria de que houvesse um filme da vida deles para poder rebobinar e provar que ele de fato dissera o que negava ter dito?

— Você estava rindo. Estava encorajando Tiffany. Gostou dela, não finja que não. Eu sei que gostou.

Clementine se arrependeu do que falou assim que concluiu a frase, porque o conhecia tão bem que notou como suas palavras o haviam atingido.

— Você está certa. E tenho que conviver com isso — disse ele. — Tenho que conviver com isso para sempre, mas não significa que quero socializar com ela. Sabe que provavelmente ela era prostituta, não é?

— Não era! Dançar era só um trabalho. Um trabalho divertido.

— Como você sabe? — indagou Sam.

— Nós conversamos sobre isso. Enquanto ela me levava de carro até o hospital.

Sam fez uma pausa.

— Então a caminho do hospital você teve uma conversa divertida sobre a época em que Tiffany era stripper enquanto Ruby... enquanto Ruby... — Sua voz falhou. Ele respirou fundo e voltou a falar quando se recuperou. — Que ótimo. Que *inocente*.

A raiva foi tão forte, involuntária e extraordinária quanto uma contração. Ela levou um instante para recobrar o fôlego. Ele estava questionando seu amor por Ruby. Insinuava que, de alguma forma, ela traía Ruby, que não se importava, que seu amor era inferior ao dele e, na verdade, pensando bem, ele não insinuava isso sempre, que amava mais as crianças do que ela, porque se preocupava mais, porque ficava mais em cima das meninas?

— Você não faz ideia de como foi o caminho até o hospital — retrucou Clementine com cautela. Notou que sua fala estava sendo alterada pela raiva que tentava conter, portanto cada palavra saía estranha. — Foi a pior...

Sam ergueu a mão como se pedisse uma pausa.

— Não estou nem um pouco interessado nisso.

Clementine levantou as mãos, frustrada, e em seguida as deixou cair. A relação deles

estava ficando muito distorcida e complicada, a ponto de parecer que estavam perdidos na floresta densa de um conto de fadas e ela não conseguisse descobrir como abrir caminho para voltarem ao lugar que sabia ainda existir; o lugar onde, sem dúvida, eles ainda se amavam.

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

DIA DO CHURRASCO

Tiffany dirigia a toda velocidade a caminho do Hospital Infantil Westmead enquanto Clementine ligava para os pais e os sogros. Foram ligações breves, porém terríveis de se ouvir. Clementine começou a chorar assim que escutou a voz da mãe. Tiffany ouvia a pobre mulher gritando ao telefone: “O que houve? O que aconteceu? Pelo amor de Deus, Clementine, pare de chorar e me *diga!*”

Após os telefonemas, elas ficaram em silêncio no carro enquanto Clementine fungava ruidosamente, com o celular no colo e o rosto virado para a janela.

Por fim, Tiffany falou:

— Sinto muito mesmo.

— Não é culpa sua — disse Clementine. — É culpa nossa. Culpa minha.

Tiffany ficou quieta, com os olhos fixos na estrada à sua frente. E se uma menininha tiver morrido porque Tiffany ainda gostava de ser admirada? Porque sabia que Vid gostava? Porque se achava tão incrivelmente *provocante*?

— Eu estava distraíndo você — afirmou ela.

Queria que isso ficasse registrado antes que alguém a acusasse.

— Fui eu que comecei — retrucou Clementine, sem emoção. Ela se virou e olhou pela janela. — Minha filha. Minha responsabilidade.

Tiffany não sabia o que dizer. Não era como disputar uma conta de restaurante. *Não, eu insisto! Pode deixar que eu pago essa.*

— Passei a tarde inteira prestando atenção nas meninas — falou Clementine. — Eu sabia exatamente onde as duas estavam o tempo todo. Com exceção daquele instante. Sam acha que não sou tão cuidadosa quanto ele, mas eu estava de olho nelas. Estava, sim.

— Claro que estava. Eu sei que estava — disse Tiffany.

— Ela deve ter ficado tão assustada... — continuou Clementine. — Quando a água...

Tiffany olhou para o lado e reparou que Clementine estava se balançando, com o punho cerrado encostado na boca e o cinto de segurança esticado no peito.

— Ela deve ter engolido toda aquela água e entrado em pânico e...

Ao parar no sinal de trânsito, Tiffany se esforçou para entender todas as palavras.

Clementine se inclinou para a frente e apoiou os braços no painel do carro, como se estivesse adotando a posição de quem se prepara para o impacto em um acidente de avião. Então recostou-se de novo e pressionou com força as mãos no abdômen, gemendo, fazendo Tiffany pensar em uma mulher em trabalho de parto.

— Respire fundo — disse Tiffany. — Inspire pelo nariz, expire pela boca. Faça um som estridente, assim: *Ha*.

Clementine obedeceu.

— Eu faço ioga às vezes — explicou Tiffany. Tudo o que ela podia fazer era distraí-la. — Você faz ioga?

— Sempre pretendo começar — falou Clementine.

— Levei Vid uma vez — contou Tiffany. — Foi a coisa mais engraçada que já vi.

— O que é aquilo ali na frente? — indagou Clementine. — Por favor, me diga que não é engarrafamento.

— Com certeza não é — disse Tiffany. Ela observou a fileira de luzes vermelhas de freio acesas logo à frente e ficou desapontada. — Não a essa hora da noite. Não pode ser.

*

Clementine não conseguia acreditar no que estava vendo. Era como se o universo estivesse brincando com ela, rindo dela, castigando-a.

— Está de brincadeira — disse, quando pararam atrás de um carro.

Ela se virou no banco. Os carros também estavam parando atrás delas, um após o outro, todos completamente imóveis. A pista ao lado também parou. Estavam presas em um mar de metal.

— Se houver uma rua lateral mais à frente — disse Tiffany, batendo o dedo na tela do GPS do carro —, a gente pode virar e procurar outro caminho, mas não estou achando a...

— Eu devia ter ido com Ruby — interrompeu Clementine.

Ela e Sam não haviam discutido quando o médico dissera que só um dos pais poderia ir no helicóptero.

“Eu vou”, respondera ele sem nem sequer olhar para Clementine.

Geralmente era a mãe que ia, é claro. Crianças precisavam da mãe quando ficavam doentes. Só porque Sam era quem levava as meninas para tomar vacina não significava que ele ocupava o primeiro lugar da fila durante emergências médicas. Elas chamavam “Mamãe!” quando estavam doentes à noite, e era Clementine quem se sentava com elas e as abraçava enquanto Sam ia pegar a dose do remédio. Por que ela ficara passivamente de lado e o deixara ir? Era a *mãe*. Clementine devia ter ido. Sentia desprezo por si mesma por

não ter insistido. E desprezava Sam por não ter lhe dado opção.

— Ai, meu Deus — disse ela em voz alta. Seu estômago se contraiu violentamente.
— Não estamos saindo do lugar.

As luzes de freio do carro à frente se apagaram e Tiffany se debruçou sobre o volante cheia de esperança. Elas avançaram alguns centímetros e pararam logo em seguida. Atrás delas, uma buzina soou e outra respondeu com um som agudo, furioso e exagerado.

— Ah, puta merda — resmungou Clementine. — Puta merda, puta merda, puta merda.

Ela não conseguia ficar parada. Puxou a tira diagonal do cinto de segurança. Tinha a sensação de estar sendo fisicamente impedida de ver Ruby. A necessidade de estar com a filha naquele exato instante era avassaladora. Ela queria gritar. Sentia os braços tensionando por causa da vontade de segurá-la.

— Ela está em boas mãos — afirmou Tiffany. — Certa vez minha sobrinha ficou na UTI do Westmead e minha irmã disse que eles foram incríveis. Ela ficou muito... hum, impressionada e... — E se calou.

Clementine olhou pela janela e então a abriu para deixar que um pouco de ar entrasse. Imaginou-se abrindo a porta e correndo. Não havia calçada. Ela simplesmente sairia correndo pela autoestrada, passando por todos aqueles carros horríveis e idiotas, gritando: “Saíam da minha frente!”

— Vou ver se estão dando informações sobre o trânsito.

Tiffany ligou o rádio. Ela apertou os botões, passando por fragmentos de som até finalmente encontrar algo que parecia um noticiário.

— Vamos lá — disse Tiffany para o rádio.

Por fim, elas ouviram:

— *Um acidente envolvendo três carros* — disse alegremente “Vince, o repórter de trânsito” do seu ponto de vista em um helicóptero.

Mais uma pessoa em um helicóptero.

— *O trânsito está parado. É inacreditável! Não é uma noite de domingo comum! Parece o engarrafamento da hora do rush de uma segunda-feira de manhã.*

Tiffany desligou o rádio.

— Então essa é a confirmação de que estamos em um engarrafamento — afirmou ela. Ficaram sentadas em silêncio.

O carro diante delas se moveu, depois parou quase imediatamente.

— Eu não posso... Tenho que... — Clementine tirou o cinto. O teto do carro estava muito próximo de sua cabeça. — Preciso sair, não posso simplesmente ficar aqui sentada.

— Não há para onde ir.

Tiffany parecia apavorada.

— Estamos andando. Olhe! Estamos andando. Vai melhorar.

— Você viu como ela estava pálida? — perguntou Clementine. — O rosto estava tão pálido... Normalmente as bochechinhas dela são coradas. — Sentia o autocontrole derrapando, como se fosse um pé escorregando no cascalho. Olhou para Tiffany. — Fale sobre outra coisa. Qualquer coisa.

— Está bem — disse Tiffany. — Hum.

Clementine não estava suportando aquela situação.

— Vou fazer um teste em breve. Um teste muito importante. Era a coisa mais importante da minha vida hoje de manhã. Você teve que fazer um teste para se tornar dançarina? — Ela tapou o rosto com as mãos e, por entre os dedos, acrescentou: — E se ela parar de respirar outra vez?

— Acho que ela não tem como parar de respirar, porque está entubada — disse Tiffany. — Para ajudá-la a respirar.

A fila de carros andou de novo. Parou.

— Puta merdaaaaa!

Clementine bateu o punho cerrado no painel do carro.

— Eu tive que fazer um teste, sim — falou Tiffany rapidamente. — Para ser contratada na boate. Fui com minha amiga Erin. Caso contrário, acho que teria desistido.

Ela parou de falar.

— Continue — pediu Clementine. — Continue falando. Por favor, continue falando.

— Então aparecemos na boate, e achei que teríamos dificuldade em levar aquilo a sério, mas havia uma mulher encarregada do teste. O nome dela era Emerald Blaze. Eu sei. Parece cômico, mas, sinceramente, ela era ótima. Assim que a vimos, levamos tudo muito a sério. Era uma dançarina incrível, se mexia em câmera lenta. Me fazia pensar em seda. Seda escorregadia. Quase sexy demais. Como se estivéssemos vendo algo que não devíamos ver. Ela disse: “Meninas, o segredo não é fazer truques requintados na barra. É provocar.” Esse conselho me rendeu muito dinheiro. Então a primeira coisa que tínhamos que fazer era subir no palco, andar em torno da barra e sair. Não parece grande coisa, mas era aterrorizante saber que todas as meninas estavam nos olhando e julgando, e é claro que ainda não estávamos acostumadas com os saltos altos... Achei que ia cair... E o que mais? Lembro que Emerald tinha toda uma questão sobre não sermos nós mesmas. Era preciso inventar um nome artístico e uma história de vida. Devo parar?

— O quê? — Clementine massageou a barriga com os punhos cerrados. Os carros avançaram centímetros. — Não. Por favor, não pare. Continue falando. Qual era o seu nome artístico?

— Barbie. Meio constrangedor. Eu adorava minhas Barbies.

— Por favor, continue falando.

Então Tiffany falou.

Falou sobre o som grave da batida do baixo na música e da névoa de fumaça de cigarro, falou sobre drogas, sobre as meninas e as regras, e como ela ficara muito boa em pole dance, conseguia fazer vários movimentos giratórios e se segurar perpendicularmente à barra, embora seus ombros ficassem doendo depois, mas ela participara de competições de ginástica artística na infância, então...

Clementine pensou nas aulas de ginástica artística de Holly. Talvez estivesse na hora de ela começar a aprender violino.

O carro avançou alguns centímetros.

— Continue — disse ela.

Tiffany obedeceu.

Falou sobre a vez em que tivera de apertar o botão de pânico no meio de uma apresentação particular, mas que fora realmente a única vez em que não se sentira segura. Contou sobre o advogado que só queria ficar ali sentado segurando carinhosamente os pés dela, e que ela o vira algumas semanas depois sendo entrevistado na TV sobre um caso. E falou sobre o sujeito de aparência desleixada, com camisa polo desbotada, que na verdade era muito rico e distribuía pilhas de dólares de gorjeta, diferentemente dos banqueiros de ternos caros que provocavam com uma única moeda de dois dólares, pelo amor de Deus. E contou sobre os jovens do interior que iam ao caixa eletrônico para pegar mais dinheiro e reservar o tempo de Tiffany outra vez até que ela finalmente dissesse: “Rapazes, já chega. Não tenho mais nada para mostrar a vocês.” E a celebridade de quinta que costumava reservar Erin e ela para fazerem apresentações no chuveiro e dizia: “Bravo! Bravo!”, como se estivesse numa ópera.

— Ou na orquestra sinfônica.

Tiffany olhou de soslaio para Clementine.

— Apresentações no chuveiro? — indagou Clementine.

— É, em que você toma banho enquanto o cliente fica sentado no sofá, observando você passar a esponja ou só ensaboar outra garota se forem duas. Eu gostava das apresentações no chuveiro. Era muito quente na boate e ficávamos suando. Era um alívio me refrescar.

— Sei — disse Clementine.

Minha nossa senhora. Apresentações no chuveiro. Ela ficou achando que ia passar mal. Havia uma grande possibilidade de que fosse passar mal.

— Devo parar de falar agora? — indagou Tiffany.

— Não — respondeu Clementine. Ela fechou os olhos, visualizou Ruby, e os abriu novamente. — Continue falando! — exigiu em um tom de voz mais alto.

E então, durante os vinte minutos surreais que se seguiram, enquanto Clementine

fixava o olhar nas luzes de freio do carro à frente, desejando que sumissem, Tiffany ficou falando sem parar, e as palavras inundaram Clementine, que toda hora perdia o fio da meada, ouvindo apenas fragmentos: *os pódios nos quartos privados eram muito duros, então a gente levava um tapetinho macio... Algumas garotas precisavam beber para trabalhar, mas eu... competitiva, certa noite pensei: que se dane...*

Até que elas finalmente alcançaram os cones de trânsito, as fortes luzes brancas piscando e o reboque que lentamente erguia pelo para-choque um carrinho vermelho deformado em um ângulo estranho. Um policial acenou para que elas seguissem em frente. E Tiffany falou, com um tom de voz subitamente alterado:

— Muito bem.

Então ela pisou com força no acelerador, e nenhuma das duas disse nem mais uma palavra até chegarem ao estacionamento do hospital.

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

— E aí, funcionou? Você se lembrou de mais alguma coisa? — indagou Oliver.

Estavam sentados à mesa de jantar, comendo o frango ao curry que ele preparara. Lá fora, a chuva se tornara uma garoa, como se estivesse considerando parar, mas Erika não iria cair nessa. Não havia nada além do necessário na mesa de mogno polido: talheres lustrosos, descansos de pratos, copos de água gelada sem manchas nos descansos de copo. Sentar-se para comer em uma mesa como aquela era algo que os dois valorizavam. Antes de comer, eles se entreolhavam por um breve instante de reconhecimento, um momento tácito de gratidão pelo espaço e pela ordem.

— Não — disse Erika. — O chafariz não está mais lá. Cobriram de concreto. O jardim parece cicatrizado. Foi meio triste.

— Imagino que eles não queriam ter a lembrança — sugeriu Oliver.

— Mas eu queria — disse Erika.

Ela largou cuidadosamente o garfo e a faca. (“Pare de gesticular com os talheres!”, Pam costumava dizer a Clementine e seus irmãos; Erika era a única que obedecia. Clementine ainda gostava de usar o garfo para enfatizar sua opinião.)

— É — falou Oliver. — Eu sei.

— Escrevi tudo, sabe? Tudo que lembro e não lembro.

Na verdade, ela digitara tudo em um documento no Word (salvo como “Memória.doc”) na esperança de que tratar aquilo como um problema profissional pudesse trazer uma solução profissional.

— Boa ideia — disse Oliver.

Ele estava escutando o que Erika dizia, mas ela percebeu que ele também estava prestando atenção no som da chuva caindo das calhas que transbordavam água na varanda dos fundos. Estava com medo de que as vigas fossem apodrecer.

— Eu me lembro de sair da casa deles com os pratos — disse Erika.

Suas lembranças pareciam lampejos velozes de uma luz estroboscópica: acesas, apagadas, acesas, apagadas.

— E então, no instante seguinte, estou dentro do chafariz e você também... Estamos levantando Ruby entre nós, mas não me lembro de nada nesse meio-tempo. É um branco total. Não me lembro de ter visto Ruby, ou de ter chegado ao chafariz. De repente, eu

estava lá *dentro*.

— Você derrubou os pratos e saiu correndo — contou Oliver. — Gritou o nome de Clementine e saiu correndo. Vi você correndo.

— Mas por que não lembro? — perguntou Erika. — Por que não me lembro de pensar: “Ai, meu Deus, Ruby está no chafariz?” Como posso ter me esquecido disso?

— O choque, o álcool, o remédio... Todas essas coisas — disse Oliver. — Sinceramente, acho que você deve deixar para lá.

— É — falou Erika, suspirando e pegando novamente os talheres. — Eu sei. Você tem razão.

Nesse momento ela deveria dizer a ele que Clementine aceitara ser a doadora de óvulos. Era cruel esconder uma informação que o deixaria muito feliz.

— Como estava a casa da sua mãe hoje? — perguntou Oliver.

— Pior do que nos últimos tempos.

— Sinto muito — disse ele. — E sinto muito que você tenha ido sozinha.

— Tudo bem. Não fiz muita coisa. Meio que desisti. A má notícia é que a vizinha dela está vendendo a casa.

— Certo — falou Oliver, mastigando cuidadosamente. — Então temos um problema. Observou-o ponderar a situação.

— Ela foi gentil — disse Erika.

— Vamos ter que agir com ela — afirmou Oliver. — Descobrir quando exatamente vai colocar a casa para vender, os horários das inspeções.

— Tenho a impressão de que talvez minha mãe acabe sabotando a vizinha de propósito — disse Erika. — Só de maldade.

— É possível — concordou Oliver.

Ele também crescera rodeado de uma malícia sem propósito, mas aceitava aquilo como aceitava o clima enquanto Erika ainda resistia, ainda se ressentia, tentando encontrar um significado por trás de tudo. Pensou na risada da mãe quando o saco de lixo rasgou. Por que ela acharia graça? Como aquilo podia ser engraçado?

— Vamos dar um jeito — disse Oliver. — Vamos ignorar o lado de dentro e nos focar na parte externa. É só isso que importa até a vizinha vender a casa.

Ele sempre fora gloriosamente calmo com o problema de Sylvia.

Quando percebera que Erika ficava estressada sempre que visitava a casa da mãe, o que costumava acontecer cerca de duas vezes por semana, a princípio insistira que ela simplesmente se recusasse a ir até lá, mas a responsabilidade que Erika sentia em relação à mãe não permitia que ela fizesse isso. Precisava conferir se as condições de vida de Sylvia não tinham se tornado uma ameaça à saúde ou se havia risco de incêndio. Então Oliver elaborou um plano, fazendo uma planilha, claro, estabelecendo um cronograma de visitas.

A ideia era que Erika fosse à casa da mãe apenas seis vezes ao ano, na companhia de Oliver, e toda vez que fossem teriam reservado pelo menos seis horas para isso e estariam armados e prontos para a batalha, com luvas, máscaras e sacos de lixo. Não haveria mais a possibilidade de ir “jantar” lá, como se Sylvia fosse uma mãe normal. Aqueles convites para jantar haviam sido uma tremenda piada de mau gosto. Sylvia prometia que ia preparar uma comida da infância de Erika — muito, muito tempo atrás, antes que a cozinha desaparecesse, ela fora boa cozinheira —, mas a comida nunca, jamais havia se materializado, porém, ainda assim, uma parte de Erika acreditava que isso aconteceria, mesmo sabendo perfeitamente que já não dava para usar a cozinha de Sylvia. “Eu estava um pouco cansada”, dizia Sylvia. “Vamos pedir comida?” Essas noites sempre terminavam com uma gritaria sobre o estado da casa. Hoje em dia, Erika não implorava mais para a mãe procurar ajuda profissional. Oliver a ajudara a entender que Sylvia nunca iria mudar. Nunca seria curada. Ele lhe dissera: “*Você* deve procurar ajuda profissional. Não pode mudá-la, mas pode mudar sua reação a ela.” Portanto, fora isso que ela fizera.

Ele seria o pai mais maravilhoso, calmo e sábio. Ela o imaginava explicando o mundo para o filho, um menininho com os impressionantes olhos azuis de Ruby e Holly, sentado à mesa com eles, com o próprio descanso de prato e copo d’água. O filho deles jamais precisaria comer sentado na cama porque a mesa da sala de jantar havia desaparecido debaixo de pilhas de lixo. Os amigos do filho poderiam ir à casa deles para brincar a qualquer hora. Qualquer hora! Até mesmo na hora do jantar. Eles teriam descansos de prato extras.

Esse era o plano. Esse era o sonho. Dar a uma criança o valioso presente de uma infância comum. O problema era que ela via Oliver no sonho com muito mais clareza do que via a si mesma.

Conte a ele, pensou ela. Conte logo. Ele merece.

— Clementine ligou outra vez hoje — falou. Uma mentirinha inocente. — Quando eu estava na casa da minha mãe.

Oliver ergueu a cabeça e ela viu sua esperança nua e crua, o que a deixou enjoada.

— Ela aceitou — disse. — Doar os óvulos.

Deixe-a fazer isso. Eles haviam salvado a vida de Ruby. Uma vida por outra. Clementine tinha uma dívida com eles. Deixe-a fazer isso.

Oliver colocou cuidadosamente o garfo e a faca cada um de um lado do prato. Seus olhos brilhavam.

— Você acha... — começou. — Tem medo de que ela esteja oferecendo pelos motivos errados? Por causa de Ruby?

Erika deu de ombros. O movimento pareceu artificial. Ela não ia contar a ele o que entreouvira. Só o deixaria chateado. E a envergonhava. Não queria que Oliver soubesse

que sua amiga mais próxima não gostava dela de verdade.

— Ela disse que não tem nada a ver com o que aconteceu, mas aposto que a gente nunca vai saber, não é? De qualquer maneira, é uma troca justa. Nós salvamos Ruby, ela nos dá um bebê.

— Hum... Você está brincando? — perguntou Oliver.

— Não sei se estou brincando — respondeu Erika, pensativa. — Talvez eu esteja falando sério. *Salvamos* a vida da Ruby. Isso é um fato. Por que eles não poderiam retribuir fazendo algo por nós? E por que as motivações dela importam?

Oliver refletiu.

— Importam, sim — disse. — Não? E se ela não estiver realmente à vontade com isso? E se só estiver aceitando por causa da situação?

— Bem, de qualquer jeito ela tem que conversar com o psicólogo da clínica — comentou Erika. — Antes que o processo siga em frente. Com certeza é ele quem tem que conversar com ela sobre esse tipo de coisa. As motivações dela, o... psicológico dela.

Oliver relaxou a testa. Havia um procedimento a ser seguido. Especialistas decidiriam.

— Você tem razão — disse ele com alegria, pegando os talheres. — Que ótima notícia. Notícia fantástica. Um passo na direção certa. Vamos chegar lá. Vamos ser pais. De um jeito ou de outro.

— Sim — disse Erika. — Vamos, sim.

Ele largou novamente o garfo e a faca e limpou o canto da boca.

— Posso fazer uma pergunta que talvez pareça estranha?

Erika ficou tensa.

— Claro.

— No dia do churrasco, Clementine disse que você sempre falou que não queria ter filhos. Não está fazendo tudo isso por mim, está? — Os óculos de Oliver deslizaram um milímetro para a frente quando ele franziu o cenho. — Tudo pelo que você passou nos últimos anos...

— Não foi tão ruim assim — disse Erika.

A fertilização in vitro havia sido um processo bem estruturado. Ela gostava do rigor, das regras e da ciência envolvidos. Gostava particularmente da assepsia: as roupas hospitalares que iam direto para uma cesta depois de serem usadas uma única vez pelo paciente, os protetores descartáveis que colocava por cima dos sapatos, as redes de cabelo azuis. E fora legal passar um tempo com Oliver, trabalhando juntos naquele projeto importante e secreto. Ela se lembrava de cada extração e transferência, inalando aquela linda fragrância antisséptica, segurando a mão de Oliver, nada a fazer além de se submeter ao processo. Oliver assumira a responsabilidade de todos os medicamentos. Ele dera todas as injeções, com carinho e profissionalismo. Nunca deixara nenhum hematoma. Ela não se

importava com os exames de sangue de manhã cedo. A tontura abrupta. “Sim, está certo, esse é o meu nome”, dizia enquanto a enfermeira erguia na mão de luva azul o tubo de ensaio impecavelmente rotulado para que ela verificasse.

Clementine odiaria aquelas agulhas. O horror de Clementine em troca da alegria de Oliver. Era um acordo justo, certo?

— Sim, mas *você* quer um bebê também, não quer? — indagou Oliver. — Para você? Não só para mim?

— Claro que quero — afirmou Erika.

Sempre fora para ele. Sempre. Aquele desejo ávido que sentira por uma Ruby ou uma Holly só sua já passara. Não sabia ao certo por quê. Provavelmente por causa do que entreouvira e talvez de mais alguma coisa: sentimentos confusos em relação aos momentos perdidos em sua memória.

Mas nada daquilo importava. Ela comeu o frango ao curry e deixou seus olhos percorrerem o lindo cômodo organizado.

— O que é isso? — perguntou, subitamente.

Ela se levantou e foi até a estante de livros. Havia um brilho azul entre a lombada de dois livros. Oliver se virou para observá-la.

— Ah — disse ele quando Erika puxou a bolsinha de lantejoulas azul de Holly. — Isso.

Ela abriu a bolsa com as pedras da menina.

— Holly deve ter deixado aqui — disse ela, pegando uma pedrinha branca polida.

— Na noite do churrasco — completou Oliver.

— Vou devolver para Clementine — falou Erika.

— Holly não quer de volta — afirmou Oliver.

Ele abriu a boca como se fosse dizer mais alguma coisa, então mudou de ideia e bebeu um gole de água, em seguida devolveu cuidadosamente o copo ao descanso.

— É mesmo? Achei que ela adorava...

— Talvez a gente já esteja grávido no Natal — disse Oliver, parecendo sonhador. — Imagine só!

— Imagine só! — concordou Erika, largando a pedra de volta na bolsa.

CAPÍTULO SESENTA

DIA DO CHURRASCO

— Ruby está morta? — perguntou Holly, brincando com a alça da bolsinha azul de lantejoulas cheia de pedras que segurava no colo com as mãos.

— Não — respondeu Erika. — Ela não está morta. Foi de helicóptero para o hospital com seu pai. Já deve ter chegado lá e os médicos vão cuidar dela.

Estavam sentadas no sofá, cobrindo-se com um edredom, enquanto Oliver preparava chocolate quente para elas. Estava passando *Madagascar* na TV. Erika tirara as lentes de contato, portanto só enxergava flashes coloridos na tela.

Sentia que estava ficando com sono, feito uma imensa onda negra prestes a estourar em cima dela. Mas não podia dormir. Não enquanto Holly estivesse ali. E eram só... o quê? Seis ou sete da noite. Parecia muito mais tarde. Parecia de madrugada.

— Ela *pode* morrer — disse Holly olhando fixamente para a televisão.

— Acho que não vai morrer, mas está muito doente. É bem sério. É... talvez.

— *Erika* — disse Oliver ao entrar na sala carregando uma bandeja com os chocolates quentes.

— O que foi?

As pessoas não deviam falar com as crianças com o máximo de sinceridade possível? Ninguém sabia quanto tempo Ruby ficara submersa até que a tirassem de lá. Não havia garantias. Ela podia sofrer graves danos cerebrais. Hipotermia. Talvez não sobrevivesse à noite. Por que Erika tinha a sensação de que deveria saber quanto tempo exatamente Ruby passara debaixo d'água? Por que se sentia estranhamente responsável, como se tivesse falhado de alguma forma? Ela fora a primeira a alcançar Ruby. A primeira a agir. Não era a mãe da menina. Mas havia algo, algo que ela fizera ou deixara de fazer.

— Aqui está — disse Oliver. Ele ainda estava com as roupas molhadas. Ia ficar doente. Entregou a caneca de chocolate quente a Holly. — Não esquentei demais, mas, mesmo assim, dê só um gole primeiro, ok?

— Obrigada — disse a menina bem alto.

— Que educação, Holly — elogiou Oliver.

— Troque de roupa — ordenou Erika ao pegar o chocolate quente da mão dele. —

Vai pegar um resfriado.

— Você está bem? — perguntou Oliver.

— Por quê? Não pareço bem?

Ela tomou um gole do chocolate quente e, de alguma forma, errou a boca. Limpou o queixo com o dedo.

— Não — respondeu Oliver. — Não parece.

— Modos — disse Holly a Erika.

— Do que você está falando? — disparou Erika.

A menina não estava fazendo sentido. Ela percebeu que tinha acabado de ser grossa com Holly da mesma forma que Sylvia costumava ser grossa com a filha quando Erika era criança. Assim que Erika começava a contar algo, a mãe perguntava: “Do que você está falando?” E Erika pensava: me deixe terminar e você vai *saber* do que eu estou falando!

— Você se esqueceu de dizer obrigada — explicou Holly, parecendo assustada. — Para Oliver.

— Ah — disse Erika. — Claro. Tem razão. Desculpe, Holly, eu não quis ser grossa com você.

Erika viu duas lágrimas enormes balançarem nos cílios inferiores dos grandes olhos azuis de Holly. Não era só por causa da sua grosseria. A menina não era tão sensível assim.

— Holly — disse ela. — Holly, querida. Tudo bem, está tudo bem, me dê um abraço, pronto, mas na verdade acho... talvez eu... sinto muito.

Não podia abraçá-la. Holly precisava ser reconfortada naquele instante, mas ela não ia lhe oferecer isso. Entregou a caneca a Oliver, que estendeu o braço, surpreso, segurando-a bem a tempo, antes que escorregasse das mãos de Erika.

— Estou com muito sono.

Ela deixou que uma enorme insignificância sombria a levasse, arrastando-a para baixo. Estava ouvindo um telefone tocando, mas já era tarde, não conseguia voltar, estava sendo tomada por algo grande e poderoso demais para resistir.

*

Oliver olhou para sua esposa inconsciente com um sentimento doentio e latente de reconhecimento. Ela apagara, bêbada. Significava que se fora de vez. Estava distante. Só voltaria na manhã seguinte. Até então ele nunca olhara para a própria esposa com antipatia, mas ao examinar sua cabeça tombando para o lado e a boca aberta, sentiu o rosto se contorcer de ressentimento. Ainda nem sabiam se Ruby ficaria bem. Como ela podia dormir? Mas, é claro, bêbados sempre conseguiam dormir.

Ela não é uma bêbada, lembrou a si mesmo. Só está bêbada. Pela primeira vez desde

que você a conhece.

— Deve estar exausta — disse Holly, olhando com fascínio para Erika.

A palavra “exausta” fez Oliver sorrir.

— Acho que você tem razão — falou ele — Ela está exausta. Como está sua bebida? Não muito quente?

— Não, não muito — respondeu a menina. Ela arriscou um gole muito cuidadoso. Um bigodinho de leite se formou acima do seu lábio superior. — Oliver — chamou Holly baixinho.

Ela ergueu a bolsinha azul e novamente seus olhos se encheram de lágrimas.

— Quer que eu guarde isso em um lugar seguro? — indagou ele, estendendo a mão.

— Oliver — repetiu ela, porém bem mais baixo dessa vez.

— O que foi, querida?

Oliver se agachou na frente dela. Suas roupas ainda estavam molhadas e sujas do chafariz.

Holly se inclinou para a frente e começou a sussurrar desesperadamente no ouvido dele.

CAPÍTULO SESSENTA E UM

DIA DO CHURRASCO

Os quatro avós chegaram juntos ao hospital.

Clementine saíra da UTI para ligar rapidamente para Erika, dar notícias do progresso de Ruby e confirmar se Holly podia ficar mais um pouco com eles, até que resolvessem onde a menina iria passar a noite.

Para sua surpresa, Oliver atendeu o celular de Erika. Ele disse que Holly estava bem. Estava no sofá, debaixo do edredom com Erika, assistindo a um DVD. Disse que a esposa estava dormindo, e parecera envergonhado, ou perplexo, ao fazer esse comentário, mas com exceção disso falou exatamente como sempre falava, com reticência e educação enquanto pigarreava em vários momentos, como se tivesse tido uma noite comum, como se ele e Erika não tivessem acabado de salvar a vida de Ruby.

De onde estava, no patamar do segundo andar, Clementine via o térreo do hospital e as portas de correr da entrada. Reconheceu primeiro os pais de Sam, que entraram apressados, a agitação evidente pela maneira como andavam e corriam ao mesmo tempo. Deviam ter ficado presos no mesmo engarrafamento que ela e Tiffany e, portanto, deviam ter sentido a mesma frustração enlouquecedora. O pai de Sam crescera no campo e tinha pavor de sinais de trânsito.

Ela observou os quatro agarrarem uns aos outros como se fossem sobreviventes de um desastre natural e estivessem correndo para se encontrar no campo de refugiados. Seu pai, com roupa “de ficar em casa” (calça jeans e um casaco disforme que normalmente jamais seria exibido em público), abraçou a pequena mãe de Sam, e ela ergueu os braços e agarrou as costas dele de um jeito quase assustador de tão atípico. Viu o pai de Sam colocar a mão no braço da mãe de Clementine e os dois se viraram, com o rosto erguido, observando as placas do hospital em busca de indicações sobre aonde ir.

A mãe de Clementine a viu primeiro e apontou no mesmo instante em que ela ergueu a mão, então todos começaram a subir depressa a longa e ampla passarela em sua direção.

Clementine desceu para encontrá-los no meio do caminho. Sua mãe foi a primeira, seguida dos pais de Sam, e seu pai veio logo atrás. Ele operara o joelho após ter sofrido um acidente de esqui alguns meses antes. Era doloroso ver as expressões deles. Todos

pareciam aterrorizados e doentes, com dificuldade para respirar, como se a passarela fosse uma montanha que Clementine os obrigara a escalar. Eram quatro avós em forma, enxutos, que curtiam a aposentadoria, mas naquele instante pareciam muito mais velhos. Pela primeira vez, pareciam idosos.

Ruby e Holly eram as únicas netas de ambos os lados da família. Eram amadas e mimadas, e Sam e Clementine aproveitavam essa adoração com uma *vaidade* descontraída, afinal, não tinham criado aqueles anjinhos maravilhosos? Sim, tinham, portanto mereciam escolher quem trabalharia de graça como babá; mereciam relaxar e comer delícias caseiras quando faziam uma visita, pois olhe só o que ofereciam em troca: netas maravilhosas!

— Ela está bem — disse Clementine.

Com isso quis dizer que ela estava “viva”. Queria que soubessem que Ruby ainda estava viva. Mas falou cedo demais, antes que eles ouvissem direito, e viu os quatro se esforçando para entender, em pânico enquanto tentavam compreender de uma vez, e a mãe de Sam segurou o corrimão, como se fosse uma notícia ruim.

— Ruby está bem! — repetiu ela mais alto, e então todos a cercaram, fazendo perguntas, bloqueando o caminho de quem tentava subir. — Eles a sedaram — afirmou Clementine. — E ela ainda está... entubada.

Essa palavra aterrorizante fez Clementine hesitar e pensar no rostinho pálido de Ruby e no imenso tubo que saía de sua boca. Parecia estar sufocando a menina, em vez de ajudá-la a respirar.

— Fizeram uma tomografia e não há sinal de inchaço nem dano cerebral. Tudo parece bem — disse Clementine.

Inchaço nem dano cerebral. Ela tentou fazer os termos médicos parecerem insignificantes, como uma língua estrangeira, apenas sons saindo de sua boca, porque não podia correr o risco de se permitir assimilar todo o significado.

— Tiraram raio X do torso e tem um pouco de fluido nos pulmões, mas é normal, não estão muito preocupados com isso. Inclusive, já receitaram antibióticos. As costelas estão bem. Nenhuma fratura.

— Por que as costelas não estariam bem? — indagou seu pai.

Clementine xingou a si mesma. Estava tentando lhes dar todas as notícias boas, mas não havia necessidade de citar o que poderia ter dado errado e não deu.

— Às vezes a força das compressões, a reanimação cardiopulmonar... Mas está tudo bem, não aconteceu nada disso. — Ela ouviu em sua mente Oliver contando em voz alta e, por um instante, não conseguiu falar. — De manhã eles vão reduzir a medicação, acordá-la e deixar que ela respire por conta própria.

— Podemos vê-la? — perguntou a mãe de Clementine.

— Não sei — respondeu ela. — Vou perguntar.

Ela não devia ter deixado que viessem ao hospital. Teria sido mais sensato dizer para eles aguardarem em casa, seria melhor para seus corações idosos. Clementine não tinha pensado direito. Simplesmente esperara que viessem, como se ela ainda fosse criança e precisasse dos adultos.

Certa vez, ela e Sam haviam saído para jantar com Erika e Oliver e acabaram conversando sobre o fato de se sentirem adultos ou não. Ela e Sam tinham dito que não se sentiam adultos. Não de verdade. Erika e Oliver haviam ficado perplexos e um pouco horrorizados.

“Claro que me sinto adulta”, falara Erika. “Sou livre. Estou no comando.”

“Eu mal podia *esperar* para ser adulto”, comentara Oliver.

— Bem, então — disse a mãe de Clementine, com a respiração ofegante.

Será que ela estava tendo um ataque cardíaco? De repente se jogou na direção de Clementine.

— Por que você não estava de olho nela?

Estava tão perto que Clementine sentiu em seu hálito o cheiro da comida picante que havia jantado.

— Você não deveria ter tirado os olhos dela. Nem por um segundo. Não com água por perto, pelo amor de Deus.

— Pam — disse o pai de Clementine.

Ele fez um gesto para segurar o braço da esposa, que o afastou. Uma jovem grávida passou espremida entre eles e os observou com curiosidade.

— Você é mais esperta que isso. Sabe das coisas! — continuou Pam, fixando os olhos com tanta intensidade em Clementine que era como se a filha fosse uma desconhecida, como se estivesse tentando entender quem era aquela pessoa que machucara sua neta. — Estava bêbada? Como *pôde*? Como pôde ser tão burra?

Seu rosto se contorceu, exibindo um milhão de rugas, até que ela o tapou com as mãos.

Clementine ainda nem havia lhe contado que fora Erika quem salvara Ruby. Erika. A melhor filha. A filha grata. A filha que jamais teria cometido um erro como aquele.

O pai de Clementine envolveu a esposa com o braço.

— Está tudo bem — murmurou ele acima de sua cabeça. Ele a conduziu até o topo da passarela. — Venha, vamos nos sentar.

— É o choque — falou Joy, mãe de Sam.

Ela era uma mulher que nunca saía de casa sem antes “dar um jeito no rosto”, mas naquela noite não passara maquiagem. Clementine, e talvez mais ninguém, até então jamais a tinha visto sem batom. Parecia não ter lábios. Devia estar lendo na banheira, como fazia todas as noites, quando recebera o telefonema. Clementine imaginou seu

pânico, vestindo-se antes mesmo de estar totalmente seca.

— Vamos, querida — disse Joy. — Cabeça erguida.

Clementine mal se aguentava em pé de tanta vergonha.

CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

MANHÃ APÓS O CHURRASCO

— Clementine.

— O quê?

Ela devia ter cochilado. Estava sentada na cadeira de couro verde, ao lado da cama de Ruby, e achava que não tinha pregado os olhos a noite inteira, mas Sam estava debruçado sobre ela, sacudindo seu ombro.

Havia olheiras roxas sob os olhos avermelhados de Sam, barba por fazer em seu maxilar e uma fina linha branca de saliva em torno dos lábios. Ele se recusara a se sentar. “Querido, você não está ajudando sua filha ficando em pé a noite toda”, dissera a enfermeira, mas ele parecia psicoticamente determinado a ficar em pé, como se a vida de Ruby dependesse disso, como se a estivesse protegendo de algo, até que a enfermeira finalmente desistiu, embora olhasse para Sam de vez em quando, como se estivesse morrendo de vontade de enfiar uma seringa em seu braço e apagá-lo.

O nome da enfermeira era Kylie. Ela era da Nova Zelândia e falava com lentidão e simplicidade, repetindo tudo duas vezes, como se inglês fosse a segunda língua do casal. Todos os pais deviam ficar um pouco abobalhados quando estavam em estado de choque. Kylie explicou que durante o tratamento intensivo cada paciente tinha uma enfermeira. “Eu só tenho uma tarefa esta noite, e a tarefa é Ruby.” Disse a eles que havia um quarto vago no mesmo andar, onde podiam dormir, e lhes deu bolsinhas com escovas de dente e pentes, do tipo que costumavam receber em voos noturnos na classe econômica premium. Aconselhou que tentassem dormir um pouco, pois Ruby estava sedada e não saberia se os pais estavam ali ou não, mas eles já haviam decepcionado a filha uma vez, por isso não iam deixá-la novamente.

Sam passou a noite observando Ruby e as telas que monitoravam seu batimento cardíaco, sua temperatura, sua respiração e seus níveis de oxigênio, como se soubesse o que tudo aquilo significava, e na realidade chegara a pedir que Kylie explicasse, então talvez entendesse mesmo. Clementine não prestara atenção nas explicações. Passara a noite com o olhar vagando sem parar de Ruby para o rosto de Kylie. Desconfiava que a expressão da enfermeira denunciaria se houvesse algo com que se preocupar, mas estava

enganada, porque durante a noite os níveis de oxigênio de Ruby caíram e o rosto de Kylie permaneceu exatamente igual enquanto o médico de plantão era chamado e Sam foi com calma para um canto do quarto, cerrou o punho e o apoiou na bochecha, como se estivesse prestes a dar um soco em si mesmo. Os níveis de oxigênio de Ruby voltaram para o considerado aceitável, mas a adrenalina tomou conta de Clementine nas horas seguintes. Era um lembrete de que não podiam, não deviam relaxar, nem por um instante.

— O médico está aqui — disse Sam enquanto Clementine esfregava os olhos e engolia em seco, sentindo a boca seca e amarga. — Vão tirar a sonda e acordá-la.

— Bom dia — falou um médico de cabelo e pele pálidos. — Vamos ver se conseguimos acordar essa pequena bela adormecida, que tal?

Foi rápido. Os tubos saíram. A máscara foi removida.

Vinte minutos depois, Ruby franziu o cenho intensamente. Suas pálpebras se agitaram.

— Ruby? — chamou Sam, como se implorasse pela própria vida.

Os olhos da menina finalmente palpitararam até abrir. Ela ficou olhando para a cânula em seu braço com uma expressão de nojo. Felizmente, a mão que tinha o polegar que ela gostava de chupar estava livre, e ela enfiou o dedo na boca. Ergueu os olhos, encontrou seus pais e pareceu ainda mais brava.

— Batedor — exigiu ela com a voz rouca.

O alívio que Clementine sentiu ao se apressar para lhe entregar Batedor foi divino, glorioso; como o fim de uma dor agonizante, como arfar após ter sido forçada a prender a respiração.

Ela olhou para Sam com uma vaga expectativa de que iria acontecer algo entre eles, algo importante e fulminante. Dariam as mãos, por exemplo, seus dedos se entrelaçariam com uma alegria mútua e os dois sorririam para Ruby enquanto lágrimas escorreriam pelos seus rostos.

Mas isso não aconteceu. Os dois se entreolharam e, *sim*, sorriram, e, *sim*, seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas tinha algo errado. Ela não sabia quem desviara o olhar primeiro, não sabia se era a frieza dela ou a dele, se ela o estava culpando ou se ele a estava culpando, mas então Ruby começou a chorar, incomodada com a dor na garganta causada pela sonda, e o médico desatou a falar e já era tarde demais. Mais um momento para fazer a coisa certa que nunca poderiam recuperar.

CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

— O jantar está pronto! — gritou Sam, soando perfeitamente normal, nada como o desconhecido que, menos de uma hora antes, falara em separação.

Acho que talvez eu tenha cansado de nós dois. Ele parecia exatamente o papai, Sam, ele mesmo.

O cheiro da torta de carne, sua especialidade, enchia a casa. Clementine adorava a torta de carne dele, mas as meninas odiavam, o que era irritante porque parecia o tipo de comida nutritiva e agradável para crianças e elas deveriam gostar, então toda semana eles se iludiam e faziam mais uma tentativa.

— *Algum dia vai parar de chover?* — perguntou Holly, desligando o iPad com toda a indiferença tecnológica de uma criança da geração Z. — Estou ficando *louca*.

— Eu também — falou Clementine. — Ruby! Venha! Hora do jantar.

Ruby ergueu os olhos, sentada no meio de um círculo de bonecas e bichos de pelúcia. Ela os posicionara ao seu redor, imitando a “roda da história” que havia na creche, e fingia ler *George, o Curioso* para eles, erguendo o livro da mesma forma que sua professora fazia e lambendo cuidadosamente o dedo toda vez que virava a página.

— Hora da soneca! — falou Ruby com alegria, e derrubou os brinquedos, deitando-os no chão com um tapa descontraído.

Tomara que ela não tenha aprendido aquilo na creche também.

— O que tem para jantar? — Holly correu para a mesa e se sentou. Pegou o garfo e a faca com um entusiasmo agourento. — Macarrão? É macarrão, não é?

— É torta de carne — disse Sam enquanto Clementine prendia Ruby no assento de elevação de “menina grande” que ela usava, em vez da cadeira alta.

— *O quê?* — Holly se curvou como se tivesse recebido uma notícia muito injusta. — Torta de carne? *De novo?* A gente comeu isso *ontem à noite*.

— Vocês não comeram isso ontem à noite — retrucou Sam sem emoção, colocando um prato diante dela. — Ontem à noite comeram macarrão com a vovó enquanto a mamãe e o papai jantavam fora.

— Ainda tem macarrão na geladeira! — exclamou Holly, empolgada. — Eu lembro! Não comemos tudo! E vovó disse que...

— Não tem mais nada na geladeira — afirmou Clementine. — Eu comi ontem à

noite.

— *O quê?* — gritou Holly.

A vida era uma série de zombarias.

— Mas vocês foram a um restaurante! — argumentou a menina.

— Não era um restaurante muito bom, então voltamos cedo para casa — disse Clementine.

Mamãe e papai não suportam mais jantar fora juntos. Mamãe e papai não gostam mais um do outro. Mamãe e papai talvez estejam se “separando”.

— *O quê?*

— Sente-se direito, Holly — falou Clementine automaticamente.

A menina resmungou.

— Por favor, não faça esse barulho — pediu Clementine. — Por favor.

Holly repetiu o grunhido, porém mais baixo dessa vez.

— *Holly.*

— Eca — disse Ruby.

Ela segurou a colher entre os dedos e a ergueu frouxamente acima do prato. Deixou-a balançar para a frente e para trás.

— Não, obrigada.

— Nada de “não, obrigada” — disse Sam. — Vamos lá, meninas. Só um pouquinho.

— Hummm, que delícia — falou Clementine, dando uma garfada. — Bom trabalho, papai.

— Bem, eu *não* vou comer nada disso — afirmou Holly. Ela cruzou os braços e comprimiu os lábios. — Tenho muitas papilas gustativas.

— Como assim você tem muitas papilas gustativas? — perguntou Sam, enfiando comida na boca com determinação.

— Crianças têm mais papilas gustativas do que adultos, por isso o gosto é ruim — explicou Holly.

— Ela viu isso naquele programa de TV — falou Clementine. — Lembra? O que tem a...

— Não estou nem aí para quantas papilas gustativas você tem — disse Sam. — Pode dar uma garfada.

— Eca — disse Holly.

— Cadê a educação? — repreendeu Clementine.

Sam não olhou para ela.

Era como se ele tivesse esperado todos aqueles anos para encontrar a desculpa perfeita para odiá-la e finalmente a descobrira. Ela sentiu um nó na garganta. A torta de carne não estava tão gostosa como de costume. Muito molho inglês.

Ela largou o garfo e bebeu um gole de água.

— Minha barriga está doendo — resmungou Holly.

— Não está, não — disse Clementine.

A mãe de Clementine achava que o casamento da filha era um problema que podia ser resolvido com uma boa dose de bom senso e trabalho árduo. Casamentos são trabalhosos! Mas o que poderiam dizer a um terapeuta? Não estavam brigando por causa de dinheiro, sexo nem tarefas domésticas. Não havia questões complicadas que precisassem ser esclarecidas. Tudo estava igual a antes do churrasco. Mas nada parecia igual.

Ela olhou para Ruby, sentada à sua frente com a saúde perfeita, bochechas rosadas, risonha, levada, e lembrou como fora estranho quando a menina saíra do ambiente silencioso e importante da UTI e fora transferida para uma ala comum com pacientes comuns e enfermeiras ocupadas e distraídas. Nada de uma Kylie meiga só para eles. Era como sair de um hotel cinco estrelas para um albergue. Então, após duas noites na ala comum, um médico cansado e incrivelmente jovem folheara a papelada de Ruby e dissera: “Pode ser que amanhã vocês já possam levá-la para casa.” O peito dela estava desobstruído. Não precisara de fisioterapia. Os antibióticos haviam combatido a infecção pulmonar antes que se instalasse em Ruby. Claro que haveria check-ups neurológicos, atendimento no ambulatório. Ela seria monitorada, mas estava bem.

Os cuidados de primeiro mundo significavam que eles não precisavam pagar nada por sua negligência de primeiro mundo. Tinham levado Ruby para casa, onde uma pilha de presentes a aguardava, além de uma irmã mais velha exageradamente carinhosa que volta e meia tentava pegá-la no colo e abraçá-la, algo que não costumava fazer e acabava causando o inevitável: apertando-a com força demais. Ruby resmungava e alguém gritava com Holly.

Ninguém estava se comportando normalmente, só Ruby, que queria o fim do alvoroço, é claro. Não queria dormir na cama grande nem com a mãe nem com o pai. Queria ficar no próprio berço. E não queria que a mãe ou o pai dormissem no chão do seu quarto. Ela ficava de pé no berço, cambaleante, com o polegar na boca, e apontava Batedor na direção do pai aborrecido. “Vá embora!”, dizia. Então eles iam. Ruby percebia quando alguém ficava muito carinhoso ou sentimental. Às vezes Clementine se sentava com ela no colo, chorando baixinho, e se Ruby notava, erguia os olhos, irritada, e dizia: “Pala com isso.” Não gostava de ser a queridinha, muito obrigada, a menos que isso envolvesse ganhar um biscoito a mais.

Deveriam ter agido como ganhadores de loteria. Tinham conseguido um adiamento, um perdão de última hora. Receberam a permissão de retornar para a vida comum e para suas preocupações comuns, como as discussões sobre a torta de carne. Então por que não estavam vivendo em um estado permanente de alegria e alívio?

— Não vou comer nem um pedacinho disso — falou Holly, cruzando os braços

dramaticamente. — Nem. Um. Pedacinho.

— Bem, nesse caso, não vou deixar você usar meu iPad nem por um minutinho — disse Sam. — Nem. Por. Um. Minutinho.

— O quê? — gritou Holly, chocada e furiosa, é óbvio, como se aquela fosse uma ameaça nova, não uma que ouvia praticamente todos os dias. — Não é justo!

— Só uma garfada — disse Sam para Holly. — Você também, Ruby.

— Você brincou com Isabel na Honey Bees hoje? — perguntou Clementine a Ruby.

— Hummm... sim — respondeu a menina. Ela ergueu os olhos e tamborilou os dedinhos na boca, tentando lembrar. — Quer dizer, não.

Tinham dito que ela estava bem na creche. Pelo que podiam ver ela não estava traumatizada nem afetada de alguma forma, apenas feliz por estar de volta. No primeiro mês após o acidente, Clementine decidira, e tinha sido sincera no momento, que abandonaria a carreira para ficar em casa cuidando das filhas. (Chegara a aceitar o fato de que não conseguiriam pagar a hipoteca da casa, que precisariam vendê-la, vender o violoncelo e alugar um apartamento modesto, onde ela passaria os dias ralando legumes e fazendo artesanato, sem nunca tirar os olhos das filhas.) Ela perguntara a Ruby: “Você gostaria de sair da Honey Bees e ficar em casa com a mamãe todos os dias?” A menina a olhara como se tivesse pedido um doce e ganhado uma cenoura crua. “Não, obrigada”, articulara ela com clareza. E foi o fim daquela ideia como meio de compensação.

— Então está *bem*. Vou comer uma garfada.

Holly pegou o garfo e comeu uma porção minúscula de comida. Seu rosto se contorceu em um acesso de nojo.

— Ai, pelo amor de Deus!

Sam bateu a palma da mão na mesa com tanta força que todas as louças balançaram, assustando todo mundo. Ficou de pé, pegou os pratos das duas meninas e foi até a cozinha, onde os jogou na pia com um estrondo.

Ficaram em silêncio. Holly e Ruby estavam perplexas. Aquilo nunca fizera parte do ritual da torta de carne. Não devia ser levado a sério. Não eram uma família que gritava e batia nas mesas.

O lábio de Ruby tremeu. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Está tudo bem, Ruby — disse Clementine.

A menina baixou a cabeça e tapou o rosto com as mãos, como se estivesse tentando se esconder.

— Ai, meu Deus, Ruby, me desculpe, querida — disse Sam da cozinha. Ele parecia estar à beira das lágrimas. — Eu só fiquei frustrado. Sinto muito. Mil desculpas.

Ruby ergueu o rosto coberto de lágrimas e, de forma deliberada, chupou ruidosamente o polegar.

— Na verdade você falou muito alto, papai — disse Holly, com a voz trêmula. — Meus ouvidos doeram.

— Eu sei, me desculpe. Quem quer sorvete? — perguntou Sam. — Muito sorvete!

— Como assim? Elas não podem jantar sorvete.

Clementine, sentada na cadeira que ficava de costas para a cozinha, se virou para olhá-lo.

— Claro que podem — retrucou Sam, febrilmente. — Por que não?

Ele se aproximou do congelador.

— Elas deviam comer um pão antes, pelo menos — afirmou Clementine.

— Quero sorvete! — gritou Ruby, subitamente recuperada e furiosa, sacudindo o polegar rosado e encharcado para dar ênfase ao que dizia.

— Eu também! — disse Holly.

— Caramba, Sam — falou Clementine. — Elas não vão jantar sorvete.

As formas de criação dos dois andavam incoerentes. Iam da tolerância excessiva à rigorosidade excessiva e vice-versa.

— Elas vão tomar sorvete — afirmou Sam.

Ele colocou o pote de sorvete na bancada e tirou a tampa. Estava frenético, agitado. Como se tivesse usado drogas.

— E daí se elas jantarem sorvete? *Carpe diem*. Viva o momento. A vida é curta. Dance como se ninguém estivesse olhando, ou seja lá qual for a porra da frase.

Clementine o encarou.

— Por que está sendo tão...

— Onde está a colher do sorvete? — indagou Sam, com a cabeça baixa enquanto procurava na gaveta de talheres. — A que tem o urso polar...

— *Perdemos!* — gritou Clementine. — Como todas as outras coisas!

CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

MANHÃ APÓS O CHURRASCO

Dakota sentiu-se infeliz antes mesmo de abrir os olhos. Era como se todo seu corpo estivesse diferente, mais pesado, porém mais vazio, como se algo tivesse sido sugado de dentro dela. No dia anterior, fizera algo terrível, repugnante e irresponsável. Brincara com uma linda menininha como se fosse uma boneca e então simplesmente a descartara quando se cansara dela e fora brincar com outra coisa e *a menininha quase se afogara*. Ela pensou na moça da esquina que ia ter um bebê. Na semana anterior Dakota e a mãe a encontraram no supermercado, e Tiffany sugerira que, quando a filha fosse mais velha, poderia cuidar do bebê um dia, e a moça dissera “Ah, seria ótimo!” e todas ficaram muito sorridentes, sem saber que Dakota era tão irresponsável que nunca poderia ser babá, deixaria o bebê se electrocutar ou se queimar com um ferro ou derramaria uma panela de sopa quente, fervente, em cima dele ou...

BUM!

Dakota se sobressaltou. Um barulho horroroso de pancadas esmagadoras vinha do jardim. Ela afastou as cobertas e correu até a janela do quarto. Ajoelhou-se no banco sob a janela e abriu a cortina.

Seu pai estava de pé dentro do chafariz, mas não havia água, só o chão feio e lamacento. Ele golpeava o monumento gigante no centro do chafariz com uma barra grande de metal que parecia um taco de beisebol. Dakota se lembrou de um filme antigo que vira certa vez na TV, sobre uma guerra ou revolução, algo assim, em que centenas de pessoas usavam cordas para derrubar a estátua gigantesca de um homem, e todos aplaudiam enquanto ela caía devagar.

Só que nesse caso era apenas uma pessoa: seu pai. E Dakota nunca o vira com aquele aspecto ou agindo daquela maneira: raivoso, quieto e violento, como se quisesse matar algo ou alguém. Ela observou a cabeça de mármore de um anjinho sair voando, e então não suportou mais olhar. Correu de volta para a cama e se escondeu debaixo das cobertas feito uma criancinha com medo de tempestade.

CAPÍTULO SESSENTA E CINCO

— Aonde estamos indo, mãe? — indagou Dakota pela terceira vez no banco de trás do carro.

— Talvez àquele restaurante japonês sobre o qual eu estava comentando hoje de manhã — sugeriu Vid cheio de esperança do banco do carona. — É por aqui, não é? O melhor tempura de Sydney, pelo que dizem. Você fez reserva? Aposto que fez reserva, hein? De surpresa?

— Não estamos indo para um restaurante — respondeu Tiffany enquanto passava por uma rotatória com cuidado, prestando atenção nas placas de trânsito.

Ela sabia exatamente aonde ia porque já reformara algumas casas ali perto. Lucrara bastante com elas, inclusive. Era muito fácil dar aos hipsters o que eles queriam: seus coraçõezinhos sempre aceleravam com um teto decorado (de aparência) original.

— Vamos fazer só uma visita rápida — explicou Tiffany. — *Dar uma passadinha.*

— Na verdade, ninguém faz mais isso — retrucou Vid, melancólico. Ele adoraria que as pessoas ainda dessem uma passadinha. Suspirou. — Sabe, se estamos indo aonde acho que estamos indo, não é uma boa ideia. Estamos indo aonde acho que estamos indo?

— Estamos — respondeu Tiffany.

Ela o encarou e Vid deu de ombros. Ele evitava confrontos. Só queria que todos estivessem felizes. A expressão conflitante de Vid em um funeral (ele tinha família grande, por isso as pessoas morriam regularmente) era sempre impagável: *Não posso parecer feliz, embora esteja em uma festa com todas essas pessoas ótimas!*

— Aonde estamos indo, pai?

Dakota se inclinou para a frente e enfiou o rosto entre os dois bancos.

— Vamos jantar fora — respondeu Vid, pegando o celular. — Vou fazer uma reserva agora mesmo.

— É aqui — disse Tiffany, triunfante.

Ela seguiu lentamente por uma rua estreita cheia de carros estacionados. Esse era o problema daquelas áreas bacanas no subúrbio: era tudo muito descolado, mas nunca dava para arranjar uma maldita vaga.

— Você nunca vai achar uma vaga — disse Vid. Ele estava com o telefone na orelha. — Esqueça. Não é uma boa ideia. Sim, alô! Ouvi dizer que vocês têm o melhor tempura

de Sydney, é verdade? Ah, é verdade?! Ótimo! Bem, podemos experimentar esta noite? Não! Fala sério, tem certeza de que não consegue nos encaixar em algum canto? Somos só três pessoas pequenas!

— Onde estamos? — perguntou Dakota.

— Vamos dar uma passadinha na casa de Clementine e Sam! — falou Tiffany com alegria e em tom de desafio.

A convicção que sentira mais cedo vacilou de repente. Só tinha o endereço deles porque Erika lhe dera para que pudessem mandar um presente para Ruby, pelo qual receberam um cartão de agradecimento educado, porém distante, pelo correio. O cartão deixara claro: não queremos ver vocês nunca mais.

— O quê? — indagou Dakota. — Por quê?

— Isso é uma vaga? Será que consigo? — falou Tiffany, dando ré com o Lexus entre dois carros híbridos. — Claro que consigo. Sou campeã!

— Consegui fazer a reserva! — exclamou Vid, balançando o celular, triunfante. — E você encontrou uma vaga.

— Vou lá bater na porta — disse Tiffany. — Para descobrir se estão em casa.

— É, nós vamos ficar por aqui — falou Vid. — Veja se eles estão... a fim.

— Eles sabem que estamos aqui? — perguntou Dakota.

— Não — respondeu Tiffany. — É uma visita surpresa. Vou dizer que a gente estava aqui perto.

Vid bufou.

Tiffany saiu do carro, abriu o guarda-chuva e colocou a bolsa no ombro. Antes de sair, pegara um dos strudels de Vid no congelador e os enfiara na bolsa.

Ela parou. A chuva fina caía de maneira resignada e entediante, como se ela própria estivesse cansada. Tiffany continuou parada. Era a coisa certa a se fazer? Todos acabariam esquecendo. Seguiriam com suas vidas.

— Mãe?

Tiffany se virou. Dakota tinha baixado a janela e colocava a cabeça para fora. Parecia corada e ofegante.

— Se Holly e Ruby estiverem em casa, e se elas, tipo, *quiserem* mesmo me ver, eu, hum... tipo, posso entrar.

— Eu também — disse Vid, inclinando-se no banco. — Posso, tipo, entrar também.

Era a coisa certa a se fazer.

Ela se empertigou e foi andando até a casa. Pensou aleatoriamente na noite em que fizera o teste para trabalhar na boate, o terror de andar na passarela com aquele salto plataforma. Lembrou-se de ter contado aquilo a Clementine. É, era realmente comparável a um teste para a Orquestra da Câmara Real de Sydney, mas Clementine precisava de uma

distração, por isso Tiffany lhe contara qualquer besteira que passara pela sua cabeça e depois ficara envergonhada, como se tivesse *forçado* Clementine a ouvir as histórias vulgares e sórdidas do seu passado.

O número nove era uma bela e charmosa casa estreita de arenito, com dois andares. Ficava espremida entre duas outras casinhas quase idênticas. Tiffany ficou observando e se perguntou se estavam listadas como patrimônio. Imaginou uma bola de demolição destruindo todo aquele charme e um prédio de três andares sendo construído no lugar. Errado! Ai, aquilo era errado e cruel! Mas, ai, era tão lucrativo...

Ao bater à porta com a aldrava de cabeça de leão, ficou pensando se ouviria a música de um violoncelo tocando, mas, em vez disso, escutou a voz de um homem gritando. Sam? Não podia ser. Ele era cordial demais. Então ouviu uma mulher gritando. Ai, minha nossa. Que *timing* ótimo. Ela “dera uma passadinha” justamente quando estavam no meio de uma briga. Virou-se, indecisa, em direção à rua. Abortar missão? Ir comer o melhor tempura de Sydney?

A porta se abriu.

Era Holly. Ela usava um uniforme escolar xadrez azul e branco, meias roxas compridas e felpudas e colares de contas coloridas.

— Olá — disse Tiffany, sorrindo. — Lembra de mim?

— Você é a mãe da Dakota — falou Holly. — Vou convidar Dakota para minha festa de aniversário. Meu pai disse que ela não ia querer vir.

— Acho que ela adoraria vir — afirmou Tiffany.

Holly exibiu uma expressão de pura satisfação vingativa. Deu meia-volta e saiu correndo.

— Pa-ai!

— Tiffany!

Clementine apareceu no corredor. Parecia horrorizada.

— Oi. Como... Eu nem ouvi você bater na porta... Hum, tudo bem?

— Tudo — respondeu Tiffany.

Clementine parecia mais magra do que na última vez em que Tiffany a vira, e mais apagada também, mais velha.

— Estamos indo jantar fora — explicou Tiffany. — E eu sabia que vocês moravam aqui perto, então decidi passar para deixar um dos strudels de Vid, porque lembro que gostaram. Dakota e Vid estão no carro.

Pegou o pote com o strudel congelado dentro da bolsa e o entregou a Clementine, que o segurou com desconfiança, como se fosse radioativo.

— Obrigada — disse ela. — E obrigada mais uma vez pela boneca linda que você deu de presente para Ruby.

— De nada — falou Tiffany. — Recebemos seu cartão de agradecimento. Acho que Vid vem tentando ligar para você...

Clementine estremeceu.

— É, me desculpe, eu sei, eu tinha a intenção de ligar para vocês, só que...

— Só que na verdade não quer manter nenhum contato com a gente porque nunca mais quer pensar naquele dia e porque não nos conhece tão bem assim, para início de conversa — disse Tiffany. Ela estava cansada daquela besteira. — Eu entendo. De verdade.

Clementine hesitou.

— Mas a questão é que Dakota acha que o que aconteceu com Ruby naquele dia foi culpa dela. E desde então vem se torturando com essa culpa.

Clementine ficou boquiaberta. Parecia prestes a chorar.

— Sério? É mesmo? Sinto muito mesmo. Vou conversar com ela. Vou falar que não teve nada a ver com ela.

— Dakota precisa ver Ruby — afirmou Tiffany. — Precisa ver que ela está bem. E, na verdade, acho que Vid também precisa ver Ruby. Rapidinho. Sei que não conhecemos sua família tão bem assim, mas aconteceu na *nossa casa* e você tem que entender que isso também afetou a gente e... e...

Ela parou de falar, porque de repente Ruby viera correndo pelo corredor com Batedor na mão. Ao ver a visita inesperada na porta, ela envolveu a perna da mãe com o braço, enfiou o polegar na boca e observou Tiffany.

— Olá, Ruby.

Tiffany se agachou para ficar da altura da menina e passou o dorso da mão na sua bochecha rosada e macia. Ruby a encarou com seus grandes olhos azuis desinteressados. Era uma adulta aleatória que nem parecia estar trazendo presentes.

Tiffany sorriu para Clementine. Pelo visto, ela também precisava ver Ruby.

— Ela parece ótima — disse.

Clementine abriu um pouco mais a porta da rua.

— Por que você não vai buscar Vid e Dakota? — sugeriu.

CAPÍTULO SESSENTA E SEIS

Mais uma manhã chuvosa. Mais uma apresentação para um grupo de idosos. Os olhos de Clementine estavam secos e ardiam enquanto ela dirigia até o estacionamento do salão comunitário onde a Associação de Aposentados de Hills District se reunia todo mês. Ela passara quase a noite toda acordada com a palavra “separação” na cabeça, até que finalmente se sentara, encontrara um bloco de anotação e uma caneta e escrevera: *Estou com medo de que meu casamento tenha terminado*. Afinal, não havia uma pesquisa que dizia que anotar suas preocupações diminuía o estresse? Na verdade, fora chocante ver aquilo escrito tão francamente. Não ajudara em nada a diminuir o estresse. Ela arrancara a folha de papel e a rasgara em pedacinhos.

Quando Vid, Tiffany e Dakota foram embora na noite anterior, após sua visita inesperada, Clementine quase ficou alegre. Houvera uma sensação de alívio inquestionável: a libertação fluida depois que um acontecimento aguardado com temor finalmente passara. A *ideia* de ver Vid e Tiffany fora muito mais traumática do que a realidade. Todas as características dos dois ficaram exageradas em suas lembranças daquela noite, quando na verdade eles eram apenas pessoas comuns, simpáticas. Tiffany não era tão sexy quanto na memória de Clementine. Vid não era tão carismático. Eles não tinham poderes sexuais hipnóticos especiais. E a pobre e pequena Dakota era apenas uma criança que vinha carregando o fardo terrível de uma culpa que não era sua.

Porém, logo ficou evidente que Sam não achava o mesmo. Assim que as visitas saíram, ele se virou e foi até a cozinha para colocar a louça na máquina. Recusara-se a conversar sobre qualquer coisa que não fosse a atual administração de suas vidas: ele ia levar Holly para a aula de taekwondo antes da escola, ela ia transferir uma quantia de dinheiro para o cartão de crédito, eles não precisavam se preocupar com o jantar do dia seguinte porque passariam na casa dos pais de Clementine. E então tinham ido se deitar em camas separadas. Durante aquela longa noite Clementine concluiu que ela e Sam *já* estavam separados. As pessoas podiam se divorciar e continuar morando sob o mesmo teto. Era exatamente o que eles estavam fazendo.

Fora um alívio quando o despertador tocou e ela pôde desistir de tentar dormir. Levantara-se, ensaiara para o teste e logo cedo dera aula para Logan, um menino de treze anos que era seu aluno havia dois anos. Ele não desejava estar ali, mas sorria para

Clementine com tanta educação que até parecia querer. A professora de música de Logan dissera à mãe dele que o garoto tinha talento e “seria um crime não incentivá-lo”. Logan era tecnicamente habilidoso, mas seu coração batia mais forte pela guitarra. Essa era sua paixão. Enquanto ele tocava naquela manhã, seguindo devidamente suas instruções, Clementine se flagrara pensando se era assim que ela soava aos ouvidos de Ainsley quando ensaiava as músicas do teste. Qual fora a palavra horrível que a amiga dissera? *Robótico*. Será que ela devia dizer ao pobre pequeno Logan que ele soava robótico? Mas para quê? Podia apostar que ele não soava robótico na guitarra.

Eram apenas onze e meia e Clementine tinha a impressão de estar acordada havia muitas horas.

Porque de fato estava acordada havia muitas horas, lembrou a si mesma enquanto pegava o guarda-chuva para atravessar o estacionamento lotado.

— Onde está seu violino, querida? — indagou a diretora da Associação de Aposentados de Hills District quando Clementine se apresentou.

— Meu violino? — perguntou ela. — Na verdade, sou violoncelista, mas... hum...

— Seu violoncelo, então — falou a mulher, revirando os olhos de leve para evidenciar a atenção desnecessária que Clementine dava a detalhes sem importância: um violoncelo, afinal, não era só um violino grande! — Onde está seu violoncelo, querida?

— Mas eu não vou tocar violoncelo — explicou Clementine, incomodada. — Sou palestrante convidada. Vou discursar.

Ela sentiu um terror súbito. Estava ali para falar, certo? Não era um trabalho? Claro que não. Ela ia discursar.

— Ah, é mesmo? — indagou a mulher, decepcionada. Ela observou a folha de papel em sua mão. — Está escrito aqui que você é *violoncelista*. A gente achou que você ia tocar.

Olhou com expectativa para Clementine, como se pudesse surgir uma solução. Clementine ergueu as mãos.

— Sinto muito — disse. — Vim aqui dar uma palestra. Chama-se “Um Dia Comum”. Pelo amor de Deus.

Ela estava exausta. Havia algum propósito naquilo? Estava realmente ajudando ou só estava ali para se sentir melhor, para pagar penitência, se redimir, para equilibrar as coisas na balança universal do que é certo e errado?

As palestras comunitárias haviam surgido porque ela tentava se redimir aos olhos da mãe. Alguns dias depois de levarem Ruby para casa, Clementine estava tomando uma xícara de chá com Pam e dissera (ainda ouvia seu tom de voz agudo e envergonhado) que tinha a impressão de que devia fazer algo para conscientizar as pessoas sobre a facilidade com que um acidente daqueles podia acontecer e garantir que ninguém mais cometesse o mesmo erro que ela. Achava que devia “contar sua história”.

Ela quis dizer que devia escrever um daqueles posts tocantes no Facebook, pedir “por favor, compartilhem” e acabaria viralizando. (Provavelmente nunca nem ao menos teria chegado a fazer isso.)

Mas sua mãe ficara muito feliz. “Que ideia fantástica!” Clementine poderia fazer palestras para grupos da vizinhança, grupos de mães, associações. Estavam sempre à procura de palestrantes convidados. Poderia se “juntar” a um curso de primeiros socorros, como o St John Ambulance, distribuir panfletos no final, talvez oferecendo desconto para um curso. Pam organizaria tudo. Tinha todos os contatos e um grande círculo de amigos que pertenciam a grupos que faziam serviços comunitários em Sydney. Estavam sempre desesperados atrás de palestrantes convidados. Ela seria a “agente” de Clementine. “Isso pode salvar vidas, Clementine”, dissera Pam, com aquele conhecido olhar de missionária. *Ai, meu Deus*, pensara Clementine. Mas era tarde demais. Como diria seu pai: “O trem Pam já saiu da estação. Nada pode detê-lo agora.”

Ela *realmente* sentia que era a coisa certa a se fazer. Mas era difícil encaixar as palestras em uma vida já superlotada, sobretudo quando tinha que dirigir pela cidade de Sydney inteira para isso, em meio a trabalhos, aulas, idas à escola e ensaios para o teste.

E ainda havia o fato de que era preciso reviver o pior e mais vergonhoso dia de sua vida.

— A história começa com um churrasco — disse ela aos membros da Associação de Aposentados de Hills District, que estavam comendo carneiro com molho, batatas assadas e ervilhas enquanto ela falava. — Um churrasco comum em um jardim comum.

Você devia transformar isso numa história, dissera sua mãe. Uma história tem poder.

— Não estamos ouvindo! — gritou alguém do fundo do salão. — Você está ouvindo? Não consigo escutar uma palavra do que ela diz.

Clementine se aproximou do microfone.

Ouviu alguém na mesa mais próxima do púlpito dizer:

— Achei que hoje vinha uma violinista.

Gotículas de suor escorriam por suas costas.

Ela continuou falando. Contou sua história enquanto as pessoas raspavam os talheres nos pratos. Apresentou fatos e números. Uma criança pode ficar submersa por dez segundos, desmaiar em dois minutos e sofrer danos cerebrais permanentes em cerca de quatro a seis minutos. A cada dez crianças que morrem afogadas, nove estão sendo vigiadas por adultos. Elas podem se afogar com apenas cinco centímetros de água. Falou sobre a importância do treinamento em primeiros socorros e revelou que trinta mil australianos morriam de parada cardíaca todo ano porque não havia ninguém ao redor com conhecimento básico de reanimação cardiopulmonar para salvar suas vidas. Falou sobre o trabalho incrível que o CareFlight fazia e que eles sempre ficavam gratos com doações.

Quando ela terminou, a presidente da associação lhe entregou uma caixa de chocolate e pediu que seus companheiros dessem uma salva de palmas para a palestrante convidada do dia, que era muito interessante. Tinha sido bastante informativo, graças a Deus sua filha estava recuperada, e quem sabe na próxima vez Clementine pudesse tocar violoncelo para eles!

Em seguida, enquanto ela andava em direção à porta, com o vestido úmido grudando nas costas, um homem a abordou, limpando a boca com o guardanapo. Ela se preparou para o que estava por vir. Às vezes, as pessoas não resistiam e iam falar com ela depois, para insultá-la e dizer que nunca deveria ter tirado os olhos da filha pequena.

Mas assim que Clementine viu o rosto do sujeito, soube que ele não era um desses. Era do outro tipo. Tinha a autoridade relaxada de alguém que já estivera no controle, mas a mágoa no olhar de quem sofrera uma perda devastadora. O aspecto em torno dos seus olhos parecia o de uma fruta que amoleceu e estava quase apodrecendo.

Ele tinha uma história que precisava compartilhar. O trabalho dela era ouvir. Aquela era sua verdadeira penitência.

Provavelmente ele iria chorar. Mulheres não choravam. As idosas eram duronas feito pedra, mas os homens pareciam ficar mais sensíveis à medida que envelheciam; suas emoções os surpreendiam, como se alguma barreira protetora tivesse erodido com o tempo.

Ela se preparou.

— Meu neto teria completado trinta e dois anos esse fim de semana — disse ele.

— Ah — falou Clementine.

Ela aguardou a história. Sempre havia uma série de acontecimentos que precisava ser explicada: se isso *não* tivesse ocorrido, se aquilo *tivesse* ocorrido. Neste caso, tudo começara com um telefone quebrado. O aparelho que ficava no térreo da casa de sua filha estava quebrado, então ela correria até o segundo andar para atender e, naquele instante, o vizinho batera na porta e começara a conversar com seu genro. Enquanto isso o garotinho saía de casa. Arrastara uma cadeira até a grade da piscina. Havia uma bola de tênis boiando na água. Ele estava tentando pegar a bola. Gostava de jogar críquete. Era muito bom, inclusive. Um pequeno espoleta. Não parava quieto. Ninguém jamais acharia que ele era grande o bastante para arrastar aquela cadeira, mas ele conseguiu. Determinado.

— Sinto muito — disse Clementine.

— Bem, eu só queria lhe dizer que você está fazendo uma coisa boa — falou o homem, que não tinha chorado, graças a Deus. — Conscientizando as pessoas. Isso é uma coisa boa. Faz com que elas pensem duas vezes. As famílias não superam quando algo assim acontece. O casamento da minha filha terminou. Minha esposa nunca mais foi a mesma. Era ela no telefone, entende? Nunca se perdoou por ter ligado naquele momento. Não foi

culpa dela, é claro, nem do vizinho, foi só azar, *timing* ruim, mas basta isso. Acidentes acontecem. Enfim. Você fez um bom trabalho hoje, querida. Falou muito bem.

— Obrigada — disse Clementine.

— Tem certeza de que não quer ficar e se juntar a nós para a sobremesa? Servem uma pavlova deliciosa aqui.

— É muita gentileza sua — disse Clementine. — Mas tenho que ir.

— Sem problemas, pode ir, tenho certeza de que é muito ocupada — falou o homem, dando tapinhas no braço dela.

Clementine seguiu para a porta que estava aberta.

— Tom — disse ele abruptamente.

Ela deu meia-volta, preparando-se para o que estava por vir. Seus olhos se encheram de lágrimas. Transbordaram.

— O nome do garotinho. Caso você queira saber. O nome dele era Tom.

Ela chorou durante todo o caminho para casa: pelo garotinho, pela avó que ligara, pelo avô que dividira sua história, e pelos pais, porque o casamento deles não sobrevivera, e parecia que o de Clementine também não iria sobreviver.

CAPÍTULO SESSENTA E SETE

No fim da tarde de quinta-feira, Tiffany entrou na sala e viu Dakota sentada de pernas cruzadas no banco sob a janela. Estava lendo um livro em um pequeno círculo de luz, com o cobertor azul felpudo nas pernas, enquanto gotas de chuva escorriam na janela atrás dela. Barney estava aninhado em seu colo. Concentrada na leitura, Dakota acariciava uma das orelhas do cachorro.

Tiffany se conteve bem a tempo para não exclamar “Você está lendo!”. Em vez disso falou:

— Você está... aí!

Intrigada, Dakota desviou o olhar do livro.

— Eu não sabia onde você estava — explicou a mãe.

— Estou aqui — retrucou a menina.

Ela fixou novamente os olhos nos livros.

— Sim, está. — Tiffany se afastou. — Sim, você definitivamente está aqui... aí.

Encontrou Vid sentado à mesa da cozinha com o laptop, assistindo a uma aula sobre como fazer uma massa perfeita de tempura. Estava oficialmente obcecado desde o jantar do dia anterior, para o qual era só elogios.

— Ela voltou a ler — sussurrou Tiffany, apontando por cima do ombro.

Vid ergueu rapidamente os polegares e continuou olhando para a tela.

— Você fritou pelo som, não pelo que vê — disse ele. — Interessante, não é? Tenho que escutar.

Ele levou a mão à orelha para demonstrar.

Tiffany se sentou ao seu lado e observou o chef demonstrando como se deve “alongar delicadamente” um camarão.

— Foi bom termos ido lá ontem à noite — afirmou ela.

Vid deu de ombros.

— Eles estavam estranhos. Não falaram nada. Ficaram quietos.

— Isso foi porque você não deu oportunidade para eles falarem — retrucou Tiffany.

Vid desatava a falar quando ficava nervoso. Na noite anterior, pareceu até que ele ficara sem respirar durante os dez minutos da estranha visita que fizeram.

Apenas as três crianças tinham se comportado normalmente. Holly e Ruby haviam

ficado muito felizes em encontrar Dakota e a tinham arrastado para ver os quartos, os brinquedos e tudo o mais que havia na casa.

“Essa é nossa geladeira”, dissera Holly. “Essa é nossa televisão. Esse é o violoncelo da mamãe. Não encoste! Você não tem permissão para encostar nele em nenhuma circunstância.”

Enquanto isso, os quatro adultos haviam ficado de pé na sala, formando um quarteto bastante constrangido. Sam evitara qualquer contato visual com Tiffany, como se fosse ilegal olhar para ela. Ele parecera completamente tenso.

— Eles nem ao menos nos ofereceram uma bebida! — exclamou Vid.

Ele não conseguia superar isso, pois ofereceria bebidas mesmo durante um terremoto.

— É, bem... — disse Tiffany. — Eles não nos queriam lá.

— Hunf — resmungou Vid. — A menininha parece bem. Muito saudável. Bochechas coradas. Todos nós deveríamos ter ficado felizes, deveríamos ter comemorado.

— Acho que eles se culpam — disse Tiffany.

— Mas ela está bem, perfeita, linda! — exclamou Vid veementemente. — Graças a Erika e Oliver. Tudo bem. Não há necessidade de estarem tão abatidos. Agora, shh, estou tentando me concentrar no meu tempura.

— É você quem está falando.

Ao se levantar, Tiffany deu um peteleco em seu pescoço. Ele retribuiu com um tapa em sua bunda. Ela foi até a pia pegar um copo d’água e ficou parada, observando Dakota ler. Estava muito orgulhosa, como se tivesse fechado um contrato difícil. Visitar Clementine e Sam fora a coisa certa a se fazer. Apesar de socialmente incômodo, com certeza tinha sido a coisa certa para sua família.

Na noite anterior, enquanto estavam de pé no hall, prestes a ir embora, e Vid falava sem parar sobre assoalhos de eucalipto, Clementine puxara Dakota para o canto, segurara a mão dela entre as suas de forma quase cerimoniosa e dissera:

“Sua mãe me disse que você estava se sentindo mal com o que aconteceu com Ruby na sua casa. Dakota, proíbo você de se sentir mal por mais um minuto, um segundo que seja, está bem? A responsabilidade era minha.”

Tiffany achara que Dakota ficaria quieta, apenas balançaria a cabeça, muda, porém, para sua surpresa, a menina falara com clareza, embora os olhos estivessem fixos na sua mão presa entre as de Tiffany.

“Eu devia ter avisado a você que havia entrado em casa para ler meu livro.”

“Mas, olhe, eu *sabia* que você tinha entrado”, explicou Clementine. “Fiquei sabendo assim que você entrou, porque sua mãe me disse, então não teve nada a ver com... nada! Você não era babá delas! Quando for mais velha, provavelmente vai cuidar de várias crianças e vai ser muito responsável, vai ser incrível... Tenho certeza disso, aliás, mas

minhas filhas não eram *sua* responsabilidade naquela tarde. Então, você precisa me prometer que não vai mais se preocupar com isso, porque...” A voz de Clementine falhou por um instante. “Porque simplesmente não vou suportar que você também se sinta culpada por causa daquele dia. De verdade, não vou suportar.”

Tiffany notou Dakota se retrair, repelida pelo grau de emoção pura e madura na voz de Clementine. Ela soltou a mão da menina e, naquele instante, quase deu para perceber Dakota tomar uma decisão: aceitar ser absolvida e voltar a ser criança.

E lá estava ela lendo outra vez.

Dakota contara para Tiffany que havia parado de ler como “uma autopunição”, porque ler era o que ela mais gostava de fazer no mundo.

“Você ia parar de ler para *sempre*?”, indagara Tiffany.

Dakota dera de ombros. Também havia admitido que destruíra seu exemplar de *Jogos Vorazes* porque era o livro que estava lendo quando Ruby quase se afogou. Tiffany cogitara dizer que ela não deveria destruir suas coisas — livros custavam dinheiro, dinheiro não nascia em árvores etc. —, mas, em vez disso, dissera: “Vou comprar outro para você.”

A princípio, Dakota respondera baixinho: “Ah, não precisa.” Mas, quando Tiffany insistira, ela dissera: “Obrigada, mãe, seria ótimo, porque era mesmo um livro maravilhoso.”

Tiffany a observava virar a página, imersa em seu próprio mundinho. E pensar que a menina não dissera uma palavra sequer sobre como realmente estava se sentindo nas últimas semanas enquanto a culpa secreta a corroía... Caramba, ela teria que ficar de olho na filha feito uma águia. Devia agir como sua irmã, Louise, que “era intensa demais”, segundo sua mãe, enquanto Tiffany provavelmente era superficial demais.

A campainha tocou.

— Eu atendo — disse Tiffany sem necessidade, pois nem Vid nem Dakota se mexeram.

Ela teve uma sensação de *déjà-vu*. Dakota deitada no banco sob a janela. A campainha tocando. A manhã do churrasco.

— Oi, eu me...

O homem na soleira da porta parou de falar. Ele observou o corpo de Tiffany de cima a baixo. Ela usava calça de ginástica e uma camiseta velha, mas o sujeito a olhava como se ela estivesse com seu uniforme de colegial dos dias de dançarina. Tiffany inclinou o quadril para o lado e aguardou (estava gostando daquilo, para falar a verdade; estava de bom humor).

Ele voltou a olhar para o rosto dela.

Isso vai custar dez dólares, cara.

— Oi — disse o homem, pigarreando.

Tinha vinte e tanto anos, era muito louro, e suas bochechas estavam coradas. Que fofo. *Está bem, para você é de graça.*

— Oi — respondeu Tiffany de forma sedutora, fazendo contato visual, só para saber se conseguia fazê-lo corar ainda mais, e, sim, pelo visto era possível: o pobre coitado estava vermelho.

— Eu me chamo Steve. — Ele estendeu a mão. — Steve Lunt.

Era um pouco esnobe. Tinha uma voz cuidadosamente articulada que fazia a outra pessoa se sentir na obrigação de imitá-lo.

— Meu tio, meu tio-avô, Harry Lunt, era seu vizinho.

— Ah, sim. — Tiffany se empertigou ao apertar sua mão. Merda. — Oi. Meu nome é Tiffany. Sentimos muito pelo seu tio.

— Bem, obrigado, mas na verdade eu só o vi uma vez, quando era criança — explicou Steve. — E, para ser sincero, eu morria de medo dele.

— Eu não sabia que ele tinha família — disse Tiffany.

— Nós moramos em Adelaide — afirmou Steve. A cor do seu rosto voltara ao normal. — E, como certamente vocês sabem, Harry não era muito sociável.

— Hum... — disse Tiffany.

— Nós éramos os únicos parentes dele e minha mãe fazia o possível, mas eles só trocavam raros cartões de Natal e telefonemas. A coitada da minha mãe ficava sentada, ouvindo, enquanto ele gritava com ela.

— Nós, todos os vizinhos, ficamos nos sentindo mal por termos demorado tanto tempo até... até perceber... — Tiffany interrompeu a frase.

— Fiquei sabendo que você encontrou o corpo dele — disse Steve. — Deve ter sido perturbador.

— Foi — respondeu Tiffany. — Foi, sim.

Ela se lembrou de ter vomitado no vaso de arenito. O que acontecera com o vaso? Será que ficaria para aquele pobre sujeito?

— Eu me sinto mal por não termos ficado de olho nele.

— Duvido que ele deixasse alguém ficar de olho — afirmou Steve. — Se isso faz você se sentir melhor, parece que ele disse para minha mãe que vocês eram simpáticos.

— Ele disse que nós éramos *simpáticos*?

Tiffany estava perplexa. Steve sorriu.

— Acho que as palavras exatas que ele disse foram “até que são simpáticos”. Enfim, eu só queria avisar que vamos fazer uma pequena reforma na casa antes de colocar à venda. Espero que não faça muito barulho ou incomode demais.

— Obrigada — disse Tiffany.

Ela fez um cálculo do valor aproximado da casa de Harry. Será que devia fazer uma

oferta?

— Tenho certeza de que não vai ser um problema. Nós acordamos cedo.

— Certo. Bem. Foi bom conhecer você. É melhor eu voltar para lá.

Tiffany fechou a porta e pensou nas costas curvadas e vulneráveis de Harry enquanto ele se arrastava pelo jardim em direção à sua casa. Lembrou-se da fúria em seus olhos quando gritara com ela: “Por acaso é burra?”

Era interessante como fúria e medo podiam ser tão parecidos.

CAPÍTULO SESSENTA E OITO

— Então pelo visto minha mãe não vai cancelar — disse Erika.

Ela passara o dia todo esperando o telefonema da mãe dizendo que estava com dor de cabeça, ou que “não estava com energia para aquilo”, ou que estava chovendo demais, ou, por mais absurdo que fosse, que tinha “tarefas domésticas” para fazer e, portanto, no fim das contas, não poderia ir com eles jantar na casa dos pais de Clementine.

Mas Erika não recebera esse telefonema. Em um minuto, iam buscar Sylvia e descobrir a personalidade que ela escolhera para a noite.

Quando ia visitar os pais de Clementine, Sylvia costumava interpretar uma personagem sonhadora e boêmia, como se fosse uma artista e eles fossem o casal suburbano entediante que havia se oferecido para cuidar de sua filha enquanto ela se distraía com a própria arte. Outra opção famosa era a da sedutora alcoólatra e aborrecida (que canalizava Elizabeth Taylor), mas Sylvia não bebia, apenas segurava seu copo d’água com uma elegância despreocupada, como se fosse um martíni, e falava com uma voz grave e rouca. Qualquer que fosse a personalidade escolhida, o objetivo era deixar claro que, de alguma forma, ela era especial e diferente, portanto não havia necessidade de se sentir culpada ou particularmente grata pelo tempo que Erika passara na casa de Clementine quando criança.

— Pois é — disse Oliver.

Ele estava de ótimo humor. Clementine preenchera toda a papelada, fizera exame de sangue e marcara uma consulta com o psicólogo na clínica de fertilização in vitro. As coisas estavam progredindo. Cada vez que Clementine lhe passasse algo na mesa esta noite, ele provavelmente estaria examinando sua estrutura óssea e imaginando seus espermatozoides supereficientes (os exames indicavam perfeita mobilidade) se agitando na placa de Petri com os óvulos dela.

— Os pais de Clementine sabem lidar com ela.

Assim que Oliver virou na esquina da rua da sogra, o celular de Erika tocou e ela ficou aliviada.

— Salvos pelo gongo! — comemorou.

Mas era sua mãe pedindo para avisarem quando estivessem por perto para que ela ficasse esperando por eles na frente de casa.

Erika respondeu a mensagem: *Estamos chegando.*

Sua mãe escreveu: *Ótimo!! Bjs*

Minha nossa. Dois pontos de exclamação e beijos. O que aquilo significava?

— Parece que os vizinhos já colocaram uma placa de *Vende-se* — comentou Oliver enquanto estacionava o carro. — Uau! — exclamou. — Ela se superou.

— Não falei? — retrucou Erika.

O jardim da casa da mãe de Erika estava com o mesmo aspecto de quando ela visitara pela última vez. Talvez pior? Não lembrava.

— Acho que precisamos chamar profissionais — disse Oliver, observando o jardim. — Tirar ela daqui, fazer o que é preciso enquanto ela estiver fora.

— Ela não vai cair nessa outra vez — retrucou Erika.

Certa vez levara a mãe para viajar durante um fim de semana e mandara faxineiros na casa dela, devolvendo um lar lindo e irreconhecível para a mãe. Quando voltaram, Sylvia lhe dera um tapa na cara e se recusara a falar com ela durante seis meses por causa de sua “traição”. Erika sabia que a estava traindo. Passara o fim de semana inteiro se sentindo o próprio Judas.

— Vamos dar um jeito. Lá vem ela. Está... Nossa, está ótima.

Oliver saiu do carro, sob a chuva, para abrir a porta de trás para Sylvia, que carregava um grande guarda-chuva branco de cabo de madeira e vestia um lindo terninho bege, parecido com algo que Jane Fonda usaria para receber um prêmio pelo conjunto de sua obra. Seu cabelo estava brilhoso e com movimento, portanto ela devia ter ido ao cabeleireiro. Quando a mãe entrou no carro, Erika só sentiu cheiro de perfume... nada úmido, mofado nem podre.

Era um truque. O maior truque. Naquela noite não iam fingir que havia um motivo pelo qual os pais de Clementine tinham praticamente adotado Erika. Naquela noite iam fingir que *aquilo simplesmente nunca acontecera*, e é claro que todos entrariam no jogo e deixariam que ela se safasse com aquilo. Todos iam se comportar como se Sylvia morasse em uma casa condizente com aquela linda roupa nova.

— Olá, querida — disse sua mãe com uma voz arfante e feminina de “sou uma ótima mãe”.

— Você está bonita — falou Erika.

— Estou? Obrigada — respondeu ela. — Liguei para Pam mais cedo para perguntar se podia levar algo e ela insistiu que eu fosse de mãos vazias. Fez um comentário muito misterioso sobre a noite ser em homenagem a você e Oliver, por mais que saiba que vocês dois não gostam de tocar no assunto, mas seria eternamente grata, é óbvio. Pensei: caramba, será que minha querida Pam está finalmente perdendo a cabeça?

Oliver pigarreou e deu um sorrisinho triste para Erika.

Claro que Erika não dissera uma palavra sequer à mãe sobre o que acontecera no churrasco. A história podia parecer simples, mas não dava para saber como ela reagiria.

— A gente estava em um churrasco com os vizinhos da casa ao lado e Ruby caiu em um chafariz — explicou Erika. — Oliver e eu meio que... resgatamos ela. Fizemos reanimação cardiopulmonar. Ela ficou bem.

Fez-se silêncio no banco de trás.

— Ruby é a menorzinha, certo? — indagou a mãe de Erika com seu tom de voz normal. — Quantos anos ela tem? Dois?

— Isso — confirmou Oliver.

— O que aconteceu? Ninguém a viu cair? Onde estava a mãe? O que Clementine estava fazendo?

— Ninguém a viu cair — afirmou Erika. — Foi apenas um triste acidente.

— Então... ela não estava respirando quando vocês a tiraram da água?

— Não — respondeu Erika, notando as mãos de Oliver se fecharem em torno do volante.

— Vocês trabalharam juntos?

— Oliver fez as compressões e eu fiz as respirações de resgate.

— Quanto tempo demorou para ela reagir?

— Pareceu uma eternidade — disse Erika.

— Imagino — falou Sylvia, baixinho. — Imagino bem. — Em seguida se inclinou para a frente e deu tapinhas nos ombros deles. — Muito bem. Estou muito orgulhosa de vocês dois. Muito orgulhosa.

Ambos ficaram em silêncio, mas Erika sentiu o carro se encher com a felicidade mútua dos dois; reagiam como plantas sedentas de água quando recebiam qualquer aprovação sobre paternidade.

— Então a Srta. Clementine Perfeitinha não é tão perfeita assim, no fim das contas! — comemorou Sylvia, recostando-se no banco. Havia um tom desagradável e triunfante em sua voz. — Rá! O que Pam disse sobre isso? *Minha* filha salvou a vida da neta dela!

Erika suspirou e os ombros de Oliver se curvaram. Claro que ela estragaria o momento, claro.

— Pam está muito grata — disse ela, sem emoção.

— Bem, com certeza isso empata o jogo, não é? Apesar de tudo o que aquela família supostamente fez por você.

— Nada de *supostamente*, mãe — retrucou Erika. — A casa deles era um refúgio para mim.

— Um refúgio — zombou Sylvia.

— É, isso mesmo, um refúgio, com água corrente, eletricidade e comida de verdade

na geladeira. Ah, e sem ratos. Isso era bom. A ausência de ratos.

— Deixe para lá — falou Oliver baixinho.

— Bem, o que estou dizendo, minha filha querida, é que agora não precisamos nos sentir tão gratas a eles, não é? Tão subservientes. Como se fossem nossos senhores feudais. Você salvou a vida daquela criança!

— Sim, bem, e agora Clementine vai doar os óvulos para nos ajudar a ter um bebê, então vamos voltar a ser gratos a eles — disse Erika.

Tinha sido um erro. Assim que falou, soube que tinha sido um erro.

Houve uma pausa. Erika olhou para Oliver. Ele balançou a cabeça de maneira resignada enquanto ligava a seta para virar à direita.

— Espere aí... *O que* foi que você disse?

Sylvia se inclinou para a frente o máximo que o cinto de segurança permitia.

— Caramba, Erika — disse Oliver, suspirando.

— Estamos tentando fertilização in vitro há dois anos — afirmou ela. — E meus óvulos são... podres.

Por sua causa, pensou ela. Porque cresci na imundície, cercada de podridão, decomposição e mofo, por isso germes, esporos e toda forma de nocividade tomaram meu corpo. Ela não ficara nem um pouco surpresa ao descobrir que não podia engravidar. Claro que seus óvulos tinham problemas. Não era nenhuma surpresa!

— Não são *podres* — retrucou Oliver com tristeza. — Não diga isso.

— Você nunca me falou que estava fazendo fertilização in vitro — comentou Sylvia.
— Simplesmente se esqueceu de mencionar isso? Sou enfermeira! Eu poderia ter apoiado você... Dado conselhos!

— Até parece — disse Erika.

— Como assim, “até parece”?

— Não contamos a ninguém — explicou Oliver. — Guardamos segredo.

— Somos pessoas estranhas — acrescentou Erika. — Sabemos disso.

— Você sempre disse que não queria ter filhos — observou Sylvia.

— Mudei de ideia.

Parecia até que ela havia assinado um contrato, a julgar pela forma como as pessoas ficavam lembrando aquilo.

— Então Clementine se ofereceu para doar os óvulos? — perguntou Sylvia.

— Nós pedimos a ela — respondeu Erika. — Pedimos antes... do que aconteceu com Ruby.

— Mas pode apostar que é por isso que ela aceitou — disse Sylvia.

— Olhe, não tem nada certo ainda — falou Oliver. — Estamos apenas no início do processo. Clementine precisa fazer exames, se consultar com um psicólogo...

— É uma péssima ideia — declarou a mãe de Erika. — Definitivamente é uma ideia horrível. Com certeza há opções.

— Sylvia — começou Oliver.

— Meu neto não vai ser meu de verdade! — exclamou Sylvia.

Narcisista. Era assim que a psicóloga de Erika a descrevia. Uma narcisista clássica.

— Meu neto vai ser neto de Pam — continuou. — Já não basta ela pegar minha filha, ah, não, agora vai poder se sentir superior a mim por causa disso. “Ficamos tão felizes em poder ajudar, Sylvia!” Toda condescendente e convencida. É uma péssima ideia! Não façam isso. Vai ser um desastre.

— Isso não é da sua conta, Sylvia — retrucou Oliver.

Erika notou o tom de raiva em sua voz, e isso a deixou nervosa. Ele raramente ficava bravo e sempre tinha uma educação escrupulosa ao falar com a sogra.

— Mas por que você pediu a ela? — perguntou Sylvia. — Encontre uma doadora anônima. Não quero que meu neto tenha o DNA da Pam! Ela tem orelhas de abano imensas! Erika! E se seu filho herdar as orelhas da Pam?!

— Pelo amor de Deus, mãe — disse Erika. — Li em algum lugar que existe um gene associado à acumulação compulsiva. Acho que prefiro que meu filho tenha orelhas de abano do que se torne um acumulador.

— Por favor, não use essa palavra. Tenho horror a essa palavra. É tão...

— Correta? — murmurou Erika.

O silêncio reinou por alguns segundos, mas Sylvia logo se recuperou.

— O que você vai dizer quando Clementine for visitar vocês? — indagou ela. — Ah, olhe, querido, sua mãe de verdade chegou! Vá tocar violoncelo com ela.

— Sylvia, por favor — pediu Oliver.

— Não é natural, essa é a verdade. A ciência foi longe demais. Só porque você *pode* fazer algo, não significa que deve.

Viraram na rua dos pais de Clementine. Quando Erika era criança, costumava levar apenas dez minutos para ir a pé até ali, deixando toda a sujeira e a vergonha para trás. Ela ficou olhando pela janela enquanto estacionavam diante da bonita casa de apenas um andar com porta verde-oliva. A mera visão daquela porta verde-oliva costumava acalmar seu coração.

Oliver desligou os limpadores de para-brisa, virou a chave na ignição, soltou o cinto de segurança e se virou para olhar a sogra.

— Podemos não falar sobre esse assunto durante o jantar? — perguntou ele. — Posso pedir isso a você, Sylvia?

— Claro que não vou falar sobre isso — respondeu ela, baixando o tom de voz em seguida. — Mas dê só uma olhada nas orelhas de Pam... — E acariciou um dos seus

lóbulo. — É tudo o que eu peço. Eu, em compensação, tenho orelhas muito delicadas.

CAPÍTULO SESSENTA E NOVE

Cling, cling, cling!

Pam bateu a colher na lateral do copo d'água e se levantou.

— Posso ter a atenção de vocês, por favor?

Clementine deveria saber. Haveria um discurso. Claro. Sua mãe passara a vida toda fazendo discursos. Cada aniversário, cada feriado, cada ínfima conquista acadêmica, esportiva ou musical merecia um discurso.

— Ah, minha nossa, você vai cantar para nós, Pam? — perguntou Sylvia, se virando na cadeira para olhar na direção de Pam. Depois piscou para Clementine, que balançou a cabeça.

Clementine sabia que Sylvia tinha sido uma péssima mãe para Erika, que fizera e dissera coisas imperdoáveis ao longo dos anos, tudo isso além do problema da acumulação, mas sempre sentira um carinho traiçoeiro por ela. Gostava da subversão de Sylvia, de seus comentários bizarros, de suas histórias dissimuladas e das discretas provocações sarcásticas e espertas. Em contraste, sempre achara a própria mãe muito sensata e séria, como a esposa bem-intencionada de um pastor. Clementine particularmente gostava de ver as roupas de Sylvia. Com a mesma facilidade ela conseguia se vestir como uma intelectual boêmia, uma princesa russa ou uma mendiga. (Infelizmente, escolhera “mendiga” para o casamento da própria filha, para provar algum ponto antigo, complexo e sem importância.)

Naquela noite Sylvia estava vestida como uma socialite. Passava a impressão de morar em uma mansão elegante e ter um marido banqueiro.

— Espero que me permitam a indulgência de dizer algumas palavras — começou Pam. — Há duas pessoas aqui esta noite que só podem ser descritas como... — Ela fez uma pausa e uma inspiração profunda e trêmula. — Heróis discretos.

— Viva! — exclamou muito alto o pai de Clementine.

Ele estava bebendo mais do que de costume. A mãe de Erika o deixava nervoso. Certa vez, ela se sentara ao lado dele durante uma apresentação na escola, e, enquanto debatiam política, aparentemente ela colocara a mão “muito próximo das... partes dele” (era assim que Pam descrevia), então o pai de Clementine “emitiu o barulho mais peculiar que dá para imaginar, feito um ganido”.

— Sim, é isso que são, heróis discretos e sem pretensões, mas ainda assim heróis — continuou Pam.

— Ooohm.

Sylvia inclinou a cabeça para o lado como quem diz “puxa vida”, como se Pam estivesse se referindo a ela.

Erika girou um dos ombros, como se seu pescoço estivesse tenso. Oliver ajustou os óculos e pigarreou. Os dois pareciam muito incomodados com a situação.

“Por que você convidou a mãe da Erika?”, indagara Clementine a Pam mais cedo naquela mesma noite.

“Achei que seria bom para Erika”, respondera Pam, na defensiva. “Faz muito tempo que não vemos Sylvia, e a acumulação dela andou piorando de novo, então achei que isso poderia ser útil.”

“Mas Erika odeia a mãe”, afirmara Clementine.

“Ela não *odeia* a mãe”, retrucara Pam, mas ficara chateada. “Meu Deus, eu provavelmente não deveria ter convidado ela, você tem razão. Erika aproveitaria mais a noite sem ela. A gente tenta fazer a coisa certa, não é? Nem sempre funciona.”

No momento, ela estava olhando alegremente ao redor da sala.

— Eles não querem elogios. Não querem medalhas. É provável que nem sequer queiram esse discurso!

Ela riu com alegria.

— *Eu* quero uma medalha — disse Holly.

— Shh, Holly — repreendeu Sam, do outro lado da menina.

Ele mal tocara na comida em seu prato.

— Mas certas coisas simplesmente precisam ser ditas — afirmou Pam.

— Mas eu quero uma medalha! — exigiu Holly.

— *Não tem nenhuma medalha* — sibilou Clementine.

— Então por que vovó falou que tinha?

— Ela não falou isso! — respondeu Sam.

A mãe de Erika deu uma risada prazerosa.

— A dívida de gratidão que temos com Erika e Oliver é de tal magnitude que eu nem tenho como começar a... — disse Pam.

— Você se incomoda de me passar a água, Martin? — pediu Sylvia, sussurrando alto para o pai de Clementine.

Pam ficou paralisada, observando o marido erguer metade do corpo da cadeira enquanto colocava desajeitadamente o jarro de água ao lado de Sylvia, evitando qualquer possibilidade de contato visual.

— Desculpe, Pam — disse Sylvia. — Continue. Aliás, adorei seus brincos.

Pam, confusa, levou a mão à orelha. Estava usando os brincos de ouro simples de sempre.

— Obrigada, Sylvia. Onde eu estava?

— A dívida de gratidão — falou Sylvia prestativamente enquanto se servia um copo d'água.

Oliver inclinou a cabeça para trás e observou o teto, como se buscasse inspiração ou salvação.

— Ah, sim, a dívida de gratidão — disse Pam.

Ruby, que estivera sentada em uma almofada na cadeira ao lado de Clementine, de repente largou a colher com determinação e deslizou para o chão.

— Aonde você vai? — murmurou Clementine.

Ruby levou a mão à lateral da boca.

— Vou sentar no colo do vovô.

— Eu queria sentar no colo do vovô — reclamou Holly. — Na verdade, eu estava *indo* sentar no colo do vovô agora mesmo.

— Há uma citação — falou Pam.

(Sempre havia.) Ela abriu bastante os dedos, com as palmas viradas para o teto. Gostava de fazer aquele gesto específico durante suas citações, pois lembrava o de um político.

— *Amigos são a família que escolhemos.*

— É verdade — disse Sylvia. — É a pura verdade.

— Não sei quem falou isso — admitiu Pam. Ela gostava de dar o crédito das citações. — Eu ia verificar.

— Não se preocupe, Pam, podemos pesquisar depois — falou o pai de Clementine.

— Oliver pode pesquisar agora mesmo! — ofereceu Sylvia. — Oliver! Cadê seu celular? Ele é muito rápido. Tap-tap-tap e, pronto, tem a resposta!

— Mãe — chamou Erika.

— O que foi? — perguntou Sylvia.

— Amigos são a família que escolhemos — repetiu Pam. — E fico muito feliz que Clementine e Erika tenham escolhido ser amigas. — Ela olhou para Clementine e então logo desviou o olhar. — Erika. Oliver. Suas atitudes maravilhosas naquele dia salvaram a vida da nossa querida Ruby. É óbvio que nunca poderemos retribuir de verdade. A dívida de gratidão que nós...

— Acho que já falamos sobre a dívida de gratidão — afirmou Sylvia. — Não foi? Enfim, pelo que eu soube, a dívida vai ser retribuída...

— *Sylvia* — repreendeu Oliver.

Ela lançou um olhar maroto para Clementine. Depois se inclinou em sua direção e sussurrou, para que Oliver e Erika não ouvissem.

— Você e Oliver, hein?

Clementine franziu o cenho, sem entender.

— Vão fazer um bebê juntos! — esclareceu Sylvia.

Seus olhos brilharam com malícia. Clementine notou que o maxilar de Erika estava tenso feito o de alguém que está suportando um procedimento médico doloroso porém necessário.

— Erika e Oliver. Amamos vocês. Somos gratos a vocês. Saudamos vocês. — Pam ergueu a taça. — A Erika e Oliver.

Houve um ruído confuso enquanto todos pegavam a taça de vinho ou o copo d'água e os erguiam também.

— Tim-tim! — gritou Holly. Ela tentou brindar seu copo de limonada com a taça de vinho de Clementine. — Tim-tim, mamãe!

— Sim, tim-tim. Tome cuidado, Holly — disse Clementine.

Ela percebeu que a filha estava à beira da loucura. Ultimamente não dava para adivinhar o que a menina ia fazer em seguida, e naquele instante estava embriagada de tanta limonada.

— Tim-tim, papai! — disse Holly.

Sam não ouviu. Ainda estava com a taça de vinho erguida, mas mantinha os olhos fixos em Ruby, sentada no colo de Martin, sussurrando algo para Batedor.

— Eu disse *tim-tim*, papai — falou Holly, brava, e se ajoelhou na cadeira, batendo o copo com tanta força na taça do pai que o vidro se estilhaçou nas mãos de Sam.

— *Caramba!*

Ele se levantou com um pulo da cadeira, como se tivesse levado um tiro. Virou-se para Holly e gritou:

— Isso foi feio! Você é uma menina muita malcomportada, muito má!

Holly se encolheu.

— Desculpe, papai. Foi um acidente.

— Foi um acidente idiota! — rugiu ele.

— Pronto, *chega* — disse Clementine.

— Ai, minha nossa — falou Pam.

Sam ficou de pé. Havia sangue em sua mão. Por um instante, o único barulho que se ouviu foi o da chuva contínua.

— Quer que eu dê uma olhada no corte? — ofereceu Sylvia.

— Não — respondeu Sam com grosseria. Ele chupou a lateral da mão. Sua respiração estava arfante. — Preciso de ar fresco.

Ele saiu da sala. Era só o que fazia ultimamente: sair do cômodo.

— Olhe só! Um pouco de drama para deixar as coisas mais interessantes — disse

Sylvia.

Oliver ficou de pé e começou a juntar os cacos de vidro na palma da mão.

— Venha se sentar comigo, Holly — falou Erika, afastando sua cadeira e dando tapinhas nas próprias pernas.

Para a surpresa de Clementine, Holly deslizou da cadeira e correu até ela.

— Eu *disse* para você tomar cuidado, Holly — comentou Clementine, sabendo que só a estava repreendendo porque imaginara que era ela quem ia sentir o conforto do corpo da menina encostado no seu.

Queria que Holly se sentasse em seu colo, não no de Erika, e isso era infantil. Todos os seus sentimentos haviam se tornado mesquinhos e tortuosos. Ela devia mesmo cancelar o teste. Era emocionalmente atrofiada para ser uma boa instrumentista. Imaginou o arco arranhando as cordas como se de repente ela tivesse virado uma iniciante: notas sibilantes e desagradáveis que combinavam com suas emoções sibilantes e desagradáveis.

— Certo. Bem. Chá, alguém? Café? — perguntou Pam. — Erika trouxe ótimas amêndoas com chocolate que combinam muito bem com uma xícara de chá. Perfeito!

— Ela não é esperta? — comentou Sylvia.

— Sou mesmo extraordinária — disse Erika.

Enquanto Pam começou o complicado processo de confirmar os pedidos de café e chá de todos, Clementine recolhia os pratos e os levava para a cozinha. Seu pai foi atrás dela, carregando Ruby, que exibia aquela postura confortável e superior que as crianças adotam sempre que estão no colo de um homem alto; feito um pequeno sultão de bochechas gorduchas.

— Você está bem? — perguntou seu pai.

— Estou — respondeu Clementine. — Desculpe por Sam. Acho que ele está estressado com o trabalho.

— É, ele parece estressado com o trabalho novo — falou Martin, e colocou Ruby no chão quando ela começou a se remexer. — Mas acho que não é só isso.

— Bem, tem sido difícil para ele desde... o acidente — disse Clementine.

Ela não sabia ao certo se podia chamar aquilo de acidente, se isso significava que ela não se considerava responsável.

— Sam culpa a si mesmo por não ter ficado de olho em Ruby... E eu acho, eu sei, que também me culpa — falou Clementine.

De alguma maneira, era mais fácil admitir sem rodeios aquilo para o pai, que interpretaria de forma literal o que ela estava dizendo, enquanto sua mãe ouviria com atenção e empatia demais e usaria os próprios sentimentos para filtrar tudo.

— E suponho que eu culpo ele — confessou Clementine. — E ao mesmo tempo nós dois estamos fingindo que não culpamos um ao outro.

— Certo — disse seu pai. — Bem, isso se chama casamento. Estamos sempre culpando o outro por algo. — Ele abriu um dos armários da cozinha e começou a pegar as canecas. — Quer apostar que estou pegando as erradas? — Virou-se para olhar para Clementine, erguendo duas canecas pelas alças com as pontas dos dedos. — Mas acho que tem mais coisa acontecendo. Ele não está bem. Não está bem de cabeça.

— *Essas*, não, Martin. — Pam entrou alvoroçada na cozinha. — Queremos as boas. — Ela tirou as canecas da mão dele e as guardou rapidamente. — Quem não está bem de cabeça?

— Sam — respondeu Clementine.

— Faz semanas que estou dizendo isso — afirmou Pam.

CAPÍTULO SETENTA

— Oi de novo.

Tiffany levantou o guarda-chuva para ver quem havia falado. Ela estava andando pelo pátio em direção à loja do Saint Anastasias, onde ia comprar o uniforme de Dakota para o ano seguinte.

Era a esposa de Andrew outra vez. Claro. A Lei de Murphy iria garantir que Tiffany encontrasse aquela mulher e/ou seu marido toda vez que entrasse na escola e que fosse a um evento escolar, até que Dakota terminasse o ensino médio. Não seria nada incômodo. Não! Seria ótimo. Cara e Dakota se tornariam melhores amigas. Eles os convidariam para um churrasco em casa. “Onde vocês se conheceram?”, perguntaria inocentemente a esposa gentil, e seu marido levaria a mão ao peito e morreria de ataque cardíaco (prático!), mas então Oliver sairia correndo da casa ao lado e o ressuscitaria.

— Tiffany, não é? Eu me chamo Lisa — disse a esposa de Andrew.

Ela inclinou o guarda-chuva surrado para trás, revelando seu rosto. Havia bolsas rosadas e macias sob seus olhos. Uma das hastes de metal do guarda-chuva despontara do tecido e apontava para seu rosto feito uma arma.

— Você não deve se lembrar de mim. Eu me sentei ao seu lado durante a Manhã Informativa.

— Eu lembro. Como vai? — disse Tiffany.

— Não muito bem. Essa chuva constante está me enlouquecendo — falou Lisa. Depois examinou Tiffany. — *Você está com uma aparência boa. Toma algum suplemento secreto?*

— Caféina? — respondeu Tiffany.

— Sério, é um prazer olhar para você.

Tiffany riu, pouco à vontade. Será que estava prestes a dizer “Fiquei sabendo que meu marido costumava pagar caro só para olhar para você”?

— Também veio comprar o uniforme da Cara? — perguntou Tiffany.

Ela sabia que a loja de uniformes, administrada por “nossos adoráveis voluntários”, só ficava aberta durante quarenta e cinco minutos naquele horário e “nenhum minuto a mais”, portanto “os primeiros a chegar serão os mais bem-vestidos (literalmente!)”.

Será que pareceria estranho o fato de ela lembrar o nome da filha de Lisa? Suspeito?

— Na verdade, eu já tinha comprado o uniforme dela, mas vim devolver — explicou Lisa. — Vamos morar em Dubai nos próximos cinco anos, então Cara não vai para o Saint Anastasias, no fim das contas.

— Ah, bem, isso é...

Tiffany tentou pensar em uma maneira mais apropriada de terminar a frase do que “uma notícia maravilhosa”, mas, paradoxal e irracionalmente, percebeu que estava quase decepcionada. Gostava de Lisa. É um prazer olhar para você. Quem dizia uma coisa dessas? Era gentil.

— E como você se sente em relação a isso? — perguntou.

— Estou tentando aceitar — disse Lisa. — Já tivemos a experiência de viver como expatriados quando as crianças era pequenas e deu tudo certo, mas acho que não tenho energia para fazer isso de novo. Estamos muito enraizados em Sydney e isso surgiu do nada. Foi na quarta-feira, no dia da Manhã Informativa, na verdade... Meu marido ficou sabendo de uma oportunidade maravilhosa, incrível, que ele simplesmente não podia perder ou... ou alguma merda dessas. — Ela levou a mão à boca. — Eu provavelmente não deveria falar palavrão em uma escola católica. — Ergueu os olhos. — Deus não vai gostar.

— Você não pode mudar os planos? — perguntou Tiffany.

Lisa ergueu a mão em sinal de derrota.

— Algumas batalhas não podem ser vencidas e esta é uma delas. Acho que não chove muito em Dubai. Pelo menos isso.

De repente, ela impulsionou para a frente a sacola que tinha nas mãos.

— Tome. Fique com isso. Está tudo aqui. Nossas filhas parecem ser mais ou menos do mesmo tamanho. Não quero me dar o trabalho de passar por toda a burocracia para pegar meu dinheiro de volta. Roxanne Silverman é quem cuida da loja de uniformes. Ela sempre me pergunta se eu emagreci, que é o jeito passivo-agressivo de me dizer que preciso emagrecer.

Tiffany pegou a sacola com relutância.

— Eu pago a você.

— Não! — disse Lisa. — Pode ficar. Eu insisto. Acho que podemos arcar com a perda de todos os depósitos não reembolsáveis que fizemos para a escola.

— Por favor — falou Tiffany. — Por favor, me deixe dar...

Ela colocou a sacola aos seus pés e ficou procurando a carteira na bolsa enquanto ainda segurava o guarda-chuva.

— Preciso ir. Se cuide — disse Lisa.

Ela deu meia-volta e se afastou, o guarda-chuva inclinando com o vento.

— Bem, obrigada! — gritou Tiffany.

Lisa ergueu o guarda-chuva para indicar que ouvira e continuou andando.

Tiffany a observou se afastar. Um sinal tocou e ouviu-se um burburinho de vozes de meninas no edifício ao lado, feito um bando de gaivotas. Gaivotas com belos sotaques de garotas de escola particular.

Ela pensou no marido de Lisa.

O marido de Lisa era um homem educado, de voz mansa. Tinha se interessado pelo diploma de Tiffany. Gostara principalmente da fantasia de colegial: xadrez verde e branco, não muito diferente daquele ainda envolto em papel celofane dentro da sacola que segurava; o que sua filha teria usado se fosse frequentar aquela escola. O marido de Lisa bebia Baileys com leite. Ela o provocava dizendo que era bebida de mulher. O marido de Lisa costumava enfiar de uma só vez um imenso maço de notas de dólar em sua cinta-liga, em vez de obrigá-la a correr atrás do dinheiro, ou, pior, de provocá-la, como se as notas fossem biscoitos para cachorro. Isso era uma merda.

O marido de Lisa a levava para sair algumas vezes após o trabalho. Certa vez, fora até lá para vê-la se apresentar durante o dia. Quando ela terminou, não conseguiram encontrar nenhum lugar aberto para almoçar, então ele reservou um quarto de hotel *só para que pudessem pedir serviço de quarto*. Fora uma revelação para Tiffany: como era possível usar dinheiro para manipular o próprio mundo. Quando as coisas davam errado, bastava balançar o cartão de crédito feito uma varinha de condão. Depois do almoço, ele voltara para o trabalho e ela tivera a oportunidade de passar a noite de graça em um hotel no centro da cidade. Convidara alguns amigos da universidade para ficar lá. Nenhum deles acreditara que ela não tinha transado com o cara, mas não tinha. Havia comido sanduíches e assistido a um filme. Ele fora um amigo. Ela fora como a cabeleireira dele, só que, em vez de cortar seu cabelo, dançara para ele. A relação dos dois parecia saudável.

Só um ano depois disso, talvez, após a apresentação em particular que ela fizera, ele perguntara a Tiffany, daquele seu jeito educado e reticente, se já vira o filme *Proposta Indecente*. Aquele com Robert Redford e Demi Moore. Aquele em que Robert Redford pagava uma quantia absurda para transar com Demi Moore.

Tiffany já tinha visto o filme. E entendera a pergunta.

“Cem mil dólares”, dissera ela, antes mesmo que ele perguntasse.

A quantia era pequena o bastante para ser uma possibilidade, porém alta o bastante para permanecer uma piada, um desafio, uma fantasia, e não torná-la uma prostituta.

Ele não hesitara e respondera: “Aceita cheque?”

Era um cheque da empresa, da “Alguma Coisa Holdings”, e a quantia serviu para pagar o depósito do apartamento que ela comprara no leilão em que conhecera Vid. Fora a base da sua fortaleza financeira.

Ela sempre dissera a Vid que nunca havia transado com nenhum de seus clientes — era

dançarina, não prostituta — e acreditava que isso era verdade. A história com Andrew fora um acontecimento único com um amigo mais velho e rico. Uma piada. Um desafio. Uma ideia divertida. Ela teria feito a mesma coisa em troca de duas bebidas se o houvesse conhecido em um bar e ele a tivesse feito rir. Mesmo depois de ter ido para a cama com ele, ela ainda tinha a sensação de que a relação dos dois era saudável. O sexo fora simples, em posição papai e mamãe, com camisinha. Seu relacionamento com Vid era mais perverso.

Lembrava que, depois, enquanto estavam deitados na cama juntos, Andrew começara a falar sobre o apartamento de um quarto que tinha na cidade, algo a respeito de comodato, algo sobre vantagens fiscais. Ela demorou um tempo para entender que ele estava lhe oferecendo uma “oportunidade”, um acordo a longo prazo mutuamente benéfico. Recusara educadamente. Ele pedira para ela avisar se mudasse de ideia algum dia.

Cerca de seis meses depois, ele foi até a boate e reservou uma apresentação particular de Tiffany. Disse a ela que ia passar um ano morando fora do país com a família. Pouco depois, Tiffany se formou na faculdade, parou de dançar e arranhou seu primeiro emprego em tempo integral.

Durante todas as interações com Andrew, ela jamais pensara na esposa dele.

“E quanto às esposas?”, perguntara Clementine no carro aquela noite. “As esposas que ficam em casa com os filhos?”

Tiffany dera de ombros em resposta. As esposas anônimas de meia-idade nunca haviam sido sua responsabilidade. Ela não lhes desejava mal algum. Não lhes devia nenhum cuidado. Provavelmente não tinham corpos maravilhosos, mas tinham cartões de crédito maravilhosos.

Seu acordo com Andrew era o único segredo que guardava de Vid. Ela não sentia vergonha e sinceramente nem sabia ao certo se isso era necessário, mas, ao longo dos anos, todas as vezes em que abria a boca para contar a história, seus instintos haviam gritado: *Cale a boca*. Até mesmo a mente aberta de Vid tinha limites, e ela não queria descobrir quais eram ao ultrapassá-los.

Portanto, não, nunca sentira vergonha do que havia acontecido com Andrew, a não ser naquele exato instante, de pé sob a chuva, segurando uma sacola retornável pesada repleta de uniformes escolares caros que ela ganhara, observando a esposa dele cansada, decepcionada, com uma cintura rechonchuda andando sob a chuva em direção ao seu Porsche com tração nas quatro rodas, porque talvez o *timing* daquela mudança inesperada para Dubai fosse uma coincidência maravilhosa, mas... talvez não fosse.

CAPÍTULO SETENTA E UM

Era por causa da chuva.

Se ao menos tivesse parado de chover, naquele instante Erika não estaria de pé na sala de estar, em um sábado de manhã, ouvindo seu coração pulsar nos ouvidos, com a sensação de ter sido presa, e o policial era seu marido.

Oliver não se parecia muito com um policial. Estava triste e confuso. Ela se perguntou se ele exibira essa mesma expressão quando ainda criança encontrou as garrafas de vodca e gim que seus pais haviam escondido pela casa, até não acreditar mais em suas promessas de parar de beber. (Ainda faziam promessas extravagantes. “Vamos fazer Julho Seco!” “Vamos fazer Novembro Sóbrio!”)

Acontecera enquanto ela estava fora, renovando a carteira de motorista. Ela chegara em casa de bom humor. Gostava de começar o fim de semana cumprindo as tarefas burocráticas que sua mãe deixara de lado tantas vezes: contas sem pagar, avisos de corte de energia, autorizações não assinadas que imediatamente se perdiam na bagunça.

Mas então Oliver a recepcionara na porta.

— Temos um vazamento — avisou ele. — Um vazamento no telhado. No depósito.

Tinham um pequeno depósito onde guardavam as malas, o equipamento de camping e os esquis.

— Bem, não é o fim do mundo, é? — perguntou ela, mas seu coração começou a acelerar.

Tinha um pressentimento.

Oliver, sendo Oliver, já colocara a mão na massa e começara a levar as coisas para o corredor, até que encontrara uma velha mala trancada debaixo de um cobertor. A mala estava cheia, e ele não fazia ideia do que tinha lá dentro. Levou apenas um segundo para encontrar a única chave sem etiqueta na gaveta onde guardavam as chaves.

Está vendo só? Se ela fosse realmente filha de sua mãe, ele nunca teria encontrado a chave.

— Então eu abri — disse ele, puxando-a delicadamente pela mão e levando-a até a sala de jantar, onde espalhara todo o conteúdo da mala em fileiras ordenadas, feito um detetive arrumando os objetos da cena de um crime. Objeto número um. Objeto número dois.

— É só um hábito bobo — falou ela na defensiva, e, para seu horror, sentiu uma

expressão parecida com a de sua mãe surgir em seu rosto: um olhar furtivo, sorrateiro. — Não é *acumulação*, se é o que está pensando.

— Primeiro achei que eram coisas aleatórias — disse Oliver. — Até que reconheci o tênis de Ruby. — Ele ergueu o sapato e o bateu na palma da mão, fazendo as luzes coloridas piscarem. — E lembrei que Clementine e Sam disseram que tinham perdido um dos sapatos que acendiam. É o tênis de Ruby, não é?

Erika assentiu, sem conseguir falar.

— E essa pulseira. — Ele ergueu a corrente. — É de Clementine, certo? Foi a que você comprou para ela na Grécia.

— É — respondeu Erika, sentindo uma comichão quente subir pelo seu pescoço como se estivesse tendo uma reação alérgica. — Ela não gostou. Percebi que ela não gostou.

— Tudo isso aqui pertence a Clementine, não é?

Ele segurou uma tesoura. Era a tesoura de cabo de pérolas da avó de Clementine. Erika nem se lembrava do dia em que a pegara.

Ela encostou o dedo na blusa de manga comprida de Holly com estampa de morango na frente. Ao lado havia uma sacola com a imagem de uma chave de sol: o primeiro namorado de Clementine, o trompista, havia lhe dado aquilo de presente em seu aniversário de vinte anos.

— Por quê? — perguntou Oliver. — Pode me dizer por quê?

— É só um hábito — justificou Erika. Ela não tinha palavras para explicar. — Uma espécie de... hum, compulsão. Não tem nada de muito valioso aí.

Compulsão: uma dessas palavras sólidas, respeitáveis, dignas de psicólogo, que embrulhavam lindamente a verdade: ela era louca de pedra, tinha um parafuso a menos.

Ah, convivera com muitos parafusos a menos na infância!

Ela coçou a lateral do pescoço.

— Não me faça jogar essas coisas fora — disse, de repente.

— Jogar fora? — repetiu Oliver. — Está brincando? Você precisa *devolver* tudo isso! Você tem que dizer a ela que anda... o quê? Surrupiano as coisas dela? É isso o que você faz? É cleptomaníaca? Você... Meu Deus, Erika, você rouba produtos das lojas?

— Claro que não roubo!

Ela nunca faria algo ilegal.

— Clementine deve achar que está enlouquecendo.

— Bem, ela realmente precisa ser mais ordenada, mais organizada — começou Erika, mas, por algum motivo, aquilo empurrou Oliver do precipício à beira do qual ela não percebera que ele estava se equilibrando.

— Do que diabo você está falando? *Clementine precisa de uma amiga que não roube as*

coisas dela! — gritou Oliver.

Ele gritou de verdade. E nunca havia gritado com ela. Sempre ficara do seu lado.

Ela entendia, claro, que fizera algo que talvez não fosse comum. Era um hábito estranho e desagradável, como roer as cutículas ou tirar melecão, e ela sabia que precisava manter aquilo em um nível administrável, mas sempre presumira, em parte, que Oliver entenderia de alguma forma, ou pelo menos aceitaria, assim como aceitara tudo o mais nela. Ele *vira a casa de sua mãe* e ainda assim a amava. Nunca a criticava da forma como ela sabia que alguns maridos criticavam coisas ínfimas nas esposas. “A mulher é incapaz de fechar a porta do armário”, dizia Sam sobre Clementine. Oliver era leal demais para dizer em público algo desse tipo sobre Erika, mas naquele instante não parecia apenas meio irritado, parecia perplexo de verdade.

O cômodo ficou fora de foco quando os olhos de Erika se encheram de lágrimas. Ele ia deixá-la. Ela tentara manter sua loucura confinada em uma única malinha, mas, no fundo, sempre suspeitou de que ser deixada por ele algum dia seria uma conclusão inevitável, e, agora, vendo aqueles itens expostos em toda sua glória inútil e maltrapilha apenas confirmou: ela se tornara a própria mãe.

Sentiu uma onda de raiva, e, por algum motivo, era direcionada a Clementine.

— É, bem, ela não é tão incrível assim. Clementine não é tão incrível assim — disse de forma trêmula, abobalhada e infantil, mas não parecia capaz de conter o fluxo de palavras. — Você devia ter escutado o que ela falou para Sam no churrasco. Quando eu fui até o segundo andar! Estava comentando que doar seus óvulos para nós era “repulsivo”. Foi essa a palavra que ela usou. *Repulsivo*.

Oliver não olhou para ela. Pegou uma colher de sorvete na mesa e mexeu no mecanismo. Havia o desenho de um urso polar no cabo. Erika a enfiara na bolsa em um dia quente no verão anterior, após tomarem sorvete no jardim da casa de Clementine, depois que ela se apresentara no evento *Symphony Under the Stars*. Erika tinha acabado de receber outro telefonema sobre mais uma tentativa fracassada de fertilização *in vitro*, mas aquilo não tivera nada a ver com o processo de fertilização. Pegara o primeiro item de sua coleção, um colar de conchas que Clementine trouxera das férias em Fiji, quando tinha apenas treze anos. Onde estava mesmo? Ali. Erika teve que puxar o próprio braço direito para trás de tanto que queria esticá-lo para sentir na palma de sua mão a textura sólida e áspera do colar.

— Por que não me contou? — indagou ele.

— Sobre isso? Porque sei que é estranho, errado e...

— Não. Por que não me contou o que ouviu Clementine dizer?

— Não sei. — Ela fez uma pausa. — Acho que fiquei com vergonha... Eu não queria que você soubesse que minha melhor amiga sente isso em relação a mim.

Oliver largou a colher de sorvete. A pele em torno de sua boca relaxou minimamente, mas isso bastou para que as pernas de Erika ficassem fracas e trêmulas de alívio. Ela puxou uma cadeira e se sentou, olhando para ele, observando a discreta barba por fazer em seu maxilar. Lembrou-se da primeira vez, tantos anos antes, em que os dois haviam se sentado juntos para escolher os jogadores do time de squash. Ele era o nerd de barba feita, óculos e camisa listrada que franzia o cenho diante da planilha, levando aquilo muito a sério, assim como ela, querendo que as coisas fossem feitas de forma correta e justa. Ela percebera que na verdade a barba estava brotando em seu maxilar, e pensou: Ele parece o Clark Kent, mas talvez seja o Super-Homem.

Oliver se sentou à mesa diante dela, tirou os óculos e esfregou os olhos.

— Sou seu melhor amigo, Erika — disse ele, com tristeza. — Você não sabe disso?

CAPÍTULO SETENTA E DOIS

— Sinto muito pelo jantar com meus pais aquela noite — disse Clementine enquanto entregava uma xícara de café a Erika.

Estavam na sala de estar de Clementine, onde havia uma lareira original (que não funcionava), janelas redondas de vitrais e tábuas largas de assoalho. Assim que ela e Sam tinham visto aquela sala, trocaram olhares reluzentes de satisfação pelas costas do corretor imobiliário. O cômodo tinha *personalidade*, e era tão “eles”. (Em outras palavras, o oposto do lugar “moderno, sem graça e sem alma” de que Erika e Oliver gostavam; Clementine estava começando a se perguntar se toda sua personalidade tinha sido inventada, nada além de uma resposta à personalidade de Erika. *Você é de uma maneira, portanto eu sou de outra.*)

Naquele exato momento, a sala parecia antiquada, escura e muito úmida. Ela fungou.

— Está sentindo cheiro de umidade? Tem mofo por toda parte. Revoltante. Se não parar de chover logo, não sei o que vamos fazer.

Erika pegou a xícara de café e a segurou com ambas as mãos, como se quisesse se aquecer.

— Está com frio? — perguntou Clementine, começando a se levantar. — Posso...

— Estou bem — respondeu Erika brevemente.

Clementine afundou outra vez na cadeira.

— Lembra quando compramos essa casa e no relatório do imóvel constava que havia um problema com umidade crescente, e você disse que a gente devia pensar duas vezes, mas eu falei: Quem liga para umidade? Bem, você tinha razão. É um problema sério. Temos que resolver. Recebi um orçamento do...

Ela parou no meio. Estava ficando tão entediada que nem conseguiu se dar o trabalho de terminar a frase. De qualquer forma, tudo aquilo era uma evidente tentativa de exoneração. Você salvou a vida da minha filha, e tudo o que eu sempre fiz foi reclamar de você. Você é tudo o que há de bom, eu sou tudo o que há de ruim, mas mereço ganhar pontos extras por toda essa autopunição, uma sentença reduzida por me declarar culpada, não?

— O jantar na casa dos seus pais foi bom — disse Erika. — Eu gostei.

— Ah, que bom — falou Clementine.

Estava se sentindo culpada. Não queria que Erika achasse que estava dizendo que ela não merecia aquele jantar em sua homenagem.

— Só falei aquilo por causa da taça quebrada, Sam saindo irritado e...

Ela perdeu o fio da meada novamente e tomou um gole do café, esperando que Erika fosse direto ao assunto que a levara até ali. Tinha ligado mais cedo perguntando se podia passar lá. O *timing* era ruim: Sam levava as meninas ao cinema para que Clementine pudesse ensaiar — o teste era em dez dias, já estava na contagem regressiva final —, mas é claro que Clementine dissera que sim. Presumira que a visita tinha algo a ver com o próximo passo no processo da doação de óvulos.

Erika indicou com a cabeça o violoncelo de Clementine no canto.

— Seu violoncelo é afetado por esse tempo chuvoso?

Ela exibia aquela expressão defensiva que sempre adquiria quando olhava para o violoncelo de Clementine, como se fosse um amigo glamoroso que fazia com que se sentisse inferior.

— Estou tendo muito mais dificuldade do que de costume com meu lobo — disse Clementine.

— Seu lobo? — perguntou Erika, distraída.

Clementine ficou surpresa. Tinha certeza de que já havia mencionado a nota lobo do violoncelo para Erika, que costumava memorizar esse tipo de coisa, sobretudo porque era algo negativo. Ela adorava más notícias.

— Muitos violoncelos têm isso, é como uma nota problemática, acho que é a maneira mais simples de explicar. Faz um som horrível, tipo uma britadeira ou uma arma de brinquedo — falou Clementine. — Tentei um Tira Lobo por certo tempo, mas fiquei com a impressão de perder ressonância e tom, então o retirei. Posso dar um jeito, só preciso apertar um pouco o violoncelo com os joelhos, e às vezes consigo reorganizar as arcadas para chegar ao lobo em uma arcada descendente, de forma que...

— Ah, sim, eu lembro, acho que você já comentou — disse Erika. Ela mudou de assunto abruptamente: — Aliás, lembrei agora que achei um dos sapatos de Ruby na minha casa outro dia.

Erika pegou na bolsa o tênis desaparecido de Ruby com a sola que acendia e o colocou na mesa de centro, fazendo as luzes piscarem. Pareciam particularmente vívidas na sala escura.

— Não acredito!

Clementine se apressou para pegar o sapato e o observou.

— Procuramos esse maldito sapato por *toda parte*. Estava na sua casa? Nem me lembro de ela ter usado isso para ir...

— Que bom. Enfim, eu queria conversar com você sobre uma coisa — disse Erika.

— A doação de óvulos.

— Certo — respondeu Clementine obedientemente. Deixou o sapato no colo. — Bem, como você sabe, tenho uma consulta com...

— Mudamos de ideia — disse Erika.

— Ah! — Clementine ficou desorientada. Era a última coisa que esperava ouvir. — Por quê? Sabe que fico muito feliz em...

— Motivos pessoais — justificou Erika.

— Motivos *pessoais*?

Era o tipo de desculpa que se dava para o chefe.

— É, desculpe por termos desperdiçado seu tempo com exames de sangue e tudo o mais — disse ela. — Ainda mais porque você tem um teste pela frente.

— Erika — falou Clementine. — O que está acontecendo?

A expressão de Erika era impenetrável.

— Nada — respondeu. — Só não queremos seguir com isso.

— É por causa... — começou Clementine, sentindo-se enjoada. — No dia do churrasco. Eu estava conversando com Sam, e a princípio não sabia como me sentia em relação ao seu... hum, pedido, e fico um pouco preocupada que você tenha escutado e talvez interpretado errado...

— Não escutei nada — afirmou Erika.

— Escutou, sim.

— Está bem, escutei, mas isso não importa, não é por isso.

Ela olhou para Clementine e subitamente seus olhos pareceram francos e brutos em seu rosto sério, mas Clementine não sabia como interpretar o que ela estava sentindo.

— Sinto muito — disse Clementine. — Sinto muito mesmo.

Erika ergueu um dos ombros; o menor movimento possível.

— Agora quero fazer isso — declarou Clementine. — Não só por causa de Ruby. Já tinha me acostumado com a ideia. Estou empolgada.

Ela se perguntou se aquilo era mentira. Talvez fosse verdade. Estava animada com a possibilidade de que, no fundo, fosse mesmo filha de sua mãe, uma pessoa gentil e generosa, no fim das contas.

— Quero muito fazer isso — afirmou Clementine.

— A decisão não foi minha — explicou Erika. — Agora Oliver quer considerar outras opções.

— Ah — disse Clementine. — Por quê?

— Motivos pessoais — repetiu Erika.

Será que Erika tinha contado a Oliver o que ouvira Clementine dizer? Ela sentia vontade de chorar só de imaginar Oliver, o gentil e honorável Oliver, sempre tão

infalivelmente educado com Clementine, cujo rosto se iluminava quando via suas filhas, ouvindo os comentários dela. Pensou no ruído que ele fizera ao ressuscitar Ruby: um gemido animalesco de alívio.

Ela colocou a xícara na mesa de centro e deslizou do sofá, se ajoelhando diante de Erika. O tênis caiu no chão.

— Erika, por favor, me deixe fazer isso. Por favor.

— Pare com isso — falou Erika, horrorizada. — Levante-se. Está lembrando minha mãe. É exatamente o tipo de coisa que ela faz. O tênis foi parar debaixo do sofá, aliás. Vai perder de novo.

Ela parecia irritada, mas de alguma forma renovada. Suas bochechas recuperaram a cor.

Clementine achou o sapato e voltou a se sentar. Pegou seu café, tomou um gole e encontrou o olhar de Erika por cima da borda da xícara.

— *Idiot* — disse Erika.

— *Dummkopf* — murmurou Clementine dentro da xícara.

— *Arschlich* — disparou Erika. — Não. Não é isso. *Arschloch*.

— Boa — disse Clementine. — Sua grande *Vollidiot*.

Erika sorriu.

— Tinha me esquecido dessa — falou. — E *verpiss dich*, por falar nisso.

— Vá se ferrar — retrucou Clementine.

— Achei que queria dizer “vá se foder” — corrigiu Erika.

— Você sabe mais do que eu — afirmou Clementine. — Foi você quem tirou a nota mais alta.

— Pode apostar que sim — concordou Erika.

Clementine piscou para conter as lágrimas de alegria ou tristeza, não sabia ao certo qual dos sentimentos. Era estranho, porque sempre tinha a sensação de que se escondia de Erika, de que era mais “si mesma” com seus amigos “verdadeiros”, com quem a amizade fluía de maneira comum, descomplicada, madura (e-mails, telefonemas, bebidas, jantares, implicâncias e piadas que todos entendiam), mas naquele instante parecia que nenhum daqueles amigos a conhecia da forma pura, feia, infantil e essencial que Erika a conhecia.

— Enfim, a verdade é que estou indecisa — disse Erika.

Inclinou a cabeça para trás e bebeu o café praticamente em um único gole. Era uma de suas peculiaridades. Bebia café como se estivesse tomando uma dose de tequila.

— Como assim?

— Eu nunca quis muito ter filhos, como você sabe, como as pessoas não param de me lembrar. Por isso Oliver está no comando de tudo. Estou indecisa.

Era como se ela tivesse descoberto há pouco tempo a palavra “indecisa” e quisesse usá-la o máximo possível. Estava se atendo à mensagem, feito um político. Apontou um dedo

para Clementine em sinal de advertência.

— Minha indecisão, aliás, é confidencial.

— Sim, claro. Mas, se você não quer realmente ter um bebê, devia dizer a Oliver! Não pode ter um filho só por causa dele. A escolha é sua!

— Sim, e eu escolho meu casamento — respondeu Erika. — Essa é minha escolha: meu casamento. — Ela ficou de pé. — O sonho de Oliver é ter um bebê e não quero obrigá-lo a desistir. — Pegou sua bolsa. — Ah, falando nisso! — Seu tom de voz mudou, ficando inseguro. — Eu estava mexendo em uma velha caixa de lembranças outro dia e encontrei esse colar. Acho que era seu.

Tirou um colar de conchas extremamente feio lá de dentro e o ergueu.

— Não é meu — afirmou Clementine. — Sempre odiei esses colares.

— Tenho certeza de que... Bem, talvez eu esteja enganada. — Erika fez menção de guardar o colar na bolsa. — Mas quem sabe as meninas gostem?

Estava lançando um olhar esquisito e penetrante para Clementine, como se aquilo fosse muito importante. Ela era uma mulher muito estranha.

— Está bem. Obrigada.

Clementine pegou o colar. Não ia deixar as meninas brincarem com aquilo. Não parecia limpo o suficiente e seria como usar arame farpado em torno do pescoço.

Erika parecia aliviada, como se tivesse se livrado de um peso.

— Espero que você faça um bom ensaio. Só faltam dez dias para o teste, não é?

— É — disse Clementine.

— Como vão as coisas?

— Não muito bem. Estou tendo dificuldade para me concentrar. Tudo o que aconteceu... Sam e eu simplesmente.... Bem, você sabe.

— Então está na hora de colocar as mãos na massa — falou Erika de forma abrupta. — Esse é o *seu* sonho, *Dummkopf*.

E então ela foi embora, saindo na chuva com seus sapatos sensatos. Nada de beijinhos ou abraços para se despedir, porque não faziam isso. Os insultos em alemão eram a versão delas de abraço.

Está liberada, pensou Clementine enquanto recolhia as xícaras de café. Nada de injeções diárias. Pensou no vídeo intitulado “Então você está pensando em se tornar a doadora de óvulos!” a que assistira na véspera, e em como seu estômago se revirara de horror quando ela vira a mulher gentil e generosa dar uma injeção brusca na própria barriga com a droga que faria seu corpo produzir múltiplos óvulos.

Sentou-se com o violoncelo, pegou o arco e se concentrou em percorrer as escalas cromáticas.

Nos últimos dias ela vinha permitindo que uma imagem se formasse em sua mente: a

de um menininho com os olhos amendoados de Ruby e o cabelo muito preto como o de Oliver.

A imagem tremia como um reflexo na água e então desaparecia.

Pelo amor de Deus, Clementine, como se *atreve*. Sua mão segurou o arco com mais força. A imagem nem sequer fazia sentido porque os olhos de Ruby vinham da família de Sam.

Lá estava outra vez. A simpática nota lobo. Era um som realmente pavoroso. Ela o sentia reverberar nos dentes.

Sam sempre dizia que ela era ultrassensível a sons porque era instrumentista, mas Clementine não achava que aquilo fosse verdade; ele era apenas surpreendentemente insensível aos sons. Ela só sentia alguns sons reverberar em seus dentes: sua nota lobo, um grito agudo específico de Holly quando Ruby a irritava, o alarme estridente da presença de tubarão na praia Macmasters.

Foi subitamente transportada para a última vez em que ouvira o alarme de tubarão, durante as férias, quando tinha treze anos. Clementine e Erika estavam surfando juntas quando o alarme disparou. Erika nadava bem, melhor que ela. O alarme deixara Clementine em pânico (aquele *som*) e ela escorregara ao seguir para a areia, então Erika segurara seu braço.

“Estou bem”, dissera Clementine com irritação, dispensando-a, repleta daquela raiva horrorosa que sentira durante duas semanas inteiras.

Mas apenas um segundo depois ela achou que tinha sentido algo escorregadio e estranho esbarrar em uma de suas pernas e instintivamente estendeu o braço na direção de Erika.

“Você está bem”, dissera Erika de forma calma, gentil e tranquilizadora, sustentando-a.

Clementine ainda conseguia visualizar o braço molhado de Erika encostado no seu, a água salgada formando pequenos diamantes em sua pele branca com três picadas vermelhas e irritadas em torno do pulso magro e ossudo, feito uma pulseira. As pulgas iam e vinham na casa de Erika, como as estações do ano.

Clementine largou o arco e tentou imaginar sua vida sem Erika: sem a irritação sempre seguida de culpa. Uma melodia com apenas duas notas: irritação, culpa, irritação, culpa. Ela pegou o arco e tocou de propósito a nota lobo, sem parar, deixando que o som a irritasse e entrasse dissimuladamente em seu ouvido, vibrando em seu tímpano, invadindo seu cérebro, palpitando no meio de sua testa.

Ela parou.

“Você não deveria tolerar uma nota lobo”, dissera Ainsley. “Mande consertar.”

A princípio fora um alívio quando ela experimentara o Tira Lobo. Demorara um tempinho até perceber que algo mais havia sumido junto com a nota lobo. O som não era

mais tão rico. As notas que cercavam a lobo de alguma forma eram amortecidas, menos focadas. Ela se perguntou se aquilo era semelhante à maneira como as pessoas se sentiam quando começavam a tomar antidepressivos e a dor passava, mas tudo em volta também parecia silencioso: mais tênue, mais fraco.

No fim das contas ela decidira que a nota lobo era o preço que tinha de pagar pelo som de todos os séculos contidos nas curvas acobreadas do violoncelo.

Talvez Erika fosse sua nota lobo. Talvez algo sutil porém essencial tivesse faltado na vida de Clementine sem ela: certa riqueza, certa profundidade.

Ou talvez não. Talvez sua vida tivesse sido ótima sem Erika.

Clementine percebeu que estava com fome. Deixou o violoncelo de lado e, a caminho da cozinha, pegou o colar de conchas horroroso e o jogou no lixo. Foi até a geladeira, pegou um pote de iogurte, depois foi procurar uma colher na gaveta, e a primeira coisa que viu foi a colher de sorvete do urso polar que Sam ficara procurando na outra noite. Homens. Provavelmente estava ali, bem na frente dele, o tempo todo.

Ela abriu o iogurte e comeu uma colherada. Era mesmo muito bom. Cremoso, como dizia o anúncio. Ela era suscetível a propagandas, mas o iogurte de fato era muito bom e a fazia pensar na primeira comida ingerida depois de um jejum.

Ela não estava de jejum.

Havia um sentimento crescendo dentro dela. Um sentimento inquieto. Ela estava enfiando a colher no iogurte e comendo rápido demais. Pensou na melodia de abertura da “Sagração da Primavera”, de Stravinsky. O fagote agudo. Os momentos estranhos e bruscos que conduziam a um desdobramento enlevado. Ela queria ouvir aquela música. Queria tocar aquela música, porque era exatamente daquela forma que estava se sentindo. Havia uma espiral ascendendo em seu peito. Será que o iogurte estava adulterado? Seria simplesmente um forte alívio porque tinha demonstrado sua boa vontade em doar os óvulos mas *não precisaria realmente fazer isso*? Altruísmo sem ação, não tinha como ser melhor!

Será que era só porque estava cansada de se culpar pelo que acontecera? Jamais esqueceria aquela tarde, mas podia perdoar a si mesma. Podia perdoar Sam. Se ele queria terminar o casamento por causa disso, então ela sofreria como se ele tivesse morrido, mas, caramba, superaria, sobreviveria. Sempre intuía isso sobre si mesma, que no âmago de sua alma havia uma pequena pedra indestrutível, um instinto frio e rígido de autopreservação. Morreria por suas filhas e por mais ninguém. Não iria permitir que sua vida fosse definida por um único erro, um lapso de julgamento, não quando Ruby estava bem, não quando a vida estava ali, à disposição.

Pensou no que Erika dissera: “Esse é o *seu* sonho, *Dummkopf*.”

O emprego era seu. O emprego pertencia a ela. Jogou no lixo o pote de iogurte vazio,

lambeu os dedos e se aproximou do violoncelo, não para trabalhar sua técnica dessa vez, mas para tocar música. Em algum momento, ela se esquecera de que tinha a ver com música, com o êxtase puro e descomplicado da música.

CAPÍTULO SETENTA E TRÊS

— Ele vai roubar! — anunciou Holly em alto e bom som.

— Shh! — repreendeu Sam.

Nunca conseguiam convencer Holly a ficar quieta durante os filmes.

— Mas ele vai, olha!

— Você tem razão, mas... — disse Sam, levando um dedo aos lábios.

Porém pouco importava, afinal o cinema estava lotado de crianças inquietas, falantes, enlouquecidas pela chuva, e de pais exaustos.

Holly enfiou um punhado de pipoca na boca e se recostou, com os olhos fixos nas cores vibrantes do filme da Pixar. Ruby estava do outro lado de Sam, chupando o polegar e acariciando os fios metálicos de Batedor. Suas pálpebras estavam pesadas. Logo mais iria dormir, acordar cinco minutos antes de o filme terminar e exigir que recomeçasse.

Geralmente, Sam adorava um bom filme de animação, mas não fazia ideia de qual era o tema daquele. Estava pensando no trabalho e em quanto tempo mais conseguiria se safar daquela forma. Era o novato, ainda estava “entendendo o jogo”, mas já deveria ter aprendido as regras àquela altura. As pessoas deviam estar começando a perceber. No dia anterior, o chefe do seu setor dissera: “Talvez esteja na hora de investir em um guarda-chuva”, lançando um olhar intrigado para as roupas encharcadas de Sam. Tudo iria desabar. Alguém diria: “O novato esquisito *não está fazendo nada*.”

Acabou o período de crise, Sam. Você precisa superar isso, seguir em frente, deixar um maldito guarda-chuva ao lado da porta. Por que pequenos detalhes como aquele pareciam tão impossíveis ultimamente? Ruby encostou a cabeça com delicadeza em seu braço. Ele levantou o braço da cadeira e a menina se aconchegou.

Clementine estava seguindo em frente. Ele tinha reparado que algo mudara nela depois da visita de Vid, Tiffany e Dakota.

— Estou me sentindo melhor depois de ter encontrado com eles — dissera ela. — Você não?

Ele tivera vontade de gritar: “Não! Estou pior! Muito pior!”

Chegara realmente a gritar aquilo para ela? Não lembrava. Estava se tornando uma pessoa que gritava, como seu pai costumava ser antes que a idade avançada o acalmasse.

Ele se contorceu na cadeira.

— Você está se remexendo — disse Holly com um sussurro-grito.

— Desculpe — respondeu Sam.

A pipoca estava com gosto de sal e o saco de papel tinha sabor de manteiga, mas ele não conseguia parar de comer.

Sim, definitivamente havia algo mudando em Clementine. Tinha uma impaciência nova, uma vulnerabilidade, só que vulnerabilidade implicava fragilidade, e ela não parecia frágil, mas de saco cheio. Queria superar o acidente de Ruby e estava certa. Não fazia sentido ficarem se lamentando. Não fazia sentido ficarem revivendo aquilo sem parar. Sam sempre se considerara o mais emocionalmente estável da relação. Era Clementine quem fazia tempestade em copo d'água, que fazia drama com coisas sem importância, às vezes a ponto de ficar histérica, como seus testes, por exemplo, embora, é claro, os testes não fossem algo sem importância, e sim um grande acontecimento que causava muita ansiedade, e ele entendia, mas ela deixava que isso a consumisse. Certa vez, Sam escutara Holly dizendo a Ruby: “Mamãe está com a doença do teste.” Ele rira porque era exatamente isso. Os testes a atacavam feito um vírus.

Mas não parecia estar sendo assim com o teste atual, embora fosse um dos mais importantes de sua carreira. Ela não comentava nada. Estava simplesmente seguindo com os ensaios. Sam nem sabia ao certo qual era a data do teste, mas sabia que seria em breve.

Se fosse antigamente, ele seria capaz de informar quantos dias faltavam para o teste porque era o tempo que faltava até poder fazer sexo outra vez. Mas isso fora muito tempo atrás, quando sexo ainda era parte natural e normal da equação, antes que ficasse complicado. Era estranho como o sexo tinha se tornado algo tão complicado, porque ele passou muitos anos dizendo que era o aspecto *menos* complicado da relação dos dois. E teria apostado dinheiro que isso não mudaria.

Desde o começo, desde sua primeira vez juntos, fora tudo muito natural. Seus corpos e suas libidos encontraram perfeita sincronia. Ele já tivera vários relacionamentos para saber que com frequência o sexo começava estranho antes de ficar bom, mas com Clementine foi *bom* de imediato. Havia outras questões no relacionamento: ele não era musical, e ela nunca tinha saído com alguém que não fosse músico; ele queria uma família grande, e ela ficaria satisfeita com um único filho. Mas nunca houve questão nenhuma em relação ao sexo. Ele se lembrava até mesmo de ter pensado, da sua forma juvenil, inocente e idiota, que a incrível compatibilidade sexual dos dois era prova de que estavam destinados a ficar juntos, porque durante o sexo eram mais *honestos, verdadeiros e autênticos*. O resto não passava de detalhes.

Sam e Clementine nunca tinham precisado conversar sobre sexo, e isso era um grande alívio depois de Daniella, a ex-namorada com quem ele quase se casara, que gostava de debater e dissecar a vida sexual dos dois, e ao final de cada encontro desferia logo um

interrogatório: Como podemos trabalhar juntos para conseguir resultados melhores da próxima vez? (Ela era consultora de negócios. Não usava exatamente essas palavras, mas ele notava a intenção de usá-las.) Daniella não tinha problema nenhum em começar uma conversa durante o café da manhã com um comentário do tipo: “Quando eu estava chupando você ontem à noite...”, fazendo ele engasgar com o cereal e ficar vermelho feito um coroinha de igreja. (“Que meigo!”, exclamava Daniella.)

Sam adorava o fato de que Clementine e ele haviam mantido certo mistério sobre sua vida sexual. Tratavam o assunto com uma reverência tímida. O sexo era um lindo segredo entre os dois.

Mas talvez Daniella estivesse certa desde o início. Talvez toda aquela maldita reverência tivesse sido a ruína deles, porque quando a vida sexual dos dois mudou lentamente e começou a parecer protocolar e apressada, eles não tinham palavras para conversar sobre aquilo. Ele já não sabia se Clementine ainda gostava de sexo (e não queria ouvir a resposta, caso fosse “não”). A ideia de “performance” começara a surgir em sua mente. Tudo ainda funcionava como devia, mas pela primeira vez passara a se perguntar como era a comparação dele com os ex-namorados; se a habilidade musical dos outros de alguma forma se traduzia em habilidade sexual.

Ele sabia que provavelmente não era nada. Todos os pais de crianças pequenas passavam por isso. Era tão comum que chegava a ser clichê. Haveria um renascimento, dissera a si mesmo. Quando as duas meninas passassem a dormir consistentemente a noite inteira. Quando eles não estivessem tão cansados e estressados. Estava ansioso pelo renascimento.

E então, na noite do churrasco, parecia que Tiffany estava lhes oferecendo a chave da porta que eles haviam fechado por acidente. Era como uma linda diretora gritando: “*Por aqui, por aqui para voltarem a fazer um sexo incrível, pessoal!*” De repente tudo parecera tão fácil outra vez. Vira isso na expressão de Clementine. E ela vira na dele.

Mas o universo achara correto puni-los por seu egoísmo da forma mais cruel que se podia imaginar.

Ele viu novamente: Oliver e Erika erguendo sua filhinha. Via aquilo dezenas de vezes por dia. Centenas de vezes. Ele nunca poderia, jamais iria superar aquilo. Não conseguia enxergar uma saída. Não havia *solução* ali. Precisava mudar algo. Consertar algo. Quebrar algo. Lembrou-se de como Clementine se encolhera quando ele falara em separação. Por um instante, ela parecera uma criança assustada. Ele se sentira mal, ou talvez soubesse que *deveria* ter se sentido mal, mas na verdade estava dormente e estranhamente distante, como se fosse outra pessoa dizendo coisas cruéis para sua esposa.

— *Papai* — chamou Holly. — Você comeu *tudo*!

Sam olhou para o saco vazio de pipoca.

— Desculpe — sussurrou ele.

Não se lembrava de ter comido.

— Não é justo!

O rosto bravo de Holly foi iluminado pela luz da tela.

— Shh — disse ele, impotente.

Sua garganta estava coçando. Havia pedacinhos de caroço de milho entre seus dentes.

— Mas eu quase não comi!

A voz dela alcançou uma altura inaceitável. Alguém resmungou em desaprovação na fileira de trás.

— Se você não conseguir ficar quieta, teremos que ir embora — avisou Sam com a voz grave e trêmula.

— Papai guloso! — gritou ela, e então pegou o saco de pipoca e o jogou no corredor ao lado.

Era uma malcriação calculada, deliberada. Não dava para ignorar.

Putá merda. Ele pegou o guarda-chuva encharcado aos seus pés, ergueu o peso morto de Ruby e a colocou em um dos ombros. Depois ficou de pé e agarrou o pulso de Holly. Sentiu uma pontada dolorosa na lombar.

Holly gritou alucinadamente enquanto ele a arrastava para fora da cadeira e em direção ao corredor.

Consequências. Ele e Clementine zombavam desse jargão parental, mas Holly e Ruby precisavam aprender o que Sam levava todos aqueles anos para descobrir: a vida era cheia de consequências.

CAPÍTULO SETENTA E QUATRO

Oliver decidiu sair para correr na chuva.

Havia o risco de se machucar nas trilhas escorregadias e também de ter uma recaída do resfriado, mas precisava muito espairer porque sua esposa era uma ladra e, conseqüentemente, ele nunca seria pai.

De forma indevida, criava uma relação de causalidade, mas estava muito chateado. Com raiva. Chocado.

Deu dois nós nos cadarços, se levantou, fez alguns alongamentos, abriu a porta da frente e quase a fechou de tanto que chovia, mas não suportaria ficar andando de um lado para outro dentro de casa enquanto seus pensamentos se agitavam feito ratos numa jaula.

Correr lhe traria clareza. Seu sistema nervoso liberaria a proteína que estimulava as áreas do cérebro responsáveis por tomar decisões.

Ele respirou fundo e saiu. Pelo visto Vid e Tiffany estavam recebendo convidados. Havia uma fileira de carros estacionados diante da casa deles e na esquina. Eram pessoas muito sociáveis.

Ao virar a esquina da rua sem saída, Oliver pensou em seu círculo social, consideravelmente menor. Talvez conversar com alguém sobre isso pudesse ajudar, mas não havia ninguém.

Ele não tinha um amigo para quem pudesse ligar convidando para uma “cervejinha”. Não era o tipo de pessoa que dizia “cervejinha”. Na verdade não bebia cerveja. Seus amigos bebiam shakes de proteína na lanchonete de comida saudável, depois de andarem trinta quilômetros de bicicleta pela manhã, enquanto conversavam sobre os horários do treino para a meia maratona que se aproximava. Gostava dos seus amigos, mas não tinha interesse em ouvir seus problemas pessoais, portanto não podia compartilhar os próprios. Não podia se inclinar acima do shake de proteína e dizer: “Desde a infância minha esposa rouba pequenos objetos da melhor amiga. O que acha disso? Devo me preocupar?”

De qualquer maneira, ele nunca trairia Erika contando isso a outro homem.

Talvez fosse melhor ter uma conversa confidencial com uma mulher. Quem sabe se ele tivesse uma irmã ou uma mãe. Tecnicamente, tinha mãe. Mas não era o tipo certo de mãe. Ela acharia os roubos de Erika algo muito hilário ou tragicamente triste, dependendo de onde estivesse o pêndulo do seu humor no momento.

Um carro passou por ele e buzinou de maneira solidária ou debochada... Difícil saber.

Se Erika tivesse começado a acumular coisas, ele poderia lidar com isso. Inclusive já chegara a se preparar mentalmente para essa possibilidade remota, por mais que ela jogasse coisas fora com frequência e de forma obsessiva. Ele se preparara para depressão (comum durante tratamentos de fertilização in vitro), câncer de mama, tumor no cérebro, morte acidental e até mesmo para um romance no trabalho (ele confiava nela, porém, aparentemente, o sócio-gerente era um “mulherengo”), mas nunca para aquilo. Nunca para *pequenos furtos*. Eles eram pessoas práticas. Suas finanças eram impecavelmente organizadas. Ele e Erika receberiam de *braços abertos* uma auditoria fiscal. Mandem ver, diriam à administração fiscal. *Mandem ver*.

Seus óculos precisavam de um limpador de para-brisas. Ele continuou correndo enquanto os tirava do rosto e tentava secá-los com a barra da camiseta. Inútil.

Ela pegara as coisas de Clementine, feito um batedor de carteiras digno de Dickens. Era incompreensível. Dissera que iria parar e que devolveria o que pudesse ao longo de um período de tempo, mas no mundo de Oliver as pessoas nunca paravam. Seus pais disseram que parariam de beber. A mãe de Erika falara que pararia de acumular coisas. Acreditavam de verdade naquilo. Ele entendia isso. Mas não conseguiam parar. Era como pedir que prendessem a respiração. Só conseguiriam fazer isso durante determinado tempo até serem obrigados a respirar outra vez.

Mais um carro passou e um adolescente colocou a metade do corpo para fora da janela e gritou:

— Perdedor!

Que coisa perigosa, cara. Você poderia ser atingido por outro carro. E ainda foi mal-educado.

Ele virou a esquina na Livingston. Sentiu pontadas no joelho esquerdo outra vez.

Naquele exato momento, Erika estava na casa de Clementine contando que, no fim das contas, ela não precisaria doar os óvulos. Tinham conversado e acabaram concordando que seria educado lhe dizer isso pessoalmente. Ela gastara tempo fazendo exames de sangue e preenchendo papelada. E eles não gostavam de desperdiçar o tempo das pessoas.

Fora uma decisão de Oliver. Havia os comentários desagradáveis de Clementine que Erika escutara. *Repulsa* pela ideia. Vadia, pensou ele enquanto seu pé pisava em uma poça e espirrava água. Clementine não era uma vadia. Oliver gostava dela, mas ela fizera comentários muito desagradáveis e desnecessários.

Pensou no rostinho de Erika (seu rostinho era tão pequeno e encantador) e na expressão que ela deve ter feito no corredor, ouvindo aquelas palavras horríveis. Seus punhos se fecharam. Ele sentiu uma vontade súbita de bater em Sam, porque obviamente não podia bater em Clementine.

O momento passou, como impulsos primitivos sempre passam. Ele nunca batera em ninguém em toda sua vida.

De qualquer forma, mesmo que Clementine não tivesse dito aquilo, era evidente que a relação dela com Erika era muito... estranha? complexa? desequilibrada?... para que seguissem com o procedimento.

“De jeito nenhum”, dissera ele a Erika. “Ela não pode ser nossa doadora. Isso não vai acontecer. Chega. Acabou.”

Não soubera dizer se ela havia ficado arrasada ou aliviada.

Ele fora muito categórico, mas, enquanto corria e suas roupas ficavam cada vez mais encharcadas e pesadas (é de se imaginar que vai chegar a um ponto de completa saturação, quando as roupas não têm como ficar mais molhadas, porém, pelo visto, não é assim), estava se arrependendo de sua decisão. Talvez tivesse se precipitado.

A sensação era a de mais uma perda. Toda vez achava que estava fazendo a coisa certa, evitando nutrir esperança. Toda vez dizia a si mesmo: não tenho expectativas. Mas cada novo fracasso doía tanto que ele entendia que a esperança estivera com ele, sim, rondando, sedutora, seu subconsciente. Também não ficava mais fácil. Ficava pior. Um efeito cumulativo. Uma perda atrás da outra. Feito a distensão no ligamento do seu joelho esquerdo.

Então, e agora? Uma doadora anônima? Eram tão difíceis de encontrar, a menos que viajassem. As pessoas faziam isso. Eles podiam fazer o mesmo. Ele podia. Podia fazer o que fosse para ter um filho biológico. Só não sabia se Erika podia. Tinha a terrível suspeita de que se dissesse “Vamos esquecer essa história de bebê”, a primeira expressão que veria nela seria de alívio.

Seu coração estava muito acelerado. Ele estava ouvindo a própria respiração arfante. E não costumava ouvir a própria respiração arfante. O resfriado afetara seu desempenho. Ele se concentrou, tentando respirar no ritmo de suas passadas.

Viu um carro azul avançando em sua direção, vindo do outro lado da rua, e percebeu que era Erika voltando para casa depois de visitar Clementine.

Ele parou com as mãos na cintura, recuperando o fôlego e observando-a se aproximar. Ainda não conseguia ver seu rosto, mas sabia exatamente como ela estava dirigindo: curvada sobre o volante feito uma velhinha, com duas rugas profundas entre as sobrancelhas. Afinal, não gostava de dirigir na chuva.

O cenho franzido foi a primeira coisa que ele reparara nela quando trabalhavam juntos, muito antes da competição de squash. Não sabia por que achava aquilo tão atraente, talvez por indicar que ela levava a vida a sério, assim como ele, que se importava e se concentrava, não ficava apenas flutuando na superfície, se divertindo. Ele nunca lhe contara isso. As mulheres queriam chamar atenção por seus olhos, não pelo cenho

franzido.

Erika deve ter ido embora da casa de Clementine logo depois de lhe dar a notícia.

O carro parou no acostamento. Ela baixou o vidro e se debruçou sobre o banco do carona para olhá-lo, nervosa.

— Você não devia correr com esse tempo! — gritou ela. — Pode escorregar! Ainda está tomando antibiótico.

Ele seguiu para o carro, abriu a porta e se sentou ao lado dela. O carro estava quente. Ela havia ligado o aquecedor no máximo.

Água escorria dele, acumulando-se no banco de couro ao seu redor. Dava para ouvi-la respingando. Lembrou-se da noite em que tiraram Ruby do chafariz, em que trabalharam juntos, sem precisar falar nada, simplesmente agiram. Formavam uma boa dupla.

Erika estava sentada, ainda curvada sobre o volante, observando-o em silêncio e franzindo intensamente o cenho.

Ele encostou uma das mãos na lateral do rosto dela.

— Desculpe — disse, fazendo menção de tirá-la. — Estou todo molhado.

Mas ela a pegou de volta e pressionou a palma fria da mão dele em seu rosto morno.

CAPÍTULO SETENTA E CINCO

A casa de Vid estava repleta de pessoas, de música e do cheiro de comida boa, tudo o que ele gostava, amava. De que adiantava ter uma casa grande como aquela se não fosse para enchê-la de gente?

A ocasião era ocasião nenhuma. Por que precisavam de uma ocasião? Não precisavam! Decidiram no impulso. Ele dera alguns telefonemas e a casa ficara cheia. Continuava chovendo, claro, mas não significava que não podiam se divertir. Estavam aquecidos e secos ali dentro, portanto a chuva não os impediria de viver a vida! Deveriam fazer isso com mais frequência! Deveriam fazer isso todo fim de semana!

Suas quatro filhas estavam ali naquela noite, e nesse instante as quatro falavam com ele, um acontecimento raro e maravilhoso. Claro que as meninas mais velhas queriam algo dele, mas tudo bem. Isso era ser pai.

Adrianna queria que ele aceitasse fazer uma dança coreografada de pai e filha em seu casamento. Seria filmada e ela colocaria no YouTube. Seu sonho era que viralizasse. Ele ia aceitar, claro, embora estivesse fingindo que detestava a ideia. (Já estava até pensando em alguns passos.)

Presumia que Eva e Elena quisessem dinheiro, e obviamente o receberiam. Ele ia transferir para a conta delas naquela noite mesmo, depois que fossem embora. A única questão a ser considerada era a quantia. Ia descobrir como estavam suas habilidades de negociação. Eva ficaria histérica em poucos segundos. Desde que a filha tinha dois anos, ele vinha tentando lhe explicar que histeria não era um método de negociação eficiente.

A caçula, Dakota, não queria nada. Estava feliz outra vez, embora ele não tivesse percebido como sua pobre anjinha havia ficado triste. Tiffany tivera a excelente ideia de aparecer na casa da violoncelista, por mais que nem ao menos tivessem lhes oferecido uma *bebida*. Tinha sido maravilhoso ver a pequena Ruby tão feliz e saudável depois de todo o horror daquela noite. Um grande peso fora tirado de suas costas. Ele saíra daquela casa minúscula e apertada sentindo-se mais seguro e leve (e também com sede).

Clementine e Sam haviam ficado quietos e estranhos, mas tinham convidado Dakota para a festa de aniversário de Holly! Tomara que se lembrassem de alimentar os convidados. Ele ia levar alguma comida, por via das dúvidas. Tinha esperança de que ainda pudessem ser amigos. Tiffany não estava tão esperançosa quanto ele. Disse que só Dakota

fora convidada para a festa; eles, não. Disse que provavelmente era uma festa “sem pais”. Ele não sabia do que ela estava falando. Talvez levasse almôndegas. Uma caixa de champanhe.

— Está se divertindo? — perguntou Tiffany ao encontrá-lo na cozinha, onde os dois pegavam mais pratos de comida para distribuir.

— Não! Por que fizemos isso? Eu só queria uma noite tranquila em casa, e olhe só! A casa está cheia de pessoas que querem ser alimentadas! Como foi que isso aconteceu?

— Não faço ideia. É um mistério. — Tiffany fechou a porta da geladeira com o quadril e sorriu para ele, com uma bandeja em cada mão. — Parece que vai fazer sol amanhã. A gente deveria convidar todo mundo para passar a noite aqui e fazer um churrasco para o almoço de amanhã. Estender a festa por todo o fim de semana!

— Excelente ideia — disse Vid.

Ele sabia que ela estava brincando, mas ficou pensando se era mesmo uma possibilidade.

Ele a beijou e enfiou a língua dentro de sua boca só para fazê-la dizer “*Vid!*”, porém ela retribuiu com a mesma intensidade. Gostava de surpreendê-lo.

— Minha nossa, vão para um quarto — disse o primo dele, entrando na cozinha e saindo imediatamente.

Tiffany ergueu uma sobrancelha e saiu rebolando de forma exagerada só para ele.

Algo mais estava deixando Vid feliz. Tinha a ver com Tiffany. O que era? Será que sua mente estava ficando menos afiada? Não! Sua mente era afiadíssima, claro. Tinha aquela pequena questão do cara babaca... Mas estava tudo sob controle. Na véspera, Tiffany voltara da escola de Dakota e dissera que havia encontrado a esposa do seu antigo cliente e que eles não iam para o Saint Anastasias, no fim das contas.

Isso era bom, porque ele sabia que ela havia transado com o babaca.

Sabia por causa da narina esquerda dela.

Uma vez por mês, Vid jogava pôquer com um grupo de amigos. Anos antes, seu amigo Raymond lhe contara como os jogadores de pôquer tentavam descobrir as “dicas” dos outros: os pequenos sinais que denunciavam quando a pessoa blefava. Raymond dissera: “Você, meu amigo, tem uma dúzia de sinais. Pisca, mexe os olhos, se contorce, praticamente tem um derrame. Você é o pior blefador do mundo.”

No entanto, Vid se saía bem no pôquer, porque, ainda que fosse o pior blefador do mundo, tinha muita sorte. Conseguia mãos muito boas. Sempre fora sortudo. Tinha ótima sorte nos negócios, muitos, muitos bons amigos, se casara com duas mulheres lindas, por mais que a primeira tivesse se revelado uma megera completamente louca que tentara colocar suas filhas contra ele, mas tudo bem, porque tivera ainda mais sorte com a segunda esposa. Ele era um Viagra ambulante e loucamente apaixonado por ela.

Tiffany era ótima jogadora de pôquer. Não tinha tanta sorte quanto ele, mas sabia fazer uma linda expressão impassível. Funcionara com ele durante anos, até que um dia desvendara seu código.

Tiffany tinha um sinal. Sua narina esquerda. Sempre que mentia ou blefava, sua narina esquerda tremia. Só uma vez. Um movimento ínfimo. Feito uma asa de borboleta.

Vid havia confirmado isso observando sua esposa nas ocasiões em que tinha certeza absoluta de que ela não estava falando a verdade. Por exemplo, quando ela respondia às perguntas de Dakota sobre Papai Noel, ou quando dizia às irmãs que ia viajar na classe econômica, sendo que na verdade comprara passagens na classe executiva. Suas irmãs tinham um problema estranho em relação a viajar na classe executiva, como se fosse pecado.

Era conclusivo. A narina nunca mentia. Ele jamais contara a Tiffany, claro, porque era muito prático ter o superpoder secreto de desvendar sua expressão impassível. (Infelizmente, ela não gostara nem um pouco da lingerie que ele lhe dera no Natal.)

Sendo assim, quando perguntou à sua esposa “Você foi para a cama com ele?”, só precisara ficar de olho na narina dela, e lá estava a resposta.

Ela dissera não, mas a resposta era sim. Sim, tinha ido para a cama com ele.

Tudo bem! Sem problemas!

Talvez fosse um pequeno problema. E se Vid estivesse em um concerto da escola e visse aquele babaca olhando para sua esposa de maneira desrespeitosa? Talvez ficasse tentado a dar um soco nele. Teria que responder por agressão física.

Ou então digamos que ele e o babaca acabassem grelhando salsichas juntos (sempre havia salsichas para grelhar, por mais que pagassem um milhão de dólares em mensalidades escolares) e o babaca fizesse algum comentário sobre Tiffany. Poderia até ser um comentário *inocente*, mas e se Vid *interpretasse mal*, por causa do que sabia, e voltasse para casa com um pensamento fixo em sua cabeça, como acontecia às vezes com alguns pensamentos, e digamos que, em um momento de loucura, ele ligasse para seu amigo Ivan e providenciasse que os joelhos do babaca fossem quebrados.

Ivan sempre dizia que era só falar com ele se algum dia Vid precisasse que os joelhos de alguém fossem quebrados. Tiffany dizia que Ivan estava brincando. Mas ele não estava.

No entanto, estava tudo bem porque o babaca estava a salvo, a caminho de Dubai, com os joelhos intactos. Portanto, Vid não acabaria na prisão. Ele nunca desrespeitara uma lei de propósito, mas *poderia*. O potencial estava ali: talvez não para matar, mas certamente para machucar, e ele não queria ir para a cadeia. A comida. As *roupas*. Estremeceu só de pensar.

E por enquanto Vid não estava correndo risco de desrespeitar a lei. Tinha sorte de ter tanta sorte. Por isso estava feliz. E a reputação de Dakota na escola estava a salvo. Poderia

ser a líder da escola se quisesse. Ele tinha certeza de que aquelas pessoas iriam adorar Dubai. Que lugar interessante! Recentemente lera um artigo sobre o Festival Gastronômico de Dubai. Lá havia algo chamado “A Grande Grelha”. Parecia maravilhoso.

— Por que você está tão feliz? — perguntou Dakota. — E abobalhado?

Vid olhou para a filha, que trouxera uma bandeja vazia para a cozinha. Ela sorriu, mostrando as covinhas para ele, e naquele instante ficara extremamente bonita. Minha nossa senhora, mãe de Deus, por favor, não deixe ela ficar sexy como a mãe quando crescer.

— Porque estou feliz, sabe? — respondeu Vid.

Pegou Dakota no colo, segurando-a por debaixo das axilas, e a rodopiou. Já não conseguia mais rodopiar as filhas mais velhas. (Eva parecia pesar o mesmo que um pequeno caminhão.)

— Você está feliz?

— Muito — disse Dakota. Ela aproximou a boca da orelha dele. — Quantos minutos mais tenho que ficar aqui até poder ir para o meu quarto e ler um pouquinho?

— Trinta — disse Vid.

— Dez — retrucou Dakota.

— Vinte — afirmou ele. — Última oferta.

— Fechado.

Dakota estendeu a mão. Eles selaram o acordo com um aperto de mãos. Ele a colocou de volta no chão. A música diante da casa atingiu um volume digno de boate. Alguém gritou “*Uau!*” com um tom de voz escandaloso, o que certamente significava que Tiffany estava dançando. Enquanto isso outra pessoa gritava:

— Cadê Vid?

— Estou indo! — berrou ele.

Que sorte que Harry, o vizinho, estava descansando em paz.

CAPÍTULO SETENTA E SEIS

Clementine acordou com uma maravilhosa ausência de barulho.

Ouvia apenas o silêncio, e depois a melodia alegre da risada de uma Kookaburra. Aquilo partiu seu coração, como se ela estivesse havia muito tempo longe da Austrália e finalmente tivesse voltado para casa. Abriu os olhos e a luz pareceu límpida, clara e imbuída de importância.

— Parou — disse ela em voz alta para Sam. — Finalmente parou.

Ela não se permitira acreditar na promessa da previsão do tempo de que voltaria a fazer sol no domingo. Foi acordar Sam, sacudindo o braço dele, mas então viu o lado vazio da cama e lembrou que ele não estava ali. Estava dormindo no escritório, como se tornara um costume, e ela se sentiu humilhada por ter dito aquilo em voz alta. A ausência dele naquela manhã esperançosa e feliz foi como uma dor recente, como se fosse nova.

Ela suspirou e se virou de bruços, erguendo a beirada da cortina para olhar o céu recém-azulado.

Eles poderiam levar as meninas para brincar no sol... Mas, não, espere aí, não poderiam, porque ela e Sam tinham marcado para aquele dia um curso de primeiros socorros na escola do bairro. Já haviam remarcado algumas vezes e ela decidira que iriam naquele dia. Não podia continuar percorrendo Sydney para dar palestras, falar solenemente às pessoas sobre a importância do treinamento em primeiros socorros, como se fosse uma espécie de prefeita do mundo, distribuindo panfletinhos por aí, sendo que ela mesma não havia feito o treinamento.

Os pais de Sam iriam cuidar das meninas durante o dia.

“Pode até ser bem divertido aprender algo novo juntos!”, dissera a mãe de Sam, esperançosa.

Na fala de Joy havia um tom suspeito bem característico de Pam. As mães estavam circulando. Clementine suspeitava que sua mãe havia conversado pelo telefone com a mãe de Sam, preocupada com a situação do casamento de seus filhos.

Era interessante o fato de que um casamento se tornava instantaneamente propriedade pública assim que aparentava problemas.

Ela olhou para o relógio e descobriu que dormira até mais tarde do que de costume. Já passara das seis, mas tudo bem. Ainda podia ensaiar por duas horas até as meninas

acordarem. O teste seria em apenas uma semana. Era a reta final. Precisava se organizar direito, feito uma atleta, para estar no auge no dia do teste. Colocou o cardigã azul deselegante por cima do pijama (por algum motivo, o cardigã se tornara sua roupa de ensaio) e desceu em silêncio. A ausência do barulho da chuva dava uma sensação de espaço amplo ao redor dela, como se tivesse saído de uma pequena sala de aquecimento e ido para uma sala de concerto. Ela não percebera como o barulho de fundo tinha sido opressivo.

Enquanto passava resina no arco e o primeiro raio de sol da manhã destacava a poeira no ar, criando pequenos lampejos de luz feito joias em torno do cômodo, no vidro do relógio de pêndulo do seu avô, em um porta-retratos e em um vaso, Clementine sentiu uma forte sensação de paz em relação ao seu progresso. Ocorreu-lhe o estranho pensamento de que não estava tendo *resistência* ao teste, como já ocorrera tantas vezes. Não estava desperdiçando uma energia valiosa ao lamentar a injustiça do sistema: a quantidade excessiva de músicos qualificados no circuito de testes, o fato de que passar em um teste era uma habilidade totalmente diferente da habilidade musical de alguém. De alguma forma, o acidente de Ruby a livrara do que no momento lhe parecia um orgulho petulante, um medo disfarçado de indignação.

— Bom dia — disse Sam, de pé na soleira da porta.

— Bom dia. — Ela baixou o arco. — Acordou cedo.

— Parou de chover — comentou ele, desanimado.

Deu um grande bocejo. Parecia muito pálido e abatido na luz do sol. Ela queria abraçá-lo e ao mesmo tempo tinha vontade de dar um tapa nele.

— Acho que vou levar as meninas ao parque, para você ensaiar.

— Hoje temos o curso de primeiros socorros — disse Clementine. — Lembra?

— Acho que não vou — avisou ele. Cada palavra era um suspiro, como se o simples ato de falar fosse um esforço. — Vou ficar em casa com as meninas. Faço isso em outra ocasião. Não estou... me sentindo bem.

— Você está ótimo. Vai fazer, sim — declarou Clementine, como se ele fosse uma das crianças. — As meninas estão animadas de passar o dia com seus pais. Fizeram planos.

Ele emitiu um ruído, uma exalação exausta, feito um idoso ao se deparar com mais um lance de escada para subir.

— Ok. Tanto faz.

Deu meia-volta e saiu, com a postura curvada. Era como ser casada com um octogenário que falava feito um adolescente.

— Começa às dez! — gritou ela vigorosamente.

Estava se sentindo tão bem disposta, era a própria *essência* do vigor, e se ele não se controlasse logo ela iria dizer vigorosamente que ele não era o único capaz de sair

desferindo palavras dramáticas e ofensivas como “separação”.

CAPÍTULO SETENTA E SETE

— Olhe só que bonito — disse Oliver.

— O quê? — indagou Erika.

Estavam no jardim nojento e molhado da mãe dela, portanto parecia improvável que houvesse algo bonito para ver ali. Ela seguiu o olhar dele em direção ao liquidâmbar de sua mãe, onde minúsculas gotinhas brilhantes de chuva tremeluziam nas folhas sob a luz do sol.

— Olhe como brilham. Parecem pequenos diamantes! — exclamou Oliver.

— Você está poético hoje — disse Erika.

Devia ser porque eles tinham transado na noite anterior pela primeira vez em uma semana.

O olhar dela se fixou novamente em todas as *tralhas* da mãe. Como estava fazendo sol, tudo parecia ainda mais deprimente do que no dia chuvoso em que estivera ali da última vez. Ela chutou uma caixa de papelão fechada, mole e se despedaçando com um rótulo da Amazon, e a poça de água suja que havia bem em cima da caixa molhou seu pé. Uma folha ficou grudada em seu sapato e ela tentou chutá-la para longe.

— O que você está fazendo, querida? Dançando country?

A mãe de Erika havia aparecido no jardim com um lenço de bolinhas vermelho e branco cobrindo a cabeça e um macacão jeans azul, como uma dona de casa dos anos 1950 pronta para começar a faxina de primavera. Ela enfiou os polegares nos bolsos do macacão (que parecia novinho em folha) e chutou uma perna para trás da outra, depois chutou para o lado enquanto cantarolava uma música animada.

— Você é muito boa nisso, Sylvia — disse Oliver.

— Obrigada — falou ela. — Tenho um DVD de country em algum lugar, se quiser emprestado.

— Aposto que você consegue encontrá-lo facilmente — comentou Erika.

Sylvia deu de ombros com discrição.

— Sem problemas. — Olhou em torno do jardim e suspirou. — Minha nossa. Que bagunça. A chuva foi extraordinária, não foi? Temos um trabalho e tanto pela frente.

A ilusão escolhida para aquele dia era de que o jardim de Sylvia estava daquele jeito por causa da *chuva*.

— Bem, não estamos sozinhos — disse Sylvia, inclinando corajosamente o queixo. — Hoje as pessoas do estado inteiro estão nas ruas se ajudando, limpando.

— Mãe — chamou Erika. — As casas dessas pessoas foram inundadas. Isso aqui não é uma inundação de chuva. É uma inundação de tralhas.

— Eu estava vendo TV hoje de manhã — continuou Sylvia, sem lhe dar atenção — e foi tão inspirador! Vizinhos ajudando vizinhos. Fiquei com lágrimas nos olhos.

— Ah, pelo amor de Deus! — exclamou Erika.

Oliver colocou uma das mãos no ombro da esposa.

— As coisas que não podemos mudar — murmurou ele.

Estava citando a oração da serenidade para ela. Oliver frequentava reuniões da Al-Anon para famílias de alcoólatras. Erika não queria aprender serenidade.

— O que disse, Oliver? — indagou Sylvia. — Aliás, como *vão* seus pais adoráveis? Foram afetados pela chuva? — Ela não era nada boba. — Faz tempo que não os vejo. Deveríamos marcar um encontro para tomar um drinque.

— Mãe — repreendeu Erika.

— Deveríamos mesmo — disse Oliver. — Mas, como você sabe muito bem, com meus pais é mais provável que sejam dez ou vinte drinques.

— Ah, eles são divertidos — falou Sylvia carinhosamente.

— São — concordou Oliver. — Isso eles são. Ah, olhem, lá vem nossa caçamba.

— Ótimo. O que posso fazer? — perguntou Sylvia quando o caminhão parou na entrada da garagem e baixou lentamente a imensa caçamba.

— Ficar fora do nosso caminho — respondeu Erika.

— Sim, mas vão precisar de mim para garantir que não joguem algo importante fora por acaso — afirmou Sylvia. — Sabe o que encontrei outro dia, perdida em uma caixa de papéis velhos? Uma foto muito engraçada de você, Clementine e eu!

— Parece improvável — duvidou Erika.

— Como assim, parece improvável? Espere só para ver! *Garanto* que você vai rir. Imagine só se tivéssemos jogado fora essa memória preciosa! Você e Clementine deviam ter uns doze anos, acho. Clementine está tão jovem e bonita na foto. Para ser sincera, ela estava meio cansada na outra noite, não está envelhecendo bem. Você deveria dar uma olhada, Oliver, para ver a aparência que sua futura filha pode ter!

Oliver fechou a cara.

— Isso não vai mais acontecer.

— O quê? Clementine desistiu? Depois de vocês terem *salvado a vida da filha dela*?

— Nós desistimos — explicou Erika. — Não foi ela. Nós. Mudamos de ideia.

— Ah — disse Sylvia. — Mas por quê? Que péssima notícia. Estou arrasada!

Erika observou, impressionada, sua mãe se esquecer convenientemente de tudo o que

dissera na quinta-feira à noite e se fazer de vítima.

— Vocês me encheram de esperança! Achei que ia ser avó. Fiquei observando aquelas menininhas lindas na casa da Pam e imaginando como seria bom ter minha netinha. Cheguei a pensar que poderia ensiná-la a costurar, como minha avó me ensinou.

— Ensiná-la a costurar?! — exclamou Erika. — Você nunca *me* ensinou a costurar.

— Você nunca deve ter pedido — retrucou Sylvia.

— Nunca vi você com agulha e linha em toda minha vida.

— Vou pagar o motorista pela caçamba — disse Oliver.

— Vou entrar para ver se acho a foto engraçada — falou Sylvia depressa, caso alguém (Deus a livre) esperasse que ela pagasse por algo.

Erika aproveitou a oportunidade para colocar luvas de plástico, se ajoelhar e pegar uma cesta de roupas repleta de tralhas aleatórias: uma boneca sem cabeça, uma toalha de praia encharcada, uma caixa de pizza. Levou a cesta até a caçamba e a jogou lá dentro, com força, como se fosse uma granada. A cesta fez um baque ao cair lá dentro, se chocando com o metal. Jogar coisas fora sempre lhe dava uma sensação intensa e aterrorizante, como se estivesse correndo em direção a uma batalha, declamando um grito de guerra.

— Caramba, vocês têm muito trabalho pela frente — falou o sujeito da caçamba enquanto dobrava o formulário amarelo que Oliver lhe entregara e o enfiava no bolso de trás da calça.

Cruzou os braços no peito largo e observou o jardim com uma expressão de puro nojo.

— Quer nos dar uma mãozinha? — perguntou Oliver.

— Rá-rá-rá! Não, você está por conta própria, cara. Melhor você do que eu!

Ficou parado, balançando a cabeça, como se estivesse ali para supervisionar.

— Bem, pode ir, então — disse Erika, irritada, e ouviu Oliver conter uma risada, enquanto ela se virava para pegar a velha árvore de Natal.

Uma árvore de Natal, imagine só. Ela não se lembrava de ter uma árvore de Natal em casa quando era criança, no entanto ali estava uma árvore velha e danificada com um único fiapo triste de enfeite dourado.

O motorista se afastou resmungando de dentro do caminhão e Erika jogou a árvore de Natal na caçamba enquanto Oliver segurava um ventilador de pé quebrado com uma das mãos e um saco de lixo com a outra.

Sua mãe saiu pela porta da frente erguendo triunfantemente uma foto minúscula entre o polegar e o indicador. Era um milagre que tivesse encontrado algo.

— Olhe só para esta foto! — disse ela a Erika. — Garanto que vai fazer você rir.

— Garanto que não vai — retrucou ela, amargurada.

Sua mãe se inclinou para a frente e tirou um pedacinho de fiapo dourado da blusa da

filha.

— Vai, sim. Olhe.

Erika pegou a foto. Caiu na gargalhada. Sua mãe começou a dançar de um lado para outro, abraçando a si mesma, contente.

— Eu falei, eu falei!

Era uma foto granulada em preto e branco de sua mãe, Clementine e ela sentadas em uma montanha-russa. Fora tirada por uma daquelas câmeras automáticas programadas para captar a reação das pessoas no momento mais aterrorizante do percurso. As três estavam com a boca aberta em formato oval e tinham sido congeladas para todo o sempre enquanto gritavam. Erika estava debruçada para a frente, as mãos agarrando a barra de segurança, como se a empurrasse para ir mais rápido, ao mesmo tempo em que jogava a cabeça para trás. Clementine estava de olhos bem fechados e seu rabo de cavalo voava, formando uma linha vertical acima da cabeça, feito a mitra do papa. Sylvia estava de olhos arregalados e com os braços esticados no ar, parecendo uma menina bêbada dançando. Uma alegria aterrorizante e hilária era o que se via na foto. Não importava se retratava ou não a realidade, era impossível não rir ao olhar para a imagem. Ela e Clementine estavam com o uniforme da escola.

— Está vendo? Não está feliz por eu ter guardado isso?! — questionou Sylvia. — Mostre para Clementine. Veja se ela se lembra desse dia! Devo admitir que não me lembro muito bem desse dia *específico*, mas dá para ver como estávamos felizes! Não finja que teve uma infância horrível, você teve uma infância maravilhosa! Todas aquelas montanhas-russas, lembra? Minha nossa, eu adorava montanha-russa. Você também.

Algo chamou sua atenção.

— Oliver, o que você tem aí? Deixe eu dar uma olhada!

Oliver, com os braços em torno de uma caixa de papelão que se desintegrava, correu em direção à caçamba enquanto Sylvia disparava atrás dele gritando:

— Oliver! Ei, *Oliver*!

Assim era a vida com Sylvia: absurda, grotesca, revoltante e, às vezes, só de vez em quando, maravilhosa. As meninas deviam ter ido à escola naquele dia. Era fim de novembro, verão. Aniversário de doze anos de Erika... Não, era uma semana *após* o aniversário de doze anos de Erika. Sua mãe esquecera no dia, Sylvia tinha dificuldade com datas, mas daquela vez decidira se redimir com uma atitude louca e espontânea. Aparecera na escola e tirara as duas meninas da aula para levá-las ao Luna Park, *sem*, diga-se de passagem, a permissão ou o conhecimento dos pais de Clementine. Uma coisa dessas nunca aconteceria nos dias de hoje e naquele instante Erika ficou horrorizada em nome da escola. As consequências legais daquilo eram atordoantes.

Clementine não tinha permissão de andar em montanhas-russas porque sua mãe sentia

fobia delas. Ficara profundamente afetada com a história de um acidente com um brinquedo de um parque de diversões itinerante em que oito pessoas haviam morrido, anos antes de as meninas nascerem.

“Eles não fazem manutenção nas máquinas”, era o que Pam dizia sempre. “São *armadilhas mortais*. São acidentes esperando para acontecer.”

Mas Erika e Sylvia adoravam montanha-russa; quanto mais assustadora, melhor. Nenhuma decisão, nenhum controle, nenhum debate: apenas a lufada de ar entrando nos pulmões e o som penetrante dos seus gritos antes que fossem levados pelo vento. Era uma das pouquíssimas coisas estranhas e aleatórias que as duas tinham em comum: gostar de montanhas-russas assustadoras. Não que tivessem andado com muita frequência. Erika se lembrava só de algumas ocasiões, e aquela era uma.

Erika sabia que Clementine também havia adorado aquele dia. Ficara agitada de tanta de felicidade. Fora um dia em que Erika não duvidara de si mesma nem da amizade das duas. Havia existido dias assim, dias em que sua mãe era sua mãe, e sua amiga era sua amiga.

Ela enfiou a foto no bolso de trás da calça jeans e observou Sylvia se debruçar exageradamente acima da caçamba para resgatar algo, por isso quase caiu lá dentro. Voltou a se empertigar, ajeitou o lenço na cabeça e encarou Oliver com as mãos no quadril.

— Oliver! Não há nada de errado com aquele ventilador! — gritou. — Pegue ali para mim, por favor!

— Não vai dar, Sylvia — respondeu Oliver.

Erika se virou de costas para esconder o sorriso. Examinou a luz do sol brilhando na árvore com gotas de chuva. Estava muito bonito. Lembrava uma árvore de Natal.

Inclinou a cabeça para trás, curtindo o sol em seu rosto, e viu a mulher que morava do outro lado da rua, a que amava Jesus, mas com certeza não amava Sylvia. Estava na janela do segundo andar de sua casa, com uma das mãos no vidro, como se estivesse limpando. A mulher parecia olhar diretamente para Erika.

E de repente aconteceu: Erika se lembrou de tudo.

CAPÍTULO SETENTA E OITO

DIA DO CHURRASCO

Erika estava de pé na entrada do jardim, segurando a pilha de pratos de porcelana azul que Vid lhe entregara na cozinha. Eram lindos pratos, sólidos, com estampas padronizadas e cheias de detalhes. *Porcelana chinesa*, pensou Erika. Lembrou que sua avó já tivera pratos exatamente iguais àqueles. Sua avó costumava ter muitas coisas bonitas, e Erika não fazia ideia do que acontecera com elas. Deviam estar perdidas em algum lugar, ou quebradas, enterradas sob camadas sedimentares de tralha na casa de sua mãe.

Era uma ironia: sua mãe gostava tanto de coisas que não tinha nada.

Erika segurou os pratos com mais força, sentindo um forte desejo de ficar com eles. Imaginou-se abraçando-os e correndo até sua casa para guardá-los no armário da cozinha. Não faria uma coisa dessas. Claro que não. Por um instante, ficou apavorada, com medo de fazer isso.

Ficou um tempo parada. Quando era pequena, gostava de ir até o jardim de casa e girar, girar em círculos, até o mundo rodar. Era exatamente assim que estava se sentindo. Por que fizera isso de maneira deliberada? Não era uma sensação boa. Devia estar bêbada. Por que os pais de Oliver *escolhiam* se sentir assim? Planejavam isso, ansiavam por isso. Era horrível.

Concentrou-se nas menininhas. Ruby estava saindo do coreto, andando desajeitadamente com Batedor em uma das mãos e a bolsinha azul de lantejoulas de Holly na outra. Holly não iria gostar nada daquilo. Ninguém tinha permissão de mexer em sua coleção de pedras. Onde estava Holly?

Como previsto, Holly apareceu de repente atrás da irmã, gritando algo que Erika não conseguia ouvir por causa do som da música clássica que mais uma vez saía do aparelho de som de Vid. Ruby olhou por cima do ombro e apressou o passo. Que meigo. Parecia determinada a fugir com seu contrabando.

Cuidado, pensou Erika. Seus pais ao menos estão de olho em vocês?

Ela olhou para os adultos. Oliver não estava em parte alguma. Clementine conversava com Vid. Tiffany conversava com Sam. Os quatro simplesmente estavam empolgados demais com a presença uns dos outros. Era como se Oliver e ela não estivessem ali.

Estavam estragando a diversão. Nem Sam nem Clementine estavam de olho nas meninas naquele instante. Isso era irresponsabilidade, negligência.

Observou Vid pegar uma faca e fingir que estava regendo a música. Viu Clementine rir com alegria. O que exatamente ela dissera mais cedo? Qual fora a palavra que usara? Repulsiva. A ideia de doar seus óvulos para Erika era *repulsiva*. E todo o tempo que ela e Oliver tinham passado conversando sobre aquilo... Ela se lembrou de Oliver dizendo à médica da fertilização in vitro: “Vamos falar com a melhor amiga de Erika. Elas são como irmãs.”

Como irmãs. Que piada. Que mentira.

Erika observou Clementine colocar o cabelo por cima do ombro enquanto Vid lhe dava uma colherada na boca, e ela se inclinava para a frente para comer. Clementine era como a princesa dos contos de fada que ganhava todos os presentes das fadas madrinhas no batizado. Você vai ser adorada pelos seus pais! *Plim!* Você vai ter talento musical! *Plim!* Vai viver em meio à limpeza e ao conforto! *Plim!* Vai engravidar naturalmente assim que tiver vontade e dará à luz duas filhas lindas! *Plim, plim!!*

Uma velha fada deixada de fora da lista de convidados. A megera sem convite. Erika não fora convidada a muitas festas quando era criança. O que a fada sem convite fazia? Lançava alguma maldição. Você vai espetar o dedo no fuso da roca e morrer, portanto cuidado com agulhas. Mas então uma fada boazinha se metia e alterava a maldição. Você vai apenas dormir por cem anos. Não é tão ruim assim. Espere. Era *Bela Adormecida*. O conto de fadas era *Bela Adormecida*!

Estava mesmo muito bêbada. Deveria sair dali, mas não estava se movendo.

Bela Adormecida. Clementine gostava muito de dormir. A maldita Bela Adormecida, era exatamente isso. Você está dormindo neste exato momento. Não está nem se dando o trabalho de prestar atenção em suas filhas.

Houve um barulho. Vindo de algum lugar. Um ruído que tentava se sobrepor à música clássica que saía do aparelho de som de Vid e se espalhava.

Será que Clementine estava tocando? Claro que não, Erika, você está no jardim do vizinho, está bêbada, isso é embriaguez, seu cérebro virou água e seus pensamentos estão escorrendo e respingando por todos os lados.

Ela ouviu novamente.

Era uma batida. Esse era o som. Uma batida apressada que se repetia. Ela viu o rosto da mãe. O dedo sobre os lábios. Não abra a porta. Sim, mãe, eu sei o que preciso fazer. Não fazer barulho. A gente nunca, nunca abre a porta. Não queremos que as pessoas vejam nosso segredo sujo. Não é da conta delas. Como ousam bater em nossa porta sem terem sido convidadas?! Nenhuma cortesia. Não têm o direito de nos fazer sentir assim. Ficamos muito quietas e paradas até que elas vão embora. Algumas pessoas batem com veemência,

raiva, de maneira acusatória, como se soubessem que estão sendo enganadas e ficassem bravas com isso, mas acabam desistindo e indo embora.

Como previsto, as batidas ficaram mais altas e raivosas. Os olhos de sua mãe ardiam de ódio. As pessoas não tinham o direito. Nenhum direito.

Erika se sacudiu. Não havia ninguém batendo na porta de sua casa. Ela estava em um churrasco. Onde as menininhas tinham ido parar? Viu um lampejo azul no canto do jardim. Holly estava sentada de pernas cruzadas na grama com sua bolsa, tirando cuidadosamente as pedras lá de dentro e colocando-as em fila, uma a uma. De vez em quando gostava de catalogar a coleção.

Uma gargalhada veio da mesa.

O barulho de batida persistia. De onde estava vindo?

Erika olhou para o chafariz ridículo. Viu *lixo* boiando na água. O casaco velho de alguém girando lentamente em círculo.

Sua mãe tinha pilhas e mais pilhas de casacos. Casacos grandes de inverno. Como se morassem na Sibéria, não em Sydney. Bem, ela não ia tirar aquele casaco do chafariz. Não era sua responsabilidade. Já estava cansada de arrumar as coisas.

Toc, toc, toc. Como ousa bater em nossa porta com essa arrogância? Vinha de algum lugar acima dela. Ergueu os olhos e lá estava Harry, o velho e rabugento Harry, de pé na janela do segundo andar de sua casa como se estivesse encostado nela, não batendo mas espancando o vidro, como se tentasse fugir. Ele notou o olhar dela. Apontou. Balançou violentamente o dedo na direção do chafariz. Sua boca se abriu em um grito silencioso. Pela posição do seu corpo e por seus gestos, Erika percebeu que ele estava bravo com ela. Gritava algo para ela. Queria que ela limpasse aquele lixo. Os vizinhos estavam sempre bravos. Sempre queriam que ela recolhesse o lixo. Mas Erika não ia obedecer. Não era sua responsabilidade.

Olhou fixamente para o chafariz, para o velho casaco cor-de-rosa girando devagar em círculos.

Viu Batedor jogado ao lado do chafariz.

Não era um casaco velho. Não era lixo.

A adrenalina foi como uma injeção em seu coração. Todas as coisas que roubara de Clementine, sem nunca querer fazer aquilo. Culpa sua, culpa sua, culpa sua.

Os pratos caíram de suas mãos. Ela gritou o nome de Clementine.

CAPÍTULO SETENTA E NOVE

O curso de primeiros socorros era na escola de ensino médio local, que suas filhas supostamente frequentariam um dia, embora pensar em uma época em que elas fossem grandes o bastante para estar no ensino médio parecesse ficção científica. A professora era uma mulher grandona, alegre e um pouco condescendente chamada Jan, que fazia Clementine se lembrar de uma flautista insuportável que costumava encontrar todo ano no acampamento de música.

Jan começou andando pela sala e pedindo para cada um dizer seu nome, o motivo pelo qual estava ali e, “como um exercício divertido para quebrar o gelo!”, respondesse à pergunta: “Se você fosse um vegetal, qual seria?”

O primeiro foi um personal trainer musculoso chamado Dale, que estava ali porque precisava de treinamento em primeiros socorros para conseguir a “licença de fisioterapeuta”, e que, se pudesse escolher, seria um pé de couve porque era um vegetal poderoso. E nesse instante, ele flexionou seu bíceps impressionante.

— *Excelente* resposta! — exclamou Jan, parecendo momentaneamente atordoada com o bíceps de Dale, e Clementine gostou dela por isso.

Em seguida, foi a vez de uma mulher atarracada de meia-idade, que estava ali porque um acidente fatal ocorrera no escritório em que trabalhava. Um funcionário fora eletrocutado e ela nunca se sentira tão inútil e impotente em toda sua vida e nunca mais queria se sentir assim, embora não achasse que teria feito alguma diferença para o pobre homem.

— Se eu fosse um vegetal, seria uma batata — disse a mulher —, é óbvio.

E apontou para seu corpo, fazendo todos gargalharem, então pararam abruptamente, pois talvez não devessem rir daquilo.

Era a vez de Sam, e ele falou com segurança e clareza, sentado de maneira descontraída na cadeira, com as pernas esticadas à frente. Disse que ele e sua esposa — apontou para Clementine — estavam fazendo o curso porque tinham filhas pequenas. Clementine olhou para ele. Ela teria contado a verdade. Teria dito que a filha deles quase morrera afogada. Estava sempre disposta a compartilhar essa história, porém, mesmo com Ruby no hospital, Sam evitara contar às pessoas por que estavam ali, como se fosse um segredo tremendamente vergonhoso.

— Eu seria uma cebola — disse Sam. — Porque sou muito complexo. Tenho *camadas*.

Essa resposta também provocou boas risadas, e Clementine percebeu que Sam fazia esse tipo de coisa o tempo todo — treinamentos corporativos, dias de interação entre a equipe —, portanto aquele era seu personagem de funcionário brincalhão e divertido. Provavelmente sempre escolhia cebola.

Na sua vez, ela não se deu o trabalho de explicar por que estavam ali, afinal Sam já respondera. Disse que seria um tomate, porque combinava muito bem com cebola, e Sam sorriu, mas com cautela, como se ela fosse uma desconhecida tentando dar em cima dele, e Clementine se lembrou da humilhação de ter falado com ele assim que acordou naquela manhã, sendo que ele não estava no quarto.

— Oohm — disseram todos, exceto a pessoa logo atrás de Clementine, que falou:

— Tomate é uma fruta.

— Hoje vai ser um vegetal — respondeu Jan rispidamente, e Clementine decidiu que ela não se parecia em nada com a flautista.

Depois que todos falaram, Jan disse que se fosse um vegetal seria um abacate porque ela demorava um tempo para amolecer (“Abacate é uma *fruta*”, disse o especialista em frutas, suspirando atrás de Clementine), e estava ali hoje porque “primeiros socorros eram sua paixão”, o que fez os olhos de Clementine se encherem de lágrimas. Era maravilhoso o fato de que no mundo havia pessoas como Jan, com “paixão” por ajudar os outros.

Então começaram os trabalhos, e Clementine e Sam diligentemente fizeram anotações, enquanto Jan lhes apresentava o procedimento de “suporte básico de vida”, inserindo histórias de sua experiência com primeiros socorros, como a vez em que enfrentara uma situação real durante um curso, quando um dos participantes desmaiara na aula.

— Você aproveitou para fazer uma demonstração? — perguntou alguém.

— Não, tive que evacuar a sala. As pessoas começaram a cair desmaiadas feito *moscas*. Tombavam como peças de dominó: ploft, ploft, ploft — respondeu Jan, com satisfação, para mostrar a fragilidade das pessoas em geral. — Por isso devemos dar uma função a cada um: chame a ambulância, traga um pouco de gelo para mim... ou então mande todos embora, porque senão ficam em choque. É um acontecimento traumático. Podem sofrer estresse pós-traumático. Mais tarde vamos falar sobre isso.

Clementine olhou para Sam a fim de conferir se ele estava recordando o “acontecimento traumático” pelo qual passou, mas sua expressão era impassível. Ele fez uma anotação no caderno.

Jan pediu que Dale, o personal trainer musculoso, se deitasse no chão, então escolheu duas garotas bonitas (cenoura e couve-flor) para tentarem colocar Dale na posição de recuperação. Elas fizeram isso e, como eram três jovens atraentes, foi agradável de olhar, e quando viraram Dale de lado a cueca dele ficou aparecendo acima do short.

— Que bom ver que você está usando Calvin Klein hoje — falou Jan.

Era tudo muito divertido, interessante e informativo, e Sam fazia perguntas inteligentes e, de vez em quando, piadas engraçadas na hora certa. Por isso foi tão inesperado quando aconteceu.

Clementine teve que respirar fundo quando Jan demonstrou a reanimação cardiopulmonar em um boneco de plástico azul, que tinha só uma cabeça e um torso. O movimento das mãos de Jan, indo e vindo, pressionando com força e velocidade, trouxe tudo de volta: o chão duro sob seus joelhos, as bochechas pálidas de Ruby e seus lábios azuis, as luzinhas piscando em sua visão periférica. Mas ela respirou fundo até o fim do procedimento, e quando olhou para Sam, ele parecia bem.

Então Jan pediu que todos formassem duplas, e deu um boneco azul para cada par, além de duas máscaras de reanimação descartáveis. (Ela sempre carregava uma máscara de reanimação no chaveiro: ficava preparada a este ponto para oferecer seus serviços.) Tiveram que encontrar um espaço vazio no chão onde pudessem colocar o boneco deitado de costas.

Jan perambulou pela sala, verificando o progresso de cada um.

— Quer ir primeiro? — indagou Clementine a Sam.

Os dois estavam ajoelhados, cada um de um lado do boneco.

— Pode ser — disse Sam.

Ele pareceu bem enquanto cumpria metodicamente a sigla que Jan acabara de lhes ensinar: “PRC VRRD”, significando Perigo, Reação, Chamar ajuda, Via respiratória, Respiração, Reanimação Cardiopulmonar e Desfibrilador.

Ele desobstruiu a via respiratória, olhou, ouviu e tateou para conferir a respiração, depois começou a reanimação cardiopulmonar, as mãos cruzadas pressionando ritmicamente o peito do boneco, e, enquanto isso, seus olhos encontraram os de Clementine e ela notou uma gota de suor escorrendo pela lateral do seu rosto.

— Sam? Você está bem? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça, negando com muita discrição, mas não parou de fazer as compressões de reanimação. Seu rosto estava totalmente pálido. Seus olhos estavam vermelhos.

Ela não sabia o que fazer.

— Você está... com dores no peito?

Pelo menos estavam no lugar certo. Jan parecia tão competente quanto qualquer médico ou paramédico e certamente mais interessada.

Ele balançou a cabeça outra vez.

Depois baixou a cabeça, apertou as narinas do boneco e soprou duas vezes em sua boca. O peito do boneco se ergueu para mostrar que ele fizera corretamente. Sam

levantou a cabeça e recomeçou as compressões, então Clementine viu, com um choque que mais pareceu um chute no estômago, que lágrimas escorriam pelo rosto dele e pingavam no boneco. Ela nunca vira o marido chorar, chorar de verdade, nem no dia do casamento, nem quando as crianças haviam nascido, nem quando Ruby parara de respirar, nem quando a menina acordara no dia seguinte. E nunca questionara isso porque também nunca tinha visto seu pai chorar, e seus irmãos mais velhos não choravam, apenas batiam portas e socavam paredes durante seus anos de jovens raivosos. Às vezes sua mãe ficava chorosa, mas Clementine era a única chorona verdadeira da família e estava sempre aos prantos por algum motivo. Talvez todos aqueles homens firmes e estoicos ao seu redor a tivessem feito interiorizar o velho clichê de que meninos não choram. Então era totalmente chocante para ela que Sam pudesse chorar daquela maneira, que seu corpo fosse capaz de uma coisa dessas, de produzir tantas lágrimas. Enquanto observava as lágrimas dele pingando no boneco, ela sentiu algo romper dentro de si, e uma compaixão gigantesca cresceu em seu peito. Em seguida passou pela sua cabeça o terrível pensamento de que talvez sempre tivesse acreditado inconscientemente que, como Sam não chorava, ele também não sentia, ou sentia menos, não tão profunda e intensamente quanto ela. Clementine sempre direcionara seu foco para o modo como as ações dele afetavam os sentimentos dela, como se o papel de Sam fosse fazer coisas *para ela, por ela*, e só sua resposta emocional a ele importasse; como se um “homem” fosse um produto ou um serviço e ela finalmente tivesse escolhido a marca certa para conseguir a reação certa. Será que era possível que ela nunca tivesse verdadeiramente visto ou amado Sam da maneira como ele merecia ser visto e amado? Como pessoa? Como uma pessoa comum, com defeitos e sentimentos?

— Ah, *Sam*.

Ele se levantou tão rápido da posição ajoelhada em que estava que quase caiu para trás. Virou o rosto, esfregando com força a bochecha com a palma da mão, como se tivesse sido picado por um inseto. Deu meia-volta e saiu da sala.

CAPÍTULO OITENTA

— Desculpe — disse Clementine à professora. — Vou lá fora ver como está meu marido. Acho que ele não está se sentindo bem.

— Claro — disse Jan. Depois acrescentou, esperançosa: — Se precisar de mim, avise.

Clementine saiu da sala de aula e olhou para a esquerda. Ele já estava perto do fim do corredor.

— Sam! — chamou, quase correndo, passando por salas cheias de adultos que buscavam se aperfeiçoar.

Ele pareceu apressar o passo.

— Sam! — chamou novamente. — *Espere!*

Ela o seguiu até um corredor deserto e silencioso com um teto de vidro que ligava dois prédios. Havia armários cinza nas paredes. Sam parou de repente. Encontrou uma coluna estreita com espaço entre dois blocos de armários, o tipo de buraco que servia de esconderijo e para o qual as meninas eram atraídas, e se sentou com as costas na parede. Apoiou a testa nos joelhos. Os ombros dele se sacudiam em silêncio. Havia uma mancha redonda de suor na camisa. Clementine fez menção de tocar no ombro do marido, mas sua mão pairou, incerta, por alguns segundos, e então ela mudou de ideia.

Sentou-se de frente para ele, do outro lado do corredor, com as costas apoiadas no metal frio de um armário. Quadrados de raios de sol percorriam todo o corredor, feito um trem de luz solar. Ela se sentiu estranhamente tranquila enquanto esperava Sam parar de chorar, sentindo o cheiro nostálgico do ensino médio.

Por fim, ele ergueu os olhos, com o rosto molhado e inchado.

— Desculpe — disse. — Nossa, isso foi muito engrandecedor.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Foram as compressões — justificou Sam.

Ele esfregou o nariz com o dorso da mão e fungou.

— Eu sei — disse Clementine.

— Tive a sensação de estar lá.

Sam usou as palmas das mãos para massagear as bochechas com movimentos circulares.

— Eu sei — repetiu ela.

Ele ergueu os olhos para o teto e fez algo com a língua, como se tentasse tirar comida

dos dentes. A luz do sol brilhava na parede atrás dele e deixava seus olhos muito azuis sob a sombra que cobria seu rosto. Parecia ao mesmo tempo muito jovem e muito velho, como se naquele instante todas as suas versões passadas e futuras estivessem sobrepostas em seu rosto.

— Sempre tive a impressão de que eu era bom em situações de crise — afirmou Sam.

— Você é bom em situações de crise.

— Achei que se algum dia eu fosse testado, se houvesse um incêndio, um atirador ou um apocalipse de zumbis, eu tomaria conta da minha família. Eu seria o *cara*. — Sua voz saiu grave e desdenhosa ao dizer a palavra “cara”.

— Sam...

— Não foi só por ter tirado os olhos de Ruby. Não foi só por estar tentando abrir um pote de amêndoas para impressionar a porcaria de uma stripper, imagine só, enquanto minha menininha se afogava bem do meu lado... — Apesar da respiração trêmula, ele inspirou fundo. — Mas eu nem me mexi. Fiquei observando outro homem tirar minha filhinha daquele chafariz medonho e fiquei ali parado feito uma pedra.

— Você se mexeu, sim — retrucou Clementine. — Só que eles chegaram lá primeiro e sabiam o que estavam fazendo. Foi uma fração de segundo. Apesar de parecer que foi mais tempo. E depois você se mexeu, *sim*. Eu juro.

Sam ergueu os ombros e exibiu uma expressão de desprezo absoluto por si mesmo.

— Enfim. Não posso mudar o que fiz ou deixei de fazer. Só preciso parar de pensar nisso. Tenho que tirar da cabeça. Fico revendo a cena repetidamente. É burrice, é inútil. Não consigo trabalhar, não consigo dormir, estou descontando em você e... preciso me controlar.

— Talvez — falou Clementine, hesitante — você possa, ou a gente possa, falar com alguém. Um profissional, por exemplo.

— Tipo um psicólogo — disse Sam com um sorriso forçado. — Porque estou enlouquecendo.

— Tipo um psicólogo — repetiu Clementine. — Porque parece que você está enlouquecendo. Só um pouquinho. Fiquei pensando quando a professora mencionou estresse pós-traumático...

Sam ficou horrorizado.

— Estresse pós-traumático. Como um veterano de guerra. Mas não voltei do Iraque ou do Afeganistão onde vi pessoas explodindo, não, só voltei de um churrasco em um jardim.

— Onde viu sua filha quase morrer afogada — disse Clementine.

Sam fechou os olhos.

— Sua filha quase morreu afogada — repetiu ela. — E você se sente responsável.

Sam ergueu os olhos para o teto e exalou.

— Não tenho síndrome de estresse pós-traumático, Clementine. Pelo amor de Deus. Isso é humilhante. É patético.

Clementine pegou o celular no bolso do casaco.

— Não procure no Google — implorou Sam. — Confie em mim. Você sempre me diz para não olhar no Google. A gente nunca descobre nada bom.

— Pode *apostar* que vou procurar no Google — disse Clementine.

Ela sentiu a respiração acelerar, porque estava vendo o comportamento dele desde o churrasco por outro ângulo, por uma nova perspectiva, e se lembrou de seu pai dizendo na outra noite: “Ele não está bem de cabeça.” E ela não lhe dera ouvidos, não de verdade, não como faria com alguém que tivesse dito: “Seu marido está doente.”

— Sintomas de síndrome de estresse pós-traumático. — Clementine leu em voz alta. — Repassar mentalmente o que aconteceu. Você acabou de dizer que faz isso!

— Que bom que você ficou tão feliz — falou Sam, esboçando um sorriso.

— Sam, você é um caso clássico! Insônia. *Sim*. Irritabilidade. *Sim*. Solução? *Procure tratamento*.

Ela estava falando de maneira brincalhona, irônica, meio boba, como se tudo fosse uma grande brincadeira, como se nada daquilo importasse de verdade, como se seu estômago não estivesse se revirando, como se ela não tivesse a impressão de que aquela era sua única chance. Ultimamente o humor dele mudava em um instante, e dali a uma hora talvez ele se recusasse a falar sobre aquele assunto e mudasse completamente.

— Olhe. Não preciso *procurar tratamento* — começou Sam.

— Precisa, sim — retrucou Clementine, com os olhos fixos no celular. — Efeitos a longo prazo: divórcio. Abuso de substâncias. Você está abusando de substâncias?

— Não estou abusando de substâncias — disse Sam. — Pare de ler isso. Guarde o celular. Vamos voltar para a aula.

— Acho mesmo que você precisa conversar com alguém, com um profissional — comentou Clementine.

Ela virara mãe dele. Em pouco tempo estaria sugerindo “uma psicóloga ótima”.

— Você pode, por favor, conversar com alguém?

Sam inclinou a cabeça para trás e observou o teto outra vez. Por fim, voltou a olhar para ela.

— Talvez.

— Que bom — falou Clementine.

Ela apoiou a cabeça nos armários e fechou os olhos. Sentia certa inevitabilidade, como se seu casamento fosse um navio imenso e já estivesse tarde demais para mudar sua direção: podia ou não bater no iceberg, mas nada que ela fizesse ou dissesse naquele instante faria diferença. Se sua mãe estivesse observando aquela interação, diria que

Clementine estava errada, que precisava continuar falando, dizer tudo o que passava pela sua cabeça, *comunicar*, não deixar qualquer possibilidade de interpretação equivocada.

Se seu pai estivesse ali, levaria um dedo aos lábios e diria: *Shh*.

Clementine ficou satisfeita com duas palavras:

— Sinto muito.

Queria dizer: sinto muito por isso ter acontecido. Sinto muito por não ter percebido que você estava passando por isso. Sinto muito por talvez não ter amado você da maneira como você merece ser amado. Sinto muito que nossa primeira crise tenha revelado tudo o que há de errado em nosso casamento, e não tudo o que há de certo. Sinto muito por termos nos virado um contra o outro, em vez de buscar o apoio do outro.

— É, eu também sinto muito — falou Sam.

CAPÍTULO OITENTA E UM

— Então, na realidade, Harry salvou a vida de Ruby — disse Oliver.

Erika e Oliver estavam dando uma volta no quarteirão da casa da mãe dela. No instante em que Erika se lembrara do ocorrido, sentira vontade de contar a Oliver e certamente não queria que Sylvia escutasse, por isso estava insistindo para que o marido desse uma volta com ela pelo quarteirão.

— É — confirmou. — E ninguém nunca agradeceu a ele. Acho que nem olhei outra vez para a janela dele.

Passaram por um jovem casal empurrando um carrinho de bebê, e Erika lançou para eles um esboço de sorriso desinteressado para que soubessem que de fato não havia necessidade de comentarem sobre o tempo e como era ótimo que finalmente tivesse parado de chover.

— Ele deve ter visto que a tiramos de lá — disse Oliver.

— Espero que sim — falou Erika. — Mas ninguém chegou a dizer a ele que Ruby estava bem. Ninguém foi agradecer. Ele deve ter considerado uma grosseria. Sempre achava que todo mundo era muito mal-educado e deve ter morrido acreditando que era isso mesmo.

— Imagino que ele teria ido nos perguntar — disse Oliver. — Se estivesse preocupado.

Os dois pularam uma poça marrom cintilante que ocupava a maior parte da calçada.

— Levei um tempo até entender que era Ruby — disse Erika, e subitamente sentiu a boca muito seca. — Achei que era um casaco velho boiando no chafariz e fiquei só olhando. Tive uma impressão estranha, sem lógica, de que Harry queria que eu limpasse o chafariz. Ruby estava se afogando enquanto eu olhava diretamente para ela.

Oliver ficou calado por um instante, então falou:

— Sempre me senti culpado por estar escondido no banheiro quando aconteceu, me olhando no espelho. Acho que todos nós temos motivo para nos sentirmos culpados sobre aquela tarde.

— Menos Harry — disse Erika.

— Menos Harry — concordou Oliver.

Uma mulher de meia-idade vestindo uma “roupa de ginástica” que não lhe caía nada

bem se aproximou saltitando.

— Não é ótimo ver o sol outra vez? — perguntou, encantada, e desacelerou o passo como se quisesse conversar mais sobre o sol.

— É fantástico! — concordou Oliver. Ele e Erika aceleraram o passo em um acordo tácito. — Tenha um bom dia!

— Você acha que eu devia contar para alguém? — indagou Erika. — Sobre minha lembrança?

Agora que os fatos estavam organizados em sua mente, ela sentia um desejo avassalador de esclarecer as coisas, de entregar um relatório corrigido às autoridades.

— Bem, não sei para quem você poderia contar — disse Oliver. — Ou como isso ajudaria.

— Posso contar para Clementine — respondeu ela, embora não tivesse nenhuma intenção de fazer isso.

— Não. Você não pode contar para Clementine. Sabe que não pode.

Tinham dado uma volta completa no quarteirão e estavam se aproximando da casa da mãe dela.

— Ah, pelo amor de Deus — falou Erika, suspirando.

— O que foi? — perguntou Oliver.

— Agora ela está *dentro* da caçamba.

CAPÍTULO OITENTA E DOIS

Havia parado de chover. Finalmente! Até que enfim! Dakota mal conseguia acreditar. Tudo em toda sua vida e no mundo todo parecia totalmente diferente.

— Vai ser muito divertido — disse a mãe de Dakota quando abriram a porta de casa e saíram na varanda.

— Não sei por que não podemos ir de *carro* até lá — falou o pai de Dakota pela milionésima vez. — Por que temos que ir andando pelas ruas, feito mendigos?

— Porque é muita sorte termos uma linda trilha a menos de dez minutos da porta de casa! — disse sua mãe.

Ela estava segurando a coleira de Barney enquanto o cachorro pulava de um lado para outro, mordendo o ar, tentando capturar uma mosca invisível.

Ultimamente sua mãe vinha “praticando gratidão”. (Seu pai dizia que ela ia superar isso em breve. Tomara!) Tinha um pote especial chamado “pote da felicidade”. Era preciso anotar suas lembranças felizes em pedaços de papel, colocá-los no pote, e na noite de ano-novo esvaziariam o pote e perceberiam como tinham sido abençoados ou algo assim. Já estavam em outubro, portanto precisavam se apressar e colecionar muitas lembranças felizes em família.

— Mas também é muita sorte termos um Lexus — observou seu pai. — Não podemos nos esquecer de dar valor ao nosso Lexus.

Sua mãe descobrira que havia uma linda trilha em um parque nacional *dentro do bairro deles*. Apenas a uma curta caminhada de distância! Por algum motivo, aquilo tinha grande importância. Tanta importância quanto ter um banco sob a janela. Aparentemente, Erika e Oliver, os vizinhos, faziam aquela trilha “o tempo todo” e ficaram chocados que a mãe de Dakota nem sequer soubesse da existência daquilo, e ela se sentira envergonhada, ou pelo menos era o que dizia, porque provavelmente não devia ter se sentido assim. Afinal Erika e Oliver eram nerds gentis, e ninguém ficava envergonhado com nerds gentis. Por isso era relaxante estar com pessoas assim.

— Talvez eu encontre vocês lá — disse seu pai. — Tenho que fazer umas coisas antes. Coisas importantes, sabe?

— De jeito nenhum — disse sua mãe. — Ande, ande. Caramba.

Sua mãe estava colocando seu pai em uma rotina mais saudável. (Ele tinha uma pança

imensa e peluda, mas conseguia deixá-la dura como pedra quando queria, e então pedia para Dakota dar um soco. “Mais forte!”, berrava ele feito um louco. “Você é fracota ou o quê?”)

— O que acha, Dakota? Não prefere ir de carro, hein? Não é muito melhor? Muito mais confortável? — perguntou seu pai. — Podemos parar e tomar sorvete depois.

— Não me importo — afirmou a menina. — Desde que a gente volte às três.

Naquela tarde Dakota tinha uma festa com o tema Jogos Vorazes, por isso nada daquilo parecia muito relevante. Era a festa de sua amiga Ashling, e a mãe da garota levava os temas das festas muito a sério. Provavelmente ninguém iria *morrer* de fato, ela não iria tão longe, mas talvez houvesse um lugar muito legal para praticarem tiro com arco ou algo assim.

Enquanto desciam pela entrada de carros até a rua, ouviram alguém gritar da antiga casa de Harry.

— Ei, vocês!

— Barney! — repreendeu a mãe de Dakota quando o cão quase arrancou seu braço ao puxar a coleira, pulando com alegria e latindo.

Se Dakota pudesse traduzir a língua dos cães, supunha que ele estivesse dizendo: “Outro ser humano! Que ótimo!”

Seu pai parou imediatamente.

— Olá! — gritou. Tipo, gritou literalmente. Como se estivesse conversando em uma cadeia de montanhas, não no jardim. — Tudo bem? Que dia lindo, não é?!

Seu pai estava tão animado em ver outro ser humano quanto Barney. De verdade.

Um homem de camisa polo rosa-clara abotoada e short muito branco se aproximou deles carregando algo nos braços. Estavam fazendo uma grande faxina na casa de Harry. Fora estranho ver móveis sendo levados para fora: um sofá antigo, uma televisãozinha, um velho colchão amarelado e manchado. Dakota desviara o olhar. Era como ver as cuecas de Harry.

— Oi — disse o sujeito, parecendo sem fôlego, como se tivesse corrido até ali. Em seguida se dirigiu à mãe de Dakota: — Nós nos conhecemos outro dia. Steve. Steve Lunt.

— Vid! Prazer em conhecê-lo! — disse seu pai. — Estamos indo caminhar, sabe. Saímos andando de casa. — Ele fez um gesto de karatê com a mão. — Somos assim. Pessoas que gostam de estar ao ar livre.

Dakota se remexeu.

— Oi, Steve — disse sua mãe. — Como está indo a faxina? Aliás, esta é nossa filha, Dakota, e nosso cachorro doido, Barney.

A menina ergueu a mão com o menor movimento possível para compensar o tamanho do seu pai e a altura da sua voz. Tentou não fazer contato visual para que ele não se

sentisse obrigado a conversar e fingir interesse (“Em qual série você está na escola?”).

— Oi, Dakota — cumprimentou Steve. — Na verdade, era você que eu queria encontrar. Queria saber se gostaria de ficar com este velho globo. Pode ficar legal no seu quarto, quem sabe?

Ele mostrou um globo antigo com suporte de madeira. Tinha uma cor dourada e letras arredondadas feito algo tirado de um velho mapa do tesouro de piratas. Dakota ficou surpresa ao perceber que queria muito aquilo, de verdade. Já imaginava o globo em sua escrivaninha, brilhando, todo dourado e misterioso.

— É muito bonito — disse sua mãe. — Mas parece uma antiguidade. Talvez valha dinheiro. É melhor você avaliar.

— Não, não. Quero que fiquem com ele. Quero que tenha um bom lar — disse Steve.

Ele sorriu para Dakota com os belos dentes brancos e lhe entregou o globo.

— Obrigada — falou ela.

Era mais pesado do que imaginara.

— Só não use para fazer seu dever de casa de geografia — comentou ele, tocando o globo com a ponta do dedo e fazendo-o girar delicadamente. — Mostra Pérsia e Constantinopla, em vez de Irã e Istambul.

— É muito velho mesmo — afirmou Vid. — Está dando uma coisa muito preciosa para Dakota. Obrigado.

Pérsia. Constantinopla. Dakota abraçou o globo.

— Acho que era do filho de Harry — explicou Steve. Ele baixou o tom de voz e virou ligeiramente o rosto para a mãe de Dakota, como se quisesse evitar que a menina escutasse, mas isso só fez com que ela prestasse mais atenção. — Parece que o quarto do filho estava intocado desde o dia em que ele morreu. Minha mãe acha que faz pelo menos cinquenta anos. Foi a coisa mais sinistra que já fiz. Foi como voltar no tempo. Havia um livro. — Sua voz tremeu de emoção. — *Biggles Learns to Fly*. Estava virado para baixo na cama. Todas as roupas dele continuavam no armário.

A mãe de Dakota levou a mão à boca.

— Meu Deus. Coitado.

Ótimo. Sua mãe ia sentir ainda mais culpa por causa do terrível Harry cuspidor.

— Tiramos fotos — declarou Steve solenemente.

Dakota achou isso um pouco inapropriado. Será que ele ia publicar as fotos do quarto do menino morto no Instagram?

O pai de Dakota estava ficando inquieto. Sacudiu as chaves de casa no bolso.

— Vamos guardar esse lindo globo lá dentro, Dakota?

— Obrigada — disse a menina para Steve novamente. — Muito, muito obrigada por

isso.

— De nada, imagina — respondeu Steve. — Tenho certeza de que Harry teria gostado que você ficasse com ele.

— O velho Harry gostava muito de Dakota — disse seu pai. Era uma grande mentira e Dakota mal pôde acreditar. — Só não demonstrava sempre, sabe. — Olhou para Steve. — Precisa descansar um pouco, cara? Quer entrar para tomar um café? Comer algo? Temos...

— Estamos indo caminhar, Vid — interrompeu a mãe de Dakota.

— Ah, é — disse o pai com tristeza. — Tinha esquecido.

CAPÍTULO OITENTA E TRÊS

DIA DO CHURRASCO

Harry subiu a escada, colocando uma mão após a outra no corrimão, como se estivesse escalando com uma corda. Era inaceitável que um sujeito não conseguisse subir a própria escada sem que suas pernas doessem daquele jeito. Ele já fora forte como um touro e sempre cuidara da saúde. Interessava-se pela área da saúde. Mantinha-se atualizado. Assim que o cirurgião geral publicara o relatório sobre cigarros e câncer de pulmão, Harry deixara de fumar. No mesmo dia.

Conhecia a pirâmide alimentar e fazia o possível para segui-la. Praticava exercícios regularmente. Tomava o multivitamínico recomendado por seu clínico geral, que parecia ainda estar no ensino médio, e talvez ainda estivesse mesmo, porque o multivitamínico era um desperdício de dinheiro. Não fazia absolutamente nenhum efeito. Ele se sentia um pouco pior a cada dia. Os fabricantes daquela vitamina deviam achar graça por ganharem dinheiro com aquilo. Harry pensava em escrever uma carta de reclamação. Ele escrevia, em média, duas a três cartas de reclamação por semana. O mundo corporativo da Austrália precisava ser *responsável*. Quando ele fazia parte do mundo corporativo, havia padrões, as pessoas se importavam com qualidade. Ultimamente a má qualidade dos produtos fabricados era uma desgraça.

Ele parou no meio do caminho para descansar.

Era por isso que os velhinhos tinham que sair da própria casa e se mudar para aqueles asilos horríveis, porque não conseguiam subir a maldita escada. Que piada. Ele não ia se mudar para lugar nenhum. Poderiam tirá-lo dali dentro de um caixão.

Continuava ouvindo a música da casa ao lado. Pessoas muito egoístas e mal-educadas. Ligaria para a polícia se fosse necessário. Ele costumava telefonar para a polícia o tempo todo, quando o filho dava festas enquanto os pais estavam em cruzeiros em rios na porcaria do sul da França. O filho de cabelo comprido e oleoso, feito um macaco. Criatura nojenta.

Mas aquelas pessoas não estavam mais lá, certo? Ele sabia disso. Claro que sabia. Havia se mudado cerca de dez anos antes. Ele sabia disso perfeitamente. Fazia um Sudoku por dia. Sua cabeça estava ótima. Mas às vezes ficava um pouco confuso em relação

ao tempo.

Era o grande sujeito árabe, ou qualquer que fosse sua nacionalidade. Provavelmente era terrorista. Hoje em dia não dava para saber. Harry tinha o número do celular dele. Tinha todos os seus dados cuidadosamente registrados para o caso de algum dia precisar passá-los à polícia. Ficava de olho nele. Sua esposa dissera que iam baixar o volume, mas Harry suspeitava fortemente que o tivessem aumentado. O que se podia esperar de um homem que usava a porcaria de uma *pulseira*? A esposa não era desagradável de se olhar, mas não tinha classe. Vestia-se como uma puta. A moça poderia aprender algumas coisas sobre classe e elegância com a esposa de Harry. Elizabeth teria dado um jeito nela.

A filha deles o fazia pensar em Jamie. Algo a respeito do formato de sua cabeça. E mais alguma coisa: certa imobilidade, feito uma observadora de pássaros, como se estivesse estudando o mundo, descobrindo-o com cautela. Jamie fora um pensador. Harry ficava furioso ao olhar para aquela criança. Como ela ousava se parecer com Jamie? Como ousava estar ali sendo que Jamie não estava? Isso o deixava furioso. Às vezes, ao olhar para ela, sua cabeça ficava *literalmente* vermelha. Como uma fogueira ardendo em chamas.

Ele continuou subindo a escada. Uma mão após a outra no corrimão. Harry costumava correr. Era um corredor antes mesmo que correr virasse moda. *Este corpo costumava correr*. Não reconhecia mais as próprias pernas velhas e fracas, que pareciam ser de outra pessoa. Por que ninguém tinha inventado um remédio que impedisse isso de acontecer? Não podia ser tão difícil. Mas todos os pesquisadores eram jovens e não sabiam o que os aguardava. Eram alheios! Achavam que o corpo seria seu para sempre, e então, quando descobriam, era tarde demais, estavam aposentados, e suas mentes, confusas, embora a mente de Harry não estivesse confusa, afinal ele fazia Sudoku.

“Não corra, não corra!”, costumava gritar Elizabeth para Jamie quando ele saía correndo pela trilha.

Ela ficava com medo de que ele fosse escorregar, mas Jamie nunca escorregava. Era ágil. Eles costumavam sair pela porta dos fundos com uma cesta de piquenique para o almoço e chegavam à cachoeira em uma hora.

Mas atualmente Harry estava abandonado naquela casa, assim como estava abandonado naquele corpo. Nem ao menos sabia se a trilha ainda existia, a trilha onde Jamie costumava correr. Ele poderia descobrir, mas ficaria bravo se tivesse sido soterrada por um shopping, e se ainda estivesse lá, se outras crianças estivessem correndo pela trilha enquanto as mães gritavam “Não corra! Não corra”, ele ficaria mais bravo ainda.

Chegara ao topo. Que dificuldade para subir um lance de escada. Mas por que fora até ali? De que precisava?

Estava ficando senil. Às vezes não conseguia encontrar a palavra certa, mas lembrava que de vez em quando Elizabeth também não achava uma palavra. “Onde está aquele

negócio?”, perguntava ela, e fora tão jovem, tão linda e maravilhosamente jovem, ela não fazia ideia de como era jovem, e ele não fazia ideia de por que subira a escada.

Continuava ouvindo a música dos vizinhos. Ainda mais alta. Quem eles achavam que eram? Fingindo ser artistas. Elizabeth adorava música clássica. Tocava violino na escola. Tinha mais classe no dedo mindinho do que aquela prostitua barata tinha no corpo inteiro. Ela teria lhe ensinado algumas coisas. Como ousavam tocar uma música tão alto? Falta de consideração.

Ele se imaginou ligando para a polícia e dizendo que os vizinhos estavam lhe deixando surdo com aquela porcaria de Mozart. Mozart era o surdo? Não surpreendia que ele compusesse músicas tão ruins. Elizabeth costumava rir de sua rabugice. Tinha senso de humor. Jamie também. Ambos costumavam rir dele. Depois que se foram, ninguém nunca mais riu dele. Toda sua graça se foi com o senso de humor dos dois.

Era culpa dos vizinhos que ele tivesse se esquecido do motivo pelo qual subira. Acabara se distraindo. Entrou no quarto do filho para se acalmar e acendeu a luz.

Olhou pela janela de Jamie. Todas as luzes do jardim dos vizinhos estavam acesas. Lá embaixo parecia a porcaria da Disneylândia.

Havia duas menininhas correndo. Uma delas tinha asas nas costas, feito uma fadinha. A outra estava usando um casaco cor-de-rosa que parecia antigo. Elizabeth teria gostado do casaco cor-de-rosa.

Observou o maldito cachorro correndo para lá e para cá. Latindo sem parar. Mais cedo cavara um buraco no jardim de Harry, feliz da vida. Harry chutara seu traseiro, para lhe dar uma lição. Não fora um chute forte, mas a verdade é que Elizabeth e Jamie não teriam achado graça. Provavelmente parariam de falar com ele. Harry e Elizabeth iam dar um cachorro para Jamie em seu aniversário de nove anos. Deveriam ter feito isso em seu oitavo aniversário.

Ele olhou pela janela. Deviam pagar uma conta de luz exorbitante por causa de todas aquelas luzinhas.

Viu os vizinhos da outra casa. Oliver. Tinha um nome afetado, mas era um sujeito decente. Era possível ter uma conversa sensata com ele. (Por mais que andasse de bicicleta e usasse shorts pretos apertados e brilhantes. Parecia um idiota quando vestia aquilo.) Não se lembrava do nome da esposa. Era uma dessas mulheres estressadas e magrelas.

Não tinham filhos. Talvez não quisessem. Ou talvez não pudessem ter. A esposa não tinha quadris propícios para isso, com certeza não. Se bem que hoje em dia era possível fabricar bebês em tubos de ensaio.

Elizabeth teria gostado de dar uma irmãzinha a Jamie. Sempre ficava observando as menininhas por aí. Gostava dos vestidos delas.

“Olhe só o vestido bonito dessa menininha”, dizia para Harry, como se ele se

importasse com o vestido bonito de alguma menininha.

Naquele dia ela ficara observando uma menininha que segurava um palito com um gigantesco e macio algodão-doce cor-de-rosa.

“Olhe só para isso, é quase do tamanho dela”, dissera Elizabeth.

Mas Harry apenas resmungara em resposta, pois estava de mau humor, queria ir embora, era domingo à tarde, teriam um longo percurso de carro na volta, e ele estava pensando no trabalho e na semana que teria pela frente. O sindicato estava complicando a vida deles. Harry não gostava que as noites de domingo fossem apressadas. Gostava de estar preparado para a semana.

Ele não quisera dirigir até tão longe, até o cu do Judas, para ir àquela maldita feirinha de diversões. Não deveria ter dito “cu do Judas” a Elizabeth, porque ela odiava essa expressão, ficava muito ofendida, e ele estava só pensando no representante do sindicato, aquele sujeito durão, e na luta que teria pela frente. (O representante do sindicato fora ao funeral. Abraçara Harry, que não queria ser abraçado, mas também não queria estar no funeral da esposa.)

Deveria ter sido mais gentil com Elizabeth e Jamie naquele dia. Teria sido mais gentil caso soubesse que seria o último dia que passariam juntos. Não teria dito “cu do Judas”. Não teria contado a Jamie que todos os jogos eram manipulados e ele nunca ia ganhar. Não teria resmungado quando Elizabeth apontara para a menininha com o algodão-doce.

Mas, ao mesmo tempo, *deveria* ter sido mais rabugento. Deveria ter sido mais firme. Deveria ter dito não quando quisessem ir no brinquedo pela terceira vez.

Ele *dissera* não, mas Elizabeth não se importara. Segurara a mão de Jamie e dissera: “Só mais uma vez.”

E os dois foram correndo.

Se os visse outra vez, gritaria com eles.

“Eu disse *não*! Eu era o homem da casa!”, berraria.

Então abraçaria os dois e nunca mais, jamais os soltaria.

Se os visse outra vez... Elizabeth acreditava no além, e Harry esperava que ela tivesse razão. Tinha razão sobre quase tudo, menos naquele dia.

Chamava-se “A Aranha”. Tinha oito pernas compridas com um carrinho na ponta de cada perna para até oito pessoas. As pernas subiam e desciam, subiam e desciam, e então tudo girava.

Toda vez que passavam voando, Harry tinha um breve vislumbre de seus rostos rosados e risonhos, as cabeças jogadas para trás, encostadas no banco. Aquilo o deixara enjoado.

A Aranha fora construída dez anos antes por uma fabricante australiana de nome alemão: Flugzeug Amusement Rides. A Flugzeug Amusement Rides só fizera inspeções e manutenções rudimentares no brinquedo. A empresa que organizava a feira de diversões

se chamava Sullivan and Sons. A Sullivan and Sons estava financeiramente na merda. Demitiram funcionários. Um dedicado gerente de manutenção chamado Primo Paspaz foi mandado embora. Primo estabelecera um horário de manutenção para todos os brinquedos em um caderno vermelho. O caderno vermelho desapareceu quando ele perdeu o emprego. Ao testemunhar no tribunal, Primo deu um soco no próprio joelho. Seus olhos brilharam com lágrimas.

Uma das peças de rolamentos não funcionara corretamente no brinquedo e um carrinho se soltara.

Os oito passageiros risonhos e estridentes morreram. Cinco adultos e três crianças.

Os processos judiciais se arrastaram por anos. Isso consumira Harry. Ainda tinha os arquivos: grandes pastas de papel ofício cheias de um relato de negligência, incompetência e imbecilidade. Ninguém nunca tomara a dianteira e assumira a responsabilidade. Apenas Primo Paspaz dissera “Sinto muito” para Harry. “Nunca teria acontecido sob a minha supervisão”, falara.

As pessoas precisavam assumir suas responsabilidades.

Harry desviou os olhos da janela e girou o globo de Jamie, fazendo com que todos os lugares que o filho jamais veria passassem pelo seu dedo.

Voltou a observar os vizinhos pela janela. Pensou que, se Elizabeth ainda fosse viva, ele estaria lá embaixo no churrasco, porque sua esposa era muito sociável e o árabe vivia convidando Harry para sua casa, como se realmente quisesse que ele fosse. Era peculiar. Por um instante, Harry visualizou com clareza como sua noite deveria estar sendo: Elizabeth sentada à mesa apreciando a música, Harry fingindo estar mal-humorado com aquilo e todos rindo, porque Elizabeth tornava seu mau humor engraçado.

Harry viu as duas menininhas correndo pelo jardim. Pareciam brincar de pega-pega.

A menorzinha ficou de pé na lateral do chafariz. Carregava uma bolsinha azul. Correu pela borda. O chafariz era do tamanho de uma piscina.

— Cuidado aí, menininha — disse Harry em voz alta para ela. — Você pode cair.

Será que tinha alguém de olho nela, pelo menos?

Ele deu uma olhada no jardim. Todos os adultos estavam reunidos em torno da mesa, sem olhar para as crianças. Estavam rindo sem parar. Ele não conseguia ouvir as risadas por causa da música. Não estava vendo Oliver, mas via sua esposa, Erika, era esse o nome dela, de pé no caminho que levava até a porta dos fundos. Ela poderia ver a menininha.

Ele olhou novamente para o chafariz e seu coração disparou.

A menininha sumira. Será que descera do muro? Então ele viu. O casaco cor-de-rosa. Meu Deus, ela estava com o rosto na água. Tinha caído. Era como se sua previsão tivesse tornado aquilo real.

Procurou um adulto. Onde estava aquela tal de Erika? Ela deve ter visto. Estava de pé,

bem ali, bem no campo de visão.

Mas estava parada. O que aquela mulher estúpida estava fazendo?

— Ela caiu lá dentro!

Ele bateu as mãos no vidro.

A esposa de Oliver não se mexeu. Continuou parada ali feito uma estátua, com o rosto virado, como se ela não quisesse ver, como se estivesse olhando para o outro lado de propósito. Pelo amor de Deus, o que havia de errado com ela? O que havia de errado com todas aquelas pessoas idiotas? Meu Deus, meu Deus, meu Deus.

O rosto de Harry ficou quente de fúria. A menininha estava se afogando bem ali, na frente de todas aquelas pessoas imbecis e irresponsáveis. Matá-los a tiros seria pouco.

Tentou abrir a janela para poder gritar, mas estava emperrada. Fazia anos que não era aberta. Bateu com muita força com os punhos no vidro até doer. Gritou mais alto do que gritara nos últimos anos.

— Ela está se afogando!

A mulher finalmente olhou para ele. A esposa de Oliver. Os dois se entreolharam. Graças a Deus, graças a Deus.

— Ela está se afogando! — gritou Harry, apontando para o chafariz. — A menininha está se afogando!

Ele observou Erika virar a cabeça em direção ao chafariz. Lentamente. Como se não tivesse nenhuma pressa.

E, mesmo assim, ela não se moveu. Aquela mulher estúpida, imbecil, não se moveu. Ficou parada ali, olhando para o chafariz. Parecia um pesadelo. Harry ouviu seu choro de frustração. O tempo estava acabando.

Virou-se para longe da janela e saiu correndo do quarto. Era o único jeito. Ele precisava ser rápido. Precisava ser ágil. Ele mesmo teria que correr até a casa dos vizinhos e tirar a menininha de lá. A menininha de casaco cor-de-rosa estava se afogando. Elizabeth teria adorado aquela menininha. Ouviu a voz da esposa gritando: “Corra, Harry, corra!”

Ele correu do quarto de Jamie até o patamar da escada. Parecia até que tinha recuperado seu antigo corpo. Não havia dor. Estava exaltado com a urgência de sua missão. Corria graciosa e fluidamente, feito um rapaz de vinte anos com joelhos perfeitos e flexíveis. Podia fazer aquilo. Ele era rápido. Era ágil. Ia salvá-la.

No segundo degrau, ele caiu. Estendeu o braço para segurar o corrimão e se salvar, mas era tarde demais, estava voando, assim como sua esposa e seu filho.

CAPÍTULO OITENTA E QUATRO

Estava anoitecendo ao fim de mais um dia lindo e Sam voltava andando para casa, depois de saltar da balsa, sob um céu índigo. Já fazia quase uma semana que o tempo estava bom. Toda a água secara e evaporara, e as pessoas haviam parado de comentar sobre como era bom ver o sol. A “Grande Chuva” começava a sumir das memórias de todos com a leve brisa da primavera.

Sam tivera mais um dia relativamente produtivo no trabalho, o que já era significativo. Era um pouco constrangedor a satisfação nerd que sentira por ter finalizado sua proposta de plano estratégico para prevenir uma perda maior de cota de mercado no segmento já saturado de bebidas energéticas cafeinadas, sem açúcar, com sabor de frutas vermelhas. Não chegara a compor uma sinfonia, mas era uma estratégia bem pensada que faria a empresa ganhar dinheiro, o que compensaria as últimas semanas em que ele ficara apenas sentado à escrivaninha, sendo pago para não fazer nada. Dessa vez tinha usado o cérebro. Terminara uma tarefa. A sensação era boa.

Talvez aquilo se devesse aos efeitos incríveis e mágicos da sua primeira sessão de terapia. Após o incidente humilhante no curso de primeiros socorros no domingo, Clementine marcara uma consulta com um terapeuta para depois do expediente de segunda-feira. Sam não lhe perguntara como ela conseguira agendar tão rápido uma consulta. Provavelmente pedira ajuda à mãe. Pam era uma grande fã de terapia. Devia ter o contato de um terapeuta salvo na discagem rápida. Sam se encolheu ao pensar na expressão delicadamente solidária de sua sogra quando Clementine lhe contara sobre as *lágrimas* dele, o suposto “estresse pós-traumático”, pelo amor de Deus.

O terapeuta era um cara baixinho, animado e tagarela, feito um jóquei, e tinha muitas opiniões, o que surpreendeu Sam. (Eles não deveriam dizer coisas enigmáticas, como “O que *você* acha?”) Ele afirmou que Sam provavelmente apresentava um caso leve de transtorno de estresse pós-traumático. E falou isso com o mesmo tom de voz descontraído que usaria para dizer: “Você deve estar com uma leve sinusite.” Achava que Sam precisaria apenas de três ou quatro sessões “no máximo” para “acabar de vez com aquilo”.

Ele saíra quase rindo do consultório. Será que o terapeuta conseguira o diploma na internet? Mas, enquanto esperava o elevador para voltar à recepção, ficou surpreso ao perceber que sentia um pequeno alívio, como quem espera as bagagens no aeroporto após

um longo voo e percebe os ouvidos se desobstruírem por mais que não tivesse notado que estavam entupidos. Não que ele estivesse se sentindo ótimo. Estava apenas um pouquinho melhor. Talvez fosse um efeito placebo, ou talvez aquilo fosse acontecer de qualquer maneira em determinado momento, ou então, quem sabe, o terapeuta tivesse poderes mágicos.

Ele parou na faixa de pedestres e viu uma mulher com um bebê em um carrinho e uma criança um pouco maior.

O bebê devia ter cerca de um ano. Estava sentado, as pernas gordinhas esticadas à frente, com uma grande folha verde na mão gorducha, feito uma bandeira.

Será que foi uma folha boiando que chamara a atenção de Ruby naquele dia? Ele imaginou a cena, como já havia feito tantas vezes, e talvez como fosse fazer pelo resto da vida. Imaginou-a subindo no chafariz, toda orgulhosa, caminhando na beirada, talvez até correndo. Será que escorregou? Ou viu algo que queria? Uma folha boiando ou um galho que parecia interessante. Alguma coisa que brilhava. Ele a imaginou ajoelhada na borda do chafariz, com seu casaquinho cor-de-rosa, a mão estendida, e então, de repente, caindo lá dentro de cabeça, em pânico, agitando os braços, os pulmões se enchendo de água enquanto tentava gritar “Papai!”, o casaco pesado puxando-a para baixo, e depois a imobilidade, o cabelo boiando ao redor da cabeça.

Por um instante, o mundo de Sam saiu do eixo e ele ficou sem fôlego. Concentrou-se na luz vermelha que indicava NÃO ANDE, aguardando que mudasse para ANDE. Os carros passavam a toda velocidade. A mãe que aguardava ao seu lado falava ao celular.

— Meu sapato está caindo — resmungou a criança mais velha.

— Não está, não — disse a mãe distraidamente enquanto continuava falando ao telefone. — Eu *sei*, essa é a questão, quer dizer, tudo bem se ela tivesse sido sincera desde o início, mas *Lachlan, não!* Não tire o sapato aqui!

O menininho se jogara no chão de repente e estava no processo de tirar o sapato.

— Ele está tirando a porcaria do sapato no meio da rua. Lachlan, pare com isso. Eu disse *pare* com isso.

A mulher se inclinou para puxar o menino e colocá-lo de pé. Sua mão largou o carrinho que estava em um pequeno declive que levava diretamente à rua.

O carrinho começou a avançar.

— Opa.

Sam estendeu a mão e segurou a barra do carrinho.

A mulher ergueu os olhos.

— Meu *Deus!*

O telefone escorregou do espaço entre sua cabeça e seu ombro e caiu no chão, enquanto ela se levantava depressa e agarrava a barra do carrinho, colocando a mão em

cima da de Sam.

Ela observou os carros passando velozmente e voltou o olhar para o carrinho.

— Poderia... Ele poderia... — falou.

— Eu sei — disse Sam. — Mas está tudo bem. Não aconteceu nada.

Ele retirou sua mão debaixo da mão dela. Ela segurava o carrinho com toda a força.

— Mamãe, o telefone está todo rachado!

Com uma expressão de horror absoluto, o menino ergueu o celular que pegara no chão. Sam ouviu uma vozinha chamando do outro lado da linha:

— Alô? Alô?

As luzes mudaram para ANDE. A mulher não se moveu. Ainda estava processando aquilo, pensando no que poderia ter acontecido.

— Tenha uma boa noite — disse Sam, e atravessou a rua em direção à sua casa, com o céu imenso e esperançoso à sua frente.

CAPÍTULO OITENTA E CINCO

— Você não precisa voltar depressa para o escritório, não é? — indagou Oliver enquanto enfiava as orelhas na touca de natação, puf, puf, e puxava os óculos sobre os olhos, fazendo Erika pensar em um alienígena desajeitado.

Haviam se encontrado no horário de almoço na piscina de North Sydney, onde dava para ir a pé de seus escritórios, para nadar pela primeira vez após o breve “hiato de inverno”, como dizia Oliver. Durante os meses de inverno, trocavam a natação por uma aula de cardio de alta intensidade que durava trinta minutos na academia.

— Só preciso voltar à uma e meia.

Erika também colocou os óculos de natação, que deixavam o mundo azul-turquesa.

— Ótimo — disse Oliver.

Ele parecia sério.

Enquanto dava sua primeira volta, ela se perguntava o que estava passando na cabeça dele. Desde que ele descobrira seu “hábito”, Erika tinha a sensação de ter sido rebaixada a sócia minoritária no casamento dos dois. Ele a fizera prometer quealaria sobre sua “cleptomania” com a psicóloga.

“Não é cleptomania!”, exclamara Erika. “É só...”

“Roubar as coisas da sua amiga!”, completara Oliver com entusiasmo.

Ultimamente havia algo diferente em Oliver: certa imprudência, mas não era bem isso, porque ele jamais seria imprudente. Quase uma agressividade? Mas também não era bem isso. Ousadia. Não era desagradável, para falar a verdade. Estavam fazendo bastante sexo raivoso. Era ótimo.

Ela ainda não havia conversado sobre sua “cleptomania” com a psicóloga porque não a encontrara. Não é Pat cancelara algumas sessões de última hora. Devia estar com problemas pessoais. Erika torcia secretamente para que precisasse tirar um ano sabático.

Ao virar a cabeça a cada duas respirações, ela erguia o olhar e observava a estrutura cinza e arqueada da Harbour Bridge se erguendo no céu muito azul acima deles. Era um lugar incrível para nadar. Não era uma vida e tanto? Trabalho bom, exercício bom, sexo bom. Ela deu uma cambalhota na água e procurou Oliver. Ele estava muito à frente, a toda potência na água. Por sorte o lugar não estava muito cheio, pois ele nadava rápido demais, até mesmo para a raia que servia para isso.

Era o bebê. Seria sobre isso que ele ia querer falar. O bebê era seu projeto, e ele era um excelente gerenciador de projetos. Como Clementine já não fazia mais parte da história, ele ia querer “explorar outras opções, outros caminhos”. Ia querer conversar sobre os prós e os contras. O corpo inteiro de Erika desacelerou dentro d’água com esse pensamento. Suas pernas pareciam pesos mortos que ela arrastava atrás de si.

Para mim, chega. Chega do projeto bebê, pensou ela. Mas é claro que não podia parar, não até que Oliver parasse.

Aquilo era apenas um obstáculo. Toda vez que você corre uma maratona, dá de cara com um obstáculo. É uma barreira tanto física quanto mental, mas pode ser ultrapassada (consumo de carboidratos, hidratação, foco na técnica). Ela continuou nadando. *Parecia* que não conseguiria ultrapassar, mas essa era a essência do obstáculo.

Após a natação, os dois se sentaram do lado de fora de um café, no sol, com vista para a baía, comendo saladas de atum e couve. Estavam novamente de terno. Óculos escuros. O cabelo apenas um pouco úmido nas pontas.

— Vou mandar o link de um artigo para você — disse Oliver. — Li ontem e ando pensando nele. Pensando muito.

— Está bem — disse Erika.

Alguma nova tecnologia reprodutiva. Ótimo. É só o obstáculo, disse ela a si mesma. Respire.

— É sobre adoção — explicou Oliver. — Adoção de crianças mais velhas.

— Adoção?

O garfo de Erika parou a meio caminho da boca.

— Sobre a dificuldade — continuou Oliver. — Sobre como as pessoas têm uma ideia muito romantizada sobre adoção e que não é nada disso. Sobre como cuidadores adotivos não fazem ideia de onde estão se metendo. É um artigo brutalmente honesto.

— Ah — disse Erika.

Ela não conseguia ver seus olhos por causa dos óculos escuros. Percebeu que estava sentindo que uma minúscula faísca de esperança se apagava.

— Então vai me enviar o link porque...?

— Acho que devemos fazer isso — respondeu Oliver.

— Acha que devemos fazer isso — repetiu Erika.

— Fiquei pensando em Clementine e Sam — falou Oliver. — E em como o acidente de Ruby afetou tanto os dois. Quer saber por que foi tão grave para eles? — Ele não aguardou uma resposta. — Porque *nada de ruim* tinha acontecido com eles antes!

— Bem — disse Erika, pensativa. — Não sei se é bem isso...

— Mas você e eu, nós esperamos o pior! — exclamou Oliver. — Temos expectativas baixas. Somos durões. Conseguimos dar conta das coisas!

— Conseguimos? — perguntou Erika.

Não sabia se devia lembrar a ele que fazia terapia.

— Todo mundo quer os bebês — explicou Oliver, ignorando-a. — Os bebês fofinhos. Mas estão precisando mesmo é de pais adotivos para as crianças mais velhas. As bravas. As problemáticas. — Ele parou e, de repente, pareceu perder a confiança. Pegou sua vitamina de superalimentos. — Só pensei que... Bem, pensei que a gente pudesse considerar isso porque talvez sejamos capaz de compreender, ou pelos menos ter uma ideia, do que essas crianças estão passando.

Ele sugou o canudo. Ela via o reflexo da baía em seus óculos.

Erika comeu sua salada e pensou nos pais de Clementine. Lembrou-se de Pam arrumando a cama dobrável para que ela passasse a noite lá mais uma vez, balançando os pulsos de forma que os lençóis impecavelmente brancos flutuassem no ar: o aroma lindo e limpo de água sanitária ainda era o cheiro preferido de Erika no mundo todo. Lembrou-se do pai de Clementine sentado no banco do carona do seu carro enquanto Erika estava no do motorista pela primeira vez. Ele mostrara a ela como colocar as mãos na posição “quinze para as três” no volante.

“Todo mundo diz dez para as duas”, afirmara ele. “Mas todos estão errados.”

Ela ainda dirigia com as mãos na posição “quinze para as três”.

Qual era a expressão que se usava? *Gentileza gera gentileza*.

— Então, digamos que a gente faça isso — disse Erika. — Que a gente leve para casa uma dessas crianças problemáticas.

Oliver ergueu os olhos.

— Digamos que sim.

— Segundo esse artigo, vai ser horrível.

— É o que diz — concordou Oliver. — Traumático. Estressante. Terrível. Podemos nos apaixonar por uma criança que vai acabar voltando para os braços do pai biológico. Podemos ter uma criança com sérios problemas de comportamento. É possível que nosso relacionamento seja testado de maneiras que nunca poderíamos imaginar.

Erika limpou a boca com o guardanapo e esticou os braços bem acima da cabeça. O sol aqueceu o topo do seu couro cabeludo, dando-lhe uma sensação de derretimento.

— Ou pode ser ótimo — retrucou.

— É — concordou Oliver. Ele sorriu. — Acho que pode ser ótimo.

CAPÍTULO OITENTA E SEIS

— Quer conversar para se distrair? — perguntou Sam enquanto a levava de carro até a cidade. — Ou ficar silêncio para se acalmar?

— Não sei — respondeu Clementine. — Não consigo decidir.

Eram dez e pouca da manhã de sábado. Seu teste seria só às duas da tarde. O horário de dez e dez para sair de casa fora calculado para levar em consideração qualquer coisa que pudesse dar errado.

“Posso ir sozinha de carro”, dissera Clementine a Sam na noite anterior.

“Do que está falando?”, perguntara ele. “Sempre levo você para os testes.”

Ela pensou, um pouco surpresa: Ah, então ainda somos nós? Talvez fossem, embora ainda dormissem em quartos separados toda noite.

Algo mudara ao longo da última semana, desde a aula de primeiros socorros. Nada dramático, aliás, o oposto disso. Era como se uma sensação de banalidade completa tivesse tomado conta deles, feito o início de uma nova temporada, ao mesmo tempo inédita e familiar. A raiva e as recriminações haviam sumido, se esvaído. Para Clementine, lembrava a sensação que se tem durante a recuperação de alguma doença, quando os sintomas já passaram mas a pessoa ainda se sente tonta e esquisita.

As meninas ficaram com os pais de Clementine e as duas estavam em plena forma. No dia anterior, Holly voltara para casa da escola com um Certificado de Mérito por *Excelente Comportamento em Sala*, embora Clementine suspeitasse que, na verdade, fosse um Certificado de Mérito por *Não Estar Mais Se Comportando Feito Uma Louca em Sala*.

“A antiga Holly está de volta”, dissera a professora a Clementine no pátio, e passara o dorso da mão na testa como quem diz “Ufa!”, fazendo Clementine achar que o comportamento de Holly na escola devia ter sido muito pior do que informaram a ela e a Sam.

Ruby dissera que Batedor podia ficar em casa descansando. Parecia estar perdendo o interesse nele. Clementine já imaginava como o pobre Batedor iria sumir discretamente de suas vidas, como às vezes acontecia com amigos.

— Certo, então não precisamos entrar em pânico porque nos organizamos para essa possibilidade — disse Sam quando o trânsito na ponte parou e uma placa em néon piscou com luzes vermelhas e urgentes: INCIDENTE À FRENTE. POSSÍVEL ATRASO.

Clementine inspirou fundo pelo nariz e soltou o ar pela boca.

— Estou bem — falou. — Não estou *contente*, mas estou bem.

Sam estendeu as palmas da mão como se estivesse meditando.

— Somos mestres Zen.

Clementine observou as curvas impecavelmente brancas das velas da Opera House em contraste com o céu azul. Por sorte, a Opera House era um dos locais onde sabia que teria uma sala de aquecimento só para ela, sem ter que dividir com outros violoncelistas, ou, pior ainda, conversar com os tagarelas. Havia muitos vestiários disponíveis, alguns com vista para a baía. Seria um processo confortável e agradável. Seu teste ocorreria no ambiente refinado da sala de concerto.

Ela olhou outra vez para a rua. O trânsito avançou um pouco, e eles passaram por dois carros com as capotas amassadas. A polícia estava ali, além de uma ambulância com as portas de trás abertas e havia um homem de terno sentado no meio-fio com a cabeça apoiada nas mãos.

— Outro dia Erika disse uma coisa que eu não consegui mais esquecer — confessou Clementine.

Ela não havia planejado dizer aquilo, mas de repente estava dizendo, como se tivesse planejado de forma subconsciente.

— Que coisa? — perguntou Sam com cautela.

— Ela disse: “Escolho meu casamento.”

— Ela escolhe o casamento. O que isso quer dizer? — perguntou Sam. — Não faz sentido. Escolhe o casamento no lugar de quê?

— Acho que faz sentido, sim — retrucou Clementine. — Significa que ela escolheu tornar o casamento uma prioridade, tipo, colocar isso no topo da página da sua declaração de missão ou algo assim.

— Clementine Hart, você está mesmo usando um frio jargão corporativo? — questionou Sam.

— Fique quieto. Só quero aproveitar a oportunidade para dizer...

Sam bufou.

— Agora você está parecendo sua mãe fazendo um daqueles discursos.

— Quero aproveitar a oportunidade para dizer que também escolho meu casamento.

— Hum... Obrigado?

Clementine se apressou a dizer:

— Então, se, por exemplo, ter um terceiro filho for um desejo do fundo do seu coração, precisamos ao menos conversar sobre isso. Não posso simplesmente ignorar ou esperar que você esqueça, que, para ser sincera, era o que eu estava fazendo. Sei que quando perguntei, algumas semanas atrás, você disse que não queria outro filho, mas isso

foi quando você ainda estava... Ou nós dois ainda estávamos meio...

— Malucos — completou Sam. — *Você quer mais um filho?*

— Não mesmo — respondeu Clementine. — Mas, se você quiser muito, então precisamos conversar sobre isso.

— Como assim? E aí decidimos se eu quero um bebê mais do que você não quer um bebê? — perguntou Sam.

— Exatamente — falou Clementine. — Acho que é exatamente isso que devemos fazer.

— Eu *queria* um terceiro filho — disse Sam. — Mas agora, bem, não estou pensando nisso.

— Eu sei. Eu sei. Mas talvez a gente possa, algum dia, não esquecer, é claro, mas perdoar. Talvez a gente possa perdoar a nós mesmos. Enfim, não sei por que toquei nesse assunto hoje. Não é como se a gente...

Transasse mais. Dormisse na mesma cama. Dissesse “eu te amo”.

— Só achei que deveria abordar o assunto.

— Considere o assunto abordado — disse Sam.

— Ótimo.

— Sabe qual é o atual desejo do fundo do meu coração? — perguntou ele.

— Qual?

— Que você consiga esse trabalho.

— Certo — disse Clementine.

— Não quero que você suba naquele palco pensando em bebês. Quero que pense no que quer que precise pensar: afinação, tom, andamento, no que quer que seus ex-namorados afeminados teriam dito para você pensar.

— Bem, vou dar meu melhor — disse Clementine. E acrescentou baixinho: — Você é um homem bom, Samuel.

— Eu sei. Coma sua banana — disse Sam.

— Não — retrucou Clementine.

— Está parecendo sua filha.

— Qual delas?

— As duas, na verdade.

O trânsito ficara livre.

Após um instante, Sam pigarreou e disse:

— Eu gostaria de aproveitar a oportunidade para dizer que também escolho meu casamento.

— Ah, é? E o que isso significa?

— Não faço ideia. Só quis deixar minha posição bem clara.

— Talvez signifique que você não quer mais dormir no escritório — sugeriu Clementine, com os olhos fixos na rua à frente.

— Talvez — disse Sam.

Clementine observou seu perfil.

— Você gostaria de voltar?

— Eu gostaria de voltar — afirmou Sam, olhando por cima do ombro para trocar de pista. — De onde quer que eu tenha ido parar.

— Bem — disse Clementine. — Pode se candidatar.

— Posso fazer um teste. Tenho ótimos truques. — Ele fez uma pausa. — Você pode ficar com os olhos vendados e fazemos um teste “cego” para que não haja chance de parcialidade.

Ela sentiu uma felicidade desenfreada e pura surgir em seu peito. Era apenas uma conversa boba, cafona e provocadora, mas era a conversa boba, cafona e provocadora *deles*. Já sabia como seria a noite: a doce familiaridade e os ângulos regulares e nítidos por causa do que quase haviam perdido. Ela não sabia quão próximo seu casamento chegara de bater no iceberg — próximo o bastante para sentirem sua sombra gelada —, mas haviam desviado.

— É, escolho meu casamento. — Sam virou o carro para a direita. — E também escolho temporariamente esta pista ilegal exclusiva para ônibus porque sou um filho da puta muito louco.

Clementine enfiou a mão na bolsa, pegou a banana e a descascou.

— Você vai ser multado — avisou ela, mordendo a banana e aguardando os betabloqueadores naturais fazerem efeito.

Devia ser uma ótima época para bananas porque aquela era a melhor que ela já comera em toda a vida.

CAPÍTULO OITENTA E SETE

Às três e meia, Clementine finalmente foi chamada.

Carregando o violoncelo e o arco, andou pelo tapete comprido e foi até a cadeira solitária. Piscou com a luz forte, branca e quente. Uma mulher tossiu atrás da tela preta e soou um pouco como Ainsley.

Ela se sentou. Abraçou o violoncelo. Acenou para o pianista, que sorriu. Tinha contratado um pianista para acompanhá-la. Grant Morton era um homem mais velho que morava sozinho com uma filha adulta com síndrome de Down. No ano anterior, sua esposa morrera no dia seguinte ao seu aniversário de cinquenta anos, mas ele ainda tinha o sorriso mais doce que Clementine conhecia, e ela ficara muito feliz que estivesse disponível, porque queria começar o teste com aquele sorriso doce.

Enquanto afinava, ela percebeu o coração bater acelerado, mas não estava disparado, descontrolado. Ela respirou fundo e colocou a mão nos pequenos adesivos metálicos colados na gola de sua camisa.

“Isso é para ter sorte no teste”, dissera Holly logo antes de saírem naquela manhã, colando cuidadosamente um adesivo roxo de borboleta na camisa da mãe, e então, com grande cerimônia, digna de uma adulta, dera um beijo na bochecha de Clementine.

“Também quero sorte!”, gritara Ruby, como se sorte fosse um doce que Clementine estivesse distribuindo, e imitara tudo o que a irmã fizera, só que seu adesivo era de uma carinha amarela sorridente, e dera um beijo melado e cheio de manteiga de amendoim.

Clementine ainda sentia sua marca grudenta na bochecha.

Ela respirou fundo e olhou para a partitura no suporte.

Estava tudo ali dentro de Clementine. As horas e horas de ensaio de manhã cedo, as gravações que escutara, as dezenas de pequenas decisões técnicas que acabara tomando.

Visualizou suas menininhas correndo para lá e para cá em meio às luzes, Vid jogando a cabeça para trás e rindo, a cadeira caída no chão, as mãos de Oliver cruzadas sobre o peito de Ruby, a sombra preta do helicóptero, a expressão raivosa de sua mãe perto de seu rosto. Visualizou ela mesma aos dezesseis anos, se levantando e saindo do palco. Viu um rapaz com smoking do tamanho errado observá-la guardando o violoncelo e dizer: “Aposto que você gostaria de ter escolhido flauta.” Viu a expressão de incredulidade de Erika na primeira vez que Clementine se sentara na frente dela no pátio da escola.

Lembrou-se de Marianne dizendo: “Não se contente em tocar para eles, *se apresente*.”

Lembrou-se de Hu dizendo: “Você precisa encontrar o equilíbrio. É como se estivesse andando em uma corda bamba, entre técnica e música.”

Lembrou-se de Ainsley dizendo: “É, mas em determinado momento você tem que se soltar.”

Ela ergueu o arco e se soltou.

CAPÍTULO OITENTA E OITO

NOITE DO CHURRASCO

Pam e Martin estacionaram diante da pequena casa elegante de Erika e Oliver.

— Pode ser que Holly já esteja dormindo — disse Pam ao marido.

Já eram quase nove horas.

— Talvez sim — disse Martin. — Talvez não.

— Deve ter sido ali que aconteceu — falou Pam.

Ela apontou para a casa grande ao lado com desgosto. Todas aquelas torrezinhas, os arabescos e pináculos. Ela sempre achara aquela casa exibida e cheia de frescuras.

— Onde o que aconteceu? — indagou Martin vagamente.

Às vezes ela poderia jurar que ele sofria de um caso precoce de demência.

— Onde o *acidente* aconteceu? — corrigiu Pam. — Estavam na casa dos vizinhos. E, pelo visto, nem os conhecem direito.

— Ah — disse Martin. Ele desviou os olhos da casa e tirou o cinto de segurança. — Certo.

Saíram do carro e seguiram pelo caminhezinho asfaltado com as beiradas impecavelmente aparadas.

— Como está se sentindo? — perguntou ela a Martin.

— O quê? Eu? Estou ótimo.

— Só quero ter certeza de que não está com dores no peito ou algo assim, porque é em momentos como este que as pessoas da nossa idade morrem do nada.

— *Eu* não estou com dores do peito — afirmou Martin. — *Você* está? Também é uma pessoa da nossa idade.

— Jogo tênis três vezes por semana — falou Pam de forma afetada.

— Estou mais preocupado com nosso genro... Tenho medo de que ele morra do coração — afirmou Martin, enfiando as mãos no bolso. — Estava com uma aparência horrível.

Ele tinha razão, Sam exibira um aspecto completamente horrível no hospital. Não parecia possível que um único acontecimento pudesse causar um efeito físico tão forte em alguém. Tinham visto Sam no dia anterior, quando passaram na casa deles para ajudar

Martin a tirar a velha máquina de lavar do lugar e o encontraram em plena forma, animado com o trabalho novo, falando sobre o teste de Clementine e o plano no qual pensara para ajudá-la a superar o nervosismo. Mas na noite do acidente ele parecera ter sido resgatado de algum lugar, como aquelas pessoas que vemos no jornal, envoltas em cobertores prateados, com olhos vermelhos e rostos pálidos feito fantasmas. Ficara em um estado de choque terrível, claro.

— Você foi muito dura com Clementine — disse Martin com delicadeza quando Pam apertou a campainha e ouviram o toque distante.

— Ela deveria estar prestando atenção em Ruby — afirmou Pam.

— Pelo amor de Deus, poderia ter acontecido com qualquer um — retrucou Martin.

Comigo, não, pensou Pam.

— E *os dois* deveriam estar prestando atenção — declarou Martin. — Eles cometeram um erro e quase pagaram um preço terrível. As pessoas erram.

— É, eu sei disso.

Mas, na opinião de Pam, o erro fora de Clementine. Por isso tentava conter aquela raiva terrível e nada maternal que sentia de sua amada filha. Sabia que aquela sensação diminuiria com o tempo, assim esperava, pelo menos, e que provavelmente se sentiria muito mal com a maneira como falara com ela no hospital, mas por enquanto ainda estava muito, muito brava. Prestar atenção nos filhos era trabalho da *mãe*. Esqueça o feminismo. Esqueça tudo isso. Pam gritaria sobre igualdade de salários a plenos pulmões, mas toda mulher sabia que não se pode confiar em um homem para ficar de olho nas crianças em um evento social. É cientificamente provado que eles não conseguem fazer duas coisas ao mesmo tempo!

Clementine sempre estivera preparada para contar com Sam, mas o fato de ser instrumentista, uma pessoa criativa, uma “artista”, não lhe dava o direito de abrir mão de suas responsabilidades enquanto *mãe*. Seu trabalho como mãe vinha primeiro.

Às vezes, Clementine adquiria a mesma expressão distraída e sonhadora que o pai de Pam costumava exibir à mesa de jantar enquanto ela tentava lhe contar algo, e nem tinha tempo de terminar a frase antes que ele se distraísse. Poderia ter se tornado um maldito Ernest Hemingway, mas Pam não dava a mínima. Todo o tempo que passara escrevendo um romance que ninguém nunca ia ler, ignorando seus filhos, trancando-se no escritório, quando poderia estar vivendo... “Poderia ter sido uma obra-prima”, repetia Clementine, como se fosse uma tragédia, como se *esta* fosse a questão, mas não era: a questão era que Pam nunca tivera um pai, e ela teria gostado bastante de ter um pai. Só de vez em quando.

De que adiantava para Ruby que sua mãe fosse a melhor violoncelista do mundo? Clementine deveria ter ficado de olho. Deveria ter escutado. Deveria ter se *concentrado na filha*.

Claro que a música de Clementine não tinha nada a ver com o que acontecera. Ela sabia disso.

Se Ruby não sobrevivesse à noite, se tivesse algum dano permanente à sua saúde, Pam não saberia o que fazer com toda aquela raiva. Teria que encontrar forças para deixá-la de lado e ajudar Clementine. Pam levou a mão ao peito. O quadro de Ruby era estável, lembrou a si mesma. Aquele rostinho rosado e bochechudo. Aqueles incríveis olhos oblíquos de gata.

— Pam — chamou Martin.

— O que foi? — perguntou ela, irritada.

Ele a observava de perto.

— Parece que você está tendo um ataque cardíaco.

— Bem, não estou, muito obrigada, estou perfeitamente...

A porta se abriu e lá estava Oliver, parado, com uma calça de moletom e uma camiseta.

— Oi, Oliver.

Pam nunca o vira usando roupas casuais. Normalmente ele enfiava uma bela camisa xadrez por dentro da calça social. Pam já o encontrara diversas vezes ao longo dos anos, mas nunca se tornara muito íntima dele. Ele sempre tecia elogios ao seu prato especial, seu bolo de cenoura e nozes. (Parecia ter enfiado na cabeça que o bolo não levava açúcar, o que não era verdade, mas ela nunca se dera o trabalho de corrigi-lo... Ele era tão magrinho, um pouco de açúcar não lhe faria mal.)

— Holly está aqui dentro vendo um filme. Ela pode muito bem passar a noite com a gente, é claro — disse Oliver com certa tristeza.

— Ah, ela adoraria, Oliver — afirmou Pam. — Mas todos nós estávamos brigando para ficar com ela, sabe. Vai nos distrair da nossa preocupação com Ruby, entende?

— Fiquei sabendo que você foi o herói do dia — disse Martin, estendendo a mão para Oliver, que fez menção de apertar a mão de Martin.

— Não sei bem...

Mas, para a surpresa de Pam, no último minuto seu marido mudou de ideia sobre o aperto de mãos e jogou os braços em torno de Oliver dando um abraço desajeitado, batendo em suas costas, provavelmente com força demais.

Pam acariciou delicadamente o braço de Oliver para compensar as pancadas de Martin.

— Você é um herói — disse ela, com a voz cheia de emoção. — Você e Erika são heróis. Quando Ruby voltar para casa e estiver se sentindo melhor, vamos fazer um jantar especial em homenagem a vocês. Um jantar digno de heróis! Vou preparar aquele bolo de cenoura que eu sei que você gosta.

— Ah, que delícia, uau, é muita gentileza da sua parte — disse Oliver, dando um passo para trás e baixando a cabeça como se tivesse quatorze anos.

— Cadê Erika? — indagou Pam.

— Está dormindo, na verdade — respondeu Oliver. — Ela não estava se sentindo... muito bem.

— Deve ser o choque — afirmou Pam. — Todo mundo está sentindo... Opa, olhe quem está aqui! Olá, querida. Olhe só essas asinhas de fada!

Holly seguiu na direção da avó e aninhou a cabeça na barriga de Pam.

— Oi, vovó — disse ela. — Estou “*exausta*”.

Ela ergueu os dedos, formando aspas. Seu pequeno hábito engraçado.

— Certo — disse Oliver. — Vou pegar sua coleção de pedras, Holly.

— Não. Não quero — respondeu a menina de forma quase agressiva. — Já *falei* para você que não quero. Pode ficar.

— Então vou cuidar delas para você — disse Oliver. — Se mudar de ideia, pode pegar de volta.

— Venha com o vovô, Holly.

Martin estendeu os braços na direção da neta e a menina pulou, colocando as pernas em torno da cintura dele e apoiando a cabeça em seu ombro. Não adiantava dizer para Martin não pegá-la no colo depois de ter operado o joelho. Ele sentia necessidade de carregá-la.

Holly dormiu no carro e não acordou quando Martin a levou para dentro, nem quando Pam a vestiu com um pijama sobressalente que tinha em casa. Martin não achava necessário trocar a roupa da neta, mas Pam sabia que pijama era muito mais confortável.

Porém, quando Pam se inclinou para lhe dar um beijo de boa noite, Holly arregalou os olhos.

— Ruby está morta? — perguntou.

Estava deitada de bruços, a cabeça apoiada de lado no travesseiro, e um emaranhado de cabelo escondia seu rosto.

— Não, querida — respondeu Pam, afastando o cabelo de Holly do rosto e alisando-o para trás a partir da testa. — Ela está no hospital. Os médicos estão cuidando dela. Vai ficar bem. Volte a dormir.

Holly fechou os olhos e Pam acariciou suas costas.

— Vovó — sussurrou a menina.

— Sim, querida?

Pam também estava cansada.

Holly murmurou algo que ela não conseguiu ouvir.

— O que foi que disse?

Pam se inclinou para escutar.

— Mamãe e papai estão muito, muito bravos comigo? — murmurou Holly.

— Claro que não! — exclamou Pam. — Por que estariam bravos com você?

— Porque eu empurrei ela.

Pam ficou paralisada.

— Eu empurrei Ruby — repetiu Holly mais alto.

A mão de Pam ficou espalmada e imóvel nas costas de Holly, e, por um instante, ela não a reconheceu, pois parecia velha e enrugada demais para ser sua.

— Ela pegou minha bolsa de pedras — disse Holly. — Estava em cima do chafariz com minha bolsa e não queria me dar, sendo que é *minha*, e eu estava tentando tirar dela, até que consegui, mas a empurrei porque fiquei muito, muito brava.

— Ah, Holly.

— Eu não quis que ela se afogasse. Achei que ela ia correr atrás de mim. Ela vai para o céu? Não quero que ela vá para o céu.

— Você contou para alguém? — perguntou Pam.

— Para o Oliver — balbuciou Holly no travesseiro, como se estivesse preocupada que aquilo também fosse uma transgressão. — Contei para o Oliver.

— E o que ele disse? — indagou Pam.

— Ele falou que quando eu for visitar Ruby no hospital devo sussurrar “desculpe” bem baixinho no ouvido dela e que nunca, nunca mais devo empurrar ela.

— Ah — disse Pam.

— Ele disse que era nosso segredo e que nunca, nunquinha vai contar para ninguém no mundo — afirmou Holly.

Oliver era um homem adorável. Um homem bom. Tentando fazer a coisa certa.

Mas e se Holly nunca tivesse a oportunidade de sussurrar “desculpe” no ouvido de Ruby? Ruby continuava estável. Não iria morrer durante a noite.

Mas, caso morresse, Pam se recusava a aceitar que sua neta linda e inocente pagasse pela falta de atenção de Clementine.

— Quer saber? Acho que ela não caiu quando você a empurrou — falou com firmeza. — Deve ter acontecido depois. Depois que você saiu correndo. Ela deve ter escorregado. Acho que escorregou. Sei que ela escorregou. Ela caiu, querida. Você não a empurrou. *Sei* que não a empurrou. Estavam tendo uma briguinha por causa da bolsa ao lado do chafariz e a pobrezinha da Ruby caiu lá dentro. Foi só um acidente. Agora durma.

A respiração de Holly se acalmou.

— Esqueça isso de vez — disse Pam. — Foi um acidente. Um terrível acidente. Não foi culpa sua. Na verdade, não foi culpa de ninguém.

Ela continuou acariciando as costas de Holly, descrevendo círculos cada vez maiores,

como as ondulações infinitas formadas por uma pedrinha que jogam na água parada, e, enquanto fazia carinho, falava sem parar, e a lembrança ia desaparecendo, assim como acontecia com as ondulações, e o mais engraçado era que de fato sentia sua raiva por Clementine se afastando como se nunca tivesse existido.

CAPÍTULO OITENTA E NOVE

QUATRO MESES APÓS O CHURRASCO

Clementine ia folheando as cartas enquanto se afastava da caixa de correio e notou que havia um envelope branco endereçado a ela. Era a letra de Erika.

Parou no meio do caminho, examinando aquele garrancho espremido que conhecia tão bem. Erika escrevia como se precisasse economizar espaço. Será que tinha colocado a carta no correio na véspera, pouco antes de ir para o aeroporto?

Erika e Oliver tinham pegado um avião na manhã anterior para uma viagem de seis meses. Os dois haviam tirado uma licença não remunerada do trabalho e comprado passagens para uma volta ao mundo. Eram “flexíveis” com os planos, ou pelo menos flexíveis para o padrão deles, o que significava que *não tinham feito reservas em lugar nenhum para passar certas noites*. Mas que loucura.

Quando voltassem, queriam adotar uma criança. Já haviam começado o processo de aprovação quando, de repente, Erika anunciara (por e-mail, não por um telefonema) que primeiro iriam viajar. Segundo a mãe de Clementine, não tinham feito planos específicos para Sylvia. Se os vizinhos ligassem para a polícia quando o estado da casa ficasse ruim demais, fazer o quê?

“Foi exatamente o que ela disse para mim”, contara Pam a Clementine. “*Fazer o quê? Quase caí da cadeira.*”

Claro que os pais de Clementine iriam ficar de olho em Sylvia.

“Ela poderia ter *me* pedido para cuidar de Sylvia”, dissera Clementine.

Após uma pausa, como se considerasse suas palavras, sua mãe respondera: “Ela sabe que você é muito ocupada.”

Sua amizade com Erika vinha mudando, se alterando de alguma forma. Semanas se passavam sem que elas tivessem qualquer contato, e quando Clementine ligava, Erika inevitavelmente esperava alguns dias para retornar o telefonema. Era como se estivesse se distanciando. Na verdade, era quase isso... Parecia inacreditável, irônico, impossível... mas era quase como se Erika estivesse *gentilmente dando um fora em Clementine*. Ela estava se comportando da mesma forma que um rapaz gentil querendo que a menina saiba que ele gosta dela como amiga e nada mais. Clementine estava sendo rebaixada a um nível de

amizade mais reles e aceitava isso com uma mistura estranhíssima de sentimentos: animação, alívio, talvez certa humilhação e uma sensação inquestionável de melancolia.

Ela abriu o envelope. Tinha um bilhete curto:

*Querida Clementine, fiz para você a cópia de uma foto velha que minha mãe encontrou.
Ela diz que é uma “prova”. Acho que quer dizer que é uma prova de que foi uma ótima mãe.
Achei que poderia fazer você rir. Vejo você em seis meses!
Com amor, Erika*

Que foto? Ela se esquecera de incluir a foto. Mas, quando Clementine sacudiu o envelope, um pequeno quadradinho saiu flutuando lentamente até o chão e Clementine o pegou.

Era uma foto em preto e branco de Erika, Sylvia e Clementine em uma montanha-russa no Luna Park, tirada no instante em que desciam o mais alto precipício. Clementine se lembrava de como ficara atordoada quando a mãe de Erika tirara as duas da escola naquele dia. (Como conseguira isso? Inventara alguma história. Sylvia conseguia se safar com qualquer coisa.) Clementine ficara louca de felicidade. Era um escândalo! Aquilo, sim, era *viver*!

Ela lembrou que Erika ficara tão animada quanto ela, que tinham se divertido, até que, no fim do dia, o humor de Erika mudara inexplicavelmente. A caminho de casa, ela ficara agitada por causa de um livro da biblioteca que havia sumido. “Sei exatamente onde está”, repetia Sylvia, e Erika dizia: “Não sabe, não.” Clementine, em sua inocência, se perguntava por que aquilo era tão importante. O livro da biblioteca acabaria aparecendo, com certeza. Afinal, Sylvia nunca jogava nada fora. *Pare de estragar tudo, Erika*, pensara ela com rancor.

Clementine conseguia apreciar a anarquia daquele dia porque voltaria para uma casa arrumada e limpa, para comer um espaguete à bolonhesa e ter a mochila arrumada na noite anterior à aula.

Olhou atentamente para a foto, examinando o rosto de Erika: o abandono completo, quase sensual, com que jogava a cabeça para trás, rindo, gritando, de olhos fechados. Erika tinha um lado selvagem secreto. Revelava-se muito raramente. Ela o escondia. Talvez Oliver conseguisse enxergá-lo. Era como aquele senso de humor subversivo e mordaz que volta e meia lhe escapava quase por engano. Ao voltar para dentro de casa olhando a foto, Clementine se perguntou que tipo de pessoa Erika poderia ter sido, teria sido, *deveria* ter sido, se houvesse ganhado o privilégio de ter uma casa comum. Podemos pular muito mais alto quando temos um lugar seguro onde cair.

— O que é isso? O que está olhando? — perguntou Holly quando Clementine passou

pela porta.

Clementine ergueu a foto bem alto, longe dos dedinhos agitados da menina.

— Nada — respondeu.

Olhou novamente para a carta e notou que Erika escrevera algo no canto inferior: *P.S.:*

Acabei de saber da novidade. Parabéns, Dummkopf. Eu sabia que você ia conseguir.

— É uma coisa “preciosa”?

Holly usou os dedos para dar ênfase. “Precioso” era a palavra do momento.

— É — afirmou Clementine. Olhou outra vez para aquela foto minúscula. Teria que guardá-la em algum lugar seguro. Seria muito fácil perder. — É uma coisa preciosa.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada a todos da Pan Macmillan, e um agradecimento especial, como sempre, à maravilhosa Cate Paterson, além de Mathilda Imlah, Brianne Collins, Tracey Cheetham e Lara Wallace. Obrigada também às minhas editoras nos Estados Unidos e no Reino Unido: Amy Einhorn e Maxine Hitchcock.

Desde que me tornei escritora, fico impressionada com a gentileza das pessoas quando se trata de compartilhar seus conhecimentos específicos para uma ficção. Agradeço a Fenella por ter dedicado seu tempo e conhecimento com tanta generosidade. Agradeço a Rowena Macneish por ter pacientemente respondido a perguntas sobre a vida de uma violoncelista, e a Cat Seekins por ter respondido a perguntas sobre sua experiência como dançarina. Agradeço a Chris Jones por ter respondido a perguntas sobre medicina. (Como este livro é sobre vizinhos, eu gostaria de acrescentar que entrei em contato com Chris por meio de seus pais, Sue e Ken Jones, os vizinhos mais adoráveis que alguém poderia ter.) Agradeço a Liz Frizell por ter respondido às minhas dúvidas musicais de leiga. Todos os erros são, infelizmente, meus, e somente meus.

Agradeço às minhas amigas e colegas escritoras, Ber Carroll e Dianne Blacklock, por sua amizade e pelo apoio que deram a este romance.

Agradeço à minha adorável agente literária, Fiona Inglis, assim como aos meus agentes nos Estados Unidos e no Reino Unido, Faye Bender e Jonathon Lloyd. Obrigada, Jerry Kalajian, por minha entrada no mundo maravilhoso de Hollywood.

Agradeço à minha mãe, ao meu pai, a Jaci, Kati, Fiona, Sean e Nicola, e faço um agradecimento especial a Kati e Fiona pela ajuda com a revisão, e a Fiona pela frase que roubei. Obrigada, Adam, George e Anna por serem vocês. Tenho muita sorte por ter vocês três. Obrigada, Anna Kuper, por tudo o que fez pela nossa família.

Os nomes de dois personagens deste livro foram baseados em pessoas reais. Steven Lunt foi o licitante vencedor do leilão de captação de recursos “Get in Character” organizado pelo CLIC Sargent Cancer Support for the Young. Robyn Byrne foi a vencedora do concurso “Be Immortalised in Fiction” no Sisters in Crime Australia Davitt Awards.

Dediquei este livro à minha irmã, a incrível romancista Jaclyn Moriarty, porque eu não poderia ter terminado sem sua ajuda e seu apoio. Na verdade, sei que não teria

terminado nenhum dos meus livros sem ela.

*

Os seguintes livros foram úteis na minha pesquisa sobre acumulação: *Dirty Secret: A Daughter Comes Clean About Her Mother's Compulsive Hoarding* (2011), de Jessie Sholl, e *Coming Clean: A Memoir*, de Kimberly Rae Miller (2014). O site www.childrenofhoarders.com também foi uma ótima fonte.

SOBRE A AUTORA



© über photography

LIANE MORIARTY é autora de sete romances, entre eles *O segredo do meu marido*, *Pequenas grandes mentiras* e *Até que a culpa nos separe*, publicados no Brasil pela Intrínseca, e uma série de histórias infantis. Antes da carreira de escritora, trabalhou como gerente de marketing de uma editora e foi redatora freelancer. *Pequenas grandes mentiras* deu origem a série *Big Little Lies* da HBO, estrelada por Reese Witherspoon, Nicole Kidman e Shailene Woodley. Liane mora em Sydney, na Austrália, com o marido e os dois filhos.

CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



O segredo do meu marido



Pequenas grandes mentiras

LEIA TAMBÉM



As garotas
Emma Cline



Tudo o que nunca contei
Celeste Ng



Baía da Esperança
Jojo Moyes